This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

ACADEMICA
SILVA
DADE 12: PORTO

TAYLOR INSTITUTION
DOMINUS ILLUMINATIO MEA

Vet. Port. III B. 66

OBRAS POETICAS

DE

D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN,

CONHECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO NOME

DE

ALCIPE.

TOMO V.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
18 MAY 1979
OF OXFORD
LIBRARY

A ARTE POETICA DE HORACIO,

E

O ENSAIO SOBRE A CRITICA

DE

ALEXANDRE POPE,

EM

PORTUGUEZ.

DEDICADOS Á PRECIOSA MEMORIA

D'ELREI D. JOÃO IV.

POR

UMA PORTUGUEZA (*).

(*) Com este titulo foi a presente obra impressa em Londres no anno de 1812; mas por incuria ou ignorancia do encarregado da impressão, sahio com muitos erros, que agora vão cuidadosamente reparados.

DEDICATORIA

Á

PRECIOSA MEMORIA

D'ELREI D. JOÃO IV.

SONETO.

SOMBRA Regia! se a minha lyra ruda
Quebra da morte o empedernido muro,
Lá te leve meu canto incenso puro,
Qual arde na minha alma, que não muda.

Em vão feroz maldade ardís estuda:
Atraz desse pendão nobre, seguro,
Que os *quarenta* guiou, a vós procuro,
Pois não ha cá no mundo quem me acuda.

Basta-me a mim que dure o nome vosso,
Que o vosso Neto e Gente assignalada
Os louros murche ao Gallo e seu colosso.

Co' a mão affeita ao fuso, não á espada,
A Patria sirvo como sei ou posso:
Feliz, se aos mortos o que faço agrada!

Carminibus quæro miserarum oblivia rerum.

Ovid. Trist. liv. 5.° eleg. 7.ª

ARTE POETICA DE HORACIO,

OU

EPISTOLA AOS PISÕES.

Q. HORATII FLACCI

DE

ARTE POETICA

LIBER.

AD PISONES. (1)

HUMANO capiti, cervicem pictor equinam
Jungere si velit, et varias inducere plumas,
Undique collatis membris; ut turpiter atrum
Desinat in piscem mulier formosa supernè;
Spectatum admissi risum teneatis amici?
Credite, Pisones, isti tabulæ fore librum
Persimilem, cujus, velut ægri somnia, vanæ
Fingentur species: ut nec pes, nec caput uni
Reddatur formæ. Pictoribus atque poetis
Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas;
Scimus, et hanc veniam petimusque damusque vicissim;
Sed non ut placidis coëant immitia; non ut
Serpentes avibus geminentur, tigribus agni.

ARTE POETICA

DE

HORACIO.

EPISTOLA AOS PISÕES.

Se um collo de cavallo ao rosto humano
Juntar quizesse alguem, e cravejasse
Membros unidos de animaes diversos
Com varias plumas, terminando as formas
De uma bella mulher cauda de peixe;
Quem não riria? Amigos indulgentes
Desculpar não podiam tal delirio.
   Crede-me pois, Pisões, isto é retrato
De um livro que sem plano se fabrica,
E qual sonho d'enfermo especies cria
Que não teem connexão, pés ou cabeça
Que convenha á figura projectada.
   Poetas e Pintores tem licença,
(Ora lha damos, ora lha pedimos)
De fingir o que mais agradar possa:
Excepto se contrarios unir querem;
E que nasçam as aves das serpentes,
Que os tigres gerem as ovelhas mansas.

Inceptis gravibus plerumque et magna professis,
Purpureus, latè qui splendeat unus et alter
Assuitur pannus: cùm lucus et ara Dianæ, (2)
Et properantis aquæ per amœnos ambitus agros,
Aut flumen Rhenum, aut pluvius describitur arcus. (3)
Sed nunc non erat his locus. Et fortasse cupressum
Scis simulare; quid hoc, si fractis enatat exspes
Navibus ære dato qui pingitur? Amphora cœpit
Institui: currente rotâ, cur urceus exit?
Denique sit quodvis simplex duntaxat et unum.

Maxima pars vatum (pater et juvenes patre digni)
Decipimur specie recti: brevis esse laboro,
Obscurus fio: sectantem lenia, nervi
Deficiunt animique: professus grandia, turget;
Serpit humi, tutus nimiùm timidusque procellæ.
Qui variare cupit rem prodigialiter unam,
Delphinum sylvis appingit, fluctibus aprum.
In vitium ducit culpæ fuga, si caret arte.

Essas obras pomposas que promettem
Cousas grandes, ás vezes são retalhos
De purpura e brocado, que alinhava
Com arte o dono: como exemplo achamos
A descripção das aras de Diana,
No sacro bosque; o rapido remanso
Que serpêa nos campos sombreados;
O largo Rheno, e a luminosa estrada
Onde, entre o sol e a chuva, Iris anda.
Isto porêm não é de que se tratta.
Tal pinta com primor raro um cypreste;
Mas isso de que serve? se lhe pagam
Para pintar ao vivo um naufragante,
Salvo da rota náo, dos bravos mares?...
Tal quer formar um vaso... o torno gira:
Por que razão lhe sae um jarro tosco?
É preciso unidade em qualquer obra,
Principio, meio, fim, methodo, e graça.
Sabei pois, digno Pae, e filhos dignos,
Que os mais dos Vates d'illusões vivemos,
E apparencias do bem nos satisfazem:
Se trabalho em ser breve, escuro fico;
Se busco ser suave, a força, o nervo
Na molleza e brandura se dissipam:
O tom sublime, em turgido se troca;
E se nimia cautela as phrases guia,
Vai terra a terra, abaixa-se o discurso.
E mil vezes aquelle que procura
Variar seus assumptos, com portentos,
Um golfinho me pinta nas florestas,
Um javali nas ondas; e tropeça,
Quando foge de um mal, n'outro mais grave,
Se as regras necessarias não consulta.

Æmilium circà ludum faber unus et ungües
Exprimet, et molles imitabitur ære capillos:
Infelix operis summà; quia ponere totum
Nesciet. Hunc ego me, si quid componere curem,
Non magis esse velim, quàm pravo vivere naso,
Spectandum nigris oculis, nigroque capillo.

Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam (4)
Viribus, et versate diù quid ferre recusent,
Quid valeant humeri: cui lecta potenter erit res,
Nec facundia deseret hunc, nec lucidus ordo.

Ordinis hæc virtus erit, et Venus (aut ego fallor)
Ut jam nunc dicat, jam nunc debentia dici
Pleraque differat, et præsens in tempus omittat;
Hoc amet, hoc spernat, promissi carminis auctor.

In verbis etiam tenuis cautusque serendis,
Dixeris egregiè, notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum. Si fortè necesse est
Indiciis monstrare recentibus abdita rerum;
Fingere cinctutis non exaudita Cethegis
Continget, dabiturque licentia sumpta pudenter;
Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem, si
Græco fonte cadant, parcè detorta. Quid autem
Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, ademptum
Virgilio, Varioque? Ego cur acquirere pauca

Perto do Circo Emilio, ignaro artista
N'uma estatua fiel em bronze esculpta
Perfeitamente as unhas, os cabellos:
Mas no desenho desgraçado, ignora
Como deve juntar de um todo as partes.
A compor deste modo antes quizera
Ter disforme o nariz, os olhos vesgos.
Pesai bem a materia que trattardes,
Quando escreveis medi as vossas forças,
Ensayai com que podem vossos hombros:
Se o assumpto vos for proporcionado,
Nunca vos faltará phrase eloquente,
Ordem lucida, e graças no discurso.
O merito das obras, a belleza
Consiste em pôr no lugar proprio as cousas;
Dizer antes o que antes dizer deve,
Transpor aquillo que mais tarde agrada;
Do que convem, usar; e omittir quanto,
Sem graça ou força, inutilmente occorre.
Parco em palavras, delicado, e cauto,
Ha de sempre agradar o auctor astuto
Que os termos velhos remoçar com arte.
E quando carecer de signaes novos
Para novas idéas, for achá-los
Em thesouros ignotos aos Cethegos,
E arriscar sem temor um termo affouto.
Se a prudencia o conduz, o povo applaude,
E as palavras de fabrica recente
Terão valor; e mais, se derivarem
Com pouca corrupção, da Grecia, ou Lacio.
Não penseis que os Romanos concedessem
A Cecilius, a Plauto, o que negavam
A Varius, a Virgilio; e que a mim mesmo

Si possum, invideor; cùm lingua Catonis et Enni
Sermonem patrium ditaverit, et nova rerum
Nomina protulerit? Licuit, semperque licebit,
Signatum præsente notâ producere nomen.
Ut sylvæ foliis pronos mutantur in annos, (5)
Prima cadunt; ita verborum vetus interit ætas;
Et juvenum ritu florent modò nata, vigentque.
Debemur morti nos, nostraque: sive receptus
Terrâ Neptunus classes Aquilonibus arcet,
Regis opus; sterilisve diù palus, aptaque remis,
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum;
Seu cursum mutavit iniquum frugibus amnis,
Doctus iter meliùs; mortalia facta peribunt:
Nedùm sermonum stet honos, et gratia vivax.
Multa renascentur, quæ jam cecidêre; cadentque
Quæ nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
Quem penès arbitrium est, et jus, et norma loquendi.
Res gestæ regumque, ducumque, et tristia bella,
Quo scribi possent numero monstravit Homerus.
Versibus impariter junctis querimonia primùm,
Post etiam inclusa est voti sententia compos.

Prohibissem as honras que alcançaram
Ennio, Catão, enriquecendo a lingua
De termos expressivos, pintorescos.
Sempre licito foi, e será sempre
Enxertar no discurso uma palavra,
Com tanto que o costume a não reprove.
As florestas no anno as folhas mudam;
As primeiras, primeiro cahem por terra:
Taes as palavras obsoletas morrem;
E novas, com vigor juvenil, brilham.
Á morte nós e tudo nosso paga
Tributo inevitavel. Esse lago,
Obra digna de um Rei, que contra os ventos
Abriga de Neptuno as largas ondas,
E defende as esquadras nas procellas:
Essa lagoa esteril, que primeiro
Se navegava, e propria aos remos era;
Onde hoje o arado, sublevando as leivas,
Celleiro faz das proximas cidades:
Esse rio, que as messes devastava,
E que hoje docil, encanado corre:
Dos mortaes essas obras todas morrem.
Mal poderão os termos durar sempre,
De viveza immortal, e graça ornados:
Muitos renascem, que esquecidos eram,
E cahirão aquelles que hoje honramos,
Se o costume assim quer; pois o costume
É rei, norma e lei summa da linguagem.
Homero nos mostrou que versos devem
Cantar Reis, Capitães, e tristes guerras.
Distico desigual cantou primeiro
A queixosa Elegia; e deste metro,
Ao depois o prazer tambem fez uso.

Quis tamen exiguos Elegos emiserit auctor,
Grammatici certant, et adhuc sub judice lis est.
Archilochum proprio rabies armavit iambo. (6)
Hunc socci cepêre pedem, grandesque cothurni,
Alternis aptum sermonibus, et populares
Vincentem strepitus, et natum rebus agendis.
Musa dedit fidibus Divos, puerosque Deorum,
Et pugilem victorem, et equum certamine primum,
Et juvenum curas, et libera vina referre.
Descriptas servare vices, operumque colores,
Cur ego, si nequeo, ignoroque, Poëta salutor?
Cur nescire, pudens pravè, quàm discere malo?
Versibus exponi Tragicis res Comica non vult:
Indignatur item privatis, ac propè socco
Dignis carminibus narrari cœna Thyestæ.
Singula quæque locum teneant sortita decenter.
Interdum tamen et vocem Comœdia tollit;
Iratusque Chremes tumido delitigat ore;
Et tragicus plerumque dolet sermone pedestri.
Telephus et Peleus, cùm pauper et exul uterque,
Projicit ampullas, et sesquipedalia verba,
Si curat cor spectantis tetigisse querelâ.

Porêm discutem sabios, qual foi delles
Do elegiaco pé auctor; e fica
Inda agora a questão por decidir-se.
Archiloco se armou do proprio jambo
Que a furia da vingança lhe inspirava;
E como o jambo é vencedor da bulha,
Do popular estrepito na scena,
O jambico adoptava o sócco humilde,
E usou delle o cothurno magestoso.
A Musa confiou das cordas aureas
Que celebrassem os heroes e os Deoses;
Os que na pugna e na carreira vencem;
O cavallo veloz que attinge a méta;
Ode, que aos astros o athleta exalta,
Tambem descanta os juvenís brinquedos,
Os risos, e de Baccho as vineas festas.
Se não sei conservar do objecto as cores,
Se ignoro quanto ás cousas convir possa,
Como me arrogo o nome de Poeta?
E com torpe vergonha menos temo
Ignorar, que aprender a fazer versos?
Não convem á Comedia altivo estylo,
Nem o banquete horrivel de Thyestes
Narrar-se póde com burlescos versos,
Que o borzeguim desculpa, e quer Thalia:
Tudo em proprio lugar convem que esteja.
Varias vezes a voz alça a Comedia;
Chremes irado o filho reprehende
Com termos novos, eloquentes labios;
E na Tragedia a dor, com simples vozes,
Humilde geme. Desterrados, pobres,
Telepho nem Peleo, fallando, empreguem
Palavras crespas, turgidas sentenças,
Para mover os corações co' as queixas,
E enternecer o auditorio attento.

Non satis est pulchra esse Poëmata: dulcia sunto,
Et quòcumque volent, animum auditoris agunto.
Ut ridentibus arrident, ità flentibus adflent
Humani vultus. Si vis me flere, dolendum est
Primùm ipsi tibi: tunc tua me infortunia lædent,
Telephe, vel Peleu: malè si mandata loquêris,
Aut dormitabo, aut ridebo. Tristia mœstum
Vultum verba decent, iratum plena minarum,
Ludentem lasciva, severum seria dictu.
Format enim natura priùs nos intùs ad omnem
Fortunarum habitum; juvat, aut impellit ad iram;
Aut ad humum mœrore gravi deducit, et angit,
Post effert animi motus interprete linguâ.
Si dicentis erunt fortunis absona dicta,
Romani tollent equites, peditesque cachinnum.
Intererit multùm Davusne loquatur, an heros;
Maturusne senex, an adhuc florente juventâ
Fervidus; an matrona potens, an sedula nutrix;
Mercatorne vagus, cultorne virentis agelli;
Colchus, an Assyrius; Thebis nutritus, an Argis.

Não basta que um Poema seja bello;
É preciso que toque, que disponha
Das almas dos ouvintes a seu modo;
Que quem ri faça rir, chorar quem chora.
Chorai pois, se quereis pranto em meus olhos:
Então, Peleo, então, Telepho, as magoas
Que soffreis soffrerei: mas se narrando
Mal o vosso papel, causais fastio,
Rirei ou dormirei, conforme o conto.
Não desmintam palavras os assumptos:
Ao gesto triste, tristes vozes quadram,
Ao gesto irado, termos d'ameaço;
Para alegria, as expressões alegres,
As serias, á severa austeridade.
Natureza nos deo no interno senso
O que pertence a cada sentimento:
Á colera nos move; e nos abate,
E aperta o coração pela tristeza:
Como interprete, em fim, a lingua emprega
Para expor movimentos tão diversos.
Porêm se exprimis mal vossos assumptos,
Nobres e plebe de vós zomba em Roma.
Falla diversamente o escravo Davo
Do heroico Agamemnon; as palavras
Do canuto ancião são differentes
Das que profere o flórido mancebo
No fervor juvenil com que discorre:
Não se exprime igualmente uma criada
Como se exprime a dama culta e nobre:
Um mercador, que os mares atravessa,
E frequenta as nações, distinga a gente
Do camponez que os gados apascenta,
E vive no curral: saiba quem ouve
Se quem falla é de Colchos ou da Assyria,
Se é de Thebas, ou foi creado em Argos.

Aut famam sequere, aut sibi convenientia finge,
Scriptor: honoratum si fortè reponis Achillem,
Impiger, iracundus, inexorabilis, acer,
Jura neget sibi nata, nihil non arroget armis.
Sit Medea ferox, invictaque; flebilis Ino; (7)
Perfidus Ixion; Io vaga; tristis Orestes. (8)

Si quid inexpertum scenæ committis, et audes
Personam formare novam; servetur ad imum,
Qualis ab incœpto processerit, et sibi constet.
Difficile est propriè communia dicere: tuque
Rectiùs Iliacum carmen deducis in actus,
Quàm si proferres ignota, indictaque primus.

Publica materies privati juris erit, si
Nec circà vilem, patulumque moraberis orbem, (9)
Nec verbum verbo curabis reddere, fidus
Interpres: nec desilies imitator in arctum,
Unde pedem proferre pudor vetet, aut operis lex.

Nec sic incipies, ut scriptor Cyclicus olim:
Fortunam Priami cantabo, et nobile bellum.
Quid dignum tanto feret hic promissor hiatu?
Parturient montes, nascetur ridiculus mus.

Pintai segundo a fama, ou de maneira
Que o fingido provavel nos pareça:
Se Achilles nos mostrais desaggravado,
Seja altivo, colerico, inflexivel,
Ardente, e que nenhuma lei conheça,
Nenhum outro direito que o da espada.
Se Medea feroz, seja indomavel,
Ino queixosa, fraudulento Ixíon;
Io assustada, vagabunda gema;
Orestes melancolico pragueje.
Mas se um caracter novo em scena pondes,
Em sustentá-lo, sem desmentir nunca,
Cuidai desde o principio até seu termo.
É difficil trattar cousas vulgares
Com certa elevação que pasmo inspire:
Melhor será tirar d'Homero assumptos,
E apropriá-los co' a dicção e o gosto.
Qualquer, trattado bem, vos dará gloria,
Vosso fica, se novos trajes veste,
Se nova essencia em vossos versos ganha,
E se, do ingenho desprendendo as azas,
Desdenhais do modelo a servil norma,
Sem repetir palavra por palavra;
Expondo a musa a passos escabrosos,
De que só com desdouro escapar póde.
Qual Cyclico scriptor, antigamente,
Não comeceis assim « *Eu de Priámo*
Cantarei a fortuna, e nobre guerra. »
Que nos dará, quem tanto nos promette?...
Um ridiculo rato pare o monte.

Quantò rectiùs hic, qui nil molitur ineptè?
Dic mihi, Musa, virum, captæ post tempora Trojæ,
Qui mores hominum multorum vidit, et urbes.
Non fumum ex fulgore, sed ex fumo dare lucem
Cogitat: ut speciosa dehinc miracula promat,
Antiphatem, Scyllamque, et cum Cyclope Charybdim.
Nec reditum Diomedis ab interitu Meleagri,
Nec gemino bellum Trojanum orditur ab ôvo.
Semper ad eventum festinat; et in medias res
Non secùs ac notas, auditorem rapit; et quæ
Desperat tractata nitescere posse, relinquit.
Atque ita mentitur, sic veris falsa remiscet,
Primo ne medium, medio ne discrepet imum.
Tu, quid ego, et populus mecum desideret, audi.
Si plausoris eges aulæa manentis, et usque
Sessuri, donec cantor, Vos plaudite, dicat: (10)
Ætatis cujusque notandi sunt tibi mores,
Mobilibusque decor naturis dandus, et annis.
Reddere qui voces jam scit puer, et pede certo
Signat humum; gestit paribus colludere, et iram
Colligit, ac ponit temerè, et mutatur in horas.
Imberbis juvenis, tandem custode remoto,

Quanto me agrada mais esse poeta,
Que sem esforço, affouto principia:
« *Dize-me, ó Musa, os feitos desse heroe*
Que tantas gentes vio, tantas cidades,
Depois que foi tomada Troya, dize. »
Em fumo não converte um grande lume,
Antes, do fumo faz nascer as luzes.
Depois, portentos nascem de seus versos;
Anthiphates, Carybdes e Scyllas,
E o corpulento e fero Polyphemo.
Não vai buscar de Meleagro a morte
Se quer trazer Diómedes de volta;
Nem dos ovos de Leda tira a guerra
Com que Troya arrazada quer mostrar-nos.
Corre ao exito, e leva o leitor sempre
Rapidamente aonde quer levá-lo:
Não pára, quando é frivola a demora.
Nos sonhos agradaveis que descreve,
Com tal graça mistura o falso e o certo,
Que o fim, meio e principio não discrepam.
O que pertendo, e quer comigo o povo,
Observai, se quereis cheia a platéa,
Té que desça a cortina e feche a scena,
Té que peçam o actor, findando, os vivas.
De cada personage' habitos, modos,
A variação da idade, as circunstancias
Que são da natureza, notai sempre.
O menino, que já falla e discorre,
Que firme pisa a terra, e jogos forma,
Quer com iguaes brincar; e sem motivo
Ora se accende em ira, ora se applaca,
E a cada instante o genio seu varêa.
O mancebo, se o mestre se desvia,

Gaudet equis, canibusque, et aprici gramine campi;
Cereus in vitium flecti, monitoribus asper,
Utilium tardus provisor, prodigus æris,
Sublimis, cupidusque, et amata relinquere pernix.
  Conversis studiis ætas animusque virilis
Quærit opes, et amicitias; inservit honori;
Commisisse cavet, quod mox mutare laboret.
  Multa senem circumveniunt incommoda; vel quòd
Quærit, et inventis miser abstinet, ac timet uti:
Vel quòd res omnes timidè, gelidèque ministrat;
Dilator, spe longus, iners, avidusque futuri,
Difficilis, querulus, laudator temporis acti
Se puero, censor castigatorque minorum.
  Multa ferunt anni venientes commoda secum;
Multa recedentes, adimunt. Ne fortè seniles (11)
Mandentur juveni partes, pueroque viriles;
Semper in adjunctis, ævoque morabimur aptis.
  Aut agitur res in scenis, aut acta refertur.

Os cavallos, os cães, as luttas busca;
Como cera, a impressão do vicio toma,
Os conselhos despreza; descuidado,
As cousas que são uteis, não preserva;
O dinheiro despende, sem contá-lo:
Altivo, turbulento, apaixonado,
Quer e não quer mil cousas, esquecendo
Aquillo mesmo que buscava ancioso,
Que sollicito, ha pouco, desejava.
Tem a idade viril outros desejos:
Busca o adulto emprego, busca amigos,
Aspira ás honras, com cuidado evita
Acções que ao depois chore arrependido.
Mil incommodos cercam a velhice;
Ou seja que os thesouros accumule,
E que tema perdê-los; ou que avaro
Mal se atreva a tocar-lhe o cauto velho.
O torpôr de seus membros o retarda
Em qualquer movimento; e tremulando,
Vai com vagar procrastinando as cousas,
Esperando sem fim, e avidamente
Vendo o futuro, que sem fructo invoca:
Queixa-se, grunhe, e por costume gaba
O que vio no seu tempo; sendo neste
Implacavel censor da mocidade.
Comsigo trazem mil cousas suaves
Os annos, quando a certa altura chegam;
Muitas passam com elles, quando fogem.
Fixemos as feições de cada idade
Para não dar as rugas da velhice
Ao mancebo gentil, nem ás creanças
De um homem feito os gestos, as maneiras.
No theatro as acções se representam;

Segniùs irritant animos demissa per aurem,
Quàm quæ sunt oculis subjecta fidelibus, et quæ
Ipse sibi tradit spectator. Non tamen intùs
Digna geri, promes in scenam; multaque tolles
Ex oculis, quæ mox narret facundia præsens.
Nec pueros coràm populo Medea trucidet;
Aut humana palàm coquat exta nefarius Atreus;
Aut in avem Progne vertatur, Cadmus in anguem.
Quodcumque ostendis mihi sic, incredulus odi.

Neve minor, neu sit quinto productior actu
Fabula quæ posci vult, et spectata reponi.
Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus
Inciderit; nec quarta loqui persona laboret.

Actoris partes chorus officiumque virile (12)
Defendat; neu quid medios intercinat actus,
Quod non proposito conducat, et hæreat aptè.
Ille bonis faveatque, et concilietur amicis,
Et regat iratos, et amet pacare tumentes.
Ille dapes laudet mensæ brevis; ille salubrem
Justitiam, legesque, et apertis otia portis:
Ille tegat commissa; Deosque precetur et oret
Ut redeat miseris, abeat fortuna superbis.

Outras vezes sómente se referem.
Mas aquillo que só fere os ouvidos
Não move tanto, quanto move aquillo
Que se vê, e que os olhos fielmente
Fixam n'alma do espectador attento.
Cousas ha, que a razão prohibe á scena,
E que mais vale que se passem dentro:
Escondei quanto basta que a eloquencia
A seu tempo relate vivamente.
Ante o povo jámais seva Medéa
Os innocentes filhos despedace;
Nem o nefando Atreo nas grelhas ponha
As entranhas humanas, sem disfarce:
Nunca em passaro Progne se transforme,
Ou Cadmo de cobra a pelle vista:
Expectaculo tal, horror tão grande,
Sem fazer-me illusão, me offende o gosto.
Os actos da tragedia teem limites;
Nem mais de cinco devem ser, nem menos.
Só quando o assumpto seja de um Deos digno
É que deve intervir numen no entrecho:
Tão pouco um quarto actor na scena falle.
O côro, de um actor a parte toma,
E quanto canta se refere ao todo,
Ou s'entretece c'o assumpto inteiro.
Os bons applaude, amigos concilia,
Acalma irados, doma os arrogantes;
A frugal meza louva, as leis respeita;
Louva a justiça, e paz, que das cidades,
As portas abre, e sustos afugenta;
Que o deposito guarda fielmente:
Invoca emfim os Deoses, que dispensem
Fortuna aos desgraçados, aos afflictos,
E que aos suberbos perfidos a neguem.

Tibia non ut nunc orichalco vincta, tubæque
Æmula; sed tenuis, simplexque, foramine pauco,
Aspirare et adesse choris erat utilis, atque
Nondum spissa nimis complere sedilia flatu;
Quò sanè populus numerabilis, utpote parvus,
Et frugi, castusque, verecundusque coïbat.
Postquam cœpit agros extendere victor, et urbem
Latior amplecti murus, vinoque diurno
Placari Genius festis impunè diebus;
Accessit numerisque, modisque licentia major.
Indoctus quid enim saperet, liberque laborum
Rusticus, urbano confusus, turpis honesto?
Sic priscæ motumque et luxuriam addidit arti
Tibicen, traxitque vagus per pulpita vestem.
Sic etiam fidibus voces crevère severis;
Et tulit eloquium insolitum facundia præceps:
Utiliumque sagax rerum, et divina futuri
Sortilegis non discrepuit sententia Delphis.
Carmine qui tragico vilem certavit ob hircum,
Mox etiam agrestes Satyros nudavit; et asper

Nem sempre a flauta foi, qual hoje a vemos,
De metal guarnecida, e sonorosa
Emula do clarim; porêm singella,
Com poucos furos, isso lhe bastava
Para ajudar, e acompanhar os córos,
E para encher de som o amphitheatro;
Onde acudia menor povo que hoje,
Mais facil de contar, porêm mais puro,
Mais virtuoso, e muito mais modesto.
Mas logo que este, vencedor dos outros,
Começou a estender seus territorios,
A alargar da cidade os vastos muros,
E a libar sem pudor toneis de vinho,
Durante o dia, ao Genio dos prazeres;
Maior desenvoltura entrou nos versos,
Foi o canto mais livre. — Era impossivel
Exigir fosse o gosto mui severo
Desse ignorante camponez grosseiro
Que vem, depois de rusticos trabalhos,
Descançar, recrear-se, e confundir-se
Com cidadãos polidos e illustrados.
Então foi que o flautista unio a dança
Á prisca e simples arte; a solta cauda
Ostentaram actores no theatro.
A lyra séria assim ganhou c'o tempo
Mais numero de tons, mais variedade.
A insolita eloquencia resoluta
Arriscou phrases novas, desusadas,
Que assumiram d'oraculos a forma,
Ficando enigmas quasi as chans sentenças.
Quem disputou vilmente na tragedia
O bode, que ao depois immola a Baccho,
Mostrou sem custo os Satyros despidos;

Incolumi gravitate jocum tentavit; eo quòd
Illecebris erat, et gratâ novitate morandus
Spectator, functusque sacris, et potus et exlex.
Verum ità risores, ità commendare dicaces
Conveniét Satyros, ità vertere seria ludo,
Ne, quicumque Deus, quicumque adhibebitur heros,
Regali conspectus in auro nuper et ostro,
Migret in obscuras humili sermone tabernas:
Aut dum vitat humum, nubes, et inania captet.
Effutire leves indigna tragœdia versus,
Ut festis matrona moveri jussa diebus,
Intererit Satyris paulùm pudibunda protervis.
Non ego inornata, et dominantia nomina solum,
Verbaque, Pisones, Satyrorum scriptor amabo:
Nec sic enitar tragico differre colori,
Ut nihil intersit Davusne loquatur, an audax
Pythias, emuncto lucrata Simone talentum,
An custos famulusque dei Silenus alumni.
Sylvis deducti caveant, me judice, Fauni,
Ne, velut innati triviis, ac pœnè forenses,
Aut nimiùm teneris juvenentur versibus unquam;
Aut immunda crepent ignominiosaque dicta.

Unio á dignidade do cothurno
Seus epigrammas rusticos, mordazes;
Cuidou em recrear com farça nova
Aquelle que dos sacros jogos volta,
Que o vinho aquece, quebra ás leis o freio,
E lhe é grata a soltura da linguagem.
Mas emfim, convertendo em graça o serio,
Em scena pondo Satyros malinos,
Ha que temer que heroes ou divindades,
Tendo-se visto em traje magestoso,
Purpura dispam, caiam do aureo throno,
E pelo estylo vão parar nas tendas,
Morrer na escuridão do estado humilde.
Deffeito igual é medo de arrastar-se,
Subir aos astros, e tornar-se em nada.
Nunca deve a tragedia degradar-se
Fazendo rir; se os Satyros a cercam,
Deve mostrar-se nobre, comedida,
Qual modesta matrona em Roma vemos
Obrigada a dançar nos sacrificios.
Caros Pisões, se eu farças escrevesse,
Não havia tirar o véo aos termos,
Nem tanto da tragedia desviar-me,
Que não puzesse differença grande
Entre Davo, que é simplesmente escravo,
E o caloteiro Pythias, que um talento
Furta a Simão, fazendo disso gala;
Ou Sileno, de um Deos aio e seu pagem.
Não julgo natural, largando as selvas,
Que os Faunos se apresentem desbocados,
E que sem pejo obscenas vozes soltem,
Quaes habitantes dos immundos becos,
Ou gerados no lodo das cidades.

Offenduntur enim, quibus est equus, et pater, et res;
Nec, si quid fricti ciceris probat, et nucis emptor,
Equis accipiunt animis, donantve coronâ.

Ex noto fictum carmen sequar: ut sibi quivis (13)
Speret idem; sudet multum, frustràque laboret
Ausus idem: tantum series, juncturaque pollet;
Tantum de medio sumptis accedit honoris.

Syllaba longa brevi subjecta, vocatur iambus,
Pes citus; undè etiam trimetris accrescere jussit
Nomen Iambeis, cùm senos redderet ictus,
Primus ad extremum similis sibi. Non ità pridem,
Tardior ut paulò graviorque veniret ad aures,
Spondæos stabiles in jura paterna recepit
Commodus et patiens; non ut de sede secundâ
Cederet, aut quartâ socialiter. Hic et in Accî
Nobilibus trimetris apparet rarus, et Ennî.
In scenam missus magno cum pondere versus,
Aut operæ celeris nimiùm, curâque carentis,
Aut ignoratæ premit artis crimine turpi.

Non quivis videt immodulata poëmata judex: (14)
Et data Romanis venia est indigna poëtis.
Idcirconè vager, scribamque licenter? an omnes
Visuros peccata putem mea tutus, et intrà

Assim fallando, offendem os ouvidos
Ao culto nobre, ao cidadão polido,
Que as c'roas d'hera distribue aos vates,
Que jámais gostará do que recrêa
A estulta plebe, a qual manjar reputa
Ervilhas, nozes, disso se contenta.
   De um assumpto sabido eu compuzera
Sempre a minha ficção, a fim que os outros
Facil julgassem competir comigo,
E que em vão trabalhassem, de tal obra,
Depois de mil esforços, desistindo:
Tanto a serie e contexto das idéas
Dá lustre áquillo que vulgar julgamos.
   Chama-se jambo e pé rapido aquelle
De uma syllaba breve, e de outra longa;
Jambico o de seis pés forma o trimetro.
   Ha pouco, para dar mais pêso ao verso,
Para vir aos ouvidos mais sonoro,
O pesado spondeo se unio com elle;
Docil, facil, porêm nunca cedendo
O segundo lugar, tão pouco o quarto:
Ennio jámais nem Accio consentiram
Nos seus nobres trimetros este alumno.
Se apparece na scena um verso cheio,
De spondeos carregado, fez-se á pressa,
Ou mostra que o auctor, sem pejo, ignora
As regras d'arte, que tão mal exerce.
   A falta de medida e de cadencia
Nem todos sentem: indulgentes muitos
Perdoam grandes erros aos Poetas.
É para compôr mal, isso desculpa?
Para escrever conforme quer o acaso?
Ou descançar, por ter desculpa certa?

Spem veniæ cautus? Vitavi denique culpam;
Non laudem merui. Vos exemplaria Græca
Nocturnâ versate manu, versate diurnâ.

At nostri proavi Plautinos et numeros, et
Laudavêre sales: nimium patienter utrumque,
Ne dicam stultè, mirati; si modo ego, et vos
Scimus inurbanum lepido seponere dicto,
Legitimumque sonum digitis callemus, et aure.

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus. (15)
Nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus et mens;
Poscentique gravem persæpe remittit acutum;
Nec semper feriet quodcumque minabitur arcus.
Verùm ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
Offendar maculis, quas aut incuria fudit,
Aut humana parum cavit natura. Quid ergo?
Ut scriptor si peccat idem librarius usque,
Quamvis est monitus, veniâ caret; et citharædus
Ridetur, chordâ qui semper oberrat eâdem:
Sic mihi qui multum cessat, fit Chœrilus ille, (16)
Quem bis, terve bonum cum risu miror; et idem
Indignor, quandoque bonus dormitat Homerus.
Verùm opere in longo fas est obrepere somnum.

Censuras evitar, isso não basta
Para alcançar ou merecer louvores.
Lançai mão dos modelos d'alta Grecia,
Lede-os de dia e noite; meditai-os.
Nossos avós gabaram muito Plauto,
Celebraram seus raros apothegmas:
Muito bons eram!... d'indole indulgente,
Para não dizer mais, os felicito:
Ao menos eu e vós não confundimos
Dittos insulsos, verdadeiros chistes;
Apontamos aonde mora a graça;
Sente o tympano o som errado, ou justo.
Erros ha que a desculpa encontram logo:
Nem sempre a corda vibra o som qual busca
A mão perita, o genio sublimado;
Por um som grave ás vezes fere o agudo;
Nem sempre atinge o alvo a veloz flexa.
Mas quando n'um poema as maravilhas
Excedem muito a somma dos defeitos,
Não me offendem as manchas que um descuido
Como pensão pagou á humanidade.
Ao copista inexacto não perdoo
Se esquece avisos, e repete os erros.
Do professor que desconhece as cordas,
E na citara quer fazer prodigios,
É permittido rir: zombo igualmente
De um auctor que os defeitos multiplica;
E é para mim Cherilo, em cujas obras,
Zombando, approvo só quatro ou seis versos.
Gemo comtudo, se o divino Homero
Por acaso descae ou se dormita:
Se em tão longo trabalho o somno assalta
O Poeta cançado, tem desculpa.

Ut pictura, poësis erit; quæ, si propiùs stes,
Te capiet magis; et quædam, si longiùs abstes.
Hæc amat obscurum: volet hæc sub luce videri,
Judicis argutum quæ non formidat acumen.
Hæc placuit semel: hæc decies repetita placebit.

O major juvenum, quamvis et voce paternâ
Fingeris ad rectum, et per te sapis, hoc tibi dictum
Tolle memor: certis medium et tolerabile rebus
Rectè concedi. Consultus juris, et actor
Causarum mediocris, abest virtute diserti
Messalæ, nec scit quantum Cascellius Aulus;
Sed tamen in pretio est. Mediocribus esse poëtis
Non homines, non Dii, non concessêre columnæ.
Ut gratas inter mensas symphonia discors,
Et crassum unguentum, et sardo cum melle papaver
Offendunt; poterat duci quia cœna sine istis:
Sic animis natum inventumque poëma juvandis,
Si paulùm à summo discessit, vergit ad imum.

Ludere qui nescit, campestribus abstinet armis;

Bem como na Pintura, ha certos rasgos
Na Poesia, que em distancia agradam;
Outros que ao perto muito mais deleitam:
De luz mais clara aquelles necessitam,
Sem temer do Censor a vista aguda;
Outros, simples crepusculo lhe basta.
Ha cousas que uma vez só nos contentam;
Dez vezes, e mais, outras reclamamos,
De seu doce prestigio apaixonados.
Tu, dos Pisões morgado! inda que sejas
Por ti mesmo instruido, e que gostoso
As paternas lições aproveitasses;
Com tudo, escuta, e guarda na memoria
O que m'inspira o gosto, e dizer quero.
Generos ha, nos quaes a mediania
Soffrer-se póde, sem desdouro grande.
Um lettrado commum medir não póde
Seu talento ao talento de Messala;
Nem c'o saber profundo de Cascellio
Seu saber; bem que preço lhe concedam.
Mas ser poeta mediano, é crime
Que não perdoam Deoses, nem humanos.
Tal offende no meio de um banquete
A discordante orchestra, o cheiro torpe
De um perfume nocivo; tal enjoa
Insipida ptisana entre os manjares,
Quanto desgosta a poesia insulsa:
Que em lugar de encantar almas sensiveis
Descae por força ao mais rasteiro ponto
Se não s'eleva ao ponto mais subido.
Quem não sabe esgrimir nas marcias luttas,
Cauteloso das armas se desvia:
Quem ignora nos jogos a destreza,

Indoctusque pilæ, discive, trochive quiescit:
Ne spissæ risum tollant impunè coronæ.
Qui nescit, versus tamen audet fingere. Quidni?
Liber et ingenuus, præsertim census equestrem
Summam nummorum, vitioque remotus ab omni.

Tu nihil invitâ dices faciesve Minervâ,
Id tibi judicium est, ea mens. Si quid tamen olim
Scripseris, in Metii descendat judicis aures, (17)
Et patris, et nostras; nonumque prematur in annum.
Membranis intùs positis, delere licebit
Quod non edideris. Nescit vox missa reverti.

Ignotum Tragicæ genus invenisse Camœnæ
Dicitur, et plaustris vexisse poëmata Thespis,
Quæ canerent agerentque, peruncti fæcibus ora.

Post hunc personæ, pallæque repertor honestæ
Æschylus, et modicis instravit pulpita tignis;
Et docuit magnumque loqui, nitique cothurno.

Successit vetus his Comœdia, non sine multâ
Laude; sed in vitium libertas excidit, et vim
Dignam lege regi: lex est accepta; chorusque
Turpiter obticuit, sublato jure nocendi.

Nil intentatum nostri liquere Poetæ:

A pela, o disco, a argola não commette;
Teme os que á roda observam, teme a mofa;
Mas, sem saber, emprende fazer versos:
E por que não? se é livre, e bem nascido?
Se tem rendas, e vive nobremente?
Se é cavalheiro, honrado, e mui polido?...
  Mas tu, mancebo, tu tens muito senso,
Ingenho claro para empr'ender cousas
Que do proprio talento não são filhas.
Quando a Musa te chame e tente a vêa,
Em querendo escrever, consulta Mecio,
A mim, ao illustre pae expõe as obras;
Por dez annos fechado esteja o livro:
Assim podes polir os teus escriptos,
Antes que os julgue o Publico severo:
As palavras não voltam quando escapam.
  Dizem que Thespis foi na prisca idade
Inventor da tragedia, e que sem gosto
Tingio de mosto as faces dos actores,
Que em carros transitavam, repetindo
Seus poemas informes, ou cantando.
  Eschylo depois veio, e os seus vestindo
A mascara lhes deo, armou theatros,
Ensinou-lhe a fallar com dignidade,
E a segurar os pés no alto cothurno.
  Veio a antiga Comedia succeder-lhe
Com grande applauso; mas com tal soltura,
Que foi preciso reprimir-lhe o vôo,
E a lei vedar o seu nocivo excesso:
E não podendo corromper a scena,
Emmudeceo, envergonhado, o coro.
  Tentaram nossos Vates, e com gloria,
Quanto é possivel, sem seguir o trilho,

Nec minimum meruere decus, vestigia Græca
Ausi deserere, et celebrare domestica facta,
Vel qui prætextas, vel qui docuere togatas.
Nec virtute foret, clarisve potentius armis,
Quàm linguâ, Latium, si non offenderet unum
Quemque poëtarum limæ labor, et mora. Vos, ô
Pompilius sanguis, carmen reprehendite, quod non
Multa dies, et multa litura coërcuit, atque
Præsectum decies non castigavit ad unguem.

Ingenium miserâ quia fortunatius arte
Credit et excludit sanos Helicone Poëtas
Democritus; bona pars non ungues ponere curat, (18)
Non barbam; secreta petit loca, balnea vitat.
Nanciscetur enim pretium nomenque Poëtæ,
Si tribus Anticyris caput insanabile nunquam (19)
Tonsori Licino commiserit. O ego lævus,
Qui purgo bilem sub verni temporis horam!
Non alius faceret meliora poëmata. Verùm
Nil tanti est. Ergo fungar vice cotis, acutum
Reddere quæ ferrum valet, exsors ipsa secandi.
Munus et officium, nil scribens ipse, docebo:
Unde parentur opes; quid alat formetque Poëtam;
Quid deceat; quid non; quò virtus, quò ferat error.

Servilmente, que os Gregos lhe mostraram;
Bastaram-lhe os assumptos só Romanos:
E talvez fosse o Lacio tão famoso
Nas lettras, qual brilhou sempre nas armas,
Se o trabalho da lima, se a demora
Não fosse tão difficil aos Poetas.
  Vós, raça de Pompilio, sede austeros;
Não approveis jámais esses poemas
Que não apura o tempo, a lima, o gosto,
Que não foram dez vezes castigados.
  Se Democrito crê que é nullo o estudo,
E que o ingenho só produz Poetas;
Se do Parnaso exclue o commum senso;
Por isso tantos, desprezando a arte,
Fogem dos homens, desgrenhados, tristes,
Nunca os banhos frequentam, nem se alinham,
Ao estro entregues, que produz phantasmas.
Na verdade que assim fama adquirem,
E nome de poetas, certos homens,
Recusando ao barbeiro uma cabeça
Que nem tres Anticyras curar podem.
  Oh que loucura a minha! pois tempero
Na primavera sempre o sangue e a bile!
Que poemas sublimes não faria?
E melhor que ninguem, sendo bilioso!...
Não vale a pena; aspiro a ser sómente
A pedra de amolar, que não cortando,
Fará comtudo com que o ferro corte.
Sem escrever, direi como se escreve,
Como deve o escriptor juntar seus fundos;
Em que consiste a essencia de um poeta:
O que serve, ou não serve, aonde levam
A regra, o gosto, os erros, e a ignorancia.

Scribendi rectè sapere est et principium et fons.
Rem tibi Socraticæ poterunt ostendere chartæ:
Verbaque provisam rem non invita sequentur.
Qui didicit patriæ quid debeat, et quid amicis;
Quo sit amore parens, quo frater amandus, et hospes;
Quod sit conscripti, quod judicis officium; quæ
Partes in bellum missi ducis; ille profectò
Reddere personæ scit convenientia cuique.
Respicere exemplar vitæ, morumque jubebo
Doctum imitatorem, et veras hinc ducere voces.
Interdùm speciosa locis, morataque rectè
Fabula, nullius veneris, sine pondere et arte,
Valdiùs oblectat populum, meliusque moratur,
Quàm versus inopes rerum, nugæque canoræ.
Graiis ingenium, Graiis dedit ore rotundo
Musa loqui, præter laudem nullius avaris.
Romani pueri longis rationibus assem
Discunt in partes centum diducere. Dicat
Filius Albini: si de quincunce remota est
Uncia, quid superat? poteras dixisse... Triens. Eu:
Rem poteris servare tuam. Redit uncia; quid fit?
Semis. At hæc animos ærugo et cura peculî

Clara instrucção, saber, é fonte, origem
D'escriptos bons; Socraticas doutrinas
Hão de inspirar idéas numerosas,
E as palavras virão para expressá-las.
Quem sabe quanto deve ás Leis, á Patria,
Quanto aos amigos; qual calor no peito
Cria o paterno amor, cria o fraterno;
Quaes os deveres sejam da hospedagem;
Que integridade ao senador compete,
Ao cargo de juiz, e que talentos
De um general na guerra exige o estado;
Habil imitador, a vista estende,
Vivos modelos topa a cada passo:
Contemplai-lhe a conducta e seus costumes,
Fazei que fallem no seu proprio estylo.
Quando um assumpto é grato, e que se observam
Exactamente os caracteres e usos,
Sem arte, graça ou dignidade escripto,
Recreia mais o publico mil vezes,
Que outros assumptos em pomposos versos,
Correctos, porêm nullos quanto ás cousas.
Tinham os Gregos genio, dicção tinham,
Pois a gloria sómente ambicionavam.
O juvenil ardor dos nossos hoje
Outros empregos tem, e só lhe ensinam
A calcular de um modo prolongado
Como um az em cem partes se divide.
Dizei, filho d'Albino, de seis onças
Se uma tirais, que resta? — Restam cinco.
Bellamente! com isso estais campando.
Ajuntai-lhe uma onça, quanto somma?...
Sette. — Porêm passada essa ferrugem,
Essa paixão do ganho, que envilece,

Cùm semel imbuerit; speramus carmina fingi
Posse linenda cedro, et levi servanda cupresso?
Aut prodesse volunt, aut delectare Poëtæ:
Aut simul et jucunda, et idonea dicere vitæ.
Quidquid præcipies, esto brevis; ut citò dicta
Percipiant animi dociles, teneantque fideles.
Omne supervacuum pleno de pectore manat.
Ficta voluptatis causâ sint proxima veris:
Nec, quodcumque volet, poscat sibi fabula credi:
Neu pransæ Lamiæ vivum puerum extrahat alvo.
Centuriæ seniorum agitant expertia frugis; (20)
Celsi prætereunt austera poëmata Rhamnes. (21)
Omni tulit punctum, qui miscuit utile dulci,
Lectorem delectando, pariterque monendo.
Hic meret æra liber Sosiis; hic et mare transit,
Et longum noto scriptori prorogat ævum.
Sylvestres homines sacer, interpresque Deorum
Cædibus et victu fœdo deterruit Orpheus:
Dictus ob hoc lenire tigres, rabidosque leones.
Dictus et Amphion Thebanæ conditor arcis,

Mal se póde esperar que façais versos,
Dignos das Musas, dignos de guardar-se
Em cofres preciosos de cypreste,
Nem que no oleo de cedro se preservem.
Poetas querem ou dar gosto á gente,
Ou dar-nos instrucção; e as mais das vezes
Instruir e agradar ao mesmo tempo.
S'instruis, sede breve nos preceitos,
A fim que brevemente vos percebam;
Que depressa se aprendam, e a memoria
Os guarde fielmente; quando é muito,
Trasborda, qual liquor que excede o vaso.
Para agradar, precisa-se verdade;
A ficção verosimil só contenta:
Não tem direito a scena d'enganar-nos,
Nem de arrancar do estomago da maga
Viva a creança, devorada ha pouco.
O conselho dos velhos não perdoa
Os versos que sem fructo se lhe offrecem;
E os cavalheiros secios não lh' importam
As peças onde reina a seriedade.
Toca o ponto o que unir util e doce,
O leitor ensinando e divertindo:
Enriquece o livreiro uma tal obra,
Passa os mares, a seu auctor segura
Gloria perfeita, fama inalteravel.
Viviam nas florestas os humanos,
Quando Orpheo, que era interpetre dos Deoses,
Seu sacerdote, lhe inspirou piedade,
Horror do sangue e d'alimento impuro:
Daqui disseram que domava os tigres,
E que acalmava dos leões a furia.
Do celebre Amphião tambem julgaram,

Saxa movere sono testudinis, et prece blandâ
Ducere quò vellet. Fuit hæc sapientia quondam,
Publica privatis secernere, sacra profanis;
Concubitu prohibere vago; dare jura maritis;
Oppida moliri; leges incidere ligno.
Sic honor, et nomen divinis vatibus, atque
Carminibus venit. Post hos insignis Homerus;
Tyrtæusque mares animos in Martia bella
Versibus exacuit: dictæ per carmina sortes;
Et vitæ monstrata via est; et gratia regum
Pieriis tentata modis; ludusque repertus,
Et longorum operum finis: ne fortè pudori
Sit tibi Musa lyræ solers, et cantor Apollo.

Naturâ fieret laudabile carmen, an arte,
Quæsitum est: ego nec studium sine divite venâ,
Nec rude quid prosit video ingenium: alterius sic
Altera poscit opem res, et conjurat amicè.

Que ao som da lyra, fundador de Thebas,
Esta nobre cidade edificara;
Que os seus doces accentos attrahiam
As pedras, as madeiras, e esses mesmos
No seu proprio lugar as collocavam.
O ser sabio em tal tempo consistia
Em distinguir o bem geral do proprio,
O sagrado interesse, do profano;
Em coarctar a desordem dos costumes,
Fixar dos hymeneos as leis suaves;
Edificar cidades, e nas taboas
Gravar as leis que a sociedade uniam.
Assim ganharam honra e nome os Vates,
E seus versos divinos se exaltaram.
Appareceo depois o insigne Homero,
E Tyrteo, cujos cantos provocavam
Os animos guerreiros ao combate:
Em verso responderam os Orac'los,
Explicou-se a moral nesta linguagem,
Commoveram-se os Reis á voz das Musas:
A Poesia em fim creou theatros,
E ao lasso cidadão prestou recreio,
Calmando das fadigas o cançasso.
Depois de memorar tão dignos factos,
Quem haverá que tema unir seu canto
Á lyra de Polymnia, á voz de Apollo?
O valor dos poemas de que nasce?
Ha questões; e duvidam vulgarmente
Se d'arte vem, se vem da natureza.
Sem genio, o estudo ignoro de que serve,
Nem o que possa o genio sem o estudo:
Mutuamente um e outro se soccorrem,
Devem ser no poeta inseparaveis.

Qui studet optatam cursu contingere metam,
Multa tulit, fecitque puer; sudavit, et alsit;
Abstinuit Venere, et vino. Qui Pythia cantat (22)
Tibicen, didicit priùs, extimuitque magistrum.
Nunc satis est dixisse: Ego mira poëmata pango:
Occupét extremum scabies: mihi turpe relinqui est,
Et quod non didici, sanè, nescire fateri.

Ut præco ad merces turbam qui cogit emendas,
Assentatores jubet ad lucrum ire poëta,
Dives agris; dives positis in fœnore nummis.
Si verò est unctum qui rectè ponere possit,
Et spondere levi pro paupere, et eripere atris
Litibus implicitum: mirabor si sciet inter
Noscere mendacem, verumque beatus amicum.

Tu seu donaris, seu quid donare voles cui,
Nolito ad versus tibi factus ducere plenum
Lætitiæ. Clamabit enim: Pulchrè, benè, rectè!
Pallescet super his; etiam stillabit amicis
Ex oculis rorem; saliet, tundet pede terram.
Ut qui conducti plorant in funere, dicunt
Et faciunt propè plura dolentibus ex animo: sic
Derisor vero plus laudatore movetur.

Quanto exercicio e esforços desde a infancia
Fez quem aspira ao premio na carreira!
O calor supportou, o frio; sobrio
De Amor e Baccho rejeitou prazeres.
O tocador de flauta, que nas festas
D'Apollo Pythio solta os seus accentos,
Foi antes por um mestre castigado.
Mas os poetas, basta que nos digam:
Faço versos sublimes: ai daquelle
Que atraz fica dos outros, e lhe toca
O degráo derradeiro nesta escala!
O pejo o vexa, se ultimo se julga;
E não quer, com effeito, convir nunca
Que ignora, e não aprende o que não sabe!
Como quem apregoa, e vender busca
Ricas mercadorias, um poeta
De grandes capitaes, quintas, palacios,
Acossa os lisongeiros que o rodêam,
Avidos de ganhar, e na esperança
De converter em ouro vãos applausos.
Se alem disso o poeta dá banquetes,
Se dá fiança ao gabador rafado;
Se co' a bolsa o tirou de grande aperto;
Então difficil é que acerte nunca
Qual é o adulador, qual é o amigo.
Se quizerdes brindar alguem, sentido!
Não deveis ler-lhe então os vossos versos:
Se acaso alvoroçado os dons espera,
Absorto exclamará: *Que obra divina!*
Extatico, e de gosto enternecido,
Hade chorar e rir, batter as palmas.
Estes são como aquellas a quem pagam
Para chorar nos funeraes pomposos,
E choram mais que o verdadeiro afflicto.

Reges dicuntur multis urgere culullis,
Et torquere mero, quem perspexisse laborent,
An sit amicitiâ dignus. Si carmina condes,
Nunquam te fallant animi sub vulpe latentes.
Quintilio si quid recitares, Corrige, sodes, (23)
Hoc, aiebat, et hoc! Meliùs te posse negarès,
Bis, terque expertum frustra; delere jubebat,
Et malè tornatos incudi reddere versus.
Si defendere delictum, quàm vertere, malles:
Nullum ultrà verbum, aut operam sumebat inanem,
Quin sine rivali teque et tua solus amares.
Vir bonus et prudens versus reprehendet inertes;
Culpabit duros: incomptis allinet atrum
Transverso calamo signum: ambitiosa recidet
Ornamento; parum claris lucem dare coget;
Arguet ambiguè dictum; mutanda notabit;
Fiet Aristarchus; nec dicet: Cur ego amicum (24)

Dizem que os reis provocam nos banquetes
Os convidados a esgotar os copos,
A fazer honra aos vinhos generosos;
Tentando assim a incauta lingua a ponto
De revelar do animo os arcanos,
E mostrar os que são fieis, ou falsos.
Não vos deixeis lograr, fazendo versos;
A malicia temei; que se disfarça
A raposa voraz, que a toca esconde:
Indagai no louvor o que é sincero.
Quando alguem a Quintilio consultava,
Nas obras apontando, lhes dizia:
Isto, crede-me, exige que se emende;
Não é correcto aqui: mas se a resposta
Contras oppunha, e claro demonstrava
Que era impossivel melhorar o objecto;
Que tres vezes, e mais, inutilmente
Se trabalhara;... instava que riscassem;
Que de novo os máos versos aleijados
Na bigorna com força os martellassem.
Recusavam?... Então emmudecia,
A seu maligno fado os entregava.
Era inutil tomar maior trabalho:
Namorados de si, achava acerto
Que sem rival, a si se idolatrassem.
O homem bom, o sabio reprehende
Os versos frouxos, e reprova os duros;
Corrige aquelles nimiamente ornados;
Quer mais clareza no sentido escuro,
E firme expulsa equivocas palavras.
Implacavel serei, novo Aristarcho:
Não hei de ir, por poupar os meus amigos,

Offendam in nugis? Hæ nugæ seria ducent
In mala derisum semel, exceptumque sinistrè.
Ut mala quem scabies, aut morbus regius urget,
Aut fanaticus error, et iracunda Diana;
Vesanum tetigisse timent, fugiuntque poëtam,
Qui sapiunt; agitant pueri, incautique sequuntur.
Hic, dum sublimes versus ructatur, et errat,
Si, veluti merulis intentus decidit auceps
In puteum, foveamve; licet, Succurrite, longùm
Clamet, Io cives: non sit, qui tollere curet.
Si quis curet opem ferre, et demittere funem:
Qui scis, an prudens hûc se dejecerit, atque,
Servari nolit? dicam, Siculique poëtæ
Narrabo interitum. Deus immortalis haberi
Dum cupit Empedocles; ardentem frigidus Ætnam (25)
Insiluit. Sit jus, liceatque perire poëtis.
Invitum qui servat, idem facit occidenti.

Perdoar bagatellas, entendendo
Que por tão pouco é lastima affligi-los:
Taes bagatellas muito prejudicam;
Se ao publico se expoem, provocam riso.
Como quem foge a peste, e que se aparta
De um homem já tocado do contagio;
Como quem teme as furias que perseguem
Aquelle que os remorsos desatinam;
Qual se desvia de um que perde o senso,
E que incurso na colera de Hecáte
Maniaco labuta entre phantasmas:
Taes se retiram racionaes humanos
De quem toma a paixão de fazer versos:
Os rapazes, porêm, na rua o seguem,
E delle zombam sem maior cautela,
Em quanto furioso insulta as Musas,
Seus hymnos magestosos recitando.
Mas se sem tino cae n'uma cisterna,
Ou se despenha d'uma ribanceira,
Qual caçador que espera apanhar melros,
Por mais que exclame: *Cidadãos, soccorro!...*
Deixai-o lá ficar; pois se quizessem
Uma corda lançar-lhe por piedade,
Eu dissera: Quem sabe se elle mesmo
Quer que o tirem de lá? e se esse salto
Não foi deliberado e heroico empenho!
Citarei a aventura de um poeta,
Que na Sicilia deo tão grande brado:
Para ser invocado como os Deoses,
Empédocles saltou nas chammas do Etna.
O jus não disputemos a um poeta
De morrer, sem dizer adeos á gente.
Se quiz morrer, salvá-lo é dar-lhe morte:

Nec semel hoc fecit: nec, si retractus erit, jam
Fiet homo, et ponet famosæ mortis amorem.
Nec satis apparet cur versus factitet: utrùm
Minxerit in patrios cineres, an triste bidental
Moverit incestus; certè furit; ac velut ursus,
Objectos caveæ valuit si frangere clathros,
Indoctum, doctumque fugat recitator acerbus.
Quem verò arripuit, tenet, occiditque legendo,
Non missura cutem nisi plena cruoris hirudo.

Escorregou mil vezes, não é esta
A primeira; se o tiram deste passo
Nem por isso a mania ha de passar-lhe,
A paixão d'alcançar morte famosa.
E quem sabe este mal donde lhe nasce?
Se profanou de um pae as frias cinzas,
Ou se pisou lugares consagrados
Pelos raios que vibra a mão de Jove!
Sabemos só que é louco, isso nos baste.
Ao vê-lo, cuidareis que um urso vedes
Que da jáula quebrou as ferreas barras:
Tal é quando implacavel nos repete
Os versos com que espanca o sabio, o nescio:
Infeliz o que apanha! Não o larga
Sem o esfalfar, relendo seus escriptos;
Sanguexuga cruel, que não despega
Sem se fartar do sangue de quem morde.

NOTAS

Á

ARTE POETICA DE HORACIO.

NOTAS

Á

ARTE POETICA DE HORACIO. (*)

(1) Os Pisões a quem se dirige Horacio eram o Consul Lucio Pisão e seus filhos, que figuraram muito em Roma pelos seus cargos, e tiveram grande valimento com Augusto, e Tiberio. Descendiam de Numa Pompilio, 2.º Rei de Roma, o qual teve por filho Calpo, tronco desta familia dos Pisões, que se appellidavam *Calpurnios*, do nome do seu progenitor. Da mesma familia era Calpurnia, mulher de Julio Cesar.

(2) *Cum lucus et ara Dianæ*, — Estes exemplos são tirados certamente das obras ruins daquelle tempo, que Horacio aqui censura de passagem. O bosque ou floresta a que allude era a de Aricia, onde, segundo a tradição popular dos Romanos, Diana havia n'outro tempo escondido Hyppolito, depois de resuscitado por Esculapio; e onde tambem Numa Pompilio ía ter conferencias com a nympha Egéria. A reputação deste lugar tornava interessante a sua descripção; e por esse motivo os poetas nunca deixavam de enfeitar com ella algum episodio das suas obras.

(*) Estas notas não vem na edição de Londres, já citada: foram addicionadas pelo editor da presente, a fim de esclarecer alguns lugares obscuros do poema que as precede; e o mesmo se deverá entender das que se seguem ao Ensayo sobre a Critica por Alexandre Pope.

(3) *Aut flumen Rhenum, aut pluvius describitur arcus.* — As margens do Rheno tinham frequentemente sido theatro das victorias de Jùlio Cesar, e de Augusto; e assim é facil de conhecer o motivo por que os auctores inseriam em qualquer parte a descripção dellas.

O arco-iris é um dos mais bellos phenomenos da natureza, razão por que os poetas folgavam de se espraiar ácerca desta pomposa maravilha.

(4) *Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam,* etc. — Aquelle artista que não sabia fazer senão unhas e cabellos, deveria por ventura emprehender uma estatua? Eis a reflexão que naturalmente occorre neste lugar. Horacio applica este exemplo aos auctores, e convida-os a consultar primeiro as proprias forças na escolha dos assumptos que se propozerem; o que lhe depara uma transição natural para as outras duas partes da disciplina de que está fallando, isto é, a *disposição* e a *elocução;* porque tudo quanto disse até aqui refere-se á *invenção.*

(5) *Ut silvæ foliis pronos mutantur in annos,* — Aqui se offerece naturalmente uma reflexão sobre a sorte das linguas, sujeitas á mudança como todas as cousas do mundo. Desenvolvendo este pensamento, aproveita-se Horacio desta occasião para citar como feituras do homem que deveriam ser immortaes, se alguma cousa humana pudesse sê-lo, as importantes obras concluidas sob o reinado de Augusto; por exemplo, um novo porto construido; as lagoas Pontinas dessecadas e tornadas ferteis; Roma preservada das inundações do Tibre, *etc.* Elogio delicado, coberto com o véo de uma seria moralidade.

(6) *Archilocum proprio rabies armavit iambo.* — Este energico verso exprime o caracter mordaz do poeta Archiloco. O verso jambo é tão susceptivel de doçura como de rispidez; mas

é de crer que sempre fosse aspero e nerveo no poeta satirico inventor delle. Dahi provêm o chamar-se *iamba* a medida de que foi composto; do verbo grego que significa *verbis inçesso, mordeo.*

(7) *Sit Medea ferox, invictaque;* — Assim a representa Corneille, imitando a Seneca, o qual trattou do mesmo assumpto: quando, em um momento em que tudo parecia levantar-se contra ella, a sua aya lhe pergunta:

En cet affreux revers, que vous reste-t-il?
Moi, diz ella,
Moi, dis-je, et c'est assez.

Tambem Euripides em uma tragedia pintou o caracter feroz desta princeza.

Flebilis Ino; — Esta filha de Cadmo e Hermione mal podia deixar de ser queixosa e gemebunda no meio dos desastres de toda a sua familia, abandonada ás crueis vinganças de Juno.

(8) *Perfidus Ixion; Io vaga; tristis Orestes.* — Ixion fez morrer seu sogro por uma traição, que o poeta Eschylo descreveo n'uma tragedia, e Euripedes em outra, como se colhe de Plutarcho. A errante vida de Io representou o mesmo Eschylo; mas nenhuma destas tragedias chegou até nós, porque nenhuma dellas escapou do naufragio que nos seculos barbaros padeceram as lettras. *Orestes*, filho de Agamemnon e de Clytemnestra, atormentado de remorsos de haver morto sua mãe, sem o saber, andou por muito tempo vexado pelas Furias, e entregue á mais negra tristeza, até que expiou seu crime. Este assumpto acha-se maravilhosamente trattado por Euripedes, em uma tragedia que ainda existe.

(9) *Patulum orbem* — Esta expressão refere-se a algum uso, ou a algum jogo dos Antigos que nos é desconhecido.

(10) *Vos plaudite, dicat:* — Todas as Comedias de Terencio e de Plauto acabam por esta phrase, ou por outra equivalente, que pronunciava o ultimo actor ou todos juntos.

(11) *Multa recedentes, adimunt.* — J. J. Rousseau disse: Ha nesta vida uma balisa, alem da qual se retrograda progredindo.

(12) *Actoris partes chorus,* etc. — O coro era uma parte essencial do drama entre os Antigos, servindo para ajudar e dirigir o espectador no seu juizo. O que se chama *Coro* nas nossas operas nenhuma relação tem com os Coros dos Antigos, pelo menos com o seu objecto essencial.

(13) *Ex noto fictum carmen sequar:* etc. — Este verso e os tres seguintes acham-se um pouco mais acima nas edições ordinarias; mas collocados como aqui se encontram, atam melhor o fio das idéas, e desvanecem toda a confusão.

(14) *Non quivis videt immodulata poëmata judex:* — Os pormenores em que Horacio aqui entra relativamente á versificação talvez pareçam minuciosos a algumas pessoas, com o fundamento de que ninguem faz caso dessas insignificantes falhas de harmonia nos versos: entretanto elle exige a este respeito a maior exactidão; nem ainda consente que o auctor descance na ignorancia, ou mesmo na indulgencia dos seus leitores. Esta summa attenção é que dá tanta vantagem aos Gregos, apontados aqui para modelos:

Vos exemplaria Græca, etc.

(15) *Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus.* — Por muito rigido que se mostre Horacio a respeito da versificação, nem por isso é illimitada a sua severidade: desculpa certas faltas, com tanto que sejam filhas de inadvertencia, e em pe-

queno numero. Assim como não pudera seriamente admirar Cherilo por alguns versos bons que lhe escapavam por acaso, tambem se guarda de menosprezar Homero por algumas negligencias que encontre nas suas obras: quer porêm que o maior numero seja o das bellezas.

(16) *Fit Chœrilus ille*, etc. — Cherilo foi aquelle máo poeta que Alexandre-Magno liberalmente recompensou por uns versos que tinha feito em seu louvor.

(17) *In Metii descendat judicis aures*, — Mecio Tarpa, homem de apurado gosto, de quem Horacio tambem falla na Satira 10.ª do 1.º livro, era um dos cinco Juizes estabelecidos por Augusto para examinarem as obras de litteratura antes de serem depositadas na Bibliotheca do Monte Palatino.

(18) *Democritus* — philosopho de Abdera, não cessou de fazer escarneo dos homens, e das suas loucuras; mas tambem foi elle o primeiro que imaginou que o mundo se formara de atomos dispersos no vacuo, os quaes tinham chegado a adherir-se e unir-se de diversos modos. Á vista de uma tal descoberta, parece que não era elle a quem competia trattar os poetas de loucos.

(19) *Si tribus Antyciris*, etc. — O geographo Strabo não falla senão de duas ilhas deste nome: aprouve a Horacio crear uma terceira, a favor daquelles poetas a quem duas não bastassem.

(20) *Centuriæ seniorum*, etc. — O rei Servio Tullio, na distribuição dos cidadãos por *Centurias*, havia attendido não sómente ás fortunas, mas tambem á idade; de sorte que os mais moços formavam a metade das Centurias, e os anciãos a

outra metade. Chamavam-se anciães os que tinham alcançado a idade de 46 annos, e que por isso estavam isentos do serviço militar.

(21) *Rhamnes* — Esta palavra designa aquellas Centurias dos mancebos que entre as mais comprehendiam a joven nobreza de Roma: era o nome que Romulo dera aos cem cavalleiros que compunham a sua guarda.

(22) *Qui Pythia cantat,* etc. — Todos os habeis tocadores de flauta concorriam aos jogos de Apollo Pythio, a fim de ostentarem nelles a sua habilidade.

(23) *Quintilio si quid recitares*, etc. — Este era Quintilio Varo, natural de Cremona, que reunia a um grande ingenho poetico um gosto fino e delicado, que o fazia considerar como o Juiz e oraculo do seu tempo.

(24) *Fiet Aristarchus;* — Estas duas palavras de Horacio formam um completo elogio de Aristarcho, um dos mais celebres Criticos da antiguidade, que tinha revisto as obras dos Poetas Gregos, e com especialidade as de Homero, expurgando-as de todos os erros que a negligencia dos copistas havia introduzido nellas.

(25) *Dum cupit Empedocles;* — Este Poeta philosopho, de quem Aristoteles faz honrosa memoria em muitos lugares, era natural de Agrigento na Sicilia, e tinha escripto um poema ácerca da Natureza. Horacio seguio a historia de que elle se lançara nas profundezas do Etna para assim dar a entender que fôra arrebatado ao Ceo, não havendo quem tivesse presenciado a sua morte; mas sem embargo disso, ha lugar para acreditar-se que morreo procurando observar de perto uma erupção da-

quelle monte, assim como Plinio o Maior, aproximando-se demasiadamente do Vesuvio. Estes grandes homens não procuravam a morte, mas expunham a vida para fazerem descobrimentos uteis. A malicia porêm dos homens tem sabido em todos os tempos lançar o ridiculo até sobre as acções mais louvaveis e mais generosas.

ADVERTENCIA.

A pag. 49 *os seguintes versos:*

Mas os poetas, basta que nos digam:
Faço versos sublimes: ai daquelle
Que atraz fica dos outros, e lhe toca
O degráo derradeiro nesta escala!
O pejo o vexa, se ultimo se julga;
E não quer, com effeito, convir nunca
Que ignora, e não aprende o que não sabe

acham-se na edição de Londres por esta forma:

Mas os poetas, basta que nos digam:
Faço versos sublimes. Ay daquelle
Que atraz fica dos outros, e lhe toca
O degráo derradeiro nesta escala.
O pejo o vexa, se ultimo se julga;
E não quer com effeito convir nunca
Que ignora, e não aprende o que não sabe.

Mas aquella primeira lição é mais conforme ao texto de Horacio, ou pelo menos á interpretação que lhe deram os seus Traductores, nomeadamente Candido Lusitano, e o Sr. Doutor Antonio José de Lima Leitão, que tambem publicou em 1827 uma sua traducção desta Poetica, impressa em Lisboa na Officina de Manoel José da Cruz.

ENSAYO SOBRE A CRITICA,

POR

ALEXANDRE POPE.

Este Poema compõe-se de um só livro, mas dividido em tres partes: a 1.ª contêm as regras para o Estudo da Arte da Critica; a 2.ª expõe as Causas do Juizo errado; e a 3.ª tratta da Moral do Critico, que consiste na candura, modestia, e boa educação.

AN ESSAY ON CRITICISM.

BY

ALEXANDER POPE.

I.

'Tis hard to say, if greater want of skill
Appear in writing or in judging ill;
But, of the two, less dang'rous is th' offence
To tire our patience, than mislead our sense:
Some few in that, but numbers err in this,
Ten censure wrong for one who writes amiss;
A fool might once himself alone expose,
Now one in verse makes many more in prose.

'Tis with our judgments as our watches, none
Go just alike, yet each believes his own.
In Poets as true genius is but rare,
True taste as seldom is the Critic's share;
Both must alike from Heav'n derive their light,
These born to judge, as well as those to write.
Let such teach others who themselves excel,
And censure freely who have written well.
Authors are partial to their wit, 'tis true,
But are not Critics to their judgment too?

ENSAYO SOBRE A CRITICA.

POR

ALEXANDRE POPE.

I.

NÃO sei dizer qual mostra menos arte,
Se quem escreve mal, se quem mal julga;
Entre ambos, menos risco ha, menos damna
O que me cança que esse que me engana:
Dos primeiros ha poucos, muitos destes;
Por um que escreve mal, dez mal censuram:
Um nescio a si sómente expõe, rimando;
Mas este em verso, vale dez em prosa.

Como os relogios são nossos juizos;
Nenhum vai certo, e todos crêm no proprio.
No Vate ingenho genuino é raro;
É mais raro entre os Criticos o gosto: (1)
Uns e outros do Ceo precisam luzes;
Criticos nascem, bem como os Poetas.
Os excellentes só, outros ensinem;
E só quem bem compõe, livre censure.
Auctores parciaes do proprio genio
Póde haver, é verdade; mas é menos.
Parcial do que opina, quem critica?

Yet if we look more closely, we shall find
Most have the seeds of judgment in their mind:
Nature affords at least a glimm'ring light;
The lines, tho' touch'd but faintly, are drawn right;
But as the slightest sketch, if justly trac'd,
Is by ill-colouring but the more disgrac'd,
So by false learning is good sense defac'd:
Some are bewilder'd in the maze of schools,
And some made coxcombs Nature meant but fools.
In search of wit these lose their common sense,
And then turn Critics in their own defence:
Each burns alike, who can, or cannot write,
Or with a rival's, or an eunuch's spite.
All fools have still an itching to deride,
And fain would be upon the laughing side.
If Mævius scribble in Apollo's spite,
There are who judge still worse than he can write.

Some have at first for Wits, then Poets, past,
Turn'd Critics next, and prov'd plain fools at last.
Some neither can for Wits nor Critics pass,
As heavy mules are neither horse nor ass.
Those half-learn'd witlings, num'rous in our isle,
As half-form'd insects on the banks of Nile;
Unfinish'd things, one knows not what to call,
Their generation's so equivocal;

Se de perto observarmos, acharemos
Que da Critica o germe n'alma existe:
Certo clarão dispende a natureza;
Linhas ligeiras traça, mas direitas;
Esboço tenue, porêm bem traçado,
Que se esperdiça mal illuminado.
Falso sabêr bom senso desfigura: (2)
No labyrintho das escholas quantos
Desvairando se perdem! quantos outros,
Que a natureza fez tolos sómente,
Presumindo de si, mais asnos ficam!
Em busca de juizo a razão perdem,
E por desculpa, em Criticos se tornam:
Igual fogo os agita, os incendêa,
Ou possam, ou não possam, sempre escrevem,
Co' a raiva de um rival, ou c'o ciume
De um custodio das bellas do serralho.
Teem comichão d'escarnecer os tolos,
De estar da parte de quem ri, ou ladra.
Se Mevio escreve contra o jus d'Apollo,
Ha quem julgue peor do que elle escreve.

Alguns, antes de serem vates, foram
Por homens de juizo reputados;
Deram-se á Critica, e asnos ser provaram.
Como as mulas, nem asnos nem cavallos,
Outros nem são sensatos, nem censores.
Esses pedantes, semi-sabios, praga
Que em cardumes abafa nossas ilhas,
Quaes nas margens do Nilo esses insectos
Que encontramos informes, incompletos,
De equivoca estructura; ninguem sabe
Que nome dar a tantas meias cousas:

To tell 'em would a hundred tongues require,
Or one vain wit's, that might a hundred tire.

But you who seek to give and merit fame,
And justly bear a Critic's noble name,
Be sure yourself and your own reach to know,
How far your genius, taste, and learning go;
Launch not beyond your depth, but be discreet,
And mark that point where sense and dullness meet.
Nature to all things fix'd the limits fit,
And wisely curb'd proud man's pretending wit.
As on the land while here the ocean gains,
In other parts it leaves wide sandy plains;
Thus in the soul while memory prevails,
The solid pow'r of understanding fails;
Where beams of warm imagination play,
The memory's soft figures melt away.
One science only will one genius fit;
So vast is art, so narrow human wit:
Not only bounded to peculiar arts,
But oft' in those confin'd to single parts.
Like Kings we lose the conquests gain'd before,
By vain ambition still to make them more:
Each might his sev'ral province well command,
Would all but stoop to what they understand.

First follow Nature, and your judgment frame
By her just standard, which is still the same:
Unerring Nature, still divinely bright,
One clear, unchang'd, and universal light,

Nomeá-las, requer umas cem linguas;
Mas a de um tolo ha de estafar cem homens.

Ó vós, que buscais dar, merecer fama,
Alcançar de Censor o nobre nome,
Avistai os limites até onde (3)
O genio, o gosto, o sabêr vosso chega:
Não vos lanceis alem, sede prudentes;
Fixai bem esse ponto em que se encontram
Senso e tolice, transgredindo a meta.
As cousas teem limites proprios, todas,
Com os quaes sabiamente a Natureza
Quebra a esperteza vã do presumido.

Bem como em terras onde o mar, ganhando,
Deixa areaes estereis, n'outras charcos;
N'alma aonde a memoria predomina,
O podêr do intellecto desfallece;
Se a phantasia calida vaguêa,
Da memoria as especies brandas fogem.
Uma sciencia pede um genio inteiro: (4)
Tão vasta é arte, e curta a mente humana;
Limitada não só a certas artes,
Mas nessas mesmas só capaz de partes.
Perdemos como os Reis, essas conquistas
Que fizeram vaidosos, só guiados
Pela stulta ambição de fazer muitas:
Manda bem cada qual sua provincia,
Se se accommoda áquillo só que entende.

Pelos marcos que poz a Natureza
Formai vosso juizo, segui esta:
É sempre a mesma, certa, invariavel;
Com luz universal em tudo brilha;

Life, force, and beauty, must to all impart,
At once the source, and end, and test, of Art.
Art from that fund each just supply provides;
Works without show, and without pomp presides:
In some fair body thus th' informing soul
With spirits feeds, and vigor fills the whole,
Each motion guides, and ev'ry nerve sustains;
Itself unseen, but in th' effects remains.
Some, to whom Heav'n in wit has been profuse,
Want as much more to turn it to its use;
For wit and judgment often are at strife,
Tho' meant each other's aid, like man and wife.
'Tis more to guide, than spur the Muse's steed;
Restrain his fury, than provoke his speed:
The winged courser, like a gen'rous horse,
Shews most true mettle when you check his course.

Those Rules of old discover'd, not devis'd,
Are Nature still, but Nature methodiz'd;
Nature, like Liberty, is but restrain'd
By the same laws which first herself ordain'd.

Hear how learn'd Greece her useful rules indites,
When to repress and when indulge our flights:
High on Parnassus' top her sons she show'd,
And pointed out those arduous paths they trod;
Held from afar, aloft, th' immortal prize,
And urg'd the rest by equal steps to rise.
Just precepts thus from great examples giv'n,
She drew from them what they deriv'd from Heav'n.

Vida, força e belleza nos reparte,
Que são origem, fim e prova d'Arte.
Esta, só deste fundo se alimenta;
Preside ás obras simples e singella:
Assim n'um corpo bello uma alma sabia
Nutre d'espirito e vigor o todo,
Sustenta o nervo, guia os movimentos;
Não se vê, nos effeitos se percebe.
Alguns, a quem o Ceo deo muito ingenho,
Tanto mais devem consultá-lo attentos;
O juizo e a razão ás vezes brigam,
Intentando ajudar-se; assim disputam
Um marido e mulher, se ambos governam.
Não quer esporas o cavallo alado,
A redea basta; e quando a Musa corre,
Contenha a furia, mas provoque a pressa:
Pégaso, qual ginete generoso,
Mais brio mostra, se o reprime o freio.

Não legou, descobrio a Antiguidade
Essas regras que estão na Natureza;
São Natureza, o methodo a restringe;
Bem como se restringe a Liberdade
Co' as mesmas leis que a Liberdade cria.

Observai como a sabia Grecia indica (5)
As suas uteis regras; como e quando
Reprimir, animar se deve o vôo:
Do tope do Parnaso aos filhos mostra
As difficeis veredas que trilharam;
C'os premios immortaes do alto acena,
Fórça a subir esses degráos quem teme:
Tira preceitos só de exemplos grandes,
E delles colhe o que elles do Ceo colhem.

The gen'rous Critic fann'd the Poet's fire,
And taught the world with reason to admire.
Then Criticism the Muse's handmaid prov'd,
To dress her charms, and make her more belov'd:
But following wits from that intention stray'd,
Who could not win the mistress woo'd the maid;
Against the Poets their own arms they turn'd,
Sure to hate most the men from whom they learn'd.
So modern' Pothecaries, taught the art
By Doctors' bills to play the Doctor's part,
Bold in the practice of mistaken rules,
Prescribe, apply, and call their masters fools.
Some on the leaves of ancient authors prey,
Nor time nor moths e'er spoil'd so much as they:
Some drily plain, without invention's aid,
Write dull receipts how poems may be made;
These leave the sense, their learning to display,
And those explain the meaning quite away.

You then whose judgment the right course would steer,
Know well each Ancient's proper character;
His fable, subject, scope in ev'ry page;
Religion, country, genius of his age:
Without all these at once before your eyes,
Cavil you may, but never criticise.
Be Homer's works your study and delight,
Read them by day, and meditate by night;

O generoso Critico ao Poeta
Sómente abana o fogo; ao mundo ensina
A louvar com razão o que é louvavel.
Serve a Critica á Musa de criada,
Que a veste e adorna e faz par'cer mais bella:
Mas se desta intenção alguem se aparta,
Se corteja a criada, e deixa a dama;
Se as armas viram só contra os Poetas,
Aborrecendo assim quem os ensina,
São como os Boticarios, que estudando
A sciencia que teem pelás receitas,
O papel de doutores representam;
Atrevidos na prattica dos erros,
Receitam, matam, e dizem mal dos mestres.
Alguns tasquinham, roem folhas antigas,
Nem o tempo, nem traça destroe tanto:
Privados d'invenção, na insulsa forma
De planos pécos, outros nos fabricam
Receitas tolas de compor poemas;
De fofa erudição fazendo alarde,
Poem de parte o sentido quando explicam,
Ou de tal mòdo explicam, que este foge.

Vós cujo entendimento bem navega,
Julgai bem dos antigos o caracter;
Em cada folha discerni com gosto
A fabula, o assumpto, o fim proposto;
Religião, paiz, genio da idade:
Sem ter nisto, a um tempo, os olhos fitos,
Invectivar podeis, criticar nunca.
Vosso estudo e deleite as obras sejam
Do vate Homero, do Parnaso gloria;
Lede-o de dia, á noite meditai-o;

Thence form your judgment, thence your maxims bring,
And trace the Muses upward to their spring.
Still with itself compar'd his text peruse;
And let your comment be the Mantuan Muse.

When first young Maro in his boundless mind
A work t'outlast immortal Rome design'd,
Perhaps he seem'd above the Critic's law,
And but from Nature's fountains scorn'd to draw:
But when t'examine ev'ry part he came,
Nature and Homer were, he found, the same.
Convinc'd, amaz'd, he checks the bold design:
And rules as strict his labour'd work confine,
As if the Stagirite o'erlook'd each line.
Learn hence from ancient rules a just esteem;
To copy Nature is to copy them.

Some beauties yet no precepts can declare,
For there's a happiness as well as care.
Music resembles Poetry; in each
Are nameless graces which no methods teach,
And which a master-hand alone can reach.
If, where the rules not far enough extend,
(Since rules were made but to promote their end)
Some lucky licence answer to the full

Por elle modelai vosso juizo,
Tirai maximas delle que vos levem
Até á origem da Castalia fonte.
Lede, relede o texto; comparai-o (6)
Comsigo mesmo; e logo depois seja
A Mantuana Musa seu commento.

Quando na mente immensa o moço Maro (7)
Primeiro desenhou obra tão rara,
Que havia durar mais que a immortal Roma,
Parecia talvez que desprezando
Da Critica os preceitos, só queria
As fontes esgotar da Natureza:
Mas depois, quando vio parte por parte
O que tinha composto, e a gentileza,
Vio que era o mesmo Homero e Natureza.
Convencido, o designio audaz reprime;
Estrictamente ás regras se conforma,
E a trabalhosa empreza continúa
Bem como se presente o Stagirita (8)
Attento presidisse a cada linha.
A justa estima das antigas regras
Daqui se aprenda; Natureza imita
Só quem as segue, quem imita Homero.

Bellezas ha que as regras não declaram,
Que nascem de ventura e de cuidado.
Musica e Poesia se assemelham;
Graças sem nome e sem lições teem ambas,
Que só attinge mão de mestre, ás vezes.
Se onde as regras não chegam quanto basta, (9)
(Pois são methodo só de encher assumptos)
Uma feliz licença corresponde

Th' intent propos'd, that licence is a rule.
Thus Pegasus, a nearer way to take,
May boldly deviate from the common track.
From vulgar bounds with brave disorder part,
And snatch a grace beyond the reach of art,
Which, without passing through the judgment, gains
The heart, and all its end at once attains.
In prospects thus some objects please our eyes,
Which out of Nature's common order rise,
The shapeless rock, or hanging precipice.
Great Wits sometimes may gloriously offend,
And rise to faults true Critics dare not mend.
But tho' the Ancients thus their rules invade,
(As Kings dispense with laws themselves have made)
Moderns, beware! or if you must offend
Against the precept, ne'er transgress its end;
Let it be seldom, and compell'd by need;
And have, at least, their precedent to plead.
The Critic else proceeds without remorse;
Seizes your fame, and puts his laws in force.

I know there are, to whose presumptuous thoughts
Those freer beauties, ev'n in them, seem faults.
Some figures monstrous, and mis-shap'd appear,
Consider'd singly, or beheld too near;
Which, but proportion'd to their light or place,
Due distance reconciles to form and grace.
A prudent chief not always must display
His pow'rs in equal ranks, and fair array,
But with th' occasion and the place comply,

Ao intento, então é regra a licença.
Pégaso assim, para encurtar caminho,
Foge atrevido da trilhada senda,
Do limite vulgar audaz se affasta,
E ganha graça alem do alcance d'arte;
A qual, sem respeitar censuras, vence
Os corações, e chega ao fim de um salto.
Fóra da ordem natural das cousas
Algumas ha de que o prospecto agrada;
Informes rochas, precipicios, grutas.
Grandes genios tambem erram com gloria,
Fazem erros que a Critica respeita.
Mas se os antigos ás leis proprias faltam,
(Como Reis que revogam leis que fazem)
Vós, modernos, sentido! Se é preciso
Peccar contra o preceito, seu fim sempre
Vos esteja presente, em transgredindo:
Sejam raras as vezes, e forçadas,
Justificadas por exemplos grandes.
De outra sorte, sem freio, e sem remorso,
Da vossa fama a Critica se apossa,
Prosegue, e suas leis com força allega.

Bem sei que alguns, com presumida idéa,
Esses rasgos sublimes erros chamam;
Que as figuras ao perto, ou destacadas,
Monstros e informes cousas lhes parecem,
Ás quaes, no seu lugar e luz expostas,
A devida distancia concilia,
Co' a forma bella, graças e harmonia.
Nem sempre desenvolve um Chefe sabio (10)
Igualmente nos rangs poder e arreio;
Com seu tempo e lugar os proporciona;

Conceal his force, nay seem sometimes to fly.
Those oft'are stratagems which errors seem;
Nor is it Homer nods, but we that dream.

Still green with bays each ancient Altar stands,
Above the reach of sacrilegious hands;
Secure from Flames, from Envy's fiercer rage,
Destructive War, and all-involving Age.
See from each clime the learn'd their incense bring!
Hear, in all tongues consenting Pæans ring!
In praise so just let ev'ry voice be join'd,
And fill the general chorus of mankind.
Hail, Bards triumphant! born in happier days;
Immortal heirs of universal praise!
Whose honours with increase of ages grow,
As streams roll down, enlarging as they flow;
Nations unborn your mighty names shall sound,
And worlds applaud that must not yet be found!
O may some spark of your celestial fire,
The last, the meanest of your sons inspire,
(That on weak wings, from far, pursues your flights;
Glows while he reads, but trembles as he writes)
To teach vain Wits a science little known,
T'admire superior sense, and doubt their own!

Encobre a sua força; e mesmo ás vezes,
Por mais dissimular, finge uma fuga.
Estrátagemas ha que erros parecem;
Não cabecêa Homero; nós sonhamos. (11)

De louros verdes inda ornados vemos (12)
Os antigos altáres; não lhes chega
Nem sacrilega mão, nem voraz fogo;
Da colera feroz da Inveja isentos,
Da Guerra e Tempo gastador seguros.
Vede os Sabios, que vem trazendo incensos
De cada clima: os Pæans approvadores
Attentos escutai nas linguas varias!
Resoe em cada voz tão justo applauso,
E do genero humano o coro se encha.
Salve, ó Bardos sublimes, triumphantes,
Que nascestes em dias mais ditosos!
Herdeiros immortaes do geral premio!
Cujas honras c'o tempo vão crescendo,
Como engrossam torrentes que se augmentam
Á medida que as terras vão lavando:
Vossos nomes potentes, hão de ouvi-los
Nações que hão de nascer; hão de applaudi-los
Mundos que inda não foram descobertos.
Desse fogo celeste uma faisca
Venha inflammar a debil, triste Alcippe,
Que adejando de longe quer seguir-vos;
Que arde quando vos lê, treme se escreve
Para ensinar aos genios presumidos
A sciencia, que pouco se conhece,
De apreciar talentos superiores,
E com modestia duvidar dos proprios.

II.

Of all the causes which conspire to blind
Man's erring judgment, and misguide the mind,
What the weak head with strongest bias rules,
Is *Pride*, the never-failing vice of fools.
Whatever Nature has in worth deny'd,
She gives in large recruits of needful Pride;
For as in bodies, thus in souls, we find
What wants in blood and spirits, swell'd with wind:
Pride, where Wit fails, steps in to our defence,
And fills up all the mighty void of sense.
If once right reason drives that cloud away,
Truth breaks upon us with resistless day.
Trust not yourself; but your defects to know,
Make use of ev'ry friend-and ev'ry foe.
A *little learning* is a dang'rous thing;
Drink deep, or taste not the Pierian spring:
There shallow draughts intoxicate the brain,
And drinking largely sobers us again.
Fir'd at first sight with what the Muse imparts,
In fearless youth we tempt the heights of Arts,
While from the bounded level of our mind,
Short views we take, nor see the lengths behind;
But more advanc'd, behold with strange surprise,
New distant scenes of endless science rise!
So pleas'd at first the tow'ring Alps we try,
Mount o'er the vales, and seem to tread the sky,
Th' eternal snows appear already past,
And the first clouds and mountains seem the last:

II.

Das causas todas que a cegar conspiram
A mente errante, e a desgarrar o senso,
A que domina mais cabeças fracas
É Suberba, dos tolos vicio certo.
Quanto em merito nega a Natureza
Supprem remendos de preciso orgulho;
E assim como nos corpos, n'alma achamos
Que onde espirito e sangue falta ha vento:
Trepa a Suberba onde o juizo é nullo,
E se defende enchendo os vãos que encontra.
Se a Razão chega, e este vapor dissipa,
Sobre nós desce e rompe o dia claro
Da Verdade, com luz irresistivel.
Não nos fiemos de nós mesmos; quando (13)
Quizermos descobrir nossos defeitos
Consultemos amigos e inimigos.
Sabêr mesquinho é cousa perigosa;
Saciai-vos na fonte das Camenas,
Ou não proveis das suas aguas nunca:
O miôlo embriagam curtos goles;
Só bebendo a fartar a razão torna.
Sem medo a mocidade os altos d'Arte
Tenta logo que a Musa a favorece;
Quando, ao nivel de um animo pequeno,
Nem vê ao longe, nem o que atraz fica:
Se se adianta mais, com pasmo admira
Novas scenas distantes, sem limite,
Que a sciencia levanta, e vai mostrando.
Assim primeiro, commettendo alegres (14)
Os turrificos Alpes, nós cuidamos
Pisar o ceo; por ter vencido um valle
Que a neve eterna já findou; e as nuvens,
Montes primeiros, ultimos julgamos:

But, those attain'd, we tremble to survey
The growing labours of the lengthen'd way,
Th' increasing prospect tires our wand'ring eyes,
Hills peep o'er hills, and Alps on Alps arise!

A perfect Judge will read each work of Wit
With the same spirit that its author writ:
Survey the Whole, nor seek slight faults to find
Where nature moves, and rapture warms the mind;
Nor lose for that malignant dull delight,
The gen'rous pleasure to be charm'd with wit.
But in such lays as neither ebb nor flow,
Correctly cold, and regularly low,
That shunning faults, one quiet tenour keep;
We cannot blame indeed — but we may sleep.
In Wit, as Nature, what affects our hearts
Is not th' exactness of peculiar parts;
'Tis not a lip, or eye, we beauty call,
But the joint force and full result of all.
Thus when we view some well-proportion'd dome,
(The world's just wonder, and ev'n thine, O Rome!)
No single parts unequally surprise,
All comes united to th' admiring eyes;
No monstrous height, or breadth, or length appear;
The Whole at once is bold, and regular.

Whoever thinks a faultless piece to see,

Porêm, chegando lá, susto nos ganha;
Cresce o trabalho, estende-se o caminho;
Os vagabundos olhos não descançam
No crescido prospecto que apresenta
Outeiro sobre outeiro, Alpe sobre Alpe!

Um perfeito Juiz ha de ler sempre
Aquellas obras que produz o ingenho
No espirito do mesmo auctor que escreve:
As faltas não lhe explora, o todo observa;
E, por esse maligno e vão deleite
Que os reparos inspira, nunca troca
O prazer generoso de encantar-se
Co' as bellas producções do ingenho alheio.
Mas em versos sem fluxo nem refluxo,
Correctamente frios, sempre baixos,
Que evitam erros, sem tropeço marcham,
Não ha que criticar — dormir podemos.
O que em juizo, como em natureza,
Mais toca os corações, surpr'ende as almas,
Não consiste na exactidão das partes:
Não chamamos belleza a um beiço, a um olho;
A força junta, o pleno resultado
Das partes todas, constitue o bello.
Assim, quando um zimborio bem lançado, (15)
(Do mundo admiração, e tua, ó Roma!)
Vemos com pasmo, parte alguma vemos;
O todo unido apanham nossos olhos:
A monstruosa altura, o comprimento
Nem a larga extensão, nos fere a vista;
O todo regular e audaz nos pasma.

Quem sem defeitos uma peça espera

Thinks what ne'er was, nor is, nor e'er shall be.
In ev'ry work regard the writer's End,
Since none can compass more than they intend;
And if the means be just, the conduct true,
Applause, in spite of trivial faults, is due.
As men of breeding, sometimes men of wit,
T'avoid great errors, must the less commit;
Neglect the rules each verbal Critic lays,
For not to know some trifles, is a praise.
Most Critics, fond of some subservient art,
Still make the Whole depend upon a Part:
They talk of principles, but notions prize,
And all to one lov'd Folly sacrifice.

Once on a time, La Mancha's Knight, they say,
A certain Bard encount'ring on the way,
Discours'd in terms as just, with looks as sage,
As e'er could Dennis, of the Grecian stage;
Concluding all were desp'rate sots and fools,
Who durst depart from Aristotle's rules.
Our Author, happy in a judge so nice,
Produc'd his Play, and begg'd the Knight's advice;
Made him observe the subject, and the plot,
The manners, passions, unities; what not?
All which, exact to rule, were brought about,
Were but a combat in the lists left out.

Quer impossiveis; sem pensar pertende
O que não ha, nem haverá, nem houve.
Olhai pois para o fim do auctor das obras;
O que não intentou, ninguem o exija:
Se os meios foram bons, se é são, correcto,
Mesmo apesar de triviaes defeitos,
É-lhe devido applauso, applauso alcance.
Homens d'ingenho, e os homens bem criados,
Para evitar ás vezes grandes erros,
Precisam commetter erros pequenos:
Desprezar regras que em palavras mordem,
Ignorar bagatellas, tambem vale.
Criticos ha que, escravos d'alguma arte,
Fazem dependa o todo de uma parte:
Teem só noções, mas fallam de principios,
E á mania que teem tudo submettem.

Consta que um dia o Paladim da Mancha (16)
No caminho encontrou certo Poeta,
Com o qual discorreo com tanto acerto,
Disse em termos correctos taes sentenças
Sobre o Grego theatro, quaes não disse
Dennis jámais (conhecedor das artes);
Deo por nescios e loucos quem se atreve
A fugir dos preceitos d'Aristoteles.
O nosso auctor, feliz com tal censura,
Com juiz tão perito, ao cavalleiro
Uma comedia apresentou contente,
E pedio-lhe submisso o seu conselho:
Faz que o entrecho e que o assumpto observe,
As maneiras, paixões, as unidades, (17)
Tudo, n'uma palavra; e mais, se houvera;
Mas faltava uma justa nesta peça.

« What! leave the combat out? » exclaims the Knight;
Yes, or we must renounce the Stagirite.
« Not so by Heav'n! » (he answers in a rage)
« Knights, squires, and steeds, must enter on the stage. »
So vast a throng the stage can ne'er contain.
« Then build a new, or act it in a plain. »

Thus Critics of less judgment than caprice,
Curious, not knowing, not exact but nice,
Form short Ideas; and offend in arts
(As most in manners) by a love to parts.

Some to *Conceit* alone their taste confine,
And glitt'ring thoughts struck out at ev'ry line;
Pleas'd with a work where nothing's just or fit;
One glaring Chaos and wild heap of wit.
Poets, like painters, thus, unskill'd to trace
The naked nature and the living grace,
With gold and jewels cover ev'ry part,
And hide with ornaments their want of art.
True Wit is Nature to advantage dress'd,
What oft' was thought, but ne'er so well express'd;
Something, whose truth convinc'd at sight we find,
That gives us back the image of our mind.
As shades more sweetly recommend the light,

« Que escuto! (exclama em furia o cavalleiro)
« Porque supprime a justa? » — Sim, supprimo,
Ou renuncio ás leis do Stagirita.
Enraivecido grita D. Quixote:
« Não deve ser assim; os Ceos attesto!
« Os cavalleiros, pagens, ursos, lanças
« Devem entrar na scena, sem fallencia. »
— Porêm não cabem lá — « Outra construa;
« Represente n'um campo, ou bem na rua. »

Assim julgam Censores que possuem
Menos bom senso que capricho e teima;
Curiosos e ignaros, pouco exactos,
Mas melindrosos, simples *dilectantes*,
Formam curtas idéas, a arte offendem
Tanto em maneiras, que em paixão por partes.

Quantos ha que se esmeram nos *conceitos!*
Em cada verso marchetado estallam
Lustrosos pensamentos; apresentam
Nas obras em que nada é proprio, é justo,
Um chaos bello, e de juizo aos montes.
Poetas, quaes Pintores pouco destros,
Que a Natureza nua, as Graças vivas
Não sabem debuxar correctamente,
Com douradura e joias cobrem tudo,
C'os adornos escondem falta d'arte.
Verdadeiro juizo é Natureza,
Com garbo e com vantagem revestida;
O que todos pensaram, ninguem disse;
O quer que seja que convence logo,
E reproduz a imagem que está n'alma.
Bem como a luz resalta mais co' a sombra,

So modest plainness sets off sprightly wit.
For works may have more wit than does 'em good,
As bodies perish thro' excess of blood.

Others for *Language* all their care express,
And value books, as women men, for dress:
Their praise is still, — The Style is excellent;
The Sense, they humbly take upon content.
Words are like leaves; and where they most abound,
Much fruit of sense beneath is rarely found:
False eloquence, like the prismatic glass,
Its gaudy colours spreads on ev'ry place;
The face of Nature we no more survey,
All glares alike, without distinction gay:
But true Expression, like th' unchanging Sun,
Clears and improves whate'er it shines upon,
It gilds all objects, but it alters none.
Expression is the dress of thought, and still
Appears more decent, as more suitable;
A vile conceit in pompous words express'd
Is like a clown in regal purple dress'd:
For diff'rent styles with diff'rent subjects sort,
As sev'ral garbs with country, town, and court.
Some by old words to fame have made pretence,
Ancients in phrase, meer moderns in their sense;
Such labour'd nothings, in so strange a style,
Amaze th' unlearn'd, and make the learned smile.
Unlucky, as Fungoso in the Play,
These sparks with aukward vanity display
What the fine gentleman wore yesterday;
And but so mimic ancient wits at best,

Co' a singella modestia brilha o ingenho.
Excesso de juizo as obras perde,
Como excesso de sangue os corpos mata.

Outros na lingua poem todo o cuidado;
Estimam livros como estimam damas
Pelo traje sómente; esquecem a alma.
Gabam assim: *O estylo é muito bello!*
Teem ditto: e nada cuidam no sentido;
Seja qual for, com elle se contentam.
São como as folhas as palavras; muitas,
Dos fructos da razão indicam poucos:
É como o prisma uma eloquencia falsa,
Que as suas cores sobre tudo espalha;
Da Natureza a face então não vemos,
Tudo brilha, é matiz confuso e alegre:
Mas a justa expressão, qual Sol constante,
Melhora, aclara aquillo que allumia,
Doura os objectos sem que altere a essencia.
E das idéas traje a expressão bella;
Mas um conceito vil ditto com pompa
É um pelão de purpura vestido:
Pois o estylo varía em cada assumpto,
Traje ha de corte, campo, e de cidade.
Com termos velhos muitos querem fama,
Em phrase antigos, moços em bom senso:
Tão trabalhoso nada, estranho estylo
Pasma ignorantes, mas faz rir os sabios:
Infeliz, qual Peralta na comedia, (18)
Que desastrado e presumido intenta
Imitar os casquilhos bem fallantes:
Arremedar antigos neste tempo,
Fallar como fallavam, vale o mesmo

As apes our grandsires, in their doublets drest.
In words, as fashions, the same rule will hold;
Alike fantastic, if too new, or old:
Be not the first by whom the new are try'd
Nor yet the last to lay the old aside.

But most by Numbers judge a Poet's song;
And smooth or rough, with them, is right or wrong:
In the bright Muse, tho' thousand charms conspire,
Her Voice is all these tuneful fools admire;
Who haunt Parnassus but to please their ear,
Not mend their minds; as some to church repair,
Not for the doctrine, but the music there.
These equal syllables alone require,
Tho' oft the ear the open vowels tire;
While expletives their feeble aid do join;
And ten low words oft creep in one dull line:
While they ring round the same unvary'd chimes,
With sure returns of still expected rhymes;
Where-e'er you find « the cooling western breeze, »
In the next line, it « whispers through the trees: »
If crystal streans « with pleasing murmurs creep, »
The reader's threaten'd (not in vain) with « sleep! »
Then, at the last and only couplet fraught
With some unmeaning thing they call a thought,
A needless Alexandrine ends the song,
That, like a wounded snake, drags its slow length along.
Leave such to tune their own dull rhymes, and know
What's roundly smooth, or languishingly slow;
And praise the easy vigour of a line,

Que tomar por modelo as vestias d'abas
Com que nossos Avós faziam sécia.
Em termos, como em moda, a regra é certa;
Phantastica igualmente; se são novos,
Guardai-vos de usar cedo; e se são velhos,
Ultimo não sejais para exclui-los.

A cadencia do verso é quanto basta
Para muitos julgarem de um Poeta;
Suave ou rude, é máo ou bom com ella:
A Musa póde ter mil attractivos,
O melomane, a voz é que lhe admiram.
Quem pelo ouvido o Pindo só frequenta,
Não aproveita; é como esses devotos
Que as igrejas frequentam, por gostarem
Da musica inda mais que da doutrina.
Não querem mais que syllabas medidas,
Bem que abertas vogaes cancem o ouvido,
Quando explectivas n'um máo verso ajudam
A trepar nelle dez palavras baixas:
Em quanto o carrilhão sabido tocam,
Vem sem fallencia a rhima conhecida;
Onde acharmos que o Zephyro *suspira*,
No que segue, entre as folhas se *retira:*
Se vai sereno o rio que *abandono*,
Arrisco o meu leitor a ganhar *somno*.
Mas em fim, uma estrophe é necessaria:
Supprem com certo insulso ditto a idéa,
Que um escusado Alexandrino acaba,
E qual ferida cobra alli se estira.
Deixá-los entoar insulsas rhymas,
E saibamos o que é suave ou frouxo;
O vigor facil de um bom verso amemos,

Where Denham's strength, and Waller's sweetness join.
True ease in writing comes from art, not chance,
As those move easiest who have learn'd to dance.
'Tis not enough no harshness gives offence,
The sound must seem an Echo to the sense:
Soft is the strain when Zephyr gently blows,
And the smooth stream in smoother numbers flows;
But when loud surges lash the sounding shore,
The hoarse, rough verse should like the torrent roar:
When Ajax strives some rock's vast weight to throw,
The line too labours, and the words move slow:
Not so, when swift Camilla scours the plain,
Flies o'er th' unbending corn, and skims along the main.
Hear how Timotheus' vary'd lays surprise,
And bid alternate passions fall and rise!
While at each change, the son of Libyan Jove
Now burns with glory, and then melts with love;
Now his fierce eyes with sparkling fury glow,
Now sighs steal out, and tears begin to flow:
Persians and Greeks like turns of nature found,
And the world's victor stood subdu'd by sound!
The pow'r of Music all our hearts allow,
And what Timotheus was, is Dryden now.

Avoid extremes; and shun the fault of such,
Who still are pleas'd too little or too much.

Que á doçura de Waller junta a força
Com que Denham faz resoar a lyra.
Vem d'arte o escrever bem, não vem do acaso;
Quem aprende a dançar, melhor se move.
Não basta ao verso ser brando, innocente;
O som deve ser echo do sentido:
É doce o verso em que o Favonio sopra,
Placido corre o numero cadente
Que o murmurío imita da corrente;
Mas quando a vaga altiva a praia bate,
Affoito, impetuoso se encapelle;
Como a torrente rouca, o verso atroe:
Se com pesadas rochas Ajax tenta
Com violencia atirar, forceje o verso,
Os termos com trabalho vão nascendo:
Não assim, se as espigas se não vergam,
Se as espumas do mar se não desfazem
Quando Camilla rapida passêa.
A Timotheo escutai nos sons variados, (19)
Como accende as paixões, como as acalma!
Cada modulação cria um prodigio:
Do Libyo Jove o filho n'alma sente
Ora um ardor de gloria que o devora,
Ora de amor um fogo que o derrete;
Saem de seus olhos dardos furiosos,
Rompem seu peito os ais, seu pranto corre:
Gregos e Persas concilia o canto,
Ao vencedor do mundo o som subjuga!
Da Musica ao podêr ob'decem todos;
E o que Timotheo foi, Dryden imita,
Fôra Bocagé, que ultrajou Fortuna.

Extremos evitai, e as faltas desses
A quem as cousas muito ou nada agradam.

At ev'ry trifle scorn to take offence,
That always shews great pride, or little sense:
Those heads, as stomachs, are not sure the best,
Which nauseate all, and nothing can digest.
Yet let not each gay Turn thy rapture move;
For fools admire, but men of sense approve:
As things seem large which we through mists descry,
Dulness is ever apt to magnify.

Some foreign writers, some our own despise;
The Ancients only, or the Moderns prize.
Thus Wit, like Faith, by each man is apply'd
To one small sect, and all are damn'd beside.
Meanly they seek the blessing to confine,
And force that Sun but on a part to shine,
Which not alone the southern wit sublimes,
But ripens spirits in cold northern climes;
Which from the first has shone on ages past,
Enlights the present, and shall warm the last;
Tho' each may feel increases and decays,
And see now clearer and now darker days.
Regard not then if Wit be old or new,
But blame the false, and value still the true.

Some ne'er advance a Judgment of their own,
But catch the spreading notion of the Town;
They reason and conclude by precedent,
And own stale nonsense which they ne'er invent.
Some judge of authors names, not works, and then
Nor praise nor blame the writings, but the men.

Picar-se com qualquer ligeiro escarneo
Mostra muita suberba, e pouco senso:
Cabeças, como estomagos, não prestam
Se não digerem nada, se os enjoa
Quanto comem, por bom ou máo que seja.
Não é justo tambem que extasis cause
Qualquer ditto jocoso, qualquer phrase;
Tolos admiram, o bom senso approva:
Entre nevoas avultam os objectos,
A ignorancia engrandece sempre as cousas.

Auctores estrangeiros se reprovam,
E certos homens só dão preço aos proprios;
Gostam de antigos seus, ou seus modernos;
Fazem do ingenho monopolio, e fingem
Que o mundo em trevas d'ignorancia dorme:
O Sol mesmo a brilhar forçam n'um canto;
Sol, que não só no sul sublima ingenhos,
Mas que os genios no frio norte aquece;
O qual brilhou na idade já passada,
Luz na presente, ha de inflammar vindouras,
Bem que umas vezes cresça, outras descaia,
Que hajam mais claros, mais escuros dias.
Pouco importa juizo velho ou novo;
O falso censurai, louvai o justo.

Quantos ha que não teem juizo proprio!
Julgam, concluem pelo antecedente
C'uma asneira sédiça, sem que ao menos
Gozem do privilegio d'inventá-la.
Pelo nome do auctor muitos decidem,
Não pelas obras, não; e neste caso
Não julgam dos escriptos, mas dos homens.

Of all this servile herd, the worst is he
That in proud dulness joins with Quality.
A constant Critic at the great man's board,
To fetch and carry nonsense for my Lord.
What woful stuff this madrigal would be,
In some starv'd hackney sonneteer, or me?
But let a Lord once own the happy lines,
How the wit brightens! how the style refines!
Before his sacred name flies ev'ry fault,
And each exalted stanza teems with thought!

The Vulgar thus through Imitation err;
As oft the Learn'd by being singular;
So much they scorn the croud, that if the throng
By chance go right, they purposely go wrong:
So Schismatics the plain believers quit,
And are but damn'd for having too much wit.
Some praise at morning what they blame at night;
But always think the last opinion right.
A Muse by these is like a mistress us'd,
This hour she's idoliz'd, the next abus'd;
While their weak heads, like towns unfortify'd,
'Twixt sense and nonsense daily change their side.
Ask them the cause; they 're wiser still, they say;
And still to-morrow's wiser than to-day.
We think our fathers fools, so wise we grow;
Our wiser sons, no doubt, will think us so.

Deste rebanho vil o mais abjecto
É quem fofa tolice une á nobreza,
E Critico constante n'um palacio
Traz e leva inepcías de um Ministro.
Que tal peça seria uma cantiga,
Se um poeta rafado, qual me sinto,
A tivesse composto?—Se um valido,
Um Presidente acaso condescende
A dar por sua a quadra, que prodigio!
Que raro ingenho, que suave estylo!
Ante o nome sagrado os erros fogem,
E na strophe sublime idéas fervem.

Erra o vulgo imitando; o sabio, sendo
Em tudo singular, tambem tropeça;
Tanto despreza a multidão, que ás vezes
Vai ás avessas, se ella vai direita:
Scismatico, dos crentes simples zomba,
E á força de juizo se condemna.
Apologistas e censores, outros
De manhã louvam o que á tarde accusam;
Sempre a ultima idéa lhes tem conta.
Trattam a Musa como a incauta dama
Que ora idolatram, que depois insultam;
Entre senso e tolice vacillantes,
Estas cabeças debeis se parecem
Co' as villas que não são fortificadas,
Que a frente e lado a cada ataque mudam.
Perguntai-lhe o porquê:—melhor accôrdo
Dizem que teem, e que progressos fazem;
Serão mais sabios ámanhã do que hoje.
Tanto cresce o sabêr em nós, que tolos
Julgamos nossos paes; filhos mais sabios
Assim nos julgarão quando crescerem.

Once School-divines this zealous isle o'er-spread;
Who knew most Sentences, was deepest read;
Faith, Gospel, all, seem'd made to be disputed,
And none had sense enough to be confuted:
Scotists and Thomists, now, in peace remain,
Amidst their kindred cobwebs in Duck-lane. (*)
If Faith itself has diff'rent dresses worn,
What wonder modes in Wit should take their turn?
Oft, leaving what is natural and fit,
The current folly proves the ready wit;
And authors think their reputation safe,
Which lives as long as fools are pleas'd to laugh.

Some valuing those of their own side or mind,
Still make themselves the measure of mankind:
Fondly we think we honour merit then,
When we but praise ourselves in other men.
Parties in Wit attend on those of State,
And public faction doubles private hate.
Pride, Malice, Folly, against Dryden rose,
In various shapes of Parsons, Critics, Beaus;
But sense surviv'd when merry jests were past;
For rising merit will buoy up at last.
Might he return, and bless once more our eyes,
New Blackmores and new Milbourns must arise:
Nay should great Homer lift his awful head,

(*) Lugar junto a Smithfield, onde antigamente se vendiam livros velhos em segunda mão.

Já Theologos mil, qual praga, um dia
Estas ilhas cobrio; e foram lidos
Com tanto mais ardor quanto as sentenças
Foram mais numerosas, mais audazes:
Parecia que a Fé, que os Evangelhos,
Só para disputá-los existiam.
Agora, em paz, Thomístas, Scotistas,
Jazem mortos nas lojas dos livreiros,
Entre as têas d'aranha, traça ou ratos.
Se a Fé mesma trajou roupas da moda,
Que tem que a moda no juizo impere?
Pondo de parte quanto é proprio e justo,
Mostrando ingenho prompto em frioleiras,
Auctores taes suppoem salvos seus nomes,
Sua reputação segura, em quanto
Agrada aos asnos celebrar seus chistes.

Ha gentes partidistas que só amam
Quem concorda com elles; de si fazem
Para o genero humano uma medida;
Áquelles onde a nós nelles achamos,
Approvação, ternura, apreço damos.
Estes partidos são como os do Estado,
Facção publica dobra odios secretos.
Contra Dryden desdem, malicia, orgulho
Em formas varias, loucas, se levanta;
Mas o bom senso supervive ás chufas,
E o merito por fim se eleva e surge.
Ah! se voltasse Dryden, se benigno
Aos nossos olhos inda se mostrasse,
Nasceriam Blackmores e Milbournes:
E se de Homero a frente respeitavel
Levantada do tumulo se visse,

Zoilus again would start up from the dead.
Envy will merit, as its shade, pursue;
But like a shadow, proves the substance true:
For envy'd Wit, like Sol eclips'd, makes known
Th' opposing body's grossness, not its own.
When first that sun too pow'rful beams displays,
It draws up vapours which obscure its rays;
But ev'n those clouds at last adorn its way,
Reflect new glories and augment the day.

Be thou the first true merit to befriend;
His praise is lost, who stays till all commend.
Short is the date, alas! of modern rhymes,
And 'tis but just to let them live betimes.
No longer now that golden age appears,
When Patriarch-wits surviv'd a thousand years:
Now length of Fame (our second life) is lost,
And bare threescore is all ev'n that can boast;
Our sons their fathers' failing language see,
And such as Chaucer is shall Dryden be.
So when the faithful pencil has design'd
Some bright Idea of the master's mind,
Where a new world leaps out at his command,
And ready nature waits upon his hand:
When the ripe colours soften and unite,
And sweetly melt into just shade and light;
When mellowing years their full perfection give,
And each bold figure just begins to live,

D'entre os mortos surgiram Zoilos novos;
Seguira a inveja o merito qual sombra,
Provando da substancia a realidade.
Genio invejado é Sol quando s'eclipsa;
O corpo que se oppõe mostra quão pouco
A sua propria forma iguala est'outra:
Quando esse Sol potente os raios darda,
Vapor attrahe que os raios obscurece;
Porêm nuvens o seu caminho adornam,
Reflectem nova gloria, a luz se augmenta.

Favorecei o merito depressa,
Sede o primeiro; pouco vale o applauso
Quando é forçado pela voz de todos:
E justiça sómente o exige cedo,
Pois teem curto durar modernas rhymas.
Ai de nós! já fugio a idade d'ouro:
Então, dos Patriarchas o talento
Mil annos gloriosos excedia:
Da fama (que é segunda vida nossa)
O comprimento é nullo; doze lustros
É, quando muito, o que ostentar podemos;
Nossos filhos dos paes notam as faltas
Da lingua decadente; qual foi Chaucer
Será Dryden, e os Vates que hoje escrevem.
Assim, quando o fiel pincel exprime
D'alma de mestre uma brilhante idéa
De que resalta um novo mundo, e surge,
Quando elle ordena, prompta a Natureza;
Lá onde as cores brandas bem unidas
Se fundem propriamente em luz e sombra,
E que os annos maduros a completam,
Que a figura a viver começa ousada,

The treach'rous colours the fair art betray,
And all the bright creation fades away!

Unhappy Wit, like most mistaken things,
Atones not for that envy which it brings.
In youth alone its empty praise we boast,
But soon the short-liv'd vanity is lost:
Like some fair flow'r the early spring supplies,
That gaily blooms, but e'en in blooming dies.
What is this Wit, which must our cares employ?
The owner's wife, that other men enjoy;
Then most our trouble still when most admir'd,
And still the more we give, the more requir'd;
Whose fame with pains we guard, but lose with ease,
Sure some to vex, but never all to please;
'Tis what the vicious fear, the virtuous shun,
By fools 'tis hated, and by knaves undone!

If Wit so much from Ign'rance undergo,
Ah let not learning too commence its foe!
Of old, those met rewards who could excell,
And such were prais'd who but endeavour'd well:
Though triumphs were to gen'rals only due,
Crowns were reserv'd to grace the soldiers too.
Now, they who reach Parnassus' lofty crown,
Employ their pains to spurn some others down;
And while self-love each jealous writer rules,
Contending wits become the sport of fools;
But still the worst with most regret commend,

Traidoras cores a bella arte offendem,
E a producção brilhante murcha e morre!

Como outras cousas vãs, triste juizo!
Tu não pagas a inveja que te segue.
Quando moços, teus premios vãos nos tentam;
Mas a breve vaidade cêdo acaba,
Como a flor bella que florece em Maio,
E, florecendo, mesmo em pompa morre.
Que és pois, juizo, que tão caro custas?
És origem de pena ao proprietario,
E somente de ti herdeiros gozam;
Mais nos perturbas quanto mais te admiram,
Quanto mais damos, mais de nós requerem;
Tua fama se alcança com trabalho,
E facilmente a perde quem a alcança;
Dom que a poucos agrada, e a muitos cança;
Que o vicio teme, e que a virtude evita,
O estupido aborrece, e que o máo perde.

Se os de juizo aos nescios tanto aturam,
Não venham, não, os sabios persegui-los.
Dos antigos só premios conseguiam
Os d'excellencia grande; bem que louvem
Outros que só tentaram consegui-la;
Se aos Generaes se devem os triumphos,
C'roas houve tambem para os Soldados.
Hoje os que ganham o alto do Parnaso
Trabalham em fazer cair os outros;
E em quanto a presumpção conduz a penna
De um invejoso auctor, estas disputas
Dos sabios vem a ser riso dos nescios:
O peor é (com magoa e dor o aponto)

For each ill Author is as bad a Friend.
To what base ends, and by what abject ways,
Are mortals urg'd through sacred lust of praise!
Ah! ne'er so dire a thirst of glory boast,
Nor in the Critic let the Man be lost.
Good-nature and good sense must ever join;
To err is human, to forgive, divine.

But if in noble minds some dregs remain
Not yet purg'd off, of spleen and sour disdain;
Discharge that rage on more provoking crimes,
Nor fear a dearth in these flagitious times.
No pardon vile Obscenity should find,
Tho' wit and art conspire to move your mind;
But Dulness with Obscenity must prove
As shameful sure as Impotence in love.
In the fat age of pleasure, wealth, and ease,
Sprung the rank weed, and thriv'd with large increase:
When love was all an easy Monarch's care;
Seldom at council, never in a war:
Jilts rul'd the state, and statesmen farces writ:
Nay wits had pensions, and young Lords had wit:
The Fair sat panting at a Courtier's play,
And not a Mask went unimprov'd away:
The modest fan was lifted up no more,
And Virgins smil'd at what they blush'd before.
The following licence of a Foreign reign
Did all the dregs of bold Socinus drain;

Que um auctor máo é sempre máo amigo.
Com que fins baixos, com que abjectos meios
Insta aos mortaes o louco amor da fama!
Nunca tal sêde de uma glòria errada
Na Critica mergulhe homens sensatos.
Bom-senso e coração unidos andem;
Errar é de homens, perdoar, divino.

Porêm se algumas fezes de fastio,
Ou de rancor, contêm o animo nobre,
Em crimes mais picantes descarregue
O seu furor; não tema que lhe falte
Em tão perverso tempo assumpto vasto.
Não alcancem perdão obscenos versos,
Bem que nelles conspire arte e juizo
A seduzir a mente, a commover-nos:
Mas parvoice obscena é vergonhosa
Como insultos que Amor nojento engeita.
No seculo nutrido dos prazeres,
Da riqueza, do commodo, é que nasce
Viçoso o joio, entr'elles medra e cresce:
Quando um Monarcha todo a amor se entrega; (20)
Que a Justiça, o Conselho, a Guerra esquece;
Regem loucas o Reino; os Estadistas
Compoem comedias, madrigaes, e farças;
Não só casquilhos teem pensões e ingenho:
Mas, palpitando, as damas no theatro
Do libertino o drama impuro admiram;
A mascara grangêa adiantamento;
O leque honesto já não cobre o rosto,
E as virgens riem do que antes as córava.
De um reino estranho a libertina moda (21)
Seccou do audaz Socino as fezes todas:

Then unbelieving Priests reform'd the nation,
And taught more pleasant methods of salvation;
Where Heav'n's free subjects might their rights dispute,
Lest God himself should seem too absolute:
Pulpits their sacred satire learn'd to spare,
And Vice admir'd to find a flatt'rer there!
Encourag'd thus, Wit's Titans brav'd the skies,
And the press groan'd with licens'd blasphemies.
These monsters, Critics! with your darts engage,
Here point your thunder, and exhaust your rage!
Yet shun their fault, who, scandalously nice,
Will needs mistake an author into vice;
All seems infected that th' infected spy,
As all looks yellow to the jaundic'd eye.

III.

Learn then what morals Critics ought to show,
For 'tis but half a Judge's task, to know,
'Tis not enough, taste, judgment, learning, join;
In all you speak, let truth and candour shine:
That not alone what to your sense is due
All may allow; but seek your friendship too.

Be silent always, when you doubt your sense;
And speak, tho' sure, with seeming diffidence:
Some positive, persisting fops we know,
Who, if once wrong, will needs be always so;

Um incredulo Clero ao depois veio
Reformar a nação, e dar-lhe a norma
De salvar-se sem custo, alegrémente:
Muito absoluto Deos lhe parecera
Se os vassallos do Ceo não discutissem
Seus suppostos direitos livremente.
O pulpito aprendeo a pôr limites
Ás satiras sagradas; nelle acharam,
Com pasmo, os Vicios lisongeiro amparo.
Animados assim, Titaneos Genios
Escalaram os ceos; gemeo a imprensa
Com blasphemias louvadas, permittidas.
Destes monstros, ó Critica! vingai-vos;
Exhauri vossas iras, vossos dardos,
Lançai vossos trovões sobre taes impíos!
Mas evitai comtudo nimio escrupulo,
Que um necessario vicio encontra em tudo,
Como a ictericia vê tudo amarello.

III.

Aprendei qual moral Criticos devem
Ensinar, pois saber é só metade
Do officio de juiz; não é bastante
Unir sciencia ao gosto, arte ao juizo:
Brilhe a candura, brilhe a sã verdade
Em tudo o que se diz, a fim que todos
Á razão vossa deem quanto vos devem,
E sollicitem ser tambem amigos.

Calai, se duvidais do proprio senso;
Fallai, quando estais certos, com modestia:
Ha pedante teimoso e positivo,
Que, se uma vez errar, ha de errar sempre.

But you, with pleasure own your errors past,
And make each day a critique on the last.

'Tis not enough your counsel still be true;
Blunt truths more mischief than nice falshoods do;
Men must be taught as if you taught them not,
And things unknown propos'd as things forgot.
Without Good-Breeding, truth is disapprov'd;
That only makes superior sense belov'd.

Be niggards of advice on no pretence;
For the worst avarice is that of sense.
With mean complacence ne'er betray your trust,
Nor be so civil as to prove unjust.
Fear not the anger of the wise to raise;
Those best can bear reproof, who merit praise.

'Twere well might Critics still this freedom take,
But Appius reddens at each word you speak,
And stares, tremendous, with a threat'ning eye,
Like some fierce tyrant in old tapestry.
Fear most to tax an honourable fool,
Whose right it is, uncensur'd to be dull;
Such, without wit, are Poets when they please,
As without learning they can take Degrees.
Leave dang'rous truths to unsuccessful Satires,
And flattery to fulsome Dedicators,

Confessai com prazer erros passados,
Criticai cada dia o precedente.

Não basta ser verdade o vosso aviso:
Falsidades polidas menos ferem,
As mais das vezes, que asperas verdades:
Homens se ensinam sem saber que aprendem,
O que ignoram suppõe-se que lhe esquece.
Sem bom-modo a verdade desagrada,
E só bom senso faz que seja amada.

Com pretexto nenhum negueis conselho;
A peor avareza é poupar senso.
Trahir por complacencia a confiança
É baixeza, é traição; e não se deve,
A fim de ser polido, ser injusto.
Não temais accender de um sabio as iras;
A correcção severa melhor soffre
Quem merito possue, quem o aprecia.

Bom fôra criticar com liberdade:
Mas Appio d'aqui vejo esbravejando, (22)
Tisnado pela raiva em que se accende;
Os espantados olhos em mim prega
Com furias e ameaços, qual gigante
De um panno de raz velho. — Que figura!
Não censureis um louco decorado,
De que o jus é ser asno impunemente:
Ha mil loucos, poetas porque querem,
Como sem lettras ha muitos doutores.
Deixai pois as verdades perigosas
Á desditosa Satira; as lisonjas
Para os auctores das Dedicatorias:

Whom, when they praise, the world believes no more,
Than when they promise to give scribling o'er.
'Tis best sometimes your censure to restrain,
And charitably let the dull be vain:
Your silence there is better than your spite,
For who can rail so long as they can write?
Still humming on, their drouzy course they keep,
And lash'd so long, like tops, are lash'd asleep.
False steps but help them to renew the race,
As, after stumbling, Jades will mend their pace.
What crowds of these, impenitently bold,
In sounds and jingling syllables grown old,
Still run on Poets in a raging vein,
Ev'n to the dregs and squeezing of the brain,
Strain out the last dull droppings of their sense,
And rhyme with all the rage of Impotence.

Such shameless Bards we have; and yet 'tis true,
There are as mad, abandon'd Critics too.
The bookful blockhead, ignorantly read,
With loads of learned lumber in his head,
With his own tongue still edifies his ears,
And always list'ning to himself appears.
All books he reads, and all he reads assails,
From Dryden's Fables down to Durfey's Tales.
With him most authors steal their works, or buy;
Garth did not write his own Dispensary.

O mundo nada crê no que elles gabam,
Nem tem fé nos escriptos que promettem.
Melhor é reprimir qualquer censura,
E deixar, por esmola, aos asnos fumo:
Vosso silencio então vale um desprezo;
E quem póde igualar, zombando, o muito
Que elles podem zurrar nos seus escriptos?
Rosnando vão na somnolenta estrada,
Qual pião fustigado que zunindo
Com tropeços a dança continúa,
Ou como a rossa (*) cae, e o passo emenda.
Quantos destes impenitentes vemos,
Que envelhecendo ao som dos consoantes,
De uma indomita vêa perseguidos,
Do miolo enfézado o succo espremem
Té ás ultimas pingas dá tolice,
E rhymam c'o furor de quem não póde!

Bardos tão vergonhosos inda têmos;
Mas é verdade que igualmente doidos
Criticos miseraveis nos não faltam.
O leitor cabeçudo, que sem fructo
Traz á cabeça carga de sciencias,
Co' a propria lingua seu ouvido encanta,
E parece que a si sómente escuta.
Lê tudo, e quanto lê affoito atáca:
Dryden, Pope, Camões, Ferreira, Horacio,
Mattos, Quita, Malhão, Medina, e Accursio:
Diz que são roubo ou compra, seus escriptos;
E os diversos auctores todos mede
Por uma vara, assim que impressos correm.

(*) Rossim, ou sendeiro; do francez *rosse*.

Name a new play, and he's the Poet's friend,
Nay show'd his faults — but when would Poets mend?
No place so sacred from such fops is barr'd,
Nor is Paul's church more safe than Paul's churchyard:
Nay, fly to Altars; there they 'll talk you dead;
For Fools rush in where Angels fear to tread.
Distrustful sense with modest caution speaks,
It still looks home, and short excursions makes;
But rattling nonsense in full vollies breaks,
And never shock'd, and never turn'd aside,
Bursts out, resistless, with a thund'ring tide.

But where's the man, who counsel can bestow,
Still pleas'd to teach, and yet not proud to know?
Unbiass'd, or by favour, or by spite;
Not dully prepossess'd, nor blindly right;
Tho' learn'd, well-bred; and tho' well-bred, sincere;
Modestly bold, and humanly severe;
Who to a friend his faults can freely show,
And gladly praise the merit of a foe?
Blest with a taste exact, yet unconfin'd;
A knowledge both of books and human kind;
Gen'rous converse; a soul exempt from pride;
And love to praise, with reason on his side?

Such once were Critics; such the happy few,
Athens and Rome in better ages knew.
The mighty Stagirite first left the shore,
Spread all his sails, and durst the deeps explore;

Se ha drama novo, é do Poeta amigo;
Mas aponta-lhe as faltas. — Que remedio
Podem ter taes cabeças, taes poetas?
Para estes não ha lugar sagrado,
Não vale a Igreja, nem o Cemiterio:
Se foges p'ra o altar, ahi te apanham,
E á força de fallar, ahi te matam;
Loucos se atrevem ao que respeitam Anjos.
Timido senso falla acautelado;
Entra em si, e não corre atraz dos outros:
O cascavél dos asnos tine ao longe,
Nada o contêm, de nada se desvia,
E arraza qual borrasca irresistivel.

Mas quem póde, sem custo, dar conselho,
Que ensina bem, e sem vaidade é sabio?
Que não céga a favor, nem turba ácinte;
Que sem teima ou paixão, no seu dictame,
Bem que sabio, é civil; e civil sendo,
É sincero e modestamente affoito;
É, com humanidade, bem severo;
Livremente ao amigo os erros nota,
Do inimigo, com gosto, os dons applaude?
De um tacto exacto, e sem limite ornado,
Como os livros, os corações conhece;
Generoso conversa; e sem suberba
Ama louvar, quando a razão o approva?

Taes algum dia os Criticos já foram;
Taes Athenas e Roma os vio ditosos.
O grande Stagirita, que primeiro (23)
Deixa a praia, e largando as velas todas,
Explorou sem temor profundidades,

He steer'd securely, and discover'd far,
Led by the light of the Mæonien star.
Poets, a race long unconfin'd, and free,
Still fond and proud of savage liberty,
Receiv'd his laws; and stood convinc'd 'twas fit,
Who conquer'd Nature, should preside o'er Wit.

Horace still charms with graceful negligence,
And without method talks us into sense,
Will, like a friend, familiarly convey
The truest notions in the easiest way.
He, who supreme in judgment, as in wit,
Might boldly censure, as he boldly writ,
Yet judg'd with coolness, tho' he sung with fire;
His Precepts teach but what his works inspire.
Our Critics take a contrary extreme,
They judge with fury, but they write with phlegm;
Nor suffers Horace more in wrong translations
By Wits, than Critics in as wrong quotations.

See Dionysius Homer's thoughts refine,
And call new beauties forth from ev'ry line!

Fancy and art in gay Petronius please,
The scolar 's learning, with the courtier 's ease.

In grave Quintilian's copious work, we find
The justest rules, and clearest method join'd;

Navegava seguro, conduzido
Pela Mæonia estrella; e vio ao longe.
Poetas, raça altiva, raça indocil,
Que a liberdade barbara inda amavam,
D'elle as leis receberam; justo acharam
Que quem poude vencer a Natureza,
Reger pudesse, e presidir ao Ingenho.

Com doce negligencia nos deleita,
E sem methodo Horacio nos ensina:
Como um amigo, em familiar discurso,
Pelo meio mais facil communica
As mais puras noções, mais verdadeiras.
Elle, supremo no juizo e senso,
Que affoito escreve, e censurar podia,
Frio critica, bem que ardendo cante:
Seus preceitos correctos não exigem
Senão quanto em seus versos nos inspira.
Seguem contrario extremo outros Censores;
Com furia julgam, mas com phleugma escrevem;
E Horacio, em traducções más, tanto soffre,
Quanto em criticas más, em notas loucas.

Como Dionysio apura os pensamentos
Do Vate Homero! Como em cada regra (24)
Faz resaltar bellezas que investiga!

Com que graça Petronio alegre junta
Á phantasia e gosto, ao sabêr vasto,
O facil tom do cortezão polido!

No extenso livro de Quintilio grave (25)
Achamos os preceitos mais exactos,

Thus useful arms in magazines we place,
All rang'd in order, and dispos'd with grace,
But less to please the eye, than arm the hand,
Still fit for use, and ready at command.

Thee, bold Longinus! all the Nine inspire,
And bless their Critic with a Poet's fire.
An ardent Judge, who, zealous in his trust,
With warmth gives sentence, yet is always just:
Whose own example strengthens all his laws;
And is himself that great Sublime he draws.

Thus long succeeding Critics justly reign'd,
Licence repress'd, and useful laws ordain'd.
Learning and Rome alike in empire grew;
And arts still follow'd where her eagles flew;
From the same Foes, at last, both felt their doom,
And the same age saw Learning fall and Rome.
With Tyranny, then Superstition join'd,
As that the body, this enslav'd the mind;
Much was believ'd, but little understood,
And to be dull was constru'd to be good;
A second deluge Learning thus o'er-run,
And the Monks finish'd what the Goths begun.

At length Erasmus, that great injur'd name,
(The glory of the Priesthood, and the shame!)
Stem'd the wild torrent of a barb'rous age,
And drove those holy Vandals off the stage.

Junto ás regras mais claras; uteis armas
Que em deposito temos arranjadas,
E dispostas com graça; sempre promptas,
Não para vão recreio; para armar-nos
Quando seja preciso pegar dellas.

Tu, Longino atrevido! as Musas todas (26)
Com poetico fogo te dotaram,
Inspirando-te a Critica sublime.
Juiz ardente, que zelando a empreza,
Com calor sentencêa, e sempre é justo!
Suas leis fortificam seus exemplos;
Elle é o mesmo *Sublime* que descreve.

Por longo tempo assim, e com justiça,
Os successivos Criticos reinaram,
Reprimindo a desordem, leis impondo.
Roma e Sciencia unidas prosperaram;
E das aguias no rasto as artes foram;
Ambas, em fim, dos mesmos inimigos
Cederam ao rigor; ambas findaram;
A um tempo Roma e Lettras se acabaram. (27)
Superstição unio co' a Tyrannia
A escravidão do animo e dos povos;
Muito se creo, mui pouco se entendia,
E julgou-se ser bom ignorar tudo:
Caío novo diluvio sobre a terra;
Dos Godos a irrupção rematam Frades. (28)

Erasmo em fim, tão censurado e grande, (29)
(Gloria do Clero, mas tambem vergonha)
Á torrente selvagem resistindo
De uma barbara idade, audaz expulsa
Esses beatos Vandalos da scena.

But see! each Muse, in Leo's golden days,
Starts from her trance, and trims her wither'd bays;
Rome's ancient Genius, o'er its ruins spread,
Shakes off the dust, and rears his rev'rend head.
Then Sculpture and her sister-arts revive;
Stones leap'd to form, and rocks began to live;
With sweeter notes each rising Temple rung;
A Raphael painted, and a Vida sung.
Immortal Vida: on whose honour'd brow
The Poet's bays and Critic's ivy grow:
Cremona now shall ever boast thy name,
As next in place to Mantua, next in fame!

But soon by impious arms from Latium chas'd,
Their ancient bounds the banish'd Muses pass'd.
Thence Arts o'er all the northern world advance,
But Critic-learning flourish'd most in France:
The rules a nation, born to serve, obeys;
And Boileau still in right of Horace sways.
But we, brave Britons, foreign laws despis'd,
And kept unconquer'd, and uncivliz'd;
Fierce for the liberties of wit, and bold,
We still defy'd the Romans, as of old.
Yet some there were, among the sounder few
Of those who less presum'd, and better knew,
Who durst assert the juster ancient cause,
And here restor'd Wit's fundamental laws.
Such was the Muse, whose rules and practice tell

Mas vede como cada Musa surge
Nos dias d'ouro de Leão, compondo (30)
Na frente augusta os louros, quasi murchos!
D'entre as ruinas sae tambem o Genio
Da antiga Roma; o musgo, o pó sacode,
E a veneranda face ás gentes mostrá.
A Esculptura co' as artes irmãs torna;
As pedras forma tomam, rochas vivem;
Nos Templos novos, doces cantos soam;
Um Raphael desenha, um Vida canta: (31)
Immortal Vida! em cuja honrada testa
O poetico louro brota, e crescem
As heras do Censor, do Mestre insigne:
Teu nome applaudirá Cremona sempre,
Como perto de Mantua, e perto em fama! (32)

Mas cêdo, pelas impias armas, cêdo
Expulsadas do Lacio, degradadas,
O limite primeiro as Musas passam.
O Norte frio então acolhe as artes,
Mas a Critica em França é que florece;
As regras a nação servil submettem;
C'o sceptro de Venusa Boileau reina.
Vós, Bretões! que zombais de leis estranhas,
Não vos vence ninguem, nem civilisa:
Altivos, por pensar com liberdade,
Dais a Roma atrevido desafio,
Insultais mesmo a seria antiguidade.
Comtudo, certos ha, poucos, mas justos,
Que mais sabem, porêm menos presumem;
Que pugnar ousam pelo jus de antigos,
E restaurar as priscas leis do Ingenho.
Tal era a Musa cujo exemplo e canto (33)

« Nature's chief Master-piece is writing well. »
Such was Roscommon, not more learn'd than good,
With manners gen'rous as his noble blood;
To him the Wit of Greece and Rome was kown,
And ev'ry author's merit, but his own.
Such late was Walsh — the Muse's judge and friend,
Who justly knew to blame or to commend;
To failings mild, but zealous for desert;
The clearest head, and the sincerest heart.
This humble praise, lamented shade! receive,
This praise at least a grateful Muse may give:
The Muse, whose early voice you tought to sing,
Prescrib'd her heights, and prun'd her tender wing,
(Her guide now lost) no more attempts to rise,
But in low numbers short excursions tries:
Content, if hence th' unlearn'd their wants may view,
The learn'd reflect on what before they knew:
Careless of censure, nor too fond of fame;
Still pleas'd to praise, yet not afraid to blame;
Averse alike to flatter, or offend;
Not free from faults, nor yet too vain to mend.

Este axioma docemente exprime:
« Bem compor é primor da Natureza. »
Tal Roscommon, tão justo como sabio, (34)
Era em modo tão nobre como em sangue;
Conhecia de Roma e Grecia os Genios,
E, excepto o seu, o merito de auctores.
Tal foi Walsh, juiz da Musa, e amigo, (35)
Que o louvor e censura exacto dava;
Brando nas faltas, mas cioso sempre
Da perfeição e graça dos discursos;
Claro d'ingenho, e coração sincero.
Sombra chorada! este epicedio acceita,
Que, ao menos grata, a Musa te dedica:
A Musa, cuja fraca voz guiaste
Para cantar em tom mais levantado,
Que ajudaste a subir, e a que aparaste
Das tenras azas as inuteis plumas,
Sem mestre agora, já subir não ousa,
Vai terra a terra os graves tons soltando:
Feliz, se nelles podem ver seus erros
Os ignorantes; e se encontram sabios,
Reflectindo, o que já sabiam d'antes:
Sem satiras temer, e sem desejo
De fama, approvação comtudo estimo:
Pouco receio os golpes da censura;
Repugna-me offender, ou dar lisonja:
Terei faltas talvez; pouco me custa
Submettê-las á emenda, quando é justa.

NOTAS.

NOTAS

AO

ENSAYO SOBRE A CRITICA.

(1) *É mais raro entre os Criticos o gosto.* — La Bruyère diz muito judiciosamente: « Concedo que os bons escriptores são bastantemente raros; mas pergunto, onde estão os homens que sabem ler e julgar? A união destas qualidades, que raras vezes se encontram na mesma pessoa, parece indispensavelmente necessaria para formar um habil Critico; deve possuir um senso recto e vigoroso, uma imaginação viva, e uma exquisita sensibilidade. Destas tres qualidades a ultima é a mais importante; porque, digam o que quizerem sobre a utilidade ou necessidade das regras e preceitos, é forçoso confessar que o merecimento de todas as obras de ingenho decide-se pelo gosto e sentimento. — Por que razão vos admirais tanto da Helena de Zeuxis? (dizia um curioso ao pintor Nicostrato) — Não estranharieis que eu a admire tanto, (respondeo o pintor) se tivesseis os meus olhos.

(2) *Falso sabêr bom senso desfigura:* — « Plus sine doctrina prudentia, quam sine prudentià valet doctrina. — *Quintiliano.*

(3) *Avistai os limites até onde — O genio, o gosto, o sabêr vosso chega:* — Horacio já nos deo este conselho na sua Arte Poetica:

Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
Viribus, et versate diu quid ferre recusent,
Quid valeant humeri . . . . . .

(4) *Uma sciencia pede um genio inteiro:* etc.—Neste particular, como em outras cousas, é notavel a modestia e bom juizo dos antigos. Um escriptor de dramas, por exemplo, nunca se abalançava a emprehender mais do que uma especie de poesia dramatica: um poeta nunca se intromettia a advogar em publico, ou a escrever a historia, ou alguma obra consideravel em prosa: os mesmos actores nunca recitavam a tragedia e a comedia. Isto mesmo já observara Platão no terceiro livro da sua Republica. Estavam persuadidos de que a diversidade, ou para melhor dizer, universalidade de excellencia, a que os modernos frequentemente aspiram, é um dom que o homem não póde conseguir.

(5) *Observai como a sabia Grecia indica,* etc.—Na segunda parte do Aviso de Shaftesbury a um Auctor se encontra uma relação judiciosa e elegante da origem e progresso das artes e sciencias na Grecia antiga; a cuja especie de assumpto fôra para desejar que este escriptor se houvesse limitado; porque indisputavelmente o entendia muito bem, segundo a opinião do Dr. José Warton, que deo á luz em 1797 uma bella edição das obras de Pope, estimavel pelas notas e commentarios que o editor lhe addicionou.

(6) *Lede e relede o texto; comparai-o—comsigo mesmo;* etc.—Ainda que pareça talvez impossivel apresentar observações novas sobre Homero e Virgilio, depois de tantos volumes de critica publicados ácerca delles; todavia as seguintes teem uma novidade e agudeza em si que por ventura poderão interessar o leitor, principalmente sendo summamente raro o pequeno Trattado de que foram tiradas:

«Quæ variæ inter se notæ atque imagines animorum, a principibus utriusque populi poetis, Homero et Virgilio, mirificè exprimuntur. Siquidem Homeri duces et reges rapacitate,

libidine, atque anilibus questibus, lacrymisque puerilibus Græcam levitatem et inconstantiam referunt. Virgiliani vero principes, ab eximio poeta, qui Romanæ severitatis fastidium, et Latinum supercilium verebatur, et ad heroum populum loquebatur, ita componuntur ad majestatem consularem; ut quamvis ab Asiatica mollitie luxuque venerint, inter Furios atque Claudios nati educatique videantur. Neque suam, ullo actu, Æneas originem prodidisset, nisi, a præfactiore aliquanto pietate, fudisset crebro copiam lacrymarum. Qua meliorem expressione morum hac ætate, non modo Virgilius Latinorum poetarum princeps, sed quivis inflatissimus vernaculorum, Homero præfertur: cum hic animos proceribus indurit suos, ille vero alienos. Quamobrem varietas morum, qui carmine reddebantur, et hominum ad quos ea dirigebantur, inter Latinam Græcamque poesin, non inventionis tantum attulit, sed et elocutionis discrimen illud, quod præcipue inter Homerum et Virgilium deprehenditur; cum sententias et ornamenta, quæ Homerus sparserat, Virgilius, Romanorum aurium causa, contraxerit; atque ad mores et ingenia retulerit eorum, qui a poesi non petebant publicam aut privatam institutionem, quam ipsi Marte suo invenerant; sed tantum delectationem.» *(J. Vincentii Gravinæ de Poesi, ad S. Maffeinn. Epist. accrescentada ao seu Trattado* Della Ragione Poetica. *In Napoli*, 1716, *pag.* 239. 250*).* *(Nota do Dr. Warton).*

(7) *Quando na mente immensa o moço Maro*, etc. — É tradição conservada por Servio, que Virgilio começara por escrever um poema dos successos de Alba e Roma; e que achando-o superior á sua idade, se humilhara a imitar primeiramente Theocrito sobre assumptos campestres, abalançando-se depois a copiar Homero na poesia heroica.

(8) *Bem como se presente o Stagirita*, etc. — Segundo um

excellente preceito de Longino, no cap. 14.° do seu Trattado do Sublime, exhortando-nos, que quando aspirarmos a expressar alguma cousa elevada e sublime, perguntemos a nós mesmos: — Como se teriam exprimido neste assumpto Homero, ou Platão, ou Demosthenes? E ainda melhor, se tornarmos a perguntar: — Que pensariam Homero ou Demosthenes, se estivessem presentes, e ouvissem esta passagem; e que impressão lhes teria feito? *(Nota de Warton.)*

(9) *Se onde as regras não chegam quanto basta*, etc. — « Neque enim rogationibus plebisve scitis sancta sunt ista præcepta, sed hoc, quicquid est, utilitas excogitavit. Non negabo autem sic utile esse plerumque; verum si eadem illa nobis aliud suadebit utilitas, hanc, relictis magistrorum auctoritatibus, sequemur. » *(Quintiliano, liv. 11.° cap. 13.°)*

(10) *Nem sempre desenvolve um Chefe sabio*, etc. — Não será fóra de proposito memorar a seguinte observação de Roscommon sobre o mesmo objecto: « A maior parte daquelles trechos que alguns tomam por descuido é arte estudada. Quando algum verso de Virgilio vos pareça insignificante, reparai que não é mais que um despertador que serve de signal para excitar a vossa phantasia, e preparar a vossa vista para alcançar a nobre altura de algum vôo extraordinario. »

(11) *Não cabecêa Homero; nós sonhamos.* — « Modeste, et circumspecto judicio de tantis viris pronunciandum est, ne (quod plerisque accidit) damnent quod non intelligunt. Ac si necesse est in alteram errare partem, omnia eorum legentibus placere, quam multa displicere maluerim. » *(Quintiliano).*

Racine applicou esta linda passagem a Perrault e a La Motte, quando elles pertenderam menoscabar os antigos na sua famosa controversia.

(12) *De louros verdes inda ornados vemos* — os *antigos altares*, etc. — « Todos os inventos e pensamentos dos antigos, ou nos fossem transmittidos em estatuas, baixos-relevos, entalhaduras, camafeus, ou cunhos, merecem ser procurados e estudados cuidadosamente. O genio que revoa sobre essas venerandas reliquias póde chamar-se o Pae da Arte moderna.

« Do restante das obras dos antigos renasceram as Artes modernas; e dessa mesma sorte se hão de restabelecer segunda vez. Entretanto, por mais que se mortifique a nossa vaidade, vemo-nos obrigados a reconhecê-los por nossos mestres; e podemos atrever-nos a prophetisar, que quando deixarem de ser estudados, as Artes cessarão de florecer, e tornaremos a cair na barbarie. » *(Reynold).*

(13) *Não nos fiemos de nós mesmos; quando* — *quizermos descobrir nossos defeitos*, etc. — A correcção é uma das mais arduas tarefas para qualquer auctor; por ser difficil conhecer até que ponto deve ser levada. Quintiliano fez muitas observações acertadas e uteis sobre esta materia. Talvez que o excesso da correcção tenha produzido tantos damnos, como o total desprezo della. A lima ás vezes, em lugar de polir, gasta a substancia a que é applicada. Akenside deteriorou bastante o seu poema com a demasiada correcção. Ariosto, por mais facil e familiar que pareça, fez muitas e grandes alterações no seu poema encantador. Algumas maximas de Rochefoucauld foram emendadas e escriptas novamente mais de trinta vezes. As Cartas Provençaes de Pascal, modelo do bom estilo na lingua franceza, foram submettidas ao juizo de doze membros de Port-Royal, que fizeram nellas muitas correcções. Voltaire diz — que em todos os livros do Telemaco de Fenelon, cujo original tinha visto, não havia dez emendas e alterações. Tudo quanto se póde dizer a respeito da correcção contêm-se nestas poucas, mas incomparaveis, palavras de Quintiliano, no liv. 10.° cap. 3.°:

« Hujus operis est, adjicere, detrahere, mutare. Sed facilius in his simpliciusque judicium, quæ replenda vel dejicienda sunt; premere vero tumentia, humilia extollere, luxuriantia astringere, inordinata dirigere, soluta componere, exultantia coercere, duplicis operæ. » *(Nota de Warton).*

(14) *Assim primeiro, commettendo alegres — os turrificos Alpes,* etc. — O Dr. Jonhson julga ser este simile o mais apto, o mais proprio e o mais sublime de quantos ha na lingua ingleza. Eu confesso não ser desta opinião; porque me parece ter sido evidentemente suggerido pela seguinte passagem das obras de Drummond, pag. 38, *in* 4.° — « Qual o peregrino que atravessa os Alpes, ou a frente do Atlas, coroada dos invernaes gelos, o aereo Caucaso, o Apenino, ou os penhascos dos Pyrenneos, onde nunca raia o sol; e que depois de ter vencido alguns cabeços dos outeiros, começando a lembrar-lhe o descanço por julgar concluida a jornada; ao subir de novo alguma elevada montanha, encontra diante de si mais altas serras do que atraz deixara; » Veja-se tambem Silio Italico, liv. 3.° 528.
(Nota de Warton).

(15) *Assim quando um zimborio bem lançado,* etc. — Parece fallar do Pantheon, ou talvez da Igreja de S. Pedro em Roma; seja porêm qual fôr, a observação é verdadeira a respeito de ambos os monumentos.

(16) *Consta que um dia o Paladim da Mancha,* etc. — Este breve conto é extrahido da segunda Parte de D. Quixote, escripta originariamente por D. Alonzo Hernandes de Avellanada; e depois traduzida ou imitada pelo famoso Le Sage, auctor de Gil Braz de Santillana.

(17) *As maneiras, paixões, as unidades,* — Que as duas

unidades de tempo e lugar nunca foram observadas pelos tres Escriptores gregos da Tragedia, está sobejamente demonstrado no 1.° capitulo da muito judiciosa obra de Metastasio intitulada = *Estratto della Poetica d'Aristotele;* obra cheia de gosto e de juizo, e que tem duplicado valor por ser de um homem tão habil, e ha tanto tempo versado na arte dramatica; sendo muitas das suas composições traçadas com o maior discernimento, e elle mesmo um dos mais elegantes e verdadeiros poetas que tem produzido a Italia. Quem quizer entender perfeitamente a Poetica de Aristoteles deve, na minha opinião, ler attentamente este seu Extracto. *(Nota de Warton).*

(18) *Infeliz, qual Peralta na comedia,* etc. — Allusão a uma comedia de Ben Johnson, intitulada = *Um homem fóra do seu genio.*

(19) *A Timotheo escutai nos sons variados,* etc. — Allude á *Festa de Alexandre, ou o Podêr da Musica,* admiravel Ode composta por Dryden.

(20) *Quando um Monarcha todo a amor se entrega,* etc. — Allusão ao reinado de Carlos 2.° de Inglaterra, que abrio caminho á mais descarada lascivia, como diz o Dr. Warburton no Commentario que fez a este Ensayo de Pope.

(21) *De um reino estranho a libertina moda,* etc. — Allude ao reinado de Guilherme 3.°, Principe d'Orange, cujo caracter foi totalmente opposto ao do seu predecessor Carlos 2.°

(22) *Mas Appio daqui vejo esbravejando,* etc. — Aqui allude o Poeta a um Critico de profissão, e furioso, chamado João Diniz, que sem provocação alguma escreveo contra este Ensayo e seu auctor como um louco rematado.

(23) *O grande Stagirita, que primeiro, etc.* — Justa avaliação do nobre caracter de Aristoteles, o primeiro e o melhor dos Criticos. Quem observar a variedade e perfeição das suas producções, concebidas no estylo o mais puro e na ordem a mais clara, com a mais solida concisão, ha de forçosamente pasmar da grandeza do seu ingenho. A sua Logica, não obstante acharse presentemente desprezada pelos rudimentos e systemas verbosos que tiram sua origem do Ensayo de Locke sobre o Entendimento Humano, é um poderoso esforço do espirito, em que se descobrem as principaes fontes da arte de discorrer, e a dependencia de uns pensamentos com outros; e em que o philosopho, por differentes combinações que fez de todas as formas que o entendimento póde tomar discorrendo, o restringio tão rigorosamente, que se não póde apartar dellas sem se mostrar inconsequente. A sua Physica encerra muitas observações uteis, particularmente a Historia dos Animaes, grandemente louvada por Buffon: para o ajudar nesta empreza ordenou Alexandre que a todo o custo se conduzissem producções de differentes climas e paizes, para elle as examinar. A sua Moral é talvez o systema mais puro da antiguidade. A sua Politica o monumento mais precioso da sabedoria dos antigos, conservando-nos a descripção de varios Governos, e particularmente de Creta e Carthago, que de outra sorte nos seriam desconhecidos. Mas de todas as suas composições, a Rhetorica e a Poetica são as mais excellentes. Nenhum escriptor mostrou maior penetração nos escondrijos do coração humano do que este philosopho no II. livro da sua Rhetorica, em que tratta dos differentes costumes e paixões que distinguem cada idade e condição do homem, e donde Horacio evidentemente extrahio a sua famosa descripção que começa no verso 158 da Arte Poetica. Bruyère, Rochefoucauld, e o proprio Montaigne, não se podem comparar com elle a este respeito. As suas Poeticas, a que principalmente se refere Pope neste lugar, parece terem

sido escriptas para uso daquelle Principe (Alexandre Magno) cuja educação lhe fôra confiada. Querer entender de Poesia sem haver cuidadosamente revolvido este trattado, seria tão absurdo e impossivel como pertender saber Geometria sem ter estudado Euclides. Os capitulos 14.°, 15.°, e 16.°, onde mostra o methodo mais proprio de excitar terror e piedade, bastam para convencer de que intimamente conhecia os objectos que mais poderosamente commovem o coração. A primeira excellencia deste precioso trattado é a concisão escholastica, e a connexão philosophica com que o assumpto é manejado, sem se dirigir ás paixões ou á imaginação. É para lamentar que a parte da Poetica em que elle dera os preceitos para a comedia não chegasse tambem á posteridade. *(Nota de Warton).*

(24) *Como Dionysio apura os pensamentos — Do Vate Homero!* — Falla de Dionysio de Halicarnasso, que commentou a Homero, e compoz um admiravel livro sobre a estructura da oração, no qual desenvolveo todas as artes secretas que fazem a composição harmoniosa. Uma parte deste livro, isto é, desde o principio da secção 21.ª até ao fim da 24.ª, é talvez uma das obras mais uteis que existem sobre Critica.

(25) *No extenso livro de Quintilio grave,* etc. — Allusão ás Instituições Oratorias de Quintiliano, um dos mais judiciosos e elegantes escriptores da antiga Roma, a respeito do qual diz Warton que nenhum auctor adornou como elle um trattado scientifico com tantas metaphoras bellas.

(26) *Tu, Longino atrevido!* etc. — Espirituosa e viva apostrophe ao celebre philosopho Longino, mestre de Zenobia, Rainha de Palmyra, do qual existe o Trattado da *Dicção Sublime,* que foi commentado por Boileau Despreaux, e se acha traduzido por Filinto Elysio na collecção das suas obras feita em Paris.

(27) *A um tempo Roma e Lettras se acabaram.* — A litteratura e as artes, que floreceram em tão subido grão no reinado d'Augusto, foram gradualmente declinando por muitas causas que concorreram; pela vasta extensão do Imperio Romano, e despotismo que se seguio e sopeou todo e qualquer esforço nobre do espirito; pelo governo militar, que tornou precarias a vida e a propriedade, e conseguintemente destruio até as artes necessarias da agricultura e fabricação; e pela irrupção das nações barbaras, occasionada e facilitada por semelhante estado de cousas. No seculo XI. o povo christão precipitou-se na mais baixa ignorancia e brutalidade; até que o casual descobrimento das Pandectas de Justiniano em Amalfi na Italia, pelos annos de 1130, principiou a despertar e a desenvolver os espiritos dos homens, apresentando-lhes uma arte que daria estabilidade e segurança a todas as outras que sustentam e embellezam nossa vida. *(Nota de Warton).*

(28) *Dos Godos a irrupção rematam Frades.* — Naquelles seculos de ignorancia, os Frades foram os unicos que mostraram gosto e amor ás Bellas-Lettras. Pede pois o reconhecimento que os louvemos pelo trabalho e applicação com que nos transmittiram os auctores celebres da antiguidade; e requer a justiça que attribuamos á infelicidade dos tempos em que viviam tudo o que ha de barbaro e grosseiro nos seus escriptos.

(Nota do Abbade Resnel).

(29) *Erasmo emfim tão censurado e grande.* — Este homem nasceo em Rotterdam no anno de 1467, do commercio illegitimo de um cidadão de Goude, chamado Pedro Gérard, com a filha de um medico. Até á idade de 9 annos foi menino do coro na Cathedral de Utrecht: aos 14 perdeo seus paes; e aos 17 foi obrigado por seus tutores a metter-se Conego-regular de Santo Agostinho, sendo elevado ao sacerdocio pelo Bispo de

Utrecht logo que fez os 25. Depois, com o fim de aperfeiçoar os seus talentos, viajou pela França, pela Inglaterra, e pela Italia. Residio quasi um anno em Bolonha, e ahi tomou em 1506 o grão de Doutor em Theologia. De Bolonha passou a Veneza, depois a Padua, e ultimamente a Roma, onde os seus escriptos já eram conhecidos. O Pontifice, os Cardeaes, particularmente o de Medicis (depois Leão X.), procuraram a sua convivencia, e o applaudiram muito. Naquella cidade poderia elle ter adquirido uma posição feliz e brilhante; mas os seus amigos de Inglaterra, com a perspectiva das vantagens que lhe faziam esperar da parte de Henrique VIII, admirador enthusiasta dos seus talentos, o induziram a preferir a residencia em Londres. *Thomás Morus*, Chanceller-mór daquelle Reino, deo-lhe um aposento em sua casa. A universidade de Oxford conferio-lhe uma cadeira de professor em lingua grega, a qual deixou elle para se retirar a Basiléa, donde muitas vezes sahia para ir visitar os Paizes-Baixos e a Inglaterra. De todas as dignidades que lhe offereceram diversos Pontifices e Principes da Europa, não acceitou senão a de Conselheiro d'Estado que lhe deo o imperador Carlos V. Foi o homem mais discreto e mais douto dos seus tempos; e a elle principalmente se deve o renascimento das bellas-lettras, as primeiras edições de alguns Padres da Igreja, e a Critica sã e illustrada. Foi elle quem reanimou os illustres mortos da antiguidade, e inspirou aos seus contemporaneos o amor dos escriptos delles. Das suas producções as que tiveram mais celebridade foram o *Elogio da Loucura*, os *Colloquios*, e os *Adagios*. Morreo em Basiléa no anno de 1536, de idade de 70 annos.

(30) *Mas vede como cada Musa surge — Nos dias d'ouro de Leão*, etc. — A Historia recorda-se de cinco idades do mundo em que o espirito humano se esforçou por um modo extraordinario, e em que as suas producções em litteratura e bellas-

artes chegaram a uma perfeição tal que não admitte comparação nos outros periodos.

A 1.ª foi a idade de Filippe de Macedonia, em cujo tempo floreceram Socrates, Platão, Demosthenes, Aristoteles, Lysippo, Apelles, Phidias, Praxiteles, Thucydides, Xenophonte, Eschylo, Euripedes, Sophocles, Aristophanes, Menandro, Philemon. A 2.ª, de que parece não haver bastante noticia, foi a de Ptolomeo Philadelphio, rei do Egypto, na qual appareceram Lycophron, Arato, Nicandro, Apollonio Rhodio, Theocrito, Callimacho, Eratosthenes, Philicho, Erasistrato o Medico, Timeo o Historiador, Cleanthes, Diogenes o Pintor, e Sostrates o Architecto. O mencionado Principe foi quem, pelo amor que tinha á sciencia, ordenou que o Testamento Velho fosse traduzido em Grego. A 3.ª foi a de Julio Cesar e Augusto, esclarecida com os illustres nomes de Laberio, Catullo. Lucrecio, Cicero, Livio, Varrão, Virgilio, Horacio, Propercio, Tibullo, Ovidio, Phedro, Vitruvio, Dioscorides. A 4.ª foi a dos Pontifices Julio II. e Leão X., que produziram Ariosto, Tasso, Fracastorio, Sannazaro, Vida, Bembo, Sadolet, Machiavelo, Guicciardini, Miguel Angelo, Raphael, Ticiano. A 5.ª foi a de Luiz XIV. em França, e do rei Guilherme e Anna em Inglaterra, na qual, ou por esse tempo, floreceram Corneille, Molière, Racine, Boileau, La Fontaine, Bossuet, La Rochefoucauld, Pascal, Bourdaloue, Patru, Mallebranche, De Retz, La Bruyère, St. Real, Fenelon, Lully, Le Sueur, Poussin, Le Brun, Puget, Theodon, Gerradon, Edelinck, Nantevill, Perrault o Architecto, Dryden, Tillotson, Temple, Pope, Addison, Garth, Congreve, Rowe, Prior, Lee, Swift, Bolingbroke, Atterbury, Boyle, Locke, Newton, Clarke, Kneller, Thornhill, Jervas, Purcell, Mead, Friend.

(Nota de Warton).

(31) *Um Vida canta*—Marcos Jeronymo Vida, nascido em Cremona em 1470, entrou muito novo ainda na Congregação

dos Conegos-regulares de S. Marcos em Mantua, da qual sahio algum tempo depois, e passou a Roma, onde foi recebido na dos Conegos-regulares de Latrão. O Papa Leão X., tendo conhecimento delle por causa do seu talento poetico, deo-lhe o Priorado de S. Silvestre em Tivoli, onde compoz o seu poema da *Christiada*, que o Pontifice lhe havia pedido. Fallecido este em 1521, seu successor Clemente VII. quiz tambem ser protector de Vida, e nomeou-o para o Bispado d'Alba sobre o Tanaro. Retirando-se para esta sua diocese, nella se distinguio muito pela sua sollicitude pastoral, instruindo o povo tanto pela sua eloquencia como pelo exemplo das suas virtudes. Ahi morreo em 1566, de idade de 96 annos. Entre as differentes peças de poesia que lhe devemos, notam-se principalmente, 1.° A *Arte Poetica*, impressa em Roma em 1527, e junta por Mr. Batteux ás de Aristoteles, Horacio, e Boileau, sob o titulo das *Quatro Poeticas*, em 1771, 2 vol. *in* 8.°—2.° Um *poema sobre os Bichos da Seda*, impresso em Lyão em 1537. Dizem que esta é a mais perfeita das suas composições.—3.° Um *poema sobre o Jogo do Xadrez (Scacchia Ludus)*, que se acha na edição da sua Poetica, feita em Roma em 1527.—4.° *Hymni de rebus Divinis*, impressa em Lovaina em 1552.—5.° *Christiados Libri sex*, em Cremona, 1535, *in* 4.° Este poema foi muito applaudido; mas teem-se exprobrado a seu auctor o misturar frequentemente o sagrado com o profano, e as ficções da mythologia com os oraculos dos Prophetas.

(32) *Como perto de Mantua, e perto em fama!*—Allude a —«*Mantua væ miseræ nimium vicina Cremonæ*» de Virgilio.

Esta applicação encontra-se na edição da Poetica de Vida por Basilio Kennet em Oxford.

(33) *Tal era a Musa cujo exemplo e canto*, etc.—Este encomio grangeou a Pope o conhecimento, e depois a constante

amizade, do Duque de Buckingham, que no seu Ensayo, a que aqui se allude, seguio o methodo de Boileau, discorrendo sobre varias especies de poesia nos seus differentes gráos.

(Nota de Warton).

(34) *Tal Roscommon, tão justo como sabio,* etc. — Dillon Wentworth, conde de Roscommon, poeta inglez, filho de Sir James Dillon, terceiro conde de Roscommon, nasceo em Irlanda pelos annos de 1633, tempo em que este reino era governado pelo 1.° conde de Strafford, seu thio. Morreo em 1684, com a reputação de um homem que soubera misturar as flores da poesia com os fructos da erudição. Conhecia perfeitamente os monumentos antigos, conhecimento que havia adquirido em uma viagem que fizera á Italia. Os seus poemas, que são — Uma traducção em verso inglez da *Arte Poetica d'Horacio,* e um *Ensayo sobre o modo de traduzir em verso,* foram reunidos com as *Poesias* de Rochester, e teem sido impressos muitas vezes. Fenton colloca Roscommon na 1.ª classe dos poetas da sua nação, pelo que respeita ao genero didactico.

(35) *Tal foi Walsh,* etc. — Guilherme Walsh, nascido em Abberley, no condado de Worcester, em 1663, e fallecido em 1708, foi quem ensinou a Pope a arte da versificação. Dryden chamava-lhe *o melhor Critico da Inglaterra.* As suas cartas a Pope teem por objecto a comedia pastoril dos italianos, e são muito bem escriptas, na opinião do Dr. Warton. Pope conservou sempre delle uma lembrança muito honrosa, como bem o manifestam diversos lugares das suas obras.

O ROUBO DE PROSERPINA.

O ROUBO DE PROSERPINA,

COMPOSTO EM LATIM

POR

CLAUDIANO,

E

TRADUZIDO EM VERSO SOLTO PORTUGUEZ

POR

ALCIPPE,

CONDESSA D'OEYNHAUSEN.

Carminibus quæro miserarum oblivia rerum.

Ovid. Trist. liv. 5.° eleg. 7.ª

LIBRI DE RAPTU PROSERPINÆ
SUNT CANDIDI, CULTI, TERSI,
NUMEROSI.

J. C. Scaliger, lib. 6.° Poet. cap. 5.°

Si lusitanè Raptum Proserpinæ Claudianus redderet, haud mirificè elegantiusve redderet quam decor ille Lusitanæ gentis Musarumque honor, ALCIPPE, *cognomine Arcadiæ, dicta.*

FEYO.

Se Claudiano traduzisse em portuguez o Roubo de Proserpina, não o faria com tanta perfeição e elegancia como a Ex.^{ma} Condessa d'Oeynhausen, denominada na Arcadia ALCIPPE, brilhante ornamento de Portugal e honra das Musas.

DE RAPTU PROSERPINÆ.

PRÆFATIO.

Inventa secuit qui primus nave profundum,
  Et rudibus remis sollicitavit aquas:
Qui dubiis ausus commitere flatibus alnum,
  Quas natura negat, præbuit arte vias.
Tranquillis primum trepidus se credidit undis,
  Littora securo tramite summa legens:
Mox longos tentare sinus, et linquere terras,
  Et leni cœpit pandere vela Noto.
Ast ubi paulatim præceps audacia crevit,
  Cordaque languentem dedidicere metum:
Jam vagus exsultat pelago, cœlumque secutus
  Ægeas hyemes Ioniasque domat.

O ROUBO DE PROSERPINA.

PREFACIO. (1)

Quem primeiro sulcou mares profundos (2)
Co' a nautica invenção do proprio ingenho;
Quem com grosseiros remos rompeo aguas,
E ao capricho do vento um batel fragil
Atrevido entregou, com arte abrindo
Caminho que vedara a Natureza;
Foi terra a terra no principio, dando
A vida em guarda a praias sem escolhos,
Ventos sem furias, sem escárceos ondas:
Mas logo tenta golphos, deixa as terras,
E vai soltando ao Noto as pandas vellas;
Anima sua audacia co' a ventura,
Do coração o frouxo susto expulsa,
E no pélago azul vagando exulta:
A luz dos astros só consulta e segue,
Do mar Egeo affronta as tempestades, (3)
E resoluto doma as Ionias ondas. (4)

LIBER I.

INFERNI raptoris equos, afflataque curru
Sidera Tænario, caligantesque profundæ
Junonis thalamos audaci prodere cantu
Mens congesta jubet. Gressus removete, profani.
Jam furor humanos nostro de pectore sensus
Expulit, et totum spirant præcordia Phœbum.
Jam mihi cernuntur trepidis delubra moveri
Sedibus, et claram dispergere culmina lucem,
Adventum testata Dei; jam magnus ab imis
Auditur fremitus terris, templumque remugit
Cecropium, sanctasque faces attollit Eleusin.
Angues Triptolemi strident, et squamea curvis
Colla levant attrita jugis, lapsuque sereno
Erecti roseas tendunt ad carmina cristas.

LIVRO I.

A MENTE, cheia de furor divino,
Obriga-me a contar do Deos do Averno (5)
O roubo audaz, e as nupcias de Junonia;
Do Dite o carro, e os urcos pavorosos,
Que assustam as estrellas. Vossos passos,
Profanos, dirigi para mui longe.
De mim sacro delirio se apodera;
Tudo quanto é mortal de mim se expelle;
Apollo inteiro abraza-me as entranhas.
Luz mais clara diffundem as abobadas,
Da presença do Deos indicio certo;
O fremito da terra mais distincto
Dos profundos abysmos se apercebe;
Dos Cecropidas gemem os altares, (6)
E d'Eleusina os fachos mais se accendem.
De Triptólemo silvam as serpentes, (7)
E sublevam as conchas, resistindo
Ao jugo que lhe opprime os feros collos;
O seu rapido vôo moderando
Erguem as roseas cristas para ouvir-me.

TAYLOR INST. OXFORD

Ecce procul ternas Hecate variata figuras
Exoritur, lenisque simul procedit Iacchus
Crinali florens edera, quem Parthica velat
Tigris, et auratos in nodum colligit ungues.
Ebria Mæonius firmat vestigia thyrsus.

Dii, quibus in numerum vacui famulantur Averni
Vulgus iners, opibus quorum donatur avaris
Quidquid in orbe perit, quos Styx liventibus ambit
Interfusa vadis, et quos fumantia torquens
Æquora vorticibus Phlegethon perlustrat anhelis!
Vos mihi sacrarum penetralia pandite rerum,
Et vestri secreta poli, qua lampade Ditem
Flexit amor, quod ducta ferox Proserpina raptu
Possedit dotale Chaos; quantasque per oras
Sollicito genitrix erraverit anxia cursu.
Unde datæ populis leges, et glande relicta
Cesserit inventis Dodonia quercus aristis.

A triforme Deidade surge ao longe; (8)
Iaccho alegre e placido a acompanha, (9)
D'hera cingida a juvenil cabeça;
Traz cobertos os hombros c'o despojo
D'uma Parthica tigre, cujas patas,
Atravessadas, aureo nó lhe prende:
D'arrimo aos ebrios passos serve um thyrso.

Innumeraveis Manes, povo inerte,
Que occupais do Tenáro os vacuos paços;
Vós, que cresceis dos restos miserandos
Do que a morte devora no Universo;
Deoses, que Stygia circulando abraça
Com as lividas ondas, que arquejando
Em vórtices de fumo, fogo e enxofre,
D'um mar sulphureo Phlegethonte cerca!
Abri-me os penetraes das cousas sacras,
Os segredos lethaes manifestai-me;
Que facho Amor usou, incendiando
Do negro Dite o coração de bronze;
Qual feroz roubo concedeo por dote
A Proserpina o Chaos e os Infernos;
E quantas plagas, em saudade immersa,
A vagabunda mãe correo no mundo
Em busca da perdida, amada filha.
Dize a origem das Leis, da Agricultura,
E como fez que os homens preferissem
As espigas aos fructos que lhes davam
Os antigos carvalhos da Dodonia.

Dux Erebi quondam tumidas exarsit in iras
Prælia moturus superis, quod solus egeret
Connubii, sterilesque diu consumeret annos,
Impatiens nescire torum, nullasque mariti
Illecebras, nec dulce patris cognoscere nomen.

Jam quæcumque latent ferali monstra barathro
In turmas aciemque ruunt, contraque Tonantem
Conjurant Furiæ; crinitaque sontibus hydris
Tisiphone, quatiens infausto lumine pinum,
Armatos ad castra vocat pallentia Manes.
Pene reluctatis iterum pugnantia rebus
Rupissent elementa fidem, penitusque revulso
Carcere laxatis pubes Titania vinclis
Vidisset cæleste jubar, rursusque cruentus
Ægæon positis arcto de corpore nodis
Obvia centeno vexasset fulmina motu.

Sed Parcæ vetuere minas, orbique timentes

O Imperante do Erébo, ardendo em ira,
Quiz declarar aos Deoses nova guerra:
Queixava-se de que elle, entre os mais Numes,
D'Hymeneo os deleites ignorasse;
Que os dias e annos só vivesse e triste,
Em solidão esteril e importuna:
Impaciente o thalamo queria
Repartir com alguem; os doces nomes
D'esposo e pae tentavam-lhe a cubiça.

Já quanto monstro o bárathro continha
Em turmas os abysmos vomitavam;
Projectavam as Furias conjuradas
Arrazar do Tonante o solio altivo;
Tisiphone, com serpes por cabello,
Agita a infausta luz da tocha, e chama
Ás armas logo as sombras macilentas,
Nos arraiaes de trevas e de horrores.
Entregues á discordia os elementos
Combater outra vez premeditavam,
E romper por combates a harmonia;
Forçando o carcere, os grilhões quebravam
Os Titanos, e a luz do Ceo reviam;
Já das prisões liberto Egeo pensava
Ir com cem braços apanhar os raios
Na propria mão de Jove, antes que os lance.

As Parcas de Plutão a raiva applacam,

Ante pedes soliumque ducis fudere severam
Canitiem, genibusque suas cum supplice vultu
Admovere manus, quarum sub jure tenentur
Omnia, quæ seriem fatorum pollice ducunt,
Longaque ferratis evolvunt sæcula pensis.
Prima fero Lachesis clamabat talia regi,
Incultas dispersa comas: O maxime noctis
Arbiter, umbrarumque potens, cui nostra laborant
Stamina; qui finem cunctis et semina præbes,
Nascendique vices alterna morte rependis;
Qui vitam letumque regis, nam quidquid ubique
Gignit materies, hoc te donante creatur,
Debeturque tibi, certisque ambagibus ævi
Rursus corporeos animæ mutantur in artus.
Ne pete firmatas pacis dissolvere leges,
Quas dedimus, nevitque colus: neu fœdera fratrum
Civili converte tuba. Cur impia tollis
Signa? Quid incestis aperis Titanibus auras?

Temendo pelo Orbe; ao pé do throno
Do supremo Juiz afflictas soltam
Os cabellos, por tempo encanecidos;
Cobrem com elles os degraos, prostradas
Abraçam os seus pés co' as mãos potentes
Que sobre tudo teem alto dominio,
Que a tela do destino humano fiam,
E no seu fuso os seculos enrolam.
Com supplice semblante, e desgrenhada,
Lachesis a primeira assim dirige
Ao Tyranno do Averno estas palavras:

«Ó das sombras e noite Arbitro summo,
Que ordenas e a quem tocam quanto urdimos
Das gerações principio e termo dellas;
Que á luz chamando um ser, suppres aquelle
Que cessou d'existir; Senhor supremo
Da vida e morte, a cujo imperio extenso,
Seja o que for que da materia saia
Por ordem tua, tudo lhe pertence;
Tu, que depois d'um tempo limitado
Seu mortal volvedouro ás almas tornas;
Da paz as leis firmadas não quebrantes,
Leis cujos laços nossas mãos formaram:
Dos irmãos a alliança não perturbe
Fero estridor de bellica trombeta.
De que serve o estandarte da revolta?
Por que razão chamar de novo ao mundo

Posce Jovem, dabitur conjux. Vix illa: pepercit,
Erubuitque preces, animusque relanguit atrox,
Quamvis indocilis flecti; ceu turbine rauco
Cum gravis armatur Boreas, glacieque nivali
Hispidus et Getica concretus grandine pennas
Bella cupit, pelagus, silvas, camposque sonoro
Flamine rapturus; si forte adversus aënos
Æolus objecit postes, vanescit inanis
Impetus et fractæ redeunt in claustra procellæ.

Tum Maja genitum, qui fervida dicta reportet,
Imperat acciri. Cyllenius adstitit ales,
Somniferam quatiens virgam, tectusque galero.

Ipse rudi fultus solio, nigraque verendus
Majestate sedet, squalent immania fœdo
Sceptra situ; sublime caput mœstissima nubes

Incestuosos barbaros Titanos?
Pede a Jove uma esposa, e a terás loge. »

Mais não disse: Plutão cohibe a raiva,
Co' estas preces sentio-se envergonhado;
Bem que fosse até'gora inexoravel,
A colera em seu duro peito expira.

Dos rugidores turbilhões armado,
Tal freme Bóreas por bater as azas,
Carregadas do peso das geadas,
De Geticos granizos e de gelos,
E amotinar com gastadores sopros
Os mares, as florestas, as planices;
Quando Eolo lhe oppõe bronzea barreira,
O furor se dissipa, e as tempestades
Voltam bramindo ao carcere em que moram.

Chama o filho de Maia, e determina
Que prompto Cylleneo calce os talares,
A somnifera vara empunhe, e cubra
A cabeça ingenhosa de um galéro.

No tosco solio a horrivel Magestade
Apparece, e na mão pesada e negra
Sem lustre arvora o ferrugento sceptro;
Obscurece-lhe a face enverrugada
A mais espessa nuvem de tristeza,

Asperat, et diræ riget inclementia formæ.
Terrorem dolor augebat. Tunc talia celso
Ore tonat: (tremefacta silent dicente tyranno
Atria; latratum triplicem compescuit ingens
Janitor, et presso lacrymarum fonte resedit
Cocytos, tacitisque Acheron obmutuit undis,
Et Phlegetonteæ requierunt murmura ripæ.)

Atlantis Tegeæe nepos, commune profundis
Et superis numen, qui fas per limen utrumque
Solus habes, geminoque facis commercia mundo,
I, celeres proscinde Notos, et jussa superbo
Redde Jovi. Tantumne tibi, sævissime fratrum,
In me juris erit? Sic nobis noxia vires
Cum cœlo fortuna tulit? num robur et arma
Perdidimus, si rapta dies? an forte jacentes
Ignavosque putas, quod non Cyclopia tela
Stringimus, aut vanas tonitru deludimus aures?

E nas feições ferozes manifesta
Com todos seus terrores a inclemencia.
Quanto mais se enfurece mais assusta;
Principia a fallar, e tudo atroa:
Estremecendo calam-se os abysmos;
Do Cerbéro na triplice garganta
Os ladros esmorecem; do Cocyto
Seccam na fonte as lagrimas perennes;
No leito d'Acheronte as ondas mudas,
Medrosas lentamente vão correndo;
Do Phlegetonte as rochas não repetem
Com affouteza o som de seus rugidos.

«Numen progenie do forçoso Atlante,
D'Inferno e Ceos divino mensageiro,
Cujos dous liminares só franquêa
A ti a Sorte; rapido precede
Os Notos; vai: intima a Jove altivo
Os meus preceitos: dize ao irmão ferino
Se sobre mim o seu podêr é tanto,
Que permitta á Fortuna vingadora
Que roubando-me o Ceo, me extinga a força?
Se a luz me foi vedada, que motivo
Ha de do meu valor e armas privar-me?
Por ventura morri, porque não vibro
Raios que os Brontes fatigados forjam,
Ou não assusto a terra trovejando?
Envergonha-o; pergunta se não basta

Nonne satis visum, quod grati luminis expers
Tertia supremæ patior dispendia sortis,
Informesque plagas; cum te lætissimus ornet
Signifer, et vario cingant splendore Triones?
Sed thalamis etiam prohibes? Nereïa glauco
Neptunum gremio complectitur Amphitrite.
Te consanguineo recipit post fulmina fessum
Juno sinu, quid enim narrem Latonia furta?
Quid Cererem, magnamq; Themin? tibi tanta creandi
Copia; te felix natorum turba coronat.
Ast ego deserta mœrens inglorius aula,
Implacidas nullo solabor pignore curas?
Non adeo toleranda quies, primordia testor
Noctis, et horrendæ stagna intemerata paludis,

Que eu gema em climas asperos, privado
Da luz celeste, e victima da sorte,
Em quanto, coroado de fulgores,
O Zodiaco o adorna, e o allumiam
As brilhantes Triones, e mais Astros? (10)
Inda alem disto o thalamo me veda?

« No vitreo pego, em gelidas cavernas,
Abre contente o esverdinhado seio
A formosa e maritima Amphitrite
Ao gelado e terrifico Neptuno.
Cançado de vibrar sulphureos raios,
Abraça Jove a consanguinea Juno:
E se eu contasse os namorados furtos,
Que em tanta copia fructos produziram,
Latona, Ceres, Themis, e mil outras
Que seus favores prodigas lhe deram!...
Prole ditosa o cerca, em quanto afflicto,
N'um deserto palacio envergonhado,
Minha dor vidual me despedaça;
Sem penhor de ternura que console,
E de meus males seja o feliz termo.
Quanto me custa solidão tão triste!...

« Sitios da noite e horror, sombras quietas,
Vós ondas, que sois susto dos perjuros!
Sede quem horrorise o que prometto,
E de meus juramentos testemunhas.

Si dicto parere negas, patefacta ciebo
Tartara. Saturni veteres laxabo catenas.
Obducam tenebris lucem. Compage soluta
Fulgidus umbroso miscebitur axis Averno.

Vix ea fatus erat; jam nuntius astra tenebat,
Audierat mandata pater, secumque volutat
Diversos ducens animos, quæ tale sequatur
Conjugium, Stygiosve velit pro Sole recessus.
Certa requirenti tandem sententia sedit.

Hennææ Cereri proles optata virebat
Unica; nec tribuit sobolem Lucina secundam,
Fessaque post primos hæserunt viscera partus
Infecunda quidem; sed cunctis altior extat
Matribus, et numeri damnum Proserpina pensat.

« Dize ao Tonante, dize-lhe, Mercurio,
Que se me nega o que os meus votos pedem,
Soltarei do Tenáro quanto encerra:
As cadêas antigas de Saturno
Quebrarei; e largando infernaes trevas,
O Sol envolverei em seus horrores:
Irão o dia e noite sem barreiras
No tenebroso golfo confundir-se. »

Apenas isto ditto, já Mercurio
Tinha rompido os ares, já sabia
De Plutão os projectos o Tonante;
Já combatia no animo divino
D'um tal ajuste o exito temivel.
Trocar o Sol qual Deosa quereria
Pelos Estygios carceres da morte?
Mas occorreo-lhe em fim um pensamento,
Que fixar veio tantas incertezas.

Floreeia em podêr da Hennea Ceres
Uma belleza, prole desejada,
Unico dom que obteve de Lucina:
Depois deste producto tão amavel,
Exhaurio-se e parou a Natureza;
Deste parto cançadas as entranhas
Nunca mais produziram: mas qu'importa?
Assaz fecunda Ceres se reputa,
A mais feliz das mães; e Proserpina
Lhe suppre numerosos descendentes.

Hanc fovet, hanc sequitur; vitulam non blandius ambit
Torva parens; pedibus quæ nondum proterit arva,
Nec nova lunatæ curvavit germina frontis.

Jam vicina toro plenis adoleverat annis
Virginitas: tenerum jam pronuba flamma pudorem
Sollicitat; mixtaque tremit formidine votum.
Personat aula procis. Pariter pro virgine certant
Mars clipeo melior, Phœbus præstantior arcu.
Mars donat Rhodopen, Phœbus largitur Amyclas,
Et Delon Clariosque lares. Hinc æmula Juno,
Hinc poscit Latona nurum. Despexit utramque
Flava Ceres; raptusque timens (heu cæca futuri!)
Commendat Siculis furtim sua gaudia terris,

Esta adora, esta segue cuidadosa,
Como segue a novilha com ternura
A cornigera mãe, antes que possa
Correr só, e calcar do campo a relva;
Antes que a lua imitem sobre a fronte
As armas que inda tenras já lhe apontam.

Completa a idade, a linda Proserpina
Do tempo d'hymeneo já se aproxima:
Doce chamma pungente já provoca
Uma de amor incognita anciedade,
Que o timido pudor atemoriza;
Mescla-se o medo c'o desejo n'alma.
Um cortejo d'amantes a rodêa:
Marte, o melhor no manejar das armas,
Eminente no arco o louro Apollo,
Pela virgem contendem: dá-lhe Marte
O Rhodope; submisso offrece Phebo (11)
Os lares d'Amycléa, Claros, Delos. (12)
De Juno a Marte a protecção ampara;
Latona sollicita para nora
A linda virgem neta de Cybelle.
Uma e outra rejeita a flava Ceres:
Teme um roubo (quão cega do futuro!)
Furtivamente ás rochas da Sicilia
Confia o seu thesouro, a filha cara;
Mais defendida, mais segura a julga,
A forte posição lh' embarga os sustos.

Ingenio confisa loci. Trinacria quondam
Italia pars una fuit: sed pontus et æstus
Mutavere situm. Rupit confinia Nereus
Victor, et abscissos interluit æquore montes:
Parvaque cognatas prohibent discrimina terras.
Nunc illam socia raptam tellure trisulcam
Opponit natura mari. Caput inde Pachyni
Respuit Ionias prætentis rupibus iras.
Hinc latrat Gætula Thetis, Lylibæaque pulsat
Brachia consurgens, hinc dedignata teneri
Concutit objectum rabies Thyrrhena Pelorum.
In medio scopulis se porrigit Ætna perustis;
Ætna Giganteos nunquam tacitura triumphos,
Enceladi bustum, qui saucia terga revinctus
Spirat inexhaustum flagranti pectore sulphur.
Et quoties detrectat onus cervice rebelli
In dextrum, lævumve latus; tunc insula fundo

A Trinacria já foi parte de Italia (13)
No antigo tempo; mas rompeo-lhe o nexo
O revoltoso mar co' as ondas bravas.
Triumphante Nereo quebrou-lhe os laços,
E os montes despegados encheo d'aguas,
Que para sempre abertos, curto estreito
Defendem rochas duras e immutaveis.
Hoje oppõe inflexivel natureza
Ao mar irado, que roubara a terra,
Tres promontorios; fica sempre estranha
Áquella de que foi porção outr'ora.
Contra os rochedos do Pachyno quebram
As Ionias ondas: acolá, bramindo,
Thetis Getulea se levanta, e cae
Ao pé do Lylibeo irresistivel:
Do mar Thyrreno a furia ao longe bate,
Sem que ceda o Peloro á impaciencia
Das vagas contra o dique que as reprime.
No meio dos rochedos calcinados
O Etna se levanta, da derrota
Dos Gigantes eterno monumento;
Em cuja subterranea base preso,
D'asperrimas cadêas retalhado,
Encélado do peito ardente exhala
Inextinguivel sulphurante bafo.
Se acaso move a frente constrangida,
E procura co' a mão rebelde um geito
Que o peso diminua do que soffre,

Vellitur, et dubiæ nutant cum mœnibus urbes.
Ætnæos apices solo cognoscere visu,
Non aditu tentare, licet; pars cætera frondet
Arboribus; teritur nullo cultore cacumen.
Nunc vomit indigenas nimbos, piceaque gravatum
Fœdat nube diem; nunc molibus astra lacessit
Terrificis, damnisque suis incendia nutrit.
Sed, quamvis nimio fervens exuberet æstu,
Scit nivibus servare fidem, pariterque favillis
Durescit glacies tanti secura vaporis,
Arcano defensa gelu, fumoque fideli
Lambit contiguas innoxia flamma pruinas.

Quæ scopulos tormenta rotant? quæ tanta cavernas
Vis glomerat? quo fonte ruit Volcanius amnis?
Sive quod objicibus discurrens ventus opertis,
Offenso per saxa furit rimosa meatu,
Dum scrutatur iter, libertatemque reposcens
Putria multivagis populatur flatibus antra.

Treme a Sicilia, abalam-se as Cidades,
Sobre as bases seus muros estremecem.
Os seus cumes a vista alcança apenas,
Vencê-los não podendo os pés cançados;
As faldas da montanha arvores vestem;
Rebelde o teso sempre á agricultura,
Vomita de betumes prenhes nuvens,
De vapores terrificos inunda
O reluzente Sol, que é pae do dia;
Rochas expulsa com que assusta os astros,
E de seus proprios restos nutre o incendio.
Mas apesar dos turbilhões ardentes,
Aos gelos guardam fé igneos vapores;
A lympha se congela, preservada
Pelo secreto frio que alli mora;
Lambe a chamma sem damno as frias aguas.

Que machina é que impelle estes rochedos?
Que forças escavaram taes cavernas?
De que fonte esses rios inflammados
E torrentes volcanicas derivam?
Talvez no centro comprimido o vento
Em subterraneos carceres se agita,
E fura ousado, retalhando as rochas;
Quer libertar-se, e rompe o seu caminho
Por entre os antros pútridos, que occupam
Multivagos, mephyticos vapores.

Seu mare sulfurei ductum per viscera montis
Oppressis ignescit aquis, et pondera librat.

Hic ubi servandum mater fidissima pignus
Addidit, ad Phrygios tendit secura penates,
Turrigeramque petit Cybelen, sinuosa draconum
Membra regens, volucri qui pervia nubila tractu
Signant, et placidis humectant frena venenis.
Frontem crista tegit; pingunt maculosa virentes
Terga notæ: rutilum squamis intermicat aurum.
Nunc spiris Zephyros tranant: nunc arva volatu
Inferiore secant, cano rota pulvere labens
Sulcatam fecundat humum. Flavescit aristis
Orbita. Surgentes condunt vestigia culmi.
Vestit iter comitata seges. Jam linquitur Ætna,
Totaque decrescit refugo Trinacria visu.

Talvez do mar, correndo nas entranhas
Desses sulphureos montes, aquecidas,
Fervem tambem as aguas, e rebentam
Co' essas massas ingentes contra os ares.

Apenas neste sitio deposita
A carinhosa mãe a doce prenda
De seu materno amor, vai sem cuidado
Á Phrygia, onde o devêr por ella chama,
Onde habita a turrigera Cybelle.
Dos dragões sinuosos de seu carro
Dirige os membros com que audazes cortam
Por entre nuvens seu caminho aéreo;
E nos freios auriferos, que mordem,
Venenosa impotente espuma alveja.
Na fronte se lhe eleva altiva crista;
Manchas verdes e azues cobrem-lhe o dorso,
Que aureas escamas rutilantes mesclam.
Ora os suspiros de Favonio vencem;
Ora abaixando o vôo, vão sulcando
Com as rodas a terra, que fecunda
O prolífico grão em quanto adejam.
As orbitas da espiga já se douram,
Ornam as leivas germes abundantes,
Que os campos e searas fertilizam.

Desapparece o Etna; já de Ceres
Os olhos a Trinacria não divisam.

Heu quoties præsaga mali violavit oborto
Rore genas! quoties oculos ad tecta retorsit.

Talia voce movens: Salve, gratissima tellus,
Quam nos prætulimus cœlo. Tibi gaudia nostri
Sanguinis, et caros uteri commendo labores.
Præmia digna manent. Nullos patiere ligones,
Et nullo rigidi versabere vomeris ictu.
Sponte tuus florebit ager, cessante juvenco
Ditior oblatas mirabitur incola messes.

Sic ait, et fulvis serpentibus attigit Idam.
Hic ædes augusta Deæ, templique colendi
Relligiosa silex, densis quam pinus opacat
Frondibus, et nulla lucos agitante procella,
Stridula coniferis modulatur carmina ramis.

Quantas lagrimas, ah! que pranto amargo
O coração, presago dos desastres,
Soltà e derrama sobre as faces bellas!
Quantas vezes atraz os olhos volta,
E saudosa profere estas palavras:

«Salve, ó terra gratissima, que outr'ora
Eu preferi aos Ceos, sitio dos Deoses!
Conserva o que entreguei, penhor sagrado
Do meu amor e sangue; o doce fructo
Dos maternaes trabalhos te encommendo.
Pagarei d'alto premio o teu cuidado:
Não soffrerás da enxada os ferreos golpes,
Nem rasgará teu seio o curvo arado.
Teus campos espontaneas flores brotem;
E á vista da riqueza das searas,
O lavrador surpreso não duvide
Repartir c'os novilhos seu descanço.»

Disse assim, quando já iam chegando
Os seus fulvos dragões ao monte Ida.
Em capella sagrada a mãe dos Deoses
Religiosa pedra a symboliza;
Alli n'um templo augusto lhe dão culto.
Frondente rama de pinheiros altos (14)
Com magestosa e densa sombra o cobre:
Nenhum tempestuoso vento os turba;
Brando sussurro só diffunde a rama,
Que em doce consonancia fere os ares.

Terribiles intus Thiasi, vesanaque mixto
Concentu delubra gemunt. Ululatibus Ide
Bacchatur. Timidas inclinant Gargara silvas.

Postquam visa Ceres, mugitum tympana frenant,
Conticuere chori. Corybas non impulit ensem.
Non buxus, non æra sonant; blandasque leones
Summisere jubas. Adytis gavisa Cybelle
Exsilit, et pronas intendit ad oscula turres.

Viderat hæc dudum summa speculatus ab arce
Jupiter, ac Veneri mentis penetralia nudat.

Curarum secreta tibi, Cytherea, fatebor

Do recinto porêm alto resoam
Os livres dythirambos, loucas danças,
Os bramidos confusos, os clamores
Com que estremece o Ida, e intimidada
Do Gárgara a floresta se commove,
E inclina com respeito a vasta coma.

Apenas se vê Ceres, tudo cala:
Os tambores reprimem seus estrondos;
Emudecem os chóros, e retiram
Os Corybas immoveis as espadas. (15)
Calam-se as flautas, dos clarins o bronze
Mais não póde estrugir; leões submissos
Abaixam sem fereza as fartas jubas,
E os pés da Deosa carinhosos beijam.

Cybelle alegre o sanctuario deixa,
Corre a abraçar a filha com ternura,
E inclina as torres com que cinge a frente.

Jove do summo Olympo observa as Deosas,
E quão proprio o momento se apresenta
De revelar a Venus seu projecto:
Eis desnudando a mente impenetravel
O mysterio descobre á gentil Filha:

« Vou, diz elle, ó Deidade de Cythera,
Meus secretos cuidados revelar-te:

Candida Tartareo nuptum Proserpina regi
Jam dudum decreta dari. Sic Atropos urget:
Sic cecinit longæva Themis. Nunc matre remota
(Rem peragi tempus) fines invade Sicanos,
Et Cereris prolem patulis illudere campis,
Crastina puniceos cum lux detexerit ortus,
Coge tuis armata dolis; quibus urere cuncta,
Me quoque sæpe, soles. Cur ultima regna quiescunt?
Nulla sit immunis regio, nullumque sub umbris
Pectus inaccensum Veneri. Jam tristis Erinnys
Sentiat ardores; Acheron, Ditisque severi
Ferrea lascivis mollescant corda sagittis.

A linda Proserpina deve unir-se
Ao Tartaro Monarcha; isto ordenaram
Ha tempos os Destinos; nisto insiste
Atropos sem remedio; a antiga Themis
O determina assim por seus decretos.
O tempo está chegado: partio Ceres;
Favorece esta ausencia o meu designio.

«Os campos da Sicilia affoita invade,
E da prole de Ceres toma posse:
Para a trazer illusa ao campo aberto,
Amanhã, quando a luz nascer, seus raios,
E mais teus artificios, a convidem
A encontrar na planicie o fresco orvalho:
Das artes com que arder fazes o mundo,
E a mim mesmo mil vezes incendêas,
Usa, Acidalia, e serve a mim e aos Fados.
Por que motivo em paz deixas o Averno?
Nada escapou do teu podêr suave;
Nem no seio das trevas taciturnas
Coração se encontrou inaccessivel
Aos attractivos da potente Venus.
A triste Erinnys sinta os teus ardores;
Reina sobre o Acheronte e seu tyranno;
E pelas deleitosas tuas flechas
Os corações marmoreos amollece.»

Accelerat præcepta Venus; jussuque parentis
Pallas, et inflexo quæ terret Mænala cornu,
Addunt se comites. Divino semita gressu
Claruit. Augurium qualis laturus iniquum
Præpes sanguineo dilabitur igne cometes
Prodigiale rubens. Non illum navita tuto
Non impune vident populi: sed crine minaci
Nunciat aut ratibus ventos, aut urbibus hostes.

Devenere locum, Cereris quo tecta nitebant
Cyclopum firmata manu. Stant ardua ferro
Mœnia; ferrati postes: immensaque nectit
Claustra chalybs. Nullum tanto sudore Pyracmon,
Nec Steropes, construxit opus: nec talibus unquam
Spiravere notis animæ: nec flumine tanto
Incoctum maduit lassa fornace metallum.

Co' este preceito Venus se accelera;
De Jupiter as ordens lhe associam
Por companheiras Pallas e essa Deosa
Cujo boaz curvado assusta o Ménalo.

Vão diffundindo luzes nos caminhos
Os passos divinaes das tres Deidades:
Bem como a coma de um cometa espanta,
Quando, presagio d'uma queda infausta,
De repente se vê: treme o Piloto;
Os povos assustados se consternam
C'o sanguineo fulgor do astro funesto,
Co' as vermelhas madeixas, que promettem
Tempestades ás naos, guerra ás cidades.

Chegam em fim de Ceres ao palacio,
Que os Cyclopes robustos construiram
Com esplendido gosto e segurança,
E deram ferrea base aos altos muros:
De ferro são as portas, que seguram
Com fechaduras d'aço fortes barras.
Nunca tanto suor cobrio as faces
De Pyracmon, nem poz maior desvelo
O forçoso Sterope em qualquer obra:
Nunca o vento soprou com tanta força
Nos folles comprimido, nem correram
Das ardentes fornalhas fatigadas
Os fundidos metaes em copia tanta.

Atria vestit ebur: trabibus solidatur ahenis
Culmen, et in celsas surgunt electra columnas.

Ipsa domum tenero mulcens Proserpina cantu
Irrita texebat rediturae munera matri.
Hic elementorum seriem sedesque paternas
Insignibat acu: veterem qua lege tumultum
Discrevit Natura parens, et semina justis
Discessere locis. Quidquid leve, fertur in altum:
In medium graviora cadunt. Incanduit æther:
Egit flamma polum: fluxit mare: terra pependit,
Nec color unus inest. Stellas accendit in auro,
Ostro fundit aquas, attollit littora gemmis,
Filaque mentitos jamjam cælantia fluctus
Arte tument. Credas illidi cautibus algam,

Eram de bronze as traves; em mistura
A prata e ouro aos ares levantavam
Elegantes altissimas columnas.

Com maviosos cantos deleitava
Estes sitios a terna Proserpina;
E para a mãe, que em vão saudosa espera,
Um presente tecia, primor d'arte.
Co' a destra agulha desenhava astuta
O throno de seu Pae, celeste assento:
Ingenhosa na téla figurava
Dos Elementos a constante serie:
A Natureza o cahos arranjando,
E em seu justo lugar as cousas pondo;
Fixando onde compete o que é mais leve;
Fazendo gravitar o que mais pésa:
Encandilando o ether; e obrigando
Sobre um ponto a girar o Ceo c'os Astros:
Fica fluido o mar, solida a terra,
Suspendida no espaço illimitado.
Tinge os raios da luz com varias cores,
E accendeo as estrellas n'um Ceo d'ouro:
Sobre um leito azulado as ondas brincam;
As preciosas perolas que alvejam
Crescem nas praias, e por arte os fios
Se levantam fingindo crespas ondas.
Parece que nas rochas s'espedaçam
As maritimas plantas, verdes algas;

Et raucum bibulis inserpere murmur arenis.
Addit quinque plagas. Mediam subtemine rubro
Obsessam fervore notat. Squalebat adustus
Limes, et assiduo sitiebant stamina sole.
Vitales utrimque duas; quas mitis oberrat
Temperies habitanda viris. Tum fine supremo
Torpentes traxit geminas, brumaque perenni
Fœdat, et æterno contristat frigore telas.
Nec non et patrui pingit sacraria Ditis,
Fatalesque sibi manes. Nec defuit omen.
Præscia nam subitis maduerunt fletibus ora.
Cœperat et vitreis summo jam margine texti
Oceanum sinuare vadis: sed cardine verso
Sensit adesse Deas, imperfectumque laborem
Deserit, et niveos infecit purpura vultus
Per liquidas succensa genas, castæque pudoris
Illuxere faces. Non sic decus ardet eburnum,
Lydia Sidonio quod femina tinxerit ostro.

Que se ouve o som das aguas murmurando,
Quando serpêam pela solta arêa.
Alli bordou tambem as cinco Zonas;
E c'um fio de purpura assignala
O sitio onde o calor mais permanece:
Vê-se que assiduo o Sol desseca a terra,
Torra do estofo a trama delicada.
Os dous lados vitaes e temperados
Mais habitaveis são, e mais convidam
Aos humanos seus climas restaurantes.
Os extremos tambem bordou desertos,
Eternas brumas, congeladas neves,
Que a mesma tela desabrida attristam.
Não lhe esqueceo tambem do fero Dite
Os tenebrosos sitios, fataes sombras,
Que a Sorte infelizmente lhe promette.
Não lhe faltam agouros: começando,
Fatal presentimento a atormentava,
Subito pranto lhe humedece o rosto.
Mas quando ia os contornos submergindo
Nas cristalinas aguas do Oceano,
De repente da porta os fechos se abrem:
Á vista das tres Deosas o trabalho
Incompleto abandona; a nivea face
Invade a escarlatina cor modesta
Com todo o fogo que o pudor accende.
Menos brilha o marfim, se acaso o tinge
Com purpura Sidonia Lydia escrava.

Merserat unda diem. Sparso nox humida somno
Languida cæruleis invexerat otia bigis.
Jamque viam Pluton superas molitur ad auras
Germani monitu. Torvos invisa jugales
Alecto temone ligat, qui pascua mandunt
Cocyti, spatiisque Erebi nigrantibus errant,
Stagnaque tranquillæ potantes marcida Lethes
Ægra soporatis spumant oblivia linguis.
Orphnæus crudele micans, Æthonque sagitta
Ocior, et Stygii sublimis gloria Nycteus
Armenti, Ditisque nota signatus Alastor,
Stabant ante fores juncti, sævumque fremebant
Crastina venturæ spectantes gaudia prædæ.

No mar se tinha o dia mergulhado:
Humida a Noite os somnos esparzia,
E a cerulea parelha dormitava,
Por ocio e languidez entorpecida.

Pelo aviso do Irmão já s'esforçava
Plutão para romper a nova estrada
Pelos sitios que alegra a luz celeste.
Alecto horrenda conjugava á lança
Os ferozes cavallos, que mascaram
O pasto no Cocyto, e soltos vagam
Nos espaços do Erébo negrejantes;
Que no Lethes tranquillo bebem tristes
As estagnadas corrompidas aguas,
Das linguas soporantes vomitando
Co' a narcotica espuma peçonhenta
O enfermo olvido que anniquila tudo.

O cruel Orpheneo lampeja e freme;
Mais rapido que a setta vôa Æthonte;
Das manadas Estygias, gloria dellas,
O sublime Nycteo; e assignalado
Co' a marca de Plutão o negro Alástor:
Subjugados á porta do palacio,
Relinchavam, prevendo a bella preza
Que ao Dite promettia a nova aurora.

DE RAPTU PROSERPINÆ.

PRÆFATIO.

Otia sopitis ageret cum cantibus Orpheus,
   Neglectumque diu seposuisset ebur;
Lugebant erepta sibi solatia Nymphæ,
   Lugebant dulces flumina mœsta modos.
Sæva feris natura redit, metuensque leonum
   Implorat citharæ vacca tacentis opem.
Illius et duri flevere silentia montes,
   Silvaque Bistoniam sæpe secuta chelyn.

Sed postquam Inachiis Alcides missus ab Argis
   Thracia pacifero contigit arva pede,
Diraque sanguinei vertit præsepia Regis,

O ROUBO DE PROSERPINA.

PREFACIO.

Em ocio esteril esquecia o canto
Orpheo, e a lyra muda repousava;
As Nymphas consternadas lamentavam
Seu perdido prazer; em pranto os rios
Supplicavam, seus melicos concentos.
A feroz natureza reassumiam
Os monstros; e os bezerros timoratos
Á vista dos leões sollicitavam
Da cithara calada seu remedio.
Que digo! seu silencio magoava
Os insensiveis montes da Bistonia, (1)
As florestas, que tantas vezes foram
Por seus numeros doces attrahidas.

Mas apenas que d'Inacho a Cidade,
Argos, deixou Alcides, e seguido (2)
Pela paz veio á Thracia; e em pó deixando
As sanguinosas manjedouras d'Augias,

Et Diomedeos gramine pavit equos:
Tum patriæ festo lætatus tempore vates
Desuetæ repetit fila canora lyræ,
Et resides lævi modulatus pectine nervos,
Pollice festino mobile duxit ebur.
Vix auditus erat: venti frenantur et undæ.
Pigrior adstrictis torpuit Hebrus aquis.
Porrexit Rhodope sitientes carmina rupes,
Excussit gelidas pronior Ossa nives.
Ardua nudato descendit populus Æmo,
Et comitem quercum pinus amica trahit.
Cirrhæasque Dei quamvis despexerit artes,
Orpheis laurus vocibus acta venit.
Securum blandi leporem fovere Molossi,
Vicinumque lupo præbuit agna latus.
Concordes varia ludunt cum tigride damæ,
Massylam cervi non timuere jubam.

Ille novercales stimulos actusque canebat
Herculis, et forti monstra subacta manu,

Fartou de grama os Diomedeos urcos;
Da ventura da patria Orpheo ditoso,
Torna a ferir as cordas resoantes
Da lyra abandonada; eburneo arco
O instrumento ocioso reanima,
E os ageis dedos móveis fios vibram.

Os ventos c'os primeiros sons se acalmam,
Param as ondas, o Hebro perguiçoso (3)
A rapidez das aguas entorpece;
O Rhodope pasmado o cimo inclina,
Soltam-se os gelos do Ossa alcantilado, (4)
Despe-se o Hœmus dos soberbos olmos, (5)
Após si o pinheiro attrahe o azinho;
E apesar dos desdens que a Daphne inspira
Do Deos de Cirrha o sonoroso officio, (6)
Commove a voz d'Orpheo a laurea rama.

Presta affagos á lebre o mastim manso,
Dorme sem susto a ovelha ao pé do lobo;
Une a concordia os gamos com os tigres,
Brincam juntos; nem mette medo ao cervo
A juba do leão, as garras feras.

Da raivosa madrasta as iras canta
Orpheo, e canta d'Hercules proezas;
Os monstros que debella a mão terrivel:

Qui timidæ matri pressos ostenderit angues,
Intrepidusque fero riserit ore puer.

Te neque Dictæas quatiens mugitibus urbes
Taurus, nec Stygii terruit ira canis:
Non leo sidereos cœli rediturus ad axes,
Non Erymanthei gloria montis aper.
Solvis Amazonios cinctus, Stymphalidas arcu
Appetis; occiduo ducis ab orbe greges:
Tergeminique ducis numerosos dejicis artus,
Et toties uno victor ab hoste redis.
Non cadere Antæo, non crescere profuit Hydræ:
Non cervam volucres eripuere pedes.
Caci flamma perit: rubuit Busiride Nilus:
Prostratis rubuit Nubigenis Pholoë.
Te Libyci stupuere sinus: te maximus Atlas

Diz como Alcmena treme quando observa
Os braços infantis com que seu filho
No berço affoga horrisonas serpentes;
Como voltêa sobre os tenros labios
Certo sorriso triumphante, intrepido.

«Sem descórar, (disse elle) o touro viste
Cujos mugidos abalaram Creta;
Do stygio cão os ladros não temeste,
Nem o leão que aos Ceos subir devia;
Ou javali feroz, que do Erymantho
Foi terror, e foi gloria de teu braço.

«O cinto da Amazonia desataste; (7)
Só fugindo as Harpias te escaparam;
E dos termos do mundo conduziste
Té ás portas da Aurora esses rebanhos
Do triple Geryão, cuja derrota
A teu valor concede tres triumphos.

«Nem as quedas de Anteo, premeditadas,
Nem da Hydra as cabeças renascentes,
Os pés da Cerva alados, os livraram
De teus golpes: de Caco a chamma apagas;
De Busiris o sangue tinge o Nilo,
E dos Centauros mortos tinge o Phóloe (8).
Taes prodigios, façanhas tão sublimes,
Da Libya as praias teem como assombradas: (9)

Horruit, imposito cum premerere polo.
Firmior Herculea mundus cervice pependit.
Lustrarunt humeros Phœbus et astra tuos.

Thracius hæc vates; sed tu Tyrinthius alter,
Florentine, mihi, tu mea plectra moves.
Antraque Musarum longo torpentia somno
Excutis, et placidos ducis in orbe choros.

LIBER II.

IMPULIT Ionios præmisso lumine fluctus
Nondum pura dies: tremulis vibravit in undis
Ardor, et errantes ludunt per cærula flammæ.

Jamque audax animi, fidæque oblita parentis,

Atlas ingente freme e se horrorisa
Vendo que o Ceo descança nos teus hombros;
Ás celestes abobadas parece
Que um mais firme e melhor apoio prestam,
Pois sobre elle proseguem seu caminho
Phebo e a cohorte dos luzentes astros.»

Assim cantava Orpheo. Tu, novo Alcides (10),
Tu dás á minha lyra alento novo:
Á tua voz o longo somno foge,
E abandona a morada taciturna,
Que no silencio as Musas habitavam;
Entre os mortaes ordenas que desfechem
Os seus chóros, que são da paz amigos.

LIVRO II.

Sobre as Ionicas ondas já brilhavam
Fogos que são do dia precursores;
E nas tremulas aguas voltejava
A sua incerta luz, que se confunde,
Á chamma d'ouro, c'os cristaes ceruleos.

Incauta Proserpina poz de parte
Da mãe o meigo aviso providente;

Fraude Dionæa riguos Proserpina saltus
(Sic Parcæ voluere) petit. Ter cardine verso
Præsagum cecinere fores. Ter conscia fati
Flebile terrificis gemuit mugitibus Ætna.
Nullis illa tamen monstris, nulloque tenetur
Prodigio. Comites gressum junxere sorores.
Prima dolo gaudens, et tanti callida voti
It Venus, et raptus metitur corde futuros,
Jam durum flexura Chaos, jam, Dite subacto,
Ingenti famulos Manes ductura triumpho.

Illi multifidos crinis sinuatur in orbes
Idalia divisus acu. Sudata marito
Fibula purpureos gemma suspendit amictus.
Candida Parrhasii post hanc regina Lycæi,
Et Pandionias quæ cuspide protegit arces,
Utraque virgo, ruunt: hæc tristibus aspera bellis;
Hæc metuenda feris. Tritonia casside fulva

Sem temor corre ao bosque humedecido,
Onde a fraude de Venus a attrahia
(Assim quizeram Parcas). Sobre os quicios
Tres vezes, oh presagio! a porta geme;
Por tres vezes o Etna amedrentado
Resoa c'os gemidos mais queixosos:
Apesar dos prodigios, parte a virgem.

As tres Deosas irmãs seus passos seguem:
Dione á frente goza da ventura
Que teem seus artificios; dissimula,
Mas vê de longe, com prazer secreto,
Quanto seus votos calidos provocam;
Que o triumpho do Dite lhe submette
O Chaos, Plutão mesmo, e os Manes todos,
Que ao seu carro assim ficam maneatados.

Em mil anneis lhe tinha Idalio ferro
Dividido as madeixas d'aureas ondas,
Que airosas diamantino pente ajusta.
A tunica de purpura fixava
Sobre o seio presilha primorosa,
Que Vulcano regou de seus suores.
D'Arcadia a Deosa candida a seguia, (11)
E a d'Athenas potente protectora,
Que Hymeneo uma e outra desconhece:
Esta exaspera os asperos combates;
Essa nos bosques é terror das feras.

Cælatum Typhona gerit, qui, summa peremtus,
Ima parte viget, moriens et parte superstes.
Hastaque terribili surgens per nubila gyro
Instar habet silvæ. Tantum stridentia colla
Gorgonos obtentu pallæ fulgentis inumbrat.

At Triviæ lenis species, et multus in ore
Frater erat, Phœbique genas et lumina Phœbi
Esse putes, solusque dabat discrimina sexus.
Brachia nuda nitent: levibus projecerat auris
Indociles errare comas, arcuque remisso
Otia nervus agit. Pendent post terga sagittæ.
Crispatur gemino vestis Gortynia cinctu
Poplite fusa tenus, motoque in stamine Delos
Errat, et aurato trahitur circumflua ponto.

Quas inter Cereris proles, nunc gloria matris,
Mox dolor, æquali tendit per gramina passu,
Nec membris nec honore minor; potuitque videri
Pallas, si clipeum, si ferret spicula, Phœbe.

Traz Minerva no casco horrida imagem
De Typheo, que a si mesmo supervive;
Esse gigante cujo busto é prêsa
Da morte, quando a vida anima o resto.
A lança della sobrepuja as nuvens;
E os olhos assustados a reputam
Uma floresta altiva; cobre as serpes
Que silvam sobre a frente de Medusa
Um manto, que é d'estrellas recamado.

No alvo rosto a doçura lhe morava,
Nos olhos e na face era Diana
Qual Phebo seu irmão; sómente o sexo
Impede que se crêa ser Apollo:
Brilham seus braços nús, soltos cabellos
São do Zephiro leve alegre brinco;
O seu arco descança; a corda bamba
E as flechas de seus alvos hombros pendem.
Dobre cinto o vestido lhe suspende
Acima do joelho; alli bordado
Delos errante sobre o mar se via,
Que d'aureas ondas circundava as roupas.

Vem seguindo estas Deosas Proserpina,
Rival dellas em garbo e magestade,
De Ceres gloria, e logo acerba magoa;
Vendo o broquel, por Pallas a julgaram,
E por Diana, á vista do arco e flechas.

Collectæ tereti nodantur iaspide vestes.
Pectinis ingenio numquam felicior arti
Contigit eventus. Nullæ sic consona telæ
Fila, nec in tantum veri duxere figuram.

Hic Hyperionio Solem de semine nasci
Fecerat, et pariter, sed formâ dispare, Lunam,
Auroræ noctisqui duces. Cunabula Tethys
Præbet, et infantes gremio solatur anhelos,
Cæruleusque sinus roseis radiatur alumnis.
Invalidum dextro portat Titana lacerto
Nondum luce gravem, nec pubescentibus alte
Cristatum radiis. Primo dementior ævo
Fingitur, et tenerum vagitu despuit ignem.
Læva parte soror vitrei libamina potat
Uberis, et parvo signatur tempora cornu.

Tali luxuriat cultu. Comitantur euntem
Naïdes, et socia stipant utrinque corona,
Quæ fontes, Crinise, tuos, et saxa rotantem
Pantagiam, nomenque Gelan qui præbuit urbi,

Traz vestes, presas com polidos jaspes,
De tela, primor d'arte em transparencia,
Que as delicadas formas revelavam
Com mais exactidão do que encobriam.

Nellas bordou com arte mão perita
D'Hyperionio a prole, o Sol e a Lua,
D'Aurora e Noite os bellos conductores.
Seu cançasso e fadiga acalma Thetys
No cristalino berço que lhe offerta;
Douram-lhe o seio azul purpureos raios
Dos dois Numes lustrosos que ella affaga:
O juvenil Titan, que traz na dextra,
Com seu frouxo esplendor lhe cerca a frente;
Ao qual a agulha experta presta as graças
Da infancia, e faz luzir as puras chammas
Que da boca lh' escapam c'os vagidos.
No braço esquerdo Cynthia exprime a Thetys
Do diafano seio doce nectar,
E começa na tenra testa a ver-se
Do crescente argentino a luz serena.

Vai Proserpina d'esta pompa altiva:
De Nayades um circulo vistoso,
Por toda a parte, em comitiva a segue.
Deixam as fontes do Criniso, e os seixos (12)
Que o Pantagio estrondoso inda revolve;
O Gela, que deo nome a uma Cidade,

Concelebrant: quas pigra vado Camarina palustri,
Quas Arethusæi latices, quas advena nutrit
Alpheus. Cyane totum supereminet agmen.

Qualis Amazonidum peltis exultat aduncis
Pulcra cohors, quoties Arcton populata virago
Hippolyte niveas ducit post prælia turmas;
Seu flavos stravere Getas, seu forte rigentem
Thermodontiaca Tanaïn fregere securi.

Aut quales referunt Baccho solennia Nymphæ
Mæoniæ, quas Hermus alit, ripasque paternas
Percurrunt auro madidæ; lætatur in antro
Amnis, et undantem declinat prodigus urnam.

Viderat herboso sacrum de vertice vulgus
Henna parens florum, curvaque in valle sedentem
Compellat Zephyrum: Pater ô gratissime veris,

E as cannas que embargavam Camarina
Quando o seu cristal liquido entornava;
Que o licor d'Arethusa e a praia entulham,
Quando estrangeiro Alpheo de longe a busca: (13)
Cyane, a linda, sobresae a todas. (14)

Taes Amazonas bellicas agitam
Os convexos broqueis depois da guerra,
Se as niveas turmas reconduz Hippolyta
Aos campos em que reina Arctos e a neve;
Ou com seus golpes tenham morto o Geta,
Ou c'os machados de que o Thermodonte
Armou seus braços fortes, invenciveis
Os gelos do Tanais despedaçassem.

Taes tambem, se de Baccho as festas voltam,
As Nymphas da Meonia ás praias correm
Do Hermus, cujas ondas aureas bebem;
O Deos, na gruta ouvindo-as, estremece,
A urna inclina, e derrama as ondas d'ouro.

Alcatifado d'herva o fertil Henna,
Rico de flores, apercebe o grupo
Das Deosas e das Nymphas engraçadas;
E o Zephyro, que observa perguiçoso
E sentado n'um valle, á pressa chama.

« Amavel pae, lhe diz, da primavera,

Qui mea lascivo regnas per prata meatu
Semper, et assiduis irroras flatibus annum,
Respice Nympharum cœtus, et celsa Tonantis
Germina, per nostros dignantia ludere campos.
Nunc adsis faveasque, precor, nunc omnia fetu
Pubescant virgulta velis, ut fertilis Hybla
Invideat, vinciqne suos non abnuat hortos.
Quidquid turiferis spirat Panchaïa silvis,
Quidquid odoratus longe blanditur Hydaspes,
Quidquid ab extremis ales longæva Sabæis
Colligit, optato repetens exordia busto,
In venas disperge meas, et flamine largo
Rura fove, merear divino pollice carpi,
Et nostris cupiant ornari numina sertis.

Que em brincadores giros incessantes
Em meu prado te agitas, que não canças
De humedecer de orvalhos bemfeitores
Em meu serviço as estações do anno;
Este choro de Nymphas vê, repara
Nesta prole celeste do Tonante,
Que em nossos campos digna recrear-se.
Com teu favor protege hoje meus votos!
As plantas de repente se vigorem,
De novas flores se matise a terra;
Envergonhe-se o Hybla, e reconheça (15)
Que os meus prados viçosos e abundantes
Os seus ferteis floridos campos vencem.
Em minhas veias corra a essencia pura
Que a Panchaia thurifera perfuma;
Os vapores suaves com que as praias
Do magestoso Hydaspe se embalsemam;
Os cheiros deleitosos que recolhe
Lá nas plagas Sabéas, tão distantes,
Immortal ave, e recupera a vida (16)
No sepulchro e fogueira que a consome;
Em minhas veias taes effluvios corram,
Taes halitos me aqueçam as entranhas;
E mereçam então as minhas flores
Pelas mãos divinaes o ser colhidas;
Appeteçam os Numes para ornar-se
Minhas boninas, meus festões viçosos.»

Dixerat. Ille novo madidantes nectare pennas
Concutit, et glebas fecundo rore maritat,
Quaque volat, vernus sequitur rubor. Omnis in herbas
Turget humus, medioque patent convexa sereno:
Sanguineo splendore rosas, vaccinia nigro
Induit, et dulci violas ferrugine pingit.

Parthica quæ tantis variantur cingula gemmis
Regales vinctura sinus? Quæ vellera tantum
Ditibus Assyrii spumis fucantur aëni?
Non tales volucer pandit Junonius alas.
Nec sic innumeros arcu mutante colores
Incipiens redimitur hyems, cum tramite flexo
Semita discretis interviret humida nimbis.

Forma loci superat flores: curvata tumore
Parvo planities, et mollibus edita clivis
Creverat in collem. Vivo de pumice fontes

Disse; e o Zephyro as azas sacudindo,
Sólta uma chuva de nectareas gotas,
Cujo orvalho prolífico e suave
As leivas namoradas enternece;
Vernal verdura em quanto vôa o segue:
A terra entumecida produz hervas,
As flores brotam: luz serena envolve
A abobada celeste; as rosas coram,
As saudades de lucto se revestem;
E a modesta viola em roxo traje
Com perfumes revela quanto vale.

Os Parthas com diamantes menos ornam
O cinto destinado a seus Monarchas;
Das caldeiras de cobre a Assyria gente
Com menos lustre as lãs tintas tiraram;
Nem scintillaram tanto os olhos d'Argos
Na cauda do volatil que ama Juno:
Á vista cores menos variadas
Offrece a curva lista que no inverno
Abrange do hemispherio o largo espaço,
Quando, prenhe de chuva, verdes sulcos
Nos ares divididos assignala.

A belleza do sitio vence as flores:
A curvada planicie alli se eleva,
E em suave declive ao prado desce;
Limpidas fontes rompem dos rochedos,

Roscida mobilibus lambebant gramina rivis.
Silvaque torrentes ramorum frigore soles
Temperat, et medio brumam sibi vindicat æstu.
Apta fretis abies, bellis accommoda cornus,
Quercus amica Jovi, tumulos tectura cupressus,
Iles plena favis, venturi præscia laurus.
Fluctuat hic denso crispata cacumine buxus,
Hic ederæ serpunt, hic pampinus induit ulmos.
Haud procul inde lacus (Pergum dixere Sicani)
Panditur, et nemorum frondoso margine cinctus
Vicinis pallescit aquis. Admittit in altum
Cernentes oculos, et late pervius humor
Ducit inoffensos liquido sub gurgite visus,
Imaque perspicui prodit secreta profundi.

Huc elapsa cohors gaudent per florea rura,
Hortatur Cytherea, legant. Nunc ite, sorores,

Refrescando e affagando a verde relva;
Do Sol o ardor tempera espessa rama
De um bosque abastecido, que no Estio
Guarda a frescura que reveste o Inverno:
Cresce o pinheiro alli, que o mar affronta;
A sorveira, que a Marte tanto serve;
O carvalho, que ostenta com suberba
Ser valido do Deos que os raios vibra:
Cresce o cypreste alli, que a sombra escassa
Aos tumulos destina; cresce o azinho,
Das abelhas amado; cresce o louro,
Dos futuros segredos confidente:
Enlaça o bucho seus espessos ramos;
Hera serpêa, a vide os olmos veste.
Alli perto se alonga o lago Pergus,
Cujas margens frondoso bosque cerca:
Se co' as alvercas proximas se agita
Seu limpido cristal, as ondas claras
Aos curiosos olhos não prohibem
Livre passagem; ver esses segredos
Que nas profundas grutas mal recata
O véo das aguas argentinas, limpas.

Lançam-se as Deosas, transportadas correm
Pela florea planicie; excita-as Venus
A segar a odorifera seara.

« Ide, caras irmãs, ide, diz ella,

Dum matutinis præsudat solibus aër:
Dum meus humectat flaventes Lucifer agros,
Roranti prævectus equo. Sic fata, doloris
Carpit signa sui. Varios tum cetera saltus
Invasere cohors. Credas examina fundi
Hyblæum raptura thymum, cum cerea reges
Castra movent, fagique cava dimissus ab alvo
Mellifer electis exercitus, obstrepit herbis.

Pratorum spoliatur honos. Hæc lilia fuscis
Intexit violis: hanc mollis amaracus ornat:
Hæc graditur stellata rosis; hæc alba ligustris.
Te quoque flebilibus mœrens, Hyacinthe, figuris,
Narcissumque metunt, nunc inclita germina veris,
Præstantes olim pueros. Tu natus Amyclis:
Hunc Helicon genuit. Te disci perculit error:

Em quanto o Sol da Aurora não enxuga
O roseo pranto, e em quanto os flavos sulcos
Amollece o meu Lúcifer correndo
Em seu cavallo, que humedece o orvalho. »
Nisto colhe uma rosa, recordando
Com suspiros a dor que symbolisa:
As companheiras erram pelos bosques,
Como as abelhas, cujo enxame aligero
Do seu rei o estandarte vai seguindo,
Da faya hospitaleira o seio largam
Que os favos resguardava; o vôo tomam
Para as alturas do Hybla, onde o tomilho
O melifluo esquadrão excita a roubos,
Util thesouro d'hervas escolhidas.

Os prados dos adornos despojados
Deixam as Deosas: qual mistura os lyrios
Co' a pallida viola; qual se adorna
Da manjerona, que recende ao longe;
Da rosa a cor e as graças une ás suas
Outra, e colhendo os mogarins se enfeita.
Narciso triste, a ti tambem colheram,
E a ti, terno Hyacintho, que conservas
O caracter queixoso de teus males:
Ambos illustres pela sorte e origem;
Outr'ora um d'Amycléa, outro nascido
Nas faldas do Helicon, ambos agora
Brilhantes producções da Primavera.
De um disco errado victima chorada

Hunc fontis decepit amor. Te fronte retusa
Delius, hunc fracta Cephissus arundine luget.

Æstuat ante alias avido fervore legendi
Frugiferæ spes una Deæ. Nunc vimine texto
Ridentes calathos spoliis agrestibus implet:
Nunc sociat flores, seseque ignara coronat,
Augurium fatale tori. Quin ipsa tubarum
Armorumque potens, dextram, qua fortia turbat
Agmina, qua stabiles portas et mœnia vellit,
Jam levibus laxat studiis, hastamque reponit,
Insolitisque docet galeam mitescere sertis.
Ferratus lascivit apex, horrorque recessit
Martius, et cristæ pacato fulgure vernant.

Hyacintho pereceo; fonte enganosa
Por amor fez morrer de magoa est'outro:
O pae Cephiso as cannas espedaça,
E choroso com dor alaga as praias;
Délio enlutado a fronte envolve em sombras,
Carpindo do Pierio moço a sorte.

Ardor insano anima Proserpina,
Esperança da Deosa das colheitas:
Os cestinhos de vimes enlaçados
Ora de flores enche, ou de grinaldas
Cinge a testa, do thoro não cuidosa:
Fatal agouro deste, já visinho!

A mesma Pallas, Deosa que da guerra
Quando emboca o clarim o mundo atroa,
Que preside ao combate, as mãos que rompem
Os feros esquadrões, que arrombam portas,
Que as muralhas arrazam, hoje as presta
Aos innocentes jogos; sobre a relva
A lança larga; as tranças, as madeixas,
Misturadas co' as flores, menos feio
O ferreo capacete representam;
E o pennacho, c'os Zephyros luttando,
Gentil, vernal aspecto aos olhos mostra,
Não trovão marcial, fulgor de raios.

Nec, quæ Parthenium canibus scrutatur odorem,
Aspernata choros, libertatemque comarum
Injecta tantum voluit frenare corona.

Talia virgineo passim dum more geruntur,
Ecce repens mugire fragor, confligere turres,
Pronaque vibratis radicibus oppida verti.
Caussa latet. Dubios agnovit sola tumultus
Diva Paphi, mistoque metu perterrita gaudet.

Jamque per anfractus animarum rector opacos
Sub terris quærebat iter, gravibusque gementem
Enceladum calcabat equis. Immania findunt
Membra rotæ, pressaque gigas cervice laborat,
Sicaniam cum Dite ferens, tentatque moveri
Debilis, et fessis serpentibus impedit axem.
Fumida sulfureo prælabitur orbita dorso.

Diana, que das Nymphas nada cura,
Que a matilha conduz investigando
As moutas do Parthenio, essa captiva
C'uma simples grinalda seus cabellos.

Em quanto um juvenil ardor guiava
Os prazeres das Deosas pelos prados,
Um subito fragor commove a terra,
As torres umas contra as outras batem,
E sobre os alicerces abalados
As cidades, por causa occulta, tremem.
O mysterio conhece-o a Páphia Deosa,
E entre susto e prazer sua alma goza.

Nos abysmos da terra o Deos das sombras
Subterraneos caminhos procurava:
Seus pesados cavallos já calcavam
O queixoso Encelàdo; já seus ossos
Estalam, pelas rodas deslocados;
E Plutão e a Sicilia em peso esmagam
Sua cabeça hirsuta; em vão se esforça,
Em vão quer revolver-se, mas sem fructo
Trabalha; em vão cançadas as serpentes
Do carro o movimento impedir querem:
Precipita-se, vôa impetuoso,
E no sulphureo dorso rompe sulcos
Que turbilhão de fumo e pó levantam.

Ac velut occultus securum prodit in hostem
Miles, et effossi subter fundamina campi
Transilit elusos arcano limite muros,
Turbaque deceptas victrix erumpit in arces,
Terrigenas imitata viros: sic tertius heres
Saturni latebrosa vagis rimatur habenis
Devia, fraternum cupiens exire sub orbem.
Janua nulla patet. Prohibebant undique rupes
Oppositæ, duraque Deum compage tenebant.
Non tulit ille moras, indignatusque trabali
Saxa ferit sceptro. Siculæ tonuere cavernæ,
Turbatur Lipare, stupuit fornace relicta
Mulciber, et trepidus dejecit fulmina Cyclops.
Audiit, et si quem glacies Alpina coërcet,
Et qui te, Latiis nondum præcincte trophæis
Tibri, natat, missamque Pado qui remigat alnum.

Sic, cum Thessaliam scopulis inclusa teneret,

Bem como vão nas trevas os guerreiros
Attacar o inimigo descuidado,
Disfarçando com muros e trincheiras
Caminhos encubertos que minaram,
E, quaes gigantes novos, se arremessam
Do escondido recanto na Cidade,
Que a seus golpes entrega o estratagema;
Tal o terceiro filho de Saturno
Leva os urcos, que vão desenfreados
Pelas cavernas tenebrosas; busca
Para o reino do Irmão achar estrada.
As passagens estão afferrolhadas,
Poem-lhe invencivel anteparo as rochas,
Como ferreo grilhão que se não quebra:
Enraivece-se o Deos, não quer demoras,
E indignado c'o ferreo sceptro batte.

Nas grutas da Sicilia o trovão troa;
O Lipare se turba; estupefacto (17)
Affasta-se Vulcano das fornalhas;
Das mãos escapa ao tremulo Cyclópe
Mal desenhado o raio: o estrondo assusta
Quem nos Alpes caminha immerso em gelos;
O navegante ignaro, a quem não constam
Os tropheos que ao depois o Tibre adquire;
E ao que remonta em seu batel o Pado.

Como quando os rochedos anteparam

Peneo stagnante palus, et mersa negarent
Arva coli, trifida Neptunus cuspide montes
Impulit adversos. Tum forti saucius ictu
Dissiluit gelido vertex Ossæus Olympo.
Carceribus laxantur aquæ, fractoque meatu
Redduntur fluviusque mari tellusque colonis.

Postquam victa manu duros Trinacria nexus
Solvit, et immenso late discessit hiatu:
Apparet subitus cœlo timor. Astra viarum
Mutavere fidem. Vetito se proluit arctos
Æquore. Præcipitat pigrum formido Booten.
Horruit Orion. Audito palluit Atlas
Hinnitu. Rutilos obscurat anhelitus axes
Discolor; et longa solitos caligine pasci
Terruit orbis equos. Pressis hæsere lupatis
Attoniti meliore polo; rursusque verendum
In Chaos obliquo pugnant temone reverti.

Na Thessalia as lagoas estagnadas
Que trasborda o Peneo, e que se negam (18)
Ao agricola as terras alagadas,
Neptuno impelle os montes adversos
Com formidavel golpe do tridente;
Que pelo horrivel baque esbroa o Ossa
Das alturas do Olympo; e o rio quebra
As oppostas barreiras, corre aos mares,
Lhe entrega as aguas, e ao cultor as terras.

Apenas os Trinacrios laços rompe
Co' a vencedora mão Plutão, e que abre
Uma caverna immensa no terreno,
De repente apparece, e os Ceos assusta.
Os astros seu caminho desconhecem;
No prohibido mar se banha a Ursa;
O trôpego Bootes corre á pressa;
Estremece Orionte: os nunca ouvidos
Rinchos medonhos o Atlas descoram.
Da quadriga infernal sordido bafo
Do firmamento a cor azul desbota:
Costumados ás tênebras opacas,
Com a luz retrocedem os cavallos;
O Ceo placido estranham, revoltosos
Mordem no freio, escumam, contra a lança
Reviram, e nas horridas moradas
Com impeto de novo entrar procuram.

Mox ubi pulsato senserunt verbera tergo,
Et solem didicere pati: torrentius amne
Hiberno, tortaque ruunt pernicius hasta.
Quantum non jaculum Parthi, non impetus Austri,
Non leve sollicitæ mentis discurrit acumen.
Sanguine frena calent: corrumpit spiritus auras
Letifer: infectæ spumis vitiantur arenæ.
Diffugiunt Nymphæ: rapitur Proserpina curru,
Imploratque Deas. Jam Gorgonos ora revelat
Pallas, et intento festinat Delia cornu:
Nec patruo cedunt. Stimulat communis in arma
Virginitas, crimenque feri raptoris acerbat.

Ille, velut stabuli decus armentique juvencam
Cum leo possedit, nudataque viscera fodit
Unguibus, et rabiem totos exegit in armos,
Stat crassa turpis sanie, nodosque jubarum
Excutit, et viles pastorum despicit iras.

Porêm logo que açoites repetidos
Sobre o costado indocil lhes retinem;
Logo que á luz do dia se acostumam,
Correm, bem como vão no irado Inverno
As torrentes co' a chuva arrebatadas;
Como voam da mão ao Partha os dardos,
Como giram os Áquilos fogosos,
E os pensamentos d'animo inquieto.
Os freios ensanguentam, o ar infecta
Seu mortifero bafo; a arêa ensopa
A immunda espuma que lhes sae da boca.
Fogem as Nymphas todas: Proserpina,
Prêsa do roubador, no carro implora
As irmãs; a seus gritos Pallas mostra
Da Górgona a cabeça; o arco atésa
Diana austera; as Deosas empenhadas
Disputam a Plutão da audacia o preço:
A virginea pureza, igual entre ellas,
Exacerba o ardor com que a defendem,
E muito accresce ao roubador seu crime.

Mas o Deos, qual leão que a fome instiga
Contra a novilha, dos curraes ornato,
Esperança do dono e das manadas;
Leão que as garras crava, e os membros morde,
Fartando-se de entranhas desnudadas;
Sem se lhe dar dos gritos dos pastores,
Sacode a juba sordida, e a terra
De humor sanguineo e sujo asperge e tinge.

Ignavi domitor vulgi, teterrime fratrum,
Pallas ait, quæ te stimulis facibusque profanis
Eumenides movere? tua cur sede relicta
Audes Tartareis cœlum incestare quadrigis?
Sunt tibi deformes Diræ: sunt altera Lethes
Numina: sunt tristes Furiæ te conjuge dignæ.
Fratris linque domos: alienam desere sortem:
Nocte tua contentus abi. Quid viva sepultis
Admisces? nostrum quid proteris advena mundum?

Talia vociferans avidos transire minaci
Cornipedes umbone ferit, clipeique retardat
Objice, Gorgoneisque premens assibilat hydris,
Prætentaque operit crista. Libratur in ictum
Fraxinus, et nigros illuminat obvia currus.
Missaque pene foret, ni Jupiter æthere vulso
Pacificas rubri torsisset fulminis alas,

«De um povo ignavo chefe, e o mais cruento
Dos tres irmãos celestes! (disse Pallas)
Das Eumenides qual lança em teu peito
Tão profanos estimulos, taes furias?
Como te atreves, longe de teus lares,
De teus medonhos e tartareos urcos
C'o aspecto feio aos Ceos causar sossobro?
Sobre as margens do Lethes monstros moram,
Furias no Averno tens, Deosas disformes,
Dignas de ti, de teu consorcio dignas.
De teu irmão o imperio prompto deixa;
Não te pertence; foge, ou te contenta
Da immortal noite, que te coube em sorte:
Sempre estranho has de ser no mundo nosso.»

Assim Minerva vociféra, e batte
Co' a egide medonha nos cavallos,
Impede-lhes passar; em vão forcejam
Para romper co' a fuga impetuosa:
Manda ás cobras Gorgóneas que sibilem
Ao pé delles; e sólta sobre os monstros
De seu vasto pennacho a larga sombra.

De funesto clarão brandindo a lança
O tenebroso carro allumiava:
Hia a ferir, no ponto em que fusila
Com pacificas azas rubro raio,
Que da etherea morada Jove manda,
Acceitando por genro o Deos dos Manes.

Confessus socerum. Nimbis Hymenæus hiulcis
Intonat, et testes firmant connubia flammæ.

Invitæ cessere Deæ. Compescuit arcum
Cum gemitu, talesque dedit Latonia voces.

Sis memor, ô longumque vale. Reverentia patris
Obstitit auxilio. Nec nos defendere contra
Possumus. Imperio vinci majore fatemur.
In te conjurat genitor, populoque silenti
Traderis, heu, cupidas non adspectura sorores,
Æqualemque chorum. Quæ te fortuna supernis
Abstulit, et tanto damnavit sidera luctu?
Jam neque Partheniis innectere retia lustris,
Nec pharetram gestare libet, securus ubique
Spumet aper, sævumque fremant impune leones.
Te juga Taygeti, posito te Mænala flebunt

E na gretada nuvem de que parte
Apparece Hymeneo, que emprega as vozes
Do trovão, celebrando aquellas nupcias,
Que com fogo e relampagos attestam.

As Deosas em silencio se retiram;
Suspirando detem Diana a flecha,
E assim se explica a filha de Latona:

«Adeos, socia querida, ah! não te esqueça
Este tão longo adeos: puro respeito
Foi só quem reprimio o dar-te auxilio...
Nem contra Jove nossas forças bastam,
Rebelde e desigual fôra a contenda.
Conjurou contra ti teu pae; levada
Serás ao tenebroso domicilio
Das taciturnas sombras: ai de nós tristes!
Nunca mais das irmãs na companhia,
Nem nos chóros das Nymphas tuas socias,
Nunca mais te verás: qual triste fado
Te rouba á terra, e aos astros dá saudade?
O Parthenio não mais verás cercado
De tuas redes; tua aljava inutil
Ao javali concede que escumando
As selvas manche, e corra sem receio;
O impune leão affronte os bosques
Com seus rugidos; vidual tristeza
Cubra o Taigeto, o Ménalo deplore

Venatu, mœstoque diu lugebere Cyntho.
Delphica quin etiam fratris delubra tacebunt.

Interea volucri fertur Proserpina curru
Cæsariem diffusa Noto, planctuque lacertos
Verberat, et questus ad nubila rumpit inanes.

Cur non torsisti manibus fabricata Cyclopum
In nos tela, pater? sic me crudelibus umbris
Tradere, si toto placuit depellere mundo?
Nullane te flectit pietas? nihilumne paternæ
Mentis inest? Tantas quo crimine movimus iras?
Non ego cum rapido sæviret Phlegra tumultu,
Signa Deis adversa tuli: non robore nostro
Ossa pruinosum vexit glacialis Olympum.
Quod conata nefas, aut cujus conscia noxæ
Exul ad immanes Erebi detrudor hiatus?

O tempo em que servio a nossos jogos;
Desconsolado o Cyntho alto lamente
Tua ausencia cruel; Delphos e Apollo
De dor e de saudades emudeçam. »

Em tanto o carro foge velozmente:
Proserpina os cabellos soltos leva,
De affliçâo lacerando os niveos membros;
E taes queixas e ais dissipa o vento:

« Ó Jupiter, meu pae! por que motivo
Não consentiste que exhalasse a vida
Pelos raios que forjam os Cyclopes?
Porque ás sombras terrificas me entregas,
E te agrada de mim privar o mundo?
Não te move a piedade o meu tormento?
Qual crime em mim moveo iras tamanhas?
Meus filiaes gemidos não te abalam?
Em sacrilega lutta, accesa em odio,
Nos campos Phlegreanos por ventura
Arvorei o estandarte da revolta?
Ou levantei com braço criminoso
O nebuloso Ossá sobre a eminencia
Do congelado, ameaçador Olympo?
Qual attentado ousei, qual traição fera
Se vinga em mim, e com desterro eterno
Para os golphos do Erébo sou mandada?

O fortunatas, alii quascumque tulere
Raptores! Saltem communi sole fruuntur.
Sed mihi virginitas pariter cælumque negatur:
Eripitur cum luce pudor: terrisque relictis
Servitum Stygio ducor captiva tyranno.
O male dilecti flores, despectaque matris
Consilia: ô Veneris deprensæ serius artes!
Mater, io, seu te Phrygiis in vallibus Idæ
Mygdonio buxus circumsonat horrida cantu,
Seu tu sanguineis ululantia Dindyma Gallis
Incolis, et strictos Curetum respicis enses,
Exitio succurre meo: compesce furentem:
Comprime ferales torvi prædonis habenas.

Talibus ille ferox dictis fletuque decoro
Vincitur, et primi suspiria sentit amoris.

«Oh quanto mais felizes sois, ó Nymphas
Que roubou outro amante! A luz do dia,
Commum aos mais humanos, vos não falta.
Eu perco a luz, e cesso de ser virgem:
A luz me roubam junta co' a innocencia.
Captiva, desgraçada, a terra deixo,
E ás leis submissa vou do Rei do Inferno.

«Ó flores, paixão minha, fatal causa
Do funesto descuido que fez nullo
De minha mãe o carinhoso aviso!
Tarde, oh perfida Venus, teus enganos,
Ai de mim! descobri: Ceres querida,
Que o sêr me destes, onde quer que estejas
Na Phrygia, pelos valles do Ida, ouvindo
Da Mygdonica avena canto rouco;
Ou dos sanguineos incolas do Gallus
Os brados com que o Dindyma commovem; (19)
Ou dos Curetas nuas as espadas
Teus olhos com terror agora observem;
Acode-me, sim, voa em meu soccorro,
De um roubador comprime a furia insana,
Prende-lhe as redeas, ah, suspende o carro!»

O fero Dite resistir não póde
A gemidos tão cheios de ternura;
Os primeiros suspiros de amor sólta,
E com seu manto negro, enfarruscado,

Tunc ferrugineo lacrymas detergit amicto,
Et placida mœstum solatur voce dolorem:

Desine funestis animum, Proserpina, curis,
Et vano vexare metu. Majora dabuntur
Sceptra, nec indigni tædas patiere mariti.
Ille ego Saturni proles, cui machina rerum
Servit et immensum tendit per inane potestas.
Amissum ne crede diem. Sunt altera nobis
Sidera; sunt orbes alii; lumenque videbis
Purius, Elysiumque magis mirabere solem,
Cultoresque pios. Illic pretiosior ætas,
Aurea progenies, habitant: semperque tenemus,
Quod Superi meruere semel. Nec mollia desunt
Prata tibi. Zephyris illic melioribus halant
Perpetui flores, quos nec tua protulit Henna.

As lagrimas da Deosa afflicto alimpa,
Cuidando em consolar com voz maviosa
A profunda tristeza de que é causa.

« Deixa os sustos, lhe diz, linda Deidade!
Nada temas funesto, nem permittas
Que um chymerico medo te surpr'enda.
Meu excelso consorcio te promette
Um dos maiores sceptros, e ventura.
Sou filho de Saturno, e predomino
Na maquina das cousas, estendendo
Sobre o Chaos immenso meu dominio.
Não julgues, não, perdida a luz do dia:
Outros são nossos astros, mais serenos,
Que outros orbes mais vastos allumiam;
Verás luzes mais puras, sol mais claro,
Que no Elysio a seus pios habitantes
Eternos formam venturosos dias.
Lá progenie feliz, que em tempos aureos
Gozou da curta vida, eternos gostos
Em mais ditosa idade goza agora.
Quanto aos Numes pertence alli teremos;
Alli não faltam prados florecentes,
Zephyros mais suaves, que refrescam
As flores immortaes, flores quaes nunca
Para adornar-te te off'recera o Henna.

Est etiam lucis arbor prædives opacis,
Fulgentes viridi ramos curvata metallo.
Hæc tibi sacra datur. Fortunatumque tenebis
Autumnum, et fulvis semper ditabere pomis.
Parva loquor. Quidquid liquidus complectitur aër,
Quidquid alit tellus, quidquid salis æquora verrunt,
Quod fluvii volvunt, quod nutrivere paludes,
Cuncta tuis pariter cedent animalia regnis
Lunari subjecta globo, qui septimus auras
Ambit, et æternis mortalia separat astris.
Sub tua purpurei venient vestigia reges,
Deposito luxu, turba cum paupere misti.
Omnia mors æquat, tu damnatura nocentes,
Tu requiem latura piis: te judice sontes
Improba cogentur vitæ commissa fateri.
Accipe Lethæo famulas cum gurgite Parcas.
Sit fatum quodcumque voles. Hæc fatus ovantes
Exhortatur equos, et Tænara mitior intrat.

N'um bosque umbroso estende a vasta rama
Uma arvore pomposa de que pendem
Fructos d'ouro que a ti o amor consagra.
Gozarás de um Outono afortunado,
Que d'aureos pomos sempre te enriqueça:
Que digo! darás Leis nos leves ares
Ao povo voador; no mar aos peixes;
E aos mais sêres que a terra nutre e cria,
Que no leito dos rios, nas lagoas
Com lodosa existencia se revolve:
E quanto emfim perece, e se separa
De eterna duração, e quanto encerra
Lá na settima esphera a argentea Lua,
Tudo é teu: a teus pés verás submissos
Os Reis, que a morte confundio c'os pobres,
Pois tudo iguala a morte: os criminosos
Com susto hão de ceder a teus decretos;
E os bons, que flagellou a iniqua terra,
Serão por ti d'immortal paz dotados.
Tu, arbitra suprema, serás sempre
Quem do culpado force a cauta lingua
A revelar seus perfidos segredos.
Submetto ao teu podêr as Létheas ondas;
Obedeçam-te as Parcas; tua vontade
Seja quem do Destino as leis regule. »

Assim disse; os cavallos triumphantes
Co' a voz anima, e com sereno aspecto
No Ténaro sombrio entra sorrindo.

Conveniunt animæ, quantas truculentior Auster
Decutit arboribus frondes, aut nubibus imbres
Colligit, aut frangit fluctus, aut torquet arenas.
Cunctaque præcipiti stipantur sæcula cursu
Insignem visura nurum. Mox ipse serenus
Ingreditur facili passus mollescere risu,
Dissimilisque sui. Dominis intrantibus ingens
Assurgit Phlegethon. Flagrantibus hispida rivis
Barba madet, totoque fluunt incendia vultu.
Occurrunt properi lecta de plebe ministri.
Pars altos revocant currus, frenisque solutis
Vertunt emeritos ad pascua nota jugales.
Pars aulæa tenent. Alii prætexere ramis
Limina, et in thalamis cultas extollere vestes.

Logo o tropel das sombras se accumula,
Em numero quaes folhas que derrubam
Das arvores frondosas Austros feros;
Quaes ondas que elles contra a praia quebram,
Qual chuva com que o Inverno engrossa nuvens,
Quaes arêas que o mar revolto açouta.

Vomita o feio Averno afadigado
Manes que amontoaram nos abysmos
Os seculos, e ficam 'stupefactos
Vendo de Proserpina a formosura;
Desconhecem Plutão, cuja aspereza
Adoça um riso brando, um ar sereno.

Na entrada dos Sob'ranos, Phlegethonte
A forma ingente com vagar levanta;
Da hirsuta barba escorre ignea torrente,
E a frente adusta em labaredas regam
De um fogo abrazador ondas frequentes.
D'entre a plebe dos Manes logo acodem
Escravos escolhidos, que aos cavallos
Fazem parar, ou que do freio os livram,
E ao posto usado em premio os restituem:
Parte a sala alcatifam, parte espalham
As flores e os aromas no palacio,
Ou de ornatos o thalamo revestem.

Reginam casto cinxerunt agmine matres
Elysiæ, teneroque levant sermone timores,
Et sparsos religant crines, et vultibus addunt
Flammea sollicitum prœvelatura pudorem.

Pallida lætatur regio, gentesque sepultæ
Luxuriant, epulisque vacant genialibus Umbræ.
Grata coronati peragunt convivia Manes.
Rumpunt insoliti tenebrosa silentia cantus.
Sedantur gemitus. Erebi se sponte relaxat
Squalor, et æternam patitur rarescere noctem:
Urna nec incertas versat Minoïa sortes,
Verbera nulla sonant, nulloque frementia luctu
Impia dilatis respirant Tartara pœnis.
Non rota suspensum præceps Ixiona torquet,
Non aqua Tantaleis subducitur invida labris.
(Solvitur Ixion, invenit Tantalus undas)
Et Tityos tandem spatiosos erigit artus:
Squalentisque novem detexit jugera campi.

De matronas elysias casto enxame
Attentas rodeavam Proserpina;
Com doce phrase medos lhe dissipam;
Os cabellos lhe arranjam; e envolvendo-a
N'um véo purpureo com melindre e graça,
O pudor assustado lhe socegam.

No sitio do terror entra a alegria:
Pallidas sombras, gente sepultada,
Entregam-se aos festins, a frente cercam
De grinaldas; com grata convivencia
Em sumptuosa meza se refazem.

Um canto novo, musica divina
Alto rompe o silencio tenebroso:
Relaxa-se o pezar e a dor no Erébo;
Um clarão doce rasga a noite eterna,
E Minos applacado já não tira
Da fatal urna affouto incertas sortes;
Não retinem açoutes nem gemidos,
Os supplicios suspendem-se; respira
O impio Tártaro; Ixion na roda
Suspenso já não gira, nem padece;
As fugitivas aguas se demoram,
E de Tantalo os labios humedecem:
Solta-se aquelle, est'outro a sêde apaga:
O corpo enorme Ticyo alevantando,
Livres amostra os nove astins que occupa;

Tantus erat. Laterisque piger sulcator opaci
Invitus trahitur lasso de pectore vultur,
Abreptasque dolet jam non sibi crescere fibras.
Oblitæ scelerum formidatique furoris
Eumenides cratera parant, et vina feroci
Crine bibunt. Flexisque minis jam lene canentes
Extendunt socios ad pocula plena cerastas,
Ac festas alio succendum lumine tedas.

Tunc et pestiferi pacatum flumen Averni
Innocuæ transistis aves, flatumque repressit
Amsanctus: tacuit fixo torrente vorago.
Tunc Acheronteos mutato gurgite fontes
Lacte novo tumuisse ferunt, ederisque virentem
Cocyton dulci perhibent undasse Lyæo.

Tão gigantesco elle era e tão medonho!
O abutre preguiçoso, que comia
As lividas entranhas sem fartar-se,
Constrangido despega as cruas garras,
E cança de escavar sem fructo o peito
Em que as fibras já agora não renascem.

As Eumenides seu furor esquecem,
Preparam taças, c'o licor de Baccho
Do medonho terrifico cabello
Saciam as serpentes sequiosas,
A face ameigam; com sonoros hymnos
Convidam os Cerastes e os mais monstros
A esgostar o almo vinho em sociedade,
E as tochas com mais brando fogo accendem.

Sobre as ondas pestiferas do Averno,
Do ar então, volateis habitantes,
Sem risco transitaste; logo o Amsancto (20)
Reprimio seus vapores pestilentes:
Da torrente do abysmo o curso pára;
As fontes do Acheronte lacrimosas
Em torrentes de leite se mudaram;
E de virentes heras adornando
As denegridas salas do Cocyto,
As inunda Lyeo com doce nectar.

Stamina nec rupit Lachesis, nec turbida sacris
Obstrepitant lamenta choris. Mors nulla vagatur
In terris, nullæque rogum planxere parentes.
Navita non moritur fluctu, non cuspide miles.
Oppida funerei pollent immunia leti.
Impexamqne senex velavit arundine frontem
Portitor, et vacuos egit cum carmine remos.

Jam suus inferno processerat Hesperus orbi.
Ducitur in thalamum virgo. Stat pronuba juxta
Stellantes Nox picta sinus, tangensque cubile
Omina perpetuo genitalia federe sancit.
Exultant cum voce pii, Ditisque sub aula
Talia pervigili sumunt exordia plausu.

De Lachesis na mão pára a tesoura,
Respeita o fragil fio da existencia;
Nem chóros, nem soluços interrompem
Os prazeres; a Morte encolhe a fouce,
Já não perturba a terra; os paes cessaram
De chorar sobre as cinzas de seus filhos:
Não tragou mais pilotos a borrasca,
Nem se vio mais no campo ensanguentado
O soldado expirar, em lucto as villas
Ao seu ultimo asylo levar mortos:
O barqueiro infernal cercou de cannas
A enverrugada frente, e ao som de versos
Navegando moveo os cavos remos.

Hespéro scintillava, allumiando
Os tenebrosos tectos; Proserpína
No thálamo, de amor throno ditoso,
Já descançava, e junto della ornada
De um manto que esmaltavam as estrellas
Se via a Noite bella, presidindo
A tão fausto hymeneo; dos dois esposos
Co' a mão ligeira toca o eburneo leito,
E co' a esperança de uma egregia prole
Os corações lhe enlaça para sempre.
Do Elysio os venturosos habitantes,
Esquecidos do somno, com applausos
Resoar fazem as Plutoneas salas:

Nostra parens Juno, tuque ô germane Tonantis
Et gener, unanimi consortia discite somni,
Mutuaque alternis innectite colla lacertis.
Jam felix oritur proles: jam læta futuros
Expectat Natura Deos. Nova numina rebus
Addite, et optatos Cereri proferte nepotes.

«Ó Proserpina! do sombrio Reino
Potente Soberana; e tu, de Jove
Irmão e genro, em doce somno unidos
Gozai dessa existencia deleitosa,
Abraçados no mais suave laço.
Ditosa excelsa prole cêdo nasce,
Que será desse amor feliz producto:
A Natureza alegre novos Deoses
Alvoroçada espera: Numes novos
Apresentai aos votos do Universo,
E os desejados netos dai a Ceres.»

DE RAPTU PROSERPINÆ.

LIBER III.

JUPITER interea cinctam Thaumantida nimbis
Ire jubet, totoque Deos arcessere mundo.
Illa colorato Zephyros prælapsa volatu
Numina conclamat pelagi, Nymphasque morantes
Increpat, et fluvios humentibus evocat antris.
Ancipites trepidique ruunt, quæ caussa quietos
Excierit, tanto quæ res agitanda tumultu.

Ut patuit stellata domus, considere jussi.
Nec confusus honos. Cælestibus ordine sedes
Prima datur. Tractum proceres tenuere secundum

O ROUBO DE PROSERPINA.

LIVRO III.

Jupiter manda a filha de Thaumante,
Iris, envolta em nuvens, que entretanto
Por toda a parte vá chamar os Deoses.
Co' as azas azuladas, mais ligeira
Que os melindrosos Zephyros, convida
Do mar os Numes; de demora argúe
As preguiçosas Nymphas; com presteza
Das humidas cavernas sólta os rios,
Que trepidando vão, pela incerteza
Da causa que os arranca ao seu socego,
E que vai discutir-se em tal tumulto,

O palacio estrellado era patente;
Pelas ordens de Jupiter, tomava
Sem confusão as honras competentes
Quem tinha privilegios mais fundados.
Os assentos primeiros occupavam
Os do Olympo celestes habitantes:

Æquorei, placidus Nereus, et lucida Phorci
Canities. Glaucum series extrema biformem
Accipit, et certo mansurum Protea vultu.
Nec non et senibus fluviis concessa sedendi
Gloria. Plebejo stat cetera more juventus,
Mille amnes. Liquidis incumbunt patribus udæ
Naïdes, et taciti mirantur sidera Fauni.

Tum gravis ex alto genitor sic orsus Olympo:
Abduxere meas iterum mortalia curas,
Jam pridem neglecta mihi, Saturnia postquam
Otia et ignavi senium cognovimus ævi;
Sopitosque diu populos torpore paterno

O Imperante dos mares se seguia,
O placido Nereo, e o velho Phorcas,
Cujas lucidas cans ao longe alvejam:
Glauco biforme a serie continúa,
E Protheo, sem mudar a incerta forma,
Nos ultimos lugares se sentavam.
Tambem no extremo séquito se viam
Co' as mesmas honras carregados d'annos
Os rios venerandos; mil regatos
Em plebe juvenil, mas sem assento,
No Paço ethéreo entrada tambem tinham.
Sobre o braço paterno humedecido
A Nayade bellissima encostada
Vinha co' as mais irmãs e mães humildes,
E Fauno absorto os astros admirando.

Então do alto o Pae dos Deoses falla,
E as divinas palavras assim sólta:

« Á minha indifferença puz um termo;
E á terra, que outro tempo desprezava,
Quiz novo alento dar com meu cuidado:
Conheci quão lethargica existencia
Aos povos dava o tempo de Saturno;
Quanto a inercia e preguiça do Monarcha
As gentes sem industria entorpecia.

Sollicitæ placuit stimulis impellere vitæ,
Incultis ne sponte seges grandesceret arvis,
Undaret neu silva favis, neu vina tumerent
Fontibus, et totæ fremerent in pocula ripæ.
Haud equidem invideo; (nec enim livescere fas est,
Vel nocuisse Deos) sed quid dissuasor honesti
Luxus, et humanas oblimat copia mentes?
Provocet ut segnes animos, rerumque remotas
Ingeniosa vias paulatim exploret egestas?
Utque artes pariat sollertia, nutriat usus?
Nunc mihi cum magnis instat Natura querelis
Humanum relevare genus, durumque tyrannum

« Por estimulos novos, com empenho
Quiz que a vida sollícita por premio
Alcançasse prazeres e abundancia;
Que os languidos mortaes não mais dormissem
Como em vil inacção dormio Saturno.
Desde então nunca mais brotou nos campos
Espontanea seara, flor ou fructo:
Nem quiz que da floresta o mel corresse,
Ou que o vinho das fontes transbordasse,
Com ruido buscando encher os copos.

« Não foi da inveja fructo o meu decreto;
(Em animo divino nunca nasce
Malfazejo designio, ou baixa inveja)
Quiz sómente extinguir o estulto luxo,
Conselheiro de vicios: quem duvida
Que a abundancia é tyranna dos talentos?

« Desejei que a indigencia estimulasse (1)
Os humanos apathicos; queria
Que secretas veredas explorasse
O ingenho cubiçoso, e descobrisse
Os thesouros remotos da sciencia;
Que a industria produzisse novas artes,
E os progressos fixasse experiencia.

« A Natureza ingrata hoje me accusa,
Duro me chama, chama-me tyranno,
Diz que abandóno a triste especie humana;

Immitemque vocat, regnataque secula patri
Commemorat, parcumque Jovem se divite clamat.
Cur campos horrere situ, dumisque repleri
Rura velim, et nullis exornem fructibus annum?
Se jam, quæ genitrix mortalibus ante fuisset,
In diræ subito mores transisse novercæ.
Quid mentem traxisse polo, quid profuit altum
Erexisse caput, pecudum si more pererrant
Avia, si frangunt communia pabula glandes?
Hæccine vita juvat silvestribus abdita lustris,
Indiscreta feris? Tales cum sæpe parentis
Pertulerim questus, tandem clementior orbi
Chaonio statui gentes avertere victu.
Atque adeo Cererem, quæ nunc ignara malorum

Recordando do Pae o reino antigo,
Quer que voltem os dias de fartura;
Increpa-me de avaro, pois lhe fecho
O seu prodigo seio, acautelado.

«—Por que razão os campos entristeces?
(Me diz queixosa) Por que espessa relva
E arbustos infecundos cobrem tudo?
E supprimes os fructos que abundantes
A venturosa terra enriqueciam?
Mãe do genero humano, qual fui sempre,
Apesar de mim mesma desgraçada,
Em madrasta cruel me transformaste.
De que serve trazer erguida a frente,
Encarar com os astros, ter uma alma
Intelligente e pura, se qual bruto
No campo se ha de errar, e ter por pasto
Do carvalhal a insipida bolota?
De que serve uma vida vagabunda
Entre os mais animaes, nas densas selvas?—
Taes são as queixas que Natura afflicta
Contra mim faz chegar a meus ouvidos.

«Cedo clemente, a terra satisfaço;
E da Chaonia os fructos não consinto (2)
Que a fome dos mortaes mais tempo applaquem.

«Taes são, ó Ceres! do Destino as ordens,
Ceres! que ignoras inda os teus pezares,

Verberat Idæos torva cum matre leones,
Per mare, per terras avido discurrere luctu
Decretum, natæ donec lætata repertæ
Indicio, tribuat fruges, currusque feratur
Avius, ignotas populis sparsurus aristas,
Et juga cærulei subeant Actæa dracones.
Quod si quis Cereri raptorem prodere Divûm
Audeat: imperii molem, pacemque profundam
Obtestor rerum, natus licet ille, sororve,
Vel conjux fuerit, natarumve agminis una,
Se licet ille meo conceptum vertice jactet,
Sentiet iratam procul ægida, sentiet ictum
Fulminis, et genitum divina sorte pigebit,
Optabitque mori: tunc vulnere languidus ipsi
Tradetur genero, passurus prodita regna,

E com Cybelle no Ida o monte assustas,
Pelos torvos leões acarretada:
Ceres! irás levar ao mar, á terra,
Tuas maternaes dores, té que achando
A filha tão querida, na tua alma
Alegria renasça; e no teu carro
Correndo irás por baixo de Ceos novos:
Attico jugo a teus dragões ceruleos
Has de impor; e com mão prodiga e certa
No campo espalha espigas saborosas,
Ao povo ignotas, e fartura delle.

«Se qualquer Deos ousar dizer a Ceres
Qual foi o roubador da Hennéa virgem;
Pela vasta extensão do meu imperio,
Pela concordia e paz dos elementos,
Juro que hei de punir audacia tanta:
Quando me fosse irmã, filho, ou consorte,
Té mesmo quando fosse a sabia filha
Que logrou o sublime privilegio
De morar no meu cerebro fecundo,
Todos castigarei, sem condoer-me
E soffrerão da irada egida minha
Os feros golpes e incendidos raios.
Em vão ha de o traidor chamar a morte;
Em vão, se alguma Deosa o sêr lhe désse,
Em vão a immortal vida deplorara:
Logo entregue a Plutão, em prêza a dores,

Et sciet an propriæ conspirent Tartara caussæ,
Hoc sanctum. Mansura fluant hoc ordine fata.

Dixit, et horrendo concussit sidera motu.

At procul armisoni Cererem sub rupibus antri
Securam placidamque diu jam certa peracti
Terrebant simulacra mali, noctesque timorem
Ingeminant, omnique perit Proserpina somno.
Namque modo adversis invadi viscera telis,
Nunc sibi mutatas horret nigrescere vestes,
Nunc steriles mediis frondere penatibus ornos.
Stabat præterea luco dilectior omni
Laurus, virgineos quæ quondam fronde pudica
Umbrabat thalamos. Hanc ima stirpe recisam
Vidit, et incomtos fœdari pulvere ramos.

Da perfidía victima, aprendera
Se o Tartaro offendido vingar sabe
Os ultrages do Rei que alli domina.
Assim mando; taes são os meus decretos,
E do Destino as ordens immutaveis. »

Disse o Deos, e a cabeça meneando,
Co' a horrenda commoção tremem os astros.

Lá na armisona gruta, entre os rochedos
Onde Ceres tranquilla alegremente
Passou tempo feliz, subito susto
Simulacros sinistros de desastres
E de magoa a seus olhos apresenta:
Dobra-lhe a noite o medo, e no seu somno
Perdida lhe figura Proserpina.
Sonho terrivel! Ah! por quantos modos
Crueis dardos lhe rasgam as entranhas!
Ora em lucto alvas vestes se lhe tornam;
Ora observa no centro do palacio,
Em seus jardins, que os olmos dessecados
De uma verdura nova se revestem.
De seu cuidado emprego o mais dilecto,
Alem n'um bosque lindo verdejava
Um loureiro, do qual as folhas virgens
Sombreavam gentis o leito eburneo
Da Deosa juvenil; mas de repente
O vê pelas raizes decepado:
Os seus ramos quebrados em pó jazem;

Quærentique nefas Dryades dixere gementes,
Tartarea furias debellavisse bipenni.

Sed tunc ipsa, sui jam non ambagibus ullis
Nuntia, materno facies ingesta sopori.
Namque videbatur tenebroso obtecta recessu
Carceris, et sævis Proserpina vincta catenis,
Non qualem Siculis olim mandaverat arvis,
Nec qualem roseis nuper convallibus Ætnæ
Suspexere Deæ. Squalebat pulcrior auro
Cæsaries, et nox oculorum infecerat ignes.
Exhaustusque gelu pallet rubor. Ille superbi
Flammeus oris honos, et non cessura pruinis
Membra colorantur picei caligine regni.
Ergo hanc ut dubio vix tandem agnoscere visu
Evaluit: cujus tot pœnæ criminis? inquit.
Unde hæc informis macies? cui tanta facultas
In me sævitiæ est? Rigidi cur vincula ferri

E parece que as Dryades chorosas
Lhe dizem que = *foi feito este destroço*
Pelas tartareas fouces das tres Furias. =

Mas... ella mesma (não phantasmas oucas
Que a noite gera), Proserpina chega,
E do seu infortunio informa Ceres.
N'um tenebroso carcere se via
Aferrolhada com grilhões cruentos:
Parecia, não qual ornava as selvas
N'outro tempo ditosa na Sicilia,
Nem qual nos campos de Henna surpr'endia
Pela belleza as Deosas que a buscaram;
Mas toda transtornada, traz o ouro
De seus lindos cabellos mareado,
De seus olhos a luz esmorecida,
Murchas do rosto as rosas, convertidos
Em pallidez o colorido e encantos.
Gelo e sombras do reino somnolento
Tinham tudo estragado, cor, e alvura;
E conhecer apenas poude Ceres
As suaves feições, que em fim conhece.

« Qual crime, ó filha! (diz então gritando)
Attrahio sobre ti um tal supplicio?
De que vem essa magoa que te mina?
Quem é que contra mim se assanha tanto?
Por que sobre esses braços innocentes

Vix aptanda feris molles meruere lacerti?
Tu, mea tu proles? an vana fallimur umbra?

Illa refert: Heu dira parens, natæque peremtæ
Immemor, heu fulvas animo transgressa leænas,
Tantane te nostri tenuere oblivia? Tantum
Unica despicior? Certe Proserpina nomen
Dulce tibi, tali quæ nunc, ut cernis, hiatu
Suppliciis inclusa teror. Tu sæva choreis
Indulges, Phrygiasque etiamnum interstrepis urbes.
Quod si non omnem pepulisti pectore matrem,
Si tu nota Ceres, et non me Caspia tigris
Edidit: his oro miseram defende cavernis,
Inque superna refer. Prohibent si fata reverti:
Vel saltem visura veni. Sic fata trementes
Tendere conatur palmas. Vis improba ferri
Impedit, et motæ somnum excussere catenæ.

Esses ferros?... Os monstros mais ferozes
C'o peso carvariam. Ceos! que vejo?
És tu, ó Proserpina, ó cara filha!
Ou serei eu ludibrio de um vão sonho?»

«Barbara mãe! (lhe exclama a desgraçada)
Tua filha acabou... e nem te lembra...
Mais ferina leoa não existe.
Como poude vencer-te a deslembrança?
Descuidar-te de mim, que tanto amavas?...
Proserpina!... Este nome te foi caro;
Mas onde está! repara agora; vê-me
N'um golpho de amargura sepultada,
Cercada de terror e de supplicios.
E tu, cruel! na Phrygia os chóros guias;
De festivaes concentos as cidades
Retinem por teu mando. Ah! se com tudo
De maternal amor te não eximes;
Se é Ceres adorada como Deosa,
Se me não deo o sêr hyrcana tigre,
Destas cavernas horridas me tira,
A tua Proserpina á luz resgata:
Mas se os fados se oppoem que eu volte á terra,
Ouve a ternura, vem, vem confortar-me.»

Nisto quer levantar as mãos trementes
Que dos ferros o peso lhe rebate.
Co' a bulha dos grilhões cahindo, acorda
Ceres, toda afflicção, toda incerteza:

Obriguit visis. Gaudet non vera fuisse,
Complexu caruisse dolet. Penetralibus amens
Prosilit, et tali compellat voce Cybelleo.

Jam non ulterius Phrygia tellure morabor,
Sancta parens. Revocat tandem custodia cari
Pignoris, et cunctis objecti fraudibus anni.
Non mihi Cyclopum quamvis extructa caminis,
Culmina fida satis. Timeo, ne fama latebras
Prodiderit, leviusque meum Trinacria celet
Depositum. Terret nimium vulgata locorum
Nobilitas. Aliis sedes obscurior oris
Exquirenda mihi. Gemitu flammisque propinquis
Enceladi nequeunt umbracula nostra taceri.

De susto a gela o sonho formidavel;
Crè, não crê o que vio; vacilla, teme,
Espera que não seja o que sonhara.
Com dor lhe lembra que ao partir não dera
Á filha beijos mil; que lhe faltara
Uma doce meiguice mais da filha.
De si mesma não sabe, e sem acordo
Vai Cybelle buscar, e assim lhe fálla:

« Divina mãe querida! demorei-me
Na Phrygia muito mais do que convinha.
A custodia do objecto que mais amo,
Os perigos que cercam poucos annos,
Por mim chamam depressa; e não me bastam
Para descanço as torres do palacio
Pelas mãos dos gigantes construido.
Quantos receios o animo me turbam!
Temo a Fama invejosa que revele,
Indiscreta, onde existe Proserpina;
Ou que a Trinacria ingrata me atraiçoe
O penhor que lhe dei de confiança:
Celebres são os sitios da Sicilia,
E é fonte de mil sustos della o nome.
Região mais estranha, escuro abrigo,
E mais seguro, póde talvez dar-me:
Os gemidos e as chammas d'Enceládo
De nós affastam sombras e silencio.

Somnia quinetiam variis infausta figuris
Sæpe monent, nullusque dies non triste minatur
Augurium. Quoties flaventia serta comarum
Sponte cadunt: quoties exundat ab ubere sanguis;
Larga vel invito prorumpunt flumina vultu,
Injussæque manus mirantia pectora tundunt
Si buxos inflare velim, ferale gemiscunt:
Tympana si quatiam, planctus mihi tympana reddunt.
Ah vereor, ne quid portendant omina veri!
Heu longæ nocuere moræ! Procul irrita venti
Dicta ferant, subicit Cybele: non tanta Tonanti
Segnities, ut non pro pignore fulmina mittat.
I tamen, et nullo turbata revertere casu.

Hæc ubi, digreditur templis. Sed nulla ruenti
Mobilitas. Tardos queritur non ire jugales.

Sobre as azas dos sonhos vem trazer-me
A noite mil spectros que me assustam;
E das aves funestos pios nutrem
Em minha alma, de dia, mil temores.
Vi murchar meus festões por varias vezes,
De meu seio correr o sangue em fio,
E de lagrimas rios espontaneos
Sahirem sem motivo de meus olhos.
Co' a mão involuntaria rasgo ás vezes
O meu peito, o meu rosto, sem designio
Impetuosa dor me nasce n'alma!
Se emboco a flauta, ou toco sobre o cymbalo,
Um geme, outra suspira tristemente,
Lugubres sons de magoa e dor reflectem.
Meu temor realisa estes presagios:
Funesta ausencia! origem de desastres!»

«Teus sustos, diz Cybelle, para longe
Leve o vento e dissipe! Amada filha,
Filha de Jove, não, não lhe supponhas
Um coração gelado de indiff'rença:
Despedidos verias seus coriscos
Sobre quem te offendesse; nada temas.
Parte, e volta depressa socegada
Aos braços de tua mãe, que te idolátra.»

Apenas isto disse, sae do templo
Ceres correndo, e a rapidez das rodas
Mal corresponde ás ancias do desejo.

Immeritasque movens alterno verbere pennas
Sicaniam quærit, cum necdum absconderit Iden.
Cuncta pavet, speratque nihil. Sic æstuat ales,
Quæ teneros humili fetus commiserit orno
Allatura cibos, et plurima cogitat absens:
Ne fragilem ventus discusserit arbore nidum:
Ne furtum pateant homini, neu præda colubris.

Ut domus excubiis incustodita remotis,
Et resupinati neglecto cardine postes,
Flebilis et tacitæ species apparuit aulæ;
Non expectato respectu cladis, amictus

De forte açoute a mão divina armado,
Castiga da parelha que a transporta
O tardo vôo (rapido comtudo),
E as innocentes azas lhe fustiga.

Ía avistando apenas o Ida altivo,
Já c'os olhos buscava da Sicilia
A Hennea terra, as Trinacrias margens;
Teme tudo o que vê, e nada espera.

Tal entre as aves, uma que confia
O ninho e prole cara aos curtos ramos
De humilde arbusto, se por um momento
De vista os perde em quanto busca pasto,
Treme, e cogita ausente a quantos riscos
Expoz o seu thesouro; tem receio
Que o vento derrubasse o fragil ninho,
Mal seguro nos caules movediços;
Ou que o tyranno caçador lh'o roube,
Ou d'inimiga cobra seja prêsa.

Mas, oh vista cruel!... eis o palacio
Sem custodia, co' as portas arrombadas,
Co' as fechaduras pelo chão dispersas,
Em silencio e deserto o paço todo:
Isto o desastre explica á triste Ceres.

Não quer mais ver, as vestes despedaça,

Conscidit, et fractas cum crine avellit aristas.
Hæserunt lacrymæ: non vox, non spiritus oris
Redditur, atque imis vibrat tremor ossa medullis.
Succidui titubant gressus, foribusque reclusis,
Dum vacuas sedes et desolata pererrat
Atria, semirutas confuso stamine telas,
Atque interceptas agnoscit pectinis artes.
Divinus perit ille labor, spatiumque relictum
Audax sacrilego supplebat aranea textu.
Nec deflet, plangitve malum: tamen oscula telæ
Figit, et abrumpit mutas in fila querelas,
Attritosque manu radios, projectaque pensa,
Cunctaque virgineo sparsa oblectamina ludo,
Ceu natam, pressat gremio: castumque cubile
Desertosque toros, et, sicubi sederit olim,

Os cabellos arranca, e traz com elles
Da coroa quebradas as espigas.
As lagrimas nos olhos se lhe gelam;
Não tem voz, não respira, mortal frio
Os convulsivos membros lhe entorpece.

Com passo incerto tenta ver as salas:
Mas que vê? um deserto desabrido,
Horrivel solidão nas galerias;
Um quebrado tear, sedas mescladas,
Um debuxo apagado, tristes restos
De um divino lavor, que profanara
Com sacrilega têa audaz aranha.

A Deosa, sem chorar, pallida, muda,
De osculos cobre os primorosos restos,
Os instrumentos do lavor que a filha
Com mão laboriosa manejava;
O coração com elles comprimindo,
Cuida abraça-la, cuida que percebem
Quanto em silencio soffre, quantas queixas
Mudas exhala o peito lacerado:
A tela abandonada lhe recorda
O virgineo prazêr, doce recreio
Que á filha cara outr'ora ministravam;
Cuida affagar a bella Proserpina:
A toda a parte volve os tristes olhos,
Sobre o deserto leito, os aureos bancos,
Onde os candidos membros repousavam.

Perlegit. Attonitus stabulo ceu pastor inani,
Cui pecus aut rabies pœnorum inopina leonum,
Aut populatrices infestavere catervæ:
Serus at ille redit, vastataque pascua lustrans
Non responsuros ciet imploratque juvencos.

Atque ibi secreta tectorum in parte jacentem
Adspicit Electram, natæ quæ sedula nutrix
Oceani priscas inter notissima Nymphas.
Par Cereri pietas. Hæc post cunabula dulci
Ferre sinu, summoque Jovi deducere parvam
Sueverat, et genibus ludentem aptare paternis.
Hæc comes, hæc custos, hæc proxima mater haberi.
Tum laceras effusa comas et pulvere canos
Sordida sidereæ raptus lugebat alumnæ.
Hanc aggressa Ceres, postquam suspiria tandem
Laxavit frenosque dolor. Quod cernimus, inquit,

Tal um pastor attonito se aterra
Á vista de um curral que despojaram
Dos rebanhos crueis salteadores,
Ou que foi de leões ou lobos pasto:
Se a noite volta, em toda a parte os busca,
E a assolada campina em vão discorre;
Chama os gados em vão com voz queixosa,
E surdos, a seus gritos não respondem.

N'um solitario canto vê deitada
Electra, n'outro tempo tão famosa
Entre as Nymphas antigas do Oceano.
Collega foi de Ceres nos cuidados,
Na ternura que prodiga empregava
Na educação da tenra Proserpina:
Seus braços, que do berço a levantavam,
Carinhosos no collo a Jove a punham,
Que se prestava aos jogos innocentes
Da linda filha, com paterno gosto:
Foi della quasi mãe, guarda e companha.
Hoje arrancados, soltos seus cabellos,
Em pó e cinza envolta, em dor immersa,
Chora a celeste alumna, triste prêsa
De um roubador feroz. Ceres a observa,
E depois de exhalar ternos suspiros,
Nestes afflictos termos a interroga:

« Que vejo? que desastres! que tyranno

Excidium? cui præda feror? regnatne maritus?
An cœlum Titanes habent? Quæ talia vivo
Ausa Tonante manus? Rupitne Typhoeïa cervix
Inarimen? Fractane jugi compage Vesevi
Alcyoneus per stagna pedes Tyrrhena cucurrit?
An vicina mihi quassatis faucibus Ætna
Protulit Enceladum? Nostros an forte penates
Appetiit centum Briareïa turba lacertis?
Heu, ubi nunc, ubi nata mihi? Quo mille ministræ,
Quo Cyane! Volucres quæ vis Sirenas abegit?
Hæccine vestra fides? Sic fas aliena tueri
Pignora? Contremuit nutrix, mœrorque pudori
Cessit, et aspectus miseræ non ferre parentis
Emptum morte velit, longumque immota moratur

Vem de ferreas cadêas maneatar-me?
Reina no Olympo o esposo meu? fusila
Na mão avermelhada acceso o raio?
Ou do Olympo os Titanos se apoderam?
Que sacrilega mão, se existe Jove,
A perpretar ousou taes attentados?
A cerviz de Typheo rompeo acaso
Da isolada Inarime as duras rochas?...
Vio-se, os grilhões Alcyoneo quebrando
Do inflammado Vesuvio, com audacia
Do mar Thyrreno vir pisar o abysmo?
Ou o Etna visinho lançou fóra
Das rasgadas entranhas Enceládo?
Seus irmãos, e Briáreo com cem braços,
Meu domicilio audazes invadiram?...

«Ai de mim! onde estás, querida filha!
Onde te escondes, onde está Cyane?
Onde as brandas Serêas que a seguiam?
A fé me preservastes deste modo?...
O penhor que vos dei assim guardastes?...»

Com tal reprehensão Electra treme,
O pezar em vergonha se transforma;
E quizera morrer antes que visse
De tão misera mãe o triste aspecto.

Fica immovel, não sabe como explique

Auctorem dubium certumque expromere funus.
Vix tamen hæc: Acies utinam vesana Gigantum
Hanc dederit cladem! levius communia tangunt:
Sed Divæ, multoque minus quod rere, sorores
In nostras nimium conjuravere ruinas.
Insidias Superum, cognatæ vulnera cernis
Invidiæ. Phlegra nobis infensior æther.
Florebat tranquilla domus, nec limina virgo
Linquere, nec virides audebat visere saltus
Præceptis obstricta tuis. Telæ labor illi,
Sirenes requies; sermonum gratia mecum,
Mecum somnus erat, cautique per atria ludi.
Cum subito (quonam dubium monstrante latebras
Rescierit) Cytherea venit, suspectaque nobis

De um tão certo infortunio quem foi causa:
É-lhe incognito o auctor; e vacillando
Em voz baixa começa, assim dizendo:

«Quizera o Ceo que insania dos Titanos,
Deste destroço origem fatal fosse!...
Soffrer o mal de que outros participam
Menos custara. As Deosas, cujo sangue
É teu sangue, as irmãs de Proserpína,
Estas são as auctoras de teus males,
Por inveja estes golpes te vibraram.
Menos horrivel foste, menos, Phlegra,
Do que o Ceo que taes magoas nos envia!

«Florecia tranquilla esta morada;
Proserpina fiel a teus preceitos
Em doce segurança prosperava;
Nunca ousava sahir deste retiro,
Nem mesmo visitar os verdes bosques.
No lavor se occupava; aos ledos cantos
Das Serêas, nas horas de descanço,
Pacificos momentos consagrava,
E os meus avisos com recreio ouvia:
Ao pé de mim á noite se entregava,
Nos laços de Morpheo, a um doce somno.

«Um dia de repente chega Venus,
(Qual lhe mostrou adverso Deos taes sitios?)
E para dissipar nossas suspeitas

Ne foret, hinc Phœben comites, hinc Pallada junxit.
Protinus effuso lætam se fingere risu,
Nec semel amplecti, nomenque iterare sororis,
Et dura de matre queri, quæ tale recessu
Maluerit damnare decus, vetitoque Dearum
Colloquio patriisque procul mandaverit astris.
Nostra rudis gaudere malis, et nectare large
Instaurare dapes. Nunc arma habitumque Dianæ
Induitur, digitisque attentat mollibus arcum.
Nunc crinita jubis galeam laudante Minerva
Implet, et ingentem clipeum gestare laborat.
Prima Venus campos Hennæaque rura maligno
Ingerit afflatu. Vicinos callida flores
Ingeminat, meritumque loci, velut inscia, quærit.

Traz Phebéa comsigo, e tambem Pallas.
Enganosa alegria ostenta, rompe
Em risos, em transportes, em affagos;
Com mil meiguices Proserpína engana,
Chama-lhe linda, cara irmã lhe chama;
A dura mãe accusa, que recata
Da vista dos mortaes um tal prodigio;
Que assim deixa murchar taes attractivos,
Encubertos aos olhos das mais Deosas,
Longe do Olympo d'onde derivaram.
A virgem sem malicia escuta, e gosta
Dos prodigos applausos que a seduzem.

«Com lauta mesa hospeda as Deosas logo;
Ferve o nectar nos vasos cristalinos:
A imprudente sorri; ora reveste
De Diana o armúrio; do arco intenta
Co' as delicadas mãos tomar o peso.
Por Minerva applaudida, agora ensaya
A cabeça no casco, em que se exalta
Um pennacho suberbo; forcejando
Quer embraçar o escudo, mas não póde.

«Perfida Venus falla então com arte
Dos ferteis campos, dos amenos valles,
Das selvas d'Henna, e flores que alli brotam:
Como quem nada sabe, inquire tudo,
Tudo admira, e tem pena que seus olhos
O encantador paiz nunca avistassem.

Nec credit, quod bruma rosas innoxia servet,
Quod gelidi rubeant alieno germine menses,
Verna nec iratum timeant virgulta Booten.
Dum loca miratur, studio dum flagrat eundi,
Persuadet. Teneris, heu, lubrica moribus ætas!
Quos ego nequidquam planctus, quas irrita fudi
Ore preces? Ruit illa tamen confisa sororum
Præsidio. Famulæ longo post ordine Nymphæ.
Itur in æterno vestitos gramine campos,
Et prima sub luce legunt, cum rore serenus
Albet ager; sparsosque bibunt violaria succos.
Sed postquam medio Sol institit altior axi,
Ecce polum nox fœda rapit, tremefactaque nutat

« É possivel! (diz ella) que respeite
As rosas neste sitio o frio Inverno?
Que as flores, que o calor só vivifica,
C'roem os campos, apesar do gelo?
Que arbustos, que a vernal sazão fecunda,
De Bootes irado a furia affrontem?
Retiro amavel! campos de delicia!...

« Venus arde em desejos de corrê-los:
Ah! quanto ignara a mocidade escuta!
Quantas lagrimas, quantas me custaram
Insinuações tão cheias de malicia!
Mas apesar de meus avisos ternos,
Fiada nas irmãs que a acompanhavam,
Decide-se a partir a infeliz virgem.

« Com a mais numerosa comitiva
Das Nymphas que a serviam, desce aos campos
Que são d'eterna grama revestidos.
A Aurora encontram seus primeiros passos;
A terra alveja, as plantas resplandecem
Co' as perolas que solta o fresco orvalho;
A esparzida humidade apaga a sêde
Da modesta odorifera viola.

« Porêm logo que o Sol tinha vencido
Metade da carreira, de repente
Ciosa a Noite envolve tudo em sombras:

Insula cornipedum strepitu, pulsuque rotarum.
Nosse nec aurigam licuit: seu mortifer æstus,
Seu mors ipsa fuit. Luror permanat in herbas.
Deficiunt rivi. Squalent rubigine prata,
Et nihil afflatum vivit. Pallere ligustra,
Expirare rosas, decrescere lilia vidi.
Ut rauco reduces tractu detorsit habenas,
Nox sua prosequitur currum; lux redditur orbi,
Persephone nusquam. Voto rediere peracto,
Nec mansere Deæ. Mediis invenimus arvis
Exanimem Cyanen. Cervix redimita jacebat,
Et caligantes marcebant fronte coronæ.
Aggredimur subitæ, et casus scitamur heriles,
(Nam proprior cladi steterat), quis vultus equorum?
Quis regat? Illa nihil: tacito sed læsa veneno
Solvitur in laticem. Subrepit crinibus humor.

Treme a Sicilia ao fremito dos urcos,
E c'o rodar de um carro estrepitoso:
Não se vê conductor, se é Genio ou Furia,
Ou se as redeas dirige a mesma Morte.

«Murcham-se as hervas, os ribeiros seccam,
A ferrugem os prados ennegrece,
E um vapor que suffoca tudo mata:
Vimos desfallecer no caule os lyrios,
Descórar a cecem, morrer a rosa.
Surdo rumor indica que se viram
As redeas; com o carro foge a Noite:
A luz que volve á terra em parte alguma
Nos mostra Proserpína, nem as Deosas,
Que, satisfeitas, mais se não demoram.
Lá no meio dos campos encontrámos
Cyane, cuja languida cabeça
Sobre o peito anciado descahia:
Tinha a c'roa, que a frente lhe adornava,
Já murcha pelas trevas que a cubriam.
Mais pois que ao pé da Deosa estava a triste,
Por ella perguntámos cuidadosas;
Que forma os urcos tinham, quem guiava
O carro que estrondoso nos fugira?

«Nada responde; incognito veneno
Lhe prende a falla, lhe dissolve o corpo;
Os seus cabellos liquidos escorrem,

Liquitur, in roremque pedes et brachia manant,
Nostraque mox lambit vestigia perspicuus fons.
Discedunt aliæ. Rapidis Acheloïdes alis
Sublatæ Siculi latus obsedere Pelori,
Accensæque malo jam non impune canoras
In pestem vertere lyras. Vox blanda carinas
Alligat. Audito frenantur carmine remi.
Sola domi luctu senium tractura relinquor.

Hæret adhuc suspensa Ceres, et singula demens,
Ceu nondum transacta timet: mox lumina torquens
Ultro in cœlicolas furiato pectore ferri.

Arduus Hyrcana quatitur sic matre Niphates,
Cujus Achæmenio regi ludibria natos
Avexit tremebundus eques. Fremit illa marito

Derretem-se-lhe os pés, os braços fundem,
N'um doce orvalho toda se converte;
E n'um momento a terra que pisava
Serpêa, em fonte limpida tornada.
Fogem as outras todas; as Serêas
Com as rapidas azas se arremessam
Á Sicilia, e na costa do Peloro
Consagram á vingança as suas lyras.
As náos prende inhumana melodia:
O attonito remeiro larga os remos,
O rumo perde, e é victima dos mares.

«Fiquei só, ai de mim! neste palacio,
Á velhice odiosa abandonada,
Para apagar com pranto estes meus dias.»

Inda Ceres suspensa um pouco fica:
Custa-lhe a crer que o mal seja presente,
E loucamente no futuro busca
Os males de que é victima: depressa
Convencida, revira os torvos olhos;
E contra as immortaes do peito acceso
Imprecações vomita furibunda.

Assim ruge nos altos do Niphate
Uma tigre a quem rouba os caros filhos
Um caçador sem dó, que avidamente
Aos jogos de Achemenio rei destina: (3)

Mobilior Zephyro, totamque virentibus iram
Dispergit maculis, jamjamque hausura profundo
Ore virum, vitreæ tardatur imagine formæ.

Haud aliter toto genitrix bacchatur Olympo;
Reddite, vociferans: non me vagus edidit amnis:
Non Dryadum de plebe sumus: turrita Cybelle
Me quoque Saturno genuit. Quo jura Deorum,
Quo leges abiere poli? quid vivere recte
Proderit? en audet noti Cytherea pudoris
Ostentare suos post Lemnia vincula vultus.
Hos animos bonus ille sopor castumque cubile
Præbuit? amplexus hoc promeruere pudici?
Nec mirum, si turpe nihil post talia ducit.
Quid vos expertes thalami? tantumne relictus
Virginitatis honos? tantum mutata voluntas?

Cheia de dor, se vê correr mais leve
Do que o Zephyro, e preceder-lhe o sopro;
Co' a raiva as verdes máculas aviva;
Quer tragar nas guelas inflammadas
O impavido ladrão; mas pára á vista
Do espelho que lhe mostra a propria imagem.

Todo o Olympo assim Ceres amotina:
« Entreguem-me a querida filha minha!
(Exclama a Deosa) Eu não, não fui gerada
Por um regato humilde, nem na plebe
Das Dryades nasci: tambem Saturno
E a turrita Cybelle o sêr me deram.
Já não ha leis no Ceo? não ha justiça?
Já da virtude o merito não vale?
A honestidade é vã, não recommenda?

« Sem duvida esta audacia é talvez premio
Do pudor conhecido, casto pejo
Da libertina Venus. Não me pasma
Que esta Deidade affouta, sem lembrar-se
Da fatal rede em Lemnos fabricada,
Tendo a fé conjugal tanto ultrajado,
Mostre assim sem vergonha a impura face,
Que cessou de córar; e só me admira
Que vós, pois qu' Hymeneo não conhecestes,
Da virgindade as honras desprezasseis;

Jam Veneri, et sociis junctæ raptoribus itis?
O templis Scythiæ, atque hominum sitientibus aris
Utraque digna coli! Tanti quæ causa furoris?
Quam mea vel dicto tenui Proserpina læsit?
Scilicet aut caris pepulit te, Delia, silvis:
Aut tibi commissas rapuit, Tritonia, pugnas.
An gravis alloquio? vestros an forte petebat
Importuna choros? Atqui Trinacria longe,
Esset ne vobis oneri, deserta colebat.
Quid latuisse juvat? rabiem livoris acerbi
Nulla potest placare quies. His increpat omnes
Vocibus. Ast illæ (prohibet reverentia patris)
Aut reticent, aut nosse negant, responsaque matri
Dant lacrymas. Quid agat? rursus se victa remittit,

Que inseparaveis companheiras fosseis
De Venus, dos malvados com quem vinha.
Tanto a vontade em vós foi corrompida!

«É nos templos da Scythia, nos altares
Inundados de sangue, que ora em diante
Deveis receber cultos. Qual motivo
Para tanto furor tivestes, Deosas?
O que vingais assim? Pallas, Latona!...
Proserpina jámais lesou direitos
Que alcançastes á gloria, nos combates?
Ou nos bosques no imperio de Diana
Pretendeo usurpar-lhe a primazia?
Não foram seus discursos circunspectos?
Foi jámais importuna aos vossos chóros?
Na Sicilia exilada, de vós longe
Habitava desertos... Mas qu' importa
A solidão! Quaes brenhas são barreira
Contra a inveja? Qual ermo, qual retiro
Applaca emulações, furor cioso?...»

Taes vozes a afflicção inspira a Ceres.
Mas o respeito a Jupiter prohibe
Ás outras Deosas responder; ou negam,
Ou fingem que não sabem; só respondem
Com lagrimas á mãe desconsolada.
Que fará?... Já vencida de amargura
Ás supplicas recorre, e se submette
A deprecar humilde o que deseja.

Inque humiles demissa preces, Ignoscite, si quid
Intumuit pietas: si quid flagrantius actum
Quam decuit miseram. Supplex, dejectaque vestris
Advolvor genibus. Liceat cognoscere sortem.
Hoc tantum: Liceat certos habuisse dolores.
Scire peto quæ forma mali: quamcumque dedistis
Fortunam, si nota, feram; fatumque putabo,
Non scelus. Adspectum, precor, indulgete parenti.
Non repetam. Quæsita manu securus habeto,
Quisquis es. Affirmo prædam. Desiste vereri.
Quod si nos aliquo prævenit fœdere raptor;
Tu certe, Latona, refer. Confessa Diana
Forte tibi. Nosti quid sit Lucina, quis horror
Pro genitis, et quantus amor: Partusque tulisti

«Ó Deosas, perdoai! (diz, soluçando)
Da consternada mãe tende piedade:
Desculpai expressões que a dor extrema
Sem regra me dictou: supplice, afflicta
A vossos pés me prostro: declarai-me
Todo o meu infortunio; é quanto imploro:
Das dores conhecer convem a especie,
Com que forma excrucia o mal o peito;
Para chorar quieta, e submetter-me
Sem murmurar, soffrer minha desgraça,
Victima então do Fado, e não do crime.

«Aos ternos votos desta mãe afflicta
Concedei que outra vez a filha veja:
Não heide reclamá-la, não; seguro
O roubador, a prêsa lhe confirmo:
Quero só vê-la. Auctor de minhas penas!
Goza em paz do teu furto; livre guarda
O que a violencia injusta te outorgara:
Porêm, deixa-m'a ver!... Não tenhas medo
Que eu te prohiba a dita de gozá-la.

«Com tudo, se ganhaste com presentes
De Diana o silencio, ou de Minerva...
Latona! falla tu, pois que podia
A tua filha tudo revelar-te.
Bem sabes quão cruel nos é Lucina,
Quantos sustos e amor nos custam filhos.

Tu geminos: hæc una mihi. Sic crine fruaris
Semper Apollineo, sic me felicior ævum
Mater agas. Largis tunc imbribus ora madescunt.
Quid tantum est dignum fleri, dignumque taceri?
Hei mihi, discedunt omnes. Quid vana moraris
Ulterius? Non bella palam cælestia sentis?
Quin potius natam pelago terrisque requiris?
Accingat lustrare diem. Per devia rerum
Indefessa ferar. Nulla cessabitur hora.
Non requies, non somnus erit, dum pignus ademtum
Inveniam, gremio quamvis mergatur Iberæ
Tethyos, et rubro jaceat vallata profundo.
Non Rheni glacies, non me Rhipæa tenebunt

Hymeneo generoso concedeo-te
Dois gemeos, a mim deo-me uma só filha:
Tem piedade de mim... assim repousem
Nos cabellos d'Apollo eternamente
Os teus maternaes olhos: assim possas,
Mais feliz do que Ceres, mãe ditosa,
Passar sem nuvens teus serenos dias!
(Humedeceo de novo o pranto as faces
Das maviosas Deosas compassivas)
Que motivo provoca o vosso chôro?
(Diz Ceres assustada) Que denota
Esse austero silencio? Ai de mim triste!
Todas me fogem... foi-se-me a esperança...
Que mais procuro, incerta, e me dilato?...
Infeliz! Não percebo que indignados
Os Ceos de meus pezares são a origem!

« A terra, os mares devo explorar todos,
Ver onde a filha está. Irei affouta
Co' a carreira do Sol medir meus passos;
Incognitos caminhos, sem cançar-me,
Irei investigar e descobri-los:
Nem descanço, nem somno alcançar quero,
Em quanto não descubro a amada filha;
Sepultada que fosse nos abysmos
Dos mares em que a Iberia se mergulha,
Se banha a costa Arabica: não temo
Nem os gelos do Rheno, ou Ripheos climas,

Frigora: non dubio Syrtis cunctabitur æstu.
Stat fines penetrare Noti, Boreæque nivalem
Vestigare domum. Primo calcabitur Atlas
Occasu, facibusque meis lucebit Hydaspes.
Impius errantem videat per rura per urbes
Jupiter. Extincta satietur pellice Juno.
Insultate mihi: cœlo regnate superbi.
Ducite præclarum Cereris de stirpe triumphum.

Sic fatur, notæque jugis illabitur Ætnæ,
Noctivago tedas informatura labori.

Lucus erat prope flavum Acin, quem candida præfert
Sæpe mari, pulcroque secat Galatea natatu:
Densus, et innexis Ætnæa cacumina ramis,

Proserpina buscando; affrontar quero
Das Syrtes o refluxo vagabundo,
Os paizes crestados pelo Noto,
As grutas do Aquilão cheias de neve;
Calcar ás portas do Occidente o Atlas;
E no berço da Aurora o claro Hydaspe
Ir assustar co' as tochas inflammadas.

«Jupiter impio veja a triste Ceres
Errante pelos campos e cidades:
Farte Juno ciosa a sua raiva,
Insulte a minha dor: seja theatro
O Olympo dos triumphos da suberba,
Do teu furor, ó Juno! Está completa
Tua victoria, Deosa; perdi tudo:
Já Ceres infeliz, já não tem filha!»

Disse, e ao cume do Etna se arremessa;
Neste sitio querido é que prepara
As tochas que destina angustiada
Ás carreiras nocturnas que projecta.

Perto do rio Acide estava um bosque
Que a linda Galatéa preferia
Ao mar; e a nado as ondas dividindo,
Buscava a sombra que as frondosas ramas,
Em qualquer estação entrelaçadas,
Soltavam sobre o monte alli visinho.

Qua libet usque, tegens. Illic posuisse cruentam
Ægida, captivamque pater post prælia prædam
Advexisse datur. Phlegræis silva superbit
Exuviis, totumque nemus victoria vestit.
Hic patuli rictus: hic prodigiosa Gigantum
Tergora dependent, et adhuc crudele minantur
Affixæ truncis facies, immaniaque ossa
Serpentum passim cumulis exanguibus albent,
Et rigidæ multo suspirant fulmine pelles,
Nullaque non magni se jactat nominis arbor.
Hæc centum gemini strictos Ægeonis enses
Curvata vix fronte levat. Liventibus illa
Exultat Cæi spoliis. Hæc arma Mimantis
Sustinet. Hos onerat ramos exutus Ophion.
Altior at cunctis abies umbrosaque late
Ipsius Enceladi fumantia gestat opima

Jupiter vencedor, dizem, puzéra
Alli, depois da lutta c'os Gigantes,
A egida cruenta, e toda a prêsa
Que a victoria lhe dera. Alli se viam
Os despojos das selvas Phlegreanas,
E de tropheos vestido o bosque inteiro;
Das carrancas as fauces inda abertas,
Couros immensos d'esfolados monstros,
Filhos da terra; frentes destroncadas,
Que fixas na cortiça, inda mostravam
Nas feições ameaço e rebeldia:
D'ossos enormes alvejava a terra;
Serpentes mortas, turgidas couraças,
Que empolaram c'os raios furibundos:
Não se vê planta que de um grande nome
Não ostente um tropheo. Alli d'uma arvore,
Com o peso curvada, as cem espadas
De Egeo, que combatia com cem braços,
Alli pendem: alli de Cello os dardos,
Tintos de sangue, n'outra se preservam;
Com o pesado armúrio de Mimante,
E os massiços arnezes d'Ophionte.

Altissimo pinheiro que domina
Sobre quantos vegetam na floresta,
E que d'espessa rama os cobre todos,
Das fumegantes gloriosas armas,
Despojos d'Enceládo, está coberto;

Summi terrigenûm Regis, caderetque gravata
Pondere, ni lassam fulciret proxima quercus.

Inde timor numenque loco, nemorisque senectæ
Parcitur, ætheriisque nefas nocuisse tropæis.
Pascere nullus oves, nec robora lædere Cyclops
Audet, et ipse fugit sacra Polyphemus ab umbra.

Non tamen hoc tardata Ceres. Accenditur ultro
Religione loci, vibratque incerta securim,
Ipsum etiam per itura Jovem. Succidere pinus,
Et magis enodes properat prosternere cedros,
Exploratque habiles truncos, rectique tenorem
Stipitis, et certo prætentat brachia nisu.

Sic qui vecturam longinqua per æquora merces

Desse que audaz guiava contra o Olympo
Os batalhões rebeldes: tanto pesam
Estes funebres restos, que um carvalho,
Como pontão, lh' impede horrivel queda.

Daqui vem o terror religioso
Que neste bosque reina; sacrilegio
Seria profanar sua velhice,
Que as eras respeitaram; fôra crime
Desprezar os trophеos das Divindades.
Os gados com respeito alli não pascem,
Os Cyclopes recêam de tocar-lhe;
O mesmo Polyphemo amedrentado
De suas sacras sombras se desvia.

Nada intimida Ceres; deste sitio
A magestade o seu furor irrita:
Alça o machado incerto, e fere affouta;
Jupiter mesmo houvera então ferido.
Por terra logo prostra altivos troncos
Altos pinheiros, denodados cedros,
Que suberbos aos Ceos se levantavam:
E entre tanto destroço a Deosa escolhe
Uma haste vigorosa, um tronco forte,
Que mais rijo a seus golpes resistia.

Dest'arte o navegante que deseja
Ir por longiquo mar tentar fortuna,

Molitur tellure ratem, vitamque procellis
Objectare parat; fagos metitur et alnos,
Et varium rudibus silvis accommodat usum.
Quæ longa est, tumidis præbebit cornua velis:
Quæ fortis, malo potior: quæ lenta, favebit
Remigio: stagni patiens aptanda carinæ.

Tollebant geminæ capita inviolata cupressus
Cespite vicino; quales non rupibus Idæ
Miratur Simoïs; quales non divite ripa
Lambit Apollinei nemoris nutritor Orontes.
Germanas adeo credas: sic frontibus æquis
Adstant, et socio despectant vertice lucum.
Hæ placuere faces. Pernix invadit utramque
Cincta sinus, exerta manus, armata bipenni:

Seus generos trocar em climas novos,
E contrastar co' a vida as tempestades,
Vogador domicilio se fabrica;
A seu uso na praia junta faias,
Alamos fortes, mede-lhe o tamanho,
E estes filhos informes das florestas
Destina ás partes varias do edificio:
Dos compridos faz vergas que sustentem
Tumidas velas; e transtorna em mastros
Os mais duros, em remos os flexiveis;
E, curvados, no corpo do navio
Põe os que á agua são impenetraveis.

N'um serro alli visinho se creavam
Dois cyprestes irmãos, que do machado
Isentos até 'li seus troncos eram:
Tinham frondosa rama, hastes suberbas,
Quaes o Simois não poude admirar nunca (4)
Sobre as rochas do Ida; nem nos bosques
Apollineos lambeo o farto Orontes.

Quem delles observasse a igual ramagem,
Que parallela cobre a selva toda,
Diria = são irmãos, nasceram gemeos. =
Estes de Ceres devem ser as tochas:
E sem demora a Deosa resoluta,
Os braços nús, a tunica traçada,
Empunhando o machado, o descarrega;

Alternasque ferit, totisque obnixa trementes
Viribus impellit. Pariter traxere ruinam,
Et pariter posuere comam, campoque recumbunt,
Faunorum Dryadumque dolor. Complectitur ambas,
Sicut erant, alteque levat, retroque solutis
Crinibus adscendit fastigia montis anheli,
Exuperatque æstus, et nulli pervia saxa,
Atque indignantes vestigia calcat arenas.

Qualis pestiferas animare ad crimina taxos
Torva Megæra ruit; Cadmi seu mœnia poscat;
Sive Thyesteis properet sævire Mycenis.
Dant tenebræ Manesque locum, plantisque resultant

Um e outro com golpes alternados
Ataca, fere, abala-lhe as raizes:
Vacillam, pendem, e c'os esforços caem.
Ambos perecem, ambos depuzeram
Em terra as longas verdejantes comas;
Cobre-se o chão c'os vegetaes despojos,
Que de lagrimas Dryades e Faunos
Enternecidos e saudosos regam.

A filha de Cybelle toma os troncos,
Levanta-os, de folhage' inda vestidos;
O seu cabello, que ía solto ao vento,
Para traz deita, e trepa com presteza
Da montanha ás alturas fumegantes;
Com resoluto pé as lavas calca,
Os hirsutos rochedos sulphurosos,
E as arêas ardentes, indignadas
De tanta audacia e tanta desventura.

Assim, bramindo, a turbida Megera
Vai quando impaciente accende os fachos,
E seus fogos sinistros vasa irada
Nas muralhas de Cadmo, ou quando açouta
Os lares de Mycenas, testemunhas
Dos horridos banquetes de Thyestes.
As terrificas sombras, oucos manes
Ante ella lugar dão a seus furores;

Tartara ferratis: donec Phlegethontis ad undam
Constitit, et plenos excepit lampade fluctus.

Postquam perventum scopuli flagrantis in ora;
Protinus arsuras adversa fronte cupressus,
Faucibus injecit mediis, lateque cavernas
Texit, et undatem flammarum obstruxit hiatum.
Compresso mons igne tonat, claususque laborat
Mulciber. Obducti nequeunt hærere vapores.
Coniferi micuere apices. Crevitque favillis
Ætna novis. Stridunt admisso sulfure rami.
Tum, ne deficerent tantis erroribus ignes,
Semper inocciduos insopitosque manere
Jussit, et arcano perfudit robora succo;
Quo Phaëton irrorat equos, quo Luna juvencos.

Jamque soporiferas nocturna silentia terris

O Tartaro c'os ferreos pés rebomba:
Só pára ao pé das Phlegethonteas aguas,
E a sêde farta ao sepulchral pinheiro,
Immergindo-o nas ondas inflammadas.

Já chega Ceres ao cratér sulphureo
Do monte, e a farta coma dos cyprestes,
Destinados ao fogo, pelo seio
Deste golpho mergulha; assim do abysmo
Tapa todo o orificio, não ficando
Ás ondas de vapor respiradouro.
Nas entranhas do monte commovido
Ronca, troveja o lume clausurado,
Lutta contra as cavernas, que impotentes
Repulsam seus esforços; porêm arde
Já dos cyprestes a tão vasta rama.
Exhala o Ètna já centelhas novas;
Saturados d'enxofre estalam ramos:
E então, por que entre trevas não desvaire,
Para livrar d'escolhos seu caminho,
Fortalecer de eterna luz as tochas,
A Deosa as rega de unctuosos succos;
Daquelles com que os urcos seus ungia
Phaetonte; com que a Lua vigorava,
Com divino podêr, tambem seus touros.

Já nocturno silencio começava
A convidar o somno preguiçoso

Explicuere vices. Laniato pectore longas
Inchoat illa vias, et sic ingressa profatur.

Non tales gestare tibi, Proserpina, tedas
Sperabam: sed vota mihi communia matrum
Et thalami festæque faces, cœloque canendus
Ante oculos Hymenæus erat. Sic Numina fatis
Volvimur, et nullo Lachesis discrimine sævit?
Quam nuper sublimis eram, quantisque procorum
Cingebar studiis! quæ non mihi pignus ob unum
Cedebat numerosa parens? tu prima voluptas,
Tu postrema mihi: per te fecunda videbar.

A vir reger a terra adormentada:
Ceres (de dor o peito retalhado)
Entrava na carreira que lhe abriam
Profunda magoa, asperrima saudade.

«Oh filha, filha minha! (exclama afflicta)
Nunca esperei que taes fossem os fachos
Para ti destinados; outros eram
Os que, mãe carinhosa, com meus votos
Te promettiam meu amor extremo:
Dos d'Hymeneo as luzes antevia;
O thalamo brilhante, as sacras tochas,
Os festejos pomposos, doces hymnos
Que applaudiam teu nome, Proserpína,
Com que os ecchos do Olympo retumbavam,
Meu coração e ouvidos preveniam.
Illusão desditosa! fatal sonho!
Quão frageis Divindades somos! quanto,
Quanto zomba o Destino! quanto ás cegas
Lachesis distribue feros golpes!...

«Quanto, ha pouco, ditosa me julgava,
D'illustres pertendentes rodeada,
Que aspiravam á mão de Proserpína!
Oh filha, gloria minha e meu tormento!
Principio e termo da ventura minha!
A ti devia tudo — o meu descanço,
A gloria de ser mãe, minha alegria...

O decus, ô requies, ô grata superbia matris:
Qua gessi florente Deam: qua sospite nusquam
Inferior Junone fui: nunc squalida, vilis.
Hoc placitum patri. Cur autem adscribimus illum
His lacrymis? ego te, fateor, crudelis ademi,
Quæ te deserui, solamque instantibus ultro
Hostibus exposui. Raucis secura fruebar
Nimirum thiasis, et læta sonantibus arvis
Jungebam Phrygios, cum tu raperere, leones.
Accipe, quas merui, pœnas. En ora fatiscunt
Vulneribus, grandesque rubent in pectore sulci.
Immemor en uterus crebro contunditur ictu.
Qua te parte poli, quo te sub cardine quæram?
Quis monstrator erit? quæ me vestigia ducent?

De meus olhos encanto, doce filha,
Cujos dotes altivos me elevaram
Acima das mais Deosas, e fizeram
Igual a Juno mesma!... porêm hoje
Desprezivel... confusa... assim ordena
Jupiter... Ceos! que horror! que fera sorte!...
Só no Inferno taes planos se projectam,
Só impios Deoses crimes taes consentem.

«De que serve o queixar-me?... attribuir-lhe
Estas lagrimas?... Contra mim me volto;
Eu fui causa infeliz da tua morte!
A minha ausencia ás iras do inimigo
Te entregou, chara filha! Em quanto os chóros
Na Phrygia me cercavam, que tiniam
Em torno a mim espadas e tambores,
Que eu gozava sem susto alguns prazêres,
Ao jugo submettendo os leões doceis,
Eras de um roubador infausta prêsa!
Do meu descuido observa a fatal pena,
Meu rosto vê coberto de feridas
Com que o sulcaram lagrimas profusas;
Vê meu peito rasgado, que mil golpes
Nos impetos de dor crueis lhe abriram.

«Em que plagas ou Ceos irei buscar-te?
Quem guiará meus passos?... quaes vestigios
Me hão de mostrar o roubador e o carro?...

Quis currus? ferus ipse quis est? terrene marine
Incola? quæ volucrum deprendam signa rotarum.
Ibo, ibo quocumque pedes, quocumque jubebit
Casus. Sic Venerem quærat deserta Dione.
Efficietne labor? rursus te, nata, licebit
Amplecti? manet ille decor? mane ille generum
Fulgor? an infelix talem fortasse videbo,
Qualis nocte venis? qualem per somnia vidi?

Sic ait, et prima gressus molitur ab Ætna;
Exitiique reos flores, ipsumque rapinæ
Detestata locum, sequitur dispersa viarum
Indicia, et pleno rimatur lumine campos,
Inclinatque faces. Omnis perit orbita fletu,
Omnibus admugit, quacumque it in æthere, sulcis.
Annatat umbra fretis, extremaque lucis imago

É na terra, ou nos Ceos, que o monstro habita?...
Onde acharei os traços que formaram
Rapidamente as rodas que a levaram?...

«Onde o acaso me leve irei correndo,
Onde os pés me levarem sem certeza.

«Possa Dione assim procurar Venus!
Mas... serão meus extremos premiados?...
Tornarão os meus braços a abraçar-te?...
Oh filha! ver-te-hão meus tristes olhos
Tão bella, tão brilhante como d'antes,
De tua mãe, e dos mais, suave encanto?
Ou por ventura qual durante a noite
Vens magoar-me em meus sinistros sonhos?...»

Ceres, isto dizendo, se retira
Longe do monte, e das culpadas flores;
Dos lugares funestos, causa triste
Da desgraça: seguindo uma vereda,
Que o seu carro ía sobre a terra abrindo,
Discorre os campos que lhe mostra a tocha,
Diffundindo inclinada um clarão vasto.

Com pranto inunda os sulcos que traçavam
As rodas do seu carro; os seus gemidos
Repete o ar extenso; a sua sombra
Se projecta no mar esverdinhado;

Italiam Lybiamque ferit. Clarescit Etruscum
Littus, et accenso resplendent æquore Syrtes.
Antra procul Scyllæa petit, canibusque reductis
Pars stupefacta silet, pars nondum exterrita latrat.

Reliqua desiderantur.

E os extremos da luz das suas tochas
S'estendem sobre as margens Africanas,
Sobre as praias da Ausonia, e praia Etrusca;
Doira o reflexo as Syrtes lá distantes,
E de Scylla assustada os antros doira; (5)
Scylla, que pasma e freme stupefacta,
Já do silencio dos seus cães medrosos,
Já dos uivos terriveis que soltavam
Antes que o medo todos suffocasse.

17 de Novembro de 1815.

NOTAS.

NOTAS

AO

ROUBO DE PROSERPINA.

LIVRO I.

(1) *Prefacio.*—O prefacio que Persio collocou á frente das suas satiras servio de modelo a Claudiano, que neste particular foi imitado por todos os poetas da ultima idade da lingua latina. Estes prefacios, onde reinam de ordinario a discrição e a elegancia, apresentam umas vezes alguma comparação facil de ser applicada, outras uma felicitação lisongeira, outras uma confrontação da fabula com os negocios do tempo, e outras finalmente um mero preambulo, destinado a conciliar a attenção dos circunstantes. Este do 1.º Livro parece corroborar a opinião de quem ajuiza que o Roubo de Proserpina foi um dos primeiros escriptos que sahiram da penna de Claudiano. Depois de ter aventurado ao publico alguns idyllios, recebidos com applauso, parece que desfere o poeta um voo mais audaz, e que para lançar os fundamentos da sua immortalidade se abalança a commetter uma empreza que deveria pôr seu nome a par dos mais illustres do Parnaso. Tal é a idéa que nos suggere desta obra sua a pintura que nos faz dos trabalhos, tentativas, receios e prosperidade do primeiro navegante.

(2) *Quem primeiro sulcou mares profundos*, etc. — A quem deve a humanidade esta invenção, que lhe sujeitou outro elemento? Orpheo, Ovidio, Manilio, e Valerio Flacco attribuem-na a Jason; Tibullo, e Pomponio Mela aos Phenicios; Diodoro Siculo aos Cretenses; e aos Egypcios Denys o Periegeta. Phedro a adjudica a Minos, e a opinião mais verosimil a um neto de Noé. Seja porêm qual for o seu auctor, o certo é que os poetas antigos sempre a representaram como infracção das leis da natureza, e manancial perenne de crimes e desastres.

(3) *Do mar Egeo*, etc. — Os doutos não concordam ácerca da origem do nome deste mar, que uns derivam do verbo grego *ago*, que significa *espedaçar*, outros de um rochedo que entre as ilhas de Tenedos e Scio representa a figura de uma cabra, outros de Ega, rainha das Amazonas, que perdeu nelle a vida, e outros do desventurado Egeo, rei de Athenas, o qual, como refere Catullo, se precipitou nas suas ondas, por entender que seu filho Theseo havia malogrado a expedição de Creta, onde o levara o desejo de libertar sua patria do cruel tributo que todos os annos reclamavam os manes de Androgeo. Hoje é o Archipelago da Grecia.

(4) *As Ionias ondas*, etc. — Este mar, cuja vasta extensão foi celebrada por Virgilio, deve seu nome á filha de Inacho, a nympha Io, de quem Ovidio (nas Metamorphoses liv. 1.°) e Hygino (na Fabula 145) nos deram conhecimento da condescendencia que tivera com os desejos de Jupiter, da sua transformação em novilha, da perseguição que soffrera por parte de Juno, de como foi libertada da vigilancia d'Argos, como passou ás margens do Nilo, como voltou á sua primeira forma, e do lugar distincto que obteve entre as divindades do Egypto, com o nome de Isis.

(5) *Do Deos do Averno o roubo audaz*, etc. — De todas as noticias mythologicas nenhuma foi mais divulgada que a do roubo de Proserpina. Encontram-se vestigios della em todos os escriptores da antiguidade, poetas, historiographos, e oradores. Sem pertendermos reforçá-la com o testemunho de Orpheo, Hesiodo, Sophocles, Euripedes, Aristophanes, Pausanias, e outros, citaremos unicamente uma passagem de Cicero (*in Verrem lib.* 4.º), que foi seguida fielmente por Claudiano nas suas descripções e narrativa, e poderá talvez dar uma idéa da antiguidade desta tradição, e dos lugares que foram theatro dos acontecimentos de que se tratta.

« Existe de remotos tempos, diz elle, uma opinião fundada « nas primeiras historias dos Gregos, e justificada pelos seus « mais antigos monumentos, que toda a Sicilia é consagrada a « Ceres, e a Proserpina.... Os Sicilianos acreditam que estas « deosas nasceram no seu paiz, que no seu terreno brotaram os « primeiros trigos, que Proserpina foi arrebatada das campinas « de Enna, que se reputam como centro da Sicilia; que Ceres, « dispondo-se a buscar sua filha em toda a parte, accendera « um facho nas labaredas do Etna, e com este lume percorrera « o universo. Enna, onde pertendem que tiveram lugar os suc- « cessos de que fallamos, está edificada n'uma serra alterosa e « escarpada, no vertice da qual se encontra uma planicie muito « rasa, e mananciaes d'agua pura. Inaccessivel por todos os « lados, e como isolada, vê a cidade em torno de si lagoas e « prados esmaltados das mais lindas flores em todas as estações « do anno. N'uma palavra, o sitio mesmo parece attestar esse « famoso rapto com que nos entretinham quando eramos pe- « quenos; por quanto, a pouca distancia delle existe uma ca- « verna de enorme profundez, voltada para o norte. Por alli « dizem que sahira de repente o Deos dos infernos no seu « plaustro, arrebatara Proserpina da planicie, e a levara com- « sigo. Não longe de Syracusa, tornou a entrar de subito para

« debaixo da terra, e no mesmo instante um lago cobrio aquelle « lugar, onde depois os Syracusanos annualmente celebram uma « festa, que attrahe grande concorrencia de homens e de mu- « lheres. »

(6) Dos *Cecropidas gemem os altares*, etc. — Cecrope foi o primeiro rei da Attica, chamada Cecropia do seu nome. Dizem que tendo feito um decreto pelo qual concedia aos deoses o dominio das cidades onde quizessem erigir seus altares, appareceram logo em Athenas Neptuno, que fez sahir um mar do seio da terra, ferindo-a com seu tridente, e Minerva, que na presença de Cecrope fez brotar a oliveira. Daqui nasceo entre os dois uma contenda que Jupiter fez terminar, dando aos contendores por juizes doze habitantes dos Ceos. Segundo o parecer destes, fundado nas informações de Cecrope, foi a cidade adjudicada a Minerva. Cecrope desposou Agraule, de quem teve quatro filhos, a saber: Erisichton, Agraule, Herse, e Pandroseo. A estes, que são os Cecrópidas, attribuiam dever-lhe a Grecia o uso do trigo, a cultura da oliveira, o conhecimento dos deoses, as noções da justiça, *etc.*

(7) *De Triptolemo silvam as serpentes*, etc. — Conta-se na mythologia que apenas Ceres tivera conhecimento do rapto de sua filha, se encaminhara a Eleusis, cidade da Attica, onde reinava Celeo, pae de Triptolemo, a quem a deosa, querendo remunerar o bom agazalho que havia recebido, fez presente de um carro tirado por serpentes aladas, com destino de o levarem pelo mundo, ensinando aos homens o uso do trigo, e a maneira de o semear. Ficou por tanto á deosa o appellido de Eleusina, e Eleusinas se chamavam as festas que se faziam em honra della.

(8) *A triforme Deidade surge ao longe*, etc. — Hecate, a

Lua, e Proserpina, eram tres nomes que tinha a mesma Deidade, assim como era representada com tres cabeças diversas.

(9) *Iaccho alegre*, etc. — É o mesmo que Baccho, filho de Jupiter e Semele, que depois de conquistar as Indias, recebeo um culto particular em Thebas e na Meonia, região da Asia-menor.

(10) *As brilhantes Triones*, etc. — Triões, na linguagem vulgar, eram bois destinados ao serviço da charrua, como diz Varrão. Neste lugar entendem-se pelas sette estrellas que acompanham a *Ursa maior*, ou por outro nome o *Carro*.

(11) O *Rhodope*, montanha da Thracia, cujo nome lhe proveio da nympha Rhodope, filha do rio Strymon, da qual Neptuno teve o gigante Athos.

(12) *Amycléa*, *Claros*, *Delos*. — Amycléa era uma cidade da Laconia onde reinava Tindaro, e onde foram creados os gemeos Castor e Pollux. Dahi lhes proveio o nome de *Fratres Amyclæi* que lhes dão muitas vezes os poetas.

Claros, cidade na Ionia, junto de Colophon, partilhava com Delos, Delphos, Ténedos, Pátara e Amycléa os favores de Apollo, e a gloria de produzir oraculos, que por muito tempo foram assás venerados.

Delos. — Eis-aqui a origem que lhe attribue Hygino na fabula LIII.: « Asteria era filha de Titan. Namorou-se Jupiter da sua belleza; mas irritado por seus constantes desdens, metamorphoseou-a em codorniz, e lançou-a no mar, onde se converteo n'uma ilha que se chamou Ortygia. Por largas eras vagabunda e fluctuante, só poude firmar-se na terra quando nasceram Apollo e Diana; assim foi retribuida da compaixão que teve de Latona, contra quem Juno havia suscitado Marte, em-

bravecido a serpente Pithon, e sublevado a terra toda. Desde então chamou-se Delos; e em honra sua compoz Callimaco um hymno, justamente considerado como um poema perfeito. »

(13) *A Trinacria*, etc. — Este nome deve a Sicilia aos seus tres promontorios, Pachyno, Peloro, e Lilybeo. Se n'algum tempo ella foi unida ao continente, e a causa que os separou, são questões que não profundaram os escriptores da antiguidade. Homero na sua fabula de Scylla e Charybdes parece não ter conhecido nem a epocha nem o motivo de tal separação. Pindaro a este respeito guarda o mais profundo silencio nos versos que consagrou á memoria dos heroes sicilianos. Eschylo foi o primeiro que notou haver analogia entre o promontorio de Rhegium e o verbo grego *regnustai*, separar. Thucydides parece que não foi feliz nas indagações que fizera ácerca das antiguidades desta ilha. Mas o abreviador de Trogo-Pompeo diz que ella n'outras eras fazia parte do continente; e Eustathio accrescenta que a sua desunião foi obra de Neptuno, que por tal modo quiz segurar a Acasto, filho d'Eolo, uma habitação mais tranquilla. Entretanto, não se póde deixar de admirar a descripção que neste lugar apresenta Claudiano, mesmo a par das que fizeram os cantores d'Enéas, das Metamorphoses, e do Etna.

(14) *Frondente rama de pinheiros altos*, etc. — Pitys era uma joven beldade, igualmente adorada por Boreas, e o deos Pan; mas como este fosse o preferido, o seu competidor, allucinado pelo ciume, arrojou contra um penhasco a desditosa nympha, punindo assim de cruel morte a indifferença com que o trattava. No mesmo lugar nasceo o pinheiro, de cuja rama gostava Pan de coroar-se, e ao qual o sopro de Boreas arranca ainda gemidos. Ovidio porêm nos conta como foi transformado nesta arvore o amador de Cybelle, o infeliz Atys.

(15) *Os Corybas*, etc. — Corybas, filho de Jason e de Cybelle, foi o primeiro que introduzio na Asia o culto de sua mãe, e deo seu nome aos ministros consagrados ao serviço desta deosa, que se ficaram chamando Corybas ou Corybantes.

LIVRO II.

(1) A *Bistonia*, por outro nome a Thracia, deve este epitheto a Biston, filho de Marte, e era habitada por um povo tão guerreiro como sylvestre.

(2) *Argos*, cidade do Peloponeso, onde reinaram Inacho, o primeiro que conduzio á Grecia uma colonia d'Egypcios; e Eurystheo, que impoz a Hercules os trabalhos que neste lugar enumera Claudiano.

(3) O *Hebro*, rio da Thracia, hoje o Mariza.

(4) O *Ossa alcantilado*, montanha da Thessalia, que foi o theatro da audacia e da derrota dos Gigantes.

(5) O *Hœmus* — Ao pé desta montanha situada entre a Thessalia e a Thracia, e á qual dera seu nome um filho de Boreas e d'Orithya, colloca Stacio (Theb. liv. 7.° verso 42) o templo do deos das batalhas.

(6) *Cirrha*, cidade visinha do Parnaso, testemunha da insensibilidade de Daphne, e da sua metamorphose em loureiro.

(7) *O cinto da Amazonia desataste*, etc.—Allusão a Hyppolita, rainha das Amazonas, que se diziam descendentes de Marte, e habitavam as margens do Thermodoonte, aonde tambem foi Hercules, obrigado pelas ordens de Eurystheo. Apollodoro no livro 2.° refere esta passagem d'Hercules, cuja narração todavia faz alguma differença da historia que Justino deixou das Amazonas no livro 2.° cap. 4.°

(8) *O Phóloe*, monte da Arcadia, foi o sitio em que os Centauros succumbiram aos golpes d'Hercules e de Theseo; de sorte que o dia das nupcias de Dejanira e Hyppodamia foi para elles um dia de lagrimas e morte. Nestor, em Ovidio (Metamorphoses liv. 12.°), conta as particularidades deste combate.

(9) *Da Libya as praias*, etc.—Neste paiz era a morada e o jardim das filhas d'Hespero, Egle, Arethusa, e Hesperthusa, cuja guarda estava confiada a um dragão, fructo dos amores de Typhon e Echidna. Hercules o venceo, e teve as primicias do jardim, colhendo os pommos das Hesperides.

(10) *Tu, novo Alcides*, etc.—O poeta noméa positivamente Florentino, que era Prefeito de Roma no anno de 396. A darmos credito ás conjecturas dos commentadores, este poema foi composto em epochas differentes. Tendo já concluido o primeiro canto no tempo da sua prosperidade, e sob os auspicios de Stilicon, Claudiano, alvo tambem das perseguições que soffreram os partidarios deste ministro, vio-se obrigado a interromper o fio do seu trabalho. Como Orpheo, guardou silencio em quanto duraram as desordens que se seguiram á morte do seu bemfeitor; mas, a exemplo do cantor da Thracia, reassumio as suas occupações quando tornou a achar em Florentino um admirador e um amigo. Este novo Mecenas, affeiçoado aos lavores do campo, á maneira dos Catões, Varrões e Columellas,

escreveo em grego, sobre a agricultura, trattados de que o tempo ainda respeitou alguns fragmentos.

(11) *D'Arcadia a Deosa*, etc.—Diana, a quem eram consagrados o Lyceo e o Parrhasio, montes da Arcadia, que lhe offereciam abundante caça.

(12) *Deixam as fontes do Criniso*, etc.—O Criniso, o Pantagio, e o Gela são nomes de rios; Camarina é o de uma lagoa mephytica na Sicilia.

(13) *Arethusa* e *Alpheo*.—Veja-se o livro 5.° das Metamorphoses d'Ovidio.

(14) *Cyane*, guarda e satellite de Proserpina, reconheceo a joven deosa nos braços de Plutão, e quiz deter o roubador, que a metamorphoseou em fonte.

(15) *Envergonhe-se o Hybla*, etc.—Os antigos celebraram muito o mel do Hybla, monte da Sicilia, assim como os perfumes da Panchaia e Sabá na Arabia, e do Hydaspe na India.

(16) *Immortal ave*, etc.—É a Phœnix, ave fabulosa, que inspirou amenos versos a Lactancio, Claudiano, Lermæo e Ovidio.

(17) *O Lipare se turba*, etc.—A discordia removeo Lipare, filho d'Ausonio, do imperio de seu pae; uma frota o transportou, com um exercito numeroso, da Italia para a ilha que hoje tem seu nome. Sendo já velho, casou Cyane sua filha com Eolo, filho de Hyppotades, o qual de toda a parte chamou habitadores para aquellas regiões, até então desertas. Lá se

forjavam os raios de Jupiter nas ferrarias dos Cyclopes, sob a direcção de Vulcano.

(18) *Que trasborda o Peneo,* etc. — Este rio, na Thessalia, nascia junto ao Pindo, e atravessava o valle de Tempe. Filho do Oceano e de Thetis, tambem teve uma filha, que foi Daphne, primeiro objecto dos amores d'Apollo.

(19) *Os brados com que o Dindyma commovem.* — O Dindyma, o Ida, a Mygdonia, *etc.* eram montes e paizes da Phrygia, berço do nascimento e do culto de Cybelle. O Dindyma lhe deo o appellido de Dindymene.

(20) O *Amsancto,* etc. — O valle d'Amsancto, entre a Apulia e a Campania, era guarnecido d'espessas florestas, e atravessado por uma torrente, que volvendo-se com fragor por cima de rochedos, ía despenhar-se n'um abysmo, que se reputava como a boca do inferno. Desta horrivel caverna sahiam exhalações pestiferas, que nem as aves podiam supportar, se alguma vez passavam por cima della.

LIVRO III.

(1) *Desejei que a indigencia estimulasse,* etc. — Os habitantes da Hespanha meridional adoravam a Pobreza no mesmo altar que a Industria, aquella como estimulo dest'outra. Este pensamento é tambem o de Theocrito no idyllio dos Pescadores.

(2) *E da Chaonia os fructos não consinto,* etc. — A Chao-

nia, região do Epiro, hoje a Albania na Turquia Europea, continha extensas florestas de azinheiras, cujas bolotas dizem os poetas que ministraram o alimento dos primeiros homens.

(3) *Achemeneo Rei,* etc. — Achemeneo, ou Achemenides, é um nome patronimico que significa um homem descendente de Achemenes, rei da Persia, pai de Cambyses, e avô de um Cyro, differente do grande Cyro. Daqui vem chamarem-se os antigos reis da Persia *Achemenides,* como diz Herodoto no livro 1.° cap. 125. Os poetas estendem ainda a significação deste nome, e assim como chamam *Enneades* e *Romulides* aos Romanos em geral, chamam tambem Achemenides aos Persas; e dizem *Achemeneo,* para dizer *Persa.*

(4) *O Simois,* rio da Troada, que descia do monte Ida, incorporava-se no Xanto, e perto do promontorio de Sigeo desembocavam no Hellesponto.

TAYLOR INSTITUTION OXFORD

(5) *E de Scylla assustada os antros doira.* — Allusão ás duas voragens de Scylla e Charybdes, no estreito de Messina, entre a Sicilia e a Italia. Sobre esta fabula de Scylla, e sua transformação, póde ver-se Ovidio nas Metamorphoses livro 14.

Dos escriptores que trabalharam a respeito de Claudiano, uns attribuem ás devastações do tempo, outros á morte do auctor, a imperfeição da sua obra. O espaço que ainda lhe restava a percorrer, foi trilhado por dois poetas, igualmente distantes um do outro no seculo e no merecimento. Ovidio nas suas Metamorphoses (livro 5.°), e nos seus Fastos (livro 4.°) descreveo as carreiras de Ceres, não com aquella magestosa pompa que obriga a admiração, mas com a ligeireza de phantasia que muitas vezes provoca um sorriso. O anonymo cujo poema intitulado Ceres legifera Claverio publicou em 1619, para servir de continuação aos tres livros do Roubo de Pro-

serpina, mostrou pelo seu exemplo que Claudiano teria sido muito máo poeta se não fôra mais que um geographo. A este supplemento, improprio para indemnisar-nos do canto cuja falta deploramos, preferimos a modesta escusa do Cavalheiro Marino, que remata a sua imitação de Claudiano no idyllio de Proserpina (La Sampogna, idyl. 5.°) com os seguintes versos:

Quindi al pensier pietoso
Quanto si tace imaginar ne lascio;
E del Greco pennello
Imitator novello,
Con l'accorto velame
D'un silentio facondo
Quel ch' esprimer non sò, copro e ascondo.

VARIANTES DO TOMO V.

ARTE POETICA D'HORACIO.

A paginas 11, *verso* 14.°:

Salvo da rota náo, dos bravos mares?...
Variante:
Entre náos destroçadas, bravos mares?...

A pag. 31, *verso* 15.°:

Subir aos astros, e tornar-se em nada.
Variante:
Subir ás nuvens, e tornar-se em nada.

A pag. 33, *verso* 22.°:

Ennio jámais nem Accio consentiram
Variante:
Accio apenas e Ennio consentiram

A pag. 41, *verso* 14.°:

Por isso tantos, desprezando a arte,
Variante:
Por isso, desprezando tantos a arte,

A pag. 49, *verso* 34.°:

E choram mais que o verdadeiro afflicto.
Variante:
Que choram mais que o verdadeiro afflicto.

ENSAYO SOBRE A CRITICA DE POPE.

A pag. 73, *verso* 10.°:

As cousas teem limites proprios, todas,
Com os quaes sabiamente a Natureza
Quebra a esperteza vã do presumido.
Variante:
As cousas teem limites proprios, todas,
Impostos pela sabia Natureza,
Que as presumpções do home' altivo curvam.

A pag. 95, *verso* 7.°:

A cadencia do verso é quanto basta
Para muitos julgarem de um Poeta;
Suave ou rude, é máo ou bom com ella:
Variante:
O canto numeroso é quanto basta
Para muitos julgarem de um Poeta;
Suave ou rude, é máo ou bom com elle:

Idem, verso 13.°:

Não aproveita; é como esses devotos
Que as igrejas frequentam, por gostarem
Da musica inda mais que da doutrina.

Variante:

Não aproveita; é como esse devoto
Que as igrejas frequenta onde lhe agrada
A musica inda mais do que a doutrina.

A pag. 95, *verso* 20.°:

Em quanto o carrilhão sabido tocam,
Variante:
Em quanto o carrilhão sabido toca,

A pag. 99, *verso* 8.°:

Tolos admiram, o bom senso approva:
Variante:
Tolos admiram, mas bom-senso approva:

A pag. 105, *verso* 9.°:

Porêm nuvens o seu caminho adornam,
Variante:
Porêm as nuvens seu caminho adornam,

A pag. 109, *verso* 28.°:

A mascara grangêa adiantamento;
Variante:
A mascara sem risco não se tira;
Outra:
Não sem desdouro a mascara se tira;

A pag. 117, *verso* 16.°:

Que não céga a favor, nem turba ácinte;

Variante:

Que não cede ao favor, nem turba ácinte;

O ROUBO DE PROSERPINA.

A pag. 191, *verso* 11.°:

Soltam-se os gelos do Ossa alcantilado,

Variante:

Soltam-se as neves do Ossa alcantilado,

Idem, verso 14.°:

E apesar dos desdens que a Daphne inspira

Variante:

E apesar do desdem que a Daphne inspira

A pag. 209, *verso* 11.°:

Das abelhas amado; cresce o louro,

Variante:

Das abelhas amado; o louro cresce,

A pag. 221, *verso* 7.°:

Como giram os Aquilos fogosos,

Variante:

Como voam os Aquilos fogosos,

Idem, verso 13.°:

Prêsa do roubador, no carro implora

Variante:

Prêsa do roubador no carro, implora

A pag. 227, *verso* 1.°:

O tempo em que servio a nossos jogos;

Variante:

O tempo em que servio aos nossos jogos;

A pag. 233, *verso* 13.°:

Lá na settima esphera a argentea Lua,

Variante:

Lá na settima esphera argentea Lua,

A pag. 235, *verso* 22.°:

Parte a sala alcatifam, parte espalham

Variante:

Uns a sala alcatifam; alguns espalham

A pag. 239, *verso* 21.°:

Em torrentes de leite se mudaram;

Variante:

Em correntes de leite se mudaram;

A pag. 241, *verso* 12.°:

A enverrugada frente, e ao som de versos

Variante:

A enrugada frente, e ao som de versos

A pag. 253, *verso* 6.°:

Alegria renasça; e no teu carro
Variante:
A alegria renasça; e no teu carro

A pag. 255, *verso* 24.°:

Sombreavam gentis o leito eburneo
Variante:
Sombrêam gentilmente o leito eburneo

FIM DO TOMO V.

INDICE

DO QUE CONTÊM O TOMO V. DAS OBRAS POETICAS D'ALCIPPE.

Pag.

DEDICATORIA Á PRECIOSA MEMORIA D'ELREI D. JOÃO IV. 5

ARTE POETICA D'HORACIO.................... 9

NOTAS....................................... 59

ENSAYO SOBRE A CRITICA, DE POPE......... 69

NOTAS.......... 129

O ROUBO DE PROSERPINA, DE CLAUDIANO.... 149

NOTAS....................................... 313

VARIANTES................................. 325

ERRATA.

Paginas	*Versos*	*Erros*	*Emendas*
15	28.º	É rei.	É rei,
»	32.º	metro,	metro
17	32.º	empreguem	empregam
23	9.º	Anthiphates,	Antiphates,
27	29.º	cidades,	cidades
31	14.º	Deffeito	Defeito
35	17.º	atinge	attinge
37	6.º	lhe	lhes
39	3.º	emprende	empr'ende
41	1.º	lhe	lhes
43	27.º	az	ás
45	28.º	interpetre	interprete
»	33.º	julgaram,	julgaram
50	15.º	Ornamento ;	Ornamenta ;
71	26.º	nem	não
85	31.º	ceo ;	ceo,
»	»	valle	valle ;
95	18.º	explectivas	expletivas
134 lin.	12.ª e 13.ª	invernaes gelos,	gelos invernaes,
175	20.º	a mãe	á mãe
229	21.º	De um	D'um
233	10.º	revolve :	revolvem :
234	4.º	sæcnla	sæcula
235	19.º	aos cavallos	os cavallos
»	21.º	poste	pasto
237	7.º	No sitio	Nos sitios
»	8.º	gente sepultada,	gentes sepultadas,
239	4.º	despega	desprega
»	9.º	Do medonho terrifico cabello	Do cabello terrifico e medonho
241	14.º	Hespéro	Héspero
249	11.º	da inveja	d'inveja
253	21.º	condoer-me	condoer-me ;
257	11.º	de Henna	d'Henna

SUPPLEMENTO

ÁS

ERRATAS DOS TOMOS III. E IV.

TOMO III.

Por inadvertencia deixaram de rectificar-se os seguintes erros, que podem influir no sentido das respectivas orações:

A pag. 15,	*verso* 2.°	existem.	*deve ler-se*	existe.
» 23,	» 10.°	Vindo vós,	»	Vinde vós,
» 226,	» 16.°	Mal do sul	»	Mas do sul

TOMO IV.

A pag. 22,	*verso* 12.°	Quando	*deve ler-se*	Quanto
» 252,	» 7.°	Sois que,	»	Soit que,

OBRAS POETICAS

DE

D. LEONOR D'ALMEIDA PORTUGAL LORENA E LENCASTRE,

MARQUEZA D'ALORNA,

CONDESSA D'ASSUMAR, E D'OEYNHAUSEN,

CONHECIDA ENTRE OS POETAS PORTUGUEZES

PELO NOME

DE

ALCIPE.

TOMO VI.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1844.

PARAPHRASE

DOS

PSALMOS

EM VULGAR,

POR

ALCIPPE.

Deus docuisti me a juventute mea, et usque nunc pronuntiabo mirabilia tua.

Ps. 70. ℣. 18.

LIVRO I.

DOS

PSALMOS. (*)

(*) Tem sido objecto de extensos debates, se a divisão do Psalterio em cinco livros, como está no Hebraico, foi feita por Esdras, ou por quem primeiro colligio os Psalmos: que ella é antiga e reconhecida por S. Gregorio Nisseno, S.to Epiphanio, Eusebio e outros, não padece duvida; mas de qualquer modo que se decida a controversia, sempre será de pouco momento. Nós seguimos esta divisão unicamente para maior commodidade dos Leitores; e pelo mesmo motivo puzemos á margem da paraphrase o texto da Vulgata, assim como os titulos da mesma, correspondentes a cada psalmo, na interpretação dos quaes titulos nos aproveitámos do trabalho do grande litterato Saverio Mattei, que os traduzio do hebraico original.

(O editor).

PSALMO I. (*)

É feliz o Varão que se desvia
Dos conselhos dos impios; que prudente
Do peccador evita a errada via;
Nem lhe importa a cadeira pestilente
Onde corrupto ensina
O perverso sabêr, falsa doutrina.

(1) *Beatus vir, qui non abiit in consilio impiorum, et in via peccatorum non stetit, et in cathedra pestilentiæ non sedit;*

É do Senhor a lei seu doce estudo;
Noite e dia a medita enternecido,
Ella lhe basta, n'ella encontra tudo:
É qual tronco vivaz, estab'lecido
Junto ao regato puro,
Que a seu tempo produz fructo maduro.

(2) *Sed in lege Domini voluntas ejus, et in lege ejus meditabitur die, ac nocte.*

(3) *Et erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo.*

(*) Este psalmo e o seguinte não teem titulo, nem inscripção alguma no texto hebraico.

(4) *Et folium ejus non defluet. Et omnia quæcumque faciet, prosperabuntur.*

Arvore altiva e bella, sempre verde,
Que ao longe estende a sombra magestosa;
Não murcha, nem c'o tempo a folha perde,
Ou seja a estação branda ou rigorosa:
No inverno e primavera,
C'o Sol, que a anima, tudo lhe prospera.

(5) *Non sic impii, non sic: sed tanquam pulvis, quem projicit ventus a facie terræ.*

Não são assim, não são os depravados:
Minados pelos vicios e arrogancia,
Das restaurantes aguas apartados,
Dessecam-se, fallece-lhe a substancia:
São qual poeira avulsa
Que da face da terra o vento expulsa.

Qual rustica silvestre tamargueira
Em salgado terreno, o impio míngua,
Entregando ao peccado a vida inteira,
Sem conter as paixões, domar a lingua;
Sécca, perece, foge,
E á manhã não será o que foi hoje.

(6) *Ideo non resurgent impii in judicio, neque peccatores in concilio justorum.*

Infelizes! em vão no extremo dia
Hão de querer aos justos aggregar-se,
Resurgir para a patria da alegria,
E dos erros antigos retractar-se:
Não é tempo; Deos forte
Os aparta, e condemna á eterna morte.

(7) *Quoniam novit Dominus viam justorum, et iter impiorum peribit.*

Com celeste affeição o Sêr Supremo
Avalia dos bons a recta estrada,
Premio eterno lhes dá no dia extremo:
Mas dos máos na carreira absurda, errada,
Vê com horror o vicio,
E, justo, não lhe atalha o precipicio.

Fecha sobre elles portas de diamante,
Cujos gonzos nem súpplicas nem pranto
Poderão remover um só instante:
Infructifero susto, raiva, espanto
Lhe abrem golfo horroroso,
De eterna dor, no abysmo tenebroso.

PSALMO II.

Que estrondo! que tumulto! Porque fremem
As iracundas gentes furiosas?
O que intentam os povos, meditando
Designios vãos, cabalas criminosas?
Os Reis se aggregam, unem-se, conspiram,
Contra Deos, contra Christo; deslumbrados
Correm ao precipicio, arrebatados.

(1) *Quare fremuerunt gentes, et populi meditati sunt inania?*

(2) *Astiterunt Reges terræ, et Principes convenerunt in unum adversus Dominum, et adversus Christum ejus.*

«Estas pesadas asperas cadêas
Com vigorosas mãos despedacemos;
O jugo vil, cruel, que nos opprime,
Para longe de nós arremessemos.»
Assim fallam. Mas Deos, que nos Ceos mora,
Da louca audacia placido escarnece,
E o temerario plano desvanece.

(3) *Dirumpamus vincula eorum, et projiciamus a nobis jugum ipsorum.*

(4) *Qui habitat in cœlis irridebit eos, et Dominus subsannabit eos.*

Falla-lhe então; não ouvem, não s'emendam;
Até que em fim de colera se accende,
Desata o seu furor, conturba a terra,
Cheio d'ira, taes erros reprehende.
Já, por decreto eterno, o Templo erguido
Sobre Sião, podêr algum o abala,
E do alto d'elle assim seu Filho falla:

(5) *Tunc loquetur ad eos in ira sua, et in furore suo conturbabit eos.*

(6) *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus, prædicans præceptum ejus.*

(7) *Dominus dixit ad me: Filius meus es tu, ego hodie genui te.*

(8) *Postula a me, et dabo tibi gentes hæreditatem tuam, et possessionem tuam terminos terræ.*

«Eu sou, eu sou o Rei inaugurado
Que a Lei 'stavel dará ao illuso mundo;
A mim é que Deos disse: És tu meu filho,
Que hoje no seio meu gerei profundo.
Pede-me, que obterás quanto quizeres,
Terás imperio vasto e permanente
Desde o berço do Sol té o Occidente.

(9) *Reges eos in virga ferrea, et tanquam vas figuli confringes eos.*

«Recebe um férreo sceptro, rege as gentes
Com profundo sabêr, força divina;
Com severo governo, justo e firme,
Os perfidos, os impios extermina;
Como vasos de barro os despedaça;
E se a lei que lhes dás não os melhora,
Reduz a pó a raça peccadora.»

(10) *Et nunc Reges intelligite, erudimini, qui judicatis terram.*

(11) *Servite Domino in timore, et exultate ei cum tremore.*

(12) *Apprehendite disciplinam, ne quando irascatur Dominus, et pereatis de via justa.*

Vós, que julgais a terra, ó Reis, ouvistes?
Aproveitai tão sabia advertencia;
Com temor pratticai o que Deos manda,
N'elle exultai, com timida prudencia:
Abraçai ternamente a sã doutrina,
Para não provocar de Deos o enfado,
E perecer n'algum caminho errado.

(13) *Cum exarserit in brevi ira ejus, beati omnes, qui confidunt in eo.*

Se as iras do Senhor se desenvolvem,
Se rompem, se se accendem de repente,
Oh! mil vezes feliz sómente aquelle
Que sempre humilde foi, pio, innocente!
Que abrazado do amor do Pae, do Filho,
A lei cumprio até o ultimo dia,
E no Senhor, constante se confia!

PSALMO III.

Escripto por David no tempo em que era perseguido por seu filho Absalão.

Psalmus David cum fugeret a facie Absaloni filii sui.

Como augmentam, Senhor, os que me affligem!
Quantos contra mim gritam rebellados!
Quantas settas velozes me dirigem!
Cuidam que me abandonas,
Que a minha alma desprezas, e irritado
Me deixas na ignominia sepultado.

(1) *Domine, quid multiplicati sunt qui tribulant me? multi insurgunt adversum me.*

(2) *Multi dicunt animæ meæ, non est salus ipsi in Deo ejus.*

Bradam: «Que espera? em Deos? louca esperança!
O seu Deos lá dos Ceos nelle não cuida,
Se atrevido a invocá-lo se abalança.»
Ah Senhor! certo vivo
De que és meu sustento, gloria minha,
Que por ti meu triumpho se avisinha.

(3) *Tu autem, Domine, susceptor meus es, gloria mea, et exaltans caput meum.*

És para mim o escudo impenetravel
Que repulsa inimigos, que me exalta,
E que faz minha frente respeitavel.
Por ti fortalecido,
Minha voz levantei; por ti chamando,
Ao teu sagrado monte foi chegando.

(4) *Voce mea ad Dominum clamavi, et exaudivit me de monte sancto suo.*

Ouviste, e descancei; somno pesado
Se espalhou nos meus olhos lacrimosos,
E despertei quieto e vigorado.
Suave, compassivo,
Me tomaste, Senhor, á tua conta;
Ficou nulla a calumnia, nulla a affronta.

(5) *Ego dormivi, et soporatus sum, et exsurrexi, quia Dominus suscepit me.*

(6) *Non timebo millia populi circumdantis me: exsurge, Domine, salvum me fac, Deus meus.*

Turba cruel me cinja, não receio;
Cerquem-me povos barbaros, tyrannos:
Surge, ó Senhor! desfaze-me este enleio;

(7) *Quoniam tu percussisti omnes adversantes mihi sine causa: dentes peccatorum contrivisti.*

Salva-me; sei que podes,
Que os que sem causa tanto me opprimiram
Affligiste já quanto me affligiram.

Tu quebraste-lhe a furia, e os derrotaste
Quando mais gloriosos se ufanavam;
Do que soffri, piedoso te lembraste:

(8) *Domini est salus, et super populum tuum benedictio tua.*

Salvação do teu Povo,
Que observa a tua lei, que firme te ama,
Felizes bençãos sobre nós derrama.

PSALMO IV.

In finem carminibus psalmus ipsi David.

As palavras são de David: a musica do Mestre dos Neghinoth (*).

(1) *Cum invocarem, exaudivit me Deus justitiæ meæ:*

Deos, que a justiça minha reconheces,
Ouviste os meus clamores,

In tribulatione dilatasti mihi:

E quando te invoquei, campo me abriste
Para escapar de meus perseguidores:

(2) *Miserere mei, et exaudi orationem meam.*

Tem piedade de mim; bem que benigno
As preces me acolheste,
Torno a clamar, de ti sempre preciso:
Dá-me nova attenção, qual já me déste.

(*) Saverio Mattei, que traduzio os titulos dos psalmos segundo o texto Hebraico, diz que o *Mestre dos Neghinoth* era aquelle Mestre de Capella que presidia á classe ou choro que fazia uso dos *neghinoth*, instrumentos musicos dos antigos hebreos. Vid. a Dissertação IX. do mesmo Saverio Mattei sobre a Poesia e a Musica dos Hebreos e dos Gregos.

E vós, filhos dos homens, até quando
Tereis petrificados
Os corações? Amando a leviandade,
Sereis pela mentira captivados?

(3) *Filii hominum, usquequo gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, et quæritis mendacium?*

Ah! como Deos exalta quem o invoca!
Como o Senhor me escuta!
Quando alço a voz, pedindo-lhe soccorro
Contra as penas crueis com que a alma lutta!

(4) *Et scitote, quoniam mirificavit Dominus sanctum suum: Dominus exaudiet me cum clamavero ad eum.*

E vós, que vos irais assoberbados,
Ide em peccar de manso;
E das obras fataes com que encheis dias
Compungi-vos nas horas do descanço.

(5) *Irascimini, et nolite peccare: quæ dicitis in cordibus vestris, in cubilibus vestris compungimini.*

Reflecti no cubiculo, ás escuras,
De noite recolhidos,
Nos erros que fazeis contra a innocencia,
E reparai o mal, arrependidos.

Sacrificai, não victimas de carne,
Mas corações lavados,
A Deos submissos, de justiça amantes;
Assim extinguireis vossos peccados.

(6) *Sacrificate sacrificium justitiæ, et sperate in Domino: multi dicunt quis ostendit nobis bona?*

Muitos dirão: «Tal crer de que nos serve?
Residem na esperança
Esses tardios bens que Deos promette,
Que o home' em vão procura, e não alcança.»

Homens loucos, incredulos, ligeiros,
Do Senhor deslembrados;
Que bens ambicionais e que venturas,
Tendo os animos sempre depravados?

(7) *Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine: dedisti lætitiam in corde meo.*

Tu, Senhor! é quem fartas a minha alma:
Olha-me com agrado,
E esta só vista d'olhos preciosa
Meu Deos! basta a fazer-me afortunado.

Se para mim sereno o rosto voltas,
No peito me palpita
Alegre o coração, sinto-me immerso
Nos bens que a alma deseja e necessita.

(8) *A fructu frumenti, vini, et olei sui multiplicati sunt.*

Sou mais feliz do que esses que possuem
Seus campos adornados
Pelas vinhas viçosas, vastas messes,
Oliveiras frondentes, muitos gados.

(9) *In pace in idipsum dormiam, et requiescam.*

Contente, porque me amas, passo os dias,
As noites com socego;
Durmo sem susto, acordo vigorado,
E docemente á paz todo me entrego.

(10) *Quoniam tu Domine, singulariter in spe constituisti me.*

Não, meu Deos, nada temo, não me assusta
O mais cruel tormento;
Em ti me fio, em ti fundo a esperança,
E comtigo subjugo o desalento.

PSALMO V.

As palavras são de David; a musica é do Mestre dos Nechiloth (*).

In finem pro ea, quæ hereditatem consequitur. Psalmus David.

Escuta, Senhor, as vozes
Que te envio enternecido,
Não rejeites despiedado
O meu clamor, meu gemido.

(1) *Verba mea auribus percipe, Domine, intellige clamorem meum.*

Acolhe as preces humildes,
Que formo com santo ardor;
Attende-me favoravel,
Meu Deos, meu Rei, meu Senhor!

(2) *Intende voci orationis meæ, Rex meus, et Deus meus.*

Nos trabalhos mais acerbos,
Sempre, quando te invoquei,
O mais doce refrigerio
Para logo exp'rimentei.

(3) *Quoniam ad te orabo, Domine, mane exaudies vocem meam.*

Logo que desponta a aurora
Me escutas, se por ti chamo;
Absorto te vejo, e enxugas
As lagrimas que derramo.

(4) *Mane astabo tibi et videbo, quoniam non Deus volens iniquitatem tu es.*

Sei que affagas sempre o justo,
Regeitas a iniquidade;
Que junto de ti não dura
Vestigio algum de maldade.

(5) *Neque habitabit juxta te malignus, neque permanebunt injusti ante oculos tuos.*

(*) *Nechiloth*, segundo a opinião de Saverio Mattei, era outro instrumento de musica dos antigos hebreos. Vid. a nota ao titulo do psalmo IV.

De um coração depravado
Não soffres o aspecto odioso;
Nem perante a tua vista
Permanece o criminoso.

(6) *Odisti omnes, qui operantur iniquitatem, perdes omnes, qui loquuntur mendacium.*

Em vão espera o culpado
Applacar-te a fatal ira,
Se os seus labios não teceram
Contra os bons senão mentira.

(7) *Virum sanguinum, et dolosum abominabitur Dominus; ego autem in multitudine misericordiæ tuæ.*

Abominas o artificio
Dos homens sanguinolentos;
Odêas os termos falsos,
Os polidos fingimentos.

Bem sei o pouco que valho,
Ah Senhor! eu bem conheço
Quando humilde a ti me chego
Que talvez o não mereço:

Porêm venho confiado
Na tua bondade immensa;
Espero me não expulses
De tua augusta presença.

(8) *Introibo in domum tuam: adorabo ad templum sanctum tuum in timore tuo.*

Terno amor, doce esperança
Me leva ao templo sagrado;
A tua essencia divina
Alli adoro prostrado.

(9) *Domine, deduc me in justitia tua, propter inimicos meos dirige in conspectu tuo viam meam.*

Longe de ti só me vejo
D'inimigos rodeado;

(10) *Quoniam non est in ore eorum veritas, cor eorum vanum est.*

Dirige-me, não me deixes
A mim mesmo abandonado:

Por piedade o dom de acerto
Tua graça me conceda,
Para jámais da justiça
Me desgarrar na vereda.

Qual aberto abysmo traga
A bocca do maldizente
A fama alheia, os talentos,
As virtudes do innocente.

(11) *Sepulchrum patens est guttur eorum, linguis suis dolosè agebant, judica illos Deus.*

A lingua mordaz aguça
Muito mais contra opprimidos:
Reprime, Senhor, taes erros,
E consola os affligidos.

Desmancha aos máos os seus planos,
Julga as intenções perversas;
Pela multidão dos crimes
Reparte as penas diversas.

(12) *Decidant a cogitationibus suis: secundum multitudinem impietatum eorum expelle eos, quoniam irritaverunt te, Domine.*

Irritaram-te, castiga;
Cesse o tempo da clemencia,
Do perdão, que não merecem
Por constante impenitencia.

Mas placido attende os justos,
Para esses olha affavel;
Compensa a fé com que invocam
Sempre o teu nome adoravel.

(13) *Et lætentur omnes, qui sperant in te, in æternum exultabunt, et habitabis in eis.*

Gozem ditosos momentos
Á sombra de teus favores;
Com deleitosos concertos
Celebrem os teus louvores.

(14) *Et gloriabuntur in te omnes, qui diligunt nomen tuum, quoniam tu benedices justo.*

(15) *Domine, ut scuto bonæ voluntatis tuæ coronasti nos.*

Eternamente felizes
Co' a graça de que os revestes,
Faze-os dignos de habitarem
Comtigo as plagas celestes.

PSALMO VI.

(I. DOS PENITENCIAES.)

In finem in hymnis pro octava
Psalmus David.

Psalmo de David, posto em musica
pelo Mestre dos Neghinoth.

(1) *Domine, ne in furore tuo arguas me, neque in ira tua corripias me.*

No teu furor não me argúas;
Não me castigues, Senhor,
Quando accendo a tua colera,
E provoco o teu rigor.

(2) *Miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum, sana me, Domine, quoniam conturbata sunt ossa mea.*

Sou enfermo, dá remedio
A tão dura enfermidade:
Meus ossos tremem... vacillo...
Meu Deos! tem de mim piedade!

(3) *Et anima mea turbata est valde, sed tu, Domine, usquequo?*

A tristeza mais profunda
Envolve minha alma afflicta;
Pouco a pouco dor, angustia,
Minha força debilita.

Meu animo atribulado
Me diz no peito que morro:
Mas tu, Senhor, até quando
Me has de negar teu soccorro?

Volta para mim teu rosto,
Salva minha alma: conheço
Que isso é pura mis'ricordia,
Que por mim nada mereço.

(4) *Convertere, Domine, et eripe animam meam, salvum me fac propter misericordiam tuam.*

Em quanto vivo, celebro
Sobre a lyra teus favores:
Se morro, cantarão cinzas
Tua gloria, teus louvores?...

(5) *Quoniam non est in morte, qui memor sit tui: in inferno autem quis confitebitur tibi?*

Que espessa treva me encobre
A luz, e me ennoita a mente!
Como o mal que soffro apaga
Sol e terra de repente!

(6) *Laboravi in gemitu meo, lavabo per singulas noctes lectum meum, lacrymis meis stratum meum rigabo.*

Chóro afflicto dia e noite;
E quando os mais vão dormindo,
Vigio, agito-me, soffro,
Meus infortunios carpindo.

Meus olhos entumecidos
Jorram lagrimas ardentes,
Que o meu triste leito inundam
Quaes despenhadas torrentes.

(7) *Turbatus est à furore oculus meus, inveteravi inter omnes inimicos meos.*

Quanto me cérca me afflige;
Precipicios, laços varios,
Inimigos despiedados,
Da iniquidade operarios.

Fugi, apartai-vos, perfidos:
Torno á lyra, torno ao canto;
Parti, barbaros, e cessem
Tantos suspiros e pranto.

(8) *Discedite a me omnes, qui operamini iniquitatem; quoniam exaudivit Diminus vocem fletus mei.*

(9) *Exaudivit Dominus deprecationem meam, Dominus orationem meam suscepit.*

O meu Deos benigno acolhe
Minhas preces consternadas,
Ante o seu immortal throno
Submissamente levadas.

(10) *Erubescant, et conturbentur vehementer omnes inimici mei, convertantur, et erubescant valde, velociter.*

Vencidos meus inimigos,
Retirem-se velozmente;
Envergonhem-se dispersos,
E triumphe um Deos clemente.

PSALMO VII.

Psalmus David, quem cantavit Domino pro verbis Chusi filii Jemini.

O argumento é incerto. O psalmo é de David, que o cantou ao Senhor no tom da cançoneta de Chusi da tribu de Benjamin (*).

(1) *Domine Deus meus, in te speravi, salvum me fac ex omnibus persequentibus me, et libera me.*

(2) *Ne quando rapiat, ut leo, animam meam, dum non est, qui redimat, neque qui salvum faciat.*

Puz em ti, ó meu Deos, toda a esperança:
Salva-me, ó meu Senhor! Vem-me seguindo
Inimigo feroz, quasi me alcança.
Ah! não consintas
Que me acommetta,
Qual leão bravo,
Que sem piedade
Desinquieta
Manso cordeiro

(*) Saverio Mattei, discorrendo ácerca do titulo deste psalmo, é de opinião que o mencionado Chusi da tribu de Benjamin, (que tanto quer dizer o *filii Jemini*) era algum poeta e mestre de capella famoso daquelles tempos, que havia composto, e depois posto em musica alguma cançoneta que se tornou celebre, e era cantada por todos, chamando-se-lhe a *cançoneta de Chusi:* que agradando a David o metro e a musica desta cançoneta, quiz tambem elle compor este psalmo, para cantar-se no mesmo tom.

Que sem malicia pasce pelo outeiro:
Alli o fere, o mata, despedaça;
E na cruel batalha
Não acha quem lhe acuda, quem lhe valha.

Meu Deos e meu Senhor! culpas não tenho:
São falsos os delictos que m'imputam
Com tanta atrocidade, tanto empenho.
Não tenho n'alma
Mancha ou resquicio
D'iniquidade;
Não quebrei nunca
Leis da amizade:
Salvei o amigo,
Mil vezes o avisei do seu perigo.
Se assim não é, triumphem meus contrarios,
Rasguem-me o peito,
Persigam-me sem dó, que tudo acceito.

Essa raivosa turba enfurecida
Calque-me aos pés; e afouta a pó reduza
A gloria minha, a fama, a mesma vida.
Se é falso tudo,
Se é dólo perfido,
Surge, ó Senhor!
Nos que me accusam
Sólta o furor;
Desfecha as iras,
Arraza esse aggregado de mentiras.
Surge, ó Senhor! estende o braço forte;
O bem se augmente;
Dize o que sou, proclama-me innocente.

Abate, arraza: ah! tu, Senhor, juraste

(3) *Domine Deus meus, si feci istud, si est iniquitas in manibus meis,*

(4) *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam meritò ab inimicis meis inanis,*

(5) *Persequatur inimicus animam meam, et comprehendat, et conculcet in terra vitam meam, et gloriam meam in pulverem deducat.*

(6) *Exurge, Domine, in ira tua, et exaltare in finibus inimicorum meorum.*

(7) *Et exurge, Domine Deus meus, in præcepto, quod mandasti, et synagoga populorum circumdabit te.*

Proteger a innocencia perseguida:
Vejam todos cumprido o que ordenaste.
No tribunal,
Ó Deos, te senta;
A turba immensa
Supplíca humilde
Que dês sentença:
Juiz Suprêmo!
A ti sómente invoco, a ti só temo.
Os arcanos conheces de minha alma;
Justiça peço,
E nesta causa entendo que a mereço.

Não te peço indulgencia: um peito nobre,
Meu puro coração e lealdade
A teus olhos celestes não s'encobre.
Tão pouco os impios,
Que traições tramam,
Nuvens sombrias
Espalhar podem
Nas perfidías:
Tudo conheces,
De outras indagações jámais careces.
Vês minha mansidão, e sua audacia:
Em fim resolve;
O réo condemna, minha innocencia absolve.

Não temo, não; que Deos sempre defende
Os que observam fieis a lei sagrada,
E severo castiga quem a offende.
É sempre justo;
É d'innocentes
Pae amoroso;

(8) *Et propter hanc in altum regredere, Dominus judicat populos.*

(9) *Judica me, Domine, secundum justitiam meam, et secundum innocentiam meam super me.*

(10) *Consumetur nequitia peccatorum, et diriges justum, scrutans corda, et renes Deus.*

(11) *Justum adjutorium meum a Domino, qui salvos facit rectos corde.*

(12) *Deus judex justus, fortis, et patiens, numquid irascitur per singulos dies.*

Contra malvados
É rigoroso;
Desnuda a espada,
Sempre a tem contra os impios desnudada:
Se elles do mal que intentam não desistem,
O arco tende,
De mortaes settas prenhe a aljava pende.

(13) *Nisi conversi fueritis, gladium suum vibravit, arcum suum tetendit, et paravit illum.*

(14) *Et in eo paravit vasa mortis, sagittas suas ardentibus effecit.*

Que estragos aos perversos não prepara
O Senhor, irritado da injustiça!
Com que estrondo a vingança lhes declara!
Em vão se agitam,
Odios concebem;
Seus vãos projectos,
Tão mal tecidos,
Tão indiscretos,
Nutre a maldade,
E com dores produz a iniquidade.
Que presumpção! que barbara jactancia!
Ou que demencia!
Crer designios humanos sem fallencia!

(15) *Ecce parturiit injustitiam: concepit dolorem, et peperit iniquitatem.*

C'um simples sopro Deos lh'os desvanece:
Quer sepultar-me o máo, a terra escava,
E na cova que fez cae e perece.
Da minha angustia,
Do mal que excita
Reverte a dor,
E a cerviz doma
Do proprio author:
Recae sobre elle
Crime e desgraça;
Na rede, que teceo, a si se enlaça.
Mas para mim ditosa muda a sorte;

(16) *Lacum aperuit, et effodit eum, et incidit in foveam, quam fecit.*

(17) *Convertetur dolor ejus in caput ejus: et in verticem ipsius iniquitas ejus descendet.*

Desponta o dia,
Renasce a minha paz, minha alegria.

(18) *Confitebor Domino secundum justitiam ejus, et psallam nomini Domini altissimi.*

Já me sinto abrazar d'estro divino;
Trópos, que Anjos me inspiram, sólto alegre,
E consonancia nova á lyra ensino.
Trasborda-me a alma
Nos sons que formo;
O nome santo
De Deos celebra
Meu terno canto:
Povos, ouvi-me,
N'este concerto angelico segui-me;
Trazei harpas, psalterios, trazei lyras,
Ah! sim, cantemos,
O altissimo immortal nome louvemos.

PSALMO VIII.

In finem pro torcularibus.
Psalmus David.

As palavras são de David; a musica é do Mestre das Cantoras Gethéas.

(1) *Domine, Dominus noster, quam admirabile est nomen tuum in universa terra!*

Ó Senhor, ó Sêr Supremo!
Como é portentoso, amavel
Sobre a resgatada terra
Teu santo nome admiravel!

(2) *Quoniam elevata est magnificentia tua super cœlos.*

Como sobre os Ceos se eleva
Teu podêr e magestade,
Que aos Astros prescreve a marcha,
E veste de claridade!...

Até nos labios da infancia
Vai brotando o teu louvor,
Ao vermos como nos déste
O crescimento e vigor!

(3) *Ex ore infantium, et lactentium perfecisti laudem propter inimicos tuos, ut destruas inimicum, et ultorem.*

Nos animaes que creaste,
Nos que de leite nutriste,
O alto dom de conhecer-te
Só no sêr humano existe.

Logo que lhe aponta a vida,
Puras graças te vai dando,
E com infantil piedade
Os impios envergonhando.

O audaz libertino cala,
A ingratidão esmorece,
Os inimigos se aterram,
O peccador estremece.

Quando aos Ceos levanto os olhos,
E em santo recolhimento
Contemplo de joias tantas
Cravejado o firmamento:

(4) *Quoniam videbo cœlos tuos, opera digitorum tuorum, lunam, et stellas, quæ tu fundasti.*

Quando vejo lua, estrellas
No immenso espaço marchando,
Por ti dispostas de modo
Que nos vão allumiando:

Exclamo: Senhor, quem somos
Para te lembrarmos tanto?
Grato, como enternecido,
As faces banho de pranto.

(5) *Quid est homo, quod memor es ejus? aut filius hominis, quoniam visitas eum?*

Qual é o filho dos homens
Que mereça que o visites,
E com profusão de graças
Nelle tal transporte excites?

(6) *Minuisti eum paulo minus ab Angelis, gloria, et honore coronasti eum, et constituisti eum super opera manuum tuarum.*

Com mui tenue differença
Dos Anjos o distinguiste;
De dotes, de honra e gloria
O c'roaste, o revestiste.

Sobre as mais obras divinas
Tu lhe déste a preferencia;
A seus pés os mais viventes
Tributam-lhe obediencia.

(7) *Omnia subjecisti sub pedibus ejus, oves, et boves universas, insuper et pecora campi.*

Cedem-lhe todos os gados,
No campo as feras errantes,
As aves que os ares cortam,
E do mar os habitantes.

(8) *Volucres cœli, et pisces maris qui perambulant semitas maris.*

Ó Senhor! ó Sêr Supremo!
Como é portentoso, amavel
Sobre a resgatada terra
Teu santo nome admiravel!

(9) *Domine, Dominus noster, quam admirabile est nomen tuum in universa terra!*

PSALMO IX.

Psalmo de David com o Higgaion (*), *posto em musica por Ben, Mestre das Cantoras.*

In finem pro occultis filii psalmus David.

Um estro desusado, n'alma acceso,
Me agita, meu Senhor! Eu te confesso
Com todo o coração: proclamar quero
As tuas maravilhas.

(1) *Confitebor tibi, Domine, in toto corde meo: narrabo omnia mirabilia tua.*

Lyra, psalterio, vinde, celebremos
O nosso Deos; seu nome portentoso,
Em consonancias novas exaltado,
Ouça-se em toda a terra.

(2) *Lætabor, et exultabo in te, psallam nomini tuo, Altissime.*

Fará retroceder meus inimigos...
Como fogem, de susto espavoridos!
Vencidos, destroçados, já não soffrem
Teu irritado aspecto.

(3) *In convertendo inimicum meum retrorsum: infirmabuntur, et peribunt a facie tua.*

O campo da batalha me abandonam;
Concedes o triumpho á minha causa;
E sentado no teu divinal throno,
Tu julgaste as Justiças.

(4) *Quoniam fecisti judicium meum, et causam meam: sedisti super thronum, qui judicas justitiam.*

Voltaste aos impios carráncuda a frente;
Nas cavernas medrosos se esconderam;
Pereceram, seus nomes se extinguiram,
Seu fausto anniquilou-se.

(5) *Increpasti gentes, et periit impius, nomen eorum delesti in æternum, et in sæculum sæculi.*

(*) O *Higgaion* é nome de instrumento musico; pelo que, *psalmo de David com o Higgaion*, é o mesmo que se nós dissessemos — *aria de Jommelli, com violino, trompa, e baixo.*

(Observação de Mattei.)

(6) *Inimici defecerunt frameæ in finem, et civitates eorum destruxisti.*

Embotou-se-lhe a espada fulminante,
Ficaram sempre oppressos os seus lares,
Os palacios a cinzas reduzidos,
Em grilhões os seus braços!

(7) *Periit memoria eorum cum sonitu, et Dominus in æternum permanet.*

Ah! sim, vossa memoria com estrondo
Arrazada será; só permanece,
Com eterno podêr, o Deos clemente
Que a innocencia restaura.

(8) *Paravit in judicio thronum suum, et ipse judicabit orbem terræ in æquitate, judicabit populos in justitia.*

Na justiça fundou seu throno excelso;
Todos acolhe, e julga rectamente;
Infortunio não ha que exclua humanos
De appellar para o Eterno.

(9) *Et factus est Dominus refugium pauperi, adjutor in opportunitatibus, in tribulatione.*

O Senhor é refugio dos afflictos,
É dos pobres o asylo, é quem soccorre
O que submisso implora seus favores,
Na desgraça ou ventura.

(10) *Et sperent in te qui noverunt nomen tuum, quoniam non dereliquisti quærentes te, Domine.*

Ah! com razão, Senhor, em ti confiam
Os que teu grande nome conheceram;
Não desamparas esses que te buscam,
Os que fieis te seguem.

(11) *Psallite Domino, qui habitat in Sion, annuntiate inter gentes studia ejus.*

Renasçam pois os sons da lyra muda,
E ao Senhor, que em Sião tem o seu templo,
Hymnos cantemos, revelando ás gentes
Seus immensos prodigios.

(12) *Quoniam requirens sanguinem eorum recordatus est, non est oblitus clamorem pauperum.*

Do seu Povo fiel o sangue esparso
Vê compassivo, e justo quer vingá-lo:
Dos clamores dos pobres não se esquece
Se lh' imploram piedade.

Ah meu Senhor! de mim tem mis'ricordia;
Olha que insultos, vê quantos acintes
Meus crueis inimigos me fizeram,
Sem cançar de affligir-me.

(13) *Miserere mei, Domine, vide humilitatem meam de inimicis meis.*

Levanta-me das bordas do sepulchro
Onde os meus adversarios me arrastaram;
Verás como cantando rompo as turbas,
Como o psalterio affino.

(14) *Qui exaltas me de portis mortis, ut annuntiem omnes laudationes tuas in portis filiæ Sion.*

Tu me déstes a vida, espedaçaste
Os pesados grilhões que me ligavam:
Por entre a plebe de Sião rompendo,
Teus dons farei patentes.

(15) *Exultabo in salutari tuo, infixæ sunt gentes in interitu, quem fecerunt.*

Direi como nos laços cavilosos,
Que astuta gente contra mim formava,
Seus proprios pés, caindo, se enredaram,
Oh sabia Providencia!

(16) *In laqueo isto, quem absconderunt, comprehensus est pes eorum.*

É dos impios a queda testemunho
Da existencia de um Deos que os Ceos habita;
Que pune os máos co' as armas que fabricam,
E vigia a innocencia.

(17) *Cognoscetur Dominus judicia faciens, in operibus manuum suarum comprehensus est peccator.*

Vão á masmorra eterna os peccadores,
Os que de Deos s'esquecem; Deos piedoso
Dos pobres se recorda, e lhes converte
Em alegria o pranto.

(18) *Convertantur peccatores in infernum, omnes gentes, quæ obliviscuntur Deum.*

(19) *Quoniam non in finem oblivio erit pauperis, patientia pauperum non peribit in finem.*

Em delicia immortal, em paz serena,
Lhes torna a paciencia inalteravel;
Corresponde fiel ás esperanças
Que em Deos funda o seu servo.

(20) *Exsurge, Domine, non confortetur homo, judicentur gentes in conspectu tuo.*

Surge, ó Senhor! com justo enfado abate
A suberba, a fiducia, a tyrannia;
Perante a tua lei, tua justiça,
Só se julguem os homens.

(21) *Constitue, Domine, legislatorem super eos, ut sciant gentes, quoniam homines sunt.*

Legislador severo tome conta
Do bem, do mal que audazes perpetraram;
Conheçam que são homens, que Sob'rano
Só és tu, Deos potente!

PSALMO IX.

PARTE II. (*)

(22) *Ut quid, Domine, recessisti longe, despicis in opportunitatibus, in tribulatione?*

Porque foges de nós para tão longe?
Quanto mais, ó Senhor! atribulados,
Opportuno soccorro precisamos,
Mais queres occultar-te?

(23) *Dum superbit impius, incenditur pauper: comprehenduntur in consiliis, quibus cogitant.*

Os ferros que nos põe impio Tyranno
Duros são de soffrer, teu povo geme:
Vem, Senhor, defendê-lo, vem, surp'rende
O perverso em seus planos.

(*) Este psalmo na Vulgata é uma continuação do antecedente, e começa no verso 22; mas nos codigos hebreo, chaldeo, e grego é um novo psalmo, bem que sem titulo ou inscripção alguma. Elle certamente pertence ao captiveiro de Babylonia, ao qual tambem se refere o outro, na opinião de Mattei; mas diz este sabio que, quando devessem considerar-se um psalmo só, ter-se-hia então principiado por esta segunda parte, cujo ultimo verso iria prender no *Confitebor;* porquanto, nesta segunda parte pinta-se um afflicto prisioneiro que pede e busca soccorro; e na primeira, um que está já proximo a ver-se livre das cadêas.

Mais e mais se embravece cada dia;
Entumecido, o seu podêr ostenta:
É-lhe ignota a piedade; rico, avaro,
Contenta-se comsigo.

(24) *Quoniam laudatur peccator in desideriis animæ suæ, et iniquus benedicitur.*

Já não teme o Senhor, já não lhe importa
Se troveja do Ceo, se o vê, se o julga:
Larga o freio ás paixões; em furia ardendo,
Braveja cá na terra.

(25) *Exacerbavit Dominum peccator, secundum multitudinem iræ suæ non quæret.*

De mil designios vãos sempre occupado,
Em abjectos prazeres submergido,
No tumulto que tem n'alma, não cabe
De Deos uma lembrança.

(26) *Non est Deus in conspectu ejus: inquinatæ sunt viæ illius in omni tempore.*

Marcha contente em seu caminho errado,
Não crê nos teus juizos, nem os teme:
Em si fiado, crê que aterrar póde
Todos seus inimigos.

(27) *Auferuntur judicia tua a facie ejus, omnium inimicorum suorum dominabitur.*

« Quem será (diz comsigo) esse atrevido
Que me tome o lugar que altivo occupo?
Quem me póde abalar? Imperturbavel
Gozarei de meus dias. »

(28) *Dixit enim in corde suo, non movebor a generatione in generationem sine malo.*

Asserções indecentes, lingua impura,
Ao perjurio e á mentira costumada!
Que não sólta uma voz que não contenha
Mortifero veneno.

(29) *Cujus maledictionem os plenum est, et amaritudine, et dolo, sub lingua ejus labor, et dolor.*

Em tenebrosa, occulta sociedade,
Teme a luz, favoravel á innocencia;
Seus amigos são complices das tramas
Com que assassina o justo.

(30) *Sedet in insidiis cum divitibus in occultis, ut interficiat innocentem.*

(31) *Oculi ejus in pauperem respiciunt: insidiatur in abscondito quasi leo in spelunca sua.*

Qual leão, na caverna, avido e attento,
Vigia a infeliz prêsa, na esperança
De ensanguentar as fauces com seus membros,
Que irado despedaça;

(32) *Insidiatur, ut rapiat pauperem, rapere pauperem, dum attrahit eum.*
(33) *In laqueo suo humiliabit eum: inclinabit se, et cadet, cum dominatus fuerit pauperum.*

Tal urde insidias contra os innocentes,
E, perfido, de flores cobre as redes
A que os attrahe, que subito os surpr'endem;
E os miseros devora.

(34) *Dixit enim in corde suo: oblitus est Deus, avertit faciem suam, ne videat in finem.*

Taes excessos bem sei de donde nascem:
Discorre assim: « Nos ceos goza, quieto,
Deos da celeste paz; pouco lhe importam
As acções dos humanos. »

(35) *Exsurge, Domine Deus, exaltetur manus tua, ne obliviscaris pauperum.*

Surge, surge, ó meu Deos! estende o braço,
Mostra que a tudo chegas, tudo reges:
Temos soffrido muito: vinga afflictos,
Não te esqueças dos pobres.

(36) *Propter quid irritavit impius Deum? dixit enim in corde suo, non requiret.*

Não basta a presumpção desses malvados
Para irritar-te, e provocar castigos?
Cuidam que tu não pensas, ou não deves
Punir seus desvarios.

(37) *Vides, quoniam tu laborem et dolorem consideras, ut tradas eos in manus tuas.*

Eu sei quem és, Senhor! que te enternece
O som de nossas asperas cadêas;
Que vês os crimes d'elles: mas que esperas?
Por que tarda o remedio?

(38) *Tibi derelictus est pauper, orphano tu eris adjutor.*

Para que em mãos tão perfidas nos deixas?
O pobre a teu cuidado é que se entrega;
És quem conforta os tristes desvalidos,
És amparo dos orphãos.

D'um maligno, d'um impio doma as forças;
Verás como os sequazes delle fogem;
Como em vão de seus feitos se procura
A memoria apagada.

(39) *Contere brachium peccatoris, et maligni: quæretur peccatum illius, et non invenietur.*

Reinará o Senhor perpetuamente:
Mas vós, nações maldosas, do seu Reino,
Da patria d'immortaes, puras delicias,
Sereis exterminadas.

(40) *Dominus regnabit in æternum, et in sæculum sæculi: peribitis gentes de terra illius.*

Escutaste, ó Senhor! súpplicas ternas
Do consternado pobre; e taes affectos
A seu peito inspiraste, que acolheste
Os seus votos ardentes.

(41) *Desiderium pauperum exaudivit Dominus: præparationem cordis eorum audivit auris tua.*

Piedoso dispendeste os teus soccorros
Aos opprimidos, vão ter fim seus males:
Co' a arrogancia dos homens supprimida,
Terá socego a terra.

(42) *Judicare pupillo, et humili: ut non apponat ultra magnificare se homo super terram.*

PSALMO X.

Psalmo de David, posto em musica pelo mesmo auctor.

In finem psalmus David.

NÃO me assusto: calai-vos, peccadores:
No meu Senhor espero;
Vossos conselhos perfidos não quero,
Zombo de vãos temores,
Se dizeis: «Vês as settas, o armo armado,
«A aljava trasbordando?
«Vai, transmigra, qual passaro espantado

(1) *In Domino confido: quomodo dicitis animæ meæ, transmigra in montem, sicut passer.*

(2) *Quoniam ecce peccatores intenderunt arcum, paraverunt sagittas suas in pharetra, ut sagittent in obscuro rectos corde.*

« Para o monte voando:
« Os impios vão chegando,
« Para ferir-te as armas apontando.
« E não te desafiam
« A brilhante combate, em campo aberto;
« Das luzes desconfiam,
« É seu plano com sombras encoberto:
« Attacam de repente;
« Que póde contra tantos o innocente?
« O bem que obrou passou por desacerto:
« O justo que fará em tal aperto? »

(3) *Quoniam, quæ perfecisti, destruxerunt, justus autem quid fecit?*

Inutil sugestão!...
Firme em Deos, não a approva o coração.
O Senhor, que no templo seu reside,
Em seu throno, fundado
Sobre os astros, na terra e Ceos preside:
Do pobre malfadado,
Com palpebras attentas investiga
A penuria, o cuidado;
E carinhoso as dores lhe mitiga.
Interroga igualmente o impio e o justo:
Quem ama a iniquidade
Aborrece sua alma, e só com susto
Avista a eternidade.
Sobre os máos procelloso ruge o vento,
Chovem traições raivosas,
Fogo, enxofre, amarissimo tormento;
Em taças venenosas
Hão de achar a porção do seu sustento.
Justo o Senhor, thesouro de verdade,
E da justiça amante,
Só para a rectidão, para a equidade
Volta affavel semblante.

(4) *Dominus in templo sancto suo, Dominus in Cælo sedes ejus.*

(5) *Oculi ejus in pauperem respiciunt: palpebræ ejus interrogant filios hominum.*

(6) *Dominus interrogat justum, et impium; qui autem diligit iniquitatem, odit animam suam.*

(7) *Pluet super peccatores laqueos, ignis, et sulphur, et spiritus procellarum pars calicis eorum.*

(8) *Quoniam justus Dominus, et justitiam dilexit, æquitatem vidit vultus ejus.*

PSALMO XI.

As palavras e a musica são de David.

In finem pro octava (*)
Psalmus David.

Acode-me, Senhor, vem soccorrer-me!
C'um só justo na terra não acerto,
O mundo está deserto:
A impostura triumpha, e quer perder-me;
Supprimio-se entre os homens a verdade,
Tudo é perfidia, tudo iniquidade.

(1) *Salvum me fac, Domine, quoniam defecit sanctus, quoniam diminutæ sunt veritates a filiis hominum.*

Phrases dolosas, phrases lisongeiras,
Falsos todos, ao proximo dirigem;
Em amigos se erigem:
Com meigos sons, palavras feiticeiras,
Encobrem nos discursos sem defeito
Os dobres corações que teem no peito.

(2) *Vana locuti sunt unusquisque ad proximum suum; labia dolosa in corde, et corde locuti sunt.*

Todos os labios vis, enganadores,
Magniloquazes linguas, extermina;
Justiçoso arruina
Tantos enredos, laços impostores.
A que excessos não chegam cubiçosos
Estes perfidos, impios, mentirosos!

(3) *Disperdat Dominus universa labia dolosa, et linguam magniloquam.*

Justo Deos! não demores o castigo:
Vê com que audacia os loucos presumidos
Vão bradando atrevidos
Quanto pensam, cavilam lá comsigo!

(*) *Pro octava* diz Mattei que se deve entender por um tempo de musica semelhante ao de *tres por oito*, (tempo ternario), ou *seis por oito* (tempo binario).

(4) *Qui dixerunt: linguam nostram magnificabimus, labia nostra a nobis sunt: quis noster Dominus est?*

Dizem: « Não temo, não; direi contente
« Quanto concebe afouta a minha mente.

« Proezas que amedrentem os humanos
« Farão mais poderosa que uma espada
« Minha lingua afiada;
« Publicará mil intimos arcanos:
« Nossos labios são nossos, hão de ouvi-los;
« E quem terá poder de reprimi-los? »

(5) *Propter miseriam inopum, et gemitum pauperum, nunc exsurgam dicit Dominus.*

Deos, do alto dos Ceos, apercebido
De quanto soffre o misero innocente,
Mais tempo não consente
Que gema, por aleives combatido:
« Não ha de ser assim, (diz irritado)
« Nem prevalecerá sempre o malvado.

(6) *Ponam in salutari; fiducialiter agam in eo.*

« Verão como os suspiros me enternecem
« Dos que opprime a maldade em jugo duro;
« Como em lugar seguro
« Ponho salvos aquelles que padecem;
« Onde não chegue vento procelloso,
« Nem da malicia o sopro venenoso. »

(7) *Eloquia Domini, eloquia casta, argentum igne examinatum, probatum terræ, purgatum septuplum.*

Eis a voz do Senhor, texto sagrado
Que erro algum não admitte, ou desatino;
Mas é qual ouro fino,
No fogo mais ardente acrisolado:
Por mais que vão os seculos fugindo
Vai sempre esta palavra subsistindo.

(8) *Tu, Domine, servabis nos, et custodies nos a generatione hac in æternum.*

Virá dia em que os tristes desvalidos,
Os mais humildes, sejam exaltados:
Senhor! os desgraçados

Hão de ser por ti mesmo defendidos:
Desta geração d'homens sem piedade
Nos ha de libertar tua bondade.

Em torno a nossos lares vagueando
Os impios bramirão desesperados;
E por multiplicados
Que na perversa raça vão durando,
A tua inexcrutavel Providencia
Não lhes dará podêr sobre a innocencia.

(9) *In circuitu impii ambulant; secundum altitudinem tuam multiplicasti filios hominum.*

PSALMO XII.

As palavras e a musica são de David.

In finem psalmus David.

Até quando, meu Deos, has de esquecer-me?
Sem fim, Senhor? Té quando
Teu rosto has de voltar para não ver-me?
Até quando, perplexa, suspirando,
Luttará na incerteza
Minha alma, em dissabores abysmada?
Todo o dia submersos na tristeza
Meu coração e mente atribulada?...

(1) *Usquequo, Domine, oblivisceris me in finem? usquequo avertis faciem tuam a me?*

(2) *Quamdiu ponam consilia in anima mea? dolorem in corde meo per diem?*

Té quando sobre mim sempre exaltados
Terão a precedencia
Meus crueis inimigos irritados?
Terna assume, Senhor, tua clemencia;
Para mim volta o rosto,
Senhor Deos meu! attende-me, olha, escuta,
Avalia meus males, meu desgosto;
Põe-te a meu lado nesta horrivel lutta.

(3) *Usquequo exaltabitur inimicus meus super me? Respice, et exaudi me, Domine Deus meus.*

(4) *Illumina oculos meos, ne unquam obdormiam in morte: ne quando dicat inimicus meus prævalui adversus eum.*

Dá-me celeste luz, guia meus passos,
Dissipa espessas trevas,
Que do adversario meu cobrem os laços:
Senhor, se me não levas
Como me salvarei, desamparado?
Possivel é que eu fraco desfalleça;
Que triste, afflicto, languido, cançado
Já no somno da morte me adormeça.

Não me largues, não cuidem meus contrarios
Que contra mim ganharam
O fructo de seus votos temerarios;
Digam que me enlaçaram
E que prevaleceram: se me abalam,
Que gloria para quem me tyrannisa!
Mas se firme resisto, então se calam,
E perde a força a mão que martyriza.

(5) *Qui tribulant me, exultabunt, si motus fuero: ego autem in misericordia tua speravi.*

Na tua compaixão ponho a esperança;
Desça-me o allivio n'alma,
Esse bem, que em ti só, meu Deos, se alcança.
Quando o sossôbro acalma,
Meu peito compungido e dilatado
Começa a respirar, e vai soltando
O canto agradecido e levantado,
Teu altissimo nome celebrando.

(6) *Exultabit cor meum in salutari tuo, cantabo Domino, qui bona tribuit mihi, et psallam nomini Domini altissimi.*

Saiam do coração chammas ardentes,
Nasçam cantos sublimes,
Rompam os Ceos os hymnos meus cadentes,
Esmoreçam os crimes;
Alente o afflicto, feche a porta o Inferno:
Celebrem com extremos de ternura
De Deos o nome excelso, immenso, eterno,
Anjos, homens, e toda a creatura.

PSALMO XIII.

As palavras e a musica são de David.

In finem Psalmus David.

CANTATA.

No intimo de seu peito,
Luttando c'os vicios seus,
Vai dizendo o depravado:
« Deos de nós não tem cuidado,
Ou talvez não haja Deos. »

(1) *Dixit insipiens in corde suo, non est Deus.*

Tal é o ferino effeito
D'estudos abominaveis;
Tal nesta corrupta idade
Prevalece a iniquidade
Entre os homens detestaveis.
Não ha quem faça o bem, todos ostentam
As artes d'enganar; um só piedoso
Não se acha neste tempo desditoso.

(2) *Corrupti sunt, et abominabiles facti sunt in studiis suis: non est qui faciat bonum, non est usque ad unum.*

Do seu throno celeste
Avista Deos a Terra; olha, procura
Se nelle pensa humana creatura;
Se fallando comsigo
Julga Deos o mais doce e certo amigo.
Diz então: « Nem um só mortal avisto
Que me seja fiel; todos declinam;
Todos, de vãos projectos occupados,
Vagabundos, errados,
Da justiça o caminho desconhecem:
Do mal são todos complices, desdenham
Da virtude, e nos crimes só se empenham.

(3) *Dominus de Cœlo prospexit super filios hominum, ut videat, si est intelligens, aut requirens Deum.*

(4) *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt, non est qui faciat bonum, non est usque ad unum.*

(•) (8) *Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorant plebem meam, sicut escam panis.*

Terão pois opprimido
Sempre o meu povo, e em ferros constrangido?
Dou sustento aos malvados,
A luz da vida nelles não apago:
E de taes beneficios este é o pago?»

(9) *Dominum non invocaverunt: illic trepidaverunt timore, ubi non erat timor.*

É certo, de Deos vivem descuidados:
Mas virá esse dia
Que um subito terror penetre a todos;
Tremerá de mil modos
Esse que zomba agora de quem geme,
O que blasona, e que hoje nada teme.

(10) *Quoniam Dominus in generatione justa est, consilium inopis confudistis, quoniam Dominus spes ejus est.*

Porêm Deos aos seus justos sempre assiste;
Quebra a força aos delictos:
Em vão perversos zombam dos afflictos;
Ao divino podêr ninguem resiste:
É, dos que soffrem, Deos doce esperança;
Os bens que elle promette o justo alcança.

(•) Os versos 5.°, 6.°, e 7.° não estão no Hebraico, nem os trazem as versões Syriaca e Chaldaica, nem muitos codigos dos Settenta, nem a edição Complutense, nem são reconhecidos por Chrysostomo, Theodoreto, Eutimio, Apollinario, nem finalmente pela mesma Vulgata no psalmo 52.°, que é certamente o mesmo. S. Jeronymo adverte, e com razão, que foram introduzidos aqui pelos copistas, e tomados da epistola *ad Romanos cap.* 3.° *vers.* 12.°, onde o Apostolo, tendo recitado o versiculo 4.° deste psalmo: *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt, non est, qui faciat bonum, non est usque ad unum:* accrescenta: *sepulchrum patens est guttur eorum, linguis suis dolose egebant: venenum aspidum sub labiis eorum: quorum os maledictione, et amaritudine plenum est: veloces pedes eorum ad effundendum sanguinem. Contritio, et infelicitas in viis eorum, et viam pacis non cognoverunt, non est timor Dei ante oculos eorum.* Estes foram julgados versos do psalmo, quando não são mais que uma collecção de sentenças tiradas de diversos lugares da Biblia, pois que o *sepulchrum patens* é do psalmo 5. vers. 11., o *venenum aspidum* do psalmo 139, vers. 4., o *quorum os maledictione*, etc., do psalmo 11. vers. 7., o *veloces pedes eorum*, etc. dos Proverbios 1. vers. 16., e de Isaias 49. vers. 7., e o *Contritio, et infelicitas*, etc. parte do ditto lugar d'Isaias, e parte do psalmo 35. vers. 1.

(Observação de Mattei).

Vós, que rindo insultais o povo santo,
Perguntais se ha de vir seccar seu pranto
De Sião o promettido
Desejado Redemptor?
Ha de vir d'Israel, cheio de amor,
As affrontas vingar,
E seus vis oppressores castigar.

(11) *Quis dabit ex Sion salutare Israel?*

Cum averterit Dominus captivitatem plebis suæ, exultabit Jacob, et lætabitur Israel.

Já desliza a frente austera;
Já os ais desses captivos,
Seus pezares excessivos,
Movem divina piedade:

Vereis como a estirpe excelsa
De Jacob canta gostosa
A victoria gloriosa
Que lhe firma a liberdade.

PSALMO XIV.

As palavras e a musica são de David.

In finem Psalmus David.

Meu Deos, a quem destinas a ventura
De habitar, contemplando socegado,
No teu templo, esse bem que sempre dura?

(1) *Domine, quis habitabit in tabernaculo tuo? aut quis requiescet in monte sancto tuo?*

Ah! declara quem são os que descançam
Nesses sitios de paz onde tu moras,
Os que buscam teu santo monte, e alcançam?

A divina resposta absorto escuto,
Somma d'alta doutrina, guia certa,
Que assim profere oraculo incorrupto:

«Os que sem mancha cumprem a justiça,
Quem vai com passos cautos caminhando,
Isento de suberba e de cobiça:

«Esses que andam comigo sempre unidos
Gozarão d'immortaes delicias puras,
Que fartam a alma, e ignoram os sentidos.»

Quem não tem coração falso e dobrado,
Que declara o que sente sem malicia,
E nunca traz seu proximo enganado:

Quem jámais, com meiguice mentirosa,
Com dolo profanou a lingua sua,
Nem no seio occultou paixão raivosa:

Esse que ao fido amigo corresponde,
Jámais o offende, ou soffre que o criminem;
Ou no peito a verdade pura esconde:

Esse que evita iniqua sociedade,
Mas que dos máos é susto, e não se atreve
A avisinhar-se delle a iniquidade:

O que, se jura, e ao proximo promette,
O juramento cumpre; e o seu dinheiro
A ganho algum illicito submette:

A Fortuna em vão lhe abre os seus thesouros,
Em vão quer o interesse que aproveite,
Affligindo a innocencia com desdouros:

Quem assim passa o tempo socegado,
Os devolvendos annos vão-lhe abrindo
O eterno templo vosso afortunado.

(2) *Qui ingreditur sine macula, et operatur justitiam.*

(3) *Qui loquitur veritatem in corde suo: qui non egit dolum in lingua sua.*

(4) *Nec fecit proximo suo malum, et opprobrium non accepit adversus proximos suos.*

(5) *Ad nihilum deductus est in conspectu ejus malignus: timentes autem Dominum glorificat.*

(6) *Qui jurat proximo suo, et non decipit, qui pecuniam suam non dedit ad usuram, et munera super innocentem non accepit.*

(7) *Qui facit hæc, non movebitur in æternum.*

Oh meu Deos! para sempre horas e dias,
Sem que a paz se lhe altere, lhe vais dando
D'inextinguiveis novas alegrias.

PSALMO XV.

Psalmo de David. Uma voz, com surdina.

Tituli inscriptio ipsi David.

PONHO em ti toda a esperança,
Conserva-me, ah meu Senhor!
A ti confesso; e com prazer repito
Que és meu Deos, e dos bens supremo auctor.
Sem ti grandeza alguma não me exalta;
Tendo-te a ti, Senhor, nada me falta.

(1) *Conserva me, Domine, quoniam speravi in te; dixi Domino, Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.*

Os perversos que te fogem
Não m'importam, não contemplo:
Honro só quem te serve, quem te adora,
Quem da virtude expende nobre exemplo.
Não sigo idolos vãos, que vão medrando,
Não vou tropel de loucos augmentando.

(2) *Sanctis qui sunt in terra ejus, mirificavit omnes voluntates meas in eis.*

(3) *Multiplicatæ sunt infirmitates eorum, postea acceleraverunt.*

Seus sanguineos sacrificios
Causam-me horror e fastio;
Não presto os labios meus a seus louvores,
De seus ritos absurdos me desvio:
É teu nome, ó meu Deos, esse que adoro,
És tu, unico Sêr, que humilde imploro.

(4) *Non congregabo conventicula eorum de sanguinibus, nec memor ero nominum eorum per labia mea.*

Tu me pertences, Senhor,
Tu és meu supremo bem;

(5) *Dominus pars hæreditatis meæ, et calicis mei; tu es, qui restitues hæreditatem meam mihi.*

Tu me nutres, me assistes, me confortas,
E me outorgas os bens que me convem:
És quem me fertilisas a esperança,
És quem me restitues minha herança.

(6) *Funes ceciderunt mihi in præclaris; etenim hæreditas mea præclara est mihi.*

(7) *Benedicam Dominum, qui tribuit mihi intellectum, insuper et usque ad noctem increpuerunt me renes mei.*

Ferteis campos, frescas aguas,
Prados lindos e abundantes,
São a feliz herança que me toca,
Pela qual te dou graças incessantes.
Tu moveste meu animo a acceitá-la,
E nada iguala a gloria de alcançá-la.

Pelo nocturno silencio,
Nas horas mais tenebrosas,
A minha alma sem paz, atribulada,
Se figurava penas rigorosas:
Meditou sem cançar, té que chegasse
O dia em que o triumpho completasse.

(8) *Providebam Dominum in conspectu meo semper, quoniam a dextris est mihi, ne commovear.*

Em ti, meu Deos, tinha fitos,
Meus olhos continuamente;
E á minha dextra sempre compassivo
Te encontrava, aplanando-me clemente
O escabroso caminho desta vida,
Em que levo a carreira despedida.

(9) *Propter hoc lætatum est cor meum, et exultavit lingua mea: insuper et caro mea requiescet in spe.*

Com taes dons pulsa contente
O coração no meu peito;
Os terrores da morte não me affligem,
Sem susto á fouce alçada me sujeito;
A esperança em minha alma não fallece,
Um doce somno a morte me parece.

(10) *Quoniam non derelinques*

Bem sei que não me abandonas,

Que á corrupção não me entregas,
Que o resurgir das trevas do sepulchro
Ao teu dilecto justo não denegas:
Sei que insolita via me mostraste,
Por onde a vida nova me tornaste.

animam meam in inferno, nec dabis sanctum tuum videre corruptionem.

(11) *Notas mihi fecisti vias vitæ, adimplebis me lætitia cum vultu tuo, delectationes in dextera tua usque in finem.*

Teus raios animadores,
Teu fulgido rosto vejo,
Donde dimanam célicas delicias
Com que se farta todo o meu desejo.
Queres, meu Deos, que junto a ti me sente?
Assim serei feliz eternamente.

PSALMO XVI.

Supplica de David.

Oratio David.

OUVE, ó meu Deos, o justo que te invoca:
Os meus votos attende,
Presta ouvidos ás vozes que singellas
Minha bocca desprende;
Quaes gera o coração puro, lavado,
Que encerro no meu peito angustiado.

(1) *Exaudi, Domine, justitiam meam: intende deprecationem meam.*
(2) *Auribus percipe orationem meam non in labiis dolosis.*

Tu que és justo, Senhor! julga minha alma;
Teu sabêr infinito
Não carece de provas; manifesta
Se tenho ou não delicto:
Se como n'um crisol me não provaste,
Se o meu coração limpo não achaste.

(3) *De vultu tuo judicium meum prodeat; oculi tui videant æquitatem.*

(4) *Probasti cor meum, et visitasti nocte: igne me examinasti, et non est inventa in me iniquitas.*

Cançaste-me de noite com vigilias,
Em chammas me puzeste
Para experimentar meu soffrimento:
Mil pezares me déste;
E no seio de horrivel tempestade
Não encontraste em mim iniquidade.

(5) *Ut non loquatur os meum opera hominum: propter verba labiorum tuorum ego custodivi vias duras.*

Não se me dá do mundo, não m'importam
Os discursos errados
Que os homens revoltosos vão tecendo;
Teus decretos sagrados
Me querem neste horror: hei de ir-te ouvindo;
Nesta caverna escura ir-te-hei seguindo.

(6) *Perfice gressus meos in semitis tuis, ut non moveantur vestigia mea.*

Ah! não me desampares, Deos benigno!
Põe sempre em mim teus olhos;
Aplana-me o caminho em que me queres,
Arranca-lhe os abrolhos;
Embota esses espinhos penetrantes,
Rege, Senhor, meus passos vacillantes.

(7) *Ego clamavi, quoniam exaudisti me, Deus, inclina aurem tuam mihi, et exaudi verba mea.*

Torno a invocar-te, com audacia torno
A pedir-te confôrto;
Sei que me escutas, que propicio observas
As ancias que supporto;
Que estas vozes que sólto te enternecem,
E dás allivio prompto aos que padecem.

(8) *Mirifica misericordias tuas, qui salvos facis sperantes in te.*

Maravilhosas faze as mis'ricordias
Neste acerbo conflicto;
Alento não commum exige a lutta:
A esperança do afflicto
És tu, em quanto vive, e quando morre
Sei que defendes quem a ti recorre.

Defende-me daquelles que resistem
          Á lei que promulgaste,
Qual dos olhos defendem as pupillas
          Os véos com que as ornáste:
Impios me vem seguindo ardendo em furia,
Põe-me em seguro contra tanta injuria.

(9) *A resistentibus dexteræ tuæ custodi me, ut pupillam oculi.*

Estende as tuas azas magestosas;
          Na sombra protectora
Recata-me dos monstros que me cercam,
          Da turba enganadora,
Que é surda ao dó, e, farta d'opulencia,
Cresce em suberba, em dolo, em prepotencia.

(10) *Sub umbra alarum tuarum protege me a facie impiorum, qui me afflixerunt.*

(11) *Inimici mei animam meam circumdederunt, adipem suum concluserunt, os eorum locutum est superbiam.*

As entranhas de ferro encadearam,
          Depois de rejeitar-me;
Disfarçam as traições com phrases cultas,
          Pertendendo enganar-me:
Não levantam os olhos, mas bem vejo
Na hypocrita modestia o seu desejo.

(12) *Projicientes me nunc circumdederunt me, oculos suos statuerunt declinare in terram.*

Qual s'esconde na toca tenebrosa
          Devorador leão,
Que avido espera a prêsa, e se alvorota
          Com qualquer commoção;
Que se alça, ruge horrivelmente, e salta...
Surge, ó Senhor! acode-me, e te exalta.

(13) *Susceperunt me, sicut leo paratus ad prædam, et sicut catulus leonis habitans in abditis.*

(14) *Exsurge, Domine, præveni eum, et supplanta eum, eripe animam meam ab impio, frameam tuam ab inimicis manus tuæ.*

Vem do Ceo soccorrer-me, evita o golpe,
          Suspende este combate;
Arranca-me das mãos desses perversos,
          Os barbaros abate,
Cujas glorias são vans e fraudulentas,
E são do teu furor armas cruentas.

(15) *Domine, a paucis de terra divide eos in vita eorum, de absconditis tuis adimpletus est venter eorum.*

Separa esses malvados dos teus justos,
Dos poucos escolhidos
Esses glutões, amigos da fartura,
Escravos dos sentidos;
Cubiçosos d'alfaias preciosas,
De luxo e de delicias cavilosas.

(16) *Saturati sunt filiis, et dimiserunt reliquias suas parvulis suis.*

Fartem-se embora, deixem larga herança
Aos filhos depravados;
Tenham terras, thesouros, quintas, joias,
E numerosos gados:

(17) *Ego autem in justitia apparebo conspectui tuo, satiabor, cum apparuerit gloria tua.*

Não lh' invejo a fortuna, só cubiça
Minha alma revestir-se de justiça.

Só pertendo, meu Deos, apresentar-me
Com meu animo puro
Perante a tua face luminosa,
Sem remorsos, seguro;
E só na gloria eterna satisfeito
Serei, quando te aviste, ó Sêr perfeito!

PSALMO XVII.

A musica é de David, de quem é igualmente a poesia, que compoz o servo do Senhor, depois que foi por Deos libertado das perseguições de Saul, e de todos os seus inimigos.

In finem puero Domini David, qui locutus est verba Cantici hujus in die, qua eripuit illum Dominus de manu omnium inimicorum ejus, et de manu Saul, et dixit:

Hei de amar-te, Senhor! De ti deriva
A minha fortaleza, és meu alento,
Meu asylo seguro;
Se vou desfallecendo, me despertas,
Se em captiveiro estou, tu me libertas.

(1) *Diligam te, Domine, fortitudo mea: Dominus firmamentum meum, et refugium meum, et liberator meus.*

Se a vida me abandona, o frouxo alento
Benigno me reparas promptamente;
Minha esperança animas,
Proteges-me o vigor, e me sustentas
Quando lutto com rispidas tormentas.

(2) *Deus meus, adjutor meus, et sperabo in eum.*

(3) *Protector meus, et cornu salutis meæ, et susceptor meus.*

Apenas lanço a mão ás cordas da harpa
Para a gloria cantar de Deos, que invoco,
Meus inimigos fogem,
Fico salvo, triumpho dos pezares,
De canticos alegres encho os ares.

(4) *Laudans invocabo Dominum, et ab inimicis meis salvus ero.*

Já da morte os terrores me cercaram;
Contra mim, qual torrente estrepitosa,
Da iniquidade as chusmas
Conturbaram meu peito angustiado,
Por dores infernaes atormentado.

(5) *Circumdederunt me dolores mortis, et torrentes iniquitatis conturbaverunt me.*

(6) *Dolores inferni circumdederunt me, præoccupaverunt me laquei mortis.*

Ia sem tino incertos passos dando,
Assustavam-me trevas espantosas,
Que tudo me encobriam;
De insidias, de traições me rodeavam,
E cahia nos laços que me armavam.

(7) *In tribulatione mea invocavi Dominum, et ad Deum meum clamavi.*
(8) *Et exaudivit de templo sancto suo vocem meam, et clamor meus in conspectu ejus, introivit in aures ejus.*

Nesta tribulação, por Deos clamava;
Invoquei o Senhor, e do seu templo
Escutou minhas vozes;
Poz em sua presença os meus gemidos,
Penetrou meu clamor os seus ouvidos.

(9) *Commota est, et contremuit terra: fundamenta montium conturbata sunt, quoniam iratus est eis.*

Então se commoveo tremula a terra;
Os montes, que mugiram, se gretaram,
Abriram-se os abysmos;
E Deos, contra a maldade enfurecido,
Desceo com justa colera incendido.

(10) *Ascendit fumus in ira ejus, et ignis a facie ejus exarsit: carbones succensi sunt ab eo.*

(11) *Inclinavit Cœlos, et descendit, et caligo sub pedibus ejus.*

Fogo devorador rompeo das serras,
Co' a colera de Deos fumega o globo;
Accesas brazas luzem
Na sua face irada, os Ceos s'inclinam,
Encobertos co' as trevas que os dominam.

(12) *Et ascendit super Cherubim, et volavit, volavit super pennas ventorum.*

D'alem dos Cherubins Deos mesmo desce
Sobre as azas dos ventos incançaveis;
Pelo estrellado campo,
Em que tantos mil mundos apresenta,
Róla o carro suberbo em que se senta.

(13) *Et posuit tenebras latibulum suum: in circuitu ejus tabernaculum ejus: tenebrosa aqua in nubibus aeris.*

Pára aqui, e levanta portentoso
Um pavilhão de trevas, onde ignoto
Reside, rodeado
De um fusco véo de sombras mysteriosas,
Formado de ar e d'aguas tenebrosas.

Mas aos raios que sólta furibunda
Sua face, em furor toda abrazada,
Se dissipam as nuvens,
Soltam-se as brazas, a saraiva espessa;
E a tempestade a trovejar começa.

(14) *Præ fulgore in conspectu ejus nubes transierunt, grando, et carbones ignis.*

Um medonho estampido nos Ceos se ouve,
Que do Altissimo é voz ameaçadora;
Desta o estrepito dobram
Carvões accesos com que a terra infesta,
E a saraiva que salta e as plantas cresta.

(15) *Et intonuit de Cœlo Dominus, et Altissimus dedit vocem suam, grando, et carbones ignis.*

As mais agudas, mais assoladoras,
Dispara as suas settas Deos irado;
Vibra raios tremendos,
Turba, arraza, dissipa a gente ingrata,
E os impios, que castiga, desbarata.

(16) *Et misit sagittas suas, et dissipavit eos, fulgura multiplicavit, et conturbavit eos.*

Fende-se o chão com repetidos golpes,
Abre seu seio a terra, e quasi mostra
As origens das fontes,
Do orbe os fundamentos abalados,
Os limites dos mares transladados.

(17) *Et apparuerunt fontes aquarum, et revelata sunt fundamenta orbis terrarum.*

Oh Senhor! que vinganças, e que estragos!
Da tua indignação tal é o effeito;
Tal é teu sopro irado
Quando extermina criminosas raças,
E accumulas nos impios as desgraças.

(18) *Ab increpatione tua, Domine, ab inspiratione spiritus iræ tuæ.*

N'um mar d'angustias triste eu naufragava;
Quando o Senhor dos Ceos a mão estende,
E me colhe entre as aguas,
Com celeste podêr doma a tormenta,
Põe-me em seguro, ampara-me e me alenta.

(19) *Misit de summo, et accepit me, et assumpsit me de aquis multis.*

(20) *Eripuit me de inimicis meis fortissimis, et ab his, qui oderunt me: quoniam confortati sunt super me.*

Da violencia de fortes inimigos,
Do seu odio me salva, quando audazes
Já vinham assaltar-me;
Quando certos de sua fortaleza
Mais contavam vencer minha fraqueza.

(21) *Prævenerunt me in die afflictionis meæ, et factus est Dominus protector meus.*

Nos meus dias mais tristes, mais amargos,
Com maior furia então me acommetteram;
Foi, Senhor! nesses dias
Que por meu Protector te declaraste,
E de suas insidias me livraste.

(22) *Et eduxit me in latitudinem: salvum me fecit, quoniam voluit me.*

Deos me tirou do aperto em que me via,
Elle me poz n'um campo dilatado;
Seu amor generoso
Prompto me subtrahio da adversidade,
E derrotou potente a iniquidade.

(23) *Et retribuet mihi Dominus secundum justitiam meam, et secundum puritatem manuum mearum retribuet mihi.*

Sim, seu amor conhece-me a justiça,
Sabe que minhas mãos nunca mancharam
As venaes recompensas;
Que as acções criminosas me aborrecem,
Que amo e prefiro aquelles que o merecem.

(24) *Quia custodivi vias Domini, nec impie gessi a Deo meo.*

Que no caminho incerto desta vida
Jámais me desviei de seus preceitos;
Nem commetti delictos
Contra o meu Creador e leis sagradas,
Pela verdade e honra estipuladas.

(25) *Quoniam omnia judicia ejus in conspectu meo, et justitias ejus non repuli a me.*

Sem cessar estudei seus mandamentos,
Os seus justos dictames tive em vista,
Não repelli seu jugo;
Seus eternos juizos meditando,
Pelo amor e temor me fui guiando.

Sempre achei na innocencia o meu recreio,
Cauto evitei manchar-me com maldades;
E alcançarei meu premio
Se justo for, se livre d'imposturas
As minhas obras forem sempre puras.

(26) *Et ero immaculatus cum eo, et observabo me ab iniquitate mea.*

(27) *Et retribuet mihi Dominus, secundum justitiam meam, et secundum puritatem manuum mearum in conspectu oculorum ejus.*

Com os bons sempre és bom, Senhor piedoso;
Nem recêe algum mal quem mal não faça:
Força-te a ser severo
O peccador, o iniquo te constrange
A esfriar o teu dó, que tudo abrange.

(28) *Cum sancto sanctus eris, et cum viro innocente innocens eris.*

(29) *Et cum electo electus eris, et cum perverso perverteris.*

Quantas vezes se vê que em vão rastrêa
Do potente a suberba co' as deidades!
Seu pedestal derrubas,
Com seu funesto exicio o mundo espantas,
E ao sólio algum pastor pobre levantas.

(30) *Quoniam tu populum humilem salvum facies, et oculos superborum humiliabis.*

Quando pallidas sombras me rodêam,
Que não atino com vereda certa,
Vens pela mão guiar-me;
O tenebroso horror fere, illumina
O clarão dessa tua luz divina.

(31) *Quoniam tu illuminas lucernam meam, Domine, Deus meus, illumina tenebras meas.*

Com teu soccorro em mim se dobram forças,
Das tentações o exercito destróço;
Aos triumphos aspiro,
Certo em Deos, e com elle vou seguro
Derrubar o mais firme e rijo muro.

(32) *Quoniam in te eripiar a tentatione, et in Deo meo transgrediar murum.*

Pouco tem que temer quem não transvia
Dos caminhos de Deos, quem as leis cumpre;
Mil ditas lhe promette

(33) *Deus meus, impolluta via ejus, eloquia Domini igne examinata, protector est omnium sperantium in se.*

Com palavras em fogo examinadas,
Fecundas, infalliveis, confirmadas.

(34) *Quoniam quis Deus præter Dominum? aut quis Deus præter Deum nostrum?*

Outro Deos não existe alem do nosso:
Quem, se não elle, é fonte de verdade?

(35) *Deus, qui præcinxit me virtute, et posuit immaculatam viam meam.*

Deos é que me concede
As invenciveis forças, a violencia
Com que domo inimiga resistencia.

(36) *Qui perfecit pedes meos tanquam cervorum, et super excelsa statuens me.*

Foi quem deo a meus pés agilidade
Para vencer os cervos na carreira,
Transpor ligeiro os montes,
E nos mais altos sêrros collocar-me,
Longe do risco e salvo, alli firmar-me.

(37) *Qui docet manus meas ad prælium, et posuisti, ut arcum æreum, brachia mea.*

Quem me adestrava as mãos para vibrarem
Na guerra dura a fulminante espada;
Quem de forças me armava,
De tal podêr meu braço revestia,
Que um arco bronzeo aos olhos parecia.

(38) *Et dedisti mihi protectionem salutis tuæ, et dextera tua suscepit me.*

Que susto posso ter, se me defendes,
Senhor, quando me attacam? Se me cobres
D'escudo impenetravel?
Onde não chega o meu vigor, sobeja
No teu podêr e dextra bemfazeja.

(39) *Et disciplina tua correxit me in finem, et disciplina tua ipsa me docebit.*

Qne amparo na esperança me não déste!
Sustem-me a tua dextra poderosa;
Do teu desvelo emprego,
Constantemente objecto afortunado
Sou do teu paternal doce cuidado.

(40) *Dilatasti gressus meos*

Se caminho, benigno me precedes,

Os lugares estreitos me dilatas,
Dos sitios escabrosos
Aplanas, facilitas-me o ingresso,
A fim de me evitar qualquer tropeço.

subtus me, et non sunt infirmata vestigia mea.

Ás armas pois, ás armas, luttar quero,
Destroçar d'inimigos o que resta,
Combatê-los no campo;
Por mais que enfurecidos me resistam,
As costas não voltar em quanto existam.

(41) *Persequar inimicos meos, et comprehendam illos, et non convertar, donec deficiant.*

Fartarei de seu sangue a minha espada,
Em pedaços farei seus membros todos;
Dispersos, abatidos
A meus pés os que audazes me insultavam,
Perderão a arrogancia que ostentavam.

(42) *Confringam illos, nec poterunt stare: cadent subtus pedes meos.*

De valor me cingiste para a guerra,
Subjugaste-me aquelles que teimosos
Contra mim se insurgiram;
Ante mim por teu braço derrubados,
De pejo estão cobertos, e prostrados.

(43) *Et præcinxisti me virtute ad bellum, et supplantasti insurgentes in me subtus me.*

Os rebeldes, os perfidos domaste,
Em vergonhosa fuga se retiram:
Para longe expulsaste
Quem com odio me olhava e perseguia,
Quem com traças crueis me acommettia.

(44) *Et inimicos meos dedisti mihi dorsum: et odientes me disperdidisti.*

Á mais triste miseria reduzidos,
Em vão, Senhor, em vão por ti clamavam;
Não lhe ouviste os clamores,
Não lhe déste uma taboa que os salvasse,
Não lhe prestaste mão que os segurasse.

(45) *Clamaverunt, nec erat, qui salvos faceret, ad Dominum, nec exaudivit eos.*

(46) *Et comminuam eos, ut pulverem ante faciem venti, ut lutum platearum delebo eos.*

Desprezaste-lhe as preces maviosas,
Deixaste-os dissipar qual pó ligeiro
Que ante a face dos ventos
Vaga, quando uns e outros s'enfurecem,
E encontrados, luttando o desvanecem.

(47) *Eripies me de contradictionibus populi; constitues me in caput gentium.*

Humilhando esses impios, me livraste
Com poderosa mão de seus enredos;
No throno vacillante
Irado e compassivo então me viste,
E Chefe de Nações constituiste.

(48) *Populus, quem non cognovi, servivit mihi, in auditu auris obedivit mihi.*

Povos desconhecidos virão dar-me
Signaes de submissão e amor sincero;
Com meus justos designios,
Com meus direitos puros e constantes
Concordarão as gentes mais distantes.

(49) *Filii alieni mentiti sunt mihi, filii alieni inveterati sunt, et claudicaverunt a semitis suis.*

Esses filhos, ou subditos perversos
Que á fé mentiram, esses infelizes,
Quaes exoticas plantas,
Para estranho terreno transplantados
Hão de ver-se de rega e sol privados.

(50) *Vivit Dominus, et benedictus Deus meus, et exaltetur Deus salutis meæ.*

Tempo é de gloria, e d'esquecer desastres;
Hymnos alegrés ao Senhor teçamos:
Viva, viva o meu Deos!
Da minha salvação o Auctor se exalte,
A louvá-lo e adorá-lo ninguem falte.

(51) *Deus, qui das vindictas mihi, et subdis populos sub me: liberator meus de inimicis meis iracundis.*

Reparador de graves infortunios,
Me vingou, com estrago irreparavel
D'inimigos ferozes;

Sujeitou-me contrarios furibundos,
Libertou-me de monstros iracundos.

Viva o Senhor, que extrénuo me arrebata
D'entre as iras dos fortes e teimosos;
Que do pó me levanta,
Faz luzir seu podêr neste seu servo,
Annulla os vãos projectos do protervo.

(52) *Et ab insurgentibus in me exaltabis me, a viro iniquo eripies a me.*

Que nobre assumpto entrego ao meu Psalterio!
Meus canticos irão de polo a polo,
O nome sacro-santo
Do Senhor celebrando; em verso altivo
Se ouvirá de meus cantos o motivo.

(53) *Propterea confitebor tibi in nationibus, Domine, et nomini tuo psalmum dicam.*

Direi como o pastor David ao throno
Levantaste, ó meu Deos, e o protegeste;
E tanta mis'ricordia,
De seculos a seculos passando,
Na sua geração irá durando.

(54) *Magnificans salutes regis ejus, et faciens misericordiam Christo suo David, et semini ejus usque in sæculum.*

PSALMO XVIII.

As palavras e a musica são de David.

In finem Psalmus David.

A GLORIA do Senhor os Ceos relatam;
Em pompa o firmamento é que annuncia
Da mão divina as obras magestosas,
Que assombram os viventes.

(1) *Cæli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum.*

O dia ao dia diz a alta palavra;
Revela a noite á noite a sapiencia

(2) *Dies diei eructat verbum, et nox nocti indicat scientiam.*

Que dirige os prodigios no Universo
Que o seu Auctor declaram.

(3) *Non sunt loquelæ, neque sermones, quorum non audiantur voces eorum.*

A linguagem dos Ceos sempre é distincta;
Não ha rustico ou barbaro a quem seja
Ignoto o seu sentido, a phrase obscura,
E Deos não reconheça.

(4) *In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum.*

Tocam as vozes os confins da terra,
Rebôa o som por toda a redondeza;
Diffunde-se por toda a mente humana
A convicção sublime.

(5) *In Sole posuit tabernaculum suum, et ipse tanquam sponsus procedens de thalamo suo.*
(6) *Exultavit ut gigas ad currendam viam, a summo Cœlo egressio ejus.*

Deos prescreveo ao Sol seu aposento;
E como juvenil esposo surge
Do thalamo, com passo gigantesco
Se abalança a seu giro.

(7) *Et occursus ejus usque ad summum ejus, nec est, qui se abscondat a calore ejus.*

Em torrentes de luz sae do Oriente,
Vai sempre na carreira accelerado,
Diffundindo o calor nos sêres todos
Té sumir-se no Occaso.

(8) *Lex Domini immaculata, convertens animas, testimonium Domini fidele, sapientiam præstans parvulis.*

Tal do Senhor a lei immaculada,
Lei que converte as almas, vivifica
Suave as creaturas, aos humildes
Dá sempre intelligencia.

(9) *Justitiæ Domini rectæ lætificantes corda, præceptum Domini lucidum illuminans oculos.*

Os preceitos de Deos contentam o animo,
São claros, e com luz fiel dissipam
Os erros tenebrosos, esclarecem
A nossa fraca vista.

(10) *Timor Domini sanctus,*

Como, pensando em Deos, no peito nasce

Santo temor, que eternos fructos cria!
Como são rectos, Deos, os teus juizos
Se punes, ou consolas!

permanens in sæculum sæculi: judicia Domini vera, justificata in semetipsa.

Mais do que ouro ou pedras preciosas
São para desejar os teus preceitos;
Mais suave que o favo e mel fragrantes
É saber o que mandas.

(11) *Desiderabilia super aurum, et lapidem pretiosum multum, et dulciora super mel, et favum.*

O teu servo fiel exacto observa
O que ordenas, Senhor, e a recompensa
Mais bella, na observancia é que consiste;
Feliz o que não erra!

(12) *Etenim servus tuus custodit ea: in custodiendis illis retributio multa.*

Mas quem conhece ao certo seus delictos?...
Purifica, meu Deos, tantos defeitos
Que occultos em meu peito ignoro eu mesmo,
Comtigo incompativeis.

(13) *Delicta quis intelligit? ab occultis meis munda me, et ab alienis parce servo tuo.*

Do contagio dos máos põe-me distante,
De influencias perversas me defende;
Se d'erros meus e alheios me lavares,
Escaparei sem mancha.

(14) *Si mei non fuerint dominati, tunc immaculatus ero, et emundabor a delicto maximo.*

De minha bocca as vozes innocentes
Acceitas te serão; acompanhadas
Do que o meu coração medita e sente
O meu Deos contemplando.

(15) *Et erunt, ut complaceant eloquia oris mei, et meditatio cordis mei in conspectu tuo semper.*

Ante o teu throno envio os meus suspiros:
Preces humildes são, sejam-te gratas,
Pois és sempre, Senhor, o meu refugio,
Redemptor de minha alma.

(16) *Domine, adjutor meus, et redemptor meus.*

PSALMO XIX.

In finem Psalmus David.

A musica e as palavras são de David.

(1) *Exaudiat te Dominus in die tribulationis, protegat te nomen Dei Jacob.*

Sim, ó Rei, nesses dias de amargura,
Quando a tribulação chegar ao cume,
Ouça-te com brandura
O Senhor compassivo; as penas dome,
E do Deos de Jacob te salve o nome.

(2) *Mittat tibi auxilium de sancto: et de Sion tueatur te.*

Da celeste Sião onde reside
Queira mandar-te auxilio imperioso,
Qual da sorte decide;
Qual possa defender-te nos perigos,
Qual bons alenta, e aterra os inimigos.

(3) *Memor sit omnis sacrificii tui, et holocaustum tuum pingue fiat.*

Benigno acceite os puros sacrificios,
As offrendas e votos que lhe fazes;
Penhor de beneficios,
Do Ceo solte essa chamma approvadora
Que as pingues rêzes sobre o altar devora.

(4) *Tribuat tibi secundum cor tuum: et omne consilium tuum confirmet.*

Quanto o teu coração, Principe, anhela
Te conceda quem tudo póde dar-te;
Clara, propicia estrella
Nos teus justos desejos vá raiando,
E teus nobres designios confirmando.

(5) *Lætabimur in salutari tuo: et in nomine Dei nostri magnificabimur.*

Alegres os triumphos preparemos
Com bandeiras, listões, clarins, tambores;
Victoria cantaremos,
Certos que com teus braços reforçados
Quer o Senhor sejamos resgatados.

Ouvio-te o Ceo, com votos fervorosos
A divina piedade commoveste;
Signaes prodigiosos
Nos attestam que Deos enternecido
Ha de sempre salvar o seu Ungido.

(6) *Impleat Dominus omnes petitiones tuas: nunc cognovi, quoniam salvum fecit Dominus Christum suum.*

Do estellifero throno os olhos volve,
Nelle attenta, recolhe seus suspiros;
Defendê-lo resolve,
Estende o braço omnipotente, e pára
Os golpes que a malicia lhe prepara.

(7) *Exaudiet illum de cœlo sancto suo: in potentatibus salus dexteræ ejus.*

Venha a caterva imiga de repente,
Com exercitos, carros, e cavallos
O seu podêr ostente;
Contra tanta fiducia, horror, espanto,
De Deos nos basta o nome sacro-santo.

(8) *Hi in curribus, et hi in equis: nos autem in nomine Domini Dei nostri invocabimus.*

Já os vemos revoltos na poeira,
Dos cavallos e carros derrubados;
Intrepida fileira
Seus miseraveis membros vai calcando,
Nosso vigor e gloria restaurando.

(9) *Ipsi obligati sunt, et ceciderunt: nos autem surreximus, et erecti sumus.*

Salva, ó meu Deos! o Rei, salva este povo,
No dia d'hoje attende nossas preces:
Invocamos de novo
Essa força divina, á qual pertence
A gloria toda quando a humana vence.

(10) *Domine, salvum fac Regem: et exaudi nos in die, qua invocaverimus te.*

PSALMO XX.

In finem Psalmus David.

A musica e as palavras são de David.

(1) *Domine, in virtute tua lætabitur Rex, et super salutare tuum exultabit vehementer.*

De atabales o estrondo abala os montes,
Rompem clarins harmonicos os ares;
Vencêmos, triumphámos, o Rei volta:
Revolta horrivel
De gente ufana,
Que o povo engana,
Vem sopear.
E tu, Senhor, benefico, indulgente,
Lhe acodes com teu braço omnipotente.

(2) *Desiderium cordis ejus tribuisti te, et voluntate labiorum ejus non fraudasti eum.*

(3) *Quoniam prævenisti eum in benedictionibus dulcedinis: posuisti in capite ejus coronam de lapide pretioso.*

As mãos alçava, quando a tua alçando
Com benção graciosa o preveniste,
E sobre elle mil graças derramaste:
Na frente augusta
Lúcida c'roa
Brilha, apregoa
Quem a alcançou;
Quem destroçou caterva deshumana,
E exornou de Melcom a testa insana. (*)

(4) *Vitam petiit a te: et tribuisti ei longitudinem dierum in sæculum, et in sæculum sæculi.*

Tu com elle, Senhor, sempre assim foste:
Longa vida era quanto te pedia,
E não só lh'a concedes generoso,

(*) Vencidos os Ammonitas, poz David na sua cabeça o diadema tirado a Melcom, rei daquella nação, que pesava um talento de ouro, e estava enriquecido de pedras preciosas, como se diz no liv. 2.° dos Reis, cap. 12.°, vers. 30.°

Mas determinas
Que vá durando,
E transplantando
Eras sem fim;
Que a sua geração seculos vença,
E prospere, gozando gloria immensa.

Quem póde numerar os predicados
Que nelle diffundiste, que lhe prestas,
Com que a par dos Heroes o exaltas tanto?
Nelle bemdittos
Hão de os vindouros
Ricos thesouros
Sempre alcançar:
Se alguem soffre por elle acerba pena,
Seu rosto affavel volta, e lh'a serena.

(5) *Magna est gloria ejus in salutari tuo: gloriam et magnum decorem impones super eum.*

(6) *Quoniam dabis eum in benedictionem in sæculum sæculi: lætificabis eum in gaudio cum vultu tuo.*

Em ti, Senhor, o Rei poz a esperança;
E tanto fia em teu favor celeste,
Que qual penhasco erguido fica immovel,
Se as ondas bravas,
Raio inflammado,
Ou vento irado
Lhe vem bater:
Bem sabe que és benigno a quem te invoca,
Que só malvado o teu furor provoca.

(7) *Quoniam Rex sperat in Domino, et in misericordia Altissimi non commovebitur.*

Caiam pois nessa mão fulminadora
Os impios que desertam teus altares;
Encontre quem te odêa as tuas iras:
Dispara as settas,
O traidor tema
Da mão suprema
Golpe mortal;

(8) *Inveniatur manus tua omnibus inimicis tuis: dextera tua inveniat omnes, qui te oderunt.*

Em vingadoras chammas accendido
Veja, meu Deos, teu rosto enfurecido.

(9) *Pones eos, ut clibanum ignis in tempore vultus tui: Dominus in ira sua conturbabit eos, et devorabit eos ignis.*

Interrompe seus crimes, volve os olhos,
A terrifica face abrazadora
N'um férvido vulcano os precipite:
Ó Deos, se irado
A voz levantas,
Ah! como espantas
O peccador!
Sem tino, sem recurso, conturbado,
Fica em sulphureo fogo devorado.

(10) *Fructum eorum de terra perdes, et semen eorum a filiis hominum.*

Tudo destroe do crime o horrido bafo;
Na terra sem cultura os fructos seccam,
A descendencia mingua entre os humanos;
Ao desamparo,
Não medra o nome;
Tudo consome
Olvido e dor:

(11) *Quoniam declinaverunt in te mala: cogitaverunt consilia, quæ non potuerunt stabilire.*

Assim declinam esses que conspiram,
E phantasticos planos erigiram.

(12) *Quoniam pones eos dorsum: in reliquiis tuis præparabis vultum eorum.*

Tu farás, meu Senhor, que retrocedam,
E se lh' estagnem perfidas emprezas:
Mas se alguns restos miseros ficarem,
Opprobrio os segue,
E suspirando
Irão provando
Sempre rigor:
Tão infausto ha de ser seu desatino,
Quanto pódes, Senhor! sobre o destino,

(13) *Exaltare Domine in vir-*

Exalta a tua força omnipotente,

Dissipa confusões, aterra os impios;
Cantaremos alegres teus triumphos:
Da lyra as cordas
Já na mão fremem,
Nada já temem
D'impio furor:
Volve o socego, volve a paz serena,
Meu estro affouto os canticos ordena.

tute tua: cantabimus, et psallemus virtutes tuas.

PSALMO XXI.

Cantata de David para ser acompanhada com o Aieleth hashachar (*).

In finem pro susceptione matutina psalmus David.

Olha-me um só momento com piedade,
Meu Deos, meu Deos, porque me abandonaste?
Do peccado o clamor de mim te affasta?
Os meus ais não te movem?

(1) *Deus, Deus meus, respice in me, quare me dereliquisti? longe a salute mea verba delictorum meorum.*

Desde que nasce o dia por ti chamo...
Não ouves! Em vão rasgo com gemidos
O tenebroso véo que enlucta a terra,
O silencio da noite.

(2) *Deus meus, clamabo per diem, et non exaudies, et nocte, et non ad insipientiam mihi.*

(*) Instrumento musico dos antigos hebreos, segundo a opinião de Mattei. As duas palavras hebraicas que o designam significam *a cerva da aurora*, o que deo lugar á interpretação de *pro susceptione matutina*, que se acha na Vulgata, e que se não póde entender. Se alguem pergunta a razão (accrescenta o ditto sabio) por que a este instrumento se chamava —*a cerva da aurora*—, responde-se que pela mesma por que na Italia se chama a outros instrumentos —*a violetta dos amores*, *o oboé dos bosques*— e outros nomes semelhantes, de que não é facil explicar a origem.

(3) *Tu autem in sancto habitas laus Israel.*

Oh Gloria d'Israel! no Sanctuario,
Onde affavel resides, acceitavas
Outr'ora do teu povo os sacrificios,
Que humilde te offertava.

(4) *In te speraverunt patres nostri, speraverunt, et liberasti eos.*

De que riscos a nossos paes livraste,
Que esperavam em ti, e em ti sómente!
Livraste-os, compensando-lhe a esperança,
Respondendo a seus brados.

(5) *Ad te clamaverunt, et salvi facti sunt: in te speraverunt, et non sunt confusi.*

A ti clamaram, salvos foram logo;
Não lh' illudiste a terna confiança
Com que preces ardentes te enviavam,
Sempre sempre esperando.

(6) *Ego autem sum vermis, et non homo: opprobrium hominum, et abjectio plebis.*

Ai de mim! em que estado hoje me vejo!
Do peccado, que estraga a terra inteira,
A mascara sanguinea desfigura,
Envolve o meu sêr todo.

Homem já não pareço; transformado
Em viva imagem do peccado mesmo,
Sou das gentes o opprobrio, sou da plebe
Alvo abjecto d'injurias.

(7) *Omnes videntes me, deriserunt me, locuti sunt labiis, et moverunt caput.*

Quem terá coração para assim ver-me?
Mas quem me vê sorri, murmura, e move
Com desprezo a cabeça, e m'interroga
Com phrases insultantes.

(8) *Speravit in Domino, eripiat eum, salvum faciat eum, quoniam vult eum.*

«Que esperas? (dizem rindo) inda não chegam
Os soccorros do Ceo? O teu Deos chama;
Se quizer, ou se póde, que te salve:
Inutil esperança!»

Ah! não, meu Deos! Tu és o meu amparo:
Tal do seio materno me extrahiste,
Aprendi desde o berço a confiar-me
Nas tuas mis'ricordias.

(9) *Quoniam tu es, qui extraxisti me de ventre, spes mea ab uberibus matris meæ.*

Apenas vi a luz, foi nos teus braços
Que me entreguei submisso: e em tanta angustia
Queres abandonar-me, ó pae severo,
Dobrar o meu supplicio?

(10) *In te projectus sum ex utero: de ventre matris meæ Deus meus es tu, ne discesseris a me.*

Ah! não me deixes, não! Já se avisinha
O terrivel momento; atribulada
Minha alma por ti clama; se me foges,
Quem virá soccorrer-me?

(11) *Quoniam tribulatio proxima est, quoniam non est, qui adjuvet.*

Os inimigos chegam; já me cercam
Como bravos novilhos, pingues touros
Que o ciume estimula, a raiva instiga,
E com berros me estrugem.

(12) *Circumdederunt me vituli multi: tauri pingues obsederunt me.*

Iradas feras, qualquer delles salta,
Co' a fauce aberta; qual leão faminto
Que á pressa farta a gula n'um cordeiro,
Assim me despedaçam.

(13) *Aperuerunt super me os suum: sicut leo rapiens, et rugiens.*

Já desfalleço; sinto deslocados
Todos meus ossos; funde como cera
Meu coração no peito palpitante;
Foge-me a luz, a vida.

(14) *Sicut aqua effusus sum: et dispersa sunt omnia ossa mea.*

(15) *Factum est cor meum tamquam cera liquescens in medio ventris mei.*

Sécca-se como barro em fogo ardente
Dos membros o vigor, pega-se ás fauces
A lingua entorpecida; e quasi ignoro
Se vivo, ou se sou cinza.

(16) *Aruit tamquam testa virtus mea, et lingua mea adhæsit faucibus meis: et in pulverem mortis deduxisti me.*

(17) *Quoniam circumdederunt me canes multi: concilium malignantium obsedit me.*
(18) *Foderunt manus meas, et pedes meos: dinumeraverunt omnia ossa mea.*

Inda não se contenta a turba insana;
Quaes mastins devorantes me circundam,
Esperando que morra, me traspassam
Pés e mãos, sem piedade.

(19) *Ipsi vero consideraverunt, et inspexerunt me: diviserunt sibi vestimenta mea, et super vestem meam miserunt sortem.*

Avidos de lucrar ao contemplar-me,
Entre si repartiram meus vestidos;
E a tunica inconsutil concederam
A quem a désse a sorte.

(20) *Tu autem, Domine, ne elongaveris auxilium tuum a me: ad defensionem meam conspice.*

Tanto martyrio, ó Deos! deve mover-te;
E como assim retardas teu soccorro?
Não dilates o auxilio; vibra o golpe,
Acaba o meu tormento.

(21) *Erue a framea, Deus, animam meam, et de manu canis unicam meam.*

Basta; desnuda a espada; se não posso
De outro modo applacar justiça eterna,
Co' a morte me resgata destes monstros,
Das garras destas feras.

(22) *Salva me ex ore leonis, et a cornibus unicornium humilitatem meam.*

Cresce nelles o orgulho; cães sedentos
Com horridos latidos me atordoam,
Como leões bramindo me ameaçam;
Salva-me de taes furias.

Minha alma consternada já não póde
Supportar tanta affronta, dores tantas.
Salva-me... basta... rompe o fragil fio
Que a vida me prolonga.

(23) *Narrabo nomen tuum fratribus meis: in medio ecclesiæ laudabo te.*

Na morte vencedor, a tua gloria
Então hei de narrar aos mais viventes;
No concurso dos povos triumphante
Louvarei teus prodigios.

Vós que temeis a Deos, prole sublime,
Progenie de Jacob, (direi contente)
Formai hymnos que os Ceos e a terra alegrem,
Glorificai o Excelso.

(24) *Qui timetis Dominum, laudate eum: universum semen Jacob glorificate eum.*

Tema todo o Israel os seus juizos;
Reconheça que assim como castiga,
Tambem acolhe supplicas humildes,
Não despreza as dos pobres.

(25) *Timeat eum omne semen Israel: quoniam non sprevit, neque despexit deprecationem pauperis.*

Não desviou de mim a face augusta,
Enterneceo-se ouvindo meus clamores;
Compassivo acodio-me no perigo,
Na mais acerba lutta.

(26) *Nec avertit faciem suam a me: et cum clamarem ad eum, exaudivit me.*

Na grande aggregação de povo immenso
Serei das tuas graças testemunha;
Completo o sacrificio promettido
A redempção se cumpre.

(27) *Apud te laus mea in ecclesia magna: vota mea reddam in conspectu timentium eum.*

Os famintos virão sentar-se á mesa
Que prodigo lhe apresto; satisfeitos
C'o manjar que os vigora eternamente,
Escaparão da morte.

(28) *Edent pauperes, et saturabuntur, et laudabunt Dominum, qui requirunt eum, vivent corda eorum in sæculum sæculi.*

D'incognito hemispherio venham povos
Attrahidos dos bens que distribuo;
Venham, venham dos términos da terra
Abençoar teu nome.

(29) *Reminiscentur, et convertentur ad Dominum universi fines terræ.*

Acertem o caminho que perderam,
E aprendam dos fieis suaves cantos,
Que unisonos repitam fervorosos,
Ardendo em santo fogo.

(30) *Et adorabunt in conspectu ejus universæ familiæ gentium.*

Sim, já vejo submissos, reverentes,
Na presença de Deos virem prostrar-se
Os Potentados barbaros, a terra
Resaltar resgatada.

(31) *Quoniam Domini est regnum: et ipse dominabitur gentium.*

Convem que Deos, a quem tudo pertence,
Reine sobre o universo, e a luz celeste
De todo apague as ténebras dos erros,
Deos e a Verdade vençam.

(32) *Manducaverunt, et adoraverunt omnes pingues terræ, in conspectu ejus cadent omnes, qui descendunt in terram.*

Comerão com delicia o pão celeste
Os ricos e opulentos convertidos;
Nem haverá grandeza que não caia
Perante um Deos tão grande.

(33) *Et anima mea illi vivet: et semen meum serviet ipsi.*

Oh ventura! Em seu seio eternamente,
Acima das espheras, das essencias,
Dias ditosos, seculos de gloria
Hei de passar sem termo.

(34) *Annuntiabitur Domino generatio ventura: et annunciabunt cæli justitiam ejus populo, qui nascetur, quem fecit Dominus.*

Entretanto meus filhos cá no mundo
A adorá-lo e servi-lo as horas passem,
A lei justa, os prodigios transmittindo
Ás gerações futuras.

Gentes diversas nos paizes varios,
Illustrados fieis, agradecidos,
Nas vindouras idades manifesta
A gloria de Deos façam.

PSALMO XXII.

A Poesia é de David.

Psalmus David.

Tu me guias, meu Deos! De que abundancia
Gozo neste fertil prado,
Cheio de fructos, flores, e fragrancia!
Tu me levas com meu gado
Junto do fresco e placido remanso,
E chego ao patrio chão do meu descanço.

(1) *Dominus regit me, et nihil mihi deerit: in loco pascuæ ibi me collocavit.*

(2) *Super aquam refectionis educavit me: animam meam convertit.*

Lá no sitio ditoso onde domina
A justiça, o prazêr, a paz divina,
Comtigo vou contente:
Por grutas, por caminhos tenebrosos,
Por entre valles, montes pavorosos,
Sossôbro algum comtigo o peito sente:
Quando da morte as sombras me cercarem
Nem assim temerei,
Pois sempre a par de mim te encontrarei.

(3) *Deduxit me super semitas justitiæ propter nomen suum.*

(4) *Nam, et si ambulavero in medio umbræ mortis, non timebo mala: quoniam tu mecum es.*

Este cajado teu, que tu me déste,
Meus vacillantes passos assegura;
Ao rebanho meu procura
Quantos bens me concedeste.
Que opulento manjar me preparaste!
Que lauta mesa, em frente a meus contrarios!
Como os seus projectos varios
E os meus perseguidores affastaste!...

(5) *Virga tua, et baculus tuus, ipsa me consolata sunt.*

(6) *Parasti in conspectu meo mensam adversus eos, qui tribulant me.*

Ungiste-me de aromas preciosos;
Com generosa mão, Senhor, encheste

(7) *Impinguasti in oleo caput meo: et calix meus inebrians quam præclarus est!*

A taça que a meus labios sequiosos
Com vinhos aromaticos puzeste:
Refaz-me de um novo alento,
De mil affectos me orna o pensamento!

(8) *Et misericordia tua subsequetur me omnibus diebus vitæ meæ.*

Ah meu Deos! quanto piedoso
Foste comigo até'gora!
Té minha ultima hora
Não cances de me amparar.

(9) *Ut inhabitem in domo Domini in longitudinem dierum.*

Ao magno templo que habitas
Vai meus passos conduzindo,
Vai-me as portas d'ouro abrindo,
Para alli sempre habitar.

PSALMO XXIII.

Psalmus David prima sabbati. (*)

De David.

(1) *Domini est terra, et plenitudo ejus, orbis terrarum, et universi, qui habitant in eo.*

O MUNDO é do Senhor, a Deos pertence
A plenidão das cousas existentes;
Os sêres brutos, vegetaes, viventes
Que povoam o globo,
Tudo do nada ao sêr passou de um jacto

(*) *Du Pin*, *Bossuet*, e outros doutos são de opinião que este psalmo fora escripto por David quando a arca foi transportada da casa de Obededomo para o tabernaculo de Sião. A phrase de *prima sabbati* foi um accrescentamento feito em seculos pouco felizes, já na decadencia do idioma hebraico, pois se não acha no original Hebreo, nem tão pouco os antigos homens desta nação numeravam os dias da semana com o *prima sabbati*, *secunda sabbati*, etc., como sabiamente sustenta *Martorelli de Theca Calamaria*, t. 2. p. 317, 318.
(Observação de Mattei.)

À voz de Deos: dictou com summo imperio
As leis que o mar, os rios abaixaram,
E a terra acima delles exaltaram.

(2) *Quia ipse super maria fundavit eum: et super flumina præparavit eum.*

Ah! como pasma o espirito, observando
Podêr tão grande, tantas maravilhas!
Quem seguro ousará pousar no monte
Onde em sagrado templo
O Creador reside?
Quem haverá que sem temor o veja,
E em tão sacra presença affouto esteja?

(3) *Quis ascendet in montem Domini? aut quis stabit in loco sancto ejus?*

Parece-me escutar a voz divina,
E Deos que diz: « Só puros, só clementes
Neste augusto lugar benigno acolho:
Só quem não desprezou os meus auxilios
Comigo terá parte; o que sem mancha
Trouxer um coração de dolo isento;
O que mais do que a morte
Temer fraudar a lingua com mentiras,
Ganhar credito á força d'impostura,
E trattar os amigos sem lizura. »

(4) *Innocens manibus, et mundo corde, qui non accepit in vano animam suam, nec juravit in dolo proximo suo.*

Aquelle que abrazado em vivo fogo,
Ardendo em santo amor, humilde e puro,
Offertar reverente a Deos louvores,
Esse é que ha de obter bençãos generosas:
Ditoso, resgatado
Entrará nas magnificas moradas
Que o Salvador habita;
Sitio vedado aos máos, aos delinquentes,
E preparado só para innocentes.

(5) *Hic accipiet benedictionem a Domino, et misericordiam a Deo salutari suo.*

Estes são quem Deos quer, são os que buscam

(6) *Hæc est generatio quæren-*

tium eum, quærentium faciem Dei Jacob.

Ver do Deos de Jacob a face amavel:
Os que da vida os asperos caminhos
Salvam firmes, guiados por virtudes;
Outeiros escarpados,
Abysmos insondaveis
Vencem, correndo após o bem supremo,
E á meta vão chegar no dia extremo.

Já vem fúlgida a Aurora, já se avistam
Do sacro templo os capiteis, as portas.
Abri-vos, portas eternaes, abri-vos!
Entrem c'o Rei da gloria os vencedores.
Qual Rei da gloria é este? — O Portentoso,
O Redemptor do mundo;
O Senhor que é fortissimo na guerra,
Que a morte vence, e toda a força aterra.

(7) *Attollite portas, principes, vestras, et elevamini, portæ æternales, et introibit Rex gloriæ.*

(8) *Quis est iste Rex gloriæ? Dominus fortis, et potens, Dominus potens in prælio.*

Aureos quicios, desprendei-vos,
Portas immortaes, abri-vos;
Da morte os tristes captivos
Veio remir vosso Rei.

(9) *Attollite portas, principes, vestras, et elevamini, portæ æternales, et introibit Rex gloriæ.*

Os seus prodigios o attestam,
Abri-vos, é elle, o forte,
Que domina a vida, a morte,
Que triumpha por a lei.

(10) *Quis est iste Rex gloriæ? Dominus virtutem ipse est Rex gloriæ.*

PSALMO XXIV.

Psalmo de David. (*)

In finem Psalmus David.

A TI, meu Deos, a ti sómente aspiro;
Minha alma a ti s'eleva enternecida:
Minha paz, minha vida
Do teu podêr depende, em ti descanço;
Aos teus altares corro, sem receio
Que me falte o soccorro
Que sempre dás a quem de ti confia;
Sem pejo por ti brado noite e dia.

(1) *Ad te, Domine, levavi animam meam: Deus meus, in te confido, non erubescam.*

Se zombarem os máos de meus clamores,
Cobrirão de vergonha as impias faces,
Vendo que amparas quem fiel te busca;
Que fulminas, confundes os perversos
Que dos caminhos rectos se extraviam,
Os crueis que perseguem a innocencia.
Ah Senhor! por piedade
Conserva-me os meus olhos sempre abertos
Para atinar co' a estrada dos acertos.

(2) *Neque irrideant me inimici mei: etenim universi, qui sustinent te, non confundentur.*

(3) *Confundantur omnes iniqua agentes supervacue.*

(4) *Vias tuas, Domine, demonstra mihi, et semitas tuas edoce me.*

Decora-me os dictames da lei santa
Que déste aos homens, como escudo forte:
A cumprir teus preceitos
Força-me quando afrouxo;

(5) *Dirige me in veritate tua, et doce me: quia tu es Deus, salvator meus, et te sustinui tota die.*

(*) Este é o primeiro psalmo *acrostico*, dos quaes todos os versiculos começam por uma lettra do alphabeto hebraico, conservando-se a ordem das lettras em toda a composição. No Psalterio achamos sette psalmos escriptos com tal artificio, e são o 24, 33, 35, 110, 111, 118, e 145; alem dos Trenos ou Lamentações de Jeremias. Este 24.° é elegantissimo, e sente-se por todo elle uma ternura semelhante á das elegias de Tibullo.

(Observação de Mattei.)

Refocilla-me quando desfalleço;
Fixa meu vagabundo pensamento
Nos thesouros celestes que appeteço:
Dá-me o fructo ditoso da esperança,
Premio que o justo, se trabalha, alcança.

Pois que em ti sempre esperei,
Que és meu Deos, meu Salvador,
Manifesta o teu amor,
Não me deixes perecer.
Lembre-te quanta piedade
Usaste c'os nossos paes;
Não queiras recordar mais
O que te poude offender.
Ai de mim! com que magoa inda recordo
Os erros juvenis! Minha ignorancia
As transgressões desculpe; applaque as iras
Que provocou sem tino o meu peccado,
E troque em mis'ricordia o teu enfado.

És tão recto, Senhor, como piedoso;
Ao mesmo delinquente luz deparas
Com que atraz volte, e acerte co' a vereda
Que reconduz ao já perdido ponto:
Ao manso dás a mão, ao fraco alentos;
Se o peccador humilde a ti recorre,
Se ao teu jugo submette
Contricto o collo indocil,
Providente lhe acodes, não desmaia,
O teu auxilio impede que descaia.

Quão felizes são esses que estudando
Sempre tua lei sancta, a seguem firmes!
Mis'ricordia e verdade

(6) *Reminiscere miserationum tuarum, Domine, et misericordiarum tuarum, quæ a sæculo sunt.*

(7) *Delicta juventutis meæ, et ignorantias meas ne memineris.*

(8) *Secundum misericordiam tuam memento mei tu propter bonitatem tuam, Domine.*

(9) *Dulcis, et rectus Dominus: propter hoc legem dabit delinquentibus in via.*

(10) *Diriget mansuetos in judicio: docebit mites vias suas.*

(11) *Universæ viæ Domini misericordia, et veritas requirentibus testamentum ejus, et testimonia ejus.*

É quanto encerra: se as paixões cohibe,
Premio adoça o rigor dos sacrificios;
Magnificas promessas
Cumprem-se á risca; e é sempre afortunado
Quem traz no coração, nos pensamentos
Gravados teus sagrados mandamentos.

Quantos descuidos meus, que deslembranças
Me apartaram da lei por tanto tempo!
Que illusões desgraçadas
Me fingiram na terra o bem supremo!...
Perdoa-me, Senhor! Não são pequenos,
É certo, os meus peccados:
Grande foi de meus erros a demencia;
Mas quanto maior é tua clemencia!

(12) *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo, multum est enim.*

Quem será esse humano que medite
Profundamente a lei, e que a lei cumpra?
Que, justo, o Senhor tema?
Venturoso! Achará em qualquer sorte
Luz que sempre o dirija, que lhe aponte
Entre funestos lances como acerte
Na escolha mais difficil:
Nem trabalhos, nem dias prolongados
O privarão da herança
Que o Senhor lhe destina, grandiosa,
A qual transmitta a prole numerosa.

(13) *Quis est homo, qui timet Dominum? legem statuit ei in via, quam elegit?*

(14) *Anima ejus in bonis demorabitur: et semen ejus hæreditabit terram.*

Quem teme a Deos não vacilla,
Funda-se em base segura;
Dos mysterios a luz pura
Deos lhe vem communicar.
Eu, que meus pés trago em laços,
Ponho os olhos com temor

(15) *Firmamentum est Dominus timentibus eum: et testamentum ipsius, ut manifestetur illis.*

(16) *Oculi mei semper ad Dominum: quoniam ipse evellet de laqueo pedes meos.*

Sempre fixos no Senhor,
Que me ha de vir libertar.

(17) *Respice in me, et miserere mei: quia unicus, et pauper sum ego.*

(18) *Tribulationes cordis mei multiplicatæ sunt: de necessitatibus meis erue me.*

(19) *Vide humilitatem meam, et laborem meum, et dimitte universa delicta mea.*

Olha para mim, meu Deos! Piedade!
Vê que estou pobre, só, desconsolado;
Em meu animo afflicto
Cresce a tribulação; acode, acode,
Repara tantos damnos:
Vê com que submissão accéito as penas,
Como soffro as angustias,
Cercado d'inimigos e cuidados:
Perdoa-me, Senhor, os meus peccados.

(20) *Respice inimicos meos, quoniam multiplicati sunt, et odio iniquo oderunt me.*

(21) *Custodi animam meam, et erue me: non erubescam, quoniam speravi in te.*

Dos meus inimigos perfidos
Refrêa, meu Deos, a colera;
Os que me insultam cercam-me,
E me querem devorar.
A turba iniqua
Vai-se augmentando:
Ah! quando, quando
Me vens salvar!

(22) *Innocentes, et recti adhæserunt mihi, quia sustinui te.*

(23) *Libera, Deus, Israel ex omnibus tribulationibus suis.*

Não sou eu só que te invoco;
Os rectos, os innocentes
Suas supplicas ardentes
Vem com meus votos unir.
D'Israel alegra o povo,
Inspira-nos doce canto;
Já basta de dor e pranto,
Basta já tanto sentir.

PSALMO XXV.

Psalmo de David. (*)

In finem Psalmus David.

DEFENDE-ME, ó meu Deos! pois me conheces:
Condemna-me se errei; mas tu bem sabes
Que sempre da innocencia
Cauteloso segui a norma bella;
Que em ti, sem vacillar, sempre esperava,
Mesmo quando o conforto me tardava.

(1) *Judica me, Domine, quoniam ego in innocentia mea ingressus sum: et in Domino sperans non infirmabor.*

Sonda meu coração, prova minha alma;
Accende fogo, n'um crisol apura
As minhas acções todas:
Achas em mim residuo de maldade?
Esqueci tua lei, fui descuidado?
Sou, ou não sou, meu Deos, puro, ou culpado?

(2) *Proba me, Domine, et tenta me: ure renes meos, et cor meum.*

Réo não sou; antes sempre tive em vista
Teus dictames sagrados e promessas;
Fiei-me na piedade
Com que ao misero amparas e confortas,
Com que escutas as vozes do teu povo;
E com isso cobrava alento novo.

(3) *Quoniam misericordia tua ante oculos meos est, et complacui in veritate tua.*

Jámais me quiz sentar entre os perversos;
Detesto dos idolatras os ritos;
D'hypocritas as fraudes

(4) *Non sedi cum concilio vanitatis: et cum iniqua gerentibus non introibo.*

(*) Neste psalmo pinta-se um Levita prisioneiro em Babylonia, que seguro da sua innocencia desafoga com Deos, e lhe pede que o faça ver outra vez a bella Jerusalem.

Meu peito, isento de dobrêz, não soffre;
De falsos numes o profano culto
Odêo, e me parece horrido insulto.

O fausto dos vaidosos abomino,
A par d'impios não quero ter assento:
Permitte que algum dia
Minhas mãos purifique entre innocentes;
Junto aos altares, grato a beneficios,
Compungido te offerte sacrificios.

(5) *Odivi ecclesiam malignantium: et cum impiis non sedebo.*

(6) *Lavabo inter innocentes manus meas, et circumdabo altare tuum, Domine.*

Extatico ouvirei os córos santos,
As harpas, os psalterios, os psalmistas,
Que com hymnos sublimes
Te celebram, Senhor, te glorificam.
Outr'ora os teus altares circundava,
Com teus Levitas cantos alternava.

(7) *Ut audiam vocem laudis, et enarrem universa mirabilia tua.*

Com que affectos minha alma enternecida
Adorava o decoro do teu templo!
Nesse lugar ditoso,
Divina habitação da tua gloria,
As tuas maravilhas se narravam,
Ternos, devotos todos escutavam.

(8) *Domine, dilexi decorem domus tuæ, et locum habitationis gloriæ tuæ.*

Quebra o grilhão que pésa inda em meus braços;
Que se perca minha alma entre malvados,
Meu Senhor, não consintas!
Faz-me horror o tumulto em que anda o mundo;
Temo acabar com gente sanguinaria,
Mais paz á minha vida é necessaria.

(9) *Ne perdas cum impiis, Deus, animam meam, et cum viris sanguinum vitam meam.*

Affasta de meus olhos lacrimosos
As rebeldes paixões que a terra affligem;

(10) *In quorum manibus iniquitates sunt: dextera eorum repleta est muneribus.*

Os medonhos espectros
Da audacia, da ambição, da perfidía;
Essas mãos que em maldades occupadas
Andam de venaes premios carregadas.

De turbilhão tão barbaro escapando,
Mantive o coração sempre innocente,
Docil, submisso á lei
Que insculpida em meu peito me alentava,
Sem manchar-me jámais funesto exemplo:
Torna-me, ó meu Senhor, torna-me ao templo!

(11) *Ego autem in innocentia mea ingressus sum: redime me, et miserere mei.*

Tem piedade de mim, vem resgatar-me.
Se torno a ver teu templo magestoso,
Meu Deos, com que delicia
Repetirei meus canticos antigos!
E em teu louvor, ao som dos instrumentos,
Resaltarão meus igneos pensamentos!

(12) *Pes meus stetit in directo: in ecclesiis benedicam te, Domine.*

PSALMO XXVI.

Psalmus David, antequam liniretur.

O Psalmo foi composto por David antes de ser sagrado Rei. (•)

(1) *Dominus illuminatio mea, et salus mea, quem timebo?*

(2) *Dominus protector vitæ meæ, à quo trepidabo?*

És minha luz, meu Senhor!
Minha salvação; que temo?...
Proteges a minha vida,
Para que vacillo e gemo?...

(3) *Dum appropiant super me nocentes, ut edant carnes meas:*

Quando, para devorarem
Minha carne, enfurecidos
Os máos para mim se chegam,
Deos confunde os atrevidos.

(4) *Qui tribulant me inimici mei, ipsi infirmati sunt, et ceciderunt.*

Os mesmos que me atribulam,
Os meus crueis inimigos,
Decaem, perdem as forças,
E fazem seus meus perigos.

(5) *Si consistant adversum me castra, non timebit cor meum.*

Ah! se contra mim viesse
Um exercito formado,
Nem assim mesmo temera
Meu coração vigorado.

(•) Mattei acredita que este psalmo foi composto na cova de Odolla, na qual David se achava refugiado, e onde o procuraram seu pae, sua mãe, e todos os seus *(I. dos Reis, c. 22.)*; mas elle por segurança foi obrigado a deixá-los em Masfa debaixo da protecção dos Moabitas, inimigos então do povo de Israel e de Judá, e voltar só para Odolla, donde ao depois partio por insinuação do propheta Gad, que lhe aconselhou que fosse para Judá. Como nesta occasião alguem pretendesse dissuadi-lo de fazer tal movimento, elle respondeo com este psalmo, cujo versiculo 16, que diz: *Quoniam pater meus et mater mea dereliquerunt me* — parece confirmar a opinião de Mattei.

Se contra mim se insurgisse
De repente toda a terra,
Pondo em ti minha esperança
Não receava essa guerra.

(6) *Si exsurgat adversum me prælium, in hoc ego sperabo.*

Uma só delicia anhelo,
Meus desejos nesta emprego:
Quizera passar meus dias
No Sanctuario, em socego.

(7) *Unam petii a Domino, hanc requiram, ut inhabitem in domo Domini omnibus diebus vitæ meæ.*

Quero em teu sagrado templo
Gozar de ti meditando;
Quero que puras verdades
Me vão para ti chegando.

(8) *Ut videam voluptatem Domini, et visitem templum ejus.*

Tu já no teu tabernac'lo
Nos máos dias me escondeste,
E contra forças iniquas
Benigno me protegeste.

(9) *Quoniam abscondit me in tabernaculo suo: in die malorum protexit me in abscondito tabernaculi sui.*

Sobre pedestal pomposo
Outr'ora me collocaste,
E acima de meus contrarios
A frente me levantaste.

(10) *In petra exaltavit me, et nunc exaltavit caput meum super inimicos meos.*

Se de novo me resgatas
Senhor, irei sem demora
Com solemnes sacrificios
Preceder no templo a aurora.

(11) *Circuivi, et immolavi in tabernaculo ejus hostiam vociferationis: cantabo, et psalmum dicam Domino.*

Ao som de clarins e trompas
Te cercarei de meus hymnos,
Rogando aos Anjos que os unam
Com seus concertos divinos.

(12) *Exaudi Domine vocem meam, qua clamavi ad te: miserere mei, et exaudi me.*

Ouve, Senhor, minhas vozes;
Clamo por ti, e este grito
Tua mis'ricordia attraia;
Acode, que o necessito.

(13) *Tibi dixit cor meum, exquisivit te facies mea: faciem tuam, Domine, requiram.*

Meu coração te procura,
Examina se é sincero;
Busco tua face, busco
Só a ti, a ti só quero.

(14) *Ne avertas faciem tuam a me: ne declines in ira a servo tuo.*

Não te affastes, não desvies
De mim teus olhos piedosos;
Meu cálido pranto acolhe,
E os meus votos fervorosos.

(15) *Adjutor meus esto: ne derelinquas me, neque despicias me, Deus salutaris meus.*

Sê refugio do teu servo,
Não me abandones, Senhor!
Não me desprezes, recorda
Que és meu Deos, meu Salvador.

(16) *Quoniam pater meus, et mater mea dereliquerunt me: Dominus autem assumpsit me.*

Em lastimosa orphandade
Ao desamparo fiquei;
Mas tu, Senhor, me acudiste,
Em ti todo o abrigo achei.

(17) *Legem pone mihi, Domine, in via tua: et dirige me in semitam rectam propter inimicos meos.*

Põe-me a lei ante meus olhos,
Por teus caminhos me leva:
Senhor! quando tu diriges
Que inimigo ha que se atreva?...

(18) *Ne tradideris me in animas tribulantium me: quoniam insurrexerunt in me testes iniqui, et mentita est iniquitas sibi.*

É preciso que conheçam
Que ando na recta vereda,
Que nem calumnias nem morte
De ti, meu Senhor, me arreda.

Observa os loucos projectos
Daquelles que me perseguem;
Não me abandones, meu Deos,
Pois já basta o que conseguem.

Aleives, mentiras, pragas,
Que os malevolos inventam,
Se de todo não me abatem,
Ao menos muito atormentam.

Espero, é verdade, espero
Lá na terra dos viventes
Gozar dos bens que promettes
Aos corações innocentes.

(19) *Credo videre bona Domini in terra viventium.*

Animo pois; combatamos,
Soffra-se constante a dor;
Cobre novo alento o peito,
Confiado no Senhor.

(20) *Expecta Dominum, viriliter age, et confortetur cor tuum, et sustine Dominum.*

PSALMO XXVII. (*)

Clamo por ti, meu Deos! Não ensurdeças;
Não te cales; responde:
Desfalleço, se em vão as mãos levanto
Voltado, reverente, para o templo,
E não me attendes; que tormento acerbo!

(1) *Ad te Domine clamabo: Deus meus, ne sileas a me, ne quando taceas a me, et assimilabor descendentibus in lacum.*
(2) *Exaudi, Domine, vocem deprecationis meæ, dum oro ad te: dum extollo manus meas ad templum sanctum tuum.*

(*) Este psalmo não tem titulo. Mattei é de parecer que foi escripto nos dias da perseguição de Saul, se bem que outros o referem á de Absalão, e outros ao captiveiro de Babylonia. O fallar-se no 2.° versiculo do templo, que ainda não existia em tempo de David, não obsta á conjectura de Mattei, porque no hebraico não se diz *ad templum sanctum tuum*, mas *ad oraculum sanctuarii tui*, o que póde entender-se tambem do tabernaculo.

É tempo d'escutar-me,
E as supplicas devotas despachar-me.

(3) *Ne simul trahas me cum peccatoribus: et cum operantibus iniquitatem ne perdas me.*

(4) *Qui loquuntur pacem cum proximo suo, mala autem in cordibus eorum.*

Não me confundas, não, com peccadores;
Meu Senhor! não me percas
Com quem sempre prattíca iniquidade;
Com esses que o seu proximo enganando
Melifluas palavras vão dizendo,
E no peito culpado
Mortifero veneno tem guardado.

(5) *Da illis secundum opera eorum, et secundum nequitiam adinventionum ipsorum.*

(6) *Secundum opera manuum eorum tribue illis: redde retributionem eorum ipsis.*

Corresponde a seus baixos artificios
Segundo as obras desses;
Os seus ardis confunde, pune as culpas,
No proprio enredo caiam os traidores;
Á sua custa aprendam
Que Deos só poupa aquelles que s'emendam.

(7) *Quoniam non intellexerunt opera Domini, et in opera manuum ejus destrues illos, et non ædificabis eos.*

De presumida audacia os impios cegos,
Insensatos ignoram
As obras com que o braço omnipotente
Me reserva á ventura, e me defende;
Como abate infieis, nações perversas,
E para castigá-las
Recusa eternamente restaurá-las.

(8) *Benedictus Dominus, quoniam exaudivit vocem deprecationis meæ.*

(9) *Dominus adjutor meus, et protector meus: in ipso speravit cor meum, et adjutus sum.*

Ah meu Deos! já presinto o teu soccorro:
Para sempre bemditto
Sejas, pois que benigno confirmaste
A fé que nas borrascas me animava.
Meu Redemptor, conforto de minha alma!
Co' a paz que me outorgaste
Minha esperança affavel premiaste.

Reflloreceo meu sêr; tua bondade
Dissipou minhas penas:
Já me ferve no peito ancia amorosa,
Já se aggregam brilhantes pensamentos;
Meus labios novos hymnos formar querem
Que fixem na memoria
De todos os humanos tua gloria.

(10) *Et refloruit caro mea, et ex voluntate mea confitebor ei.*

Lançarei mão da lyra, e aos Ceos attentos
Em verso sonoroso
Direi prodigios com que o orbe assombras;
Direi que és fortaleza do teu povo,
Que tu só é quem salvas, quem proteges
Aquelle que escolheste,
E abençoas o sceptro que lhe déste.

(11) *Dominus, fortitudo plebis suæ, et protector salvationum Christi sui est.*

Salva tambem, Senhor! salva os teus povos;
Dirige-os nas emprezas,
Seus animos levanta, afraca os braços
Dos feros inimigos que os combatem;
Exalta-os com tropheos de Vencedores,
Para eterna lembrança
Segura-lhes, Senhor, a tua herança.

(12) *Salvum fac populum tuum, Domine, et benedic hæreditati tuæ: et rege eos, et extolle illos usque in æternum.*

PSALMO XXVIII.

Psalmo de David por occasião de uma borrasca, depois de acabado o tabernaculo.

Psalmus David in consummatione tabernaculi.

Justos! com animos puros
Trazei victimas decentes,
Cordeirinhos innocentes

(1) *Afferte Domino, filii Dei: afferte Domino filios arietum.*

Offertai-os ao Senhor.
  Apressai-vos; honra e gloria
Dai a seu nome adorado;
Daqui do atrio sagrado
Soe ao longe o seu louvor.

(2) *Afferte Domino gloriam, et honorem, afferte Domino gloriam nomini ejus, adorate Dominum in atrio sancto ejus.*

Tolda-se o ar, ruge o vento,
Já densas nuvens fusilam,
Sulphureos fogos scintillam,
Vai-se encapellando o mar:
  Tudo colera denota
Da parte de Deos irado;
Depressa, o nosso peccado
Cuidemos pois d'expiar.

(3) *Vox Domini super aquas, Deus majestatis intonuit; Dominus super aquas multas.*

Applacai-o; já se escuta
A sua voz trovejando,
Co' as aguas vai começando
A tempestade a romper:
  Com que magestade e imperio
A voz do Senhor assusta!
A sua vingança é justa,
Os humanos faz tremer.

(4) *Vox Domini in virtute: vox Domini in magnificentia.*

Se alça a voz, gréta-se a terra,
Exhalam chammas os montes,
Fervem as aguas nas fontes,
Furioso ronca o mar:
  Desarreiga os altos cedros
Esta voz, que tudo atroa;
O Libano despovoa,
Faz as rochas estalar.

(5) *Vox Domini confringentis cedros: et confringet Dominus cedros Libani.*

Com que voz o Rei dos astros

(6) *Et comminuet eas, tam-*

O seu furor nos declara!
Como o mortal desampara
Quando a culpa o vem manchar!
   Commove o Libano, o Hermonte;
As pedras soltas, quebradas,
Vão, quaes dispersas manadas,
Vão pelo valle a saltar.

quam vitulum Libani, et dilectus quemadmodum filius unicornium.

Assombrado pelos raios,
Parecem-me os seixos rêzes;
Figuram-se-me outras vezes
Os animaes a pastar:
   De Deos á voz furibunda
Todo o mortal desfallece;
O coração lh' estremece,
E cança de palpitar.

(7) *Vox Domini intercidentis flammam ignis, vox Domini concutientis desertum: et commovebit Dominus desertum Cades.*

Ai de nós! o vento ruge;
De novo uma nuve' espessa
A ameaçar-nos começa,
Lança coriscos o Ceo:
   Tudo em chammas se consome,
De Cades arde o deserto;
O nosso destroço é certo,
O fogo do ar desceo.

Onde, ó retiradas grutas,
Ás corças dareis abrigo,
Se intimidadas do p'rigo
Vão de susto perecer?
   Sem ramada que as defenda,
Do difficil seio expulso
De medo o fructo convulso
Vem á luz apparecer.

(8) *Vox Domini præparantis cervos, et revelabit condensa: et in templo ejus omnes dicent gloriam.*

Contrictos corramos todos
Ao templo pedir piedade;
O estrondo da tempestade
Já commove o peccador.
  Circundai o Sanctuario,
Invocai a Deos contrictos;
Ouça o Senhor nossos gritos,
E suspenda o seu rigor.

(9) *Dominus diluvium inhabitare facit, et sedebit Dominus Rex in æternum.*

Já de listões, de capellas
Os altares circundemos,
Novos canticos soltemos
Para exaltar o Senhor:
  Em seu throno sobre os astros
Senta-se, e os sêres domina;
Reprime co' a mão divina
Dos aquilões o furor.

(10) *Dominus virtutem populo suo dabit: Dominus benedicet populo suo in pace.*

A nevoa, a saraiva, os euros
Cedem promptos a seu mando;
Vamos seu podêr cantando,
Não cessemos de o louvar.
  Já suas iras cessaram...
Já nos dá forças e alentos;
Applacou nossos tormentos,
Graças lhe devemos dar.

PSALMO XXIX.

O psalmo é de David, e foi composto na dedicação do Altar (*).

Psalmus, in dedicatione domus, David.

Sempre te exaltarei, Senhor piedoso,
Que me arrancaste ás mãos dos inimigos;
Seus projectos antigos
Contra mim, estragaste; e não consentes
Que por ver-me soffrer fiquem contentes.

(1) *Exaltabo te, Domine, quoniam suscepisti me: nec delectasti inimicos meos super me.*

Senhor! meu Deos! chamei-te, e respondeste
A meus clamores; logo me saraste;
Minha alma alliviaste
Das trevas infernaes que me cercavam,
Da corrupção dos máos que m'insultavam.

(2) *Domine, Deus meus, clamavi ad te, et sanasti me.*

(3) *Domine deduxisti ab inferno animam meam: salvasti me à descendentibus in lacum.*

Justos! desfechai os córos,
Cantai comigo o Senhor;
Dos fructos do seu amor
Ditosos participais.
Se nos afflige irritado,
Nos consola promptamente
Se se applaca, e dá clemente
Ouvidos a nossos ais.

(4) *Psallite Domino, sancti ejus: et confitemini memoriæ sanctitatis ejus.*

(5) *Quoniam ira in indignatione ejus, et vita in voluntate ejus.*

(*) Por intimação do propheta Gad, erigio David depois da peste um altar a Deos na eira de Ornan Jebuseo, como refere o auctor dos Paralipomenos *cap.* 21, e o liv. 2.° *dos Reis cap.* 24. Naquella occasião escreveo elle este psalmo, agradecendo ao Senhor ó tê-lo salvado da morte no commum flagello, e assim deve interpretar-se o titulo *in dedicatione domus David*, que se lê na vulgata; visto que, segundo a hebraica syntaxe, o *David* não se une a *domus*, mas a *psalmus*; e *domus* sabe-se que tambem se usa no sentido de um lugar consagrado a Deos.

(Observação de Mattei.)

(6) *Ad vesperum demorabitur fletus: et ad matutinum lætitia.*

Não dura muito a colera divina,
Nem sempre a nossos erros corresponde;
Se quando o Sol s'esconde
Em lucto e dor nos deixa atribulados,
A manhã nos acorda consolados.

(7) *Ego autem dixi in abundantia mea: non movebor in æternum.*

(8) *Domine, in voluntate tua præstitisti decori meo virtutem.*

Neste estado feliz julguei-me isento
Já de tribulações e de amarguras:
« Longe das desventuras,
Apartado de linguas aggressoras,
Verei feliz correr serenas horas. »

(9) *Avertisti faciem tuam a me: et factus sum conturbatus.*

Mas ah, Senhor! tu retiras
De repente o teu semblante!...
Como a esperança inconstante
Cruelmente me enganou!
Volta-me tua face amavel,
Pois logo que me fugiste
Cessei de ser qual me viste,
Minha alegria acabou.

(10) *Ad te, Domine, clamabo, et ad Deum deprecabor.*

(11) *Quæ utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem?*

Devora-me a saudade mais acerba;
Torna, torna, meu Deos, a consolar-me!
Se chegar a matar-me
Esta violenta dor que rasga o peito,
Tirará tua gloria algum proveito?

(12) *Numquid confitebitur tibi pulvis, aut annuntiabit veritatem tuam?*

Na mudez do sepulchro, em pó tornado,
Que direi? Que louvores posso dar-te?
Como póde cantar-te
Teu servo, entregue a vermes tragadores,
Da substancia que tenho corruptores?

(13) *Audivit Dominus, et mi-*

Ah meu Deos! Mas que vejo?... Enternecido

Já m'escutas? restauras-me a alegria?...
Torna a raiar o dia
Em que vens applacado em meu soccorro:
A doce lyra empolgo, e já não morro!

servus est mei: Dominus factus est adjutor meus.

Converteste-me em gosto pranto amargo,
Em gala o triste lucto me trocaste;
Benigno me cercaste
De nova paz, reanimador alento;
Accendeste-me em fogo o pensamento.

(14) *Convertisti planctum meum in gaudium mihi: conscidisti saccum meum, et circumdedisti me lætitia.*

Não te largo, amada lyra;
Cantarei logo que aponte
Lustroso o Sol no horizonte,
E quando a noite cahir.
Celebrarei com ternura
Do Senhor o nome santo:
Ah! possa altivo meu canto
Até aos astros subir!

(15) *Ut cantet tibi gloria mea, et non compungar: Domine Deus meus, in æternum confitebor tibi.*

PSALMO XXX.

A musica e as palavras são de David. (*)

In finem Psalmus David pro extasi.

Em ti, meu Deos, espero, em ti confio:
Immutavel e firme na esperança,
A minha alma descança:

(1) *In te, Domine, speravi, non confundar in æternum: in justitia tua libera me.*

(*) Este psalmo foi escripto por David ao retirar-se da corte de Saul, onde se machinava contra a sua vida. O titulo *pro extasi*, que se lê na Vulgata, não está no Hebreo nem nos mais correctos codigos dos Settenta; e parece que foi introduzido por algum glosador, pelo motivo de dizer o versiculo 28.º: *Ego autem dixi in excessu mentis meæ.*

Não a confundas, não, se a muito aspira;
Justo liberta a quem por ti suspira.

(2) *Inclina ad me aurem tuam: accelera, ut eruas me.*

Escuta-me, Senhor! a ti recorro:
Sollícito me acode, me resgata
De uma cohorte ingrata:
Abriga-me em teu templo sacrosanto,
Applaca o meu temor, sécca meu pranto.

(3) *Esto mihi in Deum protectorem, et in domum refugii, ut salvum me facias.*

(4) *Quoniam fortitudo mea, et refugium meum es tu: et propter nomen tuum deduces me, et enutries me.*

Em doce asylo, junto a ti seguro,
Como em bronzeo castello, inda mais forte,
Zombarei té da morte:
Por onde quer que vá terei alento,
Tu serás minha guia, meu sustento.

(5) *Educes me de laqueo hoc, quem absconderunt mihi; quoniam tu es protector meus.*

Os enganosos laços que me tecem
Inimigos crueis e despiedados
Por ti sejam quebrados;
Pois és meu Protector, vinga os insultos
Que me fazem com dolos vis e occultos.

(6) *In manus tuas commendo spiritum meum: redemisti me, Domine Deus veritatis.*

Em tuas mãos entrego a minha vida;
Sei que já me remiste, me amparaste,
Que a meu favor mostraste
Quão potente e fiel era o teu braço,
Como em breve desatas qualquer laço.

(7) *Odisti observantes vanitates supervacue.*

Vè, meu Senhor, que os impios que me offendem
Tambem nos ritos seus supersticiosos,
Contra ti revoltosos,
De ti se affastam; das paixões captivos
Só nas vaidades acham attractivos.

(8) *Ego autem in Domino spe-*

Eu com delicia em ti puz a esperança;

Presenti quanta gloria me daria,
Quanta paz e alegria
Meu coração provara, se sómente
Confiasse no braço omnipotente.

ravi: exultabo, et lætabor in misericordia tua.

Logo a prova alcancei do que pensava:
Observaste, Senhor, minha humildade,
E viste com piedade
Da minha magoa o doloróso effeito;
Entornastes o allivio no meu peito.

(9) *Quoniam respexisti humilitatem meam: salvasti de necessitatibus animam meam.*

Subtrahindo-me ás mãos dos inimigos,
Os ferros que me punham sobpesando,
Me foste encaminhando
A lugar deleitoso e dilatado:
Ficou dos máos o intento vil frustrado.

(10) *Nec conclusisti me in manibus inimici: statuisti in loco spatioso pedes meos.*

Mas agora, Senhor, torno a invocar-te;
Torna a tropa dos impios a affligir-me:
Tentaram opprimir-me
Em vão outr'ora; e dessas mãos traidoras
Me livraram as tuas, protectoras.

Tem piedade de mim, que gemo e choro;
De afflicção me estremecem as entranhas:
Vago por estas brenhas,
De colera e de dor tão cego e irado,
Que do risco em que estou perco o cuidado.

(11) *Miserere mei, Domine, quoniam tribulor: conturbatus est in ira oculus meus, anima mea, et venter meus.*

Da minha vida a força a magoa abate;
Talvez acabe triste, qual vivia,
Immerso na agonia
Que murchou de meus dias a frescura,
Que ensopou os meus annos na amargura.

(12) *Quoniam defecit in dolore vita mea, et anni mei in gemitibus.*

(13) *Infirmata est in paupertate virtus mea: et ossa mea conturbata sunt.*

Já não rege o vigor meus fracos membros,
Meus ossos, de terrores conturbados,
Sinto despedaçados
Co' a pavorosa idéa de que vivo
Para ser d'injustiças o motivo.

(14) *Super omnes inimicos meos factus sum opprobrium, et vicinis meis valde, et timor notis meis.*
(15) *Qui videbant me, foras fugerunt a me, oblivioni datus sum tamquam mortuus a corde.*

Olham-me como opprobrio meus contrarios,
Com magoa os meus, com susto meus visinhos;
Evitam meus caminhos
Os que me avistam; como se eu morresse,
Cada qual, sem amor, de mim s'esquece.

(16) *Factus sum, tamquam vas perditum: quoniam audivi vituperationem multorum commorantium in circuitu.*

Em seu coração perfido então dizem:
«Qual morto seja entregue ao esquecimento.»
Dobram o meu tormento,
Trattam-me como um vaso já quebrado,
Exposto a ser no lôdo repisado.

(17) *In eo dum convenirent simul adversum me: accipere animam meam consiliati sunt.*

Ouço com pasmo as vozes que me insultam,
Que a fabula me tornam da cidade:
Vão com atrocidade
As intrigas a altura tão subida,
Que em risco poem a minha propria vida.

(18) *Ego autem in te speravi, Domine: dixi: Deus meus es tu, in manibus tuis sortes meæ.*
(19) *Eripe me de manu inimicorum meorum, et a persequentibus me.*

Que mais querem de mim?... Senhor! socorro!
Nas tuas mãos entrego a minha sorte;
És o meu Deos; da morte
Me has de livrar; das mãos desses traidores,
Dos enredos dos meus perseguidores.

(20) *Illumina faciem tuam super servum tuum: salvum me fac in misericordia tua: Domine, non confundar, quoniam invocavi te.*

Resplandeça o clarão da tua face
Sobre este servo teu, triste e affligido;
Acode condoído,

Com vasta mis'ricordia, a quem te invoca;
Ouve o clamor que solta a minha bocca.

E pois que te invoquei, não me confundas;
Confunde os impios só; podêr sûperno
Lhes patentêe o inferno:
A divina justiça reconheçam,
Seus labios enganosos emmudeçam.

(21) *Erubescant impii, et deducantur in infernum, muta fiant labia dolosa.*

Esses labios perversos, que fallavam
Contra a innocencia tantas falsidades,
Vejam hoje as verdades,
Que com suberba e dolo supprimiam,
Triumphando a favor dos que gemiam.

(22) *Quæ loquuntur adversus justum iniquitatem in superbia, et in abusione.*

Seja qual for a sorte dos perversos,
Que delicias incognitas e raras
Aos justos não preparas!
Como ao teu servo, ó Deos! com que doçura
Lhe compensas os dias de amargura!

(23) *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ, Domine, quam abscondisti timentibus te!*

Entre os mais fortes lances e desgostos,
Aos que esperam em ti luzes despedes,
Com que paz lhes concedes;
Mesmo á vista dos máos, que envergonhados
Revolvem na lembrança seus peccados.

(24) *Perfecisti eis, qui sperant in te, in conspectu filiorum hominum.*

Vão unir-se comtigo os bons que gemem,
Tu os abrigas no teu seio amavel;
Com prazêr ineffavel
Gozam deste ditoso e doce abrigo,
Isentos dos assaltos do inimigo.

(25) *Abscondes eos in abscondito faciei tuæ, à conturbatione hominum.*

Nesse teu tabernaculo suave,

(26) *Proteges eos in tabernaculo*

tuo, à contradictione linguarum.

Da contradicção longe e de cuidados,
Não recordam malvados;
Desprezam suas linguas viperinas,
Embebidos em cousas só divinas.

(27) *Benedictus Dominus, quoniam mirificavit misericordiam suam mihi in civitate munita.*

Hoje, bemditto sejas! nestas selvas,
Neste quieto asylo que me déste
Seguro me puzeste;
Farto de paz, de bens que não mereço,
A tua misericordia reconheço.

(28) *Ego autem dixi in excessu mentis meæ: projectus sum a facie oculorum tuorum.*

Vim cheio de afflicção, vim sepultar-me,
Cercado de martyrios, delirante;
Cuidei que fulminante
Nem sequer para mim, Senhor, olhavas,
E longe do teu gremio me expulsavas.

(29) *Ideo exaudisti vocem orationis meæ, dum clamarem ad te.*

Oh delirio! Este susto dissipou-se
Logo que te invoquei, logo me olhaste,
Os meus ais escutaste;
E apenas minhas preces te cercaram,
Os meus temores subito cessaram.

(30) *Diligite Dominum omnes sancti ejus, quoniam veritatem requiret Dominus, et retribuet abundanter facientibus superbiam.*

Accendidos em chammas de ternura,
Amai todos a Deos, de amor tão digno!
Vede como benigno
Só vos pede verdade, e só castiga
As obras da suberba, e vil intriga.

(31) *Viriliter agite, et confortetur cor vestrum, omnes, qui speratis in Domino.*

Animo pois! de alento novo exulte
Em vosso peito o coração valente;
Pois no Senhor clemente
Se funda uma esperança tão segura,
Que vos responde d'immortal ventura.

PSALMO XXXI.

(II. DOS PENITENCIAES.)

Canção de David. (*)

Ipsi David intellectus.

FELIZ de quem as culpas perdoadas,
E as iniquas acções no olvido eterno
Tem, por Deos compassivo, acobertadas!

(1) *Beati quorum remissæ sunt iniquitates, et quorum tecta sunt peccata.*

Feliz o que sincero e arrependido
Mereceo que o Senhor não lhe imputasse
Os peccados que tinha comettido!

(2) *Beatus vir cui non imputavit Dominus peccatum, nec est in spiritu ejus dolus.*

Tardei, muito tardei a arrepender-me!
Calei-me e suspirava, não cessando
O remorso pungente de roer-me.

(3) *Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea, dum clamarem tota die.*

Desfalleci de pena, e mal contricto
Dessecava-me o susto, desmaiava,
Dia e noite encarando o meu delicto.

(4) *Quoniam die, ac nocte gravata est super me manus tua: conversus sum in ærumna mea, dum configitur spina.*

A tua mão severa noite e dia
Aggravava esta dor, e eu, como arbusto
Ao qual falta o calor do sol, morria.

Tarde em fim declarei-te meu delicto;
Nada escondi, mostrei minha injustiça:
Teu perdão, consternado, sollicito.

(5) *Delictum meum cognitum tibi feci, et injustitiam meam non abscondi.*

(*) Este bello psalmo foi composto por David quando este foi restituido á graça do Senhor, depois de conhecer e confessar o seu peccado, em virtude da reprehensão do propheta Nathan.

(6) *Dixi: confitebor adversum me injustitiam meam Domino, et tu remisisti impietatem peccati mei.*

Disse — Senhor, pequei — e tu me ouvistes;
Confessei contra mim minha maldade,
Tu piedoso a meu pranto não resistes.

(7) *Pro hac orabit ad te omnis sanctus in tempore opportuno.*

Os justos, que me veem arrependido,
E te observam, Senhor, menos irado,
Teem para mim perdão tambem pedido.

(8) *Verumtamen in diluvio aquarum multarum ad eum non approximabunt.*

Humildes preces fazem por livrar-me
Da alluvião das aguas tragadoras
Onde meus erros iam abysmar-me.

(9) *Tu es refugium meum à tribulatione, quæ circumdedit me: exultatio mea, erue me à circumdantibus me.*

Tu és o meu refugio, tu reparas
Que nas tribulações m'envolvo e gemo,
Para alentar-me auxilios me deparas.

Salvo então, da harpa as cordas afinando,
A tua gloria canto e teus louvores,
E meus hymnos tu mesmo vais dictando.

(10) *Intellectum tibi dabo, et instruam te in via hac, qua gradieris, firmabo super te oculos meos.*

Dizes-me: « Eu te darei intelligencia,
Eu te abrirei caminho recto e santo,
Confirmarei teus passos na innocencia.

« Liberto irás teus cantos proseguindo;
Os meus olhos attentos em ti fixo,
E com celeste amor te irei ouvindo.

(11) *Nolite fieri sicut equus, et mulus, quibus non est intellectus.*

« Mas da razão não fujas, qual sem tino
Indomito corcel que recalcitra,
Animal que em vão quer domar ensino. »

(12) *In camo et freno maxillas eorum constringe, qui non approximant ad te.*

Pois quanto mais os impios se embravecem,
Mais lhes constrange as fauces duro freio
Com que os suspende o Deos que desconhecem.

Mil flagellos perseguem peccadores,
Que de justa vingança procedidos
São de penas eternas precursores.

(13) *Multa flagella peccatoris: sperantem autem in Domino, misericordia circumdabit.*

Nas azas da esperança equilibrados,
Os justos no Senhor a vista empregam,
E são de mis'ricordia rodeados.

Alegrai-vos em Deos, justos ditosos!
E gozai das delicias que elle outorga
Aos rectos corações, aos virtuosos.

(14) *Lætamini in Domino, et exultate justi, et gloriamini omnes recti corde.*

PSALMO XXXII.

Psalmo de David. (*)

Psalmus David.

ENTOAI cantico alegre,
Justos, louvai o Senhor:
Convem aos animos rectos
Entoar o seu louvor.

(1) *Exultate justi in Domino: rectos decet collaudatio.*

Desenvolva um canto novo
D'harmonia alto mysterio;
Forme suave concerto
A voz, a lyra, o psalterio.

(2) *Confitemini Domino in cithara: in psalterio decem chordarum psallite illi.*

(*) Ignora-se em que occasião compoz David este nobilissimo psalmo, que em poucos versos encerra bellos e sublimes pensamentos, com um estilo assás magnifico e verdadeiramente Pindarico. Do versiculo 16.° conjecturam alguns que fosse escripto depois da victoria ganhada aos Philisteos, morto por Abisai o gigante Jesbibenob, irmão de Goliath, que já tinha assaltado David com muita esperança de supplantá-lo. No hebreo não se lhe acha titulo.

(3) *Cantate ei canticum novum: bene psallite ei in vociferatione.*

Aggreguem-se dos boazes
Sem estrondo os sons pomposos;
Formem novas consonancias
Os accordes maviosos.

(4) *Quoniam rectum est verbum Domini, et omnia opera ejus in fide.*

Quanto Deos pensou e disse,
Fixando o nosso destino,
Tudo foi acerto estavel,
Tudo foi recto e divino.

(5) *Diligit misericordiam et judicium: misericordia Domini plena est terra.*

Se ama severo a justiça,
Sua mis'ricordia immensa
O rigor della tempera,
E com graças a compensa.

Destes notaveis prodigios
Se acha toda a terra chêa;
Se irado solta os flagellos,
Logo piedoso os refrêa.

(6) *Verbo Domini cœli firmati sunt: et spiritu oris ejus omnis virtus eorum.*

Que excelso podêr é este
Que creou d'um sopro o Ceo?
E que os astros luminosos
C'o mesmo sopro accendeo?

(7) *Congregans sicut in utre aquas maris, ponens in thesauris abyssos.*

As aguas tumultuosas
Saem do seu thesouro immenso;
As ondas, o mar bravio
Encerra n'um vaso extenso.

(8) *Timeat Dominum omnis terra, ab eo autem commoveantur omnes inhabitantes orbem.*

Tema pois todo o vivente
Que é da terra habitador
Aquelle que tudo move,
Que é dos Senhores Senhor;

Que diz: «Faça-se» e apparecem
As essencias ordenadas;
Manda, e sem tardar existem
Todas as cousas creadas.

(9) *Quoniam ipse dixit, et facta sunt: ipse mandavit, et creata sunt.*

Em vão calculam os sabios,
A gente em vão se anticipa;
Se Deos o plano reprova
O projecto se dissipa.

(10) *Dominus dissipat consilia gentium, reprobat autem cogitationes populorum, et reprobat consilia principium.*

Dos que reinam com imperio
O podêr se desvanece;
Só o que Deos determina
Para sempre permanece.

(11) *Consilium autem Domini in æternum manet: cogitationes cordis ejus in generatione et generationem.*

Vão-se os dias succedendo,
Os seculos enrolando;
Muitas gerações acabam,
E o que Deos quer vai durando.

Feliz quem escapa ao erro,
E adora o Deos verdadeiro!
Feliz esse que entre os povos
Deos escolheo para herdeiro!

(12) *Beata gens cujus est Dominus Deus ejus: populus, quem elegit in hæreditatem sibi.*

Do seu firme solio observa
Os habitantes do mundo;
Tudo vê, explora n'alma
O arcano mais profundo.

(13) *De cœlo respexit Dominus: vidit omnes filios hominum.*
(14) *De præparato habitaculo suo respexit super omnes, qui habitant terram.*

Creador dos sêres todos,
Um por um olha, examina;
Tudo fica manifesto
Á intelligencia divina.

(15) *Qui finxit sigillatim corda eorum, qui intelligit omnia opera eorum.*

Não servem aos Reis as forças,
Os exercitos possantes;
Nem no renhido combate
A robustez aos gigantes.

(16) *Non salvatur Rex per multam virtutem: et gigas non salvabitur in multitudine virtutis suæ.*

Quando Deos não envigora
No campo o forte guerreiro,
O veloz cavallo falha
Ao mais destro cavalleiro.

(17) *Fallax equus ad salutem: in abundantia autem virtutis suæ non salvabitur.*

Em vão se defende e lutta,
Em vão desafia a sorte;
O Senhor omnipotente
É quem dá vida e dá morte.

Lá do Ceo lança os seus olhos
Sobre todos os que o temem;
Soccorre quem nelle espera,
Benigno acode aos que gemem.

(18) *Ecce oculi Domini super metuentes eum: et in eis qui sperant in misericordia ejus.*

(19) *Ut eruat a morte animas eorum, et alat eos in fame.*

Fonte de pura alegria,
Que as nossas almas alentas!
Só tu, Protector divino,
Nossos males afugentas!

(20) *Anima nostra sustinet Dominum: quoniam adjutor, et protector noster est.*

Nossos corações, ardendo
Em fogo de amor celeste,
De ti os mais bens esperam,
Fiados nos que nos déste.

(21) *Quia in eo lætabitur cor nostrum: et in nomine sancto ejus speravimus.*

Seja a tua mis'ricordia
Sobre nós distribuida,
Qual nos promette a esperança
Nesta e n'outra melhor vida.

(22) *Fiat misericordia tua, Domine, super nos, quemadmodum speravimus in te.*

PSALMO XXXIII.

Composto por David, depois de escapar da corte del Rei Achis, onde se fingio louco.

David, cum immutavit vultum suum coram Abimelech, et dimisit eum, et abiit. (*)

Alegre, afflicto, em paz, ou perseguido,
Hei de sempre, Senhor, abençoar-te;
Grato meu coração enternecido
Meus labios abrirá para louvar-te;
O meu Deos cantarei,
Seu nome em todo o tempo exaltarei.

(1) *Benedicam Dominum in omni tempore: semper laus ejus in ore meo.*

Vinde, mansos, comigo, a Deos louvemos;
Participai do amor em que m'inflammo,
Quando unidos seu nome engrandecemos:
Sempre o Senhor me escuta, quando o chamo;
Se magoas me aterraram,
Os seus potentes braços me salvaram.

(2) *In Domino laudabitur anima mea, audiant mansueti, et lætentur.*
(3) *Magnificate Dominum mecum: et exaltemus nomen ejus in idipsum.*
(4) *Exquisivi Dominum, et exaudivit me, et ex omnibus tribulationibus meis eripuit me.*

Elevai-vos a Deos, ide sem susto,
Deos vos illustrará; nunca a peçonha
Do maldizente, aspersa sobre o justo,

(5) *Accedite ad eum, et illuminamini, et facies vestræ non confundentur.*

(*) No liv. 1.° *dos Reis* cap. 21. v. 10. e seguintes se conta que David, escapando ás insidias de Saul, se refugiou incognito na corte de Achis, Rei de Geth, onde finalmente foi reconhecido pelos cortezãos; e para livrar-se do perigo, vio-se obrigado a fingir-se louco. Daqui partindo a omisiar-se na caverna de Odolla, onde estavam todos os seus, compoz em acção de graças este psalmo, no titulo do qual se encontra na Vulgata o nome de *Abimelech*, devendo ser *Achimelech*, como se acha na Biblia de Clemente VIII., e em varios manuscriptos, segundo diz Mattei. Este ultimo nome significa *Rei Achis*, porque a palavra *melech* denota *Rei*.

Cobrirá sua face de vergonha:
Pobre, desfallecido,
Clamei por Deos, e ouvio o meu gemido.

(6) *Iste pauper clamavit, et Dominus exaudivit eum: et de omnibus tribulationibus ejus salvavit eum.*

Rasga o Ceo, e de lá brilhante desce
O seu Anjo, acudindo ao desditoso,
Em cujo peito um santo temor cresce,
Unido á fé e amor mais fervoroso;
Cerca-o de luz e o alenta,
E as tribulações todas afugenta.

(7) *Immittet Angelus Domini in circuitu timentium eum, et eripiet eos.*

Vede, provai como é delicioso
O manjar com que Deos nos alimenta;
Como é suave a lei, e o jugo honroso
De que o servo fiel jámais se isenta:
Feliz o que pondera
Esta verdade, e em Deos sómente espera!

(8) *Gustate et videte, quoniam suavis est Dominus: beatus vir qui sperat in eo.*

Justos! temei-o todos, na certeza
Que nunca falta áquelles que o temem;
Porêm os que confiam na riqueza,
Cêdo lhes falta tudo, cêdo gemem;
Cêdo o castigo chega,
E a illusão que os cegou já os não cega.

(9) *Timete Dominum omnes sancti ejus: quoniam non est inopia timentibus eum.*

(10) *Divites eguerunt, et esurierunt, inquirentes autem Dominum non minuentur omni bono.*

Vinde, filhos, ouvi-me, ide aprendendo
Este santo temor que vos ensino;
Do coração me sae' em fogo ardendo
Os dictames do Espirito Divino;
Elles abrem a estrada
Que nos conduz á patria desejada.

(11) *Venite, filii, audite me: timorem Domini docebo vos.*

Queres vida, ó mortal? E quem não quer
Dias bons, na celeste habitação?...

(12) *Quis est homo, qui vult vitam, diligit dies videre bonos?*

Cohibe, pois, excessos no dizêr,
À soltura da lingua põe grilhão;
E os teus labios sem fel
Não chegue nunca a abrir dolo cruel.

(13) *Prohibe linguam tuam à malo, et labia tua ne loquantur dolum.*

Faze o bem, e do mal põe-te distante;
Procura a paz, inquire-lhe a vereda;
Prosegue nella affouto caminhante,
Pois o Senhor seus olhos não arreda
Do justo que segue esta,
E ás suas orações ouvidos presta.

(14) *Diverte à malo, et fac bonum: inquire pacem, et persequere eam.*

(15) *Oculi Domini super justos: et aures ejus in preces eorum.*

Sua face porêm volta indignada
Para os perversos, delles extermina
Sobre a terra a memoria depravada;
C'o terrivel corisco que fulmina
A gloria lhes consome,
A opulencia lhe apaga, risca o nome.

(16) *Vultus autem Domini super facientes mala: ut perdat de terra memoriam eorum.*

Mas quando o justo o chama, escuta logo,
Cura-lhe carinhoso as suas dores,
Infunde-lhe no peito desafogo,
Delle affasta os cuidados roedores;
Chega-se ao manso, ao justo,
Do coração do humilde expulsa o susto.

(17) *Clamaverunt justi, et Dominus exaudivit eos, et ex omnibus tribulationibus eorum liberavit eos.*

(18) *Juxta est Dominus iis, qui tribulato sunt corde: et humiles spiritu salvabit.*

Por mais penas que soffra, não consente
Que em tribulações lutte largo espaço:
Assim purificado, ternamente
Toma Deos o seu servo em seu regaço;
Guarda-o Deos com cuidado,
Nem um só dos seus ossos lhe é quebrado.

(19) *Multæ tribulationes justorum, et de omnibus his liberabit eos Dominus.*

(20) *Custodit Dominus omnia ossa eorum: unum ex his non conteretur.*

Ah! quão pessima a morte é dos malvados!

(21) *Mors peccatorum pessima:*

et qui oderunt justum delinquent.

Como se enganam offendendo o justo!

(22) *Redimet Dominus animas servorum suorum, et non delinquent omnes qui sperant in eo.*

Os servos do Senhor são resgatados,
O Ceo mesmo os defende a todo o custo:
Todo o que espera alcança,
Se só põe no Senhor firme esperança.

PSALMO XXXIV.

David.

De David. (*)

(1) *Judica, Domine, nocentes me: expugna impugnantes me.*

JULGA, Senhor, aquelles que me offendem!
Combate com vigor quem me combate,
Pois minhas debeis forças os não rendem.

(2) *Apprehende arma, et scutum, et exsurge in adjutorium mihi.*

Toma as armas, embraça o teu escudo,
Surge em soccorro meu, empunha a espada,
Aos que vem contra mim fecha-lhes tudo:

(3) *Effunde frameam, et conclude adversus eos, qui persequuntur me: dic animæ meæ, salus tua ego sum.*

Põe-te entre mim e os meus perseguidores,
Corta-lhe os passos, Deos! dize á minha alma:
«Sou tua salvação, cessem as dores.»

(4) *Confundantur, et revereantur quærentes animam meam.*

Fiquem confusos, tristes, assustados
Os que buscavam já tirar-me a vida;
E voltem para traz, envergonhados.

(*) O sentido litteral deste psalmo é uma petição a Deos feita por David no meio das desgraças, das insidias, e perseguições de Saul, e mais dos seus cortezãos, que espalhavam contra elle calumnias junto do Principe, se bem que alguns se lhe mostrassem amigos; e contém uma prophecia da ruina de todos elles. O sentido espiritual, segundo a commum sentença de todos os Padres, deve adaptar-se a Jesus Christo, accusado de suppostos delictos, perseguido pelos inimigos, e atraiçoado pelos amigos.

Confunde-os, sim, meu Deos, esses que urdiram
Trama em que eu tropeçasse descuidado;
E os que a justiça sempre supprimiram.

(5) *Avertantur retrorsum, et confundantur cogitantes mihi mala.*

Desça o teu Anjo lá do firmamento,
Comprima-os, vão fugindo, qual poeira
Ante a face d'irado e rijo vento:

(6) *Fiant tamquam pulvis ante faciem venti: et Angelus Domini coarctans eos.*

Corra-lhe após o Espirito celeste,
E seja o seu caminho tenebroso,
Escorredio, mal-seguro, agreste.

(7) *Fiat via illorum tenebræ, et lubricum, et Angelus Domini persequens eos.*

Tanto merecem, sim, porque me armaram
Seus laços escondidos, que eu não via,
E sem nenhum motivo me exprobraram:

(8) *Quoniam gratis absconderunt mihi interitum laquei sui: supervacue exprobraverunt animam meam.*

Destes laços crueis que me teceram,
Sem que o vejam, tambem seus pés se prendam,
E conheçam, caindo, o que fizeram:

(9) *Veniat illi laqueus, quem ignorat, et captio quam abscondit apprehendat eum, et in laqueum cadat in ipsum.*

É justiça, meu Deos, não é vingança.
Salva de ardis minha alma, e se deleite
Na salvação que a ti só deve, e alcança.

(10) *Anima autem mea exultabit in Domino, et delectabitur super salutari suo.*

Todo o meu sêr dirá: «Quem como Deos?
Qual semelhante á mão que tudo rege,
Ferros tão fortes quebra aos servos seus?»

(11) *Omnia ossa mea dicent: Domine, quis similis tibi?*

Tu, Senhor, és quem livras o indigente
Da violencia dos fortes que o despojam,
E ao manso dos dicterios do insolente;

(12) *Eripiens inopem de manu fortiorum ejus, egenum, et pauperem a diripientibus eum.*

Dos falsarios iniquos, que lhe pedem

(13) *Surgentes testes iniqui,*

quæ ignorabam, interrogabant me.

Conta de assumptos que nem vio nem soube,
E que seus proprios bens lhe não concedem;

(14) *Retribuebant mihi mala pro bonis, sterilitatem animæ meæ.*

Dos ingratos, que o bem com mal lhe pagam,
Frustram finezas, frustram sacrificios,
E a verdade opportuna nunca indagam.

(15) *Ego autem, cum mihi molesti essent, induebar cilicio.*

Ah Senhor! que fiz contra quem me opprime?
Humilhei-me, cubri-me de cilicio,
De lucto penitente revesti-me:

(16) *Humiliabam in jejunio animam meam: et oratio mea in sinu meo convertetur.*

Lagrimas derramava copiosas;
Orações, por quem tanto me maltratta,
No meu seio giravam fervorosas.

(17) *Quasi proximum, et quasi fratrem nostrum sic complacebam: quasi lugens, et contristatus sic humiliabar.*

Como irmãos trattei sempre os inimigos;
Eram crueis, doiam-me seus erros
Mais do que me affligiam meus perigos:

(18) *Et adversum me lætati sunt: et convenerunt, congregata sunt super me flagella, et ignoravi.*

Entretanto gostosos conspiravam,
E, sem que eu percebesse seus intentos,
Flagellos contra mim multiplicavam.

(19) *Dissipati sunt, nec compuncti: tentaverunt me, subsannaverunt me subsannatione, frenduerunt super me dentibus suis.*

Finalmente, Senhor! desconcordaram;
Mas sem fechar os labios depravados,
Inconsequentes fabulas armaram:

Cobriram-me de aleives criminosos,
A paciencia em prova me puzeram,
Os seus dentes rangendo de raivosos.

(20) *Domine, quando respicies? restitue animam meam a malignitate eorum, a leonibus unicam meam.*

Olha, Senhor, e afraca a iniquidade!
Quando has de libertar minha alma afflicta
Das leoninas garras da impiedade?...

Dos justos na assembléa, em magno templo,
Te hei de ir louvar com povo numeroso,
Que seguirá contente o meu exemplo.

(21) *Confitebor tibi in ecclesia magna: in populo gravi laudabo te.*

Não é justo que os farte o que desejam;
Esses, que sem razão tanto me odêam,
Mofam de mim, sorrindo pestanejam:

(22) *Non supergaudeant mihi, qui adversantur mihi inique: qui oderunt me gratis, et annuunt oculis.*

Vejam-me esses fingidos, com espanto,
Desfazer-lhe os enredos que tramavam
Com doces phrases, crocodileo pranto.

(23) *Quoniam mihi quidem pacifice loquebantur, et in iracundia terræ loquentes, dolos cogitabant.*

Em falsos testemunhos se explanavam:
«É certo, é claro, o mal nós o sabemos»
Diziam, attestando o que inventavam.

(24) *Et dilataverunt super me os suum, dixerunt: euge, euge, viderunt oculi nostri.*

Tu, meu Deos, é que viste, e não te cales;
Não te apartes de mim em tal conflicto,
Põe diques á torrente de meus males.

(25) *Vidisti, Domine, ne sileas: Domine, ne discedas a me.*

Surge, Senhor, e lavra-me a sentença:
Meu Deos, meu defensor! na minha causa
Pôr patente a innocencia a ti pertença.

(26) *Exsurge, et intende judicio meo, Deus meus, et Dominus meus, in causam meam.*

Ficarão os perversos confundidos,
Nem mais dirão: «É claro, nós o vimos»
Suffocarão clamores fementidos.

(27) *Judica me secundum justitiam tuam, Domine Deus meus, et non supergaudeant mihi.*
(28) *Non dicant in cordibus suis: euge, euge animæ nostræ: nec dicant, devoravimus eum.*

Cubra seu rosto a confusão e o pejo,
Cesse nelles a perfida alegria
De cevar com meu pranto seu desejo:

(29) *Erubescant, et revereantur simul, qui gratulantur malis meis.*

Envolva-os a vergonha, temam dores,

(30) *Induantur confusione, et*

reverentia, qui magna loquuntur super me.

N'um timido respeito se converta
A vociferação dos falladores.

(31) *Exultent et lætentur, qui volunt justitiam meam, et dicant semper, magnificetur Dominus, qui volunt pacem servi ejus.*

Em tanto, hymnos melodicos resoem
Dos que a minha justiça te requerem;
Teu nome exaltem, cantem, abençoem:

Digam como ao seu servo deo socego.

(32) *Et lingua mea meditabitur justitiam tuam, tota die laudem tuam.*

Meditando, Senhor, tua equidade,
Minha lingua em louvar-te toda emprego:

Noite e dia irei na harpa modulando
As celestes verdades que m'inspiras,
E em extasis de amor cantos soltando.

PSALMO XXXV.

In finem puero ipsi David.

Feito e posto em musica por David servo do Senhor. (*)

(1) *Dixit injustus, ut delinquat in semetipso: non est timor Dei ante oculos ejus.*

Quando cessa no peito do malvado
O receio de Deos, sei como falla;
Como comsigo mesmo determina
Ser sempre depravado:

(2) *Quoniam dolose egit in conspectu ejus, ut inveniatur iniquitas ejus ad odium.*

Affouto abraça os erros,
Cuida que a Deos tão longe não compete
Ver, conhecer dos crimes que commette.

(*) Não se acha em versiculo algum deste psalmo cousa de particular, por onde possa conhecer-se em que occasião foi composto.

Ante a face de Deos se determina
A peccar, sem pudor e sem receio;
Sem pôr lei ás paixões, aos appetites,
A verdade abomina,
Em fraudes se deleita:
Se dorme, co' a vingança está sonhando,
E no mal que lhe apraz se vai cevando.

(3) *Verba oris ejus iniquitas, et dolus, noluit intelligere, ut bene ageret.*

(4) *Iniquitatem meditatus est in cubili suo: astitit omni viæ non bonæ, malitiam autem non odivit.*

Cuida que lá nos Ceos, meu Deos, sómente
Reside o teu podêr; que és justiceiro,
Misericordioso lá por cima
Do pavilhão luzente
Em que chammejam astros,
E tão distante vemos cá da terra;
E neste absurdo o seu juizo encerra.

(5) *Domine in cœlo misericordia tua, et veritas tua usque ad nubes.*

«Longe estão os teus raios, cá não chegam;
(Diz o impio ao Senhor) as nossas obras
São argueiros nos quaes d'immensa altura
Teus olhos não s'empregam;
Térreo sêr não t'importa:
Aos homens dás sustento, pasto ás feras,
E nem esses nem estas consideras.»

(6) *Justitia tua sicut montes Dei: judicia tua abyssus multa.*

(7) *Homines et jumenta salvabis, Domine: quemadmodum multiplicasti misericordiam tuam, Deus!*

Erro fatal! Em vão, impio, trabalhas
Por occultar de Deos a providencia:
Como, ó Senhor, as tuas mis'ricordias
Profusamente espalhas
Sobre os mortaes humildes!
Como os acolhes, cobres e defendes,
Quando as azas magnificas estendes!

(8) *Filii autem hominum in tegmine alarum tuarum sperabunt.*

Virá tempo em que fartos de venturas,
No teu palacio augusto admittidos,

(9) *Inebriabuntur ab ubertate domus tuæ, et torrente voluptatis tuæ potabis eos.*

Em torrentes de amor nos saciemos
Das delicias mais puras:
Das riquezas celestes
Gozaremos sem termo nem medida,
Junto de ti, meu Deos, fonte da vida.

Oh suave visão, prazêr celeste!
Ver dimanar de ti da vida a fonte!
Ver em ti mesmo a luz de que és origem!
Ver como esta reveste
De ardente amor os justos,
E os abraza em affectos fervorosos!
Ver o Supremo Bem!... Olhos ditosos!...

Reserva-me, Senhor, tão grande dita,
Prospéra esta esperança que me alenta;
Derrama generoso as mis'ricordias
Em quem as necessita,
Em quem te reconhece;
Faze justiça áquelles que t'imploram,
Aos rectos corações dos que te adoram.

Não consintas em tanto que atrevidos
Os suberbos me opprimam, me despojem:
Bem sei que a iniquidade não prospéra,
Não medram fementidos
Que a corrupção devora:
Caindo, levantar-se o impio não pode,
Ninguem delle tem dó, ninguem lhe acode.

(10) *Quoniam apud te est fons vitæ, et in lumine tuo videbimus lumen.*

(11) *Prætende misericordiam tuam scientibus te, et justitiam tuam his, qui recto sunt corde.*

(12) *Non veniat mihi pes superbiæ: et manus peccatoris non moveant me.*

(13) *Ibi ceciderunt, qui operantur iniquitatem: expulsi sunt, nec potuerunt stare.*

PSALMO XXXVI.

De David. (*)

David.

NÃO queiras emular os depravados,
Não te deixes arder d'inveja, vendo
Loucos felizes, máos affortunados:

Aleph.
(1) *Noli æmulari in malignantibus, neque zelaveris facientibus iniquitatem.*

Brevemente qual feno hão de seccar-se;
Qual flor que sobre o campo nasce e morre,
Dentro em pouco tambem hão de murchar-se.

(2) *Quoniam tanquam fœnum velociter arescent: et quemadmodum olera herbarum cito decident.*

Espera no Senhor, faze obras santas,
Se na terra habitar queres contente,
Se queres que prosperem gados, plantas.

Beth.
(3) *Spera in Domino, et fac bonitatem: et inhabita terram, et pasceris in divitiis ejus.*

Vive prudente, em Deos só te confia;
O que Deos quer contente teus desejos,
Terás quanto desejes, e alegria.

(4) *Delectare in Domino, et dabit tibi petitiones cordis tui.*

Não pertendas rasgar véos do futuro,
Deixa a Deos o cuidado dos successos,
O que Deos quer é sempre o mais seguro:

Gimel.
(5) *Revela Domino viam tuam, et spera in eo, et ipse faciet.*

(*) Este psalmo, no qual se expendem optimos sentimentos moraes para aquelles que se acham oppressos de tribulações, e se discorre por extenso sobre a apparente felicidade dos peccadores, parece endereçado particularmente aos miseros prisioneiros na escravidão de Babylonia, visto que tantas vezes nelle se falla da herança promettida, da posse da terra feliz, expressões que ao pé da lettra não podem deixar de entender-se referidas a Jerusalem, posto que tambem não póde negar-se que o Psalmista em mais alto sentido tivesse na mente fallar da eterna felicidade. É acrostico ou alphabetico, mas cada lettra contêm dois versiculos, compondo ambos uma estrofe.

(Mattei.)

(6) *Et educet quasi lumen justitiam tuam, et judicium tuum tamquam meridiem.*

Quanto mais a julgarem supprimida
Melhor fará raiar tua innocencia,
Qual vem do sol a luz forte expedida.

DALETH.

(7) *Subditus esto Domino, et ora eum* (•)

Queres graças? humilha-te, supplíca,
Os arcanos de Deos com fé respeita,
E o teu coração todo a Deos dedica:

Em proporção da ardencia de teus votos,
Alcançarás mercês, amplos favores
Que paguem os suspiros teus devotos.

Noli æmulari in eo, qui prosperatur in via sua, in homine faciente injustitias.

Já te disse, se vires que prospéra
O impio satisfeito dias, annos,
Não te agastes, seu fim lhe considera.

HE.

(8) *Desine ab ira, et derelinque furorem; noli æmulari, ut maligneris.*

Põe de parte o furor, suspende as iras,
Evita competir com máos, se queres
Que o Ceo te ampare, e ao Ceo sómente aspiras.

(9) *Quoniam, qui malignantur, exterminabuntur; sustinentes autem Dominum ipsi hæreditabunt terram.*

Tu gozarás da terra promettida;
Elles, qual fumo em breve dissipado,
Assim verão fugir-lhe a paz e a vida.

VAU.

(10) *Et adhuc pusillum, et non erit peccator: et quæres locum ejus, et non invenies.*

Daqui a pouco a morte tragadora
Leva o máo: — Que foi delle? onde morava? —
Não se sabe; acabou, é cinza agora.

(11) *Mansueti autem hæredita-*

Mas os mansos, que injurias supportaram,

(•) Estas palavras nas edições communs impropriamente se unem ao versiculo precedente, estragando-se a ordem alphabetica, pois aqui começa o *Daleth*, e o versiculo deve dividir-se em dois, mesmo no texto hebreo, porque é muito longo, e assim o requer a estructura poetica.

(Mattei.)

Victimas dos perversos, inda podem
As delicias gozar de que os privaram:

bunt terram, et delectabuntur in multitudine pacis.

Esses em paz, na herança appetecida,
Da infinita piedade objectos dignos,
Alcançarão a gloria merecida.

Na abundancia de paz, dias e annos,
De magoa isentos, gozarão tranquillos;
Mas que sorte ha de ser a dos tyrannos!...

Hão de, cheios de colera e de susto,
Rangendo os dentes, tremulos, convulsos
Observar com pavor ditoso o justo.

ZAIN.

(12) *Observabit peccator justum, et stridebit super eum dentibus suis.*

Deos do alto dos Ceos delles zombando,
Da inutil raiva annulla os vãos projectos,
E vai-lhe o fatal termo avisinhando.

(13) *Dominus autem irridebit eum, quoniam prospicit, quod veniet dies ejus.*

O peccador em vão desnuda a espada,
Quer ferir o innocente, o arco estende;
Porêm se Deos não quer, que alcança? nada.

CHET.

(14) *Gladium evaginaverunt peccatores, intenderunt arcum suum.*

(15) *Ut dejiciant pauperem, et inopem, ut trucident rectos corde* (•).

Em pedaços lhe estala o ferro duro,
Ou de raiva no proprio peito o crava,
Da mão lhe escapa o arco mal seguro.

(16) *Gladius eorum intret in corda ipsorum: et arcus eorum confringatur.*

Quanto mais vale o pouco que contenta
O justo, que as riquezas do malvado,
Que o não fartam por mais que as accrescenta!

TETH.

(17) *Melius est modicum justo super divitias peccatorum multas.*

(•) Este versiculo vai unido com o antecedente no Hebreo, e ambos formam um só: mas porque a traducção sahia longa, divide-se em dois na Vulgata, e parece que a estrofe é composta de tres versos.

(Mattei.)

(18) *Quoniam brachia peccatorum conterentur: confirmat autem justos Dominus.*

Pre-sente o criminoso queda infausta,
Quando o justo, que em Deos sempre confia,
Não acha a Providencia nunca exhausta.

JOD.
(19) *Novit Dominus dies immaculatorum, et hæreditas eorum in æternum erit.*

Bem conhece o Senhor que a paz interna
Aos pereciveis bens prefere o justo;
Por isso lhe destina herança eterna:

(20) *Non confundentur in tempore malo, et in diebus famis saturabuntur.*

Entretanto não deixa que opprimido
Pelo mal, bem que o vexe, permaneça,
Nem nos dias da fome exinanido.

CAPH.
(21) *Quia peccatores peribunt. Inimici vero Domini mox ut honorificati fuerint, et exaltati, deficientes, quemadmodum fumus, deficient* (*).

Tempo virá funesto em que os castigos
Choverão sobre os impios, sem que valham
Honras, cargos, podêr, fortuna, amigos.

Inimigos de Deos, abandonados,
Serão qual cêra derretida ao fogo,
Depois qual fumo leve dissipados.

LAMED.
(22) *Mutuabitur peccator, et non solvet: justus autem miseretur, et commodat.*

Para esmolar, ao sobrio é que sobeja;
O peccador nem paga nem reparte,
Se muito alcança muito mais deseja:

(23) *Quia benedicentes ei hæreditabunt terram: maledicentes autem ei disperibunt.*

Tudo consome, o proprio e o emprestado,
Com custo restitue, e por seus crimes
É nos Ceos e no mundo reprovado.

Tranquillo o justo colhe venturoso
Os fructos da virtude, cá na terra
Do Ceo espera as bençãos fervoroso.

(*) A primeira parte deste versiculo 21, *quia peccatores peribunt*, une-se ao antecedente na Vulgata; mas a ordem alphabetica demostra que pertence a este, o qual penso que no texto hebreo era antigamente dividido em dois.

(Mattei.)

O Senhor, os seus passos dirigindo,
  Aplana-lhe os caminhos escabrosos,
  Segura-o se escorrega ou vai cahindo:

MEM.
(24) *Apud Dominum gressus hominis dirigetur, et viam ejus volet.*

Se tropeça, põe Deos á parte opposta,
  Benigno, a mão piedosa que o defende,
  E o fiel, com amor, nella se encosta.

(25) *Cum ceciderit, non collidetur, quia Dominus supponit manum suam.*

Fui moço, e já sou velho; inda até'gora
  Não vi que fosse um justo abandonado,
  Nem seu filho jámais mendigo fôra:

NUN.
(26) *Junior fui, etenim senui: et non vidi justum derelictum, nec semen ejus quærens panem.*

Com opportunos dons Deos allivia
  O pobre, nem consente que lhe falte
  Para os filhos o pão de cada dia:

(27) *Tota die miseretur, et commodat, et semen illius in benedictione erit.*

Beneficios sobre elles derramando,
  Quer o Ceo que com premios merecidos
  A stirpe abençoada vá durando.

Evita o mal, prattica o bem constante,
  Se queres immortal ser e ditoso,
  Não percas descuidado um só instante.

SAMECH.
(28) *Declina à malo, et fac bonum, et inhabita in sæculum sæculi.*

Ah! não sabes que bens prepara ao justo
  O nosso Deos! delicias sempiternas,
  De que póde gozar sem risco ou susto.

(29) *Quia Dominus amat judicium, et non derelinquet sanctos suos, in æternum conservabuntur.*

Quanto acima dos bens que mais cubiça
  Cá na terra, são esses que promette
  A prattica constante da justiça!

Que tremendos porêm são os castigos

HAIN.
(30) *Injusti punientur, et semen impiorum peribit.*

(31) *Justi autem hæreditabunt terram, et inhabitabunt in sæculum sæculi super eam.*

De que zombam, talvez, os libertinos,
Sem attentar que os cercam mil perigos!

Delles se extingue a raça criminosa,
Vão morar para sempre atribulados
Na masmorra do inferno tenebrosa.

PHE.
(32) *Os justi meditabitur sapientiam, et lingua ejus loquetur judicium.*

Ama o silencio o sabio; cauto, attento
Mede as vozes, não diz senão verdade,
Qual reside em seu puro pensamento:

(33) *Lex Dei ejus in corde ipsius, et non supplantabuntur gressus ejus.*

Vai seguro, pois traz no peito impressa
A lei sagrada; risco algum não corre,
Jámais perde o caminho, nem tropeça.

ZADE.
(34) *Considerat peccator justum, et quærit mortificare eum.*

O peccador em vão lhe tende laços;
Vai por Deos dirigido, nada teme,
Esforço algum faz vacillar seus passos:

(35) *Dominus autem non derelinquet eum in manibus ejus, nec damnabit eum, cum judicabitur illi.*

Das mais perfidas mãos, forças immensas
Do Senhor o libertam; não o attingem
Mentirosas nem asperas sentenças.

COPH.
(36) *Exspecta Dominum, et custodi viam ejus, et exaltabit te, ut hæreditate capias terram: cum perierint peccatores, videbis.*

Se soffre, em tanto no Senhor espera;
Guarda a Lei, e submisso a seus decretos,
Julga breves as magoas, e as tolera.

Soffre assim; e verás como affiança
O teu Deos, exaltando-te na terra,
A posse da sublime e eterna herança.

RES.
(37) *Vidi impium superexaltatum, et elevatum sicut cedros Libani.*

Qual do Libano o cedro levantado
Já vi o peccador; chega a ruina,
E logo cae por terra desfolhado.

Passei pouco depois; não existia;
Procurei, sem o achar, o lugar delle,
Pessoa alguma o cedro conhecia.

(38) *Et transivi et ecce non erat, et quæsivi eum, et non est inventus locus ejus.*

Do pacifico a cinza affaga a sorte;
Quando preserva intacta a probidade,
Á vida corresponde sempre a morte:

SCHIN.
(39) *Custodi innocentiam, et vide æquitatem, quoniam sunt reliquiæ homini pacifico.*

A geração dos impios degradada,
Não medra, não prospéra, não florece,
Dos homens e de Deos desamparada.

(40) *Injusti autem disperibunt simul: reliquiæ impiorum interibunt.*

Justos felizes! vós, que Deos ampara,
Que nas tribulações salva e protege,
Que abundancia de bençãos vos prepara!

THAU.
(41) *Salus autem justorum a Domino, et protector eorum in tempore tribulationis.*

A generosa mão benigno estende,
Na maior amargura vos consola,
Reprime o peccador se vos offende.

(42) *Et adjuvabit eos Dominus, et liberabit eos, et eruet eos a peccatoribus, et salvabit eos, quia speraverunt in eo.*

Sereno passa a noite, passa o dia:
Que fartura de bens não gosta aquelle
Que no Senhor sómente se confia!

PSALMO XXXVII. (*)

(III. DOS PENITENCIAES.)

(1) *Domine, ne in furore tuo arguas me, neque in ira tua corripias me.*

NÃO me argúas, Senhor, em quanto irado;
Não me castigues, não, em quanto dura
Furor que te inspirei desacordado.

(2) *Quoniam sagittæ tuæ infixæ sunt mihi, et confirmasti super me manum tuam.*

Em mim as tuas frechas aguçadas
Já profundas feridas me fizeram,
Que exacerbaram tuas mãos pesadas.

(3) *Non est sanitas in carne mea a facie iræ tuæ: non est pax ossibus meis a facie peccatorum meorum.*

Em mim não ha porção que sã ficasse
Perante a tua colera; nem ossos
Que a vista de meus crimes não quebrasse.

(4) *Quoniam iniquitates meæ supergressæ sunt caput meum, et sicut onus grave gravatæ sunt super me.*

Como as ondas do mar encapelladas
Minhas iniquidades me parecem,
Sobre mim com gran' pêso accumuladas.

(5) *Putruerunt, et corruptæ sunt cicatrices meæ a facie insipientiæ meæ.*

A corrupção ganhou meu fraco peito,
As chagas de minha alma gangrenaram;
Das minhas illusões funesto effeito.

(6) *Miser factus sum, et curvatus sum usque in finem, tota die contristatus ingrediebar.*

Miseravel andei, triste, curvado,
Submergido na dor, peregrinando,
Por mil loucos vaneios enganado.

(*) Depois do peccado escreveo David este bello psalmo, em que detesta a sua culpa, memora os castigos recebidos, e pede a Deos piedade com vivissimas expressões.

Esperanças falsarias corromperam
Com devorante fogo a minha mente,
E o vigor da saude me abateram.

(7) *Quoniam lumbi mei impleti sunt illusionibus, et non est sanitas in carne mea.*

Com profunda afflicção formo rugidos;
Humilhado não sei onde me esconda,
Nem como arranque d'alma os meus gemidos.

(8) *Afflictus sum, et humiliatus sum nimis: rugiebam a gemitu cordis mei.*

Porêm tu, meu Senhor, tu bem conheces
O meu desejo todo; a ti patentes
Estão meus ais... E não me fortaleces?

(9) *Domine, ante te omne desiderium meum, et gemitus meus a te non est absconditus.*

Meu coração turbado apenas bate;
Esvae-se-me a força, perco o tino,
De meus olhos a vista se rebate.

(10) *Cor meum conturbatum est, dereliquit me virtus mea, et lumen oculorum meorum, et ipsum non est mecum.*

Nas trevas me revolvo, como um cego;
E se apercebo alguem, são os parentes
E amigos, que me fogem com despego.

(11) *Amici mei, et proximi mei, adversum me appropinquaverunt, et steterunt.*

Aquelles que julguei inseparaveis
Tambem se apartam... lá de longe observam
Indolentes, meus males innegaveis:

(12) *Et qui juxta me erant, de longe steterunt, et vim faciebant, qui quærebant animam meam.*

Alguns mesmo sem pejo se arremessam
Contra mim, ajudando os meus contrarios,
E a opprimir-me com fraudes já começam.

Outros me accusam de erros, nem sonhados;
Urdem tramas, de mil falsos delictos
Complice, auctor me chamam, depravados.

(13) *Et qui inquirebant mala mihi, locuti sunt vanitates, et dolos tota die meditabantur.*

Contra tanta calumnia, tanta injuria,

(14) *Ego autem tanquam sur-*

dus non audiebam, et sicut mutus non aperiens os suum.

Minha bócca afferrolho, calo, e deixo
A indefesa innocencia alvo da furia.

(15) *Et factus sum sicut homo non audiens, et non habens in ore suo redargutiones.* (•)

Tudo soffro; e por mais que ladre a inveja,
Não ouço nem respondo; assim parece
Que ou surdo stupido, ou qual mudo eu seja.

(16) *Quoniam in te, Domine, speravi: tu exaudies me, Domine Deus meus.*

Quero que me defendas, Deos piedoso;
De ti venha, meu Deos, todo o soccorro;
Que has de compadecer-te espero ancioso.

(17) *Quia dixi: ne quando supergaudeant mihi inimici mei, et dum commoventur pedes mei, super me magna locuti sunt.*

Já te disse, Senhor, que humilde acceito
Da tua mão castigos, se tu queres;
Quebra de contricção este meu peito.

(18) *Quoniam ego in flagella paratus sum, et dolor meus in conspectu meo semper.*

Recebo alegre os golpes com que feres;
São justos: mas é barbaro, insoffrivel,
Que inimigos assumam teus poderes:

Que me insultem, que riam cruelmente
Das minhas desventuras, e accelerem
Minha queda, que vem quasi imminente.

Ah! Senhor, se porêm tudo isto ordenas,
Aqui estou preparado a soffrer tudo,
Accresça este flagello ás minhas penas.

(19) *Quoniam iniquitatem meam annuntiabo, et cogitabo pro peccato meo.*

Quando penso na minha iniquidade,
Nos meus peccados, e na tua grandeza,
Muito avulta a meus olhos tua piedade.

(•) Este versiculo contêm o mesmo sentimento do precedente com diversas palavras; o que é frequentissimo nos poetas orientaes, e em Homero.

Reo sou para comtigo, eu t'o confesso;
  Em paz hei de soffrer os teus rigores,
  Indu é pouco a vingar-te o que padeço.

Mas Senhor, ah! perdoa, se exaspero
  C'o animo daquelles que me ultrajam;
  É por ventura bom? puro, sincero?...

(20) *Inimici autem mei vivunt, et confirmati sunt super me: et multiplicati sunt, qui oderunt me iniquè.*

Não são elles os reos desses delictos
  De que sem dó me accusam, sem verdade?
  Façam fé do que digo meus escriptos.

Elles porêm, contentes e arrogantes,
  Vão vivendo seguros, e augmentando
  As turbas de malvados insultantes:

Sem justiça, c'o mal o bem me pagam,
  E com opprobrios perfidos me infamam:
  Que fiz? Por que razão assim me estragam?

(21) *Qui retribuunt mala pro bonis, detrahebant mihi, quoniam sequebar bonitatem.*

Será porque sou manso, amo o socego?
  Porque nunca offendi nenhum vivente?
  Acode-me, meu Deos! a ti me entrego.

(22) *Ne derelinquas me, Domine Deus meus, ne discesseris à me.*

Não me abandones, não,... Se não me acodes,
  A quem recorrerei em tal conflicto?
  Salva-me pois, Senhor! pois só tu podes.

(23) *Intende in adjutorium meum, Domine Deus salutis meæ.*

PSALMO XXXVIII. (*)

In finem ipsi Iditun canticum David.

A poesia é de David; a musica, de Iditun (**).

(1) *Dixi: custodiam vias meas, ut non delinquam in lingua mea.*

DETERMINEI calar-me: férrea mola
Em meus labios porei, para que a lingua
Não vibre um som que escandalo produza,
Embace alheia fama.

(2) *Posui ori meo custodiam, cum consisteret peccator adversum me.*

Quando acceso em furor vem attacar-me
Um rebelde; se audaz, se criminoso
Me insulta, me injuría, freio ponho
Ás vozes, aos gemidos.

(3) *Obmutui, et humiliatus sum, et silui a bonis, et dolor meus renovatus est.*

Emmudecido fico; ninguem me ouve
Queixas do mal, tão pouco do bem fallo:
Humilho-me, padeço, e mais penosa
A dor concentro n'alma.

(4) *Concaluit cor meum intra me, et in meditatione mea exardescet ignis.*

No coração a chaga mais s'inflamma
Quanto menos a mostro, e meditando,
Mais arde, mais o fogo comprimido
Desafogar procura.

(*) Este psalmo foi certamente escripto no tempo da perseguição de Absalão, depois que David foi vilmente injuriado por Semei, e prohibio que se vingassem deste.

(**) Iditun era um dos quatro primeiros-mestres de capella que presidiam a todos, e por isso não se declara a que classe pertencia, mas tão sómente o seu nome.

(Mattei.)

Não posso mais, meu Deos! a ti recorro;
O impeto dos ais desprenda a lingua:
Mas a ti só, Senhor! direi as magoas
Que excedem minhas forças.

(5) *Locutus sum in lingua mea: notum fac mihi, Domine, finem meum;*

A ti revélo só, que já não posso
Soffrer mais tempo a vida; que desejo
Saber se inda me faltam muitos dias
Tão cheios de amargura.

(6) *Et numerum dierum meorum, quis est? ut sciam quid desit mihi.*

Tem piedade de um misero; declara
Se tenho de soffrer por largo espaço,
Ou se está perto o termo desejo
De tantas desventuras.

O fio de meus dias, que mediste,
Poucos giros do sol contêm; que importa
Que se encurte? se é nada ante teus olhos
Quanto sou, quanto duro?...

(7) *Ecce mensurabiles posuisti dies meos: et substantia mea tanquam nihilum ante te.*

Nos mais homens tambem tudo é vaidade;
De certo passam todos como sombras,
Como sonhos ligeiros se dissipam;
Comtudo não socegam.

(8) *Verumtamen universa vanitas omnis homo vivens.*
(9) *Verumtamen in imagine pertransit homo, sed et frustra conturbatur.*

Trabalham dias, noites, e se agitam;
Enthesaurisam, sem saber que herdeiro
Ha de o fructo colher de seus suores,
Lhe ha de fechar seus olhos.

(10) *Thesaurizat, et ignorat, cui congregabit ea.*

Ah! meu Deos, não me occupa esse cuidado:
A ti me volto, a ti sómente aspiro;
Toda a minha esperança em ti repousa;
Acceita meus suspiros.

(11) *Et nunc, quæ exspectatio mea? nonne Dominus? et substantia mea apud te est.*

(12) *Ab omnibus iniquitatibus meis erue me: opprobrium insipienti dedisti me.*

Extingue meus delictos, não consintas
Que se até'gora o louco escarnecendo
Me envenenava os dias, sem receio
Continue a ultrajar-me.

(13) *Obmutui, et non aperui os meum, quoniam tu fecisti: amove a me plagas tuas.*

Emmudeci, julgando que o castigo
Vinha da tua mão, severa e justa:
Basta, Senhor! suspende o mais que falta
E provoca o peccado.

(14) *A fortitudine manus tuæ ego defeci in increpationibus: propter iniquitatem corripuisti hominem.*
(15) *Et tabescere fecisti sicut aranear animam ejus: verumtamen vane conturbatur omnis homo.*

Tremo do golpe, desfalleço, e creio
Que tarde ou cêdo o que é culpado paga;
Que se enreda e perece, como o insecto
Que na têa se envolve.

Taes são os teus decretos, Deos potente!
Cousa alguma lhe oppõe o mortal fraco;
Todo é vaidade, é sombra, é tenue fumo
Que um sopro desvanece.

(16) *Exaudi orationem meam, Domine, et deprecationem meam: auribus percipe lacrymas meas.*

Escuta pois, Senhor, os meus clamores;
Presta ouvidos ás vozes que derramo;
Vê que lagrimas vertem os meus olhos,
Que dor me despedaça.

(17) *Ne sileas, quoniam advena ego sum apud te, et peregrinus sicut omnes patres mei.*

Não me trattes d'estranho, não te cales
Quando humilde t'invoco; sobre a terra
Vivo como viveram meus maiores,
Hospede, passageiro.

(18) *Remitte mihi, ut refrigerer, priusquam abeam, et amplius non ero.*

Affasta já de mim os teus flagellos;
A força com que argúes tanto aterra,
Que desalento ao ver como corriges
A humana iniquidade.

Uma pausa nas dores só te peço;
Concede refrigerio á minha angustia
Antes que a vida acabe; falta pouco,
Logo cessa a existencia.

PSALMO XXXIX.

As palavras e a musica são de David. (*)

In finem psalmus ipsi David.

NÃO me custa esperar; firme, constante
Creio que o meu Senhor virá salvar-me;
Que os meus gemidos tristes
Ha de escutar piedoso,
E de um pelago undoso,
De um mar encapellado resgatar-me.

(1) *Expectans expectavi Dominum, et intendit mihi.*

(2) *Et exaudivit preces meas, et eduxit me de lacu miseriæ, et de luto fæcis.*

Ah! venha sobre solido alicerce
Firmar meus pés; ou dirigir meus passos
Em seguro terreno;
Dê-me a paz desejada;
Minha lyra afinada
Alegre rompa os célicos espaços.

(3) *Et statuit super petram pedes meos, et direxit gressus meos.*

Tão grande assumpto ponha nos meus labios
Um canto novo; versos numerosos

(4) *Et immisit in os meum canticum novum, carmen Deo nostro.*

(*) S. Paulo ensina na epistola aos Hebreos c. 10. v. 5. 6. que este psalmo deve entender-se de Jesus Christo; e nós poderemos accrescentar, que o proprio David não tem parte alguma nelle, salvo a de propheta e poeta, que faz assim fallar o nosso Salvador. Eutimio, Theodoreto, Beda e outros, que vão buscando no psalmo Jeremias na prisão, Daniel entre os leões, a Igreja nas perseguições, a natureza humana opprimida, são aqui importunos e enfadonhos, pertendendo extremar-se com tantas subtilezas onde ha a expressa authoridade do Apostolo das gentes.

(Mattei.)

(5) *Videbunt multi, et timebunt, et sperabunt in Domino.*

O nosso Deos celebrem:
Meu estro ensine á gente
A esperar tão sómente
Em Deos, que paga os votos fervorosos.

(6) *Beatus vir, cujus est nomen Domini spes ejus, et non respexit in vanitates, et insanias falsas.*

Quanto é feliz quem só de Deos se fia!
Quem do nome de Deos forma a esperança!
Despreza insanias falsas,
Não attende vaidades;
Só lhe importam verdades
Que, meditando no Senhor, alcança.

(7) *Multa fecisti tu, Domine Deus meus, mirabilia tua, et cogitationibus tuis non est, qui similis sit tibi.*

Que prodigios, meu Deos! que maravilhas
Não obraste, remindo as creaturas!
Qual outro pensamento,
Profundo, admiravel,
Com amor ineffavel
Ao homem destinou tantas venturas?

(8) *Annuntiavi, et locutus sum, multiplicati sunt super numerum.*

Quero em vão intimá-las aos humanos;
Cresce o numero dellas sem limite;
Eu canço, desfalleço
Se pertendo narrá-las;
Ninguem póde expressá-las
Sem que primeiro os claros Ceos habite.

(9) *Sacrificium et oblationem noluisti, aures autem perfecisti mihi.*

Desprezaste holocaustos, sacrificios,
Do grande mal commum fraco reparo;
Outra victima pura
Mais adequada viste;
De um corpo a revestiste,
E em servo converteste o filho caro.

(10) *Holocaustum et pro pec-*

Qualquer expiação sendo pequena,

«Eis-me aqui; (diz a Victima innocente)
Cumprirei a Escriptura
Que ao mundo me promette;
A mim é que compete
A colera applacar do Omnipotente.

cato non postulasti: tunc dixi: ecce venio.

(11) *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam: Deus meus, volui, et legem tuam in medio cordis mei.*

«Venho a seguir, meu Deos, o que prescreves;
Estampada no peito a lei lhes trago;
Aos povos a annuncío,
Aos fieis congregados;
Teus designios sagrados
Hão de ao mundo impedir o ultimo estrago.

(12) *Annuntiavi justitiam tuam in Ecclesia magna, ecce labia mea non prohibebo, Domine tu scisti.*

«Não lhe occulto em minha alma essa justiça
Implacavel, que exige alta fineza;
Declaro-lhe a verdade
Da expiação sublime
Que dos damnos do crime
Ha de vir resgatar a Natureza.

(13) *Justitiam tuam non abscondi in corde meo, veritatem tuam, et salutare tuum dixi.*

«Quanto és bom, ó meu Deos, lhes manifesto;
A tua mis'ricordia á turba immensa
Exponho francamente;
E quanto condoído
Ouves o arrependido,
Abysmado em seu pranto e dor intensa.

(14) *Non abscondi misericordiam tuam, et veritatem tuam a concilio multo.*

«Não affastes de mim, que me encarrego
Deste pêso, ó meu Deos, tua piedade!
Adoça a minha pena:
Vês que me não isento
Do barbaro tormento,
Satisfazendo alheia iniquidade.

(15) *Tu autem Domine, ne longe facias miserationes tuas a me: misericordia tua, et veritas tua semper susceperunt me.*

(16) *Quoniam circumdederunt me mala, quorum non est numerus, comprehenderunt me iniquitates meæ, et non potui ut viderem.*

«Que terrivel aspecto teem meus males!
Sem numero os martyrios me acommettem:
Encarar c'os flagellos,
Fructos de iniquidade,
Não póde a humanidade;
Bem que submisso a mim é que competem.

(17) *Multiplicatæ sunt super capillos capitis mei, et cor meum dereliquit me.*
(18) *Complaceat tibi Domine, ut eruas me: Domine, ad adjuvandum me respice.*

«Em seu numero excedem meus cabellos:
Não resisto, meu Deos, vem confortar-me.
Para que me abandonas?
Falta-me todo o alento;
Um terno sentimento
Te applaque, meu Senhor! vem consolar-me.

(19) *Confundantur, et revereantur simul, qui quærunt animam meam, ut auferant eam.*
(20) *Convertantur retrorsum, et erubescant, qui volunt mihi mala.*
(21) *Ferant confestim confusionem suam, qui dicunt mihi, euge, euge.*

«Confunde-os, retroceda quem me assalta;
Cobre meus inimigos de vergonha,
Esses que de mim zombam,
Que me insultam ferozes,
Soltando infames vozes;
Que me fartam de fel e de peçonha.

(22) *Exultent, et lætentur super te omnes quærentes te, et dicant semper, magnificetur Dominus, qui diligunt salutare tuum.*

«Mas exultem contentes e ditosos
Os fieis que de ti soccorro esperam;
Cantem suaves hymnos
Ao seu Libertador,
Ao supremo Senhor,
Pelas graças sublimes que obtiveram.

(23) *Ego autem mendicus sum, et pauper: et Dominus sollicitus est mei.*

«Eu, que sou flagellado e miseravel,
Das mais pungentes magoas opprimido,
Consolo-me pensando
Que piedade mereço;
Que o soccorro que peço
Me has de dar, do que soffro commovido.

Não retardes, Senhor, o meu conforto:
Do mundo desgraçado em beneficio
Alenta-me piedoso;
Para que heroicamente
Resgate a humana gente,
E complete animoso o sacrificio.»

(24) *Adjutor meus, et protector meus tu es: Deus meus, ne tardaveris.*

PSALMO XL.

As palavras e a musica são de David.

In finem psalmus ipsi David.

QUÃO feliz é quem piedoso
Cuida de um triste indigente,
Se o vê n'um leito de dores,
E lhe adoça o mal que sente!

(1) *Beatus vir qui intelligit super egenum et pauperem: in die mala liberabit eum Dominus.*

Nos dias máos, se elle soffre,
O Senhor vem consolá-lo,
E do seio das angustias
Compassivo libertá-lo.

Poderoso o vivifica,
O conserva sobre a terra;
A ventura lhe confere,
E os bens que a virtude encerra.

(2) *Dominus conservet eum, et vivificet eum, et beatum faciat eum in terra: et non tradat eum in animam inimicorum ejus.*

Nas mãos de seus inimigos
Não consente que se entregue,
Nem jámais victima seja
Quando injustiça o persegue.

(3) *Dominus opem ferat illi super lectum doloris ejus: universum stratum ejus versasti in infirmitate ejus.*

Se tambem o vê prostrado
Com penosa enfermidade,
Junto ao seu leito piedosa
Desce a suprema Deidade.

Parece que a mão divina
Faz mórbido o leito duro,
Faz doce o remedio amargo,
O ar infecto faz puro.

(4) *Ego dixi: Domine, miserere mei: sana animam meam, quia peccavi tibi.*

Ah meu Deos! se no meu peito
Morou dó com desgraçados,
Tem de mim tambem piedade,
Esqueçam-te os meus peccados.

Sara minha alma, soccorre-a,
Faze que não desfalleça,
Ainda que a minha culpa
Menor pena não mereça.

(5) *Inimici mei dixerunt mala mihi: quando morietur, et peribit nomen ejus?*

De quanta calumnia e raiva
Me cercou iniqua gente!
Com quanto empenho se esforçam
Em fingir-me delinquente!

Procuram tirar-me a vida,
Ah! com que ardor, com que fome!
«Cêdo morrerás, (me dizem)
Ha de apagar-se o teu nome.»

(6) *Et si ingrediebatur, ut videret, vana loquebatur, cor ejus congregavit iniquitatem sibi.*

Outro, com malicia occulta,
Se me falla carinhoso,
Perfido quer enganar-me,
Tece um laço caviloso.

Quer penetrar o que sinto,
Conhecer meus pensamentos;
Divulgar os meus segredos,
Alterar meus sentimentos.

(7) *Egrediebatur foras, et loquebatur in idipsum.*

Convoca meus adversarios,
E com esses sussurrando,
Cogita a minha ruina,
Imposturas fabricando.

(8) *Adversum me sussurrabant omnes inimici mei: adversum me cogitabant mala mihi.*

Fazem triumphar mentira
Que a vida me debilita:
Mas quem dorme, não acorda?
Quem morre, não resuscita?

(9) *Verbum iniquum constituerunt adversum me: numquid qui dormit, non adjiciet, ut resurgat?*

Para completar meus males,
O amigo em que eu confiava,
Que em convivencia suave
Comigo á meza sentava,

(10) *Etenim homo pacis meæ, in quo speravi, qui edebat panes meos, magnificavit super me supplantationem.* (•)

Atraiçoou-me tyranno,
E, porque mais lhe convinha,
Unio-se aos meus oppressores,
Delles a culpa fez minha.

Tem dó, Senhor, do martyrio
Que soffro, tem compaixão;
Levanta-me deste abysmo,
Reprehende a ingratidão.

(11) *Tu autem, Domine, miserere mei, et resuscita me, et retribuam eis.*

(•) Aqui é claramente expresso o perfido Judas. O proprio Salvador Jesus Christo c. 13. v. 18. de S. João diz: *Non de omnibus vobis dico, ego scio, quos elegerim, sed ut adimpleatur scriptura, qui manducat mecum panem, levabit contra me calcaneum suum;* a expresião *magnificavit supplantationem* no Hebreo é mais clara, *magnificavit, levavit calcaneum contra me*, como se tem por bocca do mesmo nosso Salvador.

(Mattei.)

(12) *In hoc cognovi, quoniam voluisti me, quoniam non gaudebit inimicus meus super me.*

Terei um penhor seguro
Da tua immensa bondade,
Se dos meus perseguidores
Reprimes a crueldade:

Se não consentes que exultem
Ao ver-me despedaçado
De cuidados, de tristeza,
De todos desamparado.

(13) *Me autem propter innocentiam suscepisti, et confirmasti me in conspectu tuo in æternum.*

(14) *Benedictus Dominus Deus Israel à sæculo, et usque in sæculum, fiat, fiat.* (*)

É falso quanto me imputam;
Bem sabes minha innocencia;
Recebe-me nos teus braços,
Abre as portas da clemencia.

Restaura-me, ó Deos supremo!
Vigora-me de tal modo
Que os assaltos da maldade
Possa repellir de todo.

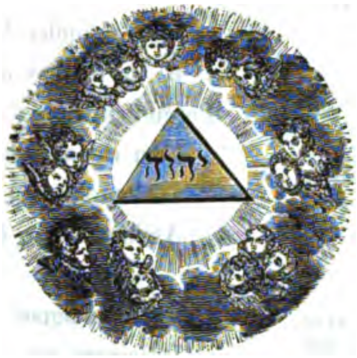
(*) Este ultimo versiculo não tem nada com o sentido do psalmo; é uma formula que costumava pôr-se no fim dos livros, e foi aqui adjunta pelos compiladores; donde a Igreja tomou o costume de fazer recitar no fim de cada psalmo o *Gloria Patri*, que corresponde á mesma formula.

FIM DO LIVRO I.

LIVRO II.

DOS

PSALMOS.



PSALMO XLI. (*)

A musica desta cançoneta é do mestre dos Coritas.

In finem intellectus (**) filiis Core.

Como a corça sequiosa
Procura no Estio quente
As frescas aguas da fonte
Para acalmar sede ardente;
Assim, meu Deos, te procura
A minha alma, e tè deseja:
Quando será que eu te encontre?
Quando será que eu te veja?

(1) *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum: ita desiderat anima mea ad te, Deus.*

(2) *Sitivit anima mea ad Deum fortem, vivum: quando veniam, et apparebo ante faciem Dei?*

(*) Eis-nos chegados ao 2.° livro dos psalmos, e ao mesmo tempo á mais amena, mais bella e elegante composição que neste genero tem a hebraica poesia. Nella se pinta com vivissimas cores o estado infeliz dos miseraveis prisioneiros em Babylonia, que suspiravam pelò seu regresso, lisongeando-se de poder em breve cantar de novo no templo os louvores do Senhor. Este é o objecto do sentido litteral, donde nasce com muita propriedade o mais sublime, pelo qual todo o homem justo deseja soltar-se das prisões deste mundo, e ver-se livre e ditoso na patria bemaventurada.

(**) Este *intellectus* corresponde ao hebraico *maschil*, que é termo proprio de uma especie de composição entre os Hebreos, e que nós traduzimos *cançoneta*.

(Mattei.)

(3) *Fuerunt mihi lacrimæ meæ panes die, ac nocte, dum dicitur mihi quotidie: Ubi est Deus tuus?*

Entre deshumana gente,
Em lagrimas passo os dias;
Essa a minha dor insulta,
Ri de minhas agonias.
Perguntam-me os inimigos,
Com ironico desprezo:
«O teu Deos porque te deixa
Assim afflicto, indefezo?»

(4) *Hæc recordatus sum, et effudi in me animam meam: quoniam transibo in locum tabernaculi admirabilis usque ad domum Dei.*

Com tão indignos accentos
Desespero-me, estremeço;
Desmaio, gemo, suspiro,
E redobra o que padeço.
A esperança é que me alenta:
Inda hei de ver-te algum dia;
Hei de no teu sacro templo
Ir recobrar a alegria.

Já do pavimento santo
As lages cuido pisar,
Já me parece que avisto
O teu refulgente altar:

(5) *In voce exultationis, et confessionis: sonus epulantis.*

Os festivos instrumentos
Nas abobadas reboam;
Os harmoniosos coros
Os limpos ares atroam.

Já collijo pensamentos,
Já numeros vou juntando,
Já formo alegre preludio,
A minha voz levantando:
Já d'estro acceso, animado,
Todo me sinto inflammar;

Já meus costumados hymnos
Já principio a cantar...

Mas tu, coração, receias!
Que infausta tristeza é essa?
Não palpites consternado,
Se a ventura não começa.
Que alcanças em perturbar-te?
No teu Senhor te confia;
Seus excelsos attributos
Has de cantar algum dia.

(6) *Quare tristis es, anima mea, et quare conturbas me?*

Espera, pois Deos benigno
Extinguirá teu desgosto;
E para nós compassivo
Voltará inda o seu rosto:
Ha de com celeste força
As borrascas dissipar;
Para a patria do descanço
Elle nos ha de guiar.

(7) *Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi: salutare vultus mei, et Deus meus.*

Deste modo suaviso
As magoas que me atormentam;
Assim applaco os effeitos
Dos infortunios, que augmentam:
Assim passo até que possa
Sobre o Hermonio celebrar-te,
Té que do Jordão nas margens
Liberto possa cantar-te.

(8) *Ad meipsum anima mea conturbata est: propterea memor ero tui de terra Jordanis, et Hermoniim a monte modico.*

Aqui cercam-me ondas bravas,
Algares e nevoa densa;
Raivosos trovões que rasgam
Dos ares a plaga immensa:

(9) *Abyssus abyssum invocat in voce cataractarum tuarum.*

A chuva em torrentes desce,
Ora aqui e alli me alaga;
Ora os ventos me derrubam,
Ora irado o mar me traga.

(10) *Omnia excelsa tua, et fluctus tui super me transierunt.*

Todos os flagellos juntos,
Todos sobre mim baixaram;
De um abysmo a outro abysmo
Furiosos me lançaram:

(11) *In die mandavit Dominus misericordiam suam: et nocte canticum ejus.*

Nem assim, cheio d'angustia,
Do Senhor me descuidei;
Noite e dia enternecido
Os seus louvores cantei.

(12) *Apud me oratio Deo vitæ meæ: Dicam Deo, susceptor meus es.*

Ouve os votos meus, escuta:
Sae-me d'alma terno accento;
És, meu Deos, minha esperança,
Minha vida, meu sustento:

(13) *Quare oblitus es mei? et quare contristatus incedo, dum affligit me inimicus?*

Para que de mim te esqueces,
Deos meu? para que consentes
Que meus dias infelizes
Passe entre perfidas gentes?

(14) *Dum confringunt ossa mea: exprobraverunt mihi, qui tribulant me, inimici mei.*

Pouco me custa o que soffro,
Immerso na desventura;
Horror me não causam ferros,
Não temo a prisão mais dura:

(15) *Dum dicunt mihi per singulos dies: ubi est Deus tuus? quare tristis es, anima mea, et quare conturbas me?*

Custa-me ver como os impios
De ti desconfiem já;
Que insultando-me perguntem:
«O teu Deos aonde está?...»

Mas tu, coração, receias!
Que infausta tristeza é essa?

Não palpites consternado,
Se a ventura não começa.
Que alcanças em perturbar-te?
No teu Senhor te confia;
Seus excelsos attributos
Has de cantar algum dia.

(16) *Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi: salutare vultus mei, et Deus meus.*

Espera, pois Deos benigno
Extinguirá teu desgosto;
E para nós compassivo
Voltará inda o seu rosto:
Ha de com celeste força
As borrascas dissipar;
Para a patria do descanço
Elle nos ha de guiar.

PSALMO XLII.

Psalmus David (*).

DÁ-ME razão, meu Senhor;
Distingue meu justo pleito
Das sem-razões dessa gente
Que encerra o dólo no peito:
Livra-me dos deshumanos
Que se erigem meus tyrannos.

(1) *Judica me, Deus, et discerne causam meam, de gente non sancta, ab homine iniquo, et doloso erue me.*

Se és a minha fortaleza,
Para que assim me rejeitas?

(2) *Quia tu es Deus fortitudo mea: quare me repulisti? et quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?*

(*) Este psalmo é um compendio do precedente: na Vulgata lê-se, *Psalmus David*, mas no Hebreo é sem titulo, o que me faz pensar que nem David, nem outro poeta o compoz, mas algum mestre de capella o resumio e accommodou assim, talvez em occasião que ão podia cantar-se tão longo como estava.

(Mattei.)

Se prolongas minhas magoas
Meus inimigos deleitas:
Como a seu rigor me entregas,
Quando o conforto me negas?

(3) *Emitte lucem tuam, et veritatem tuam: ipsa me deduxerunt, et adduxerunt in montem sanctum tuum, et in tabernacula tua.*

Raie a luz da tua face,
Brilhe a fúlgida verdade;
Das trevas que me rodêam
Romperei a escuridade:
Essa luz virá guiar-me,
E ao santo monte elevar-me.

(4) *Et introibo ad altare Dei: ad Deum, qui lætificat juventutem meam.*

No teu tabernac'lo augusto,
Ante o teu altar prostrado,
Meu Deos, sentirei contente
Meu animo remoçado:
Tu dourarás os meus dias
Co' as juvenis alegrias.

(5) *Confitebor tibi in cithara, Deus, Deus meus: Quare tristis es, anima mea, et quare conturbas me?*

Meu Deos! meu Deos! entoando
Na cithara teus louvores,
Dissiparei meus pezares,
Farei cessar minhas dores:
Se canto a tua belleza,
Que lugar tem a tristeza?

(6) *Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi: salutare vultus mei, et Deus meus.*

Tu, meu coração, descança,
Que em verso altivo e sonoro
Has de fazer-me attendivel
Do supremo Deos que imploro;
Sempre á minha alma presente,
Sempre comigo clemente.

PSALMO XLIII.

A musica da canção é do mestre dos Coritas. (*)

In finem filiis Core ad intellectum (**).

Das grandes obras de teu braço excelso
Nossos proprios ouvidos informaram
Nossos paes, grande Deos! Ah! quem ignora
Quanto absortos, fieis, aos descendentes
Gratos annunciaram?

(1) *Deus, auribus nostris audivimus: patres nostri annuntiaverunt nobis.*

Desses dias antigos a memoria,
Do que mesmo em seus dias operaste,
A lembrança, insculpida em nossas almas,
Não se póde apagar; nem é possivel
Que longo tempo a gaste.

(2) *Opus, quod operatus es in diebus eorum, et in diebus antiquis.*

Hervas nocivas, plantas venenosas
Com tua mão potente as arrancaste
Da terra, destinada a melhor sorte:
Expulsaste as nações que a dominavam,
E o teu povo plantaste.

(3) *Manus tua gentes disperdidit, et plantasti eos: afflixisti populos, et expulisti eos.*

Nem seu valor nem braços promettiam
O possuir sem lutta um tal dominio:

(4) *Nec enim in gladio suo possederunt terram, et brachium eorum non salvabit eos;*

(*) S. Basilio, S. Chrysosthomo, Theodoreto, Beda e outros referem este psalmo á perseguição de Antiocho Epiphanes: porêm Saverio Mattei duvída que tão bella composição seja obra de um homem que vivesse nos infelizes tempos dos Machabeos, quando já era quasi perdida a lingua hebraica: quer pois attribui-lo a David, ou a outro que lhe fosse igual, prophetisando os lamentos do povo, oppresso naquella occasião.

(**) V. a 2.ª nota ao Psalmo XLI.

(5) *Sed dextera tua, et brachium tuum, et illuminatio vultus tui, quoniam complacuisti in eis.*

Não foi obra da espada esta conquista:
Mas a dextra do Excelso poderosa
Completou o exterminio.

Da tua face a luz ia guiando
O teu povo escolhido ao sitio ameno;
E com amor sollicito lhe outorgas,
Por entre obstac'los mil, o tão ditoso
Promettido terreno.

(6) *Tu es ipse Rex meus, et Deus meus, qui mandas salutes Jacob.*

Tu és ainda o mesmo Deos e nosso;
O nosso mesmo Rei, que apenas manda
Logo salva Jacob: amarás menos
Este povo infeliz? Por que motivo
Teu furor não se abranda?...

(7) *In te inimicos nostros ventilabimus cornu, et in nomine tuo spernemus insurgentes in nobis.*

Se acudires, em nome teu, valentes,
Audazes, nossas forças mediremos
Co' as dos mais furibundos inimigos;
Quaes touros bravos, co' as pontudas armas
Por terra os lançaremos.

(8) *Non enim in arcu meo sperabo, et gladius meus non salvabit me.*

Mas que aljava, que espada, qual escudo
Poderá defender-me em campo armado?
Com que posso contar?... se tu não fores
Quem meus braços vigore, quem me salve
Das furias do malvado?

(9) *Salvasti enim nos de affligentibus nos, et odientes nos confudisti.*

Já por vezes, Senhor, exp'rimentámos
O teu podêr: já vimos confundidos
Os que vinham affoutos subjugar-nos,
Cobertos de vergonha, retirar-se,
Fugir espavoridos.

Já na planicie, illesos, consolados,
Pelo nosso resgate, todo o dia
Ficámos tua gloria celebrando:
Teu nome para sempre festejámos
Em suave harmonia.

(10) *In Deo laudabimur tota die, et in nomine tuo confitebimur in sæcula.*

Mas, que te move agora a repulsar-nos?
Como nos abandonas e reprovas?
Porque não saes ao campo a defender-nos?
Põe-te á frente dos teus, vence, derrota
Armas e facções novas.

(11) *Nunc autem repulisti, et confudisti nos, et non egredieris, Deus, in virtutibus nostris.*

Encarar não soubemos c'o inimigo:
O nosso antigo brio dissipou-se:
E o fraudulento exercito attacando,
Cevou seu odio em nós; sua cobiça
De tudo apoderou-se.

(12) *Avertisti nos retrorsum post inimicos nostros, et qui oderunt nos, diripiebant sibi.*

Ah! que estrago, Senhor, de nós fizeste!...
Aos barbaros sem dó nos entregaste;
Qual rebanho de ovelhas miserando,
Ludibrio de ferozes insensatos,
Dispersos nos deixaste.

(13) *Dedisti nos, tanquam oves escarum* (*), *et in gentibus dispersisti nos.*

Talvez os nossos erros te moveram
A vender-nos por tão pequeno preço:
Nem ha já quem lembrado do passado
Em mais nos avalie; que a ignominia
Chegou a tal excesso.

(14) *Vendidisti populum tuum sine pretio, et non fuit multitudo in commutationibus eorum.*

Opprobrio dos visinhos, triste objecto
De estranha zombaria, não permitte

(15) *Posuisti nos opprobrium vicinis nostris, subsannationem,*

(*) *Oves escarum* são as turmas dos rebanhos destinadas a comer-se, ao matadoiro.

et derisum his, qui sunt in circuitu nostro.

Que deste abjecto estado resurjamos:
Não fazemos acção que aos outros povos
O riso não excite.

(16) *Posuisti nos in similitudinem gentibus, commotionem capitis in populis.*

Sim, consentes, Senhor, que nações varias
Em proverbio convertam nossos erros,
Para ludibrio nosso; que nos cubram
As faces de vergonha; e que arrastemos
Duros pesados ferros.

(17) *Tota die verecundia mea contra me est, et confusio faciei meæ cooperuit me.*
(18) *A voce exprobrantis, et obloquentis, a facie inimici, et persequentis.*

O Sol aponta, acórdo, e logo o pejo
Me aquece o sangue, as faces incendia:
Confusão nos absorve o dia inteiro:
Cae a noite, e a afflicção que nos agita
Do somno nos desvia.

(19) *Hæc omnia venerunt super nos, nec obliti sumus te, et iniquè non egimus in testamento tuo.*

Sobre nós tantos males se accumulam.
Mas no seio de vívidos tormentos,
Com ternura de ti nos recordamos:
Padecemos, Senhor! porêm cumprindo
Teus santos mandamentos.

(20) *Et non recessit retrò cor nostrum, et declinasti semitas nostras a via tua.*

Jámais retrocedemos: o caminho
Que nos abriste, com valor medimos:
Nem levemente desvairar puderam
Nossos pés dessa estrada que mostraste,
E que fieis seguimos.

(21) *Quoniam humiliasti nos in loco afflictionis: cooperuit nos umbra mortis.*

Quem cercado de horrores semelhantes,
Pela pallida morte ameaçado,
Por suas sombras horridas coberto,
Não perdera coragem? se deixara
Por ti sempre humilhado?

Tu bem sabes, Senhor, que nestes transes
De teu nome jámais nos esquecemos:
Nunca honrou nosso incenso estranho numen:
Nossas mãos para ti só levantámos,
Pois só a ti tememos.

(22) *Si obliti sumus nomen Dei nostri, et si expandimus manus nostras ad Deum alienum,*

Nunca á fé te faltámos; examina:
Não te escapa o mais tenue pensamento;
Dos nossos corações o arcano sondas:
E a certeza de tanta sapiencia
Produz o nosso alento.

(23) *Nonne Deus requiret ista? ipse enim novit abscondita cordis.*

Por isso, a mil supplicios preparados,
Quanto vier constantes soffreremos;
E quaes cordeiros mansos, sobre as aras,
Victimas voluntarias, ao cutello
A garganta offrecemos.

(24) *Quoniam propter te mortificamur tota die: estimati sumus sicut oves occisionis.*

Porêm surge, ó Senhor! Porque adormeces?
Salva o teu povo, surge, pois te adora:
Não te movem seus males, não te bastam
Os suspiros, as lagrimas ardentes
Com que afflicto te implora?

(25) *Exsurge, quare obdormis, Domine? exsurge, et ne repellas in finem.*

(26) *Quare faciem tuam avertis? oblivisceris inopiæ nostræ, et tribulationis nostræ?*

Olha envoltos em pó, co' a face unida,
Por desalento, ao chão, quem por ti clama:
Não te commovem magoas tão acerbas?
Não acodes, Senhor, em tal conflicto?
Quando elle por ti chama?

(27) *Quoniam humiliata est in pulvere anima nostra: conglutinatus est in terra venter noster.*

Surge, ó meu Deos! acode: não te lembres
Da imperfeição da nossa natureza:
Não ha merito em nós: mas sem limite
É tua misericordia; e com teus servos
Della ostenta a grandeza.

(28) *Exsurge, Domine, adjuva nos: et redime nos propter nomen tuum.*

PSALMO XLIV.

EPITHALAMIO. (*)

CORO DE MANCEBOS,
CORO DE DONZELLAS,
CORIPHEO.

A scena representa a magnifica entrada dos Reaes Esposos em Jerusalem.

CORIPHEO.

(1) *Eructavit cor meum verbum bonum, dico ego opera mea Regi.*

(2) *Lingua mea calamus scribæ velociter scribentis.*

JÁ rompe a labareda, já trasborda
Do coração, ardendo, estro sagrado:
Rasga-se a vêa, o pensamento alado
Fere da lyra a corda;
E em purissimas vozes 'convertido,
Ao canto dá sonoro alto sentido.

CORO DE MANCEBOS.

(3) *Speciosus forma præ filiis hominum, diffusa est gratia in labiis tuis, propterea benedixit te Deus in æternum.*

Que encantador semblante! que belleza!
Que forma especiosa!... Não te iguala
Humano algum em graça, em gentileza.

(*) Assim como não ha quem ouse pôr em duvida que este psalmo seja um elegante epithalamio pelas nupcias espirituaes de Jesus Christo com a Igreja, especialmente pela authoridade de S. Paulo na epistola aos hebreos c. 1. v. 8., assim tambem, distinguindo o sentido litteral do mistico, entendem os mais doutos que no primeiro se falla aqui das nupcias de Salomão com a filha do Rei do Egypto, e que por essa occasião fora composto, sendo elle e a sua esposa a figura da Igreja e de Jesus Christo.

(*Mattei.*)

Da sonora e doce falla
De teus labios purpurinos
Dimanam tropos divinos
Que enamoram mesmo a Deos:
E o Senhor que te dotou
Para sempre abençoou
Esses puros dotes seus.

UMA VOZ.

Penda a teu lado
Cingida a espada,
Ó Potentado,
Regio Senhor!

(4) *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime.*

OUTRA VOZ.

Por entre a adusta
Face da guerra
Teu rosto assusta
E inspira amor.

(5) *Specie tua, et pulchritudine tua intende, prosperè procede, et regna.*

OUTRA VOZ.

Nobre fereza,
Na marcha altiva,
O Rei distingue
Tanto em belleza
Como em valor.

CORO.

Prosegue e reina, ó Senhor!

(6) *Propter veritatem, et mansuetudinem, et justitiam, et deducet te mirabiliter dextera tua.*

Vem, sobe ao throno; e comtigo
Suba amavel mansidão,
A justiça, a rectidão;
E quantos bens traz comsigo,
Quantos póde espalhar prodigiosa
Tua mão generosa.

(7) *Sagittæ tuæ acutæ (populi sub te cadent) in corda inimicorum regis.*

Tuas settas agudas, disparadas
Acertarão nos peitos inimigos,
E a teus pés cairão nações prostradas:

(8) *Sedes tua, Deus, in sæculum sæculi, virga directionis, virga regni tui.*

Nem decorrendo os annos
Vacillará teu throno magestoso:
Teu sceptro firme, guia dos humanos,
Expulsará da terra, vigoroso,
As fraudes, os enganos.

(9) *Dilexisti justitiam, et odisti iniquitatem, propterea unxit te Deus, Deus tuus oleo lætitiæ præ consortibus tuis.*

No teu Reino ditoso
A justiça, que amaste,
No mais alto lugar a collocaste:
E pois que poderoso
Agrilhoada tens a iniquidade,
Deos te ungio co' as essencias d'alegria,
E te deo sobre quantos te rodêam
O mando, a sob'rania,
E as venturas sem fim que te premêam.
Quantas bençãos o Ceo prodigo entorna
Nesse ditoso estado!
Com qu' esplendor te adorna
A c'roa preciosa,

(10) *Myrrha, et gutta, et casia à vestimentis tuis à domibus eburneis, ex quibus delectaverunt te filiæ regum in honore tuo.*

Manto real, em cassia perfumado,
Na lagrima cheirosa
Que uma arvore goteja,
E na Arabia aromatica sobeja!
Que riquezas encerra o teu thesouro!
Como os cofres eburneos, cofres d'ouro,
Que estas alfaias guardam,

Embalsemam as Virgens do cortejo;
Regias filhas, que te honram, que não tardam,
E seguem a que farta o teu desejo!
Todas são lindas, candidas, formosas,
Todas dignas de ser dos Reis esposas.

Porêm qual competir póde
Em graça, belleza, agrado,
Com a que, junto a teu lado,
Agora vemos sentar!
O diadema, o sceptro a mostram,
As alfaias preciosas,
Essas roupas primorosas,
Que o gosto soube adornar.

(11) *Astitit Regina a dextris tuis in vestitu deaurato: circumdata varietate.*

CORO DAS DONZELLAS.

Filha, escuta, presta ouvido
Ao dictame da amizade:
Não dês lugar no teu peito
Ao tormento da saudade:
Esquece a casa paterna,
Esquece o povo querido;
O teu Rei por ti suspira,
Emprega n'elle o sentido.
Do seu querêr dependes; elle adora
Desse teu rosto a graça encantadora;
É teu senhor, teu nume, fino amante,
Seu amor não te esconde:
Sómente um coração fiel, constante,
A tão ditosa chamma corresponde.
Virão as Tyrias Damas offertar-te
A purpura lustrosa;

(12) *Audi filia, et vide, et inclina aurem tuam, et obliviscere populum tuum, et domum patris tui.*

(13) *Et concupiscet Rex decorem tuum; quoniam ipse est Dominus Deus tuus, et adorabunt eum.*

(14) *Et filiæ Tyri in muneribus, vultum tuum deprecabuntur omnes divites plebis.*

A gente poderosa
Virá submissa ver-te, e ha de invocar-te.

(15) *Omnis gloria ejus filiæ Regis ab intus, in fimbriis aureis circumamicta varietatibus.*

O rico véo que te cobre
Os cabellos preciosos
Menos te orna, Regia filha,
Que os teus dotes virtuosos:
Desse Objecto que te adora
O maior thesouro é este;
Tua alma candida e pura,
O teu animo celeste.

CORO DOS MANCEBOS.

(16) *Adducentur Regi virgines post eam, proximæ ejus afferentur tibi.*

(17) *Afferentur in lætitia, et exultatione, adducentur in templum Regis.*

Soltai os hymnos alegres,
Segui a vossa Rainha:
Ide ao Rei, gentis donzellas,
Para o templo s'encaminha.
Mas que alegres canções rompem os ares!
Que doces instrumentos,
Que applausos singulares
Revolvem no ambiente os mansos ventos!
Chega em fim esse instante venturoso:
Cessa de suspirar, feliz Esposo.

CORO DAS DONZELLAS.

(18) *Pro patribus tuis nati sunt tibi filii: constitues eos principes super omnem terram.*

Pela patria e pae que deixas
Filhos o Ceo te ha de dar,
Que das saudades que sentes
A dor hão de consolar.
Filhos terás, que algum dia
O mais vasto Imperio rejam;

Que aos vassallos dem conforto,
E aos paes os bens que desejam.

Os dois Coros.

Teu nome irá triumphante
Todos os tempos vencendo;
De uma geração a outra
Irá com gloria descendo:
Será por todos os povos
Altamente confessado;
Té aos extremos da terra
Por elles sempre invocado.

(19) *Memores erunt nominis tui in omni generatione, et generationem.*

(20) *Propterea populi confitebuntur tibi in æternum, et in sæculum sæculi.*

PSALMO XLV. (*)

A musica é do mestre das Cantoras da eschola de Core.

In finem filiis Core pro arcanis.

Raiou da paz a luz: á praia, ao porto,
Felizmente, depois da tempestade,
Deos, que é nosso refugio, nos acolhe.

(1) *Deus noster, refugium, et virtus, adjutor in tribulationibus, quæ invenerunt nos nimis.*

(*) Mattei reune este psalmo com o seguinte (XLVI.), pela razão de que o estilo, o metro, a textura, e o argumento são os mesmos, e por outras considerações que expende; e assim reunidos, ajuiza que foram um bello parto do grande ingenho de Salomão, mesmo porque não se lê no titulo que o psalmo seja de David, nem nos seus tempos existia aquella perfeita paz que em ambos se preconisa; e conjectura mais, que fossem compostos e cantados na trasladação da arca de Sião para o templo, a qual se descreve no c. 8.° do 3.° *livro dos Reis.* O sentido espiritual diz respeito á conversão dos infieis, á paz da Igreja, e á publicação da Fé por todo o mundo depois da gloriosa Ascensão de Jesus Christo.

Por esta occasião seja-nos permittido recordar que qualquer falta ou inexactidão que se encontre nas notas que offerecemos nos deve ser attribuida, e não á illustre Auctora da paraphrase, que unicamente se occupou do texto dos psalmos.

(O editor.)

Ruge o vento, o trovão brama, fusila
O relampago, a terra se commove:
Mas que seguro asylo em Deos achamos!
Com que forças soccorre! e nos salvamos!

(2) *Propterea non timebimus, dum turbabitur terra, et transferentur montes in cor maris.*

Não temos que temer. Se a terra treme;
Se os montes transferidos se sepultam
No coração dos mares revoltosos;

(3) *Sonuerunt, et turbatæ sunt aquæ eorum : conturbati sunt montes in fortitudine ejus.*

Se as aguas estrondosas desarreigam
Os rochedos das serras; que tememos?
Se Deos, nosso conforto, ao lado temos?

(4) *Fluminis impetus lætificat civitatem Dei: sanctificavit tabernaculum suum Altissimus.*

Tão ferina borrasca não perturba
O placido remanso, que argentino
Banha e rodêa o sitio levantado
Onde o Senhor fundou a immortal Séde:
Throno sublime, augusto tabernac'lo
Em que reside o sacro-santo orac'lo.

(5) *Deus in medio ejus non commovebitur : adjuvabit eam Deus mane diluculo.*

E se immutavel Deos alli preside,
Se esses muros fortissimos defende,
Quem póde vacillar, quem temer póde?
Antes que aponte a matutina aurora,
Antes que o Sol luzente doure o dia,
Deos carinhoso sobre nós vigia.

(6) *Conturbatæ sunt gentes, et inclinata sunt regna: dedit vocem suam, mota est terra.*

Estremeça comtudo a gente iniqua.
Já por terra lançou torres suberbas,
Que ornatos eram de famosos Reinos:
Trovejou Deos irado contra os crimes;
Soltou a voz: as terras se abalaram,
E os mais egregios thronos se arrazaram.

(7) *Dominus virtutum nobis-*

Mas o Deos de Jacob sempre comnosco

O seu podêr e amor nos manifesta:
Quem deixará de ver nos seus prodigios
A providente mão que nos protege?
Que aos seus filhos acode com piedade,
E em ventura converte a adversidade?

cum, susceptor noster, Deus Jacob.

Vinde todos, pasmai das maravilhas
Que as obras do Senhor mostram no mundo:
Como enfrêa as paixões nos nossos lares,
Como a guerra cruel de nós affasta;
Quebra os arcos do forte, as armas queima,
E dos genios audazes doma a teima.

(8) *Venite, et videte opera Domini, quæ posuit prodigia super terram, auferens bella usque ad finem terræ.*

(9) *Arcum conteret, et confringet arma, et scuta comburet igni.*

«Socegai, Deos nos diz, tomai alento:
Reconhecei quem sou; quem vos defende:
O meu podêr será sempre exaltado,
A terra obediente o reconhece...»
Deos é comnosco, ó Povos! animai-vos;
De tantos infortunios consolai-vos.

(10) *Vacate, et videte, quoniam ego sum Deus: exaltabor in gentibus, et exaltabor in terra.*

(11) *Dominus virtutum nobiscum: susceptor noster, Deus Jacob.*

PSALMO XLVI.

In finem pro filiis Core (*).

O grande Deos celebremos,
Os nossos hymnos reboem;
Battam palmas quantos vivem,
Flautas e trombetas soem:

(1) *Omnes gentes, plaudite manibus, jubilate Deo in voce exultationis.*

Pois que o Excelso, o Poderoso,
O tremendo Rei do mundo
No seu vasto imperio abrange
Quanto é mais alto ou profundo.

(2) *Quoniam Dominus excelsus, terribilis: Rex magnus super omnem terram.*

(*) V. nota antecedente.

(3) *Subjecit populos nobis, et gentes sub pedibus nostris.*

Elle é quem com força immensa
Os povos nos sujeitou;
Quem a nossos pés vencidos
Nossos contrarios prostrou:

(4) *Elegit nobis hæreditatem suam, speciem Jacob, quam dilexit.*

Quem para a ditosa herança
De Jacob nos escolheo;
Desse, que Deos tanto amava,
A stirpe em nós floreceo.

(5) *Ascendit Deus in jubilo: et Dominus in voce tubæ.*

Cantemos, que os Ceos se abrem,
E ascende o Auctor do Universo:
Para tão sublime assumpto
Prosa é curta, frouxo é verso.

(6) *Psallite Deo nostro, psallite; psallite Regi nostro, psallite.*

Cantai comigo, cantai
A gloria do nosso Rei;
Os seus triumphos da morte,
Victorias da sua lei.

(7) *Quoniam Rex omnis terræ Deus, psallite sapienter.*

Elle sobre tudo reina:
Dobrai vivas, battei palmas;
Levantai os pensamentos,
Inflammai de amor as almas.

O melhor hymno se escolha,
E a lyrica melodia
Rompa os ares, celebrando
A eterna Sabedoria.

(8) *Regnabit Deus super gentes: Deus sedet super sedem sanctam suam.*

Á dextra do Sêr dos sêres,
No immortal solio sentada,
É por essencias celestes,
Pelos astros cortejada:

De lá doma e rege as gentes;
Lá do Empyreo determina
Que aos filhos de Abr'am se aggreguem
Reis e Povos que domina.

(9) *Principes populorum congregati sunt cum Deo Abraham: quoniam dii fortes terræ vehementer elevati sunt.*

Pelos fortes Conductores
Que lh'escolheo providente,
Se exalta nos ceos, na terra
O seu nome omnipotente.

Ninguem em podêr lhe iguala;
Delle todo o sêr depende:
Nem Sião vacillar póde,
Pois Deos a ampara e defende.

PSALMO XLVII.

Psalmo para cantar-se pelos filhos de Core.

Psalmus Cantici filiis Core secunda Sabbati. (•)

GRANDE Deos! Tu, que excedes quanto alcança
Para louvar-te a humana creatura,
Com que piedade attendes
Os hymnos maviosos
Que inspira o doce fogo em que me accendes!

(1) *Magnus Dominus, et laudabilis nimis, in civitate Dei nostri, in monte sancto ejus.*

(•) Segundo o nosso entender, este psalmo é tambem de Salomão, escripto e cantado em um dos muitos dias em que se celebrou a dedicação do templo. No titulo não se acha o nome de David, mas tão sómente *Psalmus Cantici filiis Core, secunda Sabbati.* Estas ultimas palavras não se leem na fonte, ou nas antigas versões, e são accrescentamento de tempos posteriores, como já advertimos em outro lugar. No sentido espiritual entende-se a Igreja, contra a qual *portæ inferi non prævalebunt*, como o proprio Jesus Christo, sua cabeça, nos faz saber.

(Mattei.)

(2) *Fundatur exultatione universæ terræ mons Sion, latera Aquilonis, civitas Regis magni.*

Que festival concêrto a terra inteira
Forma ao ver a cidade que é fundada
Sobre o monte Sião, opposta ao Norte;
Que é de jardins e bosques adornada,
Em clima tão ameno quão saudavel;
Inexpugnavel, forte,
Domicilio suberbo, magestoso
Do mais sublime Rei, mais poderoso!

(3) *Deus in domibus ejus cognoscetur, cum suscipiet eam.*

As torres, que ao ceo s'elevam,
A fortaleza dos muros,
Os alicerces seguros,
Não póde a força abalar.

Por alli se reconhece
Que tão sublime morada
Foi de certo fabricada
Para Deos nella habitar.

(4) *Quoniam ecce Reges terræ congregati sunt, convenerunt in unum.*
(5) *Ipsi videntes sic admirati sunt, conturbati sunt, commoti sunt, tremor apprehendit eos.*

(6) *Ibi dolores ut parturientis, in spiritu vehementi conteres naves Tharsis.*

Mas que nuvem medonha se levanta!
Que Potentados impios não se aggregam
Para attacá-la!... Oh pasmo! stupefactos
Retrocedem, de medo, os insensatos:
Conturbam-se, admiram, desfallecem;
Seu crime reconhecem,
Seu proposito muda,
E as entranhas lhes lavra dor aguda.
Diffunde-se o terror pelas cohortes,
Perde o credito a voz dos Commandantes:
Só naufragios e mortes
Compensam seus projectos arrogantes:
Ameaçam os Euros furiosos
Os navios de Tharsis alterosos.

Cresce o risco; pela enxarcia
Raivoso o vento assobia,
Envolve-se em noite o dia,
Ouvem-se as ondas bramar.

Com teu sopro vehemente
Oh Deos! os mares revolves;
Rijas armadas dissolves,
Nas rochas vão naufragar.

Quanto vemos e ouvimos verifica
Do Senhor as promessas infalliveis,
Que affastam da cidade santa os p'rigos,
Derrotam sem remedio os inimigos.

(7) *Sicut audivimus, sic vidimus in civitate Domini virtutum, in civitate Dei nostri, Deus fundavit eam in æternum.*

Ao Senhor que fabricou,
Para nosso beneficio,
Um tão solido edificio,
Devemos o nosso amor.

(8) *Suscepimus, Deus, misericordiam tuam in medio templi tui.*

No seu templo sacro-santo
Não se conhece a discordia;
Nelle habita a mis'ricordia,
Cessa alli todo o temor.

Do Senhor dos Exercitos a gloria,
De suas maravilhas a memoria,
A perpetua firmeza de seus muros,
Reconheçam os seculos futuros.

(9) *Secundum nomen tuum, Deus, sic et laus tua in fines terræ, justitia plena est dextera tua.*

No seu templo, ao pé do throno
Em que brilha a sua gloria,
Resoem os nossos hymnos,
Os canticos de victoria.

Tanto ao seu povo conforta
De Deos o nome adoravel,
Quanto os impios temer devem
Um juiz inexoravel.

(10) *Lætetur mons Sion, et exultent filiæ Judæ propter judicia tua, Domine.*

Celébre pois Sião sua justiça;
Coros de Virgens santas, alegrai-vos:
Seu decoro será sempre vingado
Nos blasphemos que o tenham profanado.

(11) *Circumdate Sion, et complectimini eam: narrate in turribus ejus.*

Ah! vinde, contemplai de Sião santa
A grandeza, os palacios e obeliscos;
No seu recinto entrai, explorai tudo;
As torres que competem co' as estrellas;

(12) *Ponite corda vestra in virtute ejus, et distribuite domos ejus, ut enarretis in progenie altera.*

Visitai as cidadellas,
Medi-lhe das muralhas essa altura
Que a paz dos moradores assegura:
Narrai esse prodigio aos que vierem,
E possa o vosso canto
Ser com ternura ouvido, e com espanto,
Dos ultimos humanos que nascerem.

(13) *Quoniam hic est Deus, Deus noster in æternum, et in sæculum sæculi, ipse reget nos in sæcula.*

Neste palacio
Do Rei dos Reis
Reina a ventura,
Reinam as leis.
Os já nascidos,
E que hão de nascer,
Tomem alentos;
Pois quem observa
Seus mandamentos
A paz segura
Sempre ha de obter.

PSALMO XLVIII.

A musica do psalmo é do mestre dos Coritas. (*)

In finem filiis Core psalmus.

Vós, que habitais a terra, ouvi-me todos.
Aos que de clara stirpe se glorêam,
Aos humildes, aos ricos, aos mendigos,
Convem minhas verdades.

(1) *Audite hæc, omnes gentes, auribus percipite, omnes qui habitatis orbem.*
(2) *Quique terrigenæ, et filii hominum: simul in unum dives, et pauper.*

Meditações severas me ensinaram
A trazer a meus labios sapiencia;
Divina inspiração a bocca me abre
Para fallar ás gentes.

(3) *Os meum loquetur sapientiam, et meditatio cordis mei prudentiam.*

Melodico instrumento! lyra amada!
Em ti procuro os sons que mais adocem
As terriveis sentenças que meu estro
Ardendo em fogo entoa.

(4) *Inclinabo in parabolam aurem meam, aperiam in psalterio propositionem meam.*

No dia amargo, que tremendo susto
Me virá conturbar? O peso d'erros,
A permanente iniquidade em torno
Do meu sêr vacillante.

(5) *Cur timebo in die mala? iniquitas calcanei mei circumdabit me.*

Que afflicto dia! Nada então nos serve:
O valor, de que tanto nos prezâmos,
As riquezas, a gloria, o primor d'artes,
Tudo se desvanece.

(6) *Qui confidunt in virtute sua, et in multitudine divitiarum suarum gloriantur.*

(*) No titulo deste psalmo, posto que se attesta que fosse cantado pelos mesmos Coritas, todavia não se declara que fosse David o auctor delle; e Mattei justamente opina que deve, como o precedente, attribuir-se a Salomão. O estilo é o mesmo dos Proverbios, e o assumpto é todo moral, sem haver precisão de procurar-se outro sentido.

(7) *Frater non redimit, redimet homo, non dabit Deo placationem suam.*

(8) *Et pretium redemptionis animæ suæ, et laborabit in æternum, et vivet adhuc in finem.*

Nem o amor fraternal, nem a amizade,
Supplicas, preço algum, resgatar podem
Um amigo, um irmão; Deos não se applaca,
Não revoga o decreto.

Cançam-se em vão de prolongar os dias;
Por seculos que dure a vida humana,
Chega a morte, alça a fouce, vibra o golpe,
A eternidade sponta!...

(9) *Non videbit interitum, cum viderit sapientes morientes: simul insipiens, et stultus peribunt.*

Como é louco o mortal que não repara
Que se a morte tragou sabios e ricos,
Ao fero assalto della em vão resistem
Prazeres e loucuras!

(10) *Et relinquent alienis divitias suas: et sepulcra eorum domus illorum in æternum.*

Todos á morte cedem: os mais ricos
A estranhos deixarão os seus thesouros;
E terão por eterno domicilio
A tetra sepultura.

(11) *Tabernacula eorum in progenie, et progenie: vocaverunt nomina sua in terris suis.*

Dalli não voltarão mais sobre a terra:
A tenebrosa campa ha de opprimi-los,
Mesmo quando seu nome celebrado
Insensatos invoquem.

(12) *Et homo cum in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis.*

Ah! se algum s'esqueceo durante a vida
Da dignidade de homem; se o fartaram
Deleites vãos, inuteis simulachros
De gloria, de grandeza;

Se igualando-se aos brutos, o futuro
Lhe não lembrou, fez mofa do passado;
Foi caminhando ás cegas para o golpho
Em que a morte o arremessa:

Que lastimoso exemplo ao mundo lega!
Deixa aos vindouros venenosa eschola,
Onde applaudem doutrinas que os depravam,
E os submergem nos vicios.

(13) *Hæc via illorum scandalum ipsis, et postea in ore suo complacebunt.*

Vão como vai o gado ao matadoiro;
Como um rebanho os vai levando a morte,
E subito no inferno os precipita
Em ténebras eternas.

(14) *Sicut oves in inferno positi sunt, mors depascet eos.*

Que pasmoso contraste faz, raiando,
Uma luz matinal que ao justo cerca,
E o manifesta sobre o Empyrio Solio,
Que é premio de virtudes!

(15) *Et dominabuntur eorum justi in matutino: et auxilium eorum veterascet in inferno a gloria eorum.*

Em quanto, soltas dos corporeos laços,
Já destinadas a immortal tormento,
Gemem em vão as almas dos malvados
Nas perpetuas masmorras.

Meu Deos, de um tal destino me defende!
Quando o calor que a vida me sustenta
De todo se extinguir, ah! não permittas
Que eternamente eu pene.

(16) *Verumtamen Deus redimet animam meam de manu inferi, cum acceperit me.*

Vós, mortaes, que me ouvis, não vos espante
O fausto do ditoso; não vos tente
Inveja de riquezas, de palacios,
Por mais que brilhe a gloria.

(17) *Ne timueris, cum dives factus fuerit homo, et cum multiplicata fuerit gloria domus ejus.*

Cá fica sobre a terra essa opulencia;
Co' a nudez com que entrou no mundo, á morte
Se entregará seu corpo, despojado
De vigor, de belleza.

(18) *Quoniam cum interierit, non sumet omnia, neque descendet cum eo gloria ejus.*

(19) *Quia anima ejus in vita ipsius benedicetur: confitebitur tibi, cum benefeceris ei.*

Assaz na vida, farto de delicias,
Turba de amigos falsos o adularam;
Assaz creo no prestigio dos prazeres
Que feliz o fingiram:

(20) *Introibit usque in progenies patrum suorum, et usque in æternum non videbit lumen.*

Soffra agora, se isento de thesouros,
Privado de conforto, se apresenta
No cego mundo a seus antepassados
Em profunda amargura.

(21) *Homo, cum in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis.*

Desconheceo, vivendo, os nobres dotes
Com que o seu Creador o tinha ornado;
Preferindo ser emulo dos brutos,
Acabou como acabam.

PSALMO XLIX.

De Asaph (*).

(1) *Deus Deorum Dominus locutus est, et vocavit terram.*

FALLA dos altos Ceos o Deos dos Deoses,
Chama a juizo a criminosa terra;

(2) *A solis ortu usque ad occasum: ex Sion species decoris ejus.*

Desde onde nasce o Sol a voz retumba,
Té onde o Sol se apaga.

(*) No estilo sublime e heroico, poucos psalmos podem comparar-se com este, de que foi auctor o famoso Asaph, grande poeta e mestre de capella nos tempos de David, como se collige de varios lugares dos Paralipomenos, onde no liv. 2. c. 29. v. 30. se lê o seguinte: *Præcepit Ezechias Levitis, ut laudarent Dominum sermonibus David, et Asaph videntis.* No sentido litteral, refere-se a prophecia a descrever a vinda de Deos de Sião a Babylonia, para libertar o seu povo, fazer justiça dos impios, e consolar os bons, que estavam oppressos e queixosos, por não poder-lhe offerecer os costumados sacrificios: no sentido anagogico, descreve-se a vinda de Jesus Christo para julgar o mundo.

(Mattei)

Cercado de fulgores, magestoso
De Sião vem descendo; as aureas roupas,
O apparato divino o manifestam;
E vem desaggravar-se.

(3) *Deus manifestè veniet, Deus noster, et non silebit.*

Dos trovões o estampido, ardentes fogos,
O vento rugidor, as tempestades,
Me avisam quem é esse que precedem;
Penetram-me de susto...

(4) *Ignis in conspectu ejus exardescet, et in circuitu ejus tempestas valida.*

Clama de lá dos Ceos: «Ó terra! ó povos!
Venho a julgar-vos. Testemunhas sejam
Os ceos, as gentes; ao juizo assistam
Os numerosos sêres.

(5) *Advocabit cœlum desursum, et terram discernere populum suum.*

«Venham primeiro os anjos, venham justos,
Que com pureza d'alma ante meu throno
Apresentavam lúcidas virtudes,
Devotos sacrificios.

(6) *Congregate illi sanctos ejus, qui ordinant testamentum ejus super sacrificia.*

«Os que a minha justiça e lei sagrada
Aos mesmos ceos, constantes, attestaram;
Confirmaram com victimas e offrendas
Minha eterna alliança.

(7) *Et annuntiabunt cœli justitiam ejus, quoniam Deus judex est.*

«Ponham-se á parte os máos; a vida inteira
Quero explorar-lhe; o ceo e a terra vejam
Se a medida que ponho a meus rigores
Corresponde aos delictos.

«Povo meu d'Israel, a ti primeiro
Dirijo com ternura as minhas fallas:
Ouve, sou o teu Deos; assim o attesta
O teu Deos compassivo.

(8) *Audi populus meus, et loquar: Israel, et testificabor tibi: Deus Deus tuus ego sum.*

(9) *Non in sacrificiis tuis arguam te: holocausta autem tua in conspectu meo sunt semper.*

«Não me queixo de ti, se mil cordeiros,
Mil vitellos não tens depositado,
Em sacrificio, sobre meus altares;
Se as aras não fumegam.

(10) *Non accipiam de domo vitulos, neque de gregibus tuis hircos.*

(11) *Quoniam meæ sunt omnes feræ silvarum, jumenta in montibus, et boves.*

«Teus votos trago sempre ante meus olhos:
Não me são necessarios teus rebanhos;
Do campo as rêzes, da floresta as feras
Tudo a mim só pertence.

(12) *Cognovi omnia volatilia cæli, et pulchritudo agri mecum est.*

«Sei quantas aves vagam no ambiente;
Sou quem reveste os prados de verdura;
Ás arvores dou fructo, ás plantas flores,
E adorno de belleza.

(13) *Si esuriero non dicam tibi: meus est enim orbis terræ, et plenitudo ejus.*

«Se precisasse, nada te pedira:
O que tudo creou jámais carece:
Todo o orbe da terra é meu; possuo
A plenidão dos entes.

(14) *Numquid manducabo carnes taurorum, aut sanguinem hircorum potabo?*

«Quem ha de crer que bebo sequioso
O sangue de animaes, ou que me farte
A carne dos bezerros victimados
No templo em honra minha?

(15) *Immola Deo sacrificium laudis, et redde Altissimo vota tua.*

«O sacrificio puro que me agrada
São tuas preces, são os teus louvores;
Ao Altissimo entrega teus suspiros,
Immola-me teus votos.

(16) *Et invoca me in die tribulationis: eruam te, et honorificabis me.*

«No dia da afflicção a mim recorre;
Assim é que has de honrar a minha essencia:
Geme junto aos altares, hei de ouvir-te,
Hei de enxugar teu pranto...»

Assim fallou; mas logo irado e torvo
Volta-se ao impio, e deste modo o increpa:
«Com que audacia teus labios criminosos
Narram os meus preceitos?

(17) *Peccatori autem dixit Deus: quare tu enarras justitias meas, et assumis testamentum meum per os tuum?*

«Como da lei que insultas fallar ousas?
Não sabes que as promessas d'alliança
Não comprehendem perfidos profanos
Que se nutrem de vicios?

«Não és tu quem meu jugo quebrantaste?
Que as taboas em que a lei gravada tinha
Arremeçaste para traz, zombando
Dos meus sacros dictames?

(18) *Tu verò odisti disciplinam, et projecisti sermones meos retrorsum.*

«Do ladrão, do impudico não fizeste
Tua mais deleitosa sociedade?
Abundava em malicia a tua bocca,
Co' a lingua urdias dolos.

(19) *Si videbas furem, currebas cum eo, et cum adulteris portionem tuam ponebas.*

(20) *Os tuum abundavit malitia, et lingua tua concinnabat dolos.*

«Contra o teu proprio sangue quantas vezes
Conspiraste malevolo! Que aleives,
Que improperios crueis não propagaste,
Escandalos fabricando!

(21) *Sedens adversus fratrem tuum loquebaris, et adversus filium matris tuæ ponebas scandalum: hæc fecisti, et tacui.*

«Contra quem mais te amava conjuraste:
Tudo vi, tudo sei; porêm calei-me.
Nega, se podes, tão culpaveis factos,
E vê se os desvaneces.

«Crês, ó louco! que eu como tu perverso
Possa esquecer tão grandes desatinos?
Enganas-te; hei de ser justo, severo,
Pesar todos teus crimes.

(22) *Existimasti iniquè quod ero tui similis: arguam te, et statuam contra faciem tuam.*

«Hei de arguir-te, hei de lançar-te em rosto
A infamia de teus erros, confundir-te;
E fazer resaltar a minha gloria
Com a tua ignominia.»

(23) *Intelligite hæc, qui obliviscimini Deum, ne quando rapiat, et non sit, qui eripiat.*

Ouvi estas verdades, peccadores,
Descuidados de Deos; tomai sentido,
Para que a tempo se suspenda o raio
Que arraza sem remedio.

(24) *Sacrificium laudis honorificabit me, et illic iter, quo ostendam illi salutare Dei.*

Não com sangue; com preces e louvores
De applacar o Senhor é tempo agora;
Pedindo-lhe nos mostre compassivo
A sua face augusta.

PSALMO L.

(IV. DOS PENITENCIAES.)

In finem psalmus David, cum venit ad eum Nathan Propheta, quando intravit ad Bethsabee.

A musica e a poesia é de David, e foi por elle composta quando o Propheta Nathan veio admoestá-lo pelo adulterio de Bethsabea. (*)

(1) *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam.*

PERDOA-ME, Senhor, proporcionando
Das tuas mis'ricordias á grandeza
Remedio ao mal que afflicto estou chorando:

(*) É opinião de Abenesra, referida por Muis, e seguida por Mattei e outros, que os dois ultimos versiculos deste psalmo foram addicionados por algum Levita no tempo da escravidão Babylonica; porque nos dias de David ainda Jerusalem não era cingida de muros; nem este propheta, depois de ter ditto nos versos 17. e 18. que estava prompto a offerecer sacrificios ao Senhor se elle os quizesse, mas que a victima agradavel a Deos era um coração contricto e humilhado, havia de repente contradizer o seu sentimento, accrescentando que lhe sacrificaria vitellos no seu altar, depois de edificados os muros de Jerusalem.

E pela tua piedade
Delida fique a minha iniquidade.

(2) *Et secundum multitudinem miserationum tuarum dele iniquitatem meam.*

Amplamente me lava nodoas tantas,
Com que medonhos erros me mancharam:
Purifiquem, meu Deos, lagrimas santas
Restos desse peccado
Com que sinto meu peito inda aggravado.

(3) *Amplius lava me ab iniquitate mea, et à peccato meo munda me.*

Reconheço, Senhor, minha malicia:
O meu peccado sempre tenho á vista;
Faz-me horror quanto nelle achei delicia.
Ah! contra ti pequei,
Ao mal ante os teus olhos me entreguei.

(4) *Quoniam iniquitatem meam ego cognosco, et peccatum meum contra me est semper.*

(5) *Tibi soli peccavi, et malum coram te feci: ut justificeris in sermonibus tuis, et vincas cum judicaris.*

Para justificar tuas sentenças,
Teus sagrados oraculos, confesso
Quantas fiz contra ti crueis offensas:
E quando me julgares
Verão justa a vingança que tomares.

Sim, concebido fui na iniquidade;
Na culpa me gerou quem me deo vida:
Mas tu, Senhor, que amavas a verdade,
Em minha alma a estampaste,
E occulta sapiencia me ensinaste.

(6) *Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum, et in peccatis concepit me mater mea.*

(7) *Ecce enim veritatem dilexisti: incerta et occulta sapientiæ tuæ manifestasti mihi.*

Recorro a ti: diffunde graça ingente,
Asperge-me c'o hyssope saudavel,
E puro ficarei, de delinquente:
Mais do que a neve pura
Luzirei, revestido de candura.

(8) *Asperges me hyssopo, et mundabor: lavabis me, et super nivem dealbabor.*

Sólta essa voz suave em meus ouvidos;

(9) *Auditui meo dabis gaudium*

et lætitiam, et exultabunt ossa humiliata.

E o deleite e alegria em mim lavrando
Hymnos me hão de inspirar enternecidos:
Meus ossos humilhados
Exultarão de gosto, reanimados.

(10) *Averte faciem tuam a peccatis meis; et omnes iniquitates meas dele.*
(11) *Cor mundum crea in me, Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis.*

Não olhes para o crime já passado;
Risca as iniquidades da lembrança:
Cria em mim coração novo e lavado;
Em meu animo innova
Recto senso, que o bem sómente approva.

(12) *Ne projicias me a facie tua, et spiritum sanctum tuum ne auferas a me.*

(13) *Redde mihi lætitiam salutaris tui: et spiritu principali confirma me.*

Não me recuses, não, tua face amavel:
Não retires de mim o santo influxo
Do espirito divino; mas saudavel
Move em mim alegria,
E os teus dons principaes de mim confia.

(14) *Docebo iniquos vias tuas, et impii ad te convertentur.*

Então, doutrina santa promulgando,
Ensinarei a iniquos as veredas
Por onde a Deos hão de ir-se aproximando;
E os impios convertidos
Perdão te irão pedir já submettidos.

(15) *Libera me de sanguinibus, Deus, Deus salutis meæ, et exultabit lingua mea justitiam tuam.*

Perdoa-me, ah! meu Deos, esse impio facto,
Que perpetrei, sanguineo, detestavel,
De um criminoso amor fructo insensato:
Perdão!... Direi contente
Quanto a justiça tua foi clemente.

(16) *Domine, labia mea aperies, et os meum annuntiabit laudem tuam.*

Abre, Senhor, meus labios; teus louvores
A minha voz espalhe em toda a parte,
Unisona c'os célicos cantores;
Hymnos alti-sonantes
Reboem nos contornos mais distantes.

Se quizesses, Senhor, ao som da trompa,
Sacrificios, tambem t'os off'recera:
Mas de holocaustos não te apraz a pompa;
É mais do teu agrado
Um coração contricto e humilhado.

(17) *Quoniam si voluisses sacrificium, dedissem utique, holocaustis non delectaberis.*

(18) *Sacrificium Deo spiritus contribulatus: cor contritum, et humiliatum, Deus, non despicies.*

Espalha pois benigno, favoravel,
Bençãos sobre Sião; repara os muros
De Jerusalem triste e deploravel:
E nesses dias faustos
Então te off'receremos holocaustos.

(19) *Benignè fac Domine, in bona voluntate tua Sion, ut ædificentur muri Jerusalem.*

Então, já dissipados os pezares,
Completa a expiação, puras offrendas
Acceitarás piedoso em teus altares;
E as victimas sagradas
De listões e de joias adornadas.

(20) *Tunc acceptabis sacrificium justitiæ, oblationes, et holocausta: tunc imponent super altare tuum vitulos.*

PSALMO LI.

A musica e a poesia é de David, escripta por elle na occasião em que Doeg Idumeo denunciou a Saul que David tinha estado em casa de Abimelech. (*)

In finem intellectus (**) David, cum venit Doeg Idumæus, et annuntiavit Sauli: venit David in domum Abimelech.

De que te serve, oh louco, essa vaidade?
Que tiras da malicia, da arrogancia
Com que os crimes comettes?

(1) *Quid gloriaris in malitia, qui potens es in iniquitate?*

(*) Este psalmo é uma invectiva contra Doeg Idumeo, cuja delação e suas funestas consequencias podem ver-se, no *c.* 22. *do* 1.° *liv. dos Reis*. Póde servir de correctivo contra os murmuradores e intrigantes.

(**) *Intellectus* é um vocabulo que exprime um genero de poesia, como *ode*, *elegia*, *canção*, etc. V. a nota ao psalmo XLI.

És tu quem te creaste?
Quem tuas faculdades fabricaste?

(2) *Tota die injustitiam cogitavit lingua tua, sicut novacula acuta fecisti dolum.*

Meditas na injustiça o dia inteiro;
Qual amolada fouce a lingua tua
Alheia fama corta,
Mentiras apregoa,
E os mais dignos objectos atraiçoa.

(3) *Dilexisti malitiam super benignitatem: iniquitatem magis, quam loqui æquitatem.*

Ingrato a Deos, a quem deves as forças,
Preferiste a malicia a ser benigno;
Nas desenvoltas phrases
Só présas a maldade;
Aborrecem-te assumptos de equidade.

(4) *Dilexisti omnia verba præcipitationis, lingua dolosa.*

Enganadora lingua! Quanto estrago
Causam tuas palavras cavilosas!
Não pasmes, se provocam
Contra ti mesmo riscos,
E do Deos vingador fataes coriscos.

(5) *Propterea Deus destruet te in finem: evellet te, et emigrabit te de tabernaculo tuo, et radicem tuam de terra viventium.*

Cançado de clemencia, ha de arrazar-te,
Destruir-te, arrancar-te á propria terra;
Longe do patrio tecto
Apagarás teu nome,
Talvez que devorado pela fome.

(6) *Videbunt justi, et timebunt, et super eum ridebunt, et dicent:*
(7) *Ecce homo, qui non posuit Deum adjutorem suum, sed speravit in multitudine divitiarum suarum, et prævaluit in vanitate sua.*

Tão horrido espectac'lo assusta os justos:
Mas depois, increpando-te os delictos,
Dirão: «Eis o malvado
Que de Deos se affastava,
E que do seu podêr nada esperava.

«Com avidez, sómente nas riquezas,

Nos frageis bens, que são todos vaidade,
Poz sua confiança:
Suspirou por thesouros;
Nada alcançou, cobrio-se de desdouros.»

Eu porêm, no meu Deos só me confio;
Qual frondente oliveira alli disposta,
Medrarei no seu templo;
E co' a sua piedade
Ganharei vigoroso a eternidade.

(8) *Ego autem sicut oliva fructifera in domo Dei, speravi in misericordia Dei in æternum, et in sæculum sæculi.*
(9) *Confitebor tibi in sæculum, quia fecisti, et exspectabo nomen tuum, quoniam bonum est in conspectu Sanctorum tuorum.*

PSALMO LII.

Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus, etc.

N. B. Deixando, a exemplo de Mattei, o psalmo LII., cujos pensamentos são todos os mesmos do XIII., ao qual me refiro, passemos ao LIII., seguindo a mesma numeração, por não alterar a ordem da Vulgata.

(Da Auctora.)

PSALMO LIII.

In finem, in carminibus intellectus David, cum venissent Ziphæi, et dixissent ad Saul: Nonne David absconditus est apud nos?

Ode de David, posta em musica pelo mestre dos Neghinoth. *Foi composta na occasião em que os Zipheos foram dizer a Saul que David estava escondido nas suas montanhas.* (*)

(1) *Deus, in nomine tuo salvum me fac, et in virtute tua judica me.*

Com teu nome, ó Deos potente,
Salva-me, pois choro e gemo;
Se julgas a minha causa
Meus inimigos não temo.

(2) *Deus, exaudi orationem meam, auribus percipe verba oris mei.*

Não tardes, Senhor! escuta
Os meus afflictos gemidos;
Ás vozes com que te chamo
Presta attento os teus ouvidos.

Vê a furia com que buscam
Gentes estranhas matar-me;
Sem que a mais pura innocencia
Sirva para desculpar-me.

(3) *Quoniam alieni insurrexerunt adversum me, et fortes quæsierunt animam meam, et non proposuerunt Deum ante conspectum suum.*

Vê como fortes se arrojam
Contra mim; como se eximem
De pensar que os estás vendo,
Quando mais crueis me opprimem.

(*) Este aviso dos Zipheos a Saul poz David em grande perigo, porque se achava omiziado não muito longe do campo de Saul; mas um correio vindo com a noticia de que os Philisteos eram entrados no paiz, obrigou este principe a deixar David, para ir oppor-se aos invasores.

Vem pois, Senhor, acudir-me,
Sem teu soccorro pereço;
Conforta minha alma afflicta,
Tem dó de quanto padeço.

(4) *Ecce enim Deus adjuvat me, et Dominus susceptor est animæ meæ.*

Salva os justos, e dissipa
Os que o tempo em crimes gastam;
Reverta o mal sobre os impios,
Que do bem tanto se affastam.

(5) *Averte mala inimicis meis* (*), *et in veritate tua disperde illos.*

Então, com quanta alegria,
Pela verdade illustrado,
Hei de immolar puras rezes
Sobre o teu altar sagrado!

(6) *Voluntariè sacrificabo tibi, et confitebor nòmini tuo, Domine, quoniam bonum est:*

D'estro ardente possuido,
O meu psalterio afinando,
Teu nome e quanto és benigno
Docemente irei cantando.

Relatarei nos meus hymnos
De que afflicções me livraste;
Como de meus inimigos
Poderoso triumphaste.

(7) *Quoniam ex omni tribulatione eripuisti me, et super inimicos meos despexit oculus meus.*

Contra os meus perseguidores,
Em teu santo amor acceso,
Não tomarei, socegado,
Mais vingança que o desprezo.

(*) Obscuramente se traduzio *averte mala inimicis meis*, em vez de *verte mala à me in inimicos meos*, como diz o Hebreo.

(*Maltei.*)

PSALMO LIV.

In finem, in carminibus intellectus David.

As palavras são de David, a musica é do mestre dos Neghinoth. (*)

(1) *Exaudi, Deus, orationem meam, et ne despexeris deprecationem meam, intende mihi, et exaudi me.*

NESTE estado infeliz, as minhas preces
Attende, meu Senhor! Os meus suspiros,
Que te invocam magoados, não desprezes:
Se me negas soccorro,
No seio da amargura afflicto morro.

(2) *Contristatus sum in exercitatione mea, et conturbatus sum à voce inimici, et à tribulatione peccatoris.*

Repara que fataes presentimentos
A minha alma conturbam;
Que tropel de funestos pensamentos
Em mim sublevam meus perseguidores:
Ouço ao longe alaridos,
Que ameaçando vem o meu socego:

(3) *Quoniam declinaverunt in me iniquitates, et in ira molesti erant mihi.*

Já me imputam horrores,
Temem de mim projectos fementidos:
Em vão minha alma emprégo
Em devêres cumprir, que impios admiram;
Por isso mesmo contra mim conspiram.

(4) *Cor meum conturbatum est in me, et formido mortis cecidit super me.*

Meu coração desfallece
Encarando a minha sorte;
Sobre mim d'acerba morte
Vejo a fouce scintillar.

(*) Ao retirar-se de Jerusalem, perseguido por seu filho Absalão, compos David este bello psalmo, no qual os Santos Padres viram quasi pintado o nosso Redemptor entregue por Judas, e agitado pela consideração da proxima ignominiosa morte que lhe preparavam os Judeos.

Com temor e tremor vejo
Virem as trevas descendo;
A borrasca vai crescendo,
Já começa a trovejar.

(5) *Timor et tremor venerunt super me, et contexerunt me tenebræ.*

Ah! quem me dera ter azas,
E como a pomba voar!
Buscara um ninho remoto,
Alli fora descançar:

(6) *Et dixi: quis dabit mihi pennas sicut columbæ, et volabo, et requiescam?*

Fora aonde não se ouvisse
Nem o vento murmurar.

(7) *Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine.*

Alli aguardaria socegado
Quem de amarga tristeza e de procellas
Me tem por tantas vezes já salvado.

(8) *Expectabam eum, qui salvum me fecit a pusillanimitate spiritus, et tempestate.*

Mas ah! Senhor, confunde esses perversos
Que tanta iniquidade
Espalham na cidade:
A corrupção em toda vai lavrando,
Trasborda de seus muros a maldade,
E a audacia d'insolentes.

(9) *Præcipita, Domine, divide linguas eorum, quoniam vidi contradictionem in civitate.*

O dia nasce, e a luz faz mais patentes
As vexações, os dolos, a injustiça;
Da noite com espanto
Iguaes crimes envolve o denso manto.
Desditosa cidade!

(10) *Die ac nocte circumdabit eam super muros ejus iniquitas, et labor in medio ejus, et injustitia.*

Trocaste o brio antigo em perfidia,
Prohibiste o ingresso á galhardia:
Usura, aleive, sordido interesse
Os corações malvados entumece,
E a culpavel audacia desenfrêa:
O crime descarado
Ás claras pelas praças pavonêa:

(11) *Et non defecit de plateis ejus usura, et dolus.*

Peregrina a virtude é mal acceita,
E victima perece da suspeita.

(12) *Quoniam, si inimicus meus maledixisset mihi, sustinuissem utique:*

Ah! se um meu inimigo furioso
Me fabricasse aleives, poderia
Com animo pacato e generoso
Soffrer, e perdoar-lhe a aleivosia.

(13) *Et si is, qui oderat me, super me magna locutus fuisset, abscondissem me forsitan ab eo.*

Se esses que me perseguem e aborrecem,
Blasphemos, de improperios me cobrissem,
Talvez que defendendo-me gemessem,
E eu tivesse vigor que elles sentissem.

(14) *Tu verò homo unanimis, dux meus, et notus meus,*
(15) *Qui simul mecum dulces capiebas cibos, in domo Dei ambulavimus cum consensu.*

Mas tu, homem cruel, que a natureza,
O amor e costume a mim ligaram;
Tu, que na sociedade, que na mesa
Nem razão, nem pretextos te apartaram:
Tu, que julgava meu, tu meu pupillo;
Tu, que terno e fiel me acompanhavas
Quando buscava a Deos no templo santo,
Hoje rebelde e ingrato te depravas,
E tyranno provocas o meu pranto!...

(16) *Veniat mors super illos, et descendant in infernum viventes* (*).

Ah! venha a morte assustá-los,
A seus olhos se abra o inferno;

(*) Note-se aqui neste lugar, segundo o aviso de *Mattei*, que as queixas são no singular, *tu homo, qui capiebas:* mas quando vem ás imprecações falla em geral, *veniat mors super eos, et descendant in infernum viventes*, isto é, *vivos sejam sepultados debaixo dos cavallos na guerra*, não devendo entender-se o *infernum* senão no sentido de sepulchro, pois que o Psalmista não desejava certamente (attentos os protestos que faz nos vers. 4. e 5. do psalmo 7., e a ternura que manifesta na bellissima cantata que compoz por occasião da morte de Saul na róta de Gelboé, *l. 2. dos Reis, c.* 1. *v.* 19.) que fossem para o inferno, mas que morressem: e n'uma guerra justa, em relação a David, na qual podia licitamente fazer estrago no campo inimigo, não lhe seria tambem licito desejar esse mesmo estrago, predizê-lo, e pedir a Deos que o fizesse vencedor com a ruina dos contrarios?

Convem ter presentes estas reflexões em todas as passagens semelhantes a esta que se encontram em alguns psalmos que parecem imprecativos.

Temam que o Juiz eterno
Seus raios chegue a accender:
   Porêm n'uma alma perversa
Só iniquidade existe;
A todo o auxilio resiste,
E nem Deos chega a temer.

(17) *Quoniam nequitiæ in habitaculis eorum in medio eorum.*

Mas que m'importam impios? A Deos volto,
Elle me acudirá em quanto soffro.

(18) *Ego autem ad Deum clamavi, et Dominus salvabit me.*

Ou desponte o sol luzente,
Ou se eleve ao meio-dia,
Ou o esconda a noite fria,
Sempre orando me ha de achar.
   Muito embora revoltoso
Se levante quem me offende;
Se Deos me ampara e defende,
Ninguem me póde aterrar.

(19) *Vespere, et mane, et meridie narrabo, et annuntiabo, et exaudiet vocem meam.*

Por entre multidões virá trazer-me
Deos os bens que preciso, a paz serena:
   Bem que muitos me assaltem,
   Me livrará piedoso;
   Seu braço poderoso
Combaterá por mim na fera lutta,
Domará do suberbo a força bruta.
Se o Sêr que antes dos tempos existia
   O máo desconhecia,
   Agora castigado
Prove o fructo amargoso do peccado.
A domestica paz, que sobre a terra
Os celestes prazeres anticipa,
Contaminou feroz; foi profanada
   Por elle a lei sagrada:

(20) *Redimet in pace animam meam ab his, qui appropinquant mihi, quoniam inter multos erant mecum.*

(21) *Exaudiet Deus, et humiliabit illos, qui est ante sæcula.*

(22) *Non enim est illis commutatio, et non timuerunt Deum; extendit manum suam in retribuendo.*

(23) *Contaminaverunt testamentum ejus: et divisi sunt ab ira vultus ejus, et appropinquavit cor illius.*

(24) *Molliti sunt sermones ejus super oleum, et ipsi sunt jacula.*

Contra quem mais o amava
Usou sem fé palavras oleosas,
Mas prenhes de veneno;
Dolos as perverteram,
E em penetrantes settas converteram.

(25) *Jacta super Dominum curam tuam, et ipse te enutriet: non dabit in æternum fluctuationem justo.*

Mas para que me deixo ir opprimindo
De funestas lembranças?
Entreguemos a Deos nossos cuidados,
Elle irá reforçando o nosso alento:
Não deixa para sempre fluctuando
O seu Justo no abysmo do tormento.

(26) *Tu verò, Deus, deduces eos in puteum interitûs.*

Temiveis são, Senhor, as tuas iras:
Oh meu Deos! com que aspecto furibundo
Do malvado comprimes a insolencia!
Nos horrores do golpho mais profundo
O impelles com violencia.

(27) *Viri sanguinum, et dolosi non dimidiabunt dies suos: ego autem sperabo in te, Domine.*

Tem só metade da vida
O peccador sanguinario,
Que procura, temerario,
As crueis paixões fartar:
No mar que julga tranquillo,
Descuidado navegando,
Vai-se aos escolhos chegando,
Vai subito naufragar.
Eu em ti, meu Deos, espero,
Em ti devo descançar.

PSALMO LV.

Psalmo de David, composto na occasião em que escapou das mãos dos Philisteos, que o insidiavam em Geth. A musica é do mestre dos Jonath-elem-rechochim (*).

In finem, pro populo, qui à sanctis longè factus est, David in tituli inscriptionem, cum tenuerunt eum Allophyli in Geth.

Tem piedade de mim, meu Deos, que soffro
Que me atropellem impios todo o dia:
Sim, meu Senhor, consola
Tão aspera agonia;
Acceita compassivo meus suspiros.
Quando tantos perversos
Com alaridos feros me circundam,
Mais em ti me confio.
Não reputes audaz minha esperança,
Pois que tua bondade jàmais cança.

(1) *Miserere mei, Deus, quoniam conculcavit me homo, tota die impugnans tribulavit me.*

(2) *Conculcaverunt me inimici mei tota die, quoniam multi bellantes adversum me.*

(3) *Ab altitudine diei timebo: ego verò in te sperabo.*

Que póde contra mim um vil composto
De tenue pó, se Deos é quem me acode?
Se a taes intentos perfidos
Se oppõe quem tudo póde?
Suave distracção de acerbas penas,
Instrumentos melodicos,
Harpa, cithara doce! vinde, vinde,
Abafai os clamores insensatos,
Ao Senhor offertai concertos gratos.

(4) *In Deo laudabo sermones meos, in Deo speravi: non timebo quid faciat mihi caro.*

Tremam de raiva os impios, escutando
Hymnos com que a minha alma se deleita;

(5) *Tota die verba mea execrabantur: adversum me omnes cogitationes eorum in malum.*

(*) Instrumento musico dos antigos hebreos, segundo *Mattei*.

Que applacam meus pezares,
E Deos piedoso acceita.
Em quanto cautelosos investigam
Meus innocentes passos,
De veneno me aspergem, procurando
Que eu tropece nos laços que me tendem,
E estupido conceda o que pertendem.

Ah não, meu Deos! Fiel ao que promettes,
O que juraste cumprirás sem falta;
Castigando a impiedade,
Tua gloria resalta:
Inflammado de colera, aos perversos
Assustará teu rosto:
Farás sentir a força de teu braço;
Mostrarás como indomitos reprimes,
E como vingador refrêas crimes.

Os arcanos da minha vida inteira
A ti são manifestos; o meu pranto
Corre em tua presença:
Apenas me levanto,
No thesouro da tua misericordia
Deponho a consciencia;
Tu recolhes as lagrimas que choro,
Ouves os ternos ais com que te imploro,

Já é tempo, Senhor, já, de acudir-me,
E pôr em fuga os meus perseguidores;
Prompto amparo, soccorro,
Exigem meus clamores:
Se me escutas, e vens auxilio dar-me,
Se as ciladas destramas,

(6) *Inhabitabunt, et abscondent, ipsi calcaneum meum observabunt.*

(7) *Sicut sustinuerunt animam meam, pro nihilo salvos facies illos: in ira populos confringes.*

(8) *Deus, vitam meam annuntiavi tibi: posuisti lacrymas meas in conspectu tuo,*

(9) *Sicut et in promissione tua: tunc convertentur inimici mei retrorsum.*

(10) *In quacumque die invocavero te, ecce cognovi, quoniam Deus meus es.*

Conhecerei, meu Deos, que és meu, que posso
Em teu nome impedir qualquer destroço.

Ah! se vejo completos os meus votos,
Se o teu broquel luzente me defende,
Zombarei desses damnos
Que fazer-me pertende
O mais ingrato e vil d'entre os viventes.
Para cumprir meu voto,
A mão affouta as aureas cordas fira,
Já tenho promptos hymnos, prompta a lyra.

(11) *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem, non timebo quid faciat mihi homo.*

(12) *In me sunt, Deus, vota tua, quæ reddam laudationes tibi.*

Sim, meu Deos, pois da morte me livraste,
Pois desfizeste as perfidas ciladas,
Pois que tão generoso
Das celestes moradas
Patentes me fizeste as aureas portas;
Em versos numerosos
Direi que a immortal luz me preparaste,
E meu constante amor me premiaste.

(13) *Quoniam eripuisti animam meam de morte, et pedes meos à lapsu, ut placeam coram Deo in lumine viventium.*

PSALMO LVI.

In finem, ne disperdas, David in tituli inscriptionem, cum fugeret à facie Saul in speluncam.

Psalmo composto por David, quando fugia de Saul, escondendo-se pelas cavernas. A musica é do mestre dos Thaschath (*).

(1) *Miserere mei, Deus, miserere mei, quoniam in te confidit anima mea.*

Tem, meu Deos, de mim piedade,
Tem misericordia, Senhor;
Pois minha alma atribulada
Confia no teu favor.

(2) *Et in umbra alarum tuarum sperabo, donec transeat iniquitas.*

Á sombra das tuas azas
Esperançado me alento,
Em quanto passa a borrasca,
E se não amaina o vento.

(3) *Clamabo ad Deum Altissimum, Deum qui benefecit mihi.*

Gritarei por Deos supremo,
Sei que escuta o meu clamor;
Sei que generoso e affavel
É dos homens bemfeitor.

(4) *Misit de cœlo, et liberavit me, et dedit in opprobrium conculcantes me.*

Dos Ceos m'enviou conforto,
Libertou-me o seu podêr,
E os que intentavam calcar-me
Fez logo retroceder.

(*) Instrumento de musica dos antigos hebreos. Já adverti muitas vezes que *in finem* corresponde na Vulgata ao *lamnatzeach* do hebraico, isto é, ao *mestre;* e sempre o vocabulo que se segue denota o instrumento musico que elle tocava. Aqui diz-se *lamnatzeach al taschath*, isto é, a musica é do mestre dos *taschath*, como dos *neghinoth*, etc.

(Mattei.)

Para libertar minha alma,
Mandou clemencia e verdade;
D'entre leões resgatou-me,
Cobrio d'opprobrio a maldade.

(5) *Misit Deus misericordiam suam, et veritatem suam, et eripuit animam meam de medio catulorum leonum: dormivi conturbatus.*

Respiro: mas conturbado
Á esperança me abandono;
E confortado por esta,
Entrego-me a um doce somno.

Se Deos me acode, que importa
O mal que os homens cogitam?
O vigor que o Ceo sustenta
Malvados não debilitam.

(6) *Filii hominum, dentes eorum arma, et sagittæ: et lingua eorum gladius acutus.*

Embora seus dentes sejam
Armas, settas aguçadas;
Suas linguas ultrajantes
Sejam agudas espadas:

Deos triumpha! Tu te exaltas
Sobre os Ceos, ó Deos piedoso!
Tua gloria sobre a terra
Faz o justo venturoso.

(7) *Exaltare super cælos Deus, et in omnem terram gloria tua.*

Aos meus pés teceram laços,
A minha alma contristaram;
Cavaram-me a sepultura;
Porêm nella se enterraram.

(8) *Laqueum paraverunt pedibus meis, et incurvaverunt animam meam.*
(9) *Foderunt ante faciem meam foveam, et inciderunt in eam.*

Santo ardor de mim se apossa;
Meu coração preparado,
Em cadentes psalmos solte
Canto por Deos inspirado.

(10) *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum, cantabo, et psalmum dicam.*

(11) *Exurge, gloria mea, exurge psalterium, et cithara, exurgam diluculo.* (*)

Surge, ó gloria minha, surge,
Lyra e psalterio cadente!
Recrearei com meus hymnos
A manhã e o sol nascente.

(12) *Confitebor tibi in populis, Domine, et psalmum dicam tibi in gentibus.*

Entre os povos exultando,
Te louvarei, meu Senhor:
Espalharei entre as gentes
Meus hymnos em teu louvor.

(13) *Quoniam magnificata est usque ad cælos misericordia tua, et usque ad nubes veritas tua.*

Direi como assim se exalta
Sobre os ceos tua bondade;
Como cumpriste as promessas
Com que honraste a humanidade.

(14) *Exaltare super cælos Deus, et super omnem terram gloria tua.*

Direi como o que creaste
Teu podêr immenso attesta;
Como fazem ceos e terra
Tua gloria manifesta.

Santo ardor de mim se apossa;
Meu coração preparado,
Em cadentes psalmos solte
Canto por Deos inspirado.

(*) Em vez de *exurgam diluculo*, acha-se no hebreo *excitabo auroram.* *(Mattei.)*

PSALMO LVII. (*)

A poesia é de David; a musica do mestre dos Taschath.

In finem, ne disperdas, David in tituli inscriptionem.

Se approvais a justiça, sede justos,
Filhos dos homens, ou despi a toga:
Hypocrita linguagem,
Fingida compaixão não vinga offensas,
Mas declara execrandas as sentenças.

(1) *Si verè utique justitiam loquimini, recta judicate, filii hominum.*

Se interna iniquidade em vós domina,
Arrojai a balança que em mão tendes:
De que serve, se inclina
Para onde o interesse lhe carrega?
Se aos orphãos, se á viuva amparo nega?

(2) *Etenim in corde iniquitates operamini: in terra injustitias manus vestræ concinnant.*

Já do seio materno corrompidos
Á luz viestes, perfidos falsarios;
Mil vezes mentirosos,
Ao mal alheio sempre indifferentes,
Ou furiosos quaes crueis serpentes.

(3) *Alienati sunt peccatores à vulva, erraverunt ab utero, locuti sunt falsa.*

(4) *Furor illis secundum similitudinem serpentis, sicut aspidis surdæ et obturantis aures suas,*

Áspides surdos, que os ouvidos tapam,
Recusando-se ás vozes da verdade;
Resistindo aos encantos
Que a maga persuasão benigna emprega,
Com que os mais duros animos socega.

(5) *Quæ non exaudiet vocem incantantium, et venefici incantantis sapienter.*

(*) Aqui desafoga o Psalmista contra os ministros e conselheiros de Saul, que em vez de applacar, irritavam o Rei já indignado. Qualquer outra explicação dada pelos interpretes é fóra de lugar e de tempo. O psalmo é breve, mas elegante, e cheio de espirituosas e vívidas comparações; o seu estilo é parecido com o das odes Alcaicas de Horacio.

(Mattei.)

(6) *Deus conteret dentes eorum in ore ipsorum, molas leonum confringet Dominus.*

Porêm Deos domará tanta arrogancia;
Os dentes quebrará, que tão ferinos
Aos innocentes mordem:
Do leão mais atroz fractura os ossos,
Faz em pedaços os grilhões mais grossos.

(7) *Ad nihilum devenient, tanquam aqua decurrens, intendit arcum suum, donec infirmentur.*

A maior opulencia se anniquila
Quando Deos quer: o rio caudaloso
Escorre e se desseca:

(8) *Sicut cera, quæ fluit, auferentur, supercecidit ignis, et non viderunt Solem.*

Tudo perece quanto a Deos desgosta,
Como se funde a cera ao lume exposta.

Poucos annos verão do Sol os raios
Esses tyrannos, sobre quem já pendem
As fulminantes settas
Que dos ceos, irritado, Deos dispara
Sobre os máos homens, que dos bons separa.

(9) *Priusquam intelligerent spinæ vestræ rhamnum, sicut viventes, sic in ira absorbet eos.*

Que essas funestas plantas vão crescendo
Não consente o Senhor por muito tempo;
Em vergonteas as corta,
Antes que tenham crescimento inteiro
Qual frondoso e maléfico espinheiro.

(10) *Lætabitur justus, cum viderit vindictam: manus suas lavabit in sanguine peccatoris.*

A vingança de Deos consola o justo:
Do peccador o sangue, bem que immundo,
A innocencia realça;
Quando corre esgotado sobre a terra,
Da expiação precisa o preço encerra.

(11) *Et dicet homo, si utique est fructus justo, utique est Deus judicans eos in terra.*

Então quem não peccou diz lá comsigo:
« Da innocencia e trabalhos certo é o premio:
Pune um Deos justo o crime;

Tal é da Sapiencia a regra eterna:
Temos um Deos que recto nos governa.»

PSALMO LVIII.

Psalmo de David, na occasião em que Saul fez cercar a sua casa para matá-lo. A musica é do mestre dos Taschath.

In finem, ne disperdas, David in tituli inscriptionem, quando misit Saul, et custodivit domum ejus, ut eum interficeret.

SALVA-ME, ó Deos, da turba numerosa
Que irada vem correndo, e que me cerca.
Em vão resisto; colhem-me:
Já nos laços que me armam caio afflicto:
Acode, que perdido estou, se grito.

(1) *Eripe me de inimicis meis, Deus meus, et ab insurgentibus in me libera me.*
(2) *Eripe me de operantibus iniquitatem, et de viris sanguinum salva me.*
(3) *Quia ecce ceperunt animam meam: irruerunt in me fortes.*

A forças taes, que forças posso oppor-lhe?
Não me basta a innocencia, a lealdade.
Tu, meu Deos, bem conheces
Que sempre caminhei na recta estrada,
E que fica a innocencia em mim frustrada.

(4) *Neque iniquitas mea, neque peccatum meum, Domine: sine iniquitate cucurri, et direxi.*

Nem do crime a isenção poupa meus dias.
Sae, ó Deos d'Israel, sae-me ao encontro;
Surge, ó Senhor, defende-me:
Deos de Exercitos, mostra-te potente,
Derrube os máos teu sopro vehemente.

(5) *Exsurge in occursum meum, et vide, et tu, Domine, Deus virtutum, Deus Israel.*

Esses que perseveram sempre em crimes
Não merecem piedade; as tuas iras
Nos culpados derrama:
São réos dos quaes a emenda não se espera;
É tempo da vingança a mais severa.

(6) *Intende ad visitandas omnes gentes, non miserearis omnibus, qui operantur iniquitatem.*

(7) *Convertentur ad vesperam, et famem patientur ut canes, et circuibunt civitatem.*
(8) *Ecce loquentur in ore suo, et gladius in labiis eorum: quoniam quis audivit?*

Vem pelas trevas, no commum silencio,
Pela cidade a uivar quaes cães famintos;
São ferinos seus dentes,
Seus labios são cutellos cortadores,
Da paz, da fama alheia gastadores.

(9) *Et tu, Domine, deridebis eos: ad nihil deduces omnes gentes.*

A sophismas e a enredos dedicados,
Quem póde decifrá-los? Tu, que abranges
Com tua intelligencia
A multidão de humanos pensamentos,
Dissipando-os, rirás de seus intentos.

(10) *Fortitudinem meam ad te custodiam, quia, Deus, susceptor meus es.*

Meu Deos, a minha força em ti consiste;
Em ti descanço, em mim nada confio:
Mas diz-me a fé que espere,
Que Deos é o protector que me defende,
Que a seus decretos já tudo se rende.

(11) *Deus meus, misericordia ejus preveniet me.*

As supplicas que a Deos humilde envio
Tem prevenido a sua misericordia;
O soccorro prepara,
E d'entre espessas nuvens apparece
Quando o animo quasi desfallece.

(12) *Deus ostendet mihi super inimicos meos, ne occidas eos, ne quando obliviscantur populi mei.*

Sobre os meus inimigos, Deos piedoso,
Me concede o triumpho necessario:
Poupa-lhe a infame vida;
Basta que exemplo ao povo, em dor immersos,
Lhe deem, envergonhados e dispersos.

(13) *Disperge illos in virtute tua, et depone eos protector meus Domine.*

Basta-me que o teu braço vigoroso
Os expulse e deponha da eminencia,
De que abusam sem pejo;

Que as vozes com que ferem lhes reprimas,
E nelles susto de offender-te imprimas.

Rebate-lhe a altivez, pune os delictos
Que comettem fallando e discorrendo;
Na audacia e na suberba
De tal modo se envolvam que não saibam
Onde as desculpas de seus erros caibam.

(14) *Delictum oris eorum sermonem labiorum ipsorum, et comprehendantur in superbia sua.*

Conheçam que os perjurios, que as mentiras
A perdição provocam... Se os castigas,
Quem poderá valer-lhes?
Se te vingas, Senhor, ficam perdidos,
Ao pó antigo, ao nada reduzidos.

(15) *Et de exsecratione et mendacio annuntiabuntur in consummatione, in ira consummationis et non erunt.*

Todos então verão quanto és potente,
Deos de Jacob, Dominador de tudo!
Té aos confins da terra,
Penetrados de susto, os máos vagando,
Tarde da conversão se irão lembrando.

(16) *Et scient, quia Deus dominabitur Jacob, et finium terræ.*

(17) *Convertentur ad vesperam, et famem patientur, ut canes, et circuibunt civitatem.*

As ruas atroando com latidos,
Pois já lhes falta a prêsa; em raiva accesos,
Querem filar; sem fructo
Querem morder: mas ladram sem proveito,
Seu furor não produz damnoso effeito.

(18) *Ipsi dispergentur ad manducandum: si verò non fuerint saturati, et murmurabunt.*

Então já cantarei, pulsando as cordas
Do meu psalterio, apenas surda a aurora;
Direi que a fortaleza
Com que aos impios resisto, a Deos pertence:
Q'é Deos quem doma os máos, Deos é quem vence.

(19) *Ego autem cantabo fortitudinem tuam, et exultabo manè misericordiam tuam:*

Só elle compassivo nos ampara:

(20) *Quia factus es susceptor*

meus, et refugium meum in die tribulationis meæ.

(21) *Adjutor meus tibi psallam, quia Deus, susceptor meus es, Deus meus, misericordia mea.*

Extrahio-me do abysmo em que me achava;
Desatou ferreos laços:
Com seu auxilio a liberdade alcanço;
Já não ha que temer, em Deos descanço.

PSALMO LIX.

In finem pro iis qui immutabuntur, in tituli inscriptionem ipsi David in doctrinam, cum succendit Mesopotamiam Syriæ et Sobal, et convertit Joab, et percussit Idumæam in valle Salinarum duodecim millia.

Canção de David, posta em musica pelo mestre dos Shoshanim (*), *quando se invadio a Mesopotamia da Syria e Sobal, e quando Joab, voltando desta expedição, desbaratou os Idumeos no valle das Salinas, com o estrago de doze mil homens.*

(1) *Deus, repulisti nos, et destruxisti nos, iratus es, et misertus es nobis.*

IMPLACAVEL não és, meu Deos! Por vezes
Já, Senhor, nos rejeitaste;
Já de ti nos apartaste,
E nos transes mais horridos nos vimos:
Mas olhando piedoso o nosso estado,
Benigno suspendeste o teu enfado.

(*) Instrumento musico dos antigos hebreos. Já temos advertido que na traducção dos titulos dos psalmos seguimos a intelligencia que lhes dá Mattei, que os interpretou segundo o texto hebraico, desfazendo por este modo a impenetravel obscuridade que se encontra em alguns da Vulgata, como por exemplo neste mesmo que está presente. Com effeito, quem poderá entender a primeira parte delle, cujas palavras, litteralmente traduzidas pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, são como se segue: «Para o fim por aquelles que serão mudados, esta é a inscripção do titulo para servir de doutrina a David»? A causa de uma tal obscuridade provêm, na opinião de Mattei, de pertencerem á musica a maior parte destes titulos, e serem notas dos *Mnatzeach* ou Mestres de Capella daquelles tempos; cujas notas, não sendo bem entendidas por quem as trasladou para a Vulgata, foram interpretadas segundo a significação ordinaria das palavras, por falta de noções claras do uso particular que ellas tinham na musica antiga.

Enfurecido a terra commoveste,
Por algares retalhada;
Ora aqui e alli gretada,
Ameaçou tragar-nos em seu seio:
Mas as brechas fataes com que a rasgaste
Tu mesmo compassivo lh'as fechaste.

(2) *Commovisti terram et conturbasti eam: sana contritiones ejus, quia commota est.*

Provaste do teu povo o soffrimento:
O calix mais amargoso
Nos forçaste rigoroso
A aproximar dos labios repugnantes;
A tragar, anciados, tantas vezes
Delle as mais hediondas negras fezes.

(3) *Ostendisti populo tuo dura: potasti nos vino compunctionis.*

Mas se vias em nós um temor sancto,
Se alguns, ternos, te imploravam,
Em vão te não invocavam;
Logo um signal lhes davas que bastasse
Para evitar as frechas imminentes,
Que de um arco fatal vinham pendentes.

(4) *Dedisti metuentibus te significationem, ut fugiant à facie arcus.*

Ampara, ó meu Senhor! os teus dilectos:
Tua dextra omnipotente
Obre no tempo presente
Os prodigios que obrou no tempo antigo:
Valor, constancia, força em nós renova;
Dá-nos do teu amor mais esta prova.

(5) *Ut liberentur dilecti tui, salvum fac dextera tua, et exaudi me.*

Mas ah! do meu Senhor já ouço as vozes,
Já soam dentro em minha alma;
O meu receio se acalma,
Mil triumphos a fé me prognostica:
Dividirei Sichem, e nas contendas
Derrubarei dos Arabes as tendas.

(6) *Deus locutus est in sancto suo; lætabor, et partibor Sichimam, et convallem tabernaculorum metibor.*

(7) *Meus est Galaad, et meus est Manasses, et Ephraim fortitudo capitis mei.*

Galaad e Manassés já me pertencem;
Exercitos numerosos
De soldados valorosos,
Com que Ephraim meu Reino fortifica,
Hão de firmar-me a c'roa na cabeça,
Farão com que meu sceptro permaneça.

(8) *Juda Rex meus, Moab olla spei meæ.*

Na real tribu de Judá florente
Crearei tronco frondoso
Em que o solio magestoso
Contente hei de fundar. Doce presagio
Me sae do vaso em sorte, e me destina
Á posse de Moab a mão divina.

(9) *In Idumæam extendam calceamentum meum: mihi alienigenæ subditi sunt.*

Calcarei a Iduméa; a mim sujeitas
Hei de ver estranhas gentes;
Os Philisteos delinquentes
Já vejo por meu braço derrotados:
Será sonho o que espero, o que supponho?...
A verdade transluz; não, não é sonho.

Põe-te á frente, Senhor, dos meus sequazes,
Com elles vigor reparte;
Após o teu estandarte
Iremos combatendo e triumphando:
Ficarão os perjuros e atrevidos
A humiliações abjectas submettidos.

(10) *Quis deducet me in civitatem munitam? quis deducet me usque in Idumæam?*

Apontam esses dias venturosos
Já no brilhante Oriente:
Quem é que tão diligente
Me leva a conquistar as fortalezas
Da indomita Iduméa? Deos immenso!
Com teus auxilios acommetto e venço.

Não me abandones; a victoria é certa:
A força de ti procede;
O vigor humano cede
Ao podêr que lhe oppõe teu braço forte:
Sae ao campo comnosco, e de salvar-se
Em vão a iniqua gente ha de jactar-se.

(11) *Nonne tu, Deus, qui repulisti nos, et non egredieris, Deus, in virtutibus nostris?*

(12) *Da nobis auxilium de tribulatione, quia vana salus hominis.*

Os nossos braços são as tuas armas,
É tua a nossa victoria;
A ti se attribua a gloria
Das immortaes proezas com que deixas
Os teus briosos d'honra coroados,
Os campos inimigos arrasados.

(13) *In Deo faciemus virtutem, et ipse ad nihilum deducet tribulantes nos.*

PSALMO LX.

A poesia é de David, a musica do mestre dos Neghinoth.

In finem, in hymnis psalmus David.

Senhor, escuta-me, vem acudir-me;
Meus ais te movam, tem dó de um misero
Que tanto soffre; digna-te ouvir-me.

(1) *Exaudi, Deus, deprecationem meam: intende orationi meæ.*

No meu desterro, por ti clamando
Quando em meu peito mais ancias luttam,
O meu tormento vais adoçando.

(2) *A finibus terræ ad te clamavi, dum anxiaretur cor meum, in petra exaltasti me.*

Sobre um penhasco, firme, seguro,
Tu me exaltaste, tu me livraste
De um fero assalto, de um jugo duro.

(3) *Deduxisti me, quia factus es spes mea, turris fortitudinis à facie inimici.*

Bem que d'angustias n'um mar me achava,
Meu Deos, bem certo de que me ouvias,
Doce esperança me alimentava:

E mesmo á face dos inimigos
Frustraste enredos, quebraste laços,
Tua fortaleza desfez meus p'rigos.

(4) *Inhabitabo in tabernaculo tuo in sæcula: protegar in velamento alarum tuarum.*

Pois que meus sustos já dissipaste,
Irei vivendo, junto aos altares,
Contentes dias que me outorgaste.

Se assalto novo vier turbar-me,
Qual avesinha irei voando,
E as tuas azas hão de amparar-me.

(5) *Quoniam tu, Deus meus, exaudisti orationem meam, dedisti hæreditatem timentibus nomen tuum.*

Vejo que ouviste meus rogos ternos;
Que só concedes a quem te ama
A bella herança dos bens eternos.

(6) *Dies super dies regis adjicies, annos ejus usque in diem generationis et generationis.*

Dias e dias ao Rei concede,
Sua progenie seculos vença,
Dá-lhe as venturas que amor te pede.

(7) *Permanet in æternum in conspectu Dei: misericordiam, et veritatem ejus quis requiret?* (*)

Dos teus oraculos firme a Verdade
Certos nos deixa que elle é o objecto
Do teu cuidado, da tua piedade.

Sempre ditoso na tua presença,
Pois que a leĩ sancta no peito esculpe,
Cerca seu throno de gloria immensa.

(*) *Misericordiam et veritatem para, custodient illum*, diz o hebreo, e é mais adaptado á supplica do Psalmista.

(Mattei.)

Minha alma farta desta alegria:
Irei soltando suaves hymnos
Apenas nasça ou morra o dia.

(8) *Sic psalmum dicam nomini tuo in sæculum sæculi, ut reddam vota mea de die in diem.*

PSALMO LXI.

A poesia é de David, a musica é de Idithun.

In finem, pro Idithun, psalmus David.

Não é Deos por ventura o meu amparo?
Que importa que eu padeça, se a minha alma
Com a esperança acalma?
Fiado em Deos, affronto mil tormentos,
E revisto de paz os pensamentos.

(1) *Nonne Deo subjecta erit anima mea? ab ipso enim salutare meum.*

Se o mesmo Deos me acode, se benigno
Me protege, e é quem póde defender-me,
Venham acommetter-me
Embora mil flagellos. Quem me agita?
Por que motivo o coração palpita?

(2) *Nam et ipse Deus meus, et salutaris meus: susceptor meus, non movebor amplius.*

Que intentais contra mim, homens perversos?
Quereis affligir mais um desgraçado?
Um muro arruinado
Procurais impellir ao precipicio?
Louco intento, risivel sacrificio!

(3) *Quousque irruitis in hominem? interficitis universi vos, tamquàm parieti inclinato, et maceriæ depulsæ?*

Com que intrigas e audacia procuraram
Deslustrar-me, annullar os meus direitos!
São só da fraude effeitos
As vozes com que ás vezes me abençoam,
E saem de corações que me atraiçoam.

(4) *Verumtamen pretium meum cogitaverunt repellere, cucurri in siti, ore suo benedicebant, et corde suo maledicebant.*

(5) *Verumtamen Deo subjecta esto anima mea, quoniam ab ipso patientia mea.*

Mas, ó minha alma! a Deos fica sujeita:
Elle abrirá propicio os seus thesouros:
Contra o fel dos desdouros
Generoso depara a paciencia,
E me reserva os premios da innocencia.

(6) *Quia ipse Deus meus, et salvator meus, adjutor meus; non emigrabo.*

Cesse o terror, acabem-se os receios:
Deos é meu Salvador, é quem me acode;
Deos é quem tudo póde:
Quem no acerbo conflicto me conforta:
Não devo vacillar, isso é que importa.

(7) *In Deo salutare meum, et gloria mea: Deus auxilii mei, et spes mea in Deo est.*

Certo que Deos piedoso é quem me salva,
Certo que em Deos consiste a minha gloria,
Não pereo da memoria
Que o meu auxilio é Deos, que tudo alcança
Quem firma nelle só toda a esperança.

(8) *Sperate in eo omnis congregatio populi, effundite coram illo corda vestra, Deus adjutor noster in æternum.*

Povos do mundo, em Deos esperai sempre!
Derramai vossas magoas na presença
Da Magestade immensa:
Abri-lhe os corações; póde ajudar-vos,
E com perpetuos balsamos curar-vos.

(9) *Verumtamen vani filii hominum, mendaces filii hominum in stateris, ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum.*

De que serve invocar soccorro humano?
São os filhos de Adão fracos, ligeiros,
Perfidos, embusteiros;
E postos em balança co' a vaidade,
São mais leves que toda a leviandade.

(10) *Nolite sperare in iniquitate, et rapinas nolite concupis-*

Com fructos não contai da iniquidade,
Se em lites vos envolve a desventura;
Sómente a paz segura

Quem evita de roubos a torpeza,
E o coração desprende da riqueza.

cere: divitiæ si affluant, nolite cor apponere. (*)

Sómente duas cousas nos declara
Deos, que fallou, que ouvi, que reconheço,
E que humilde confesso:
Diz—que a elle só toca a omnipotencia;
A nós, de seus auxilios a clemencia.

(11) *Semel locutus est Deus, duo hæc audivi, quia potestas Dei est, et tibi, Domine, misericordia, quia tu reddes unicuique juxta opera sua.*

Meu Deos! meu Redemptor! que ardendo em fogo
De amor celeste, reverente adoro;
Bem sei, quando te imploro,
Que a cada qual dispensas premio e pena,
Segundo o que em seus actos coordena.

PSALMO LXII.

Psalmo de David, quando se achava no deserto da Judéa (**).

Psalmus David, cum esset in deserto Idumææ.

Assim que nos ceos aponta
A primeira luz do dia,
Meu Deos! cheia de ternura
A minha alma te vigia.

(1) *Deus, Deus meus, ad te de luce vigilo.*

(*) Valha por um bello commento moral deste versiculo o sabio discurso feito por um Padre no concilio Turonense: *Non requiritur à nobis divitiarum indigentia, sed contemptus: Divitiæ, inquit, si affluant, nolite cor apponere; non dixit, ne affluant, sed ne cor apponatur. Porrò cor prohibuit apponere, sed non manum.*

(**) Assim tem o texto hebreo, e bons codigos Latinos e Gregos. Mas ambas as lições regem, porque a demora de David nos montes de Judá sobre os confins da Iduméa, e por outros lugares convisinhos, não foi breve.

(Mattei.)

(2) *Sitivit in te anima mea, quam multipliciter tibi caro mea.*

Meu coração sequioso
Procura o meu Creador;
De mil modos me devora
Este activo e sancto ardor.

(3) *In terra deserta, et invia, et inaquosa, sic in Sancto apparui tibi, ut viderem virtutem tuam, et gloriam tuam.*

Nos desertos, sem caminho,
Sem agua, sem alimento,
Ponho-me em tua presença,
E com ella me sustento.

Como no teu Sanctuario,
Adoro-te reverente;
Admiro a gloria, a força
Dessa mão omnipotente.

(4) *Quoniam melior est misericordia tua super vitas, labia mea laudabunt te.*

Mais vale que a mesma vida
Tua piedade, ó Senhor!
Pronunciem os meus labios
Sem cessar o teu louvor.

(5) *Sic benedicam te in vita mea, et in nomine tuo levabo manus meas.*

Louvem-te em quanto eu durar;
E minhas mãos levantando
Em teu nome, dos ceos desce
Paz que me vai confortando.

(6) *Sicut adipe, et pinguedine repleatur anima mea, et labiis exultationis laudabit os meum.*

Fartem os teus dons minha alma,
Como uncção pingue, cheirosa;
Vozes gratas solte affouta
Minha bocca jubilosa.

(7) *Si memor fui tui super stratum meum, in matutinis meditabor in te, quia fuisti adjutor meus.*

Cae a noite, e no meu leito
Meditar em ti me agrada;
Tambem quero contemplar-te
Ao nascer da madrugada:

Porque tu és meu amparo,
Tu foste meu defensor;
Debaixo das tuas azas
Me recolhe o teu amor.

(8) *Et in velamento alarum tuarum exultabo, adhæsit anima mea post te, me suscepit dextera tua.*

A ti se péga minha alma,
Vou-te alegre acompanhando;
E a tua potente dextra
É que me vai segurando.

Mas esses que em vão procuram
Tirar-me a vida, e fartar-se,
Nas cavidades da terra
Irão cedo sepultar-se.

(9) *Ipsi verò in vanum quæsierunt animam meam, introibunt in inferiora terræ, tradentur in manus gladii, partes vulpium erunt.*

Sobre a cerviz criminosa
Ja pende de um fio a espada;
Talvez que seja das feras
Sua carne devorada.

A innocencia triumphante
Se alegrará no Senhor;
Terão premio os que juraram
Contra o culpavel rigor.

(10) *Rex verò lætabitur in Deo, laudabuntur omnes, qui jurant in eo, quia obstructum est os loquentium iniqua.*

Assim fecha Deos a bocca
Ao malvado quando falla;
Assim paga o soffrimento
Do justo que soffre e cala.

PSALMO LXIII.

In finem, psalmus ipsi David.

A musica e a poesia é de David.

(1) *Exaudi, Deus, orationem meam, cum deprecor, à timore inimici eripe animam meam.*

Escuta-me, Senhor, quando te rogo
Que dissipes os sustos que me causam
Meus feros inimigos:
Quem melhor do que tu póde acudir-me,
E compassivo, quando exclamo, ouvir-me?

(2) *Protexisti me à conventu malignantium, à multitudine operantium iniquitatem.*

Da turba dos malignos conjurados
Me protegeste outr'ora, me livraste
D'operarios iniquos;
Contra mim esta gente vem raivosa,
Torna a assaltar-me, volta furiosa.

(3) *Quia exacuerunt, ut gladium linguas suas: intenderunt arcum rem amaram, ut sagittent in occultis immaculatum.*

Affiaram as linguas como espadas:
Prenhe de settas venenosas, armam
Arco fatal, que faça
Amargo o fero golpe que disparam,
Sem doer-lhe a innocencia que ultrajaram.

(4) *Subitò sagittabunt eum, et non timebunt: firmaverunt sibi sermonem nequam.*

Regozijam-se em ver soffrer quem soffre;
A candura os irrita, e mais lhe accende
Da colera e ciume
Movimentos que irados jámais coarctam;
Obstinados no mal, de mal se fartam.

(5) *Narraverunt, ut absconderent laqueos, dixerunt: quis videbit eos?*

Excogitam segredos com que encubram
Os laços que me tecem; e se applaudem,
Julgando-os invisiveis:
Nas ciladas que me armam contemplando,
Vão seus perfidos peitos exultando.

Mas que importam traições, insidias, dolos?
Tudo em fim se descobre; o fogo occulto
A fumegar começa;
Ás golfadas vomita seu veneno
No transe acerbo o coração terreno.

(6) *Scrutati sunt iniquitates, defecerunt scrutantes scrutinio.*

Então luz a verdade, Deos se exalta;
A par do seu podêr, infantil jogo
Parece qualquer golpe
Que a mão fraca do homem vibra ousada;
Qualquer força, por Deos, fica frustrada.

(7) *Accedet homo ad cor altum, et exaltabitur Deus.*

Se alguns vão a ferir, descae-lhe o braço;
Quando vão a morder, veloz lh' escapa
A prêsa que procuram;
Mordem a propria lingua, qu' ensanguentam;
E sem que inspirem dó, seu mal lamentam.

(8) *Sagittæ parvulorum factæ sunt plagæ eorum, et infirmatæ sunt contra eos linguæ eorum.*

Os mortaes que isto veem ficam pasmados;
A justiça os aterra, e a Deos, que admiram,
Profundamente adoram:
O seu podêr submissos reconhecem,
Com tal prodigio os bons se fortalecem.

(9) *Conturbati sunt omnes, qui videbant eos, et timuit omnis homo.*

(10) *Et annuntiaverunt opera Dei, et facta ejus intellexerunt.*

Com que fervor taes obras annunciam!
Que pensamentos altos os deleitam!
Como n'alma do justo
Todo o impeto cessa, tudo amansa,
E, qual mimosa flor, brota a esperança!

(11) *Lætabitur justus in Domino, et sperabit in eo, et laudabuntur omnes recti corde.*

PSALMO LXIV.

In finem psalmus David.

As palavras e a musica são de David.

(1) *Te decet hymnus, Deus, in Sion, et tibi reddetur votum in Jerusalem.*

A ti se devem hymnos, Deos Supremo!
Sacro silencio cerque
De Sião as alturas;

(2) *Exaudi, Deus, orationem meam: ad te omnis caro veniet.*

Em quanto fervorosas creaturas
Em Solyma derramam preces, votos,
E te offertam seus canticos devotos.

(3) *Verba iniquorum prævaluerunt super nos, et impietatibus nostris tu propitiaberis.*

Peccámos, é verdade: a ti recorrem
Todos os que peccaram;
Pois vences em piedade
Quanto sobeja em nossa iniquidade.

(4) *Beatus, quem elegisti, et assumpsisti: inhabitabit in atriis tuis.*

Feliz o povo teu, pois que o chamaste
Para habitar nos atrios que fundaste.

(5) *Replebimur in bonis domus tuæ: sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate.*

De delicia é teu templo clara enchente;
Alli encontra o justo
Pura felicidade:
É o asylo de amor, de lealdade,
Thesouro de justiça, de clemencia,
De quantos bens dimana a sapiencia.

(6) *Exaudi nos, Deus salutaris noster: spes omnium finium terræ, et in mari longe.*

Attende-me, meu Deos, meu Salvador!
Em ti constante emprégo
A minha confiança:
Tu és o digno objecto da esperança
De quantos sobre a terra vasta habitam,
Té onde extensos mares a limitam.

Tu, de podêr cingido, aos altos montes
Ora a raiz abalas,
Ora lhe dás firmeza:
A teu mando submissa a Natureza
Revolve o mar; as ondas se levantam,
E borrascas horriveis nos espantam.

(7) *Præparans montes in virtute tua, accinctus potentia: qui conturbas profundum maris, sonum fluctuum ejus.*

Á vista dessas obras estupendas,
De um polo a outro polo,
Quem será insensivel
Aos prodigios da tua mão terrivel?
Quem deixará de amar-te, de louvar-te,
Farto dos bens que prodiga reparte?

(8) *Turbabuntur gentes, et timebunt qui habitant terminos, à signis tuis: exitus matutini, et vespere delectabis.*

Nasce alegre a manhã, serena a tarde;
Se visitas a terra,
Desces a consolá-la,
E com teu sopro vens fertilisá-la;
Abres-lhe o seio affavel, e fecundo
Enriqueces e adornas todo o mundo.

(9) *Visitasti terram, et inebriasti eam: multiplicasti locupletare eam.*

De novo argenteo humor enches os rios;
O chão humedecido
Co' a prolifica rega,
Prepara doce pasto, ao gado o entrega,
E multiplica fructos, generoso,
Dos homens alimento saboroso.

(10) *Flumen Dei repletum est aquis: parasti cibum illorum, quoniam ita est præparatio ejus.*

Crescem as aguas dos regatos limpos,
Desenvolvem-se os germes,
As hervas reverdecem,
Os arbustos, as plantas reflorecem;
E a humidade, que gelo algum tem presa,
Vem revestir de gala a Natureza.

(11) *Rivos ejus inebria, multiplica genimina ejus: in stillicidiis ejus lætabitur germinans.*

(12) *Benedices coronæ anni benignitatis tuæ, et campi tui replebuntur ubertate.*

Do anno abençoado a c'roa formam
As Estações fecundas,
Diversas e opulentas;
Nellas, meu Deos, o teu amor ostentas,
Quando umas por outras vais trocando,
E abundancia nos campos derramando.

(13) *Pinguescent speciosa deserti, et exultatione colles accingentur.*

(14) *Induti sunt arietes ovium, et valles abundabunt frumento: clamabunt, etenim hymnum dicent.*

Bravia selva em fertil se converte;
De fina lã vestidos
Vão saltando os cordeiros:
Pingues messes alegram os outeiros;
Tudo, tudo parece que se explica,
E o Creador dos sêres glorifica.

PSALMO LXV.

In finem, canticum psalmi resurrectionis (*).

(1) *Jubilate Deo, omnis terra, psalmum dicite nomini ejus, date gloriam laudi ejus.*

Concerto jubiloso a terra inteira
Consagre a Deos, e delle o sancto nome
Celebrem psalmos d'altos pensamentos:
Suaves instrumentos,
Acompanhando harmonicos cantares,
Lhe deem gloria e louvor, rompendo os ares.

(2) *Dicite Deo, quam terribilia sunt opera tua, Domine: in*

Digamos pois a Deos: «Que pasmo inspiram
As formidaveis obras do teu braço!

(*) Este titulo não está no Hebreo, é um additamento dos Scholiastas; mas demostra que a commum opinião dos antigos Padres da Igreja era adaptá-lo á gloriosa resurreição de Jesus Christo. No sentido litteral é um hymno cheio das mais vivas expressões de agradecimento ao Senhor, por ter libertado o seu povo do captiveiro.

(*Mattei.*)

Que multidão de assombros! Com que susto
Te vê quem não é justo!
Como teus inimigos consternados
Em vão disfarçar querem seus peccados!...

multitudine virtutis tuæ mentientur tibi inimici tui.

Toda a terra te adore e te festeje,
Os teus louvores cante, e com teu nome
Se alente e ampare toda a Natureza.
Vinde, e vede a grandeza
Do nosso Deos, mortaes; como é profundo
Em seus conselhos governando o mundo!

(3) *Omnis terra adoret te, et psallat tibi: psalmum dicat nomini tuo.*

(4) *Venite, et videte opera Dei, terribilis in consiliis super filios hominum.*

Elle é quem no conflicto mais terrivel
O mar converte em arido terreno;
Abre e fecha os abysmos de repente,
Salva a escolhida gente;
Dissolve as aguas, ora congeladas,
E submerge as cohortes depravadas.

(5) *Qui convertit mare in aridam, in flumine pertransibunt pede: ibi lætabimur in ipso.*

Que maravilha é pois, se hoje renovas
Teus prodigios antigos? E que alegres
Comtigo, ó meu Senhor, de ti gozamos?
A ventura encetamos
Logo que nossos votos não rejeitas,
E que os nossos suspiros terno acceitas.

Com podêr sem limite tudo reges;
Com teus olhos attentos sobre as gentes
Todo o vasto Universo discriminas;
E só tu determinas
Quanto aos homens submissos acontece,
Quanto castiga quem te desconhece.

(6) *Qui dominatur in virtute sua in æternum; oculi ejus super gentes respiciunt: qui exasperant, non exaltentur in semetipsis.*

Glorificado sejas, Deos Supremo!

(7) *Benedicite gentes Deum nos-*

trum, et auditam facite vocem laudis ejus.

Ah! não tardeis, nações cegas, estultas,
Vinde alternar comigo seus louvores;
Altissimos clamores
Por toda a parte alegres espalhemos,
E o nosso Deos benigno abençoemos.

(8) *Qui posuit animam meam ad vitam, et non dedit in commotionem pedes meos.*

Quando o sepulchro aberto me chamava,
Deos me salvou a vida; Deos piedoso
Impedio que meus pés escorregassem,
Que abysmos me tragassem;
E se em lances acerbos me provava,
Que mostras de piedade então me dava!

(9) *Quoniam probasti nos, Deus, igne nos examinasti, sicut examinatur argentum.*

É verdade, meu Deos, os vossos servos
Exp'rimentaste, como em fogo ardente
A prata se acrisola e purifica,
E mais lustrosa fica;

(10) *Induxisti nos in laqueum, posuisti tribulationes in dorso nostro, imposuisti homines super capita nostra.*

De pesados grilhões fomos ligados,
E por homens altivos subjugados.

(11) *Transivimus per ignem et aquam, et eduxisti nos in refrigerium.*

Por entre aguas e fogos transitámos;
Melancolicas sombras nos cercaram;
Nem da esperança um raio só luzia:
Porêm abriste o dia,
D'entre as espessas trevas nos livraste,
E após o refrigerio nos levaste.

(12) *Introibo in domum tuam in holocaustis, reddam tibi vota mea, quæ distinxerunt labia mea.*

Hoje em teu domicilio me apresento;
Contente cumprirei todos os votos
Que na afflicção meus labios proferiam;

(13) *Et locutum est os meum in tribulatione mea.*

Votos que ao ceo subiam,
E compassivo, lá no excelso assento,
Recolheste, adoçando o meu tormento.

Com promessas do intimo nascidas
Destinei-te holocaustos e perfumes,
E que as mais bellas rêzes das manadas,
No templo victimadas,
Nuvens de fumo aos ceos levantariam,
E teus sacros altares cercariam.

(14) *Holocausta medullata offeram tibi cum incenso arietum, offeram tibi boves cum hircis.*

Vós que temeis a Deos, ao templo vinde
Ouvir a narração das maravilhas
Que Deos fez á minh' alma. A voz levanto;
Logo seccou meu pranto
Tanto que alto gritei, por Deos clamando,
E minha lingua o foi glorificando.

(15) *Venite, audite, et narrabo, omnes qui timetis Deum, quanta fecit animæ meæ.*
(16) *Ad ipsum ore meo clamavi, et exaltavi sub lingua mea.*

Sempre achei Deos disposto a soccorrer-me...
Mas se o meu coração visse manchado,
Minhas deprecações attenderia?
O mal que eu padecia
Não desviou de mim? Sua clemencia
Foi sempre compativel co' a innocencia.

(17) *Iniquitatem si aspexi in corde meo, non exaudiet Dominus.*

(18) *Propterea exaudivit Deus, et attendit voci deprecationis meæ.*

Graças vos dou, meu Deos, pois que acceitaste
As supplicas humildes que formava
O meu coração terno e penitente:
Se é puro, se innocente,
Devo a teus dons esta feliz concordia,
Tudo é obra da tua misericordia.

(19) *Benedictus Deus, qui non amovit orationem meam, et misericordiam suam a me.*

PSALMO LXVI.

In finem, in hymnis, Psalmus cantici David.

A poesia é de David, a musica do mestre dos Neghinoth.

(1) *Deus misereatur nostri, et benedicat nobis: illuminet vultum suum super nos, et misereatur nostri.*

De nós, Senhor, tem piedade,
Os teus servos abençoa;
Os teus compassivos olhos
Volve a nós, e nos perdoa.

(2) *Ut cognoscamus in terra viam tuam: in omnibus gentibus salutare tuum.*

Para que todos na terra
Teus caminhos conheçamos,
E alcancemos, resgatados,
A salvação que buscamos.

(3) *Confiteantur tibi populi, Deus: confiteantur tibi populi omnes.*
(4) *Lætentur et exultent gentes: quoniam judicas populos in æquitate, et gentes in terra dirigis.*

A ti confessem os povos
Como seu supremo Auctor;
As nações todas contentes
Se abrazem no teu amor.

Os bens e fructos da terra
Com ternura te agradeçam;
A equidade com que julgas
Extaticas engrandeçam.

(5) *Confiteantur tibi populi, Deus: confiteantur tibi populi omnes: terra dedit fructum suum.*

Todos os povos te exaltem,
Já que á terra concedeste
O tão suspirado fructo
Que piedoso prometteste.

Meu Deos! sobre nós derrama
Das tuas graças a enchente;
Com temor e amor constante
Te confesse a humana gente.

(6) *Benedicat nos Deus, Deus noster, benedicat nos Deus: et metuant eum omnes fines terræ.*

Julgo que o psalmo que se segue é um cantico que David compoz, quando foi acompanhar a Arca na sua trasladação da casa de Obed para o tabernaculo em Sião; e como era seguido de Levitas, Musicos, e Coros de Adolescentes e Donzellas, ora a uns, ora a outros se dirigia, ora fallava com todos. Só assim considerado se póde entender bem o que no sentido (muitas vezes escuro) o estro do Psalmista com magnificas imagens nos descreve: pouco mais ou menos assim o entenderam Calmet, e Mattei.

(A Auctora.)

PSALMO LXVII.

A poesia e a musica é de David.

In finem, psalmus cantici ipsi David.

Levanta-te, Senhor! dissipa os impios,
Teus feros inimigos;
Fujam de ti aquelles que te odêam,
Como esvaece o fumo;
Qual cera que ante o fogo se derrete,
Ante a face de Deos e seus fulgores
Pereçam sem remedio os peccadores.

(1) *Exsurgat Deus, et dissipentur inimici ejus, et fugiant qui oderunt eum, à facie ejus.*
(2) *Sicut deficit fumus, deficiant, sicut fluit cera à facie ignis, sic pereant peccatores à facie Dei.*

Resplandeçam os justos de alegria,
Os teus fieis festejem
Na presença de Deos a gloria sua.
Harpas, psalterios, vinde;

(3) *Et justi epulentur, et exultent in conspectu Dei, et delectentur in lætitia.*

(4) *Cantate Deo, psalmum di-*

cile nomini ejus, iter facile ei, qui ascendit super occasum; Dominus nomen illi.

Hymnos originaes, canções suaves
Nasçam do santo fogo em que hoje ardemos;
Cantemos jubilosos, Deos cantemos.

Á summidade do ether leve o canto
O nome formidavel
Do nosso Deos, Eterno, Omnipotente,
Que no carro pomposo
Vem honrar nossos campos: aplanemos
Abrolhos, rochas; ache o bosque raso,
Facil via do oriente até o occaso.

(5) *Exultate in conspectu ejus: turbabuntur à facie ejus patris orphanorum, et judicis viduarum.*

Com levissimo passo, alegre dança
Figurai gentilmente;
Compassados movei os pés ligeiros,
O Senhor applaudindo:
Elle os orphãos ampara, elle protege
A viuva chorosa, abandonada;
Por elle a afflicta gente é consolada.

(6) *Deus in loco sancto suo: Deus, qui inhabitare facit unius moris in domo.*

Eis que entre vós reside, e poderoso
Junta nações dispersas;
Um rito só, qual aureo laço, prende
Os homens congregados:
Sobem ao pingue monte onde scintilla
A luz que vivifica e salva o mundo,
Que faz gemer o barathro profundo.

(7) *Qui educit vinctos in fortitudine, similiter eos, qui exasperant, qui habitant in sepulchris.*

Deos é quem solta os tristes prisioneiros,
Quem sustenta a esperança;
Quem resgata os captivos, subjugados
Pela tenaz demencia
Com que luttam nas tênebras dos erros;

Quem dos máos, justiceiro, vinga insultos,
E os deixou pelas brenhas insepultos.

Que portentos fizeste, decorrendo
Á frente do teu povo
Pelo longo deserto, e despontando
Do Sinai, Deos immenso!
Deos d'Israel, perante a tua face
Tremeo a terra, os ceos se distillaram,
O monte baqueou, trovões bradaram.

(8) *Deus, cum egredereris in conspectu populi tui, cum pertransires in deserto.*

(9) *Terra mota est; etenim cœli distillaverunt à facie Dei Sinai, à facie Dei Israel.*

Neste aspecto iracundo não te viram
Sempre os Israelitas;
Nos teus thesouros tinhas reservado
Occulto beneficio:
Transsudou de um rochedo clara vêa;
O teu afflicto povo recreaste,
E a sêde que o mirrava lhe apagaste.

(10) *Pluviam voluntariam segregabis, Deus, hæreditati tuæ, et infirmata est, tu verò perfecisti eam.*

Chuva mais liberal inda mandaste,
Que espalhou a fartura,
E aos famintos deu pasto saboroso:
Com prolificas ondas,
Quando languida a terra esmorecia,
Fizeste prosperar a tua herança,
Abriste-lhe os thesouros da esperança.

Alli hão de nutrir-se os teus rebanhos;
E tu, Deos de bondade,
Alimento saudavel terás prompto
Aos pobres desprovidos:
Nunca mais soffrerão fera indigencia;
Em campos revestidos de verdura
Acharão paz, deleites, e fartura.

(11) *Animalia tua habitabunt in ea: parasti in dulcedine tua pauperi, Deus.*

Ao Coro das Donzellas.

(12) *Dominus dabit verbum evangelizantibus virtute multa.*

Ó Virgens, exultai! Que vasto assumpto
O Senhor vos entrega,
Para em coro entoar os seus prodigios!
Não sereis vós quem falle;
O espirito divino em vossos labios,
Com termos efficazes, voz sublime,
Será quem grandes novas nos intime.

Que turbas numerosas confundiste!
Que instrumento empregaste,
Oh Senhor poderoso! Que milagres
Fizeste ver á terra!...
Do seio da modestia e do recato
Deixa debil mulher paterna casa (*),
E tudo desbarata, tudo arrasa.

(13) *Rex virtutum dilecti dilecti, et speciei domus dividere spolia.*

Reis de exercitos grandes se congregam;
Os potentes, os fortes
A mais estreita liga audazes formam;
Mas a femineo braço
Toca o triumpho; heroina honesta
Fere, derruba, mata, rompe, vence,
E a prêsa, que reparte, lhe pertence.

(14) *Si dormiatis inter medios cleros, pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora dorsi ejus in pallore auri.*

Entretanto, quaes pombas assustadas,
Incertas da ventura,
Ruben, Galaad, dormistes (**), encolhendo,
As argentinas azas,
O aureo dorso, dentro em vossos ninhos;
Sem soltar vôo audaz, e ir generosos
Arrostar os combates sanguinosos.

(*) Allusão a Debbora, que triumphou do general Sisara, como se lê no cap. 4. dos *Juizes.*
(**) Apostrophe ás duas tribus que não combateram naquella jornada.

Deos sem vós poz em fuga a gente armada;
Afracou os potentes,
Fortificou os braços delicados,
Domou os arrogantes:
Qual neve que o sol funde sobre o Selmon,
Lhes fundio a suberba, a petulancia,
Sem consultar dos homens a jactancia.

(15) *Dum discernit cœlestis reges super eam, nive dealbabuntur in Selmon: mons Dei, mons pinguis:*

Ao Povo.

Ó Povos! o alto monte á vista temos,
O monte do Senhor;
O monte fertil, pingue, que rodêam
Outeiros deleitosos:
Qual com este compete? Aqui seu throno
Se edifica, aqui mora, aqui contente
Ha de permanecer perpetuamente.

(16) *Mons coagulatus, mons pinguis: ut quid suspicamini montes coagulatos?*

(17) *Mons, in quo beneplacitum est Deo habitare in eo; etenim Dominus habitabit in finem.*

Vem multidões de gentes circundando
O seu carro luzente:
Que milhares de angelicas essencias
Se aproximam brilhantes!
Nelle assoma o Senhor, qual glorioso
Despontou no Sinai, ou qual preside
No Sanctuario eterno onde reside.

(18) *Currus Dei decem millibus multiplex, millia lætantium: Dominus in eis in Sina, in sancto.*

Cortejado de luzes, de relampagos,
Surgiste, Deos supremo!
Rugidores trovões te precederam;
E triumphando de alto,
Assumiste os captivos que gemiam;
Os vergonhosos ferros lhes quebraste,
E os sacrificios puros lhe acceitaste.

(19) *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem, accepisti dona in hominibus.*

(20) *Etenim non credentes inhabitare Dominum Deum.*

Sobre os impios incredulos, piedoso
Tua mão estendeste;
E habitando com elles, ao teu gremio
Logo os reconduziste:
Os que indoceis o jugo rejeitavam,
Qual pacifica grei, por ti guiados,
Foram felizes quando subjugados.

(21) *Benedictus Dominus die quotidie: prosperum iter faciet nobis Deus salutarium nostrorum.*

Taes prodigios renova em nossos dias;
Dirige-nos na estrada
Que com tanta piedade nos abriste;
E a ti, Senhor, devotos
Mandaremos alegres nossos hymnos.

(22) *Deus noster, Deus salvos faciendi, et Domini, Domini exitus mortis.*

És tu quem salvas, quem dás vida ou morte,
Quem restauras a paz, reges a sorte.

(23) *Verumtamen Deus confringet capita inimicorum suorum, verticem capilli perambulantium in delictis suis.*

Vejamos pois, Senhor, exemplos grandes
Nos que amas e proteges:
Vejamos com pavor como destroças
Perfidos inimigos;
O pouco que lhes vale alçar a frente,
Zombar da lei, nadar em seus delictos,
Cevar-se em gostos, não cuidar de afflictos.

Tu bem sabes domar tanta suberba,
Abaixar emproados,
Derrubá-los de um sopro: mas se acaso,
Do castigo assustado,
Tremebundo o teu povo então te implora,
Allivio dás; respondes-lhe amoroso:
«Que temes de Basan facinoroso?

(24) *Dixit Dominus: ex Basan* (*) *convertam, convertam in profundum maris.*

(*) São conhecidas as guerras com Og, rei de Basan, e com Seon, rei dos Amortheos, *cujus universum populum*, como diz Moysés, *percusserunt usque ad internecionem.*

«Que temes, ó meu povo? N'outro tempo,
Em apertado transe,
Te salvei do furor das ondas bravas:
Sem nobre confiança,
Hoje receias o impio Basanita?
Foi meu soccorro outr'ora uma chimera,
Ou sou menos potente que antes era?

«Posso salvar-te, sim; teus inimigos
Exterminar bem posso:
Posso a terra ensopar c'o sangue delles;
E vossos pés tingindo
Nesta rubra torrente, ireis altivos,
Seguidos da matilha sitibunda, (*)
Tambem dos cães tingir a lingua immunda.»

(25) *Ut intingatur pes tuus in sanguine, lingua canum tuorum ex inimicis ab ipso.*

Á Multidão.

Mas que vemos! O sequito pomposo
Com que seguindo vamos
O triumphante Cofre, resgatado
Dos feros inimigos;
Arca aonde Deos mora, guarnecida
Do povo espectador: que doce vista!
Que aspecto respeitavel, que conquista!

(26) *Viderunt ingressus tuos, Deus, ingressus Dei mei, regis mei, qui est in sancto.*

O coro harmonioso de Cantores
Outro coro precede;
O das Virgens bellissimo concêrto
Entre elles rompe alegre:
«Ó filhos d'Israel, dizem, uni-vos
A louvar o Senhor; ide correndo,
Canções soltando, tympanos batendo.»

(27) *Prævenerunt principes conjuncti psallentibus in medio juvencularum tympanistriarum.*

(*) Nas guerras antigas levavam os generaes matilhas de cães.

Ás Tribus e seus Chefes.

(28) *In ecclesiis benedicite Deo Domino de fontibus Israel.*

Ó vós, que de Jacob (sublime fonte)
Derivais, quaes ribeiros
Cujas aguas decorrem cristalinas
Entre viçosas flores,
(Symbolos do piedoso Israelita);

(29) *Ibi Benjamin adolescentulus in mentis excessu.*

Juvenil Benjamin, que extasiado
Admiras um festejo tão sagrado:

(30) *Principes Juda, duces eorum, principes Zabulon, principes Nephthali.*

Principes de Judá, Chefes sublimes
Deste povo ditoso,
Nephthali, Zabulon, todos ornados
De purpurinas vestes,
A vossa comitiva a Deos celébre;
Pulsando harmoniosos instrumentos
Vá serenando no ar os rijos ventos.

(31) *Manda, Deus, virtuti tuæ, confirma hoc, Deus, quod operatus es in nobis.*

Justo é, meu Deos, que mandes teu auxilio;
Completa a grande obra,
Os prodigios renova com que honraste
Na prisca idade aquelles
Que a lei tua fieis nos transmittiram:
Hoje confirma quanto então fizeste,
E d'invencivel força nos reveste.

(32) *A templo tuo in Jerusalem, tibi offerent reges munera.*

Que feliz dia! aquelle que em teu templo,
Em Jerusalem juntos,
Os Reis te offertem puros sacrificios!
Que seus dons enriqueçam
Com joias preciosas teus altares!
Não venha interromper acção tão pura
Algum negro vapor, ou sombra escura.

Mas repara, ó Senhor, naquelle monstro
Que com vozes sentidas,
Qual crocodilo occulto entre essas cannas
Que guarnecem a praia,
Convoca de outros monstros os rebanhos,
Que vão, por bravos touros dirigidos,
Assaltar, destroçar teus escolhidos.

(33) *Increpa feras arundinis: congregatio taurorum in vaccis populorum, ut excludant eos, qui probati sunt argento.*

Ah! dissipa as nações que amam o sangue;
E o teu jugo suave
Virão pedir do Egypto embaixadores;
A Ethiopia, submissa,
Abrazada de espirito divino,
As mãos levantará, por Deos bradando,
Com fervor sua lei sancta abraçando.

(34) *Dissipa gentes, quæ bella volunt: venient legati ex Ægypto: Æthiopia præveniet manus ejus Deo.*

Reinos da terra, a Deos cantai louvores;
Rompei com sacros hymnos
Os espaços; não haja no universo
Sitio que não se alegre
Louvando do Senhor o excelso nome:
Elle nos ouve, elle está presente
Desde onde nasce o Sol té o occidente.

(35) *Regna terræ, cantate Deo: psallite Domino, psallite Deo, qui ascendit super cœlum cœli ad orientem.*

Delle a voz, que rasgando as altas nuvens
Sólta o trovão que atroa,
Delle a voz é potente; cede o mundo
A quanto determina:
Magnifico nos Ceos e sobre os astros,
Assim mora entre nós, na Arca sagrada:
A sua gloria seja celebrada.

(36) *Ecce dabit voci suæ vocem virtutis: date gloriam Deo super Israel: magnificentia ejus, et virtus ejus in nubibus.*

Foram sempre assombrosos os favores
Que Israel delle obteve:

Dai-lhe gloria por isso; vede como
Sua magnificencia
Desde as distantes nuvens nos assombra:
Vede até onde o seu podêr se estende,
Como do arbitrio seu tudo depende!

(37) *Mirabilis Deus in sanctis suis: Deus Israel ipse dabit virtutem, et fortitudinem plebi suæ: benedictus Deus.*

Vede como reluz nas almas justas;
Que fortaleza e graça
Communica amoroso a quem o adora!
Como certa a ventura
Tem o mortal, fiel ao que Deos manda!
Certos de tantos bens, ah! não tardemos:
Rompam os hymnos, psalmos entoemos.

PSALMO LXVIII.

In finem, pro qui commutabuntur, David.

A poesia é de David, a musica do mestre dos Shoshanim.

(1) *Salvum me fac, Deus: quoniam intraverunt aquæ usque ad animam meam.*

Salva-me, Senhor! pereço:
Já vem as aguas subindo;
Já me enchem a bocca, o peito,
Quasi me vou submergindo.

(2) *Infixus sum in limo profundi, et non est substantia.*

As ondas encapelladas
Arrojam-me com violencia;
Pregam-me immovel e fraco
N'um lodo sem consistencia.

(3) *Veni in altitudinem maris, et tempestas demersit me.*

Vai crescendo a tempestade,
E dá comigo de um salto
No pelago mais profundo,
Nos abysmos do mar alto.

Trabalho, grito; mas canço:
Minhas fauces enrouquecem;
Meus olhos no Ceo pregados
Perdem a luz, desfallecem.

(4) *Laboravi clamans, raucæ factæ sunt fauces meæ: defecerunt oculi mei, dum spero in Deum meum.*

Mais bastos que os meus cabellos
Os meus inimigos são;
São gratuitos seus furores,
Gratuita sua aversão.

(5) *Multiplicati sunt super capillos capitis mei, qui oderunt me gratis.*

Cresce a turba dos perversos,
Furiosos me acommettem;
Será pois justo que eu pague
Os crimes que elles commettem?

(6) *Confortati sunt, qui persecuti sunt me inimici mei injustè: quæ non rapui, tunc exolvebam.*

Conheces minhas fraquezas
Meu Deos! e as dos mais viventes;
Se acaso tenho delictos
A teus olhos são patentes.

(7) *Deus tu scis insipientiam meam, et delicta mea à te non sunt abscondita.*

Mas, Senhor! em mim não cuido
Por causa do meu tormento;
Temo só que outros que esperam
Os assalte o desalento.

(8) *Non erubescant in me, qui expectant te, Domine, Domine virtutum.*

Que dirão se me abandonas?
Deos d'Israel! não consintas
Que os que te buscam vacillem,
Temam que em mim te desmintas:

(9) *Non confundantur super me, qui quærunt te, Deus Israel.*

Que afflictos, envergonhados,
Olhem para mim com susto;
Duvidem se o meu dictame
Era recto, ou se era injusto.

Quanto soffro, quantas magoas
O meu coração laceram!
Por ti sómente as padeço,
Só de amar a lei nasceram.

(10) *Quoniam propter te sustinui opprobrium, operuit confusio faciem meam.*

Por ti supportei opprobrios,
Confusão cobrio meu rosto;
Fez-me na patria estrangeiro
O odio que me era opposto.

(11) *Extraneus factus sum fratribus meis, et peregrinus filiis matris meæ.*

Com desdem os meus me olharam;
E sem dó do meu destino,
Me deixaram ir passando
Como passa um peregrino.

(12) *Quoniam zelus domus tuæ comedit me, et opprobria exprobantium tibi ceciderunt super me.*

Ah Senhor! por que motivo?...
Porque o teu templo adorava;
E um ardente amor e zelo
Da verdade me abrazava:

Prompto a combater injurias,
Que a ti, meu Deos, se fizeram;
Dos máos a vingança, os odios
Desta origem procederam.

(13) *Et operui in jejunio animam meam, et factum est in opprobrium mihi.*

Eis-aqui o meu delicto;
Eis-aqui o que me resta:
Cobrir-me de cinza e lucto,
E de pranto a face mesta.

(14) *Et posui vestimentum meum cilicium, et factus sum illis in parabolam.*

Mas esta mesma tristeza,
Esta acerba penitencia,
Provocou novos insultos,
Foi ludibrio da insolencia.

Ora depravado Escriba,
Ora juizes perversos,
Me insultaram a innocencia
Em sentenças, prosa, ou versos.

(15) *Adversum me loquebantur, qui sedebant in porta, et in me psallebant, qui bibebant vinum.*

Eu surdo a seus vituperios
A ti meus votos envio:
É tempo de me escutares;
Em ti, meu Deos, me confio.

(16) *Ego verò orationem meam ad te, Domine: tempus beneplaciti Deus.*

Accrescenta a teus prodigios
Mais um; escuta-me agora:
Salva-me, cumpre a promessa
Que fizeste a quem te implora.

(17) *In multitudine misericordiæ tuæ exaudi me, in veritate salutis tuæ.*

Queres, Senhor, por ventura
Que me trague a tempestade?
Que em lucto e pranto me abysmem
Esforços da iniquidade?

(18) *Eripe me de luto, ut non infigar, libera me ab iis, qui oderunt me, et de profundis aquarum.*

Não, meu Deos! tu me libertas
Das mãos dos perseguidores;
Das aguas em que naufrago,
De um fosso cheio de horrores.

(19) *Non me demergat tempestas aquæ, neque absorbeat me profundum, neque urgeat super me puteus os suum.*

Não me deixes submergido
Nestes mares de amargura;
Não me apagues a esperança,
Não feches prisão tão dura.

Dá-me pois algum conforto,
Qual tua bondade immensa
Distribue aos affligidos,
E as magoas lhes recompensa.

(20) *Exaudi me, Domine, quoniam benigna est misericordia tua: secundum multitudinem miserationum tuarum respice in me.*

(21) *Et ne avertas faciem tuam a puero tuo, quoniam tribulor, velociter exaudi me.*

Olha para mim; não voltes
O rosto para não ver-me:
Vê quanto soffro e padeço;
Isso baste a soccorrer-me.

(22) *Intende animæ meæ, et libera eam: propter inimicos meos eripe me.*

Chega-te a mim; á minha alma
Dá saude, mesmo á vista
Dos inimigos; e vejam
Que a ti não ha quem resista.

(23) *Tu scis improperium meum, et confusionem meam, et reverentiam meam.*

Bem vês como procuraram
Cobrir-me de pejo a face;
Que não ha dor, ignominia
Que eu não experimentasse.

(24) *In conspectu tuo sunt omnes qui tribulant me, improperium expectavit cor meum, et miseriam.*

Porêm na tua presença
Estão sem véo as verdades;
Qual sou conheces, e sabes
De quem me insulta as maldades.

Não pasmo do que me fazem;
Seu odio sei, seus furores:
Improperios esperava,
Crueldades e rigores.

(25) *Et sustinui, qui simul contristaretur, et non fuit, et qui consolaretur, et non inveni.*

No meu desamparo extremo
Não achei quem me acudisse;
Quem me désse a mão caindo,
Ou que de mim não fugisse.

(26) *Et dederunt in escam meam fel, et in siti mea potaverunt me aceto.*

Para apagar minha sêde
Vinagre e fel me offertaram:
Será pois a mesa destes
Como a que me prepararam?

D'espessas trevas cercados,
Tropeçarão nos seus laços;
E os grilhões que me puzeram
Hão de carregar seus braços.

(27) *Fiat mensa eorum coram ipsis in laqueum, et in retributiones, et in scandalum.*

Em tão misera cegueira,
Privados da luz divina,
Irão curvados no jugo
Do peccado que os domina.

(28) *Obscurentur oculi eorum, ne videant, et dorsum eorum semper incurva.*

Vejo a colera celeste
Já sobre elles derramar-se;
O teu furor, Deos irado,
Vir nos máos desafogar-se.

(29) *Effunde super eos iram tuam, et furor iræ tuæ comprehendat eos.*

Serão seus lares desertos;
Seus palacios abatidos;
Seus opulentos dominios
Ficarão desconhecidos.

(30) *Fiat habitatio eorum deserta, et in tabernaculis eorum non sit, qui inhabitet.*

Desgarrado o peregrino
Não atinará co' a estrada;
De tanta gloria e suberba
Restará silencio, ou nada.

Feridas a quem feriste
Sem piedade accrescentaram;
Por isso os barbaros paguem
As dores que me augmentaram.

(31) *Quoniam, quem tu percussisti, persecuti sunt, et super dolorem vulnerum meorum addiderunt.*

Ás suas iniquidades
Irão mais erros juntando;
E os castigos que merecem
Com mais erros provocando.

(32) *Appone iniquitatem super iniquitatem eorum, et non intrent in justitiam tuam.*

(33) *Deleántur de libro viventium, et cum justis non scribantur.*

E como a conta fecharam
No livro fatal da vida,
Da misericordia divina
Fica-lhe a sua excluida.

Seus nomes serão riscados;
E dos justos no congresso,
Pois que auxilios rejeitaram,
Ser-lhes-ha vedado o ingresso.

(34) *Ego sum pauper, et dolens: salus tua Deus suscepit me.*

Eu, meu Deos, desconsolado,
Afflicto, em penas nutrido,
A ti recorro, bem certo
Que has-de escutar meu gemido.

Salva-me, Senhor, se queres;
Suavisa meus tormentos:
Hei de encordoar de novo
Harmonicos instrumentos.

(35) *Laudabo nomen Dei cum cantico, et magnificabo eum in laude.*

A cithara abandonada,
Do pó, da mudez tirando,
Irei com metricas vozes
O meu Deos magnificando.

(36) *Et placebit Deo super vitulum novellum, cornua producentem, et ungulas* (*).

Mais te agradará meu canto,
Cheio d'estro e de ternura,
Que outro qualquer sacrificio,
Ou victima tenra e pura.

(*) *Cornua producentem, et ungulas discindentem,* diz o Hebreo com muita propriedade, e Symmacho o traduz fielmente. Virgilio quasi com as mesmas vozes diz na Egloga 3.ª

Jam cornu petat, et pedibus qui spargat arenam.

(*Mellet*)

Companheiros d'infortunio,
Affligidos, confortai-vos!
Os prodigios que Deos obra
Cantai comigo, alegrai-vos.

(37) *Videant pauperes, et lætentur: quærite Deum, et vivet anima vestra;*

Deos não desampara ingrato
Quem fiel sempre o procura:
Ouve o pobre; e não consente
Que pereça em prisão dura.

(38) *Quoniam exaudivit pauperes Dominus, et vinctos suos non despexit.*

Louve o ceo, a terra, os mares,
E tudo o que o globo encerra,
O Deos que aos tristes acode,
Que domina os ceos e a terra:

(39) *Laudent illum cœli, et terra: mare, et omnia reptilia in eis;*

O Deos que terá cuidado
De Sião e de seus muros;
Que a Judá novas cidades
Dará, e asylos seguros.

(40) *Quoniam Deus salvam faciet Sion, et ædificabuntur civitates Juda.*

Habitarão lá ditosos,
Verificada a esperança,
Esses a quem Deos entrega
Sua restaurada herança.

(41) *Et inhabitabunt ibi, et hæreditate acquirent eam.*

Esta, prosperando fausta,
De filho a filho passando,
De Deos o nome supremo
Irá sempre recordando.

(42) *Et semen servorum ejus possidebit eam, et qui diligunt nomen ejus, habitabunt in ea.*

Os que em sancto amor se abrasam,
Entoando seus louvores,
Serão, com perpetua gloria,
De seu templo habitadores.

PSALMO LXIX.

In finem, psalmus David, in rememorationem, quod salvum fecerit eum Dominus.

As palavras e a musica são de David.

(1) *Deus in adjutorium meum intende: Domine ad adjuvandum me festina.*

VEM, Senhor, em meu soccorro,
Attende os clamores meus;
Auxilia meus designios,
Não te demores, meu Deos!

(2) *Confundantur, et revereantur qui quærunt animam meam.*

Aparta, confunde os impios,
Volte atraz espavorida
A turba dos que procuram
Pôr já termo á minha vida.

(3) *Avertantur retrorsum et erubescant, qui volunt mihi mala.*

Quem se ceva nos meus males
Retroceda, meu Senhor;
Cubra-se-lhe a face iniqua
De vergonhoso rubor.

(4) *Avertantur, statim erubescentes, qui dicunt mihi: euge, euge.*

De mim velozmente fuja
O motejador malvado;
Em seus labios insolentes
Põe, meu Deos, um cadeado.

(5) *Exultent, et lætentur in te omnes qui quærunt te, et dicant semper: magnificetur Dominus, qui diligunt salutare tuum.*

Alegrem-se, exultem esses
Que a ti só buscam e adoram
Os bens que de ti procedem,
E os que em seus hymnos te imploram.

Sou pobre, sou miseravel;
No que padeço repara:
Neste deserto em que choro
Com o teu favor me ampara.

(6) *Ego verò egenus, et pauper sum: Deus adjuva me.*

Tu vigoras minhas forças,
És o meu Libertador;
O meu apêrto conheces,
Não tardes, não, meu Senhor!

(7) *Adjutor meus, et liberator meus es tu: Domine ne moreris.*

TAYLOR INST. OXFORD

PSALMO LXX.

Psalmo de David.

Psalmus David.

NÃO confundas, meu Deos, perpetuamente
A esperança que sempre em ti fundei:
Com ternura invoquei
A tua protecção nos meus perigos:
Salva-me, põe-me longe d'inimigos.

(1) *In te Domine speravi, non confundar in æternum: in justitia tua libera me, et eripe me.*

Inclina-te a escutar os meus clamores:
Escolhe-me um lugar fortificado
Onde eu fique abrigado:
Pois és refugio meu, base segura,
Salva piedoso a tua creatura.

(2) *Inclina ad me aurem tuam, et salva me.*
(3) *Esto mihi in Deum protectorem, et in locum munitum: ut salvum me facias.*
(4) *Quoniam firmamentum meum, et refugium meum es tu.*

Liberta-me das mãos dos peccadores,
Dessas iniquas gentes aleivosas,
Contra a lei revoltosas;
Já que desde a mais tenra mocidade
Minha esperança puz na tua bondade.

(5) *Deus meus, eripe me de manu peccatoris, et de manu contra legem agentis, et iniqui:*

(6) *Quoniam tu es patientia mea, Domine: Domine, spes mea à juventute mea.*

(7) *In te confirmatus sum ex utero: de ventre matris meæ tu es protector meus.*

Ignoravà a existencia, e já te amava:
Tu do seio materno me extrahiste;
De forças revestiste
Meus delicados orgãos; fui crescendo,
E os teus dons com ternura agradecendo.

(8) *In te cantatio mea semper: tamquam prodigium factus sum multis; et tu adjutor fortis.*

Progrediram meus dias; e augmentaste
De tal modo das graças a torrente,
Que olha attonita a gente
Para mim, para o alto domicilio
Em que me collocou teu forte auxilio.

(9) *Repleatur os meum laude, ut cantem gloriam tuam, tota die magnitudinem tuam.*

Afflua o teu louvor nos labios meus;
Tua gloria, meu Deos, tua grandeza,
A tua fortaleza
Augmenta de meu canto a melodia:
Que pasmo é pois que eu cante noite e dia!

(10) *Ne projicias me in tempore senectutis, cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me.*

Já bem fraco, já pulso d'harpa as cordas:
Alenta a minha mão; bem que a velhice
Numeros desperdice,
E eu sinta desmaiar do estro as cores,
Conforta-me, pois canto os teus louvores.

(11) *Quia dixerunt inimici mei mihi, et qui custodiebant animam meam, consilium fecerunt in unum,*

Inda não creio as phrases do inimigo.
Todo o meu desalento espionando,
Se vão crueis jactando
Que chegaram os dias de perder-me;
Que velho e fraco já podem vencer-me.

(12) *Dicentes: dereliquit eum: persequimini, et comprehendite eum, quia non est qui eripiat.*

«Já Deos o abandonou, (dizem vaidosos)
Não tem já que esperar, o laço armemos;
E se neste o colhemos,

Que humana força poderà livrá-lo,
E de nossas insidias resgatá-lo?»

Mas és, meu Deos! qual foste em todo o tempo:
Se de mim te suppoem impios distante,
Mais terno, mais constante,
Mais visinho de mim te espero e sinto,
E dos malvados os ardís desminto.

(13) *Deus, ne elongeris à me, Deus meus, in auxilium meum respice.*

Cobre severo, cobre de vergonha
Os crueis detractores do meu brio;
Em ti, Senhor, me fio:
Desafoguem os máos, busquem perder-me;
Não temo, certo estou que has de valer-me.

(14) *Confundantur, et deficiant detrahentes animæ meæ: operiantur confusione et pudore, qui quærunt mala mihi.*
(15) *Ego autem semper sperabo: et adjiciam super omnem laudem tuam.*

Hei de ir cantando alegre os teus louvores;
Em desusado metro, novas rimas,
Aos mais remotos climas
Farei constar os bens que me outorgaste,
E como o afflicto e misero salvaste.

(16) *Os meum ennuntiabit justitiam tuam, tota die salutare tuum.*

Arte não tenho que rastrêe o assumpto;
Porêm arde-me em fogo o pensamento,
Quando medito e intento
Entoar de meus hymnos na cadencia
Tua justiça, tua omnipotencia.

(17) *Quoniam non cognovi litteraturam, introibo in potentias Domini: Domine, memorabor justitiæ tuæ solius.*

Digo o que me inspiraste desde a aurora
De meus dias, meu Deos: d'alma traslado
O cantico entoado
Que me nasce do bem de conhecer-te;
E jámais cessarei de engrandecer-te.

(18) *Deus docuisti me à juventute mea, et usque nunc pronuntiabo mirabilia tua.*

Hei de cantar-te até que a voz me falte;

(19) *Et usque in senectam, et*

senium, Deus, ne derelinquas me;

Té que a chamma do estro que m'impelle
Se esfrie, se enregele:
Alimenta, Senhor, os meus accentos,
Não deixes apagar meus pensamentos.

(20) *Donec annuntiem brachium tuum generationi omni, quæ ventura est.*

Sejam meus versos monumento eterno
Do teu podêr; aos seculos futuros,
Contra o tempo seguros,
Do teu braço os portentos annunciem,
E aos vindouros de amor puro incendiem.

(21) *Potentiam tuam, Deus, usque in altissima, quæ fecisti magnalia: Deus, quis similis tibi?*

Quem como tu, meu Deos?... Os Ceos attestam,
Em magestosa pompa a Natureza,
A tua fortaleza:
Nos animos dos justos resplandece
A luz celeste, que te reconhece.

(22) *Quantas ostendisti mihi tribulationes multas, et malas? et conversus vivificasti me, et de abyssis terræ iterum reduxisti me.*

Quantas tribulações me rodearam!
Com que acerbos pezares me provaste!
Depois me alliviaste:
Torna a vivificar-me; o antigo fogo
No meu peito renova; ouve o meu rogo.

(23) *Multiplicasti magnificentiam tuam, et conversus consolatus es me.*

Ah Senhor! de que sustos e terrores
Inda agora me sinto acommettido!
Dissipa commovido
O vapor pestilente que nos cerca;
Faze com que a innocencia se não perca.

(24) *Nam, et ego confitebor tibi in vasis psalmi veritatem tuam: Deus, psallam tibi in cithara, sanctus Israel.*

Verás, Senhor, depois como me exalto;
Com que modulações teu nome canto:
Esquecido do pranto,
Apenas no horizonte aponte o dia
Desbancarei das aves a harmonia.

O Sancto d'Israel a toda a hora
Celebrarei, pulsando affouto a lyra;
Aó tecto de saphyra
Chegarão minhas vozes retumbantes,
A recrear os astros scintillantes.

(25) *Exultabunt labia mea, cum cantavero tibi, et anima mea, quam redemisti.*

Que não direi, Senhor, quando aterrados
Vir os perjuros, impios, que te offendem!
Quando as tramas que empr'endem
Desfizeres potente! Jámais rouca
Cessará de louvar-te a minha bocca.

(26) *Sed et lingua mea tota die meditabitur justitiam tuam, cum confusi, et reveriti fuerint, qui quærunt mala mihi.*

PSALMO LXXI. (*)

Psalmo sobre Salomão.

Psalmus in Salomonem. (**)

O PODÊR de julgar, a sapiencia
Concede ao Rei, meu Deos! Prepara o filho
A reger com justiça a pobre gente,
Os mansos sem ventura.

(1) *Deus judicium tuum Regi da, et justitiam tuam filio Regis.*

Sobre o povo, faminto de equidade,
Se incline magestoso o justo sceptro;
Conforte a rectidão os desprovidos,
Anime-os a esperança.

(2) *Judicare populum tuum in justitia, et pauperes tuos in judicio.*

Levem do povo as vozes té aos montes
Os applausos da paz; trasborde o gosto
Dos corações, e suba qual enchente
Dos valles aos outeiros.

(3) *Suscipiant montes pacem populo, et colles justitiam.*

(*) Paraphrase feita em 6 de Abril de 1817. — *(A Auctora.)*

(**) Convem os mais sabios que neste psalmo predissera David o felicissimo reinado de Salomão, que era uma figura do espiritual de Jesus Christo.

(4) *Judicabit pauperes populi, et salvos faciet filios pauperum, et humiliabit calumniatorem.*

Virá salvar, fazer justiça ás gentes,
Os filhos consolar dos infelizes;
E do calumniador a cervís dura
Humilhará potente.

(5) *Et permanebit cum sole, et ante lunam in generationem et generationem.*

Em quanto o Sol raiar, luzir a Lua,
Subsistirá seu nome; hão de acclamá-lo,
De geração em geração passando,
Os ultimos viventes.

(6) *Descendet sicut pluvia in vellus, et sicut stillicidia stillantia super terram.*

Como um vello de lã que ensopa chuva,
Como as gottas que embebe a terra secca,
Provarão seu influxo saudavel
Os animos das gentes.

(7) *Orietur in diebus ejus justitia, et abundantia pacis, donec auferatur luna.*

Brotará nos seus dias a justiça,
E abundancia de paz; permanecendo
Qual sereno luar, e em quanto duram
Os mais astros accesos.

(8) *Et dominabitur à mari usque ad mare, et à flumine usque ad terminos orbis terrarum.*

De um mar a outro mar terá dominio;
E desde o caudaloso patrio rio
Aos términos da terra, com imperio,
Estenderá seu mando.

(9) *Coram illo procident Æthiopes, et inimici ejus terram lingent.*

Os insulanos mesmo ante seu throno
Verá prostrar, beijando o chão submissos;
As barbaras nações, os inimigos
Assustará, tremendo.

(10) *Reges Tharsis, et insulæ munera offerent: Reges Arabum, et Saba dona adducent.*

Virão os tributarios Reis das Indias
Trazer-lhe off'rendas ricas; os da Arabia,
E os de Sabá, trarão dons preciosos
Que adorações indiquem.

Os Reis todos da terra, os Povos todos
O servirão gostosos; pois que salva
Do poderoso os pobres, que não tinham
Amparo algum no mundo:

(11) *Et adorabunt eum omnes Reges terræ: omnes gentes servient ei:*

(12) *Quia liberavit pauperem à potente, et pauperem, cui non erat adjutor.*

Pois que a infelizes coarcta dissabores,
E derrama nos animos oppressos
Aromatica uncção, que os cura e salva
De perpetuo infortunio.

(13) *Parcet pauperi et inopi, et animas pauperum salvas faciet.*

Vede como distingue sabiamente
A verdade dos erros; como livra
Da iniquidade e usura as almas puras,
E lhes dá nome honroso!

(14) *Ex usuris et iniquitate redimet animas eorum, et honorabile nomen eorum coram illo.*

Immortal viverá: a Arabia cria,
Para offertar-lhe adornos, ouro puro:
Os humanos o adoram; todo o orbe
O seu nome abençoa.

(15) *Et vivet, et dabitur ei de auro Arabiæ, et adorabunt de ipso semper, tota die benedicent ei.*

A terra com vigor produz frumento
Sobre os montes hirsutos; sobrepujam
As douradas espigas alterosas
Altos cedros do Libano.

(16) *Et erit firmamentum* (*) *in terra in summis montium, superextolletur super Libanum fructus ejus, et florebunt de civitate, sicut fœnum terræ.*

Nas cidades os homens opulentos
Como as hervas dos prados abastecem,
Multiplicam; e as turbas numerosas
O seu nome celebram.

(*) Mattei diz, que não é desproposito acreditar que estivesse escripto *frumentum*, e não *firmamentum*, equivoco reconhecido tambem por Grocio na versão dos Settenta. No Hebreo acha-se *pugillus frumenti*, e o sentido rege bem, *pugillus frumenti crescet ut cedrus Libani.*

(17) *Sit nomen ejus benedictum in sæcula; ante Solem permanet nomen ejus.*

Deos immenso! bemditto sejas sempre;
Por seculos teu nome a gente exalte:
Nome que antes do Sol já existia,
Que adora o Universo.

(18) *Et benedicentur in ipso omnes tribus terræ: omnes gentes magnificabunt eum.*

Por elle as tribus todas numerosas
Bençãos receberão; a elle os homens
Hão de glorificar perpetuamente
Com incessantes hymnos.

(19) *Benedictus Dominus Deus Israel, qui facit mirabilia solus.*

Seja o Deos d'Israel sempre louvado;
O Senhor que é o auctor das maravilhas
Que os ceos e a terra ostentam, com que pasmam
As suas creaturas!

(20) *Et benedictum nomen majestatis ejus in æternum, et replebitur majestate ejus, omnis terra: fiat, fiat.*

Cheio o globo da sua magestade,
Do seu nome sublime, com ternura
Para sempre o bemdiga! Amen, Amen,
Cantem Anjos, e homens.

(21) *Defecerunt laudes David filii Jesse.*

Aqui fallece a voz mesmo ao Propheta:
O filho de Jessé, o Cantor Regio
Aos mais sêres entrega enternecido
A cithara inspirada.

FIM DO LIVRO II.

LIVRO III.

DOS

PSALMOS.

PSALMO LXXII.

A poesia é de Asaph.

Aos que tem corações fieis e rectos
Quanto Deos é benigno! como acode
Ao povo d'Israel!...
Comtudo vacillei; suster apenas
Pude meus pés; e via-me já perto
D'escorregar em chão solido e certo.

Minava-me um ciume desmedido
Ao ver constante a paz dos peccadores;
Florentes e robustos,
Sãos na vida, pacificos na morte,
De honras cercados, gostos e ventura;
E se os assalta a dor pouco lhes dura.

Psalmus Asaph.

(1) *Quam bonus Israel Deus his, qui recto sunt corde!*

(2) *Mei autem penè moti sunt pedes: penè effusi sunt gressus mei.*

(3) *Quia zelavi super iniquos pacem peccatorum videns.*

(4) *Quia non est respectus morti eorum: et firmamentum in plaga eorum.*

(5) *In labore hominum non sunt, et cum hominibus non flagellabuntur.*

Das pensões com que geme a natureza
Parece que ao nascer isentos foram;
Seus inimigos tremem,
Prosperam sobre a terra seus projectos:
Se navegam com outros que naufragam,
Sempre encontram alguns que ao porto os tragam.

(6) *Ideo tenuit eos superbia, operti sunt iniquitate, et impietate sua.*

Por isso de suberba recheados,
Cobrem de iniquidade seus designios;
Para o termo não olham,
Impiamente descançam nos seus crimes;
Caminham com jactancia na impiedade,
Seus animos deleitam na maldade.

(7) *Prodiit quasi ex adipe iniquitas eorum, transierunt in affectum cordis.*

Que floridos semblantes! Com que brio
Ostentam a saude! As roseas faces
Jámais na dôr descoram;
Brilham seus olhos de um risonho agrado:
Mas que pasmo? se quanto desejaram
De uma fortuna docil alcançaram?...

(8) *Cogitaverunt, et locuti sunt nequitiam, iniquitatem in excelso locuti sunt.*

Pensam; e sem tardar, da lingua solta
Saem conjecturas más, calumnias, dolos:
Do lugar eminente
Em que a sorte os colloca, distribuem
Rios d'iniquidade e de torpeza
Com que ultrajam as leis da natureza.

(9) *Posuerunt in cœlum os suum, et lingua eorum transivit in terra.*

Não se contentam de offender os homens;
A impura bocca contra o Ceo conspira;
Nem a Deos que o tolera
Poupa o malvado: os justos estremecem;
Prosperar veem, com dor, da aleivosia
Sempre serena a noite, claro o dia.

O povo, suspirando, então exclama:
«É possivel que Deos saiba e despreze
Tantos erros felizes!
É possivel que soffra indifferente
Que o bem, de que é auctor com gloria immensa,
Neste mundo a malvados só pertença?»

(10) *Ideo convertetur populus meus hic, et dies pleni invenientur in eis.*

(11) *Et dixerunt: quomodo scit Deus? et si est scientia in excelso?*

(12) *Ecce ipsi peccatores, et abundantes in sæculo obtinuerunt divitias.*

Tambem comigo disse, sem motivo:
«Meu coração é puro; venaes premios
Minhas mãos não mancharam:
Qual é a recompensa? se os pezares
Uns a outros me seguem, me laceram,
E noite e dia angustias me exasperam?»

(13) *Et dixi: ergo sine causa justificavi cor meum, et lavi inter innocentes manus meas:*

(14) *Et fui flagellatus tota die, et castigatio mea in matutinis.*

A que extremo fatal me reduziram
Taes pensamentos! Ía já largando
O caminho acertado,
Cançado de soffrer; bem que opprimido
Visse o povo infeliz, ía deixá-lo,
E á sorte que tivesse abandoná-lo.

(15) *Si dicebam: narrabo sic; ecce nationem filiorum tuorum reprobavi.*

Mas neste enleio, percebi, gemendo,
Que havia aqui mysterio impenetravel
A meus fracos sentidos;
Que em vãs cogitações me confundia;
Que era sublime o enigma que buscava;
Que de mim mesmo em vão me confiava.

(16) *Existimabam, ut cognoscerem hoc; labor est ante me.*

Entrei então no Sanctuario augusto,
Recorri ao meu Deos, luzes pedindo
Ao seu sabêr profundo:
De meus erros a nuvem dissipou-se
Ao ver qual era o termo dos malvados,
Em que abysmo os lançavam seus peccados.

(17) *Donec intrem in sanctuarium Dei, et intelligam in novissimis eorum.*

(18) *Verumtamen propter dolos posuisti eis, dejecisti eos, dum allevarentur.*

Na verdade, que importa que vaidosos
Na escorrediça arêa fabricassem
Pomposos edificios?
Quanto mais se levantam, mais depressa,
Meu Deos, os precipitas! Que é do fausto?
Dissipou-se, cahio por terra exhausto.

(19) *Quomodo facti sunt in desolationem? subito defecerunt, perierunt propter iniquitatem suam.*

Onde estão esses monstros gigantescos,
Idolos que inda ha pouco se invocavam?
Na afflicção derrubados,
Desfalleceram subito; parece
Que os iniquos jámais á luz vieram,
Ou qual exhalação desappar'ceram.

(20) *Velut somnium surgentium, Domine, in civitate tua imaginem ipsorum ad nihilum rediges.*

Como de quem desperta foge um sonho,
Assim, meu Deos, ao nada reduziste
Dos impios a memoria:
Onde estão?—Pereceram. Não existe
Mausoléo, monumento, insignia, fastos,
Que revele ao por-vir seus nomes gastos.

(21) *Quia inflammatum est cor meum, et renes mei commutati sunt: et ego ad nihilum redactus sum, et nescivi.*

Tranquillo já respiro, e já deparo
Co' a escondida verdade; meus problemas
Já todos se resolvem:
Minha humilde ignorancia reconheço;
Só começo a saber que não sou nada
Perante a Sapiencia illimitada.

(22) *Ut jumentum factus sum apud te, et ego semper tecum.*

Sou bruto, sou imbécil, nada entendo
Se Deos não me allumia. Oh Deos supremo!
Tu mesmo me dirige:
Comtigo quero unir-me; amor ardente
Me abraze o coração, que a amar-te aspira,
Que só por ti, meu Creador, suspira.

Pela mão me pegaste, e nestas brenhas
De humanas confusões me vais levando;
Meus passos encaminhas,
De ti não me separo: e que mais posso
Appetecer do Ceo, que tanto encerra,
Ou desejar com ancia cá na terra?

(23) *Tenuisti manum dexteram meam, et in voluntate tua deduxisti me, et cum gloria suscepisti me.*

(24) *Quid enim mihi est in cœlo? et à te quid volui super terram?*

Quando penso, meu Deos, qu' inda distante
Vivo de ti, minha alma desfallece:
Suave, unico alento
Deste meu coração! ah! quando, quando
Hei de comigo em doce laço unir-te?
Hei de perpetuamente possuir-te?

(25) *Defecit caro mea, et cor meum Deus: cordis mei, et pars mea Deus in æternum.*

Quem de ti se separa, á morte corre:
Castiga, pune os loucos que te deixam,
E que a fé te quebrantam.
Eu comtigo andarei unido sempre;
Seguro vou, seguir-te não me cança;
Só tu jámais confundes a esperança.

(26) *Quia ecce qui elongant se à te, peribunt: perdidisti omnes qui fornicantur abs te.*

(27) *Mihi autem adhærere Deo bonum est: ponere in Domino Deo spem meam:*

Assim cantando irei por toda a parte,
Com a lyra na mão, os teus louvores:
Vou fabricando os hymnos
Que as tuas misericordias annunciem;
E repitam-nos coros d'alegria
Donde nascé até onde acaba o dia.

(28) *Ut annuntiem omnes prædicationes tuas in portis filiæ Sion.*

PSALMO LXXIII.

Intellectus Asaph.

Canção de Asaph.

(1) *Ut quid, Deus, repulisti in finem? iratus est furor tuus super oves pascuæ tuæ?*

ASSIM nos abandonas, Deos irado?
Quaes ovelhas errantes,
Sem conductor, sem pasto, em sitio estranho
Tu deixas sem aprisco o teu rebanho?

(2) *Memor esto congregationis tuæ, quam possedisti ab initio.*

Recorda-te que somos o teu povo;
Bem que misero, afflicto,
O mesmo povo somos que escolheste,
Que desde antigos dias soccorreste.

(3) *Redemisti virgam hæreditatis tuæ: mons Sion, in quo habitasti in eo.*

Os campos deleitosos, que hoje vemos
Derrotados, incultos,
Para nós como herança conquistaste,
E em Sião amenissimo habitaste.

Este, Senhor, é o monte deleitoso
Onde tu residias;
Á tua gloria outr'ora consagrado,
Hoje calvo, e de adorno despojado.

(4) *Leva manus tuas in superbias eorum in finem: quanta malignatus est inimicus in sancto!*

Levanta o braço contra os insolentes
Que suberbos te insultam;
Repara com que arrôjo temerario
Vem profanar sem pejo o Sanctuario.

(5) *Et gloriati sunt, qui oderunt te, in medio solemnitatis tuæ.*

Alli no templo mesmo em que te honrámos
Se prezam de odear-te;
Interrompem solemnes sacrificios,
Fazendo pompa e gala de seus vicios.

Sobre o alto do templo tropheos erguem
Como em publica estrada;
Das victorias ufanos e vaidosos,
Redobram os ultrages aleivosos.

(6) *Posuerunt signa sua, signa: et non cognoverunt sicut in exitu super summum.*

Parece que com fouces e machados
Freixos, olmos abatem;
E por fim vão por terra espedaçadas
Do Sanctuario as portas derrubadas.

(7) *Quasi in silva lignorum securibus exciderunt januas ejus in idipsum: in securi, et ascia dejecerunt eam.*

Começa a fumegar, e aos ceos s'eleva
Um turbilhão de fumo;
O sitio onde exaltavamos teu nome
No mais voraz incendio se consome.

(8) *Incenderunt igni sanctuarium tuum: in terra polluerunt tabernaculum nominis tui.*

Ouve, ó meu Deos, dos impios as blasphemias,
Uns aos outros dizendo:
«O Numen de Israel não mais se adore,
Nem nos dias festivos mais se implore.»

(9) *Dixerunt in corde suo cognatio eorum simul: quiescere faciamus omnes dies festos Dei à terra.*

Oh meu Deos! que miseria! que desgraça!
Quem póde consolar-nos?
Que é feito dos prodigios de algum'dia?
Já prophetas não ha como os que havia!

(10) *Signa nostra non vidimus, jam non est propheta, et nos non cognoscet amplius.*

Não ha quem nos console, quem, rompendo
Densos véos do futuro,
Com divina visão saiba de certo
Se o fim de nossas magoas está perto.

Até quando, Senhor, ha de o inimigo
Improperar teu nome?
Soltar da immunda lingua infames vozes,
Blasphemias contra ti as mais atrozes?

(11) *Usquequo, Deus, improperabit inimicus? irritat adversarius nomen tuum in finem?*

(12) *Ut quid avertis manum tuam, et dexteram tuam, de medio sinu tuo in finem?*

(13) *Deus autem Rex noster ante sæcula, operatus est salutem in medio terræ.*

Tira do seio a mão que tens immovel,
Que contens ociosa;
Não és o eterno Deos, o Rei sublime
Ante quem esmorece e geme o crime?

(14) *Tu confirmasti in virtute tua mare, contribulasti capita draconum in aquis.*

Não és quem n'outro tempo encheste a terra
D'espantosos milagres?
Quem, só para salvar-nos, reprimiste
A furia do Dragão, que submergiste?

Dividistes o mar, e o condensaste
A favor do teu povo;
Dissolvestes as aguas de repente,
E nellas abysmaste a iniqua gente.

(15) *Tu confregisti capita draconis: dedisti eum escam populis Ethiopum.*

Os insepultos corpos déste em prêsa
Ás feras da Ethiopia;
E os thesouros, que á praia ondas regeitam,
Arabes pescadores aproveitam.

(16) *Tu dirupisti fontes, et torrentes: tu siccasti fluvios Ethan* (*).

Quem senão tu, meu Deos, fez de um rochedo
Borbulhar clara fonte?
Quem reprimio do mar a grossa enchente,
Seccou do rio a rapida corrente?

(17) *Tuus est dies, et tua est nox: tu fabricatus es auroram, et Solem.*

Tudo pódes, Senhor: tu separaste
Da noite o claro dia;
Para nosso conforto generoso
Fabricastes a Aurora e o Sol lustroso.

(18) *Tu fecisti omnes terminos terræ, æstatem, et ver tu plasmasti ea.*

Que portentosas obras não revestem
A terra que pisamos!

(*) Em vão se buscará este rio *Ethan*: é um nome adjectivo que denota *rapidus*: *tu siccasti fluvios rapidos.*

(Maltei.)

Do Austro ao Boreas tudo corresponde,
Desde onde luz té onde o Sol s'esconde.

Tanto pódes, Senhor! e não te lembras
Da tua sapiencia?
Do teu podêr? aos impios perdoando,
Quando estão do teu nome blasphemando!

(19) *Memor esto hujus: inimicus improperavit Domino, et populus insipiens incitavit nomen tuum.*

Ah! que farão de nós, se tanto insultam
A Magestade immensa?
A monstros taes, Senhor, não nos entregues,
Nem teu auxilio a nós miseros negues.

(20) *Ne tradas bestiis animas confitentes tibi, et animas pauperum tuorum ne obliviscaris in finem.*

Não t'esqueça a alliança com que honraste
Nossos progenitores.
Somos no mundo a mais humilde gente,
Sem que a nossa abjecção impios contente!

(21) *Respice in testamentum tuum, quia repleti sunt, qui obscurati sunt terræ domibus iniquitatum.*

Não lhes basta o martyrio em que vivemos,
De perversos cercados?
Faze cessar, Senhor, nosso tormento;
Ouve do pobre o misero lamento.

(22) *Ne avertatur humilis factus confusus, pauper, et inops laudabunt nomen tuum.*

No recondito seio da amargura,
Somos só quem te louva;
Quem no abysmo da dor e da tristeza
Exalta o nome teu, tua grandeza.

Surge, ó Senhor! e julga a causa tua;
Vinga tantos ultrages;
A continua loucura que te offende
Consome, pune, os raios teus accende.

(23) *Exsurge, Deus, judica causam tuam: memor esto improperiorum tuorum, eorum, quæ ab insipiente sunt tota die.*

De quem te odêa ás vozes temerarias

(24) *Ne obliviscaris voces ini-*

micorum tuorum: superbia eorum qui te oderunt, ascendit semper.

Ficarás insensivel?
Á suberba dos impios, á jactancia
Opporás simplesmente a tolerancia?

PSALMO LXXIV.

In finem ne corrumpas Psalmus Asaph cantici.

A poesia é de Asaph, a musica é do mestre dos Taschath.

(1) *Confitebimur tibi, Deus, confitebimur, et invocabimus nomen tuum.*

Á VISTA da grandeza desse dia
Que teus altos decretos avisinham,
Meu Deos, celebraremos
Teu podêr sem limite:
Os innumeros sêres reverentes
Hão de offertar-te os hymnos seùs cadentes.

(2) *Narrabimus mirabilia tua: cum accepero tempus, ego justitias judicabo.*

Com que estrondosa voz soa em minha alma
A resposta sublime!... Deos severo
Deste modo replica:
«Quando chegar o tempo,
As portas abrirei da Eternidade;
O mundo julgarei com equidade.

(3) *Liquefacta est terra, et omnes qui habitant in ea: ego confirmavi columnas ejus.*

«Sou quem desfaço a terra n'um momento,
Quem posso dissolver quantos habitam
A superficie della;
Sei reparar seus males,
Columnatas eternas levantando,
Que a vão entre ruinas amparando.

(4) *Dixi iniquis: nolite iniquè*

«Cançado de soffrer, exclamei—basta!

Disse aos iniquos: — Cesse a iniquidade;
A frente, presumidos,
Não realceis audazes;
Não vades minha colera excitando,
Nem contra Deos sacrilegos fallando.

« Não vos lembra, infieis, que nada escapa
Á summa intelligencia? Que nas grutas,
Nas montanhas desertas,
Tudo investigo e vejo?
Que, supremo Juiz, não ha recanto
Que vos encubra? e todo o véo levanto?

« Do oriente até onde o sol s'esconde,
Do norte ao meio-dia, manifestos
Da multidão dos sêres
Me são os pensamentos:
Preparo ao justo o premio que elle alcança;
Dos máos confundo a credula esperança.

« Uns humilho irritado, outros exalto;
Tenho na mão dois vasos differentes:
Um de licor suave,
Outro amargo, empéstado:
Ora aquelle, ora este derramando,
O que merece a cada qual vou dando.

« Inexhaustas as fezes peçonhentas
No vaso vingador reservo aos impios
Que a terra profanaram
Por inauditos crimes:
Soltando justiceiro meus rigores,
Fartarei de amargura os peccadores. »

agere: et delinquentibus: nolite exaltare cornu.

(5) *Nolite extollere in altum cornu vestrum: nolite loqui adversus Deum iniquitatem.*

(6) *Quia neque ab oriente, neque ab occidente, neque à desertis montibus: quoniam Deus judex est.*

(7) *Hunc humiliat, et hunc exaltat, quia calix in manu Domini vini meri plenus mixto.*

(8) *Et inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen fæx ejus non est exinanita: bibent omnes peccatores terræ.*

(9) *Ego autem annuntiabo in sæculum, cantabo Deo Jacob.*

(10) *Et omnia cornua peccatorum confringam, et exaltabuntur cornua justi.*

Senhor! annunciarei ao mundo, ás gentes,
Vozes taes; com sublime enthusiasmo
Assustarei perversos.
Cumpre as altas promessas;
Abate os máos, exalta os virtuosos:
Cantarei teus juizos assombrosos.

Ajudai-me a cantar, Coros celestes,
Do Numen de Jacob as maravilhas;
Os ceos, a terra attonitos,
Conhecerão submissos
Como a lei do Senhor fica immutavel,
Quanto a sua justiça é formidavel.

PSALMO LXXV.

In finem in laudibus, Psalmus Asaph, canticum.

A poesia é de Asaph, a musica é do mestre dos Neghinoth.

(1) *Notus in Judæa Deus, in Israel magnum nomen ejus.*

Como é Deos conhecido na Judéa!
Como Israel seu grande nome escuta
Submisso, reverente!
O povo enternecido

(2) *Et factus est in pace locus ejus, et habitatio ejus in Sion.*

Teme, adora o Senhor: com mais assombro
Na formosa Sião o glorifica,
Na séde que escolheo e sanctifica.

(3) *Ibi confregit potentias arcuum, scutum, gladium, et bellum.*

Alli dão fé maior os seus prodigios;
D'inimigos potentes quebra os arcos,
Despedaça os escudos;
As mais robustas lanças
Espalha esmigalhadas sobre a terra:

Das cohortes suspende os movimentos,
Paralysa da guerra os instrumentos.

No vertice dos montes quão terrivel
Te mostraste, meu Deos! quão poderoso
Aos fortes, aos suberbos!
Stupefactos admiram
As vingadoras leis a que os sujeitas;
O ameaço insculpido em teu semblante,
Em tuas mãos a espada fulminante.

(4) *Illuminans tu mirabiliter à montibus æternis: turbati sunt omnes insipientes corde.*

Dormiam descançados, presumidos,
Na mais fatal e stulta segurança;
Se assustados despertam,
A fraqueza os aterra,
Todo o antigo valor os desampara;
Não acham já nas mãos com que resistam,
Nem animo nem forças que lhe assistam.

(5) *Dormierunt somnum suum, et nihil invenerunt omnes viri divitiarum in manibus suis.*

Deos de Jacob! assim que os increpaste,
Esses altivos, que em corceis suberbos
Campeavam nas praças,
Fracos, desfallecidos
Por terra n'um lethargo se prostraram.
Quem ha de resistir-te, Deos terrivel,
Se soltas teu furor inexhaurivel?

(6) *Ab increpatione tua, Deus Jacob, dormitaverunt, qui ascenderunt equos.*

(7) *Tu terribilis es, et quis resistet tibi? ex tunc ira tua.*

Quando se ouvio do Ceo que já marchavas
A vingar-te, tremeo confusa a terra,
Parou stupefacta:
Emmudeceo o ether,
Contemplando, com pasmo, com que affecto
Salvas os bons, com que vigor tremendo
Contra os máos das espheras vens descendo.

(8) *De cœlo auditum fecisti judicium; terra tremuit, et quievit,*

(9) *Cum exsurgeret in judicium Deus, ut salvos faceret omnes mansuetos terræ.*

(10) *Quoniam cogitatio hominis confitebitur tibi: et reliquiæ cogitationis diem festum agent tibi.*

Quem reflectir da gente depravada
Nas cogitações perfidas e crimes,
Tirará argumento
Para com ardor novo
Te louvar, oh meu Deos! seus pensamentos
Terão só por objecto celebrar-te,
E com dias festivos sempre honrar-te.

(11) *Vovete, et reddite Domino Deo vestro, omnes qui in circuitu ejus affertis munera.*

Confiai, ó mortaes! Se as tempestades
Com reliquias das nuvens inda assustam;
Se as ondas empoladas
Inda o terreno inundam;
Quem é Senhor das nuvens e dos mares,
Quem poz ao seu furor outr'ora um freio,
Para domar-lh' a furia ha de achar meio.

(12) *Terribili, et ei qui aufert spiritum Principum, terribili apud reges terræ.*

Aos tyrannos terrivel, Deos comprime
Dos Reis da terra os impetos ferozes;
O espirito lhes doma:
Abaixa, humilha os Grandes,
Da ambição lhes confunde os vãos projectos;
E n'um instante sopra e desvanece
Os fumos que a vaidade lh' encarece.

PSALMO LXXVI.

In finem pro Idithun, psalmus Asaph.

A musica é de Idithun, a poesia é de Asaph.

(1) *Voce mea ad Dominum clamavi, voce mea ad Deum, et intendit mihi.*

Devorado de penas, e clamando
Por Deos que me socorra, Deos ouvio-me;
E me foi na amargura confortando.

Invocando o Senhor, as mãos levanto
No silencio da noite mais obscura;
E nem meus ais se frustram, nem meu pranto.

(2) *In die tribulationis meæ Deum exquisivi, manibus meis nocte contra eum: et non sum deceptus.*

Minha alma consolar-se não sabia;
Mas lembrado de Deos, e meditando,
Em suave deleite me perdia.

(3) *Renuit consolari anima mea, memor fui Dei, et delectatus sum, et exercitatus sum, et defecit spiritus meus.*

Os meus olhos abertos preveniam
A matutina luz; porêm, turbado,
De meus labios as vozes não sahiam.

(4) *Anticipaverunt vigilias oculi mei, turbatus sum, et non sum locutus.*

Pensava nos milagres que fizeram
Esses dias antigos, tão famosos,
E nos annos eternos que se esperam:

(5) *Cogitavi dies antiquos, et annos æternos in mente habui.*

Então meu coração examinava;
Ponderava meus erros; e com magoa,
Assustado, nas trevas, me accusava.

(6) *Et meditatus sum nocte cum corde meo, et exercitabar, et scopebam spiritum meum.*

Meu Deos! será possivel que rejeites
Para sempre meu animo contricto?
Que estas lagrimas ternas não acceitas?

(7) *Numquid in æternum projiciet Deus, aut non apponet, ut complacitior sit adhuc?*

Que indisposto sem fim, queiras negar-te
Para sempre á piedade que pedimos?
Que não se encontre meio de applacar-te?

Negarás misericordia aos que escolheste?
E o teu furor por seculos durando
Fará nulla a esperança que nos déste?

(8) *Aut in finem misericordiam suam abscindet à generatione in generationem?*

Esquecerás, Senhor, como perdoas?
E, submersa na colera a piedade,
Punirás sem que nunca te condoas?

(9) *Aut obliviscetur misereri Deus? aut continebit in ira sua misericordias suas?*

(10) *Et dixi: nunc cœpi; hæc mutatio dexteræ excelsi.*

Não... Agora começo a converter-me:
Perfeita contricção é obra prima
Da excelsa mão que vem fortalecer-me.

(11) *Memor fui operum Domini, quia memor ero ab initio mirabilium tuorum.*

És tu, meu Deos, por quem do abysmo acórdo;
As tuas grandes obras se me antojam,
Das tuas maravilhas me recordo.

(12) *Et meditabor in omnibus operibus tuis, et in adinventionibus tuis exercebor.*

Nas obras que fizeste meditando,
Penetrado de pasmo e de ternura
Irei os teus conselhos estudando.

(13) *Deus, in sancto via tua: quis Deus magnus, sicut Deus noster? tu es Deus qui facis mirabilia.*

Sanctos são teus caminhos e acertados:
Quem como o nosso Deos é grande, é justo?
Como salvou seus servos consternados!

(14) *Notam fecisti in populis virtutem tuam: redemisti in brachio tuo populum tuum, filios Jacob, et Joseph.*

Aos povos teu podêr, Senhor, mostraste;
De Jacob, de José remiste os filhos,
Com teu braço o teu povo libertaste.

(15) *Viderunt te aquæ, Deus, viderunt te aquæ: et timuerunt, et turbatæ sunt abyssi.*

Os entes insensiveis se abalaram;
Viram-te as aguas, Deos, viram-te as aguas;
E os profundos abysmos se turbaram.

(16) *Multitudo sonitus aquarum: vocem dederunt nubes.*

A multidão das ondas bramidoras
Ás nuvens seu estrondo levantaram,
Com vozes do ambiente aterradoras.

(17) *Etenim sagittæ tuæ transeunt, vox tonitrui tui in rota.*

Os espaços tuas settas atravessam;
Do trovão rasga os ares o estampido;
Em torrentes as chuvas se arremessam:

(18) *Illuxerunt coruscationes tuæ orbi terræ, commota est, et contremuit terra.*

Do relampago a luz o globo envolve;
A terra, pelo susto commovida,
Parece que em seus eixos se revolve.

Prepararam-te as ondas uma estrada
Solida e firme, sobre a qual passaste;
E a passagem aos impios foi vedada.

(19) *In mari via tua, et semitæ tuæ in aquis multis, et vestigia tua non cognoscentur.*

Fechou-se-lh' o caminho; não ficaram
De seus passos vestigios: dissolvidas
As aguas, aos perversos sepultaram.

Só te seguio, qual segue manso gado
O seu pastor, Moysés e Arão, guiando
O povo, ao teu serviço consagrado.

(20) *Deduxisti sicut oves populum tuum in manu Moysi, et Aaron.*

PSALMO LXXVII.

Composição de Asaph.

Intellectus Asaph.

Silencio, ó povos: vou fallar, ouvi-me.
Vou explicar a lei: prestai-me attentos,
Doceis ás minhas vozes, os ouvidos.
Em parabolas vou abrir meus labios,
Revelar-vos reconditos exemplos,
Dos mais remotos annos recolhidos,
Em termos claros, versos escolhidos.

(1) *Attendite, popule meus, legem meam, inclinate aurem vestram in verba oris mei.*

(2) *Aperiam in parabolis os meum, loquar propositiones ab initio.*

Quanto ouvimos depois que á luz viemos,
Quanto nossos maiores nos contaram:
Não quizeram que aos proprios descendentes
Occultadas ficassem essas graças
Com que Deos os honrou no prisco tempo;
Obra do seu podêr, e maravilhas:
Mas que em canções harmonicas descessem
Ás gerações futuras que nascessem.

(3) *Quanta audivimus, et cognovimus ea, et patres nostri narraverunt nobis.*

(4) *Non sunt occultata à filiis eorum in generatione altera.*

(5) *Narrantes laudes Domini, et virtutes ejus, et mirabilia ejus, quæ fecit.*

(6) *Et suscitavit testimonium in Jacob, et legem posuit in Israel.*

(7) *Quanta mandavit patribus nostris nota facere ea filiis suis, ut cognoscat generatio altera.*

(8) *Filii qui nascentur, et exsurgent, et narrabunt filiis suis.*

Formou Deos com Jacob solemne pacto,
D'Israel confiou a leï sagrada;
Mandou a nossos paes que nos preceitos
Desta lei os seus filhos instruissem,
Para que estes aos seus a transmittissem.

(9) *Ut ponant in Deo spem suam, et non obliviscantur operum Dei, et mandata ejus exquirant.*

(10) *Ne fiant, sicut patres eorum generatio prava, et exasperans.*

(11) *Generatio quæ non direxit cor suum, et non est creditus cum Deo spiritus ejus.*

Nesta divina lei, penhor sagrado
Dos prodigios de Deos, firmar-se deve
Dos corações fieis toda a esperança:
Estudar em cumprir o que Deos manda,
Em sancto amor ardendo, agradecidos:
Vedar á deslembrança criminosa
O passo que conduz á iniquidade:
Evitar o despenho em que cairam
Os pravos corações dos paes rebeldes;
Geração cujos animos errados
Do Senhor se apartaram descuidados.

(12) *Filii Ephraim intendentes, et mittentes arcum: conversi sunt in die belli.*

Que pasmo é pois, se altivos co' a destreza
Em tender arcos, derrubar as feras,
Esquecidos de Deos, voltassem costas
Na batalha; e se visse nesse dia
Dos filhos d'Ephraim a cobardia?

(13 *Non custodierunt testamentum Dei, et in lege ejus noluerunt ambulare.*

(14) *Et obliti benefactorum ejus, et mirabilium ejus, quæ ostendit eis.*

Do Senhor desprezaram os preceitos,
Da lei o doce jugo arremessando;
As bençãos do seu Deos e altos favores
Sepultaram n'um louco esquecimento;
Seu amor extremoso malograram:
Justo foi que na força do perigo
Surpr'endesse aos ingratos o castigo.

(15) *Coram patribus eorum fecit mirabilia in terra Ægypti, in campo Taneos.*

Com que espanto seus paes na Egypcia terra,
Nos Taneos campos, foram testemunhas

De quanto obrou o braço omnipotente
Para salvar da morte a Hebréa gente!

Em muros de cristal o mar divide;
Depois, como n'um vaso, as aguas fecha,
E sem risco o seu povo passar deixa.

(16) *Interrupit mare, et perduxit eos, et statuit aquas quasi in utre.*

Benigno conductor envolto em nuvens
O precede de dia; e refulgente
Torna-se a nuvem quando o Ceo se obscura;
E a estrada duvidosa lhe assegura.

(17) *Et deduxit eos in nube diei, et tota nocte in illuminatione ignis.*

No deserto, as arêas esquentadas,
Que não refresca um rio em que se apague
Ao consternado e afflicto caminhante
O interno ardor da sêde devorante,
Fere Moysés co' a vara milagrosa
A superficie d'um penhasco esteril;
E logo, com suave murmurio,
A pedra jórra um caudaloso rio,
Que a terra dessecada vai banhando,
E aos sedentos as forças restaurando.

(18) *Interrupit petram in eremo, et adaquavit eos velut in abysso multa.*

(19) *Et eduxit aquam de petra, et deduxit tamquam flumina aquas.*

Não basta um tal favor á iniqua gente;
E no mesmo deserto vão de novo
Excitando de Deos a ira infausta:
Sem gratidão, seus animos rebeldes,
Vencidos pela gula, murmuravam,
E assim nos corações Deos increpavam:
«Farta-nos d'agua Deos, quando podia
Fartar-nos no deserto com manjares!
Que Deos é este? D'agua nos sustenta,
E julga que sem pão nos alimenta?

(20) *Et apposuerunt adhuc peccare ei: in iram excitaverunt excelsum in inaquoso.*

(21) *Et tentaverunt Deum in cordibus suis, ut peterent escas animabus suis.*

(22) *Et malè locuti sunt de Deo; dixerunt: numquid poterit Deus parare mensam in deserto?*

(23) *Quoniam percussit petram, et fluxerunt aquæ, et torrentes inundaverunt.*

(24) *Numquid et panem poterit dare, aut parare mensam populo suo?*

Não tem a seu dispôr a Natureza?
Custa-lhe muito dar-nos lauta mesa?»

(25) *Ideo audivit Dominus, et distulit, et ignis accensus est in Jacob, et ira ascendit in Israel.*

Deste absurdo clamor os ecchos chegam
Ao throno do Senhor, que provocado
Em colera se accende contra os impios,
De Jacob, d'Israel filhos ingratos.
Differe-lhe o soccorro; ao fogo manda,
Que, ministro da colera divina,
Tudo devora, e tudo se arruina.

(26) *Quia non crediderunt in Deo, nec speraverunt in salutari ejus.*

(27) *Et mandavit nubibus desuper, et januas cœli aperuit.*

Miseros! sem razão desconfiavam
Da bondade de Deos; na mente obscura
Não penetrou um raio d'esperança
De salvação, que só de Deos se alcança!
Esqueceram que Deos rompia as nuvens,
E baixava do ceo; que as aureas portas
Da misericordia abria com prodigios
Que aferrolharam erros e prestigios!

(28) *Et pluit illis manna ad manducandum, et panem cœli dedit eis.*

(29) *Panem Angelorum manducavit homo, cibaria misit eis in abundantia.*

Não foi Deos quem abrio do Firmamento
Os thesouros? Quem fez chover na terra
O manná saboroso qual orvalho?
Com pão dos Anjos deo sustento aos homens?
Delle nutridos, clamam descontentes,
E exhalam contra o Ceo blasphemas vozes,
Sacrilego clamor, gritos atrozes!

(30) *Transtulit Austrum de cœlo, et induxit in virtute sua Africum.*

(31) *Et pluit super eos sicut pulverem carnes, et sicut arenam maris volatilia pennata.*

O Senhor das espheras, generoso,
Com poderosas leis suspende os Euros;
Solta do Austro os sopros favoraveis,
Que das aves as mais especiosas
Cobrem os campos como o pó que os cobre
Como a arêa que cerca os vastos mares;

A fome com volatiles lhes doma,
E a mais farta porção cada qual toma.

Em torno aos arraiaes abunda tudo
De passaros gostosos; todos correm
Ás tendas suas, que rodêa o pasto:
Comem, fartam-se; e sem fartar-se nunca,
Gozam da gula. Quando inda a comida
Entre os dentes continham, Deos severo
Assume o seu rigor, e solta as iras;
As igneas settas solta furiosas
Sobre as gentes glutonas e aleivosas:
Derruba os seus mancebos mais robustos;
Declara-lh' inflexivel mortal guerra,
E d'Israel a flor murchou na terra.

(32) *Et ceciderund in medio castrorum eorum, circa tabernacula eorum.*

(33) *Et manducaverunt, et saturati sunt nimis, et desiderium eorum attulit eis: non sunt fraudati à desiderio suo.*

(34) *Adhuc escæ eorum erant in ore ipsorum: et ira Dei adscendit super eos.*

(35) *Et occidit pingues eorum, et electos Israel impedivit.*

Apesar do castigo e maravilhas,
Nem assim o Senhor acreditaram;
Recahiram nos erros castigados,
E aos milagres oppoem novos peccados.

(36) *In omnibus his peccaverunt adhuc, et non crediderunt in mirabilibus ejus.*

Mas qual vento fugio-lh' a fraca vida,
E seus prosperos dias se apagaram.
Então entre os que restam, timoratos,
Os clamores começam; Deos invocam;
Gritam — piedade! — pedem que lhe acuda:
E a suberba, a vaidade em dor se muda.

(37) *Et defecerunt in vanitate dies eorum, et anni eorum cum festinatione.*

(38) *Cum occideret eos, quærebant eum: et revertebantur, et diluculo veniebant ad eum.*

Lembram-se que só Deos póde acudir-lhes,
Que a salvação só delle é que deriva;
Que o povo alcança o bem, se humilde o pede,
Que o Senhor compassivo lh'o concede.

(39) *Et rememorati sunt, quia Deus adjutor est eorum, et Deus excelsus redemptor eorum est.*

Mil supplicas humildes e amorosas,

(40) *Et dilexerunt eum in*

ore suo, et lingua sua mentiti sunt ei.

Que suggere o interesse e o susto excita,
Soltam seus labios; mas sómente os labios:

(41) *Cor autem eorum non erat rectum cum eo: nec fideles habiti sunt in testamento ejus.*

Que infieis á alliança por costume,
Não tinham corações rectos; mentiam
Suas linguas nas phrases que diziam.

(42) *Ipse autem est misericors, et propitius fiet peccatis eorum, et non disperdet eos.*

Deos piedoso, ignorancias desculpando,
Não tornou a irritar-se; disfarçando
As offensas, não quiz exterminá-los:

(43) *Et abundavit, ut averteret iram suam, et non accendit omnem iram suam.*

Não quiz que o seu enfado mais soprasse
Da colera total o incendio activo:
As iras uma e outra vez suspende;

(44) *Et recordatus est, quia caro sunt, spiritus vadens et non rediens.*

Repara que são carne, e o pensamento
Dos homens que é ligeiro como o vento.

Vê com piedade Deos tantas fraquezas;
Move nelles contrictos pensamentos:
Bem que de mais favor indignos fossem,
Faz que as penas crueis em fim se adocem.

(45) *Quoties exacerbaverunt eum in deserto? in iram concitaverunt eum in inaquoso!*

Quantas vezes nos aridos desertos,
Ingratos provocaram mil castigos!
Quantas vezes de Deos se descuidaram,
E no mesmo deserto o abandonaram!

(46) *Et conversi sunt, et tentaverunt Deum, et sanctum Israel exacerbaverunt.*

O Numen d'Israel, o Sancto, o Immenso
Sem pejo esquecem; voltam seus affectos
Para os idolos vãos, abjectos, falsos:

(47) *Non sunt recordati manus ejus die, qua redemit eos de manu tribulantis.*

Não se lembram da mão potente, forte,
Que os salvou de cadêas e da morte:

(48) *Sicut posuit in Ægypto signa sua, et prodigia sua in campo Taneos.*

Perdem de vista quanto em favor delles
Com prodigios obrou no Egypto, em Tanis;

(49) *Et convertit in sanguinem flumina eorum, et imbres eorum, ne biberent.*

Como em sangue tornou do rio as aguas,
A fim que os inimigos assustados

Das sanguinosas ondas não provassem,
E o sequioso ardor não apagassem.
De grasnadoras rans, d'avidas moscas
Enxames voadores os perseguem;
Devora-lhe a ferrugem os seus fructos,
Gafanhotos destroem seus trabalhos:
Com repetidos golpes mata a pedra
Nas vides o pimpolho renascente;
A geada lhes cresta seus pomares:
Languidos gemem na malhada os gados,
No campo desfallecem, falta o pasto;
De Deos a maldição tudo tem gasto.

(50) *Misit in eos cœnomyiam, et comedit eos, et ranam, et disperdidit eos.*

(51) *Et dedit ærugini fructus eorum, et labores eorum locustæ.*

(52) *Et occidit in grandine vineas eorum, et moros eorum in pruina.*

(53) *Et tradidit grandini jumenta eorum: et possessionem eorum igni.*

Do seu povo as injurias o estimulam:
Quer Deos vingá-lo, e contra os offensores
Solta das iras os tremendos raios;
Anjos protervos manda que os afflijam,
Que os abysmem na dor, na desventura,
Pois seu povo fartaram de amargura.

(54) *Misit in eos iram indignationis suæ, indignationem, et iram, et tribulationem: immissiones per Angelos malos.*

Contra os Egypcios solta Deos o freio
A todo o seu furor: contra os humanos
Bem como contra os brutos foi severo:
Os sêres mais egregios extermina,
Não lhes poupa nem morte nem ruina.
Viram os paes, as mães, anniquiladas
As primicias do amor, os charos filhos:
Sem vacillar, a morte tudo alcança;
Da terra Egypcia apaga-se a esperança.

(55) *Viam fecit semitæ iræ suæ, non pepercit à morte animabus eorum, et jumenta eorum in morte conclusit.*

(56) *Et percussit omne primogenitum in terra Ægypti, primitias omnis laboris eorum in tabernaculis Cham.*

Qual benigno pastor conduz seu gado,
Deos, quebrando as cadêas do seu povo,
O foi levando; e n'um deserto estranho
Apascenta tranquillo o seu rebanho:

(57) *Et abstulit sicut oves populum suum, et perduxit eos tanquam gregem in deserto.*

(58) *Et deduxit eos in spe, et non timuerunt, et inimicos eorum operuit mare.*

Dissipou-lhe os receios do inimigo,
Livre pastando pela selva amena;
Porque os mares, distantes do deserto,
O exercito feroz tinham coberto.

(59) *Et induxit eos in montem sanctificationis suæ, montem, quem acquisivit dextera ejus.*

Seguiram socegados seu caminho:
No sacrosancto monte, conquistado
Pela dextra do Excelso, os estab'lece;

(60) *Et ejecit à facie eorum gentes, et sorte divisit eis terram in funiculo distributionis.*

Repartio-lhe o terreno, mesmo á vista
Da gente expulsa: alli decide a sorte
Uma porção a cada Israelita.

(61) *Et habitare fecit in tabernaculis eorum tribus Israel.*

Á tribu d'Israel, que tanto amava,
Livre d'escravidão e vituperio,
Manda Deos que alli funde novo Imperio.

(62) *Et tentaverunt, et exacerbaverunt Deum excelsum, et testimonia ejus non custodierunt.*

Mas, oh fatal cegueira dos humanos!
Quem ha de crer que alli mesmo este povo
Torne a irritar o Excelso, o Omnipotente?...
Não guardam a lei sancta que lhes déra:

(63) *Et averterunt se, et non servaverunt pactum: quemadmodum patres eorum, conversi sunt in arcum pravum.*

De Deos se apartam; vão prevaricando,
Como foram seus paes; e se convertem
N'um arco usado de que é falsa a mira;
Cuja setta mão trémula prepara,
E se fere no ponto em que a dispara.

(64) *In iram concitaverunt eum in collibus suis, et in sculptilibus suis ad æmulationem eum provocaverunt.*

Nesse monte, oh miseria! nesse monte,
De que Deos esbulhou seus inimigos,
E lhes deo como herança grandiosa,
Estultos, seus furores provocaram:
Collocaram nos bosques, nos outeiros
Idolos vãos, por elles esculptados;
Em Deos ciume ardente promovendo,
E da vingança os raios accendendo.

Ouvio Deos as blasphemias que expressavam;
Desprezou-as, voltou-lhe irado as costas,
E humilhou d'Israel a iniqua gente.
Seus impuros incensos não acceita;
De Silo os tabernaculos rejeita,
Onde entre os homens de habitar gostava:
Faz que a gloria do reino, a Arca sagrada
Seja pelo inimigo conquistada.

(65) *Audivit Deus, et sprevit, et ad nihilum redegit valdè Israel.*

(66) *Et repulit tabernaculum Silo, tabernaculum suum, ubi habitavit in hominibus.*

(67) *Et tradidit in captivitatem virtutem eorum, et pulchritudinem eorum in manus inimici.*

Pela espada perece o triste povo;
E da herança ditosa que lhe déra
Pouco lh' importa agora despojá-lo,
Pois que ingrato esqueceo-se este de amá-lo.

(68) *Et conclusit in gladio populum suum, et hæreditatem suam sprevit.*

Onde no campo ferve a marcia lutta
Devora o fogo os mais gentis mancebos;
Caem pela espada mesmo os Sacerdotes:
As virgens aos primeiros promettidas,
E destes as viuvas lamentaveis
Não encontram quem dellas se condoa;
Cada qual chora o mal e a dor que soffre.
Aos clamores, aos gritos d'infelizes,
Deos, que até'li par'cia adormecido,
Em fim do longo somno despertou;
Qual guerreiro, a quem presta vigor novo
Generoso licor, no campo entrou.
Na rectaguarda attaca os inimigos,
Derrota-lhe as phalanges e as dissolve,
E em sempiterno opprobrio tudo envolve.

(69) *Juvenes eorum comedit ignis: et virgines eorum non sunt lamentatæ.*

(70) *Sacerdotes eorum in gladio ceciderunt: et viduæ eorum non plorabantur.*

(71) *Et excitatus est tamquam dormiens Dominus, tamquam potens crapulatus à vino:*

(72) *Et percussit inimicos suos in posteriora: opprobrium sempiternum dedit illis.*

Então, bem que de novo condoído
Olhasse para o povo, determina
Das terras d'Ephraim pôr-se distante,
E fixar o seu templo em outros lares.

(73) *Et repulit tabernaculum Joseph, et Tribum Ephraim non elegit:*

(74) *Sed elegit tribum Juda, montem Sion, quem dilexit.*

Deixa a turba infiel, e só contempla
Dos filhos de Judá a lealdade;
E passa ao monte de Sião que préza.

(75) *Et ædificavit sicut unicornium sanctificium suum in terra, quam fundavit in secula.*

Alça alli o edificio magestoso,
Do qual a solidez affronte os tempos;
O excelso Sanctuario quer seguro
No presente e nos dias do futuro.

(76) *Et elegit David servum suum, et sustulit eum de gregibus ovium: de post fœtantes accepit eum.*

(77) *Pascere Jacob servum suum, et Israel hæreditatem suam.*

(78) *Et pavit eos in innocentia cordis sui, et in intellectibus manuum suarum deduxit eos.*

De tão maravilhoso templo escolhe
Executor David, justo, e seu servo;
Um juvenil pastòr, que d'entre ovelhas
Retira, e faz pascer, não manso gado,
Mas seu povo dilecto; illustre germe
D'Israel. Preservou candido o peito,
E foi no throno qual nos campos fora,
Innocente pastor e cuidadoso.
Mil proezas obrou seu forte braço:
Da sua dignidade em desempenho,
Quanta gloria alcançou seu vasto ingenho!

PSALMO LXXVIII.

Psalmus Asaph.

De Asaph (*).

(1) *Deus, venerunt gentes in hæreditatem tuam: polluerunt templum sanctum tuum, posuerunt Jerusalem in pomorum custodiam.*

AONDE estás, meu Deos? Vê com que audacia
Estranha gente invade a tua herança:
Profanaram do templo a santidade;
A pomposa cidade
Jerusalem!... seus muros demoliram,
E a um tugurio estragado a reduziram.

(*) Descreve-se neste psalmo o infeliz estado do povo judaico na perseguição de Antiocho Epiphanes; e o auctor dos Machabeos no liv. 1.° c. 7. v. 16, faz uma referencia aos versiculos 2.° e 3.°, como prophecia então verificada.

Sem respeito á innocencia de teus servos,
Os barbaros, de sangue insaciaveis,
O mais fiel e nobre derramaram:
Com furia arremessaram
Os miseros cadav'res, destinados
A ser por feras e aves devorados.

Rubra, funesta, e rapida corrente
Deste sangue implacaveis diffundiram
Em circuito da misera cidade:
Extincta a humanidade,
O corpo alli ficava onde cahia,
Quem sepultasse os mortos não havia.

Victimas da injustiça, miseraveis,
D'escarneo ou compaixão fomos objectos
Dos visinhos e povos que souberam
O mal que nos fizeram
Os furiosos que nos maltratavam,
E com tanta inepcía nos julgavam.

Inda não se acabou tanta violencia.
Até quando, Sènhor, o teu enfado
Ha de permanecer? Dize, até quando
Viveremos penando?
Tua colera, accesa como fogo,
Não a póde apagar pranto nem rogo?

Desafoga o furor contra os rebeldes
Que não te reconhecem; contra aquelles
Que o teu nome adoravel não invocam,
E castigos provocam.
Lembra-te de Jacob, que devoraram,
Do templo teu, que os impios profanaram.

(2) *Posuerunt morticina servorum tuorum escas volatilibus cæli: carnes sanctorum tuorum bestiis terræ.*

(3) *Effuderunt sanguinem eorum, tanquam aquam in circuitu Jerusalem, et non erat qui sepeliret.*

(4) *Facti sumus opprobrium vicinis nostris, subsannatio et illusio his, qui in circuitu nostro sunt.*

(5) *Usquequo, Domine, irasceris in finem? accendetur velut ignis zelus tuus?*

(6) *Effunde iram tuum in gentes, quæ te non noverunt, et in regna, quæ nomen tuum non invocaverunt.*

(7) *Quia comederunt Jacob, et locum ejus desolaverunt.*

(8) *Ne memineris iniquitatum nostrarum, antiquarum: cito anticipent nos misericordiæ tuæ, quia pauperes facti sumus nimis.*

Ingratidões antigas não recordes;
Baste quanto a innocencia tem soffrido:
Nossa miseria e magoas tem presente,
Para que promptamente,
Quebrando á tyrannia a espada aguda,
A tua misericordia nos acuda.

(9) *Adjuva nos, Deus, salutaris noster, et propter gloriam nominis tui, Domini, libera nos, et propitius esto peccatis nostris propter nomen tuum.*

Acode-nos, meu Deos, Salvador nosso!
Soccorre-nos, por gloria do teu nome:
Compõe dos resplendores da verdade
A nossa liberdade:
Em nome teu, propicio á Natureza,
Desculpa della as manchas e fraqueza.

(10) *Ne forte dicant in gentibus: ubi est Deus eorum? et innotescat in nationibus coram oculis nostris.*

(11) *Ultio sanguinis servorum tuorum, qui effusus est: introeat in conspectu tuo gemitus compeditorum.*

Pasmados do infortunio que nos cerca,
Não convem que duvidem se um Deos temos:
Faze saber ás gentes que te offendes
Se opprimem quem defendes;
Que o sangue dos teus servos derramado
Será por ti com rectidão vingado.

Subam perante a tua magestade
Os gemidos dos tristes qu'inda soffrem;
Possa o aspecto das dores commover-te:
Em cera em fim converte
Os feros corações empedernidos,
Que não abrandam prantos nem gemidos.

(12) *Secundum magnitudinem bracchii tui posside filios mortificatorum.*

Levanta esse teu braço omnipotente;
Salva dos teus os restos preciosos,
Qu'inda existem sem gloria nem ventura...
Quanto o infortunio dura!...
Se tu queres que a planta refloreça,
Não deixes que a injustiça prevaleça.

Os malvados não poupes; multiplica
Em seus animos dores e remorsos
Que ás magoas que causaram correspondam:
Nas cavernas s'escondam;
Procurem reparar os seus delictos,
E os corações lh'estalem de contrictos.

(13) *Et redde vicinis nostris septuplum in sinu eorum: improperium ipsorum, quod exprobraverunt tibi, Domine.*

Lembra-lhes que a innocencia victimaram;
Que improperios, blasphemos, proferiram
Contra ti, contra a lei que lh' impozeste;
Que o podêr lhes não déste
Para dispor, sem dó, de humanas vidas,
E impunemente serem homicidas.

Nós, o teu povo, o teu manso rebanho,
Em sancto amor ardendo, agradecidos,
Os canticos de graças soltaremos;
Unidos cantaremos
Com tal enthusiasmo e suavidade,
Que os ecchos vão do tempo á eternidade.

(14) *Nos autem populus tuus, et oves pascuæ tuæ confitebimur tibi in sæculum.*

Cante esta geração; e a que se segue
Á futura transmitta nossos hymnos;
D'era em era prosiga a melodia:
Renascida a alegria,
A louvar-te, oh meu Deos, tudo se affoite,
Quando desperte o sol ou caia a noite.

(15) *In generationem et generationem annuntiabimus laudem tuam.*

PSALMO LXXIX.

In finem, pro iis, qui commutabuntur, testimonium Asaph.

A poesia é de Asaph, a musica do mestre dos Shoshanim.

(1) *Qui regis Israel, intende, qui deducis velut ovem Joseph.*

(2) *Qui sedes super Cherubim, manifestare coram Ephraim, Benjamin et Manasse.*

(3) *Excita potentiam tuam, et veni, ut salvos facias nos.*

(4) *Deus converte nos, et ostende faciem tuam, et salvi erimus.*

Tu, Pastor d'Israel, não és aquelle
Que amoroso guiaste, qual rebanho,
A estirpe de Jacob? Onde te eclipsas?
Ephraim, Manassés desconsolados
Suspirando te invocam. Desce, rompe
Os bronzeos Ceos: teu carro luminoso
Os Cherubins te aprestam; toma assento:
Fulgurante sobre elle desce, corre,
Excita o teu podêr, e vem salvar-nos:
O mundo absorto veja como quebras
As pesadas cadêas que nos cingem.

Scintille tua face lúcida,
Volta para nós teu rosto;
Cessará nosso desgosto;
Vem nossos grilhões quebrar.

(5) *Domine Deus virtutum, quousque irasceris super orationem servi tui?*

(6) *Cibabis nos pane lacrymarum, et potum dabis nobis in lacrymis in mensura?*

(7) *Posuisti nos in contradictionem vicinis nostris, et inimici nostri subsannaverunt nos.*

Senhor Deos dos Exercitos! té quando
Irado contra nós has de inclemente
Rejeitar nossas supplicas humildes,
Proseguir no rigor contra os teus servos?
Queres com pranto amargo alimentar-nos?
Lagrimas são bebida, dores pasto?...
Ah meu Deos! que miseria! que tormento!
Consentes que os visinhos nos insultem;
Que a cruel zombaria de inimigos
Nossas pesadas magoas mais aggrave?

Scintille tua face lúcida,
Volta para nós teu rosto;
Cessará nosso desgosto;
Vem nossos grilhões quebrar.

(8) *Deus virtutum, converte nos, et ostende faciem tuam, et salvi erimus.*

A tua bella vinha... ah! não t'esqueça!...
Transportando-a do Egypto, cuidadoso,
Amavel Conductor, a transplantaste
Neste fertil terreno que escolheste.
Arrancando primeiro a grama esteril,
Com proprio amanho a terra fecundaste:
Brotaram das raizes as videiras,
Que frondosas os montes sombrearam,
Engrinaldando os mais altivos cedros:
Os viniferos ramos se estendiam
Até ao mar; e os cachos purpurinos
Adornaram do Euphrates as ribeiras.
Como irado hoje as cepas desarreigas?
Como consentes que da estrada venham
Avidos passageiros vindimá-la?...
O javali do bosque affouto a estraga;
E por fim, sem vallados, indefeza,
Della se apossa um monstro solitario.
E tu vês insensivel tantos damnos,
Senhor Deos dos Exercitos!... Repara.
Scintille tua face lúcida,
Volta para nós teu rosto;
Cessará nosso desgosto;
Vem nossos grilhões quebrár.

(9) *Vineam de Ægypto transtulisti: ejecisti gentes, et plantasti eam.*

(10) *Dux itineris fuisti in conspectu ejus: plantasti radices ejus, et implevit terram.*

(11) *Operuit montes umbra ejus, et arbusta ejus cedros Dei.*

(12) *Extendit palmites suos usque ad mare, et ad flumen propagines ejus.*

(13) *Ut quid destruxisti maceriam ejus? et vindemiant eam omnes, qui prætergrediuntur viam.*

(14) *Exterminavit eam aper de silva, et singularis ferus depastus est eam.*

(15) *Deus virtutum, convertere: respice de cœlo, et vide, et visita vineam istam.*

A vinha é tua. Lá dos ceos luzentes
Volve sobre ella os olhos compassivos:
Se o teu furor prosegue, ao ferro, ao fogo
Exposta, perderá seus tristes restos:

(16) *Et perfice eam, quam plantavit dextera tua, et super filium hominis, quem confirmasti tibi.*

(17) *Incensa igni, et suffossa ab increpatione vultus tui peribunt.*

Vem de novo piedoso visitá-la,
Cultor amavel, torna a cultivá-la.

(18) *Fiat manus tua super virum dexteræ tuæ, et super filium hominis, quem confirmasti tibi.*

Estende a mão, piedoso, sobre a vinha;
Ou sem mais dilação nos manda aquelle
Que para resgatar-nos escolheste;
O Salvador, em cujas mãos reside
O podêr de teu braço omnipotente.

(19) *Et non discedimus a te, vivificabis nos, et nomen tuum invocabimus.*

Apressa-te, Senhor, não nos dilates
O suspirado allivio; e se até'gora,
Quaes plantas que o sol cresta e chuva alaga,
O peccado estragou nossas virtudes,
Pela graça alentados, doce emprego
Serás, meu Deos, dos nossos pensamentos:
Os nossos corações com teus auxilios
Vida nova obterão; invocaremos
Teu nome sancto, em quanto respirarmos.

(20) *Domine Deus virtutum, converte nos, et ostende faciem tuam, et salvi erimus.*

Refreia as iras, ouve-nos piedoso:
Scintille tua face lúcidà,
Volta para nós teu rosto;
Serena o nosso desgosto,
Vem nossos grilhões quebrar.

PSALMO LXXX.

In finem pro torcularibus psalmus Asaph, quinta sabbathi.

As palavras são de Asaph, a musica é do mestre das cantoras Gethéas.

(1) *Exultate Deo adjutori nostro: jubilate Deo Jacob.*

CANTEMOS hymnos, jubilosos versos
A Deos, que é d'Israel amparo e força;
Ao nosso defensor applausos demos.

(2) *Sumite psalmum, et date*

Entoai psalmos, cithara suave

Ao psalterio se ajuste, concertante
C'o atabale sonoro.
Soprai na tuba estridula; que a festa
Já magnificamente o povo aprompta,
O novilunio já dos ceos desponta.

tympanum, psalterium jucundum cum cithara.

(3) *Buccinate in neomenia tuba, in insigni die solemnitatis vestræ.*

Deste grande festejo os sacros ritos
Ordenou d'Israel o Deos Supremo:
Quiz que em memoria eterna entre seus filhos
Permanecesse um grande testemunho
Do que fez a José; como do Egypto
A toda a gente hebréa
Por ermos a guiou; com que ternura
Por extensos desertos e entre horrores
A salvo conduzio nossos maiores.

(4) *Quia præceptum in Israel est, judicium Deo Jacob.*

(5) *Testimonium in Joseph posuit illud, cum exiret de terra Ægypti: linguam, quam non noverat, audivit.*

Do alto do Sinai, em lingua nova,
Ao terreo sêr ignota, determina
Que em memoria de tão fausto prodigio
Ramos se cortem, tendas se fabriquem;
Que estas se adornem d'elegantes galas,
De flores se engrinaldem;
Que em doce convivencia os povos joguem;
E cada anno, em transportes de alegria,
Volte festivo um tão ditoso dia.

«Ah povo meu! (lhe diz) lembre-te grato
Quanto por ti cumpri; com que piedade
Alliviei teus hombros opprimidos
D'injusto peso, e as mãos do vil emprego
D'accumular as pedras
Que, da vaidade Egypcia monumento, (*)

(6) *Divertit ab oneribus dorsum ejus, manus ejus in cophino servierunt.*

(*) Allusão ás pyramides.

Levam por entre seculos o nome
De reis que a morte e tempo já consome.

(7) *In tribulatione invocasti me, et liberavi te: exaudivi te in abscondito tempestatis, probavi te apud aquam contradictionis.*

«Entre angustias, trabalhos e miserias,
M'invocaste; apressei-me a soccorrer-te:
De tão pesados ferros o ruido
Escutei compassivo; e vigoroso
Vossos duros grilhões fiz em pedaços:
Contra o vosso inimigo
Revolvi furioso as bravas ondas;
E no seio de horrivel tempestade
Submergi os auctores da maldade.

(8) *Audi, populus meus, et contestabor te: Israel, si audieris me, non erit in te Deus recens, neque adorabis Deum alienum.*

«Attende, povo meu, quero instruir-te.
Bem sei quanto és ligeiro e fementido:
Já visinho das aguas disputadas,
Já te vimos incredulo e agastado;
Indocil junto á fonte sequioso
Contra o ceo murmuravas:
Converte-te, reprova estranhos numes;
Espera em mim submisso noite e dia,
Em mim, unico Deos, em mim confia.

(9) *Ego enim sum Dominus Deus tuus, qui eduxi te de terra Ægypti: dilata os tuum, et implebo illud.*

(10) *Et non audivit populos meus vocem meam, et Israel non intendit mihi.*

«Eu só teu Numen sou; por meu mandado
Teus grilhões se quebraram; eu do Egypto
Potente te salvei: enriquecer-te
Posso de novas graças, se nas almas
Renascer a fé pura.
Canticos levantai para invocar-me,
Pagos serão. Mas oh povo inconstante!
Tu rejeitas ingrato um pae amante?...

«Tu desprezaste a lei; nem mais quizeste
Obedecer: soltando a rédea aos erros,

O pendor das paixões te conduzia:
D'illusorias negaças attrahido,
Falsos bens procuraste.
Quasi que resolvi abandonar-te;
Quasi entregar-te ás tuas phantasias,
Que teem por fructo acerbas agonias.

(11) *Et dimisi eos secundum desideria cordis eorum: ibunt in adinventionibus suis.*

«Se o meu povo me ouvisse; se inclinasse
A frente ao que dictei; se em meus caminhos
Os seus passos constante dirigisse;
Do meu valor veria a extensa força:
Talvez seus inimigos como a nevoa
Dissiparia o vento;
Talvez que a minha mão aterradora,
Nos seus perseguidores carregando,
Lhe iria o meu podêr e amor provando.

(12) *Si populus meus audivisset me, Israel si in viis meis ambulasset;*

(13) *Pro nihilo forsitan inimicos eorum humiliassem, et super tribulantes eos misissem manum meam.*

«Mas, ingratos! jámais corresponderam
Ao carinhoso pae que os dirigia;
Como inimigos meus me atraiçoaram:
Os seculos virão mostrar-lh' o engano.
Apesar delle, sempre os fiz ditosos;
De alimentos saudaveis
Os fui nutrindo; e onde produziam
As pedras mel, frumento o prado ameno,
Benigno lhes dei posse do terreno.»

(14) *Inimici Domini mentiti sunt ei, et erit tempus eorum in secula.*

(15) *Et cibavit eos ex adipe frumenti, et de petra melle saturavit eos.*

PSALMO LXXXI.

Psalmus Asaph.

Psalmo de Asaph.

(1) *Deus stetit in synagoga Deorum, in medio autem Deos dijudicat.*

Extinguio-se a justiça sobre a terra.
Deos irritado enfeixa os seus coriscos,
E com torvo semblante dos Ceos baixa
Ao congresso, onde vê julgar os homens
Por esses semi-deoses fementidos,
Das suas dignidades presumidos.
Que abusos do podêr, que abjecta scena!...
Torcem a lei; a honra, a fé quebrantam,
E á falsidade mil tropheos levantam.
Deos justo, seus juizos condemnando,
Aos impios assim falla, trovejando:

(2) *Usquequo judicatis iniquitatem? et facies peccatorum sumitis!*

«Como, ó perfidos, sem pejo,
Nesses tribunaes sentados,
Vindes amparar malvados,
E innocentes condemnar?
Não a lei, mas a fortuna
Inspira as vossas razões;
E veem-se as vossas paixões
Da innocencia triumphar.

(3) *Judicate egeno, et pupillo, humilem, et pauperem justificate* (*).

«Aferida a balança que em mão tendes,
Pesai do pobre a causa rectamente;
Corrigi as tenções que fraudulentas
Privam o afflicto humilde de soccorro,

(*) Valha por commento o passo de Isaias, c. 1. v. 23. *Principes tui infideles, socii furum, omnes diligunt munera, sequuntur retributiones. Pupillo non judicant. et causa viduæ non ingreditur ad illos.*

E a avidez satisfazem do opulento:
Mudai, mudai d'estilo;
Sede anjos tutelares do pupillo.
É tempo que das mãos dos peccadores
Com vigor arranqueis os miseraveis:
Entre o dó nesse peito empedernido,
Acodi ao mendigo, ao desprovido.

(4) *Eripite pauperem, et egenum de manu peccatoris liberate.*

«Mas em trevas envoltos, que cegueira
Vos apaga de todo o entendimento?
E vai nos desacertos da ignorancia
Da terra transtornar o fundamento?
Ingratos! Como em filhos meus queridos,
Deleguei o podêr que me compete;
Como a filhos do Excelso vos veneram
Os miseros humanos,
Aos quaes injustos encurtais os annos.

(5) *Nescierunt, neque intellexerunt, in tenebris ambulant: movebuntur omnia fundamenta terræ.*

(6) *Ego dixi: Dii estis, et filii Excelsi omnes.*

«A stridula trombeta com que a morte
Chama os mortaes, tambem a vós vos chama,
Tambem a vós da vida vos reclama:
Feroz pisa, desfaz glorias humanas,
Calca igualmente as torres e as cabanas;
E a vossa tão vaidosa dignidade
Irá sumir-se lá na eternidade.»

(7) *Vos autem sicut homines moriemini, et sicut unus de Principibus cadetis.*

Ah meu Deos! julga tu mesmo:
Esses barbaros são surdos;
Os seus juizos absurdos
Hão de o mundo arruinar.
Levanta-te, julga a terra;
Tudo é teu, o mundo e as gentes;
Conheces máos e innocentes,
Só tu nos podes julgar.

(8) *Surge, Deus, judica terram, quoniam tu hæreditabis in omnibus gentibus.*

PSALMO LXXXII.

Canticum Psalmi Asaph.

De Asaph.

(1) *Deus, quis similis erit tui? ne taceas, neque compescaris Deus.*

NÃO supprimas o enfado, não te cales:
Não ha sêr que comtigo se compare,
Senhor omnipotente! Justiceiro,
Quem te offende corrige.

(2) *Quoniam ecce inimici tui sonuerunt, et qui oderunt te, extulerunt caput.*

(3) *Super populum tuum malignaverunt consilium, et cogitaverunt adversus sanctos tuos.*

Teus inimigos ruidosos bradam;
Levantaram a frente, revoltosos,
Contra ti; contra o templo e sacerdotes
Manifestam seu odio.

Já tenebrosas conferencias formam
Contra o teu povo; a alluvião dos impios
Se aggrega como nuvem trovejante
Que arremessa coriscos.

(4) *Dixerunt: venite, et disperdamus eos de gente, et non memoretur nomen Israel ultra.*

Uns aos outros se dizem: «Vamos, vamos,
O nome d'Israel não mais exista;
Percamos essa gente sem remedio,
Risquem-se da memoria.»

(5) *Quoniam cogitaverunt unanimiter, simul adversum te testamentum disposuerunt, tabernacula Idumæorum, et Ismahelitæ:*

Aos vagabundos Idumeos se ligam,
Dos filhos d'Ismael auxilio acceitam;
E todos anciosos determinam
Anniquilar teus sêrvos.

(6) *Moab, et Agareni, Gebal, et Ammon, et Amalec: alienigenæ cum habitantibus Tyrum.*

Vem o Agareno, o Moabita; avançam
De Gebal os grosseiros habitantes;
Concorre o Philisteo, que não socega
Sem fartar odio antigo.

Os d'Assur se despertam, todos correm
A soccorrer a estirpe vergonhosa
Do malfadado Lot (*); o Tyrio destro
Acode ao som das armas.

(7) *Etenim Assur venit cum illis, facti sunt in adjutorium filiis Lot.*

Senhor! não te commove o atrevimento?
Levanta-te, renova essas vinganças
Com que junto ao Thabor por fragil braço
Alcançaste victorias.

(8) *Fac illis sicut Madian, et Sisaræ, sicut Jabin in torrente Cisson.*

Faze-lhe o que fizeste aos Madianitas,
A Sisara, a Jabin, junto das margens
Da torrente Cisson; attesta o campo
D'Endor a tua força.

(9) *Disperierunt in Endor, facti sunt ut stercus terræ.*

Os insepultos membros decepados,
Putridos, reduziste a pó ligeiro;
E aviltados, nas leivas esparzidos,
Estrumaram a terra.

Tratta seus Chefes como já trattaste
Os tristes Zeb e Oreb; assuste a sorte
De Salmana e Zebeo os revoltosos (**)
Que contra Deos conspiram;

(10) *Pone Principes eorum sicut Oreb, et Zeb, et Zebee, et Salmana.*

Esses monstros, que audazes vão dizendo:
«Que Deos habita aqui? Tomemos posse
De seu templo e riquezas, do seu culto,
Que a nós tambem pertence.»

(11) *Omnes Principes eorum, qui dixerunt: hæreditate possideamus sanctuarium Dei.*

(*) Pela *estirpe de Lot* entendem-se os Ammonitas, seus descendentes, e primeiros auctores da guerra a que se allude neste psalmo.

(**) Salmana e Zebeo eram os reis Madianitas; Zeb e Oreb os seus capitães, vencidos e mortos por Gedeão em Endor.

(12) *Deus meus, pone illos, ut rotam, et sicut stipulam ante faciem venti.*

Oh meu Deos! tal suberba não toleres!
N'um turbilhão de magoas reconheçam,
Girando atormentados, quanto distam
Da tua Divindade.

Do teu furor fusile uma centelha;
Desfeitos os veremos como a palha
Que de cima da terra o vento varre,
E dissipa nos ares.

(13) *Sicut ignis, qui comburit silvam, et sicut flamma comburens montes.*

Desfecha os raios, desçam velozmente
Sobre elles teus rigores, e os devorem
Como o fogo consome uma floresta,
Como calcina os montes.

(14) *Ita persequeris illos in tempestate tua, et in ira tua turbabis eos.*

Se outro meio não ha para que sintam
Horror do crime, apressa-te, castiga;
Se avaliar lhe é dado as tuas iras,
Tal correcção precisam.

(15) *Imple facies eorum ignominia; et quærent nomen tuum, Domine.*

Não, meu Deos, não são votos de vingança
Que movem estas supplicas severas:
Desejo que assustados já revertam,
Já para ti, contrictos.

Se as faces lhes cobrires de ignominia,
Talvez se tornem os seus olhos fontes,
E envergonhados busquem applacar-te
Com pezar de seus crimes.

(16) *Erubescant, et conturbentur in sæculum sæculi, et confundantur, et pereant.*

Á vista da verdade, conturbados,
Sua dôr crescerá de dia em dia;
A lembrança dos erros afflictiva
Lh' irá gastando a vida.

Póde ser que entre angustias reconheçam
Que a ti, unico Deos, a ti só toca
Justificar os homens ou perdê-los;
Que és Deos omnipotente:

(17) *Et cognoscant, quia nomen tibi Dominus, tu solus Altissimus in omni terra.*

Que os numens e paixões que idolatravam
São sonhos vãos que os homens allucinam;
E na tua presença só subsiste
A virtude sem mancha.

N. B. A latitude de uma paraphrase parece-me que permitte dar um sentido puramente christão ás expressões vingativas que encontro em alguns Psalmos, e attender igualmente ás maximas evangelicas.

(A Auctora.)

PSALMO LXXXIII.

A musica é do mestre das cantoras da eschola de Core (*).

In finem, pro torcularibus filiis Core, Psalmus.

Meu Deos! porque me não deixas
Ir no teu templo viver?
Feliz fora, se podesse
Tornar a vê-lo e morrer.
Por esse asylo agradavel
Suspiro continuamente:
Quando chegaram as horas
De eu nelle habitar contente!

(1) *Quam dilecta tabernacula tua Domine virtutum! concupiscit, et deficit anima mea in atria Domini.*

(2) *Cor meum, et caro mea exultaverunt in Deum vivum.*

Acha a rôla abrigo certo,
As aves encontram ninhos

(3) *Etenim passer invenit sibi domum, et turtur nidum sibi, ubi ponat pullos suos.*

(*) Neste psalmo exprimem-se ternamente os suspiros e lamentos dos miseros Levitas captivos em Babylonia.

Entre os ramos onde escondem
Os implumes passarinhos:

(4) *Altaria tua, Domine virtutum, Rex meus, et Deus meus.*

No furor do mar irado,
No escabroso e máo caminho,
O teu templo era o meu porto,
Era o teu altar meu ninho.

(5) *Beati qui habitant in domo tua, Domine, in sæcula sæculorum laudabunt te.*

Com que delicia e descanço
Passam alli dias, annos,
Espalhando os teus louvores,
Alguns ditosos humanos!

(6) *Beatus vir, cujus est auxilium abs te: ascensiones in corde suo disposuit, in valle lachrymarum, in loco quem posuit.*

Ah! se queres, se me ajudas,
Tambem serei venturoso;
Com tão suave esperança
Já começo a ser ditoso.

Cuido que este doce instante
Com meu desejo avisinho,
E vou medindo co' a mente
Os meus passos, meu caminho.
Será pois esta vereda
Que me leve á patria amada?
Será por entre esses bosques
Do Valle do Pranto (*) a estrada?

Denso Valle! chara Patria!
Já te avisto, já te alcanço;
E do excesso da fadiga
Já nos teus atrios descanço:

(7) *Etenim benedictionem dabit legislator: ibunt de virtute in virtutem: videbitur Deus Deorum in Sion.*

Vivas rochas lacrimosas
Do declive d'esse monte
Para apagar minha sêde
Formam cristalina fonte.

(*) Lugar nas visinhanças de Jerusalem.

Restaurado o passo apresso,
De coro em coro passando;
Sião vejo, e o Deos dos Deoses
Vou no seu templo avistando.
Mas ai de mim! com que sonhos
Alegro as minhas idéas!
Nada vejo, e nos meus braços
Inda pésam as cadêas.

Ah Senhor! tem dó de mim:
Verifica o que supponho;
Troca-me, pois tudo podes,
Em verdade este meu sonho.
Protector nosso, repara
No Rei que nos prometteste;
Se em ferros seus servos deixas,
Que reino é pois que lhe déste?

(8) *Domine Deus virtutum exaudi orationem meam, auribus percipe, Deus Jacob.*

(9) *Protector noster aspice, Deus, et respice in faciem Christi tui.*

Viver assim não é vida,
Nem signal do teu amor;
Mais vale um dia em teu templo
Que mil annos neste horror.
Na tua casa antes quero
Ser abjecto servidor,
Que n'um palacio pomposo
Habitar c'o peccador.

(10) *Quia melior est dies una in atriis tuis super millia.*

(11) *Elegi abjectus esse in domo Dei mei magis, quam habitare in tabernaculis peccatorum.*

No seio de tanta angustia
De todo não desalento;
Vem confortar a minha alma
Um suave pensamento:
Basta só que eu não te offenda,
Que a lei cumpra fielmente,
Para obter os altos premios
Que não negas ao innocente.

(12) *Quia misericordiam, et veritatem diligit Deus, gratiam, et gloriam dabit Dominus.*

(13) *Non privabit bonis eos qui ambulant in innocentia: Domine virtutum, beatus homo, qui sperat in te.*

Feliz quem despreza o mundo,
Quem, meu Deos, em ti seguro
Conserva o animo livre
No captiveiro mais duro!
Esse com valor affronta
A maior adversidade,
E no seu peito tranquillo
Abriga a felicidade.

PSALMO LXXXIV.

In finem filiis Core Psalmus.

A musica é do mestre dos Coritas. (*)

(1) *Benedixisti Domine terram tuam: avertisti captivitatem Jacob.*

Bem sei que amaste a tua antiga terra,
Que lhe não negarás bençãos saudaveis;
Que has de quebrar os ferros
Que opprimem com rigor o povo inteiro,
E allivio dar ao nosso captiveiro.

(2) *Remisisti iniquitatem plebis tuæ: operuisti omnia peccata eorum.*

Sei que apesar dos erros, compassivo
Olhas para os teus servos desgraçados;
Que o perdão nos offreces,
E encobrirás de um véo denso a maldade
Para não ver a nossa iniquidade.

(3) *Mitigasti omnem iram tuam: avertisti ab ira indignationis tuæ.*

Sei que um freio piedoso pões ás iras;
Que o teu podêr, a tua misericordia
Vai mitigando as forças

(*) O argumento deste psalmo restringe-se a exprimir os votos dos prisioneiros já visinhos a voltar libertos da escravidão de Babylonia: em mais nobre sentido é nelle clara a allegoria da nossa redempção.

Da tua indignação, dos teus furores,
A fim de não perder os peccadores.

Applaca de uma vez o teu enfado;
Volta já para nós benigno a face;
Affasta, affasta as iras,
Cujo effeito é ferino, e mais se apura
Desalentando a humana creatura.

(4) *Converte nos, Deus, salutaris noster, et averte iram tuam à nobis.*

É possivel, meu Deos! que não te applaques?
Que o teu furor prosiga alem da vida,
E ás gerações futuras
Transmittas como herança aquellas penas
Que contra nós tão justamente ordenas?

(5) *Numquid in æternum irasceris nobis? aut extendes iram tuam à generatione in generationem?*

Não, meu Deos! Se o peccado nos foi morte,
Voltando para nós, nos darás vida;
Teu povo renascendo,
Da mais doce alegria transportado,
Despirá as alfaias do peccado.

(6) *Deus, tu conversus vivificabis nos, et plebs tua lætabitur in te.*

Concede-nos a tua misericordia,
Cumpre a promessa, o Salvador nos manda.
Ah quanto se demora!
Não retardes, Senhor, esta ventura,
Que a nossa escravidão ha muito dura.

(7) *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam, et salutare tuum da nobis.*

Doce pressentimento me transporta
Nas aquilinas azas da esperança!
Cêdo chega o resgate;
Cêdo ouvirei de Deos a voz sonora,
Que a paz promette, e a sorte nos melhora.

(8) *Audiam quid loquatur in me Dominus Deus, quoniam loquetur pacem in plebem suam,*

(9) *Et super sanctos suos, et in eos, qui convertuntur ad cor.*

Mas desta paz o fructo não pertence
Senão ao justo, aos homens que a Deos buscam,
E a verdade esclarece.

(10) *Verumtamen prope timentes eum salutare ipsius, ut inhabitet gloria in terra nostra.*

Quem teme a Deos, da salvação vai perto,
E em seu lar tem a gloria e premio certo.

(11) *Misericordia et veritas obviaverunt sibi, justitia, et pax osculatæ sunt.*

Desta ventura já penhor sagrado
Baixa dos ceos: no mundo s'encontraram
Misericordia e Verdade;
Justiça e Paz um osculo se deram,
Verdade e Amor no mundo renasceram.

(12) *Veritas de terra orta est, et justitia de cœlo prospexit.*

(13) *Etenim Dominus dabit benignitatem, et terra nostra dabit fructum suum.*

Já a innocencia a reflorir começa;
E lá do throno eterno a observa attenta
A Justiça suprema;
D'um virginal terreno o fructo esponta,
E a salvação geral assim se aprompta.

(14) *Justitia ante eum ambulabit, et ponet in via gressus suos.*

Caminharão com pompa ante o Messias
Os Justos, pela graça conduzidos;
Da lei aureos preceitos
Dirigirão séus passos na carreira
Onde hão de obter a gloria verdadeira.

PSALMO LXXXV.

Oratio ipsi David.

Oração de David.

(1) *Inclina, Domine, aurem tuam, et exaudi me, quoniam inops, et pauper sum ego.*

Em que abysmo de pezares,
Pobre, misero, abatido
Me sinto, Senhor! Inclina
A meus ais o teu ouvido.

Salva-me esta alma, defende
Um servo a ti consagrado;
Invoquei-te em todo o aperto,
Em ti, meu Deos, confiado.

(2) *Custodi animam meam, quoniam sanctus sum* (•) *: salvum fac servum tuum, Deus meus, sperantem in te.*

Tem dó de mim, que não canço
D'implorar-te todo o dia;
Levantando a ti minha alma,
Em demanda da alegria.

(3) *Miserere mei, Domine, quoniam ad te clamavi tota die : lætifica animam servi tui, quoniam ad te, Domine, animam meam levavi.*

Sei, meu Deos, quanto és suave,
Quanto és brando, e que ternura
Mostras a quem com fé viva
Te invoca na desventura.

(4) *Quoniam tu, Domine, suavis, et mitis, et multæ misericordiæ omnibus invocantibus te.*

Poderás tu não ouvir-me
Nesta angustia em que me vejo?
Recusarás o conforto
Que preciso, que desejo?

(5) *Auribus percipe, Domine, orationem meam, et intende voci deprecationis meæ.*

Concede attenção aos votos
Que submisso te apresento;
Do meu ulcerado peito
Faze cessar o tormento.

Já por vezes me escutaste;
Nos dias atribulados,
Quando tudo me fugia,
Ouviste, Senhor, meus brados.

(6) *In die tribulationis meæ clamavi ad te, quia exaudisti me.*

(•) Talvez pareça demasiadamente adiantada a expressão de *quoniam sanctus sum;* mas quem conhece a simples natural sinceridade dos Escriptores sacros, não guiados por espirito de suberba ; quem comprehende a força da hebraica voz original, que não soa como *sanctus* entre nós, mas como *pius*, *beneficus*, *tibi devotus*, *sincerus*, ficará pago da lição da Vulgata, e da traducção da Auctora.

(7) *Non est similis tui in diis, Domine, et non est secundum opera tua.*

Não ha podêr que se meça
Com teu podêr e verdade;
Outros numes são chimeras,
Todos sonhos e vaidade.

(8) *Omnes gentes, quascunque fecisti, venient, et adorabunt coram te, Domine, et glorificabunt nomen tuum.*

Tua immensa intelligencia
Construio todos os entes;
Todos devem vir prostrados
Prestar-te votos ardentes.

Quem haverá que não arda
Em amor da tua essencia?
Que entre angustias não descance,
Meu Deos! na tua clemencia?

(9) *Quoniam magnus es tu, et faciens mirabilia: tu es Deus solus.*

Todos hão de ouvir com pasmo
Os prodigios que fizeste,
Tu, que por essencia existes
E que a existencia nos déste!

(10) *Deduc me, Domine, in via tua, et ingrediar in veritate tua: lætetur cor meum, ut timeat nomen tuum.*

Nos teus caminhos me leva,
Seguindo a verdade irei;
Com animo satisfeito
Só teu nome temerei.

(11) *Confitebor tibi, Domine Deus meus, in toto corde meo, et glorificabo nomen tuum in æternum.*

Ah meu Deos! para cantar-te
Anima o meu coração;
Fortalece os pensamentos
Que hão de compor a canção.

A minha alma a ti s'eleva,
Calculando teus favores,
Cada pulsação das vêas
Meça um milhar de louvores.

Com que extensa misericordia
Da perdição me livraste!
E dos infernaes martyrios
A minha alma resgataste!

(12) *Quia misericordia tua magna est super me: et eruisti animam meam ex inferno inferiori.*

Mas a indomita maldade,
Contra o teu podêr opposta,
Ciosa de que me ampares,
Os teus coriscos arrosta:

(13) *Deus, iniqui insurrexerunt super me, et synagoga potentium quæsierunt animam meam, et non proposuerunt te in conspectu suo.*

Um tropel de iniqua gente,
Um congresso de malvados,
Não temem que, ó Deos, lhes deixes
Os seus intentos frustrados.

Quando assaltavam minha alma,
Altivos não reparavam
Que a tudo estavas presente,
Julgavas o que intentavam.

Não veem que és benevolente,
Fonte de amor e bondade;
Que oppões ao rigor justiça,
Compaixão á crueldade.

(14) *Et tu, Domine, Deus miserator, et misericors, patiens, et multæ misericordiæ, et verax.*

Uma branda vista d'olhos
Lança sobre mim, Senhor!
E do teu benigno amparo
Seja sagrado penhor.

(15) *Respice in me, et miserere mei: da imperium tuum puero tuo, et salvum fac filium ancillæ tuæ.*

Salva o teu servo, e potente
Seu animo fortifica;
E em troca de tantas magoas
Os meus allivios duplica.

(16) *Fac mecum signum in bonum, ut videant, qui oderunt me, et confundantur: quoniam tu, Domine, adjuvisti me, et consolatus es me.*

Vejam com pasmo os tyrannos
Que me odêam, quanto podes;
Que os confundes, me defendes,
Me consolas, e me acodes.

PSALMO LXXXVI.

Filiis Core psalmus cantici.

A musica é do mestre dos Coritas.

(1) *Fundamenta ejus in montibus sanctis: diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob.*

FUNDADA sobre solido alicerce
Nos sanctos montes que o Senhor prefere,
Sião, regia cidade, se levanta:
Montes mysteriosos, que Deos ama,
Sustentam o edificio,
Thesouro eggregio d'immortaes orac'los,
Que vence de Jacob os tabernac'los.

(2) *Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei.*

(3) *Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me.*

Quantas glorias Prophetas avistaram
Cercando esta Rainha das Cidades!
Com que franqueza as aureas portas se abrem,
E em seu recinto a multidão se abriga!
O Monarcha opulento,
Como a seus filhos, todos enriquece:
Nem da humilde Rahab o facto esquece.

(4) *Ecce alienigenæ, et Tyrus, et populus Æthiopum, hi fuerunt illic.*

Chama amoroso as mais estranhas gentes;
O Tyrio, o Egypcio, o fero Babylonio,
Em suave harmonia com seus servos,
Virão participar da luz celeste:
Mãe fecunda dos povos,
Nesta immensa magnifica cidade
Entre os homens não ha desigualdade.

Patria do Sabio, eschola do Heroe justo,
O lustre das virtudes logo indica
Que em Jerusalem teve o nascimento,
E ás venturas sem termo é destinado.
O Fundador sublime
Deste nobre edificio, obra preclara,
Que é Deos, sua grandeza nos declara.

(5) *Numquid Sion dicet: homo, et homo natus est in ea, et ipse fundavit eam Altissimus?*

Dons preciosos prodigo reparte,
Clarão divino a todos reanima;
Os que vivem nas mais espessas trevas,
Os habitantes da região da morte
Verão esta luz magnà;
E alegres, os tropheos que mereceram,
O spolio das batalhas que venceram.

Deos em seu livro eterno tem a lista
Dos povos que acolheo, dos que ditosos
Á sua voz suave responderam;
Para em seu gremio residir sem susto,
Honra-os co' as insignias
Com que o Senhor distingue os escolhidos,
Em Sião educados ou nascidos.

(6) *Dominus narrabit in scripturis populorum, et principum, horum qui fuerunt in ea.*

Em doce laço, amavel convivencia
Todos unidos, canticos celestes
Soltem contentes; doure a paz seus dias
Na esperança dos bens que não acabam:
Aspirando a gozar-te,
Meu Deos! toda a tristeza se dissipa,
E a bemaventurança se anticipa.

(7) *Sicut lætantium omnium habitatio est in te.*

PSALMO LXXXVII.

Canticum psalmi, filiis Core, in finem, pro Mahelet, ad respondendum intellectus Heman Ezrahitæ.

Cantata a dois coros: musica do mestre dos Mahelet: poesia de Heman Ezrahita (*) *para uso dos Coritas.*

(1) *Domine Deus salutis meæ, in die clamavi, et nocte coram te.*

Ah meu Deos! não m'escutas? não reparas
Na afflicção de meus dias desgraçados?
Unico auxilio meu, minha esperança!
A ti vão meus suspiros inflammados.
Bem o sabes, Senhor; férvidas preces
Chorando te apresento
Apenas nasce o sol; e acha-me orando
Quando se vai nas aguas mergulhando.

(2) *Intret in conspectu tuo oratio mea: inclina aurem tuam ad precem meam.*

(3) *Quia repleta est malis anima mea, et vita mea inferno appropinquavit.*

Se meus votos, meu Deos, não vão rompendo
Os ares espaçosos; se não chegam
Onde estás; tem piedade, concedendo
Que vençam tal distancia; acolhe as preces:
Impossivel será te não condoas,
Vendo minha alma entregue
A dores taes, que á morte vou correndo,
E sem querer ao tumulo descendo.

(4) *Æstimatus sum cum descendentibus in lacum: factus sum sicut homo sine adjutorio, inter mortuos liber.*

Vivente algum de mim já tem cuidado;
Já não brilha a meus olhos a esperança;
Nem sou como vivente reputado:
Tão pouco entre os extinctos lugar tenho;
Sou qual leproso em separado campo,

(*) Entre os mais celebres poetas da era de David e Salomão distingue-se o famoso Heman, a respeito do qual se póde ver o liv. 3.° dos Reis, cap. 4. onde para exaltar a sabedoria de Salomão se diz que valia mais que Ethan Ezrahita, que Heman, e Chalcol, e Dorda.

Longe dos mesmos mortos
De quem jazem os membros esquecidos,
De passageiro algum apercebidos.

Em meu sepulchro assim posto de parte,
Ninguem me põe lettreiro compassivo;
Pois iguala na morte o esquecimento
O rigor do desdem que soffro vivo.
Estro divino e nome se me apaga;
Qual lampada sem oleo,
Por tua mão severa repellido,
Durmo em trevas perpetuas submergido.

Ah meu Deos, tu me vês em tal estado!
Teu furor sobre mim desafogaste;
As ondas de amargura, vasos d'ira
Sobre minha cabeça derramaste:
Bóio qual náo desmantelada e rota,
A naufragar visinha;
Leva-me contra escolhos vento irado...
E vês o meu naufragio socegado?...

Volta-me o rosto a gente desdenhosa,
Os mais charos amigos não me abonam,
Sou-lhe objecto de horror, medonho spectro;
Filho, amigos, parentes me abandonam.
Em transes taes afflicto, agrilhoado,
Escapar-me não posso;
Mas dissolvo-me em pranto em tal excesso,
Que pasmo... cessa o choro... desfalleço.

Retrocedem as lagrimas, não sinto
Allivio algum, encôsto algum seguro;
Tremulas me descaĕ desfallecidas

(5) *Sicut vulnerati dormientes in sepulchris, quorum non es memor amplius: et ipsi de manu tua repulsi sunt.*

(6) *Posuerunt me in lacu inferiori, in tenebrosis, et in umbra mortis.*

(7) *Super me confirmatus est furor tuus: et omnes fluctus tuos induxisti super me.*

(8) *Longe fecisti notos meos à me, posuerunt me abominationem sibi.*

(9) *Traditus sum, et non egrediebar: oculi mei languerunt præ inopia.*

(10) *Clamavi ad te, Domine, tota die: expandi ad te manus meas.*

As mãos que levantar aos Ceos procuro.
Clamo por ti, Senhor! quero invocar-te
Talvez no extremo dia;
Faze que o passe inteiro orando, e alcance
Que o meu feroz tormento ceda e cance.

(11) *Nunquid mortuis facies mirabilia? aut medici suscitabunt, et confitebuntur tibi?*

Teu grande nome, formidavel, sancto,
Foi de mim e dos meus sempre invocado;
De nós só conhecido, quando o mundo
Jazia em treva espessa sepultado.
Quem tecerá melhor do que eu teus hymnos?
Ah! conserva-me a vida,
Cantarei tua gloria. Não são mortos
Quem teus milagres cantarão absortos.

(12) *Nunquid narrabit aliquis in sepulchro misericordiam tuam, et veritatem tuam in perditione?*

Só de quem vive o estro é que se accende;
Nem dos sitios do olvido se levantam
Vates antigos, Musicos famosos;
Não são esses, meu Deos, os que te cantam.
Por ventura nas sombras do sepulchro
Soltarão doces vozes?
E consonancias raras modulando,
Hão de ir teus attributos celebrando?

(13) *Nunquid cognoscentur in tenebris mirabilia tua, et justitia tua in terra oblivionis?*

Hão de narrar a tua misericordia,
A justiça, a clemencia com que reges
Este Universo? essa bondade affavel
Com que tão compassivo nos proteges?

(14) *Et ego ad te, Domine, clamavi, et mane oratio mea præveniet te.*

Não, meu Deos: eu que vivo é que te louvo;
E desde a madrugada,
Cheio de amor t'imploro, te offereço
Em puro sacrificio o que padeço.

Uno ás cordas da lyra votos d'alma;

Acordam da manhã a luz primeira,
Louvando-te, Senhor, os sons e as preces:
Quizera assim passar a vida inteira.
Porêm severo as orações repulsas,
Voltas o rosto irado:
Porque de mim te apartas, e me deixas
Sem fazer attenção ás minhas queixas?

(15) *Ut quid, Domine, repellis orationem meam: avertis faciem tuam à me?*

Eu desde que nasci lutto com penas:
Jámais me concedeste uma alegria;
Na juvenil idade, sem descanço,
Não pude completar sereno um dia.
Ao encalço me veio sempre o susto;
Perseguido, humilhado,
Misero objecto fui das tuas iras:
Conturba-me o terror qu'inda m'inspiras.

(16) *Pauper sum ego, et in laboribus à juventute mea: exaltatus autem, humiliatus sum, et conturbatus.*

Do teu furor pareço unico objecto;
Já vacillo, já cedo, já prostrado
Supporto a tempestade que me cerca
De um revoltoso mar encapellado:
Ah! quem me acudirá, se me não vales?
Meu Deos, tu bem conheces
Que na terra me falta todo o abrigo,
Que me não resta um só vivente amigo.

(17) *In me transierunt iræ tuæ, et terroris tui conturbaverunt me.*

(18) *Circumdederunt me sicut aqua tota die: circumdederunt me simul.*

(19) *Elongasti à me amicum, et proximum: et notos meos à miseria.*

PSALMO LXXXVIII.

Intellectus Ethan Ezrahitæ.

Canção de Ethan Ezrahita (*).

(1) *Misericordias Domini in æternum cantabo.*

TANTO quanto durar a eternidade
Cantarei do Senhor as misericordias,
Brilhará em meus labios a verdade.

(2) *In generationem, et generationem annuntiabo veritatem tuam in ore meo.*

De minha bocca as vozes retumbantes
A cada geração irão dizendo
Como as suas promessas são constantes.

(3) *Quoniam dixisti: in æternum misericordia ædificabitur in cælis: præparabitur veritas tua in eis.*

Estavel misericordia prometteste,
Estavel como o Ceo, e tal firmeza
Terão sempre as palavras que disseste.

(4) *Disposui testamentum electis meis: juravi David servo meo: usque in æternum præparabo semen tuum:*

Assim fallaste, Deos! «Fiz alliança
Com meu servo David; e aos escolhidos
Meu juramento o pacto lhe affiança.

(5) *Et ædificabo in generationem, et generationem sedem tuam.*

«Jurei de preservar-lhe eternamente
A prole virtuosa, e dar-lhe um throno
Cujo dominio abranja toda a gente.»

(6) *Confitebuntur cæli mirabilia tua, Domine: etenim veritatem tuam in ecclesia sanctorum.*

Os Ceos, taes maravilhas attestando,
Confessarão, Senhor, esta verdade,
Que irão em coro os Anjos celebrando.

(7) *Quoniam quis in nubibus æquabitur Domino? Similis erit Deo in filiis Dei?*

Bem que acima dos homens exaltados,
Qual delles competir póde comtigo?
Qual te iguala, se são por ti creados?

(*) Companheiro de Heman, cujo valor já vimos no psalmo precedente, foi Ethan o auctor do que agora se apresenta. Delle tambem se faz menção no liv. 3. dos Reis, cap. 4.

São teus ministros, Deos, e a ti d'em torno,
Veem-te qual és, terrivel, magestoso,
E á tua gloria servem só de adorno.

(8) *Deus, qui glorificatur in consilio sanctorum, magnus, et terribilis super omnes, qui in circuitu ejus sunt.*

Deos de exercitos! Deos omnipotente!
Quem semelhante a ti, que tudo pódes,
Cercado de verdade permanente?

(9) *Domine Deus virtutum, quis similis tibi? potens es, Domine, et veritas tua in circuitu tuo.*

Dominaste dos mares a braveza;
Reprimiste das ondas a insolencia;
Déste ás aguas, dos montes a rijeza.

(10) *Tu dominaris potestati maris: motum autem fluctuum ejus tu mitigas.*

Com mortal golpe o altivo derrubaste;
Teus feros inimigos pela força
De teu robusto braço dispersaste.

(11) *Tu humiliasti, sicut vulneratum, superbum, in brachio virtutis tuæ dispersisti inimicos tuos.*

A ti pertence o ceo, pertence a terra;
O norte e sul fixaste, e plenamente
É teu quanto opulento o globo encerra.

(12) *Tui sunt cœli, et tua est terra, orbem terræ, et plenitudinem ejus tu fundasti: aquilonem, et mare tu creasti.*

O Thabor milagroso tu creaste,
Fundaste o Hermonte; e nelles, que te exaltam,
De teu braço o podêr manifestaste.

(13) *Thabor, et Hermon in nomine tuo exultabunt, tuum brachium cum potentia.*

Tua mão seja firme, e celebrada
A tua dextra seja; tem por base
O teu throno justiça illimitada.

(14) *Firmetur manus tua, et exaltetur dextera tua, justitia et judicium præparatio sedis tuæ.*

Misericordia e verdade te annunciam:
São felizes os povos que se alegram
Em ti, e de tuas leis se não desviam.

(15) *Misericordia et veritas præcedent faciem tuam: beatus populus, qui scit jubilationem.*

Irão sempre, ao clarão de teu semblante,
O teu nome louvando noite e dia;
E por justiça o seu farás brilhante.

(16) *Domine, in lumine vultus tui ambulabunt, et in nomine tuo exultabunt tota die, et in justitia tua exaltabuntur.*

(17) *Quoniam gloriam virtutis eorum tu es, et in beneplacito tuo exaltabitur cornu nostrum.*

A parte que lhes dás na gloria tua
Deriva das virtudes que plantaste;
E a fortaleza propria fazes sua.

Pelas graças que aos justos communicas
Nosso podêr veremos exaltado:
És, Sancto d'Israel! quem fortificas.

(18) *Quia Domini est assumptio nostra, et sancti Israel regis nostri.*

Fonte, origem de toda a sanctidade,
Tu, Senhor, és sómente o nosso amparo,
O Sancto d'Israel, e a Magestade.

(19) *Tunc locutus es in visione sanctis tuis, et dixisti: Posui adjutorium in potente, et exaltavi electum de plebe mea.*

Já com misticas vozes e discretas
Revelaste o futuro; e consolaste
Com extasis sublimes os prophetas.

«Do meio do meu Povo (lhes disseste)
Farei surgir um homem poderoso,
E o vosso Redemptor ha de ser este.

(20) *Inveni David servum meum: oleo sancto meo unxi eum.*

«O meu servo David já foi ungido
Com oleo sancto; e sempre em seu reinado
Foi por mim plenamente soccorrido.

(21) *Manus enim mea auxiliabitur ei, et brachium meum confortabit eum.*

«Esse que delle vem, e dos ceos mando,
Minha mão o auxilia, e com meu braço
Sempre hei de ir o seu braço confortando.

(22) *Nihil proficiet inimicus in eo, et filius iniquitatis non apponet nocere ei.*

«Em persegui-lo o mão nada aproveita;
Da iniquidade os filhos verão sempre
A maligna tenção nulla ou desfeita.

(23) *Et concidam à facie ipsius inimicos ejus, et odientes eum in fugam convertam.*

«Eu lhe hei de destruir os seus contrarios;
Ante seus olhos hei de pôr em fuga
Seus emulos, os seus adversarios.

«Hei de com elle unir minha verdade,
E minha misericordia; com meu nome
Crescerá seu podêr e dignidade.

(24) *Et veritas mea, et misericordia mea cum ipso, et in nomine meo exaltabitur cornu ejus.*

«Hei de o braço alongar-lhe sobre os mares;
Dominará dos rios as correntes,
Sua dextra regendo nuvens, ares.

(25) *Et ponam in mari manum ejus, et in fluminibus dexteram ejus.*

«Abrazado de amor e confiança,
Me clamará ==Tu és meu Pae, meu Deos,
Causa excelsa da minha segurança.==

(26) *Ipse invocabit me, Pater meus es tu, Deus meus, et susceptor salutis meæ.*

«Sim, o meu primogenito o declaro,
Com precedencia aos reis do mundo inteiro;
E será dos fieis refugio, amparo.

(27) *Et ego primogenitum ponam illum, excelsum præ Regibus terræ.*

«Hei de manter-lhe eterna misericordia,
Estavel alliança; a lei perpetua
Fixará entre os homens a concordia.

(28) *In æternum servabo illi misericordiam meam, et testamentum meum fidele ipsi.*

«Farei que delle a raça tanto dure
Quanto os seculos durem; que o seu solio
Co' a firmeza dos ceos se lhe segure.

(29) *Et ponam in sæculum sæculi semen ejus, et thronum ejus sicut dies cæli.*

«Porêm se os descendentes desertarem
Das minhas leis, e ingratos me offenderem;
Se dos meus mandamentos se apartarem:

(30) *Si autem dereliquerint filii ejus legem meam, et in judiciis meis non ambulaverint:*

«Se violarem meus sanctos documentos;
Se profanando os dotes com que os honro,
Não guardarem fieis meus mandamentos:

(31) *Si justitias meas profanaverint, et mandata mea non custodierint:*

«Com ferrea vara, e de furor armado,
Visitarei a sua iniquidade,
Açoutarei violento seu peccado.

(32) *Visitabo in virga iniquitates eorum, et in verberibus peccata eorum.*

(33) *Misericordiam autem meam non dispergam ab eo, neque nocebo in veritate mea.*

«Mas apesar dos erros fica intacta
A minha misericordia; nem por isso
Minha eterna verdade se retracta.

(34) *Neque profanabo testamentum meum, et quæ procedunt de labiis meis, non faciam irrita.*

«Não rompo os fortes laços da alliança
Que firmei; nem sahio da minha bocca
Palavra que attingir possa a mudança.

(35) *Semel juravi in sancto meo, si David mentiar: semen ejus in æternum manebit.*

«Jurei por minha propria sanctidade;
E não falto a David; a prole sua
Ha de durar por toda a eternidade.

(36) *Et thronus ejus sicut Sol in conspectu meo, et sicut Luna perfecta in æternum, et testis in cælo fidelis.*

«Perante mim seu throno magestoso
Brilhará como o sol; e a lua plena
O attestará fiel no ceo lustroso,»

(37) *Tu verò repulisti, et despexisti: distulisti Christum tuum* (*).

Ah Senhor! Tu porêm não rejeitaste
O teu Christo, Senhor! não o esqueceste?
Á morte mesmo não o abandonaste?...

(38) *Evertisti testamentum servi tui: profanasti in terram sanctuarium ejus.*

O pacto com teu servo está quebrado:
Arrojaste por terra seu diadema,
Pisaste-o, e ficou nella profanado.

(39) *Destruxisti omnes sepes ejus: posuisti firmamentum ejus formidinem.*

Os reparos da vinha derrubaste,
Destruiste-lhe toda a fortaleza,
Á saraiva e destroços a entregaste.

(40) *Diripuerunt eum omnes transeuntes viam: factus est opprobrium vicinis suis.*

Vão gritando os que passam pela estrada:
«Opprobrio é nosso, insulto dos visinhos;
Fique por nossas mãos arruinada.»

(*) Aqui lamenta o poeta o misero estado de Roboão pela perda de dez tribus rebelladas; quando se não queira acreditar que tinha os olhos propheticamente em Sedecias.
(Mattei.)

Déste forças ás mãos que a destruiam;
Seus crueis inimigos alegraste,
E só duros espinhos se alli viam.

(41) *Exaltasti dexteram deprimentium eum: lætificasti omnes inimicos ejus.*

A fulminante espada lhe embotaste;
Supprimiste-lhe o alento, e no combate
Teu poderoso auxilio lhe negaste.

(42) *Avertisti adjutorium gladii ejus: et non es auxiliatus ei in bello.*

Destruiste-lhe o alinho do seu traje;
O seu throno assaltaram temerarios,
E foi despedaçado com ultraje.

(43) *Destruxisti eum ab emundatione: et sedem ejus in terram collisisti.*

De seus annos a flor abbreviaste;
De affrontas e ignominias o cobriste,
Ao lucto e confusão o abandonaste.

(44) *Minorasti dies temporis ejus: perfudisti eum confusione.*

Quanto tempo, Senhor, has de escondido
Conservar-te implacavel, cheio d'ira,
Que arde accesa qual fogo enfurecido?

(45) *Usquequo, Domine, avertis in finem? exardescet sicut ignis ira tua?*

Lembra-te pois, meu Deos, qual ser nos déste!
Por ventura não foi de frageis dotes
Que a humanidade toda se reveste?

(46) *Memorare, quæ mea substancia: numquid enim vane constituisti omnes filios hominum?*

Qual dos homens será que tendo vida
Não perceba visinho o termo d'ella?
Qual achará do tumulo a sahida?

(47) *Quis est homo, qui vivet, et non videbit mortem? eruet animam suam de manu inferi?*

Onde occultas, Senhor, essa bondade?
Onde estão as antigas misericordias,
Quaes juraste a David, Deos de verdade?

(48) *Ubi sunt misericordiæ tuæ antiquæ, Domine? sicut jurasti David in veritate tua?*

Condoe-te, Senhor, do nosso estado;
Repara como os impios improperam
Os teus servos, o teu culto sagrado.

(49) *Memor esto, Domine, opprobrii servorum tuorum, (quod continui in sinu meo) multarum gentium:*

No seio escondo as magoas que me cortam
Quando escuto os dicterios com que tantos
Injuriam as leis que nos confortam.

(50) *Quod exprobraverunt inimici tui, Domine, quod exprobraverunt commulationem Christi tui.*

Repara nos incredulos, que tiram
Argumento das penas que nos cercam,
Para augmentar a raiva que respiram.

Mofam teus inimigos; vão dizendo
Que o Messias já tarda, que do Empyreo
Com vagarosos passos vem descendo.

(51) *Benedictus Dominus in æternum: fiat, fiat* (*).

Bemdito sejas pois, Senhor supremo!
Assim seja por toda a eternidade;
Assim seja exultando, ou quando gemo.

(*) Costumada formula do fim dos livros, segundo Mattei.

FIM DO LIVRO III.

LIVRO IV.

DOS

PSALMOS.

PSALMO LXXXIX.

Oração de Moysés, o homem de Deos (*).

Oratio Moysi hominis Dei.

Foste, ó Deos, nosso refugio
Desde que nos escolheste;
Desde os seculos remotos
O teu amparo nos déste.

(1) *Domine, refugium factus es nobis à generatione in generationem.*

(*) Ha uma razão forte para não se attribuir este psalmo a Moysés, e vem a ser, o achar-se nelle uma sentença pouco conveniente áquelle tempo — que a vida do homem apenas chega quando muito aos 80 annos — ; movidos do que, alguns commentadores não só impugnam que Moysés fosse o seu auctor, mas transportam-no aos ultimos tempos do captiveiro de Babylonia. *Sed iis non assentior* (diz o sabio Mazzocchi no tom. 2. do *Spicilegio*, fallando deste psalmo), *qui ad captivitatis Babylonicæ tempora ætatem cantici hujus amandant. Nihil repugnat quominus à Davide auctore proficisci potuerit, cujus ævo intra septuaginta et octoginta annos ætatum periodus concludebatur.* Em tal systema, ou Moysés aqui se introduz a fallar, por uma prosopopéa ; ou o titulo é de tempos posteriores, e de pouca fé ; ou Moysés era o nome de quem o poz em musica, e depois nos tempos seguintes, julgando-se que era o grande Moysés legislador, ao simples titulo antigo *Psalmus Moysi* se ajuntou *hominis Dei*.

(*Mattei.*)

(2) *Priusquam montes fierent, aut formaretur terra, et orbis, à sæculo, et usque in sæculum tu es Deus.*

Antes que os montes crescessem,
Ou fosse a terra formada;
Antes que os orbes sahissem
Pelo teu podêr do nada:

Desde a longa eternidade,
Alem do tempo e dos ceos,
Immensa Causa das causas,
Tu foste e serás, meu Deos!

(3) *Ne avertas hominem in humilitate: et dixisti: convertimini, filii hominum.*

Poderoso não permittas
Que o homem seja culpado,
E que na abjecção dos erros
Mereça ser condemnado.

Tu mesmo, tu docemente
Á conversão o chamaste;
Disseste-nos «Convertei-vos»
E para o Ceo nos creaste.

(4) *Quoniam mille anni ante oculos tuos, tamquam dies hesterna, quæ præteriit:*

Conforta-nos, pois é curta
Nossa miseravel vida;
Se ella fosse de mil annos,
Nem assim fora comprida.

Mil annos, Senhor eterno,
Que são na tua presença?
São qual foi o dia d'hontem,
Que já passou sem detença:

(5) *Et custodia in nocte: quæ pro nihilo habentur, eorum anni erunt.*

São qual vigia nocturna
Que dura mui poucas horas;
As quaes, rapidas fugindo,
São da morte precursoras.

Bem como n'um dia passam
No campo as hervas floridas,
Endurecem, murcham, seccam,
E a pó ficam reduzidas:

(6) *Mane sicut herba transeat, mane floreat, et transeat: vespere decidat, induret, et arescat.*

Quando te irritas, meu Deos,
Nós tambem desfallecemos;
Tua colera nos turba,
E extingue o vigor que temos.

(7) *Quia defecimus in ira tua, et in furore tuo turbati sumus.*

A innocencia primitiva
Pelo peccado estragada,
Fez que a triste humanidade
Fosse á morte condemnada.

As nossas iniquidades
Ante os teus olhos puzeste,
E ao clarão da tua face
Tudo patente fizeste.

(8) *Posuisti iniquitates nostras in conspectu tuo, sæculum nostrum in illuminatione vultus tui.*

Com que temor te observamos!
As illusões se esvaecem;
Á vista das tuas iras
Nossas forças desfallecem.

(9) *Quoniam omnes dies nostri defecerunt, et in ira tua defecimus.*

A uma têa delicada
Que um misero insecto tece,
Se assemelha a nossa vida,
Que a um sopro des'parece.

(10) *Anni nostri sicut aranea meditabuntur, dies annorum nostrorum in ipsis, septuaginta anni.*

Settenta annos o que são?
Se se estende até oitenta,
Não é mais que dor, miseria,
Peso que nos atormenta.

(11) *Si autem in potentatibus, octoginta anni; et amplius eorum labor, et dolor.*

Mas tão curto espaço mostra,
Meu Deos, a tua bondade;
Para ganhar o Ceo basta,
E em breve cessa a maldade.

(12) *Quoniam supervenit mansuetudo, et corripiemur.*

Avaliar é custoso
Do teu enfado a grandeza:
Quanto assusta a Divindade
Contra os réos em ira accesa!

(13) *Quis novit potestatem iræ tuæ, et præ timore tuo iram tuam dinumerare?*

Senhor, faze que entendamos
Da tua dextra o podêr;
Nossos corações illustra
Com rectidão e sabêr.

(14) *Dexteram tuam sic notam fac, et eruditos corde in sapientia.*

Volta para nós teu rosto:
Té quando has de estar irado?
Sê propicio; lavaremos
Com pranto amargo o peccado.

(15) *Convertere, Domine, usquequo: et deprecabilis esto super servos tuos.*

Ao raiar do dia surja
Sobre nós tua piedade;
Alegres esperaremos
A ditosa eternidade.

(16) *Repleti sumus mane misericordia tua, et exultavimus, et delectati sumus omnibus diebus nostris.*

Memorando nossas culpas
Com saudavel penitencia,
Provaremos consolados
Fructos da tua indulgencia.

(17) *Lætati sumus pro diebus, quibus nos humiliasti: annis, quibus vidimus mala.*

Volve sobre nós teus olhos,
Lustra as tuas creaturas,
Dirige os teus servos todos,
Abre-lh' estradas seguras.

(18) *Respice in servos tuos, et in opera tua, et dirige filios eorum.*

Brilhe a luz celeste, brilhe
Accesa nos corações;
Governa, ó Deos, nossos actos,
Apura nossas acções.

(19) *Et sit splendor Domini Dei nostri super nos, et opera manuum nostrarum dirige super nos, et opus manuum nostrarum dirige.*

PSALMO XC.

De David.

Laus cantici David (•).

Quem habita no asylo que Deos presta,
Quem descança na protecção do Altissimo,
Do Deos dos Ceos, em paz mora na terra,
Por deserta que seja.

(1) *Qui habitat in adjutorio Altissimi, in protectione Dei cœli commorabitur.*

Diz ao Senhor: «Tu és o meu refugio,
Meu Deos, meu Protector; já desses laços
D'infernaes caçadores me livraste,
E d'asperas sentenças:

(2) *Dicet Domino: Susceptor meus es tu, et refugium meum, Deus meus; sperabo in eum.*

(3) *Quoniam ipse liberavit me de laqueo venantium, et à verbo aspero.*

«Espero em ti...» — Responde: «Ah! sim, confia;
Descança á sombra com que te defendem
Minhas azas e plumas protectoras,
Que piedosas te encobrem.»

(4) *Scapulis suis obumbravit tibi, et sub pennis ejus sperabis.*

Ha de a verdade, qual um broquel d'ouro,
Cercar-te, se inimigos te assaltarem;
Nem virá sossobrar-te o animo affouto
Intriga tenebrosa.

(5) *Scuto circumdabit te veritas ejus: non timebis à timore nocturno:*

(•) No texto não teve titulo este psalmo, a respeito do qual se exprime Simão de Muis pela maneira seguinte: *Profecto hoc carmine nihil neque solidius, neque splendidius non dico scribi, sed ne cogitari quidem potest. Atque utinam ego figuras, numeros, et elegantiam Hebræi sermonis exprimere possem! Sperarem profecto concessuros mihi omnes, nullum Græcum, aut Latinum poema huic esse comparandum.*

(6) *A sagitta volante in die, à negocio perambulante in tenebris, ab incursu, et dæmonio meridiano.*

Nem a setta, que ousada ás claras voa,
Ou perigos que em trevas o ar empestam,
Nem genio máo, do abysmo despachado,
Te ha de attingir potente.

(7) *Cadent à latere tuo mille, et decem millia à dextris tuis, ad te autem non appropinquabit.*

Verás derrubar mil junto a teu lado,
Cahirão mais dez mil á tua dextra;
Defendido por Deos, irás contente,
Salvo, e longe da morte.

(8) *Verumtamen oculis tuis considerabis, et retributionem peccatorum videbis.*

Talvez que em troco observes com teus olhos
Como Deus justiceiro retribue
Aos peccadores o furor insano
De seus iniquos feitos.

(9) *Quoniam tu es, Domine, spes mea: Altissimum posuisti refugium tuum.*

Dirás então: «Senhor! minha esperança!
Doce refugio meu! E com que acêrto
O Altissimo escolhi para conforto!...»
Com que affecto replica!

(10) *Non accedet ad te malum, et flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.*

«A torrente do mal irá fugindo
Em distancia de ti: o teu asylo
Será pelos flagellos respeitado,
Não ousarão tocar-lhe.

(11) *Quoniam Angelis suis mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis.*

(12) *In manibus portabunt te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.*

«Farei descer dos ceos brilhantes Anjos,
Que te guardem, que aplanem teus caminhos;
Que pela mão te levem, e que evitem
Escolhos a teus passos.

(13) *Super aspidem et basiliscum ambulabis, et conculcabis leonem et draconem.*

«Amoroso e sollicito cuidado
Permittirá que os basiliscos calques;
Que pises com teus pés leões e dragos,
Sem que offender-te possam.

« Porque esperaste em mim, é que piedoso
Te livrei d'inimigos turbulentos;
Porque o meu sancto nome conheceste
Te hei de proteger sempre.

(14) *Quoniam in me speravit, liberabo eum; protegam eum, quoniam cognovit nomen meum.*

« Quando a voz levantares, hei de ouvir-te,
E na tribulação acompanhar-te;
Hei de salvar-te, porque em mim confias,
Hei de glorificar-te.

(15) *Clamabit ad me, et ego exaudiam eum: cum ipso sum in tribulatione: eripiam eum, et glorificabo eum.*

« De prolongados dias satisfeito,
Te levarei á patria afortunada,
A ver o Salvador, gozar da gloria
Aos justos promettida. »

(16) *Longitudine dierum replebo eum, et ostendam illi salutare meum.*

PSALMO XCI.

Psalmo para cantar-se no dia de sabbado.

Psalmus cantici in die sabbathi (*).

Como é bom festejar o Deos supremo,
Do Altissimo cantar o sancto nome!
Ou largue o sol nascendo as ondas trémulas,
Ou nas aguas s'esconda,
Ouça-me celebrar tanta piedade,
Misericordia, e lúcida verdade.

(1) *Bonum est confiteri Domino, et psallere nomini tuo, Altissime.*

(2) *Ad annuntiandum mane misericordiam tuam, et veritatem tuam per noctem.*

(*) Aqui observa Mattei que na segunda compilação depois do regresso de Babylonia distribuiram-se os psalmos pelas varias festas, e varios dias do anno, porque não podiam cantar-se no templo sem alguma ordem, e d'isso devia haver um calendario, onde este psalmo estivesse designado para tal dia; sem que obste o não acharmos uma semelhante distincção em todos os mais, porque nós não possuimos o codice do templo, onde certamente se havia de encontrar, e donde alguns copistas mais diligentes copiaram os titulos historicos, os titulos musicos, outros os lithurgicos e rituaes, e outros unicamente o psalmo, pouco lhe importando com aquelles accessorios.

(3) *In decachordo psalterio, cum cantico, in cithara.*

Ao meu psalterio e cithara suave
Hymnos se ajustem quaes os Anjos cantam
Gratos, Senhor! Publiquem tua gloria;
Publiquem a delicia
Com que ao ver tuas obras me deleitas,
Obras das tuas mãos, todas perfeitas.

(4) *Quia delectasti me, Domine, in factura tua, et in operibus manuum tuarum exultabo.*

(5) *Quam magnificata sunt opera tua, Domine! nimis profundæ factæ sunt cogitationes tuæ.*

Mas quem póde sondar a excelsa causa
De obras tão grandes! Tantas maravilhas
Deixam estupefacta a mente humana.
Que profundos juizos
As leis que tudo regem combinaram,
E a formação dos mundos decretaram!

(6) *Vir insipiens non cognoscet, et stultus non intelliget hæc.*

(7) *Cum exorti fuerint peccatores, sicut fœnum, et apparuerint omnes, qui operantur iniquitatem.*

Só nescios lhes não lembra que a verdura
De seus annos se murcha, e breve passa;
Que os frivolos prazeres em que vivem
Lhes vão gastando a vida;
Que esta, qual feno ao fogo, desfallece,
E nunca mais seu viço reverdece.

Á verdade indiff'rentes, não lh' importam
Nem dos astros a luz, nem da materia
As propriedades, que submette á ordem
Divina intelligencia:
Desprezam essas leis por onde existem,
E em criminosa estupidez persistem.

(8) *Ut intereant in sæculum sæculi: tu autem Altissimus in æternum, Domine.*

Tudo perdem os máos, e só alcançam
Seculos de pezar. A Deos sómente
Não offendem os damnos da mudança,
Nem o tempo consome:
Nada lhe falta, de algum bem carece;
Immutavel, eterno permanece.

Em tanto os impios, provocando a espada
Vingadora dos crimes, caem por terra:
Meu Deos! teus inimigos se dispersam,
Aqui, alli perecem;
Fugindo sempre á tocha da verdade,
São victimas da propria iniquidade.

(9) *Quoniam ecce inimici tui, Domine, quoniam ecce inimici tui peribunt, et dispergentur omnes, qui operantur iniquitatem.*

Eu porêm farto d'innocencia exulto,
Qual aguia que o seu vôo a ti remonta,
Vivificante Sol da intelligencia!
Deos! em ti só confio:
Da juvenil idade o vigor sinto,
E as rugas da velhice inda desminto.

(10) *Et exaltabitur sicut unicornis cornu meum, et senectus mea in misericordia uberi.*

Nos que me attacam com desdem reparo,
Olho quasi com dó para inimigos;
Deos me defende, acode, e me dá força:
Quem sabe se em meus dias
Estrugirá terrivel meus ouvidos
A queda que hão de dar os atrevidos?

(11) *Et despexit oculus meus inimicos meos, et in insurgentibus in me malignantibus audiet auris mea.*

Viçoso como a palma irá crescendo
O Sabio; ha de elevar-se como o cedro
Nos outeiros do Libano frondoso.
Taes arvores, plantadas
Na casa do Senhor, prosperam, crescem,
Nos porticos celestes reflorecem.

(12) *Justus ut palma florebit, sicut cedrus Libani multiplicabitur.*

(13) *Plantati in domo Domini, in atriis domus Dei nostri florebunt.*

Annos e annos vencem, mais robustos;
São sempre verdes, brotam largos ramos;
Tarda e serena a morte em fim lhes chega:
Um doce e brando somno
Parece o fim do justo; aos Ceos, ligeiro,
O transporta o suspiro derradeiro.

(14) *Adhuc multiplicabuntur in senecta uberi, et bene patientes erunt, ut annuntient.*

(15) *Quoniam rectus Dominus Deus noster, et non est iniquitas in eo.*

Testemunho fiel que um Deos existe
Recto e clemente, que os fieis ampara,
E os perversos castiga rigoroso:
Que tem os Ceos patentes
Para aquelles que as leis sempre observaram,
E magoa eterna aos máos que as desprezaram.

PSALMO XCII.

Laus cantici ipsi David in die ante sabbathum (•), quando fundata est terra.

Psalmo composto por David, para celebrar-se a creação do mundo.

(1) *Dominus regnavit, decorem indutus est: indutus est Dominus fortitudinem et præcinxit se.*

VENCIDA a morte, surge o Auctor da vida;
Rompe os espaços do ether, triumphante,
Toma posse nos Ceos do Reino eterno:
De fulgurante veste
Pomposamente se orna;
O sceptro empunha, a rutilante espada
Lhe pende ao lado; e o cinge a fortaleza
Com que domina toda a Natureza.

(2) *Etenim firmavit orbem terræ, qui non commovebitur.*

(3) *Parata sedes tua ex tunc: à sæculo tu es.*

Elle foi quem firmou o orbe da terra,
Quem deo ás forças leis com que impedissem
Commover-se e chocar contra os mais astros.
Aqui fundou seu throno,
Desde então preparado
Para durar por seculos immensos;
Obra de um Deos eterno, que a ventura
Quiz radicar na humana creatura.

(•) No Psalterio de S. Germano lê-se *in die Sabbathi.*

(Mattei.)

Dimanaram da Summa Sapiencia
Os caudalosos rios de doutrina
Que levantaram vozes efficazes;
Ondas encapelladas,
Cujo arruido vence
O estrepito das aguas numerosas
Que infecundas na terra se espraiaram,
E estas torrentes só fertilisaram.

(4) *Elevaverunt flumina, Domine, elevaverunt flumina vocem suam.*

(5) *Elevaverunt flumina fluctus suos à vocibus aquarum multarum.*

Ou seja a intelligencia ou a materia,
Admiravel é tudo quanto obraste:
O mar tranquillo, ou tormentoso, pasma;
Ou se arremesse aos astros,
Ou se rompa em abysmos.
Mas se elevamos a alma á summa altura
Em que resides, nada mais se admira;
É tudo pouco, e só a amar-te aspira.

(6) *Mirabiles elationes maris, mirabilis in altis Dominus.*

A fé de teus oraculos attesta
Os factos subsequentes; a fé nasce
Das antigas e novas maravilhas:
Oh quanta sanctidade
Teu domicilio exige!
Que harmonias, meu Deos, cercá-lo devem!
Que canticos de amor eternamente
Deve o teu povo repetir contente!

(7) *Testimonia tua credibilia facta sunt nimis: domum tuam decet sanctitudo, Domine, in longitudinem dierum.*

PSALMO XCIII.

Psalmus ipsi David, quarta Sabbathi (*).

(1) *Deus ultionum Dominus, Deus ultionum liberè egit.*

DEOS das vinganças, que obras livremente,
Teus raios ociosos de que servem?
Deixas inultos homens depravados
Que a tua lei profanam,
Que uns aos outros enganam?
Que apagaram na prava humanidade
O fogo animador da charidade?

(2) *Exaltare, qui judicas terram: redde retributionem superbis.*

Vem mostrar-te entre nós, vem glorioso,
Juiz supremo, exerce os teus podêres:
Vinga a innocencia afflicta, e dos suberbos
A petulancia abate;
Insolentes combate.

(3) *Usquequo peccatores, Domine: usquequo peccatores gloriabuntur?*

Té quando hão de jactar-se os peccadores
Dos erros que provocam teus furores?

(4) *Effabuntur, et loquentur iniquitatem: loquentur omnes, qui operantur injustitiam?*

(5) *Populum tuum, Domine, humiliaverunt, et hæreditatem tuam vexaverunt.*

O teu povo humilharam; tua herança
Destruiram, Senhor! Já 'stão quebradas
As taboas em que a lei sancta escreveste:
Que mais farão, se em tanto
Tudo inundam de pranto?

(6) *Viduam, et advenam interfecerunt, et pupillos occiderunt.*

A viuva, o estrangeiro espedaçaram,
Os pupillos á morte abandonaram.

Até quando, Senhor! sem que os reprimas

(*) É um titulo dos tempos posteriores, que se não acha no texto Hebreo. V. a nota ao do psalmo 23.

Se hão de ir cevando os impios na maldade?
Té quando irão dizendo — «Deos não sabe,
«Não vê o que fazemos:
«De prazêr nos fartemos,
«Em quanto descuidado em paz dormita
«O Deos que invoca o Povo Israelita.»?

(7) *Et dixerunt: non videbit Dominus, nec intelliget Deus Jacob.*

Estupidos, indignos! Tal cegueira
Ha de sempre durar? O Auctor das luzes,
O Artifice dos olhos será cego?
Quem fabricou sentidos
Hão de faltar-lhe ouvidos?
Ha de escapar á summa intelligencia
Quanto differe o crime da innocencia?

(8) *Intelligite insipientes in populo, et stulti aliquando sapite.*

(9) *Qui plantavit aurem, non audiet? aut qui finxit oculum, non considerat?*

Deos, que as humanas gentes ameaça
Os raios desfechando e as tempestades,
Que as montanhas com rijo vento abala,
Deixará sem castigos
Seus feros inimigos?
Quando tudo com ordem determina,
E a prever a justiça nos ensina?...

(10) *Qui corripit gentes, non arguet? qui docet hominem scientiam?*

Os pensamentos vãos dos homens loucos
Conhece todos, seus effeitos pésa;
Une aos impios vingança, paz aos justos:
Com internos avisos
Corrige os máos juizos;
Consolando, premêa o animo puro,
E o peccador assusta c'o futuro.

(11) *Dominus scit cogitationes hominum, quoniam vanæ sunt.*

Senhor, como é feliz o homem qu' instrues,
E a quem da lei decoras os preceitos!
Nos dias máos as dores lhe mitigas,

(12) *Beatus homo quem tu erudieris, Domine, et de lege tua docueris eum.*

(13) *Ut mitiges ei à diebus ma-*

lis, donec fodiatur peccatori fovea.

Em quanto aos peccadores
Fosso cheio de horrores
Escavando lhes vai a culpa horrenda,
Para abysmá-los, quando tarda a emenda.

(14) *Qui non repellet Dominus plebem suam, et hæreditatem suam non derelinquet.*

(15) *Quoad usque justitia convertatur in judicium, et qui juxta illam omnes, qui recto sunt corde.*

Pois Deos nunca o seu povo desampara,
Nem deixa em abandono a sua herança:
Até que finalmente sentencêe
A Justiça os humanos;
Que cessem os enganos,
As almas rectas junto a si colloque,
E aos máos em penas as delicias troque.

(16) *Quis consurget mihi adversus malignantes? aut quis stabit mecum adversus operantes iniquitatem?*

Nesse tremendo dia, que advogado
Ha de por mim fallar contra os malvados?
Quem ha de sustentar a minha causa
Em face dos contrarios,
Iniquos operarios
D'embustes, extorsões com que dominam,
E meus direitos todos arruinam?

(17) *Nisi quia Dominus adjuvit me, paullo minus habitasset in inferno anima mea.*

Tu, meu Senhor! Asylo da verdade,
Que desde que a luz vi me soccorreste!
Se a tua providencia carinhosa
Me não fosse alentando,
Não vigiasse quàndo
Pouco menos que a morte eu padecia,
Ha muito que enterrado já seria.

(18) *Si dicebam: motus es pes meus: misericordia tua, Domine, adjuvabat me.*

Mas se exclamava — « Vacillar me sinto,
Acode-me, Senhor! » sem mais demora
A tua misericordia me acodia;
Encôsto me prestava;
Consolações me dava

(19) *Secundum multitudinem do-*

Que a multidão das dores igualaram,
E minha alma sensivel alegraram.

lorum meorum in corde meo, consolationes tuæ lætificaverunt animam meam.

Tu, meu Deos, nada tens que se assemelhe
Aos corruptos juizes cá da terra,
Que formam leis iniquas, trabalhosas,
Em que os justos envolvem,
A innocencia dissolvem;
E se com tempo a revogá-las chegam,
Sempre a reparação ao justo negam.

(20) *Nunquid adhæret tibi sedes iniquitatis, qui fingis laborem in præcepto.*

(21) *Captabunt in animam justi, et sanguinem innocentem condemnabunt.*

És tu só meu refugio, Deos piedoso!
Tu só minha esperança, meu amparo.
Darás á iniquidade o que merece,
Como a justiça pede:
A mim, Senhor, concede
O bem de possuir-te eternamente,
O premio que reservas ao innocente.

(22) *Et factus est mihi Dominus in refugium, et Deus meus in adjutorium spei meæ.*

(23) *Et reddet illis iniquitatem ipsorum, et in malitia eorum disperdet eos: disperdet illos Dominus Deus noster.*

PSALMO XCIV.

Laus cantici ipsi David. (*)

Vinde, o Senhor exaltemos;
Em coro unidos cantemos
O Deos que generoso os homens salva:
Perante a sua face luminosa,
Aos psalmos, que adoravel nos inspira,
Acompanhe o suave som da lyra.

(1) *Venite, exultemus Domino, jubilemus Deo: salutari nostro.*

(2) *Præoccupemus faciem ejus in confessione, et in psalmis jubilemus ei.*

(*) No Hebreo não tem titulo algum.

Vinde, o Senhor adoremos,
Em coro unidos cantemos;

(3) *Quoniam Deus magnus Dominus, et rex magnus super omnes Deos.*

Pois este grande Deos, sublime, immenso,
É d'essencia tão pura, tão divina,
Que excede quanto finge a idéa humana
Nos outros Deoses com que a si se engana.

(4) *Quia in manu ejus sunt omnes fines terræ, et altitudines montium ipsius sunt.*

Nas suas mãos providentes
Dos montes mais eminentes
Repousa a base; vê do mundo os termos,
Mede de um golpe a mais ingreme altura;
Sonda igualmente os antros mais profundos:
São seus todos os ceos, são seus os mundos.

(5) *Quoniam ipsius est mare, et ipse fecit illud, et siccam manus ejus formaverunt.*

Quanto a Natureza bella,
Quanto a reflexão revela,
E apercebe a razão que nos instrue,
Derivou da Suprema Intelligencia:
Deo fluidez ás aguas, fez os mares,
Formou a terra, o fogo, e os vastos ares.

(6) *Venite, adoremus, et procidamus, et ploremus ante Dominum, qui fecit nos.*

Vinde, ó povos, que este Deos,
Que é dominador dos Ceos,
Tambem nos deo o sêr; elle renova
Este sêr com virtudes excellentes:
Seu amparo submissos imploremos,
Seus altos attributos adoremos.

(7) *Quia ipse est Dominus Deus noster, et nos populus pascuæ ejus, et oves manus ejus.*

Com que bondade e ternura
Trattou Deos a creatura!
Somos o seu rebanho; que amoroso
Nos vai levando aos saborosos pastos;
Se erramos o caminho e nos argúe,
De paternaes avisos não se exclúe.

Ah! deste amavel Pastor,
Com ternura e com temor
Se a voz que nos argúe hoje escutamos,
Não fique o nosso peito empedernido;
E quando assim fallar, muito mais vale
Que o nosso coração de dor estale.

(8) *Hodie si vocem ejus audieritis, nolite obdurare corda vestra.*

Que dirá? — «Filhos amados,
Cessai de ser obstinados
Como vossos paes foram no deserto,
Quando incredulos tanto me irritaram,
Tentando o meu podêr; e os confundiram
Os prodigios que fiz, e que elles viram.

(9) *Sicut in irritatione secundum diem tentationis in deserto: ubi tentaverunt me patres vestri, probaverunt me, et viderunt opera mea.*

«Sempre com elles clemente,
Quarenta annos paciente
Guiei, acompanhei vossos maiores:
Decorreram os dias, sem que os annos
Seus indomitos genios abrandassem,
Nem que os meus beneficios os mudassem.

(10) *Quadraginta annis offensus fui generationi illi, et dixi: semper hi errant corde.*

«Disse então — Será possivel
Que esta indole terrivel
Resista a tão insolitos favores?
Que percam sempre a estrada que lh' ensino?...
Irritado exclamei — Em vão me canço,
Nunca mais entrarão no meu descanço.»

(11) *Et isti non cognoverunt vias meas: ut juravi in ira mea, si introibunt in requiem meam.*

PSALMO CXV.

Canticum David, quando domus ædificabatur post captivitatem. (*)

Cantico de David, recitado quando se reedificou o templo depois do captiveiro.

(1) *Cantate Domino canticum novum: cantate Domino omnis terra.*

(2) *Cantate Domino, et benedicite nomini ejus: annuntiate de die in diem salutare ejus.*

A TERRA inteira um novo canto entoe:
Em sonoroso metro celebremos,
Bemdigamos do nosso Deos o nome!
Annunciai ás gentes
Os triumphos, a gloria
Do Redemptor excelso
Que vem salvar os crentes.
Ao clarão que magnifico diffunde,
Como as trevas dissipa e o mal confunde!

(3) *Annuntiate inter gentes gloriam ejus, in omnibus populis mirabilia ejus.*

(4) *Quoniam magnus Dominus, et laudabilis nimis: terribilis est super omnes deos.*

(5) *Quoniam omnes dii gentium dæmonia: Dominus autem cælos fecit.*

Annunciai aos mais remotos povos
Como da morte as horridas cadêas
Animoso quebrou; com que prodigios
Seu podêr resplandece:
Com que força terrivel,
Com que luz admiravel,
Os numes desvanece,
Filhos só da illusão e da demencia,
Ou demonios! se teem alguma essencia.

O nosso Deos formou os ceos e a terra;

(*) Este e outros psalmos feitos na dedicação do tabernaculo, ou do templo, por David ou Salomão, foram opportunamente repetidos depois do regresso de Babylonia, por occasião de se reedificar o mesmo templo. No liv. 1. dos Paralipomenos, c. 16. se attesta que o presente cantico foi composto por David quando se trasladou a Arca de casa de Obed para o tabernaculo.

E de brilhantes lumes circundado
Do Sanctuario seu fez o edificio;
Ornou de sanctidade
Com magnificos dotes:
Na sua egregia Corte
Collocou a verdade,
Cuja belleza a tudo sobresae,
Ditosos faz os corações que attrae.

(6) *Confessio, et pulchritudo in conspectu ejus, sanctimonia, et magnificentia in sanctificatione ejus.*

Rasgam-se os Ceos, Jehovah ao mundo desce.
Correi, familias sanctas; e cantando
Honra e gloria offertai ante seu throno:
O seu nome ineffavel
Resoe com applausos
Em toda a Natureza
Por tempo interminavel:
Honras lhe demos, glorias as maiores;
Resoem sem cessar os seus louvores.

(7) *Afferte Domino patriæ gentium, afferte Domino gloriam, et honorem: afferte Domino gloriam nomini ejus.*

Colhei rosas, tecei frescas grinaldas;
E perfumados oleos derramando,
Adornai seus magnificos altares:
Preparai sacrificios;
Juntai ás hostias puras
A candida farinha,
Que egregios beneficios
Symbolisa: prostrados veneremos
O Senhor, e em seu templo augusto entremos.

(8) *Tollite hostias, et introite in atria ejus: adorate Dominum in atrio sancto ejus.*

Com temor e tremor a terra toda
Perante a sua face se apresente,
E commovida escute seus decretos;
Proclame seu reinado,
Em seu culto se empenhe;

(9) *Commoveatur à facie ejus universa terra, dicite in gentibus, quia Dominus regnavit.*

(10) *Etenim correxit orbem terræ, qui non commovebitur.*

Diga aos povos distantes
Que o Senhor é chegado,
Para emendar o mundo, e rectamente
Firmar a paz, julgar a humana gente.

(11) *Lætentur cæli, et exultet terra, commoveatur mare, et plenitudo ejus: gaudebunt campi, et omnia, quæ in eis sunt.*

O Auctor dos Ceos, do mundo, vem: festejem
Os sêres todos tão pomposa entrada,
Montanhas, rios, valles, e regatos:
Os cristalinos mares
Alegres se revolvam;
Os sêres nadadores,
Os que cortam os ares,
Todos exultem neste grande dia:
Os prados refloreçam de alegria.

(12) *Tunc exultabunt omnia ligna silvarum à facie Domini, quia venit, quoniam venit judicare terram.*

Na presença do Deos que vem reger-nos,
Da floresta os robustos moradores,
Freixos, alamos, platanos suberbos,
Soprados pelo vento,
As folhas agitando,
A seu modo denotem
Geral contentamento;
Pois que cessa do erro a injusta guerra,
E Deos mesmo é que vem julgar a terra.

(13) *Judicabit orbem terræ in æquitate, et populos in veritate sua.*

Violentas pulsações, cessai no peito:
Descancemos; é Deos que vem julgar-nos;
E na balança recta, que afferira,
Nossas acções pesando,
Ha de emendar os damnos
A que juizes impios
Nos foram condemnando:
Entre as nações a lucida verdade
Fixará Deos por toda a eternidade.

PSALMO XCVI.

Psalmus David quando terra ejus restituta est (*).

IMPEROU o Senhor, exulte a terra;
O continente e as ilhas numerosas
Com festivaes clamores o celebrem.
Do palacio dos astros
Desce o Rei do Universo,
Em mysteriosa nevoa
Inda seu rosto immerso...
Que lucido apparato, que riqueza
Cercam seu solio augusto! Da direita
A justiça o sustenta; e a sapiencia
D'outro lado a belleza lhe realça...

(1) *Dominus regnavit, exultet terra, lætentur insulæ multæ.*

(2) *Nubes et caligo in circuitu ejus: justitia, et judicium correctio sedis ejus.*

Mas qual aterrador globo de fogo
O precede, vibrando
Mil coriscos, e a cinzas reduzindo
Seus inimigos perfidos!...
Que 'spectac'lo pomposo se apresenta!
Como o susto nos animos se augmenta!

(3) *Ignis ante ipsum præcedet, et inflammabit in circuitu inimicos ejus.*

Enluctam-se os ares densos,
Subterraneo rumor soa;
Rompe o ar trovão que atroa,
Espantoso é o fusilar.

(4) *Illuxerunt fulgura ejus orbis terræ: vidit, et commota est terra.*

(*) Este psalmo, no qual se pinta com vivas cores a vinda de Deos ao mundo para ajudar o seu povo e julgar as iniquas acções daquelles que o tinham opprimido, não tem titulo no Hebreo nem nos melhores codigos gregos; o que se lê na Vulgata é dos tempos posteriores, e póde applicar-se tanto á pacifica posse do reino depois da morte de Saul, como á liberdade restituida aos captivos em Babylonia.

Toda a terra se allumia,
E estremece de pavor;
Ante a face do Senhor
Veem-se as rochas estallar.

Como a cera exposta ao fogo
As montanhas se derretem,
Medonhos ecchos repetem
Sons que fazem desmaiar.

Annunciam os ceos sua justiça;
E as nações espantadas verão todas
Com que gloria e podêr nos apparece
O supremo Juiz que á terra desce.

Vós testemunhas celestes
Dos attributos divinos,
Anjos! tecei vossos hymnos,
Vinde-o no mundo adorar.

Sião, que ouvio reverente
Que a esperança se cumpria,
Banhada em pura alegria
Já começa a respirar.

As filhas de Judá, que tristemente
Suspiravam, em coros exultaram;
Certas da rectidão dos teus juizos,
Ó meu Deos! já descançam:
Vieste ao mundo, e em tão ditoso dia
Se extinguio a injustiça e a tyrannia.
Abrange a terra inteira o teu dominio,
E ninguem póde além do que tu mandas:

(5) *Montes sicut cera fluxerunt à facie Domini, à facie Domini omnis terra.*

(6) *Annuntiaverunt cœli justitiam ejus, et viderunt omnes populi gloriam ejus.*

(7) *Confundantur omnes qui adorant sculptilia, et qui gloriantur in simulacris suis.*

(8) *Adorate eum omnes Angeli ejus, audivit, et lætata est Sion.*

(9) *Et exultaverunt filiæ Judæ propter judicia tua, Domine.*

(10) *Quoniam tu Dominus altissimus super omnem terram, nimis exaltatus es super omnes Deos.*

Numes e Reis te cedem,
As tuas perfeições todas excedem.

Almas puras, vós que amais
O Senhor, o Sêr perfeito,
Expulsai do vosso peito
A menor sombra do mal.

(11) *Qui diligitis Dominum, odite malum: custodit Dominus animas sanctorum suorum; de manu peccatoris liberabit eos.*

Deos, que os seus fieis defende,
Quebra os ferros passadores
Que na mão dos peccadores
Preparam golpe fatal.

Encapellem-se as nuvens trovejando,
Ennoiteça o universo, o sol se apague;
Por bebida nos deem fel ou veneno;
Sempre luz para o justo o ceo sereno.

(12) *Lux orta est justo, et rectis corde lætitia.*

Justos, gosai da alegria
Que nos animos derrama
Esta doce e ardente chamma
Que accende o celeste amor:

(13) *Lætamini justi in Domino, et confitemini memoriæ sanctificationis ejus.*

Confessai de Deos a gloria,
Todo o vosso sêr o exalte;
E não temais que vos falte
Dos bens o supremo Auctor.

PSALMO XCVII.

Psalmus ipsi David (*).

(1) *Cantate Domino canticum novum, quia mirabilia fecit.*

CANTAI, Povos, em metro desusado,
Do Senhor a justiça, a misericordia,
Já que tantas maravilhas
Elle obrou por nos salvar:
Soltai suavissimas vozes
E não cesseis de cantar.

(2) *Salvati sibi dextera ejus, et brachium sanctum ejus.*

Da sua dextra a salvação deriva,
Seu sancto braço os corações captiva.

(3) *Notum fecit Dominus salutare suum, in conspectu gentium revelavit justitiam suam.*

(4) *Recordatus est misericordiæ suæ, et veritatis suæ domui Israel.*

Ao mundo declarou nosso resgate;
Na presença das gentes assombradas
Revelou sua justiça,
Fez manifesta a verdade;
E, d'Israel condoído,
Recordou sua piedade:

(5) *Viderunt omnes termini terræ salutare Dei nostri.*

Constou quanto era Deos justo e clemente
Do norte ao sul, da aurora ao sol cadente.

(6) *Jubilate Deo omnis terra, cantate, exultate, et psallite.*

(7) *Psallite Domino in cithara, in cithara, et voce psalmi: in tubis ductilibus, et voce tubæ corneæ.*

A terra inteira jubilosa cante;
Com accordes e doces instrumentos
Festejemos este dia;
Siga a lyra os nossos hymnos,
Trompas, flautas e psalterios
Rompam os ceos cristalinos:
Em concerto geral a Natureza
Do peito expulse as sombras da tristeza.

(*) Continua o mesmo argumento dos dois precedentes psalmos; com a differença porêm de que no antecedente parece que se exprime no mais recondito sentido a segunda vinda, e neste a primeira do pacifico Messias.

O Senhor veio á terra; vem salvar-nos:
Perante a sua face, os sêres todos
Celebrem sua presença:
Revolva-se alegre o mar,
E nas ondas brincadoras
Vejam-se os peixes saltar:
Da terra os mais remotos habitantes
Sejam deste festim participantes.

(8) *Jubilate in conspectu Regis Domini: moveatur mare, et plenitudo ejus, orbis terrarum, et qui habitant in eo.*

Irão correndo e as margens refrescando
Os rios; seus cristaes mais puros brilhem;
Serpeando alegremente,
De novo alentando as flores,
A seu modo vão tecendo
Ao Senhor os seus louvores:
Espalhe-se a alegria sobre os montes,
Nos valles corram mais serenas fontes.

(9) *Flumina plaudent manu, simul montes exultabunt à conspectu Domini: quoniam venit judicare terram.*

De um tal contentamento a causa é clara:
O Senhor desce, e vem julgar a terra.
Cessa a funesta incerteza;
Julgará como Deos julga;
E sobre o orbe terraqueo
A justiça se promulga:
Povos que victimava a atrocidade
Julgados só serão pela equidade.

(10) *Judicabit orbem terrarum in justitia, et populos in æquitate.*

PSALMO XCVIII.

Psalmus David. (*)

(1) *Dominus regnavit, irascantur populi: qui sedet super Cherubim, moveatur terra.*

CAIAM por terra os idolos quebrados,
Tremam raivosas as estultas gentes;
O Deos que sobre os Cherubins se assenta
Reina entre nós: a terra
A seu aspecto toda se commova;
Sua lei sancta a paz nella renova.

(2) *Dominus in Sion magnus, et excelsus super omnes populos.*

Como em Sião magnifico, potente,
Sobre todo o vivente predomina!
Que grandeza! que excelsa magestade
Aos povos apresenta!
O tempo sua gloria não consome,
Nem seu nome, maior que todo o nome.

(3) *Confiteantur nomini tuo magno, quoniam terribile et sanctum est, et honor Regis judicium diligit.*

Terrivel, sancto! Vão sempre a Justiça,
A Verdade, a Innocencia, que o deleitam,
Ornatos de seu throno, triumphando.
Ah! quanto são ditosos
Teus subditos, Senhor! Quanta ventura
Teu sceptro d'equidade lhes segura!

(4) *Tu parasti directiones: judicium et justitiam in Jacob tu fecisti.*

Rectissimos preceitos preparando,
O mundo co' a verdade esclareceste,
E os povos de Jacob, que te esperavam.

(5) *Exaltate Dominum Deum nostrum, et adorate scabellum pedum ejus, quoniam sanctum est.*

Povos agradecidos,
Exaltai o Senhor, o Deos piedoso,
Sempre aos seus compassivo e generoso.

(*) Segue o mesmo argumento; mas no Hebreo não se lhe acha titulo.

Prostrados adorai seu solio augusto;
E a terra que creou, que sanctifica,
N'um templo immenso toda se transforme.
Este Rei portentoso,
Estavel, sancto, justo, celebremos,
Por quantos bens nos dá graças lhe demos.

Assim Moysés e Arão, seus sacerdotes,
E Samuel com elles, invocaram
Sempre o seu nome; attento os escutava:
Com celestes orac'los,
Da columna de nuvem que erigia,
Aos seus fieis amante respondia.

(6) *Moyses, et Aaron in sacerdotibus ejus, et Samuel inter eos, qui invocant nomen ejus.*

(7) *Invocabunt Dominum, et ipse exaudiebat eos: in columna nubis loquebatur ad eos.*

Reverentes guardaram seus preceitos,
As cer'monias prescriptas observando:
Meu Deos! os seus suspiros te enviavam,
Bem que a humana fraqueza
Altere a perfeição dos sacrificios,
E assaz não corresponda aos beneficios.

(8) *Custodiebant testimonia ejus, et præceptum, quod dedit illis.*

Deos Senhor nosso! apesar disto, ouviste-os:
Aos teus servos propicio sempre foste;
A perfeição suppriste, com piedade
Corrigiste-lhe as faltas;
O fragil barro então purificaste,
E generoso os votos lhe acceitaste.

(9) *Domine Deus noster, tu exaudiebas eos: Deus, tu propitius fuisti eis, et ulciscens in omnes adinventiones eorum.*

Exaltemos o nosso Deos, subamos
Ao sancto monte de Sião, gostosos,
Para adorá-lo; alli guarda o thesouro
Da sua sanctidade;
Alli se manifesta a sua essencia,
E de seus attributos a excellencia.

(10) *Exaltate Dominum Deum nostrum, et adorate in monte sancto ejus, quoniam sanctus Dominus Deus noster.*

PSALMO XCIX.

Psalmus in confessione.

Hymno de louvor e agradecimento.

(1) *Jubilate Deo omnis terra, servite Domino in lætitia.*

Todo aquelle que respira,
E em seu sêr uma alma encerra,
Solte suavissimo canto,
Alegre-se toda a terra;
Em transportes de alegria
Sirva o Senhor noite e dia.

(2) *Introite in conspectu ejus in exultatione.*

Em concêrto harmonioso,
Que a melhor musica vença,
Contentes, medindo os passos,
Entrai na sua presença;
Alli, de amor transportados,
Entoai hymnos sagrados.

(3) *Scitote, quoniam Dominus ipse est Deus: ipse fecit nos, et non ipsi nos.*

Sabei que o Sêr adoravel,
O Senhor, é nosso Deos;
Que nos creou, e que somos
Todos os humanos seus:
Não fomos nós que nos demos
Esta existencia que temos.

(4) *Populus ejus, et oves pascuæ ejus introite portas ejus in confessione, atria ejus in hymnis, confitemini illi.*

Povos do Senhor, rebanhos
Dos seus pastos saborosos,
No seu templo e em seus apriscos
Entrai cantando gostosos;
Quaes inspirados videntes
Offertai-lhe hymnos cadentes.

Nas campinas perfumadas
Pelas mais cheirosas flores
Seu nome sancto celebrem
Até do bosque os cantores:
Quanto é suave o Senhor!
Como é doce o seu amor!

(5) *Laudate nomen ejus, quoniam suavis est Dominus: in æternum misericordia ejus: et usque in generationem, et generationem veritas ejus.*

É sua essencia immutavel;
Com misericordia e verdade
Ás gerações successivas
Prova a sua eternidade:
A pompa da Natureza
Do que diz prova a certeza.

PSALMO C.

De David.

Psalmus ipsi David (*).

MIS'RICORDIA e justiça é o nobre assumpto
Do meu canto, Senhor! Em doce metro
O teu nome recordando,
Qualquer diverso motivo
Não irei jámais cantando,
Em quanto respiro e vivo:
Elle me abre a carreira immaculada
Por onde vou buscar-te: ah! quando, quando
Virás dar-me a ventura desejada!...

(1) *Misericordiam, et judicium cantabo tibi, Domine.*

(2) *Psallam, et intelligam in via immaculata: quando venies ad me?*

Serei digno, meu Deos, que me confortes?

(3) *Perambulabam in innocen-*

(*) Simão de Muis chama a este psalmo — *O espelho de Principes* —.

tia cordis mei; in medio domus meæ (*).

E meus tremulos passos na innocencia
Compassivo me dirijas?
Eu, no domestico enleio,
Vou, de paciencia armado,
Oppondo ás paixões um freio:

(4) *Non proponebam ante oculos meos rem injustam: facientes prævaricationes odivi.*

A meus olhos será sempre odiosa
Acção injusta; expulsa de meus lares
Se ha de ver sempre a gente criminosa.

(5) *Non adhæsit mihi cor pravum: declinantem à me malignum non cognoscebam.*

Meu coração repugna deprávados,
Nem quero conviver com libertinos;
Por mais famosos que sejam,
Nem sequer desejo vê-los;
A polidez não me força
Nem menos a conhecê-los:

(6) *Detrahentem secrete proximo suo, hunc persequebar.*

Pois se trahindo o proximo, revelam
Segredo alheio!... Em mim tal magoa excitam,
Que em vão contra o castigo se acautelam.

(7) *Superbo oculo, et insatiabili corde, cum hoc non edebam* (**).

Os que olham com desdem, os que orgulhosos
Aspiram sem virtude a premios altos,
São esses os que desprezo;
Não lhes consulto a vaidade,
Nem cômo á mesa com elles,
Nem lhes soffro a sociedade:
E tanto o seu aspecto me nausêa,
Minados de uma sêde ambiciosa,
Quanto o dos bons me agrada, me recrêa.

(*) O imperador Basilio, na sua parenetica ao filho Leão, diz: *Virtus, omni principatu, omnique auctoritate præstantior est. Si ergo dignitate quidem reliquis præstas omnibus, virtute autem ab aliis præcelleris, Imperator non es, imo alterius imperio subderis.*

(**) *Viri justi sint tibi convivæ*, diz o Ecclesiastes, c. 9. v. 22. E Seneca a proposito na epist. 104. *Hærebit tibi avaritia, quamdiu avaro, sordidoque convixeris. Hærebit tumor, quamdiu cum superbo convarsaberis.*

Nos mansos, nos fieis que o Estado adornam,
Os meus olhos se empregam com doleite;
Esses vão co' a luz divina
Em caminho bem trilhado;
São de quem confio a vida,
Quem ponho junto a meu lado:
Longe de mim aparto os maldizentes,
Os suberbos, os falsos, os tyrannos,
Que compromettem sempre os innocentes.

(8) *Oculi mei ad fideles terræ, ut sedeant mecum: ambulans in via immaculata, hic mihi ministrabat* (•).

(9) *Non habitabit in medio domus meæ qui facit superbiam: qui loquitur iniqua, non direxit in conspectu oculorum meorum.*

Mal apontava o sol, exterminava
Co' a energica justiça os peccadores;
Não deve contaminar-se
De Deos a sancta cidade;
E della exclui severo
Obreiros de iniquidade.
Todas minhas acções, meu Deos, te offreço;
Examina a intenção, conta meus passos,
Dá-me o premio ou castigo que mereço.

(10) *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ, ut disperderem de civitate Domini omnes operantes iniquitatem.*

(•) Plinio no panegirico de Trajano: *Est magnificum, quod te ab omni contagione vitiorum reprimis ac revocas, sed magnificentius, quod tuos: quanto enim magis arduum est alios præstare, quam se; tanto laudabilius, quod cum ipse sis optimus, omnes circa te similes tui effecisti.*

PSALMO CI.

(V. DOS PENITENCIAES.)

Oratio pauperis, cum anxius fuerit, et in conspectu Domini effuderit precem suam.

Oração do pobre, quando estiver afflicto, e na presença do Senhor fizer a sua deprecação.

(1) *Domine, exaudi orationem meam, et clamor meus ad te veniat.*

(2) *Non avertas faciem tuam à me: in quacunque die tribulor, inclina ad me aurem tuam.*

OUVE, Senhor, minhas preces,
Rompam os Ceos os meus gritos;
Não me apartes dos teus olhos
Apesar dos meus delictos.

Presta-me, Senhor, ouvidos,
Quando afflicto e atribulado
Em qualquer dia te invoco,
Lamentando o meu peccado.

(3) *In quacunque die invocavero te, velociter exaudi me.*

Não tardes, Senhor! depressa
Responde quando te chamo:
Recolhe em tua mão piedosa
Este pranto que derramo.

(4) *Quia defecerunt sicut fumus dies mei, et ossa mea sicut cremium aruerunt.*

Já qual fumo se evapora
A luz de meus poucos dias;
E meus ossos dessecados
Vão tornar-se em cinzas frias:

Qual combustivel madeira,
Disposta a pegar-lhe fogo,
Senhor, se me não acodes
Hão de incendiar-se logo.

O meu coração murchou-se
Bem como nos campos herva,
Que os ardores do sol cresta,
E só frescura a conserva.

(5) *Percussus sum ut fœnum, et aruit cor meum: quia oblitus sum comedere panem meum.*

Não lhe dei o fresco pasto,
O saudavel alimento;
Não o nutri das virtudes
Que seriam seu sustento.

A minha dor, meus suspiros
As minhas forças gastaram;
E as minhas carnes mirradas
Aos meus ossos se pegaram.

(6) *A voce gemitus mei adhæsit os meum carni meæ.*

Vivo qual o pellicano
Na solidão do deserto;
Qual o môxo taciturno
Que nas sombras vaga incerto.

(7) *Similis factus sum pellicano solitudinis: factus sum sicut nycticorax in domicilio.*

Passo a noite como passa
Sobre um tecto abandonado
Um passaro solitario,
Do seu ninho desgarrado.

(8) *Vigilavi, et factus sum sicut passer solitarius in tecto.*

Com opprobrios todo o dia
Me assaltam meus inimigos;
Com imprecações violentas
Os que foram meus amigos.

(9) *Tota die exprobrabant mihi inimici mei, et qui laudabant me, adversum me jurabant.*

Meu pão misturo com cinzas,
Que mal me sustenta a vida;
E com lagrimas amargas
Confundo a minha bebida.

(10) *Quia cinerem tanquam panem manducabam, et potum meum cum fletu miscebam.*

(11) *A facie iræ et indignationis tuæ, quia elevans allisisti me.*

Assim passo, recordando,
Ó meu Deos, á tua ira;
Pois essa me abaixou tanto
Quanto o amor teu me subira.

(12) *Dies mei sicut umbra declinaverunt; et ego sicut fœnum arui.*

Os meus dias declinaram,
Ou como a sombra fugiram;
E como um feno segado
Me veem hoje os que me viram.

(13) *Tu autem, Domine, in æternum permanes, et memoriale tuum in generationem et generationem.*

Só tu, Senhor immutavel,
Jámais te attinge a mudança;
De teu nome a gloria immensa
Todos os tempos alcança.

(14) *Tu exsurgens misereberis Sion: quia tempus miserendi ejus, quia venit tempus.*

Levanta-te, Deos, não tardes,
Tem piedade de Sião;
Chegou o tempo predicto
De ter della compaixão.

(15) *Quoniam placuerunt servis tuis lapides ejus, et terræ ejus miserabuntur.*

Sião, que teus servos amam,
Onde só vivem seguros;
Ah Senhor! estende a dextra,
E reedifica seus muros.

(16) *Et timebunt gentes nomen tuum, Domine, e omnes Reges terræ gloriam tuam.*

Então as nações submissas
Temerão teu nome sancto,
E todos os Reis da terra
Hão de ouvi-lo com espanto.

(17) *Quia ædificavit Dominus Sion: et videbitur in gloria sua.*

Dirão que o Senhor potente
A Sião reedificara:
E neste grande prodigio
Sua gloria confirmara.

Dirão que os rogos humildes
Dos teus servos escutaste;
E que as orações ardentes
Com larga mão premiaste.

(18) *Respexit in orationem humilium, et non sprevit precem eorum.*

Taes portentos, transmittidos
De uma idade a outra idade,
Farão que as futuras raças
Honrem sempre a Divindade.

(19) *Scribantur hæc in generatione altera, et populus, qui creabitur, laudabit Dominum.*

Dirão que olhou desde os Ceos
Para a terra consternada;
Que encarou co' as nossas magoas
Desde a celeste morada.

(20) *Quia prospexit de excelso sancto suo: Dominus de cælo in terram aspexit.*

Para escutar os gemidos
Dos captivos maneatados;
Para quebrar-lhes seus ferros,
Quando á morte destinados.

(21) *Ut audiret gemitus compeditorum, ut solveret filios interemptorum.*

A fim que seu nome excelso
Vão contentes celebrando;
E de Sião as venturas
Em sacros hymnos cantando.

(22) *Ut annuntient in Sion nomen Domini, et laudem ejus in Jerusalem.*

Povos e Reis congregados,
Por tão altos beneficios,
Com jubilo farão juntos
Os mais puros sacrificios.

(23) *In conveniendo populos in unum, et reges, ut serviant Domino.*

Para ver tantos, que espero,
Milagres d'omnipotencia,
Revela-me quantos dias
Faltam da minha existencia.

(24) *Respondit ei in via virtutis suæ: paucitatem dierum meorum nuntia mihi.*

(25) *Ne revoces me in dimidio dierum meorum: in generationem, et generationem anni tui.*

No meio de curtos dias
Não cortes minha carreira:
O que é, Senhor, a teus olhos
De um mortal a vida inteira?

Em quanto teus annos duram,
Vão-se os seculos passando;
Uma geração e outra,
Sem que mudes, acabando.

(26) *Initio tu, Domine, terram fundasti, et opera manuum tuarum sunt cæli.*

Tu já fundastes a terra,
Os altos Ceos construiste;
E do teu podêr deriva
Quanto ha de existir e existe.

(27) *Ipsi peribunt, tu autem permanes, e omnes sicut vestimentum veterascent.*

Mas sobre esta vasta scena
Corres rapida cortina;
E cessa, logo que o mandes,
Machina tão peregrina.

(28) *Et sicut opertorium mutabis eos, et mutabuntur: tu autem idem ipse es, et anni tui non deficient.*

Só tu, Senhor, permaneces
Com perpetua mocidade,
E com teus annos viçosos
Abranges a eternidade.

(29) *Filii servorum tuorum habitabunt, et semen eorum in sæculum dirigetur.*

Dá aos filhos dos teus servos
Ao menos um firme asylo,
Onde a descendencia delles
Goze de um tempo tranquillo.

Dos paes avalia as penas,
Sua ultrajada innocencia;
Para gloria tua e delles
Restaura a antiga opulencia.

PSALMO CII.

De David.

Ipsi David.

Alma, potencias minhas, quanto anima
Este meu sêr, que sente, entende, aspira,
Bemdizei o Senhor; seu nome sancto
Invocai com ternura:
Celebre-o toda a humana creatura.

(1) *Benedic, anima mea, Domino, et omnia quæ intra me sunt, nomini sancto ejus.*

Tu, que no peito meu de amor te abrazas,
Que da increada Essencia participas,
Alma immortal! adora o Auctor de tudo:
Tece-lhe altos louvores,
Não te esqueçam seus prodigos favores.

(2) *Benedic, anima mea, Domino, et noli oblivisci omnes retributiones ejus.*

Deos indulgente a iniquidade absolve,
Cura piedoso toda a enfermidade,
Arranca á morte a prêsa, e nos dá vida;
A innocencia apregoa,
De misericordia e graças nos coroa.

(3) *Qui propitiatur omnibus iniquitatibus tuis, qui sanat omnes infirmitates tuas.*

(4) *Qui redimit de interitu vitam tuam, qui coronat te in misericordia, et miserationibus.*

Deos só farta de bens nossos desejos;
É quem renova em nós juvenil força,
Bem como n'aguia as plumas se renovam;
Remonta vigorosa,
E vai fitar do Sol a luz formosa.

(5) *Qui replet in bonis desiderium tuum: renovabitur, ut aquilæ, juventus tua.*

Deos é quem vivifica, quem benigno
Aos que soffrem injurias lh'as repara;
E quando os prepotentes mais ostentam
Contra o fraco arrogancia,
Mais lhes coarcta o Senhor a petulancia.

(6) *Faciens misericordias Dominus, et judicium omnibus injuriam patientibus.*

(7) *Notas fecit vias suas Moysi, filiis Israel voluntates suas.*

Penhor dos bens que aos homens destinava,
Mostroù ao prisco tempo seus caminhos
A Moysés, que ensinou ao povo hebraico
Como ao Senhor se agrada,
E o que prohibe a sua lei sagrada.

(8) *Miserator, et misericors Dominus: longanimis, et multum misericors.*

Neste codigo sancto, grandemente
Luz do Senhor a extensa misericordia:
Quanto é benigno, justo, generoso,
Quanto é paciente;
Como acode, ou castiga o delinquente.

(9) *Non in perpetuum irascetur, neque in æternum comminabitur.*

Sem que offenda tão altos attributos,
O seu amor tempera as suas iras;
Não dura o seu enfado eternamente:
Auxilios poderosos
Purificam humanos criminosos.

(10) *Non secundum peccata nostra fecit nobis: neque secundum iniquitates nostras retribuit nobis.*

(11) *Quoniam secundum altitudinem cœli à terra, corroboravit misericordiam suam super timentes se.*

Não nos tratta segundo nossos crimes,
Nem proporciona á nossa iniquidade
A paga: mas piedoso corrobora
Seu dó, e nos depara
Um temor sancto com que o mal nos sara.

(12) *Quantum distat ortus ab occidente, longe fecit à nobis iniquitates nostras.*

Quanto dista do occaso o sol nascente,
Quanta distancia vai dos ceos á terra,
Tão longe de nós põe nossos peccados:
Nos animos reprime
A tendencia fatal que teem ao crime.

(13) *Quomodo miseretur pater filiorum, misertus est Dominus timentibus se: quoniam ipse cognovit figmentum nostrum.*

Como um pae carinhoso que defende
Os seus filhos de quedas, compassivo
O Senhor, que avalia o fragil barro

De que somos formados,
Nos ampara e defende de peccados.

Recorda-se que somos pó; que os dias
Do homem sobre a terra são qual feno,
Ou como a flor do campo, que depressa
Se desfolha e fenece,
E aos olhos dos mortaes desapparece.

(14) *Recordatus est, quoniam pulvis sumus: homo sicut fœnum dies ejus, tanquam flos agri sic efflorebit.*

Transita breve o espirito no corpo,
Não se demora, fogo como o vento;
Nem mais onde habitava reconhece:
E só são permanentes
Eternas misericordias sobre os crentes.

(15) *Quoniam spiritus pertransibit in illo, et non subsistet: et non cognoscet amplius locum suum.*

(16) *Misericordia autem Domini ab æterno, et usque in æternum super timentes eum.*

Na geração perpetua dos que amaram
A lei, que mantiveram seus preceitos,
Com que Deos os brindou, durará sempre
A justiça e bondade
Do Senhor; summa luz, summa verdade.

(17) *Et justitia illius in filios filiorum his, qui servant testamentum ejus.*

Exactos em cumprir esses decretos,
Com que as almas sublimes se deleitam,
O Remunerador nos ceos prepara
Seu throno radiante,
Junto ao qual gozarão de paz constante.

(18) *Et memores sunt mandatorum ipsius, ad faciendum ea.*

(19) *Dominus in cœlo paravit sedem suam, et regnum ipsius omnibus dominabitur.*

Essencias puras, Anjos luminosos,
Em virtude potentes, de seu mando
E palavra fieis executores,
Uni-vos aos humanos,
Cantai seus attributos soberanos.

(20) *Benedicite Domino, omnes Angeli ejus, potentes virtute, facientes verbum illius, ad audiendam vocem sermonum ejus.*

Celestiaes phalanges, cantai todas,

(21) *Benedicite Domino, omnes*

virtutes ejus, ministri ejus, qui facitis voluntatem ejus.

Bemdizei o Senhor: vós, que sem mancha
Cumpris quanto Deos quer; vós, que sem nuvem
Avistais sua essencia,
Sois quem podeis cantar a Omnipotencia.

(22) *Benedicite Domino omnia opera ejus: in omni loco dominationis ejus benedic, anima mea, Domino.*

Porêm vós, que em mais baixo e humilde estilo
Deveis hymnos formar, de qualquer modo
Que expresseis vosso amor e nobre intento,
Obras de Deos terrenas!
Soltai gratas, suaves cantilenas.

PSALMO CIII.

Ipsi David (*).

De David.

(1) *Benedic, anima mea, Domino: Domine Deus meus, magnificatus es vehementer.*

Louva, louva, minha alma, o Omnipotente.
Oh Senhor! oh meu Deos! Como assombrado
Dos portentos, que tão profusamente
Cheio de gloria e pompa tens creado,
Contemplo o que fizeste,
E que 'spectaculo aos homens concedeste!

(2) *Confessionem et decorem induisti; amictus lumine sicut vestimento.*

(3) *Extendens cœlum, sicut pellem, qui tegis aquis superiora ejus.*

De gloria e d'esplendor te revestiste;
De luz cingido, em traje magestoso,
Desenrolaste o ceo, que construiste,
Como um rico docél prodigioso,
Ornado de fulgores,
E coberto das aguas sup'riores.

(*) Saverio Mattei diz que toda a poesia Grega, Latina, e Italiana cede a este bello psalmo, no qual se observam, reunidas em um corpo com admiravel harmonia, a elevação de Pindaro, a justeza d'expressões d'Horacio, a amenidade de Petrarcha, a magestade de Virgilio e de Torquato.

O teu carro, de nuvens fabricado,
Quaes velozes cavallos puxam ventos;
Cheio de magestade, ahi vais sentado,
Correndo como correm pensamentos;
Ostentando a excellencia
Da tua immensuravel Providencia.

(4) *Qui ponis nubem ascensum tuum, qui ambulas super pennas ventorum.*

Aos Anjos, que executam quanto ordenas,
De 'spiritos lhes dás a natureza,
A vehemencia do fogo, e as leves pennas
Com que os Euros ostentam ligeireza:
A tua voz escutam,
E n'um momento as ordens executam.

(5) *Qui facis Angelos tuos, spiritus, et ministros tuos ignem urentem.*

Com forças encontradas suspendeste
No espaço a terra; e firme irá durando,
Em quanto a lei sublime que lhe déste
Por seculos se for manifestando:
Nem esta lei varía,
Nem nunca a terra della se desvia.

(6) *Qui fundasti terram super stabilitatem suam: non inclinabitur in sæculum sæculi.*

Ao principio, qual veste, o mar cingia
O globo todo; o monte levantado
C'o volume das aguas se encobria:
Mas tu, Senhor, mandaste, e com teu brado
Para logo desceram,
E á voz do teu trovão estremeceram.

(7) *Abyssus, sicut vestimentum, amictus ejus, super montes stabunt aquæ.*

(8) *Ab increpatione tua fugient: à voce tonitrui tui formidabunt.*

No lugar que ordenaste appareceram
As montanhas, de aspecto grandioso;
Pelos campos os valles se abateram,
E um termo o teu preceito rigoroso
Ás aguas poz: pararam;
E mais cobrir a terra não ousaram.

(9) *Ascendunt montes, et descendunt campi, in locum, quem fundasti eis.*

(10) *Terminum posuisti, quem non transgredientur, neque convertentur operire terram.*

(11) *Qui emittis fontes in convallibus: inter medium montium pertransibunt aquæ.*

Pelo seio dos montes vem filtrando;
E assim, do lodo vil purificadas,
Vão no centro dos valles rebentando,
Por ordem tua em fontes transtornadas:
Teu podêr lhes concede
Com que todo o animal apague a sêde.

(12) *Potabunt omnes bestiæ agri, expectabunt onagri in siti sua.*

Irá refrigerar-se nas campinas
O reptil, o volatil, o pedestre,
Bebendo as frescas aguas cristalinas:
O bruto onagro, rispido, silvestre,
Alli virá sedento,
Certo d'apaziguar o seu tormento.

(13) *Super ea volucres cœli habitabunt, de medio petrarum dabunt vocem.*

Junto ao ribeiro placido, nas grutas
Terão morada as aves sonorosas;
D'entre as folhas do bosque, ou penhas brutas,
Soltarão as canções melodiosas;
Recreando a espessura,
E joviaes gozando da frescura.

(14) *Rigans montes de superioribus suis: de fructu operum tuorum satiabitur terra.*

(15) *Producens fœnum jumentis, et herbam servituti hominum,*

Fazes baixar das nuvens a humidade;
E os fructos com que nutres os viventes
Obra são tua, e nossa utilidade:
Dás feno aos animaes, e dás sementes
Ao lavrador ditoso,
Que as aproveita activo, industrioso.

(16) *Ut educas panem de terra, et vinum lætificet cor hominis:*

(17) *Ut exhilaret faciem in oleo, et panis cor hominis confirmet.*

O seu trabalho a terra lhe compensa;
Dá-lhe pão, dá-lhe vinhos saborosos
Com que cessa a tristeza, a indiff'rença
Em que se abysmam homens perguiçosos:
Com essencias suaves
Lhe amacia, lhe adoça dores graves.

As variadas plantas alimentas,
Meu Deos! creaste a seiva animadora:
Com folhas, flores, fructos accrescentas
A riqueza da terra, productora
Dos troncos que formaste,
E dos cedros Libaneos que plantaste.

(18) *Saturabuntur ligna campi, et cedri Libani, quas plantavit: illic passeres nidificabunt.*

Os passaros farão alli seu ninho;
E a cegonha, dos mais dominadora,
Dos astros quererá pô-lo visinho:
A montanha é dos cervos protectora,
Mora a lebre nas moitas;
Todo o vivente nutres, todo acoitas.

(19) *Herodii domus dux est eorum, montes excelsi cervis, petra refugium herinaciis.*

Tu fizestes a Lua, esse astro lindo,
Para os tempos marcar, e vir sereno
Alegrar-nos, á noite presidindo:
O Sol creaste, e sabe ao teu aceno
Sumir-se no occidente,
Ou vir brilhar de novo no oriente.

(20) *Fecit lunam in tempora: Sol cognovit occasum suum.*

Fizeste a noite, as ténebras fizeste;
E nellas pelos campos vagam feras,
Que c'o faminto instincto que lhes déste
Pedem rugindo o pasto que lhes déras;
As prêsas vão buscando,
A ti mesmo o alimento deprecando.

(21 *Posuisti tenebras, et facta est nox, in ipsa pertransibunt omnes bestiæ silvæ,*

(22) *Catuli leonum rugientes, ut rapiant, et quærant à Deo escam sibi.*

Mas quando volta o dia, congregadas
Estremecem da luz, e se retiram
Ás cavernosas rispidas moradas,
O furor occultando que respiram:
O campo socegado
Permitte ao lavrador pegar do arado.

(23) *Ortus est Sol, et congregati sunt: et in cubilibus suis collocabuntur.*

(24) *Exibit homo ad opus suum, et ad operationem suam usque ad vesperum.*

De manhã volta a seu trabalho a gente;
Forças lhe dás até que a noite desça:
Preméas com fartura o diligente,
Para que o pobre e fraco não padeça.

(25) *Quam magnificata sunt ope-tua, Domine! omnia in sapientia fecisti: impleta est terra possessione tua.*

Oh meu Deos! que grandeza
Em teus feitos nos mostra a Natureza!

Com sapiencia tudo edificaste;
A terra de teus dons toda está cheia:

(26) *Hoc mare magnum, et spatiosum manibus: illic reptilia, quorum non est numerus.*

No mar, do qual os braços alargaste,
E que espaçoso e rico nos rodêa,
Que multidão de sêres
Não contens, não conservas como queres!

(27) *Animalia pusilla cum magnis: illic naves pertransibunt.*

Grandes, pequenos, animaes diversos
Sem número lá moram, lá propagam,
No liquido cristal vivendo immersos:
As magestosas quilhas no mar vagam;
As ondas retalhando,
Irão de um polo a outro navegando.

(28) *Draco iste, quem formasti ad illudendum ei: omnia à te expectant, ut des illis escam in tempore.*

Brincando c'os abysmos, alli mora
O tremendo dragão, a quem sêr déste
Para zombar das ondas, que devora:
De ti todos esperam, Pae celeste,
O sustento saudavel
Que lhes faça a existencia perduravel.

(29) *Dante te illis, colligent, aperiente manum tuam, omnia implebuntur bonitate.*

Tu lh'o dás; aproveitam teus favores:
Se abres a mão, mil bens logo derivam

(30) *Avertente autem te faciem, turbabuntur: auferes spiritum eorum, et deficient, et in pulverem suum revertentur.*

De ti, Senhor. Porêm, se os peccadores,
Ingratos, destes bens em fim se privam;
Se irado, furibundo
Voltas a face... treme, cessa o mundo.

No primitivo pó tudo se torna,
Foge o spirito, a vida desfallece;
Um lucto acerbo o globo desadorna,
E tudo a um sopro teu desapparece:
Mas se o contrario intimas,
Tudo renovas, tudo reanimas.

(31) *Emittes spiritum tuum, et creabuntur, et renovabis faciem terræ.*

HYMNO.

Demos gloria a Deos sem fim,
Perpetuamente cantemos;
As maravilhas que vemos
Recrêem seu Creador.

(32) *Sit gloria Domini in sæculum: lætabitur Dominus in operibus suis.*

Se olha para a terra, treme;
Se toca os montes, fumegam:
Todos os sêres se entregam
A seu doce e sancto ardor.

(33) *Qui respicit terram, et facit eam tremere: qui tangit montes, et fumigant.*

Cantarei seus attributos
Em quanto a vida me dura:
Cante toda a creatura
Portentos do seu amor.

(34) *Cantabo Domino in vita mea: psallam Deo meo, quamdiu sum.*

Seja-lhe grato o meu canto;
Só cantá-lo me deleita,
Se o Senhor benigno acceita
Meus hymnos em seu louvor.

(35) *Jucundum sit ei eloquium meum: ego verò delectabor in Domino.*

Fujam da terra os malvados,
Cesse no mundo a malicia;
E seja a nossa delicia
Celebrar sempre o Senhor.

(36) *Deficiant peccatores à terra, et iniqui, ita ut non sint: benedic anima mea Domino.*

PSALMO CIV.

Alleluia (*).

Hymno festival.

(1) *Confitemini Domino, et invocate nomen ejus: annuntiate inter gentes opera ejus.*

(2) *Cantate ei, et psallite ei: narrate omnia mirabilia ejus.*

Gloria a Deos! Invocai seu sancto nome;
As magnificas obras de seu braço
Annunciai aos povos;
Componde alegres hymnos,
Com musicos sonoros instrumentos
Segui a narração de seus portentos.

(3) *Laudamini in nomine sancto ejus: lætetur cor quærentium Dominum.*

(4) *Quærite Dominum, et confirmamini: quærite faciem ejus semper.*

Exaltando seu nome, gloriai-vos;
Os corações se inundem de alegria
Dos que ao Senhor procuram:
Alentai vossas almas;
Buscai a Deos, sereis fortalecidos,
E ao clarão de seu rosto esclarecidos.

(5) *Mementote mirabilium ejus, quæ fecit: prodigia ejus, et judicia oris ejus.*

Recordai assombrados seus prodigios:
Como a seu mando as leis da Natureza
Submissas se dobraram!
Que dictames sublimes
Pronunciou aos homens, revelando
Os caminhos que aos Ceos nos vão levando!

(6) *Semen Abraham servi ejus: filii Jacob electi ejus.*

(7) *Ipse Dominus Deus noster; in universa terra judicia ejus.*

Vós, servos do Senhor, filhos de Abrão,
De Jacob descendentes, e escolhidos
Do nosso Deos piedoso!
Manifestos na terra
Os argumentos são da sua essencia,
Do seu saber da sua omnipotencia.

(*) No liv. 1. dos Paralipomenos, c. 16. v. 8. se attesta que David compoz este psalmo para a trasladação da Arca de casa de Obededomo para o tabernaculo em Sião.

Sempre a sua alliança tem presente;
Da infallivel palavra se recorda,
Que por seculos tantos
Mil gerações attestam:
Que disse a Abrão, e lá do ethereo assento
A Isaac confirmou com juramento.

(8) *Memor fuit in sæculum testamenti sui: verbi, quod mandavit in mille generationes.*

(9) *Quod disposuit ad Abraham, et juramenti sui ad Isaac.*

Juramento sagrado, transmittido
Quasi em lei a Jacob; depois fixado
Entre os Israelitas
Como penhor sublime
Da piedade de um Deos amante e terno,
E convertido em pacto sempiterno.

(10) *Et statuit illud Jacob in præceptum, et Israel in testamentum æternum.*

«Eu vos dou (disse Deos) em propriedade
De Canahan a terra, como herança;
Gozai-a, repartindo
Os seus ferteis contornos
Entre vós; bem que pingue este terreno,
Vós estranhos, e povo tão pequeno.»

(11) *Dicens: tibi dabo terram Chanaan, funiculum hæreditatis vestræ.*

(12) *Cum essent numero brevi, paucissimi et incolæ ejus.*

De nação a nação manda que passe,
De reino grande a um povo d'emigrados;
Mas um povo escolhido
Que Deos ama e protege:
A jámais offendê-lo a gente obriga,
E se o offendem Reis, os Reis castiga.

(13) *Et pertransierunt de gente in gentem, et de regno ad populum alterum.*

(14) *Non reliquit hominem nocere eis, et corripuit pro eis reges.*

—«Prohibo que se insultem meus ungidos;
Que se murmure contra meus prophetas,
Que conferem comigo;
A quem de luz celeste
Os raios luminosos communico,
E em clara voz oraculos lh' explico.»

(15) *Nolite tangere christos meos, et in prophetis meis nolite malignari.*

(16) *Et vocavit famem super terram: et omne firmamentum panis contrivit.*

Bradou dos Ceos, chamou a fome á terra;
Arrazou todo o chão que nutre os homens:
Da lei os transgressores,
Pallidos, semivivos,
Aterrados vacillam, não respiram;
Desfallecidos caẽ, e logo espiram.

(17) *Misit ante eos virum: in servum venundatus est Joseph.*

(18) *Humiliaverunt in compedibus pedes ejus: ferrum pertransiit animam ejus: donec veniret verbum ejus.*

Adiante alli manda um homem raro,
Vendido como escravo, desprezivel
Aos olhos dos humanos:
Joseph, pobre, humilhado,
Com braga aos pés, tem a alma trespassada
Té se cumprir de Deos a voz sagrada.

(19) *Eloquium Domini inflammavit eum: misit Rex, et solvit eum; princeps populorum, et dimisit eum.*

Com a lei do Senhor, em sancto fogo
Lhe ardia o coração: ignoto influxo
Fez que o Rei o soltasse;
Que o Principe dos povos
Nelle indicios celestes observasse,
E apesar da calumnia o libertasse.

(20) *Constituit eum Dominum domus suæ, et principem omnis possessionis suæ.*

(2) *Ut erudiret principes ejus, sicut semetipsum, et senes ejus prudentiam doceret.*

De seu regio palacio, seus estados
Supremo Director o constitue;
Para que seus exemplos,
Seu methodo e sciencia
A seus grandes instrua, e ver lhes faça
Que ignorar e ser grande é uma desgraça.

Os semi-sabios, peste dos Estados,
Os moços sem principios, presumidos,
Aspirantes aos cargos;
Os velhos que reputam
Cans por estudos, annos por sciencia,
Quer que aprendam dictames de prudencia.

Jacob, que tinha entrado já no Egypto,
E na terra de Cham peregrinado,
Do Senhor protegido
Tanto augmentou seu povo,
Que aos proprios inimigos excedia
Em gente, em robustez e valentia.

(22) *Et intravit Israel in Ægyptum, et Jacob accola fuit in terra Cham.*

(23) *Et auxit populum suum vehementer, et firmavit eum super inimicos ejus.*

Destes os corações se amotinaram,
E contra os d'Israel em odio ardendo,
Com mil traições e enredos
Tyrannos os vexaram.
Deos seu servo Moysés então lh' envia,
E Arão, que sacerdote este elegia.

(24) *Convertit cor eorum, ut odirent populum ejus, et dolum facerent in servos ejus*

(25) *Misit Moysem servum suum, Aaron, quem elegit ipsum.*

Poz nas mãos destes homens seus milagres;
E na terra de Cham com mil prodigios
Confirmou quanto disse
O Conductor do povo;
E os insultos dos feros inimigos
Cohibio c'os mais asperos castigos.

(26) *Posuit in eis verba signorum suorum in terra Cham.*

Apagaram-se os astros luminosos;
De trevas se cobrio a terra toda:
As aguas escorreram
Convertidas em sangue;
Os peixes aturdidos se esconderam,
E nas cavernas lôbregas morreram.

(27) *Misit tenebras, et obscuravit: et non exacerbavit sermones suos.*

(28) *Convertit aquas eorum in sanguinem, et occidit pisces eorum.*

Assaltaram as rãs os aposentos,
Do proprio Rei as salas magestosas;
Importunos insectos
Em cardumes ferinos
Por toda a parte os homens insultaram;
Fructos, plantas, e tudo devoraram.

(29) *Edidit terra eorum ranas in penetralibus regum ipsorum.*

(30) *Dixit, et venit cœnomyia, et ciniphes in omnibus finibus eorum.*

(31) *Posuit pluvias eorum grandinem, ignem comburentem in terra ipsorum.*

Trocaram-se em saraiva as ferteis chuvas,
Fogo devorador choveo na terra;
Crestaram-se as figueiras,
Dessecaram-se as vinhas;

(32) *Et percussit vineas ipsorum, et ficulneas eorum, et contrivit lignum finium eorum.*

Em pedaços os troncos estallaram,
Os vegetaes viçosos se murcharam.

(33) *Dixit, et venit locusta, et bruchus, cujus non erat numerus.*

Chamou sobre as searas outra praga:
Gafanhotos, lagartas devorantes
Sem numero vieram;
Acometteram tudo,

(34) *Et comedit omne fœnum in terra eorum, et comedit omnem fructum terræ eorum.*

Os pastos pingues todos consumiram,
E os fructos que os pomares produziram.

(35) *Et percussit omne primogenitum in terra eorum, primitias omnis laboris eorum.*

As primicias do amor, os primogenitos
Não quiz poupar a colera divina;
A vingança celeste
Nos corações maternos
Fartou-se: a magoa em vão ha de achar cores
Com que debuxe a imagem destas dores.

(36) *Et eduxit eos cum argento, et auro, et non erat in tribubus eorum infirmus*

Deos em fim da oppressão em que gemia
Israel libertou. Com seus thesouros
Sãos e salvos do Egypto
Os retirou piedoso.

(37) *Lætata est Egyptus in profectione eorum, quia incubuit timor eorum super eos.*

Desta ausencia os Egypcios se alegravam,
Pois já do povo a força receavam.

(38) *Expandit nubem in protectionem eorum, et ignem, ut luceret eis per noctem.*

O Senhor estendeo, para encobri-los
Na fugida, uma nuvem portentosa;
De dia era um véo denso,
E luminosa á noite:
Para achar o caminho com acerto
Lhes servia de tocha no deserto.

Se alimento pediam, logo os ares
De gordas codornizes se cobriam:
Applacava-lhe a fome,
Fartava-lhe o appetite
Com manjar que do ceo lhes remettia,
E a sêde com milagres lh' extinguia.

(39) *Petierunt, et venit coturnix, et pani cœli saturavit eos.*

Uma rocha quebrou Moysés co' a vara,
Logo abundantes aguas dimanaram;
E no arido terreno
Rebentam fontes, rios:
Deos recorda a promessa que fizera,
Cumpre a seu servo Abrão quanto dissera.

(40) *Dirupit petram, et fluxerunt aquæ, abierunt in sicco flumina.*

(41) *Quoniam memor fuit verbi sancti sui, quod habuit ad Abraham puerum suum.*

De tal modo levou seu povo alegre
Por entre as brenhas de um deserto extenso;
Deo-lhe as ferteis campinas
De outras nações mais ricas:
As fadigas antigas lhe repara
Com quanto a industria dessas alcançara.

(42) *Et eduxit populum suum in exultatione, et electos suos in lætitia.*

(43) *Et dedit illis regiones gentium, et labores populorum possederunt.*

Tantos favores teem por fim que observem,
Sem discrepar, seus sanctos mandamentos;
Que n'alma se lh' imprimam
Dogmas da lei sagrada:
Para que um povo tal, recto e contente,
Possa honrá-lo e louvá-lo dignamente.

(44) *Ut custodiant justificationes ejus, et legem ejus requirant.*

PSALMO CV.

Alleluia, Alleluia (•).

(1) *Confitemini Domino, quoniam in sæculum misericordia ejus.*

GLORIA ao Senhor, que em factos portentosos
Tão bom se mostra! tanta gloria o cerca!
Áquelle que por seculos estende
As suas misericordias!

(2) *Quis loquetur potentias Domini, auditas faciet omnes laudes ejus?*

Quaes podem competir-lhe pensamentos,
Ou phrases que relatem seus portentos?

(3) *Beati qui custodiunt judicium, et faciunt justitiam in omni tempore.*

Ditosos os fieis que não se apartam
Das regras da justiça; e em cujas almas
Arde o fogo de amor, que, ó Deos, accendes!

(4) *Memento nostri, Domine, in beneplacito populi tui: visita nos in salutari tuo.*

Lembra-te do teu povo,
Traze-lhe a salvação que prometteste;
Meu coração de meritos reveste.

(5) *Ad videndum in bonitate electorum tuorum, ad lætandum in lætitia gentis tuæ: ut lauderis cum hæreditate tua.*

A fim que chegue o dia em que alcancemos
As delicias que teus eleitos gozam,
Os bens que ao povo teu já destinaste:
E com eterno applauso
Em nós sejas tambem glorificado,
Na tua propria herança celebrado.

(6) *Peccavimus cum patribus nostris, injustè egimus, iniquitatem fecimus.*

É verdade, Senhor, que lá no Egypto
Em nossos paes peccámos; nossas obras,
Cheias de iniquidade, injustas foram:

(7) *Patres nostri non intellexerunt in Ægypto mirabilia tua: non fuerunt memores multitudinis misericordiæ tuæ.*

Mas os nossos maiores
Illusos não pensavam no que viam,
Nem tuas maravilhas entendiam.

(•) Assim como no precedente psalmo se referem os prodigios que Deos obrou em beneficio do seu povo desde Abraham até á saida do Egypto, assim neste, começando desta epocha, se continua a historia até aos tempos posteriores.

Junto á praia Erythréa trepidaram,
Vendo as ondas do mar encapelladas,
E correr-lhe no encalço a Egypcia gente:
Morta a fé na sua alma,
Com crimeza a Moysés do risco accusam,
Insultam-no, e a segui-lo se recusam.

Irritaram-te, ó Deos! Bem mereciam
Que a tua mão severa os castigasse:
Mas piedoso, por gloria do teu nome,
Para que transluzisse
Teu podêr, triumphando em tal conflicto,
Não lh' imputaste o susto por delicto.

O mar Roxo increpaste, e promptamente
As timoratas ondas divididas
Em muros de cristal se converteram:
Ficou secco o terreno:
No abysmo os levas por caminho certo,
Como os guiaste outr'ora no deserto.

Aos raivosos, que audazes os seguiam,
Arrancaste-os das mãos, puzeste em salvo;
E dissolvendo as aguas de repente
Sobre seus inimigos,
Foi o exercito inteiro submergido,
Não ficou um só delles excluido.

Então acreditaram teus prodigios:
Então alçando aos Ceos as vozes gratas
Entoaram, Senhor, os teus louvores.
Mas oh fraqueza humana!
Da lembrança estas graças se apagaram,
Nem da promessa o exito esperaram.

(8) *Et irritaverunt ascendentes in mare, mare rubrum.*

(9) *Et salvavit eos propter nomen suum, ut notam faceret potentiam suam.*

(10) *Et increpuit mare rubrum, et exsiccatum est, et deduxit eos in abyssis, sicut in deserto.*

(11) *Et salvavit eos de manu odientium, et redemit eos de manu inimici.*

(12) *Et operuit aqua tribulantes eos: unus ex eis non remansit.*

(13) *Et crediderunt verbis ejus, et laudaverunt laudem ejus.*

(14) *Cito fecerunt, obliti sunt operum ejus, et non sustinuerunt consilium ejus.*

(15) *Et concupierunt concupiscentiam in deserto, et tentaverunt Deum in inaquoso.*

(16) *Et dedit eis petitionem ipsorum, et misit saturitatem in animas eorum.*

Saudosos, no deserto, do deleite
Que no parco manjar do Egypto achavam,
Neste sitio inaquoso a Deos tentaram:
Torna o Senhor benigno
A apagar-lhes da sêde o ardor violento;
E do ceo lh' enviou novo sustento.

(17) *Et irritaverunt Moysen in castris, Aaron sanctum Domini.*

(18) *Aperta est terra, et deglutivit Dathan, et operuit super congregationem Abiron.*

Mas a intriga insultante assalta o sceptro,
Attaca a mitra, e o summo sacerdocio:
Moysés e Arão, da sedição cercados,
No Senhor só confiam.
Corisca o ceo; a terra se abre e abysma
Os revoltosos chefes deste schisma.

(19) *Et exarsit ignis in synagoga eorum, flamma combussit peccatores* (*).

Rompe-se o pavimento, a Dathan traga;
D'Abiron a sequella criminosa
Toda em chammas vorazes se consome;
Destroe a synagoga
Fogo devorador. Lição tremenda!
Mas inutil, que o povo não se emenda.

(20) *Et fecerunt vitulum in Horeb, et adoraverunt sculptile.*

(21) *Et mutaverunt gloriam suam, in similitudinem vituli comedentes fœnum.*

Ante um vitello d'ouro se prosternam,
Vil imagem de um bruto que nos campos
Se alimenta de flores e de fêno:
Por este simulachro
Trocam o Deos dos Ceos, que os amparava,
A gloria sua, a fé que os resgatava.

(*) Core, Dathan, Abiron, e On revoltaram-se contra Moysés e Arão. O Levita Core não podia soffrer que o Pontificado houvesse de continuar perpetuamente na familia de Arão. Dathan e os outros, que descendiam de Ruben, primeiro filho de Jacob, não podiam levar á paciencia que o imperio estivesse na mão de Moysés. Indignando-se Deos por isso, foram os chefes engolidos pela terra; e os mais, em numero de 250, queimados por uma chamma que sahio do tabernaculo: e tal foi o infelicissimo desfecho da sua ambição, a qual, no dizer de Seneca, *semper ire vult, et non potest stare, non aliter quam in præceps dejecta pondera quibus eundi finis est jacuisse.*

(Mattei.)

Esquecem-lhe os prodigios lá do Egypto,
Os da terra de Cham já lhes não lembram:
Quão terrivel e grande Deos se mostra
Nas aguas do mar Rubro;
Quanto em toda a occurrencia o povo alcança,
Tudo absorve uma ingrata deslembrança.

(22) *Obliti sunt Deum, qui salvavit eos, qui fecit magnalia in Ægypto, mirabilia in terra Cham, terribilia in mari rubro.*

Deos, resoluto já a exterminá-los,
Ia a ferir, se o Conductor sublime,
Moysés, não expuzesse o peito ao golpe:
Risca-me do teu livro,
Ou perdoa a este povo, Moysés disse,
A fim que Deos piedoso o não punisse.

(23) *Et dixit, ut disperderet eos, si non Moyses electus ejus stetisset in confractione in conspectu ejus.*

(24) *Ut averteret iram ejus, ne disperderet eos, et pro nihilo habuerunt terram desiderabilem.*

Insensiveis a tanta heroicidade,
Da appetecida terra já não cuidam;
Uns com outros do Chefe murmuraram:
Incredulos sem tino,
Por palavras chimericas reputam
As de Moysés, tão pouco a Deos escutam.

(25) *Non crediderunt verbo ejus, et murmuraverunt in tabernaculis suis: non exaudierunt vocem Domini.*

Infelizes! assim abandonados
No tenebroso seio da ignorancia,
A Belphegor sagrados, se alimentam
De manjares mortiferos
Que com ritos absurdos sacrificam,
E ao falso nume illusos se dedicam.

(26) *Et elevavit manum suam super eos, ut prosterneret eos in deserto.*
(27) *Et ut dejiceret semen eorum in nationibus, et dispergeret eos in regionibus.*
(28) *Et initiati sunt Beelphegor* (*), *et comederunt sacrificia mortuorum.*

Novo insulto ao Senhor, novas ruinas

(29) *Et irritaverunt eum in adin-*

(*) Calmet na dissertação sobre o numen Beelphegor demonstra ser o mesmo que Adonis, cuja morte se pranteava todos os annos, em memoria do pranto que Venus tinha feito pelo mesmo motivo, e se celebravam os funebres banquetes de que estão cheios os livros dos mythologos. Este Adonis, segundo observa Calmet, era mais conhecido entre os orientaes pelo nome de Osiris, em cujo culto se usavam as mesmas ceremonias.

ventionibus suis, et multiplicata est in eis ruina.

(30) *Et stetit Phinees, et placavit, et cessavit quassatio.*

Provoca o sacrilegio sobre os impios:
Arde em zelo Phinéas; e irritado,
Vinga a lei offendida;
Applaca o Ceo, e pela extincta offensa
Obtem o sacerdocio em recompensa.

(31) *Et reputatum est ei in justitiam, in generationem et generationem, usque in sempiternum.*

Deos lhe imputa a justiça o sacrificio,
E em premio lhe confere a dignidade
Que nos seus descendentes perpetúa;
Pois d'Israel o crime
Tinha expiado, e dado exemplo ao mundo
Do respeito que a Deos deve profundo.

(32) *Et irritaverunt eum ad aquas contradictionis, et vexatus est Moyses propter eos, quia exacerbaverunt spiritum ejus.*

(33) *Et distinxit in labiis suis: non disperdiderunt gentes, quas dixit Dominus illis.*

Mas oh fatal cegueira! Junto ás aguas
De Merab a peccar tornam de novo;
Moysés mesmo turbado se complica,
Responde vacillante:
Poupa sem tino os que o Senhor reprova,
E contagioso escandalo renova.

(34) *Et commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum, et servierunt sculptilibus eorum, et factum est illis in scandalum.*

Confundem-se as nações, o povo Hebraico
Habitua-se aos erros dos visinhos,
Rende culto a seus idolos profanos:
Tropêço escandaloso
Se lhe faz esta estranha companhia
Da gente que frequenta noite e dia.

(35) *Et immolaverunt filios suos, et filias suas dæmoniis.*

(36) *Et effuderunt sanguinem innocentem: sanguinem filiorum suorum, et filiarum suarum, quas sacrificaverunt sculptilibus Chanaan.*

Em seu peito emmudece a natureza:
Immolam sem piedade os charos filhos
Nas aras do demonio: inunda o sangue
Destas hostias humanas
O altar dos falsos numens Chananeos,
Tão crueis, que antes não tivessem Deos.

Adulterada a fé que ao Senhor deram,
Infectaram a terra ensanguentada,
E a corruptos deleites se entregaram.
Contra o perverso povo
Deos agastado, com furor domina
A sua propria herança, que abomina.

(37) *Et infecta est terra in sanguinibus, et contaminata est in operibus eorum, et fornicati sunt in adinventionibus suis.*

(38) *Et iratus est furore Dominus in populum suum, et abominatus est hæreditatem suam.*

Ao podêr das nações por fim o entrega;
Jugo ferreo lhe impõe quem mais o odêa;
Seus feros inimigos o atribulam:
Mas, luttando a piedade
Co' a justiça, ora afflige, ora mitiga
Dores com que estes perfidos castiga.

(39) *Et tradidit eos in manus gentium, et dominati sunt eorum, qui oderunt eos.*

(40) *Et tribulaverunt eos inimici eorum, et humiliati sunt sub manibus eorum, sæpe liberavit eos.*

Inconsid'rada gente! De que serve
Esta enchente de tantas misericordias?
Humilhados na sua iniquidade,
Nutrem-se dos abusos;
E debaixo do jugo castigados,
Renovam sem pudor os seus peccados.

(41) *Ipsi autem exacerbaverunt eum in consilio suo, et humiliati sunt in iniquitatibus suis.*

Mas os pezares crescem, pésa o jugo
Que as cabeças indomitas sopêa:
A celeste piedade então desperta;
Recordando a alliança,
Escuta sentidissimos clamores;
Suppre com misericordias seus rigores.

(42) *Et vidit, cum tribularentur, et audivit orationem eorum.*

(43) *Et memor fuit testamenti sui, et pœnituit eum secundum multitudinem misericordiæ suæ.*

Serenou corações que consolassem
No triste captiveiro o povo afflicto.
Ah Senhor! não retardes teu soccorro:
Salva-nos compassivo
Da triste escravidão em que vivemos:
Co' este estado infeliz já não podemos.

(44) *Et dedit eos in misericordias in conspectu omnium, qui ceperant eos.*

(45) *Salvos nos fac, Domine Deus noster, et congrega nos de nationibus.*

(46) *Ut confiteamur nomini sancto tuo, et gloriemur in laude tua.*

(47) *Benedictus Dominus Deus Israel à sæcula, et usque in sæculum: et dicet omnis populus, fiat, fiat* (*).

Somos, Senhor, teus filhos consternados;
Como Pae nos liberta, e nos conforta:
Alentados, teu nome confessando,
Teus louvores tecendo,
Será nossa ventura permanente,
E tu glorificado eternamente.

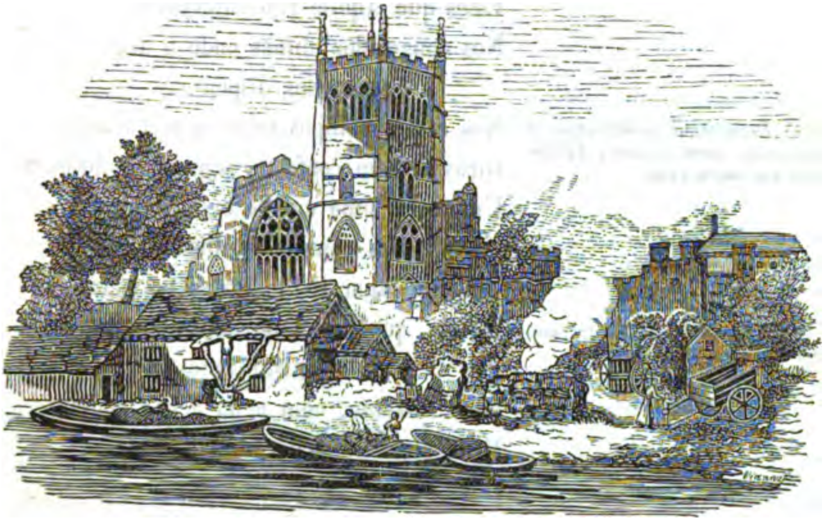
(*) Este ultimo versiculo é o costumado remate que os compiladores additaram no fim de cada livro: corresponde ao *Gloria Patri* de que usamos no fim de todos os psalmos, e áquellas palavras que nas edicções dos livros sacros se encontram em lugar do simples *finis*, *explicit*.

FIM DO LIVRO IV.

LIVRO V.

DOS

PSALMOS.



PSALMO CVI.

CANTATA.

Alleluia

1.º LEVITA.

CELEBREMOS n'um cantico amoroso
Do Senhor a piedade, que s'estende
Por seculos sem fim. Digam-no aquelles
Que das mãos oppressivas d'inimigos
Compassivo liberta:
Os que em duro exterminio,
Em regiões distantes espalhados,
Recolheo para os lares desejados:

(1) *Confitemini Domino, quoniam bonus, quoniam in sæculum misericordia ejus.*

(2) *Dicent, qui redempti sunt à Domino, quos redemit de manu inimici, et de regionibus congregavit eos.*

(3) *A solis ortu, et occasu, ab aquilone, et mari.*

Esses que sem abrigo, ao sol expostos,
Tisnava ardor insano;
Esses que Áquilo rijo entorpecia
Nos congelados climas onde o dia
Escassa luz dispensa:

(4) *Erraverunt in solitudine in inaquoso: viam civitatis habitaculi non invenerunt.*

Nos ermos campos sobre a secca arêa
Giravam sem conforto, sem que achassem
Um tecto, uma cidade onde morassem;
Um caminho trilhado,
Que um lugar lh' indicasse povoado:

(5) *Esurientes, et sitientes, anima eorum in ipsis defecit.*

Outros, que pela fome atormentados,
Pela sêde abrazados,
Nem sustento, nem agua achar podiam,
E na angustia maior desfalleciam.

CORO.

(6) *Et clamaverunt ad Dominum, cum tribularentur, et de necessitatibus eorum eripuit eos.*

Para os ceos o povo afflicto,
Em tanta calamidade,
Clama, supplíca, suspira,
E alcança de Deos piedade.

LEVITA.

(7) *Et deduxit eos in viam rectam, ut irent in civitatem habitationis.*

Com mão potente o retira
De sitios tão escabrosos;
E o transporta de um deserto
A lugares populosos.

CORO.

(8) *Confiteantur Domino misericordiæ ejus, et mirabilia ejus filiis hominum.*

Té aos ceos cheguem os ecchos
De nossos hymnos cadentes,

Pelas graças que salvaram
As agradecidas gentes.

LEVITA.

Quando já desfallecidos
Se lh' ia extinguindo a vida,
Lhes restaurou com manjares
A força quasi perdida.

(9) *Quia satiavit animam inanem, et animam esurientem satiavit bonis.*

2.° LEVITA.

Sentados entre trevas, rodeados
Pelas sombras da morte, submergidos
Em trattos de afflicção, prisões de ferro,
Que só da vida o termo quebrar póde,
Sem refrigerio algum se lamentavam.
Neste misero estado em que gemiam
Maior dor era ver que o mereciam:
Pois que as leis esqueceram,
Do Altissimo os preceitos desprezaram,
E ingratos o Senhor tanto irritaram.
Seus corações, por magoas humilhados,
Sem força já, só fartos d'amargura,
Não tinham quem lhes désse
Soccorro algum em tanta desventura.

(10) *Sedentes in tenebris, et umbra mortis: vinctos in mendicitate, et ferro.*

(11) *Quia exacerbaverunt eloquia Dei, et consilium Altissimi irritaverunt.*

(12) *Et humiliatum est in laboribus cor eorum, infirmati sunt, nec fuit, qui adjuvaret.*

CORO.

Para os ceos o povo afflicto,
Em tanta calamidade,
Clama, supplica, suspira,
E alcança de Deos piedade.

(13) *Et clamaverunt ad Dominum, cum tribularentur, et de necessitatibus eorum liberavit eos.*

LEVITA.

(14) *Et eduxit eos de tenebris, et umbra mortis, et vincula eorum disrupit.*

Das trevas iguaes á morte
Dissipou a escuridade;
Quebrou ao seu povo os ferros,
Restaurou-lhe a liberdade.

CORO.

(15) *Confiteantur Domino misericordiæ ejus, et mirabilia ejus filiis hominum.*

Té aos ceos cheguem os ecchos
De nossos hymnos cadentes,
Pelas graças que salvaram
As agradecidas gentes.

LEVITA.

(16) *Quia contrivit portas æreas, et vectes ferreos confregit.*

Arrancou as bronzeas portas
Que os carceres defendiam:
Mostrou-nos a luz e os astros
Que nos ceos resplandeciam.

3.° LEVITA.

(17) *Suscepit eos de via iniquitatis eorum, propter injustitias enim suas humiliati sunt.*

Com auxilio celeste, compassivo,
Do caminho infeliz da iniquidade
Nos desviou benigno:
A que infortunio os erros nos levaram!
Entre miserias mil, centos de magoas
Consumimos os dias:

(18) *Omnem escam abominata est anima eorum: et appropinquaverunt usque ad portas mortis.*

Por tantas injustiças humilhados,
O peito angustiado, a alma opprimida,
A inexoravel morte desejava
Cada qual que em seus erros meditava;
Não comia, o sustento detestando,

Quasi ás portas da morte ia chegando.
Quando o Senhor piedoso
Julgou terem seus crimes expiado,
E os salvou deste afflicto e acerbo estado.

CORO.

Para os Ceos o povo afflicto,
Em tanta calamidade,
Clama, supplíca, suspira,
E alcança de Deos piedade.

(19) *Et clamaverunt ad Dominum, cum tribularentur, et de necessitatibus eorum liberavit eos.*

LEVITA.

Mandou que o Verbo descesse,
E lhes restaurasse a vida;
Fallou, e recuperaram
A força quasi perdida.

(20) *Misit verbum suum, et sanavit eos, et eripuit eos de interitionibus eorum.*

CORO.

Té aos Ceos cheguem os ecchos
De nossos hymnos cadentes,
Pelas graças que salvaram
As agradecidas gentes.

(21) *Confiteantur Domino misericordiæ ejus, et mirabilia ejus filiis hominum.*

LEVITA.

Vinde, ó Povos, offertar-lhe
Sacrificios de louvor;
Com jubilo celebremos
As obras do Redemptor.

(22) *Et sacrificent sacrificium laudis, et annuntient opera ejus in exultatione.*

4.° LEVITA.

(23) *Qui descendunt mare in navibus, facientes operationem in aquis multis,*

(24) *Ipsi viderunt opera Domini, et mirabilia ejus in profundo.*

Os que em naus arrogantes sulcam mares,
Trabalhando entre as ondas agitadas,
Vêem com pasmo os prodigios que Deos obra,
Que scenas apresenta o reino undoso.

(25) *Dixit et stetit spiritus procellæ, et exaltati sunt fluctus ejus.*

Diz com imperio aos ares:
« Sopre o vento vehemente »
Borrascas desenrola, obediente:

(26) *Ascendunt usque ad cælos, et descendunt usque ad abyssos: anima eorum in malis tabescebat.*

As aguas se levantam revoltosas,
Em cristallinos montes transformadas,
Ou caẽ no abysmo já precipitadas.

(27) *Turbati sunt, et moti sunt, sicut ebrius, et omnis sapientia eorum devorata est.*

Embriaco de susto o navegante,
Esvaece-lhe a prudencia,
Vacilla, treme, e em tal adversidade
Entrega-se sem tino á tempestade.

Coro.

(28) *Et clamaverunt ad Dominum, cum tribularentur, et de necessitatibus eorum eduxit eos.*

Para os Ceos a gente afflicta,
Em tanta calamidade,
Clama, supplica, suspira,
E alcança de Deos piedade.

Levita.

(29) *Et statuit procellam ejus in auram, et siluerunt fluctus ejus.*

Trocou-se o vento em bonança,
As ondas emmudeceram;
Com tal silencio dos mares
Todos de prazer se encheram.

(30) *Et lætati sunt, quia siluerunt, et deduxit eos in portum voluntatis eorum.*

Nas mansas aguas contentes
Docemente navegaram,
E na praia desejada
Jubilosos aportaram.

CORO.

Té aos ceos cheguem os ecchos
De nossos hymnos cadentes,
Pelas graças com que salva
As agradecidas gentes.

(31) *Confiteantur Domino misericordiæ ejus, et mirabilia ejus filiis hominum.*

LEVITA.

Corra ao templo a plebe grata,
Os grandes, os senadores,
E entoem agradecidos
Ao Senhor dignos louvores.

(32) *Et exaltent eum in ecclesia plebis, et in cathedra seniorum laudent eum.*

1.° LEVITA.

Que generosa serie de prodigios
Ao nosso Deos devemos!
Reluz piedoso, aterra justiceiro,
Fixando aos actos premios ou castigo:
Ora em secco deserto troca os rios,
Ora em rios converte a secca arêa.
A fructifera terra faz esteril,
Se a malicia de seus habitadores
De seu amor despreza os dons melhores.
Mas se contrictos, doceis o invocavam,
Inhospitos desertos
Fertilissimos lagos se tornavam:
Vestia de verdura áridos montes,
Das rochas rebentavam claras fontes.
Alli, da sêde e ardor apaziguando,
Com mais alento os homens foi levando
Ao sitio onde habitassem
E a sublime Cidade alli fundassem.

(33) *Posuit flumina in desertum, et exitus aquarum in sitim.*

(34) *Terram fructiferam in salsuginem, à malitia inhabitantium in ea.*

(35) *Posuit desertum in stagna aquarum, et terram sine aqua in exitus aquarum.*

(36) *Et collocavit illic esurientes, et constituerunt civitatem habitationis.*

(37) *Et seminaverunt agros, et plantaverunt vineas, et fecerunt fructum nativitatis* (*).

Neste campo aprazivel
Deos colloca o seu povo:
Destros o pão semêam, plantam vinhas,
A dourada seara os campos cobre;
Ao gigantesco ulmeiro a vide abraça,
E em vistosas grinaldas se entrelaça:
Á industria, á vigilancia
Corresponde dos fructos a abundancia.

(38) *Et benedixit eis, et multiplicati sunt nimis, et jumenta eorum non minoravit.*

Co' a benção do Senhor prosperou tudo:
Com pingues pastos sempre alimentados
Cresceram os rebanhos;

(39) *Et pauci facti sunt, et vexati sunt à tribulatione malorum, et dolore.*

E dentro em breves annos, bem que poucos'
E vexados por impios e miserias,
Cresceo a Nação tanto
Que dos seus oppressores foi o espanto.

(40) *Effusa est contemptio super principes, et errare fecit eos in invio, et non in via.*

Nos Principes crueis que os perseguiam
Recahio o desprezo;
Deos os largou, de si se confiaram:
Com desacordo por caminho errado
Correram a encontrar fim desgraçado.

(41) *Et adjuvit pauperém de inopia, et posuit sicut oves familias.*

Deos aos humildes acudio benigno;
Cresceram as familias como cresce
Rebanho numeroso e bem trattado.

(42) *Videbunt recti, et lætabuntur, et omnis iniquitas oppilabit os suum.*

Alegraram-se os bons co' esta ventura;
Os máos, de raiva os labios se morderam,
Ao ver quanto perderam.

Coro.

(43) *Quis sapiens et custodiet hæc? et intelliget misericordias Domini?*

Tão patentes misericordias
Que affectos gratos excitam!...
Poucos sabios ha no mundo
Que attentamente as meditam.

(*) O Hebreo tem *fructum proventus;* e a versão dos Settenta *fructum germinis.*

PSALMO CVII.

Cantico de David.

Canticum Psalmus David.

PROMPTO estou, oh meu Deos! Queres q'eu cante?
Que a cithara encordoe, accenda o estro?
E com hymnos harmonicos rompendo
O silencio da noite,
A engrandecer-te a minha voz se affoite?

(1) *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum: cantabo, et psallam in gloria mea.*

Sim, cantarei, Senhor; nas densas grutas
Acordarei os ecchos; nas montanhas
Retumbarão meus canticos alegres:
Minha voz entoada
Encontrará nos Ceos a madrugada.

(2) *Exsurge gloria mea, exsurge psalterium, et cithara, exsurgam diluculo.*

Entre os povos do mundo irão meus versos
Celebrar tuas obras estupendas;
Confessar entre as gentes quanto é grande
O teu nome, que adoro;
E com ellas cantar-te em geral coro.

(3) *Confitebor tibi in populis, Domine, et psallam tibi in nationibus.*

Direi que sobre os ceos, e sobre a terra
Tua gloria se estende; que se iguala
O teu podêr á tua misericordia;
Que da tua verdade
Da terra ás nuvens chega a claridade.

(4) *Qui magna est super cœlos misericordia tua, et usque ad nubes veritas tua.*

Sejas pois exaltado sobre os astros,
Abranja a gloria tua quanto existe;
Do nosso amor te cerque a chamma viva:
Em suaves concentos
Transluzam os mais altos pensamentos.

(5) *Exaltare super cœlos, Deus, et super omnem terram gloria tua.*

(6) *Ut liberentur dilecti tui: salvum fac dextera tua, et exaudi me: Deus locutus est in sancto suo.*

Sempre te louvaremos; mas accita
Nossas preces, Senhor! Hoje renova
Os favores antigos, os prodigios:
Ah! sim, já no meu peito
Deste presentimento alcanço o effeito.

(7) *Exultabo, et dividam Sichimam, et convallem tabernaculorum dimetiar.*

Já Deos no templo falla; á fé promette
Os triumphos que a supplica lh' implora:
Ouço a trompa guerreira, os instrumentos
Que applaudem a victoria
Que a Deos e aos seus dilectos dará gloria.

Dos campos de Sichem já me apodero,
Já co' as tropas reparto a rica prêsa;
Galaad, Manassés são meus; augmenta
Do meu reino a opulencia
Ephraim, assegura-me a existencia.

(8) *Meus est Galaad, et meus est Manasses, et Ephraim susceptio capitis mei.*

(9) *Juda Rex meus, Moab lebes spei meæ.*

Na Real tribu de Judá florente
Ha de crear-se o tronco mais frondoso
Em que o solio se firme eternamente:
Potente a mão divina,
A posse de Moab me destina.

(10) *In Idumæam extendam calceamentum meum, mihi alienigenæ amici facti sunt.*

Calcarei da Iduméa a frente altiva,
Os Philisteos ferozes sujeitando;
Domará meu dominio estranhas gentes:
Virás, meu Deos, guiar-me:
Quem, senão tu, Senhor, ha de alentar-me?

(11) *Quis deducet me in civitatem munitam? quis deducet me usque in Idumæam?*

(12) *Nonne tu, Deus, qui repulisti nos, et non exibis, Deus, in virtutibus nostris?*

Só tu, Senhor! só tu, que nos resgatas,
Vindo á testa d'exercitos, valente;
Dos triumphos és dono; nossos braços

O teu podêr reforça:
Proveito é todo nosso, e tua a força.

Ampara-nos, Senhor, na lutta acerba;
Pois que toda a esperança nos humanos
Sua fragilidade desvanece:
Quando por ti chamamos,
Inimigos não ha que não vençamos.

(13) *Da nobis auxilium de tribulatione, quia vana salus hominis.*

Que proezas, que gloria alcançaremos
Entre os conflictos, quando Deos acode!...
Acode-nos benigno; reduzidos
A cinza e anniquilados
Ficarão, por teu braço, os depravados.

(14) *In Deo faciemus virtutem, et ipse ad nihilum deducet inimicos nostros.*

PSALMO CVIII.

As palavras e a musica são de David.

In finem psalmus David.

Senhor! falla por mim, rompe o silencio;
Sabes com que fervor tua gloria canto;
Já que a bocca dolosa
Dos crueis peccadores
Contra mim não ha mal que não profira,
Praguejando-me o estro, o canto, a lyra.

(1) *Deus, laudem meam ne tacueris, quia os peccatoris, et dolosi super me apertum est.*

Nos convertic'los máos eu sou o assumpto
Das fabulas mais loucas, mais absurdas;
E sem que lh'o mereça,
De raiva me circundam:
Sem razão de mim fogem, me reprovam,
E cada dia as magoas me renovam.

(2) *Locuti sunt adversum me lingua dolosa, et sermonibus odii circumdederunt me, et expugnaverunt me gratis.*

(3) *Pro eo ut me diligerent, detrahebant mihi: ego autem orabam.*

Amo a todos; não sei por que motivo
Tão mal me correspondem, me atormentam:
Oro por quem me offende;
Pagam-me amor com odio:

(4) *Et posuerunt adversum me mala pro bonis, odium pro dilectione mea.*

Sabes, Senhor, o mal que me desejam,
Como assim sem piedade me praguejam:

(5) *Constitue super eum peccatorem, et diabolus stet à dextris ejus.*

«Tenha sempre tyrannos a seu lado,
Satanaz á direita o martyrise;
Nelle a paz, a esperança
Co' a vida se lhe encurte:

(6) *Cum judicatur, exeat condemnatus, et oratio ejus fiat in peccatum.*

Se perante os juizes for levado,
Seja (mesmo innocente) condemnado.

«Se quizer desculpar-se, não o escutem,
Convertam-lhe as razões em maleficio;

(7) *Fiant dies ejus pauci, et episcopatum ejus accipiat alter* (*).

Seus dias afflictivos
Pezares abbreviem;
Perca em seus labios forças a verdade,
Outrem goze seus bens e dignidade.

(8) *Fiant filii ejus orphani, et uxor ejus vidua.*

«Expulsa dos paternos lares, vague
Por toda a terra a prole que gerara;

(9) *Nutantes transferantur filii ejus, et mendicent: et ejiciantur de habitationibus suis.*

Suspirem na orphandade
Os seus miseros filhos:
Contra o mais duro golpe sem defeza,
Soffra da viuvez toda a tristeza.

(10) *Scrutetur fœnerator omnem substantiam ejus, et diripiant alieni labores ejus.*

«Usurarios estranhos sem piedade
Lh' esgotem quanto herdou de seus maiores;
Quanto com mil fadigas
Resgatou trabalhando:

(*) O *episcopatum* no Hebreo é termo geral, *præfecturam*, porque então não havia Bispos.

Do fructo do que fez perca a esperança,
Veja em alheias mãos a sua herança.

«A sua geração extincta fique;
Se pensou que algum dia florecente
Qual arvore frondosa
Estenderia os ramos,
Perca a idéa; dos miseros pupillos
Ninguem se doa, neguem-se-lhe asylos.

(11) *Non sit illi adjutor, nec sit, qui misereatur pupillis ejus.*

«Morram todos os pais, morram os filhos,
N'uma só geração cesse o seu nome;
Na prole sem ventura
Recaia a fatal sorte
Dos seus progenitores desgraçados;
E sejam para sempre exterminados.

(12) *Fiant noti ejus in interitum, in generatione una deleatur nomen ejus.*

«Não só os seus peccados, mas aquelles
Que os paes e antepassados commetteram
Tenha Deos na lembrança;
Da mãe commum o crime
Jámais esqueça: e neste criminoso
Inflinja Deos as penas, rigoroso.

(13) *In memoriam redeat iniquitas patrum ejus in conspectu Domini: et peccatum matris ejus non deleatur.*

(14) *Fiant contra Dominum semper, et dispereat de terra memoria eorum, pro eo quod non est recordatus facere misericordiam.*

«Com sabêr falso, pouco lh' importaram
As bençãos do Senhor: nunca as alcance;
Em maldições lhe troque
Essas bençãos divinas:
Qual pelos poros filtra um oleo activo,
Filtre das pragas nelle o fogo vivo.

(15) *Et persecutus est hominem inopem, et mendicum, et compunctum corde mortificare.*

(16) *Et dilexit maledictionem, et veniet ei, et noluit benedictionem, et elongabitur ab eo.*

(17) *Et induit maledictionem, sicut vestimentum, et intravit, sicut aqua in interiora ejus, et sicut oleum in ossibus ejus.*

«Esta maldição pois o cubra e cerque
Como o cérca um vestido que lhe é justo;
Como o aperta uma facha

(18) *Fiat ei sicut vestimentum, quo operitur, et sicut zona, qua semper præcingitur.*

Que a cintura lhe cinge,
Sem que lh'a alargue alguem, ou que o soccorra;
E assim viva apertado até que morra.»

(19) *Hoc opus eorum, qui detrahunt mihi apud Dominum, et qui loquuntur mala adversus animam meam.*

Eis-aqui contra mim como se explicam,
Accesos em furor, meus inimigos:
Taes seus crueis desejos
Se exhalam furibundos:

(20) *Et tu, Domine, Domine, fac mecum propter nomen tuum, quia suavis est misericordia tua.*

Mas tu, meu Deos, restringe esta maldade,
Faze em mim triumphar tua bondade.

(21) *Libera me, quia egenus, et pauper ego sum, et cor meum conturbatum est intra me.*

Repara no que soffro, que pobreza,
Que miserias me cercam; como lutta
Em meu peito opprimido
Meu coração turbado:
Como a meus ais são surdos os humanos,
Como os alegra o aspecto de meus damnos.

(22) *Sicut umbra, cum declinat, ablatus sum: et excussus sum, sicut locustæ.*

Foge-me a vida como foge a sombra:
Sem domicilio certo, sem pousada,
Giro errante, assustado
D'um sitio a outro salto;
Temendo quanto a sorte me prepara,
Qual instavel locusta, que não pára.

Eis-aqui o que alcança quem me odêa;
Quanto o Senhor permitte áquelles impios
Que contra mim s'empenham
Em tecer dissabores,
Accumular tristeza desusada
Sempre sobre minha alma consternada.

(23) *Genua mea infirmata sunt à jejunio, et caro mea immutata est propter oleum.*

De fraqueza os joelhos se me dobram,
Com forçada abstinencia desfalleço;

Privado dos soccorros
Que prolongam a vida,
Dessecam-se-me os membros; carecendo
D'oleo que me restaure, vou morrendo.

Os barbaros ao ver-me se recrêam,
C'um sorriso insultante me atravessam;
Uns aos outros acenam
Para que a mofa augmente;
Por que meus infortunios todos vejam,
E mais me custe o mal de que motejam.

(24) *Et ego factus sum opprobrium illis: viderunt me, et moverunt capita sua.*

Ajuda-me, meu Deos! venha animar-me,
Venha salvar-me a tua misericordia;
E saibam os malvados
Que vem este soccorro
Da tua mão potente; que me acode
O Senhor que os domina, e tudo póde.

(25) *Ajuva me, Domine Deus meus, salvum me fac secundum misericordiam tuam.*

(26) *Et sciant, quia manus tua hæc: et tu, Domine, fecisti eam.*

Quando me amaldiçoem, doces bençãos
Derrama sobre mim, piedoso Numen!
Confunde-os quando irados
Contra mim se levantam:
Cobre em fim de vergonha a aleivosia,
Renascerá teu servo na alegria.

(27) *Maledicent illi, et tu benedices: qui insurgunt in me, confundantur: servus autem tuus lætabitur.*

Como envoltos n'um dobre manto, as faces
Encubram vergonhosos; retrocedam
Com temer de avistar-me:
Lançarei mão da lyra;
Triumphante, cercado de cantores,
Cantaremos em coro os teus louvores.

(28) *Induantur, qui detrahunt mihi, pudore, et operiantur, sicut diploide, confusione sua.*

(29) *Confitebor Domino nimis in ore meo, et in medio multorum laudabo eum.*

Direi que olhaste compassivo o pobre;

(30) *Quia adstitit à dextris pau-*

peris, ut salvam faceret à persequentibus animam meam.

Que me estavas á dextra, se gemia;
Que do furor dos impios
Me livraste amoroso;
Me acudiste na lutta mais renhida,
Me déste a liberdade, a paz, a vida.

PSALMO CIX.

Psalmus David.

De David.

(1) *Dixit Dominus Domino meo: sede à dextris meis.*

(2) *Donec ponam inimicos tuos, scabellum pedum tuorum.*

Disse o Pae increado ao Filho eterno:
«Senta-te á minha dextra, em quanto enfeixo
Os meus accesos raios, e destruo
Todos teus inimigos:
A teus pés humilhados,
Como degráos te sirvam, subjugados.

(3) *Virgam virtutis tuæ emittet Dominus ex Sion: dominare in medio inimicorum tuorum.*

«Arvorado em Sião será teu sceptro:
Ás mais distantes plagas teu dominio
Mandarei que se estenda, que realce
Teus famosos triumphos:
Os impios abatendo,
Sobre elles reinarás, todos vencendo.

(4) *Tecum principium in die virtutis tuæ, in splendoribus sanctorum, ex utero ante luciferum genuit te.*

«Sempre te ornei d'immensa sanctidade,
Filho meu, que gerei antes dos tempos,
Antes que o sol seguisse a estrella d'alva,
Ou que raiasse a aurora:
Teu Imperio seguro
Foi sempre sem passado nem futuro.»

(5) *Juravit Dominus, et non pæ-*

Jurou pois o Senhor; do juramento

Não póde arrepender-se, que immutavel
É quanto determina. E assim decreta:
«Tu, de Melchisedech
Na ordem consagrado,
O sacerdocio eterno te foi dado.

«Certo das forças do paterno braço,
Parte, attaca os potentes, desbarata,
Rompe, confunde as tramas dos tyrannos;
Restringe-lhe os podêres,
As cabeças lhe abate
No dia da justiça e do combate.»

A heroica espada empunha, tudo arraza;
Lutta, e doma inimigos indomaveis:
Julga os povos culpados, cobre a terra
D'estragos, de ruinas;
E ficam confundidos
Os projectos dos homens fementidos.

Victoria tal, destroço é tão severo,
Que em torrentes o sangue dos vencidos
Inunda o vencedor, e nelle gosta
As delicias da gloria:
Pomposa, radiante,
Alevanta a cabeça triumphante.

nitebit eum: tu es sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech.

(6) *Dominus à dextris tuis confregit in die iræ suæ Reges.*

(7) *Judicabit in nationibus, implebit ruinas, conquassabit capita in terra multorum.*

(8) *De torrente in via bibet, propterea exaltabit caput.*

PSALMO CX.

Alleluia.

(1) *Confitebor tibi. Domine, in toto corde meo, in consilio justorum, e congregatione.*

Com todo o coração sempre hei de amar-te,
Meu Deos! Na sociedade ou no retiro,
No templo ou na assembléa hei de invocar-te.

(2) *Magna opera Domini exquisita in omnes voluntates ejus.*

Nas tuas grandes obras sempre imprimes
O caracter de Auctor omnipotente,
E o sêllo dos designios mais sublimes.

(3) *Confessio et magnificentia opus ejus, et justitia ejus manet in sæculum sæculi.*

Podêr, magnificencia não se occulta
Em quanto obraste; justo é quanto ordenas,
E uma gloria sem termo te resulta.

(4) *Memoriam fecit mirabilium suorum, misericors, et miserator Dominus: escam dedit timentibus se.*

Vive a memoria do famoso facto
Com que aos famintos alimento déste,
E quão piedoso foste a um povo ingrato.

(5) *Memor erit in sæculum testamenti sui, virtutem operum suorum annuntiabit populo suo:*

Tem piedade de nós, como a tiveste
De nossos paes; veremos que te lembras
Da alliança e prodigios que fizeste,

(6) *Ut det illis hæreditatem gentium, opera manuum ejus veritas, et judicium.*

A fim de preservar perpetua a herança
Que generoso déste á humana prole,
E a verdade e justiça lhe affiança.

(7) *Fidelia omnia mandata ejus: confirmata in sæculum sæculi, facta in veritate, et æquitate.*

Immutaveis, fieis, as leis sagradas
Com que honraste os mortaes, sempre as veremos
Por seculos sem termo confirmadas.

Cumprir-se-ha sempre quanto prometteres,
Fundado na verdade e na justiça;
Ditosos nos farão nossos devêres.

A tua lei quebrou a prisão dura
Que ligava os humanos desgraçados,
E a liberdade amavel nos segura.

(8) *Redemptionem misit populo suo, mandavit in æternum testamentum suum.*

Com vinculo tão forte nos uniste,
Que em vão se lhe oppõe força que o desate;
Com vigor immortal vence, resiste.

Treme o abysmo quebrá-lo; sancto, augusto
É do Senhor o nome formidavel,
Que o inferno estremecendo ouve com susto.

(9) *Sanctum, et terribile nomen ejus: initium sapientiæ timor Domini.*

A sciencia do mundo é vã sciencia:
Quem teme a Deos é sabio verdadeiro,
Tem, de quanto mais vale, a intelligencia.

As obras que derivam desta fonte
São puras, e hão de ser sempre louvadas
Em quanto o Sol luzir sobre o horizonte.

(10) *Intellectus bonus omnibus facientibus eum, laudatio ejus manet in sæculum sæculi.*

PSALMO CXI.

Alleluia, reversionis Aggæi, et Zachariæ (*).

(1) *Beatus vir, qui timet Dominum, in mandatis ejus volet nimis.*

QUEM mais feliz que o justo que a Deos teme?
Esse é ditoso só, quando se humilha
Ante o podêr immenso que dirige
A extensa Natureza;
Esse que não quer mais que o que Deos manda,
E que da Lei Divina
Medita e cumpre quanto nos ensina.

(2) *Potens in terra erit semen ejus: generatio rectorum benedicetur.*

Abençoado assim na terra, augmenta;
Vê prosperar frondoso o tronco altivo
Da sua geração; vê-se cercado
De numerosos filhos,
Que em ramos opulentos se propagam:
E Deos, que tudo rege,
A progenie do justo assim protege.

(3) *Gloria, et divitiæ in domo ejus, et justitia ejus manet in sæculum sæculi.*

Riqueza e gloria a sua casa adornam,
A sua rectidão os Ceos commove,
Edifica do mundo os habitantes;
Abrange os tardos tempos
Sua memoria honrada e gloriosa;
Seu nome não perece,
Por seculos brilhante permanece.

(*) Este titulo é suspeito, porque falta no Hebreo, no Chaldeo, no Syriaco, no Ethiopico, e nos Settenta; nem foi reconhecido pelos Padres Gregos. Crendo-se que o psalmo convinha ao regresso de Babylonia, foi nos tempos posteriores attribuido áquelles dois prophetas.
(Mattei.)

Se a tenebrosa noite o circungira,
E duvidosos passos move o justo,
Deos lhe presta uma tocha compassivo;
Descobre-lhe o caminho
Por onde acerte á méta que procura;
Dá-lhe um penhor sublime
Do seu amor, e do perigo o exime.

(4) *Exortum est in tenebris lumen rectis, misericors, et miserator, et justus.*

Assim consola Deos esse que abriga
A compaixão no peito, e acode aos outros;
Que excogita remedio ao mal alheio,
E com balsamos puros
Cura as chagas dos animos afflictos;
Ou com vozes suaves
Consola os corações em penas graves.

(5) *Jucundus homo, qui miseretur, et commodat, disponet sermones suos in judicio, quia in æternum non commovebitur.*

Eis-aqui como o justo affronta as magoas:
Sua alma é fortaleza inexpugnavel
Que não derrubam armas, nem corrode
De má lingua o veneno:
Amado do Senhor, aos homens charo,
Nenhum receio o assalta;
O lustre da virtude sempre o exalta.

(6) *In memoria æterna erit justus, ab auditione mala non timebit.*

Dos homens os favores não lh' importam;
Abandona-se a Deos, nelle confia:
Sem vacillar prevê o doce instante
Em que o Senhor piedoso
O fará triumphar de seus contrarios;
E certo da victoria,
A Deos entrega tudo, fama e gloria.

(7) *Paratum cor ejus sperare in Domino, confirmatum est cor ejus: non commovebitur, donec despiciat inimicos suos.*

Vencendo, a gratidão lh' inflamma o peito;

(8) *Dispersit, dedit pauperibus,*

justitia ejus manet in sæculum sæculi: cornu ejus exaltabitur in gloria.

Os mesmos dons, que Deos lhe fez, reparte
Generoso, com quem delles carece:
Apercebe a riqueza
Para acudir áquelles a quem falta;
E converte a vaidade
Em rasgos de sublime charidade.

(9) *Peccator videbit, et irascetur, dentibus suis fremet, et tabescet, desiderium peccatorum peribit.*

Como, apesar dos máos, lhe cresce a gloria!
Como ao tempo futuro esta se alonga!
Os impios se enfurecem, desesperam,
Embaça-os a tristeza;
Range de raiva os dentes o invejoso:
Mas votos e furores
Pereciveis serão dos peccadores.

PSALMO CXII.

Alleluia (*).

(1) *Laudate pueri Dominum, laudate nomen Domini.*

Levantai suaves cantos,
Mancebos, a Deos louvai;
O seu sanctissimo nome
Com fervor novo invocai.

(2) *Sit nomen Domini benedictum, ex hoc nunc et usque in sæculum.*

Em quanto dura este globo,
E existem as creaturas,
Celebrem de Deos a gloria
Esta e as idades futuras.

(*) É tradicção constante entre os Rabinos que este psalmo e os cinco subsequentes eram cantados depois de se comer o cordeiro paschoal; e chamava-se por isso o *grande alleluia*. Os Padres adaptam o ultimo versiculo aos gentios, que por tanto tempo estereis e derelictos, formaram depois a Igreja Christã, mãe fecunda dos homens a Deos charos e fieis.

Onde aromaticas plantas
Vê primeiro o Sol nascendo,
Até onde o Sol se apaga,
Esta gloria vá crescendo.

(3) *A Solis ortu usque ad occasum laudabile nomen Domini.*

Assim como os povos rege,
E domina o nosso Deos,
Sobre os Anjos, sobre os astros
Assim impera nos Ceos.

(4) *Excelsus super omnes gentes Dominus, et super cœlos gloria ejus.*

Qual Rei magnifico ostenta
Palacio tão magestoso?
Ou qual de tão alto assento
Tudo avista carinhoso?

(5) *Quis sicut Dominus Deus noster, qui in altis habitat, et humilia respicit in cœlo, et in terra?*

Se na terra desprezado
Observa o pobre, opprimido,
Presta-lhe piedoso auxilio,
Da innocencia condoído.

(6) *Suscitans à terra inopem, et de stercore erigens pauperem:*

Que vezes entre os humildes
Foi buscar uma alma nobre!
E junto aos Reis poderosos
Collocou, benigno, o pobre!

(7) *Ut collocet eum cum Principibus, cum Principibus populi sui.*

Jámais desampara aquelles
Que fervorosos o imploram;
Recolhe as lagrimas ternas
Dos afflictos quando choram.

(8) *Qui habitare facit sterilem in domo matrem filiorum lætantem.*

Da esteril que afflicta geme
Applaca a dor e agonias;
Mãe de numerosos filhos,
Cerca-lhe de paz seus dias.

PSALMO CXIII.

Alleluia.

(1) *In exitu Israel de Ægypto, domus Jacob de populo barbaro:*

Quando, sacudindo os ferros,
Israel sahio do Egypto,
Livre de um barbaro jugo
Que o Ceo já tinha proscripto;

(2) *Facta est Judæa sanctificatio ejus, Israel potestas ejus.*

Deos, á Judéa propicio,
Sanctificou o seu povo;
Com elle quiz se fundasse
Sacerdocio e imperio novo.

(3) *Mare vidit, e fugit, Jordanis conversus est retrorsum.*

O mar que vê tal prodigio
Contrai as ondas em monte,
E o Jordão, que retrocede,
Se acolhe á materna fonte:

(4) *Montes exultaverunt, sicut arietes, et colles, sicut agni ovium.*

De alegria tremulavam
As montanhas, os outeiros,
Quaes saltando pelos valles
Brincam nelles os cordeiros.

(5) *Quid est tibi mare, quod fugisti? et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?*

Pergunto ao mar: Porque foges?
Tu, Jordão, porque revóltas
Ás cristalinas torrentes
As cadêas lhes não soltas?

(6) *Montes, exultastis, sicut arietes, et colles, sicut agni ovium.*

Que jubilo é esse, ó montes,
Ou que podêr vos assusta,
Commovendo em dança mistica
A vossa base robusta?

(7) *A facie Domini mota est terra, à facie Dei Jacob.*

Tacita voz no meu peito
Me dirige a interna falla:

De Deos ante a face augusta
A terra inteira se abala.
Reciproca acção dos entes,
Que rege impulsão celeste,
Os mais insensiveis corpos
D'ignotas forças reveste.

Para alliviar os homens
Na mais penosa seccura,
Deos fez estalar a penha,
Da qual surdio agua pura.
No deserto mais esteril,
Onde o povo desfallece,
Reproduz Deos quanto falta;
Manda, e tudo lhe obedece.

Ah meu Deos! Não merecemos
Tanto bem; mas continúa:
Prova a tua omnipotencia,
Accrescenta a gloria tua:
Dos impios abate o orgulho,
Pois que perguntam sem tino:
«Onde mora o vosso Deos?
Qual é este Sêr Divino?»

Mora nos Ceos, e domina
Todo este globo terreno:
Quanto existe é obra sua,
Tudo creou de um aceno.
Esses numerosos numes,
Que adora gente insensata,
São obras de mão terrena,
Fabricadas de ouro ou prata.

(8) *Qui convertit petram in stagna aquarum, et rupem in fontes aquarum.*

(9) *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam.*

(10) *Super misericordia tua, et veritate tua, ne quando dicant gentes, ubi est Deus eorum?*

(11) *Deus autem noster in cœlo, omnia, quæcunque voluit, fecit.*

(12) *Simulachra gentium argentum, et aurum, opera manuum hominum.*

Teem bocca, e falta-lhe a falla;
Não ouvem, mas teem ouvidos;
Olhos teem, falta-lhe a vista,
Nullos são os seus sentidos:
As mãos que teem não lhes servem,
Que são privadas de tacto;
Nem lhes suavisam aromas
Seus nullos orgãos do olfacto.

Tendo pés, andar não podem;
Nem da fingida garganta
Desse artefacto insensivel
O menor som se levanta.
Os que em taes Deoses confiam,
Mais estatuas que esculptores,
Aos brutos, que ao menos sentem,
Ficam ainda inf'riores.

Israel em Deos espera,
Que tudo vê e conhece,
Que nos mais asperos transes
O seu povo fortalece.
A casa de Arão sómente
No Senhor se confiava,
Que para enviar-lhe auxilios
Os distantes Ceos rasgava.

Todos aquelles que o temem,
E com terno amor o invocam,
Nas mais doces esperanças
Os temores se lhes trocam.
Na mais ardua empreza acode,
Nas tribulações conforta;

(13) *Os habent, et non loquentur, oculos habent, et non videbunt.*

(14) *Aures habent, et non audient, nares habent, et non odorabunt.*

(15) *Manus habent, et non palpabunt, pedes habent, et non ambulabunt, non clamabunt in gutture suo.*

(16) *Similes illis fiant, qui faciunt ea, et omnes, qui confidunt in eis.*

(17) *Domus Israel speravit in Domino, adjutor eorum, et protector eorum est.*

(18) *Domus Aaron speravit in Domino, adjutor eorum, et protector eorum est.*

(19) *Qui timent Dominum, speraverunt in Domino, adjutor eorum, et protector eorum est.*

E os nós que a virtude obstruem
Com vigorosa mão corta.

De nós o Senhor se lembra,
Acalma o que nos magôa;
Estende a mão bemfeitora,
Nossos votos abençoa:
Baixa então com pingues bençãos
Sobre Israel, sobre Arão,
Sobre pequenos e grandes,
Manifesta protecção.

(20) *Dominus memor fuit nostri, et benedixit nobis.*
Benedixit domui Israel, benedixit domui Aaron.

(21) *Benedixit omnibus, qui timent Dominum, pusillis cum majoribus.*

Ah meu Deos! sempre constante
Brilhe um favor tão preclaro;
Sobre nós e nossos filhos
Resplandeça o teu amparo.
Tua mão beneficente,
Factora da terra e ceos,
Prodigamente derrame
Teus dons sobre os povos teus.

(22) *Adjiciat Dominus super vos, super vos, et super filios vestros.*

(23) *Benedicti vos à Domino, qui fecit cœlum, et terram.*

Lá sobre o celeste Empyreo
Fundaste o teu reino eterno,
E aos frageis mortaes da terra
Confiastes o governo:
Faze que o que rege os povos
Teus mandamentos estude;
Orna seu egregio cargo
De paz, justiça, e saude.

(24) *Cœlum cœli Domino, terram autem dedit filiis hominum.*

Conserva-nos pois a vida;
E apenas o Sol raiar,
Teu louvor, teus beneficios
Comecemos a cantar.

(25) *Non mortui laudabunt te, Domine, neque omnes, qui descendunt in infernum.*

Só te canta quem respira:
Ah! se a vida nos fallece,
Calam-se os hymnos sagrados,
Tudo na morte emmudece.

(26) *Sed nos, qui vivimus, benedicimus Domino, ex hoc nunc, et usque in sæculum.*

Nós, que ainda a vital aura
Nos sustenta, comecemos
A cantar de Deos a gloria,
Continuamente o louvemos:
Este fervoroso empenho
Vá durando, desde agora
Te que o derradeiro raio
Brilhe da ultima aurora.

PSALMO CXIV.

Alleluia (*).

(1) *Dilexi, quoniam exaudiet Dominus vocem orationis meæ.*

Quanto amor, Deos, m'inspiraste!
Quando em meus penosos dias
Te invoquei, e fiquei certo
Que as minhas preces ouvias!

(2) *Quia inclinavit aurem suam mihi, et in diebus meis invocabo.*

Em quanto me dura a vida,
Conhecendo que me escutas,
Repetirão meus clamores
Valles, montanhas, e grutas.

(*) Como bem adverte Muis, foi este psalmo escripto por David no tempo em que, serenada a tempestade, obteve a pacifica posse do reino.

Dores mortaes me cercaram:
Sempre em sustos, sempre álerta,
O tumulo me esperava,
Delle a porta via aberta.

(3) *Circumdederunt me dolores mortis, et pericula inferni invenerunt me.*

Quando assim atribulado
Perdia o valor e o tino,
Em altas vozes bradava
Pelo teu nome divino.

(4) *Tribulationem, et dolorem inveni, et nomen Domini invocavi.*

«Liberta, Senhor, minha alma!
(Exclamei) Tu, que és piedoso,
Que és justo, has de tu salvar-me
Deste estado tão penoso.

(5) *O Domine, libera animam meam: misericors Dominus, et justus, et Deus noster miseretur.*

«Tu, que os miseros defendes,
Has de, Senhor! acudir-me;
Pois que humilhado t'invoco,
Vem compassivo remir-me.»

(6) *Custodiens parvulos Dominus: humiliatus sum, et liberavit me.*

Torna, minha alma, ao socego,
Descança, meu coração:
O teu Deos beneficente
Te prepara a redempção.

(7) *Convertere, anima mea, in requiem tuam, quia Dominus benefecit tibi.*

Deos! Preservaste-me a vida,
As lagrimas me enxugaste,
E meus pés de precipicios
E de ciladas livraste.

(8) *Quia eripuit animam meam de morte, oculos meos à lacrymis, pedes meos à lapsu.*

Lá onde cessam temores,
Entre justos e innocentes,
Irei gozar bens sem termo,
Lá na terra dos viventes.

(9) *Placebo Domino in regione vivorum.*

PSALMO CXV.

Alleluia.

(1) *Credidi, propter quod locutus sum: ego autem humiliatus sum nimis.*

ACREDITEI, fiei-me em ti, meu Deos!
Provaram minha fé minhas palavras:
Por isso a voz levanto,
Entoo teus louvores, de ti canto.

(2) *Ego dixi in excessu meo: omnis homo mendax.*

Nas tuas perfeições absorto, disse,
Com pejo da fraqueza dos humanos:
«Só em Deos ha verdade,
Só posso descançar na sua piedade.»

(3) *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi?*

Mas como retribuo o que lhe devo?
Como encaro cobarde c'os pezares
Com que me purifica
Quando de amor penhores multiplica?

(4) *Calicem salutaris accipiam, et nomen Domini invocabo.*

Animo pois! O calix saudavel,
Por amargo que seja, acceito e trago;
E seu nome invocando,
Irei das amarguras triumphando.

(5) *Vota mea Domino reddam coram omni populo ejus, pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum ejus.*

Os meus votos em face aos povos todos
Cumprirei com valor, até que expire;
Dos justos, da innocencia
Alto preço ante Deos tem a existencia.

(6) *O Domine, quia ego servus tuus: ego servus tuus, et filius ancillæ tuæ.*

Sou teu servo, Senhor! teus servos foram
Aquelles de quem venho e o sêr me deram:
Em doce captiveiro,
Serei das tuas graças pregoeiro.

Quando as mortaes cadêas me quebrares,
Irei sacrificar hostia mais pura,
De perpetuos louvores,
Onde tudo é delicia e cessam dores.

(7) *Dirupisti vincula mea: tibi sacrificabo hostiam laudis, et nomen Domini invocabo.*

Teu nome sacro-sancto repetindo,
Teu auxilio alcançando, Deos supremo,
Serei, de amor guiado,
Na Jerusalem sancta collocado.

(8) *Vota mea Domino reddam in conspectu omnis populi ejus, in atriis domus Domini, in medio tui Jerusalem.*

Os meus votos, em face aos Ceos, aos Anjos,
Cumprirei com prazer eternamente:
Entretanto, no templo,
Darei, cantando, ao povo egregio exemplo.

PSALMO CXVI.

Alleluia.

Quantos desde o frio Norte
Té ao polo Austral habitam;
Quantos sobre o globo fallam,
Respiram, sentem, cogitam,
Todos em doce harmonia
Louvem a Deos noite e dia.

(1) *Laudate Dominum omnes gentes, laudate eum, omnes populi.*

Pois que sobre nós confirma
Quanto piedoso promette,
E que os mais raros prodigios
A nosso favor repete:
Delle a immutavel verdade
Vence a longa eternidade.

(2) *Quoniam confirmata est super nos misericordia ejus, et veritas Domini manet in æternum.*

PSALMO CXVII.

DRAMA. (*)

FALLAM

DAVID,
O SACERDOTE,
UM LEVITA.

CORO DOS COMPANHEIROS DE DAVID,
CORO DE LEVITAS.

A scena é á porta do templo.

Alleluia.

(1) *Confitemini Domino, quoniam bonus, quoniam in sæculum misericordia ejus.*

CORO DOS COMPANHEIROS DE DAVID.

Louvai a Deos fervorosos,
Povos de agora e vindouros;
As graças de seus thesouros
Para sempre celebrai.

(2) *Dicat nunc Israel, quoniam bonus, quoniam in sæculum misericordia ejus.*

UM DO CORO.

Vós, gratos Israelitas,
Proclamai sua bondade;
No tempo, na eternidade
Perpetuas graças lhe dai.

(*) Mattei é d'opinião que este psalmo foi composto para se cantar em alguma das estações da *Festa das tendas*, ou dos *tabernaculos*, que fora instituida em memoria de haverem os Hebreos estanciado debaixo das tendas no deserto, e quando sahiram da escravidão do Egypto, a qual festa se celebrava a 15 do Tizri, que correspondia ao mez de Settembro, por oito dias successivos, durante os quaes estava o povo alegremente debaixo daquelles pavilhões, cantando hymnos, e louvando e bemdizendo o Senhor.

OUTRO DO CORO.

A casa de Arão declare
Quantos bens deve ao Senhor;
Quanto do seu terno amor
Podem fieis esperar.

(3) *Dicat nunc domus Aaron, quoniam in sæculum misericordia ejus.*

TODO O CORO.

Todos os que a Deos respeitam,
Todos que o temem e adoram
Fiquem certos, quando o imploram,
Que soccorro lhe ha de dar.

(4) *Dicant nunc, qui timent Dominum, quoniam in sæculum misericordia ejus.*

DAVID.

Entre amarguras mil e ancias de morte,
Perante o throno excelso
Do meu Deos enviei triste um gemido,
Que o Senhor mavioso
Acolheo com piedade; e confortou-me,
Acodio-me o meu Deos. E que receio
Do que possa causàr-me um homem fragil,
Se a meu favor se explica
Um Sêr supremo? e se me fortifica?
Inutil é fiar-me
De humanos, quando um Deos póde amparar-me.
Que tem que ver dos Principes a força,
Comparada co' a summa Omnipotencia?
Quanto della esperar deve a innocencia!
Quanto alcancei outr'ora,
Quando tantos potentes me cercavam,
E os caminhos do allivio me fechavam!
Abandonado e pobre,

(5) *De tribulatione invocavi Dominum, et exaudivit me in latitudine Dominus.*

(6) *Dominus mihi adjutor, non timebo quid faciat mihi homo.*

(7) *Dominus mihi adjutor, et ego despiciam inimicos meos.*

(8) *Bonum est confidere in Domino, quam confidere in homine.*

(9) *Bonum est sperare in Domino, quam sperare in Principibus.*

(10) *Omnes gentes circuierunt me, et in nomine Domini, quia ultus sum in eos.*

(11) *Circumdantes circumdede-*

runt me, et in nomine Domini, quia ultus sum in eos.

Perseguido dos homens implacaveis,
Sem amparo, sem armas,
Resisti com valor, Deos invocando,
E fui só por mim mesmo triumphando.

(12) *Circumdederunt me, sicut apes, et exarserunt, sicut ignis in spinis, et in nomine Domini, quia ultus sum in eos.*

Qual enxame de abelhas irritado,
Me assaltaram crueis; ou qual incendio
Que pega em matto secco, me rodêa
De inimigos ferozes tropel denso:
Invoco a Deos affouto, e logo os venço.

(13) *Impulsus eversus sum, ut caderem, et Dominus suscepit me.*

Deos, no ponto em que fortes m'impelliam,
Redobrou minha força;
Quando já quasi tinha escorregado,
Impedio que eu cahisse derrotado;

(14) *Fortitudo mea, et laus mea Dominus, et factus est mihi in salutem.*

Susteve-me forçoso,
Salvou-me, libertou-me: esta victoria
A Deos pertence, delle seja a gloria.

VOZES DE DENTRO DO TEMPLO.

Gloria a Deos!

DAVID.

(15) *Vox exultationis, et salutis in tabernaculis justorum.*

Que exclamação suave!...
Vem do templo estas vozes deleitosas:
Meu coração no peito palpitando
Me está este transporte confirmando.

CORO DE SACERDOTES DENTRO DO TEMPLO.

(16) *Dextera Domini fecit virtutem, dextera Domini exaltavit me: dextera Domini fecit virtutem.*

Gloria a Deos! Viva o braço omnipotente
Do nosso Deos, do Senhor,
Que de tão perversa gente
Assim nos fez triumphar.

DAVID.

Feliz triumpho! sim, que a Deos só devo,
Que me salvou a vida: inda respiro
Para narrar ao povo obras tão grandes.
Os pezares antigos
Com que Deos me provou, foram severos:
Mas que lição tão util!
Aprendi a arrostar rigida sorte,
A soffrer, sem ficar prêsa da morte.
Vós, excelsos Ministros
Do Senhor adoravel,
Abri-me as portas sanctas, entrar quero;
A Deos agradecido,
Quero offertar-lhe os hymnos meus cadentes:
Seu nome todos cantem, abençoem,
Delle as altas abobadas resoem.

(17) *Non moriar, sed vivam, et narrabo opera Domini.*

(18) *Castigans castigavit me, Dominus, et morti non tradidit me.*

(19) *Aperite mihi portas justitiæ, ingressus in eas confitebor Domino.*

(Abrem-se as portas do Templo, e entram os justos.)

(Hæc porta Domini justi intrabunt in eam) (*).

DAVID.

Direi, Senhor, que os meus votos
Completamente acceitaste;
Que nos dias d'amargura
Piedade me não negaste.
Tu és quem me déste a vida,
És quem vencer me fizeste;
De ti sómente derivam
Os triumphos que me déste.

(20) *Confitebor tibi, quoniam exaudisti me, et factus es mihi in salutem.*

(*) Este parenthesi, que não tem connexão com o psalmo, corrobora a opinião de Mattei que deixamos apontada, isto é, que este psalmo é uma composição dramatica para musica.

Justi chamavam os Hebreos em primeiro lugar aos Sacerdotes, depois áquelles que serviam nas funcções sagradas, e ultimamente a todos os habitantes de Jerusalem.

SACERDOTE.

(21) *Lapidem quem reprobaverunt ædificantes, hic factus est in caput anguli.*

Que profundos juizos determinam
Que a pedra, por aquelles que edificam
Regeitada, depois no templo sirva
Como pedra angular em que se fundem
As mais fortes muralhas do edificio!

(22) *A Domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris.*

Vem, ó Principe illustre,
Outr'ora perseguido, abandonado;
Charo objecto de grandes maravilhas
Que Deos obrou perante nossos olhos:
Um tão grande prodigio
De prazer extasia nossas almas.

LEVITA.

(23) *Hæc est dies, quam fecit Dominus, exultemus, et lætemur in ea.*

Um dia mais feliz, mais bella aurora
Não mandou Deos dos Ceos para alegrar-nos.
Brilha o prazer interno
Dos nossos corações no nosso rosto:
Ouve as graças que a Deos damos com gosto.

(24) *O Domine, salvum me fac, o Domine, bene prosperare: benedictus, qui venit in nomine Domini.*

Viva o nosso Deos, e viva
O Justo que nos dá leis;
Para nosso bem prospere
Um tão bom Rei entre os Reis.
Deos, que esta prenda nos déste,
E por ti foi restaurada!
Desçam sobre ella mil bençãos
Lá da celeste morada.

SACERDOTE.

(25) *Benediximus vobis de domo Domini: Deus Dominus, et illuxit nobis.*

Nós vos abençoamos, gratos filhos,
Que sois do Senhor familia:

Deos, que nos allumia, nos segura
        Que acceitou vossas preces.
Distingui este dia tão solemne,
Fabricando de ramos condensados
Abrigo, a cuja sombra alegremente,
        Com jogos e festejos,
Todo o vosso prazer se manifeste.
        De frescos ramos e palmas
        Á sombra amena cantando,
        Este tão prospero dia
        Ide alegres celebrando.

(26) *Constituite diem solemnem in condensis, usque ad cornu altaris.*

DAVID.

Divina inspiração move o meu estro,
Senhor, enches-me d'alma as faculdades!
        Meu Deos, quero cantar-te:
        Mas, teus dons contemplando,
Grato meu coração só sabe amar-te.
        Cantemos juntos, cantemos,
        Já que, ó Senhor, m'escutaste
        Meus suspiros, e piedoso
        De acerbo mal me salvaste.

(27) *Deus meus es tu, et confitebor tibi, Deus meus es tu, et exaltabo te.*

(28) *Confitebor tibi, quoniam exaudisti me, et factus es mihi in salutem.*

Coro.

        Todos os que a Deos respeitam,
        Todos que o temem e adoram
        Fiquem certos, quando o imploram,
        Que soccorro lhe ha de dar.

(29) *Confitemini Domino, quoniam bonus, quoniam in saeculum misericordia ejus.*

PSALMO CXVIII.

Alleluia. (*)

ALEPH. I.

(1) *Beati immaculati in via, qui ambulant in lege Domini.*

(2) *Beati qui scrutantur testimonia ejus, in toto corde exquirunt eum.*

QUÃO ditosos aquelles que sem culpas
Vão na lei do Senhor passando a vida!
Felizes, se investigam seus preceitos!
Se nos candidos peitos
Indagam quanto Deos lhes communica,
Com que auxilios a lei sancta lh' explica.

(3) *Non enim qui operantur iniquitatem, in viis ejus ambulaverunt.*

(4) *Tu mandasti mandata tua custodiri nimis.*

Nesta vereda sempre caminhando,
Nunca podem manchar-se com delictos:
Mandaste, ó Deos, e seguem noite e dia
A luz que sempre os guia:
Fiam-se em ti, e vencem o caminho
Que da ventura eterna está visinho.

(5) *Utinam dirigantur viæ meæ ad custodiendas justificationes tuas.*

Basta que não vacillem, que te sigam,
Que te agradem, meu Deos, os seus desejos;
Que observem cuidadosos teus vestigios,
Para evitar prestigios;
E com actos por ti justificados
Fazer seus dias bemaventurados.

(*) Este psalmo é acrostico, mas de um modo mais estricto que todos os outros construidos com semelhante artificio. A lettra inicial do primeiro versiculo dos psalmos acrosticos é *aleph*, a do segundo *beth*, etc.; mas neste todos os versiculos da 1.ª oitava começam por *aleph*, todos os da 2.ª por *beth*, e assim successivamente. Alguns Padres antigos creem que fôra composto por David para seu filho Salomão, a fim de que o recitasse e se inflammasse de amor pelo estudo da lei divina, de que todo este psalmo é um continuado elogio.

Firma, ó Deos! em minha alma teus dictames:
Fortalecido assim com taes influxos,
O coração isento de tristeza,
Formarei com presteza
Hymnos sublimes, canticos discretos;
Ensinarei aos povos teus decretos.

(6) *Tunc non confundar, cum perspexero in omnibus mandatis tuis.*

(7) *Confitebor tibi in directione cordis, in eo, quod didici judicia justitiæ tuæ.*

Teus profundos juizos adorando,
Submisso cumprirei as leis divinas,
Certo que affavel nosso amor acceitas;
E que jámais rejeitas
De teus filhos fieis os votos puros;
Que contra o desamparo estão seguros.

(8) *Justificationes tuas custodiam, non me derelinquas usquequaque.*

II. BETH.

Quem ha de refrear um moço altivo
Que em precipicios corre e se despenha?
Só tua lei, meu Deos! é que o reprime,
Que o desvia do crime.
Não deixes que de ti jámais me affaste,
Nem que em loucas paixões a vida gaste.

(9) *In quo corrigit adolescentior viam suam? in custodiendo sermones tuos.*

(10) *In toto corde meo exquisivi te, ne repellas me à mandatis tuis.*

Fixa em meu coração tua doutrina,
Esta estudo, esta guardo no meu peito;
Para nunca offender-te nem perder-me
Has de fortalecer-me:
Ensina-me reconditas verdades
Para illustrar-me d'alma as faculdades.

(11) *In corde meo abscondi eloquia tua, ut non peccem tibi.*

(12) *Benedictus es, Domine, doce me justificationes tuas.*

Da tua bocca oraculos profundos
Repetirão meus labios docemente:
Da tua lei o codigo sagrado
Medito deleitado;

(13) *In labiis meis pronuntiavi omnia judicia oris tui.*

(14) *In via testimoniorum tuorum delectatus sum, sicut in omnibus divitiis.*

Minha alma encontra nelle mais riqueza
Que em quantas minas cria a Natureza.

(15) *In mandatis tuis exercebor, et considerabo vias tuas.*

(16) *Injustificationibus tuis meditabor, non obliviscar sermones tuos.*

Medito com delicia os teus preceitos,
Recreio-me em cumprir quanto me ordenas;
Só na justiça ponho o pensamento:
Jámais o esquecimento
Ha de apagar em mim o ardor sincero
Com que me applico a ouvir-te, e amar-te quero.

GHIMEL.

III.

(17) *Retribue servo tuo, vivifica me, et custodiam sermones tuos.*

(18) *Revela oculos meos, et considerabo mirabilia de lege tua.*

Retribue, meu Deos, o que merece
O teu servo fiel, e dá-me vida;
Faze que observe quanto prescreveres:
Exerce teus podêres;
Tira o véo a meus olhos, e verei
Maravilhas que encerra a tua lei.

(19) *Incola ego sum in terra, non abscondas à me mandata tua.*

Infeliz peregrino sou na terra;
E por isso m'escondes teus arcanos?
Ah! declara-me bem teus mandamentos:
São magoas, são tormentos
Aspirar sem chegar a tanta altura,
Cheio d'ancias de amor, e de ternura.

(20) *Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas in omni tempore.*

(21) *Increpasti superbos: maledicti, qui declinant à mandatis tuis.*

Minha alma suspirou em todo o tempo
Pela tua justiça, amou-te sempre.
Aos suberbos, Senhor, sempre arguiste;
Com maldições puniste
Quem de teus mandamentos se apartava,
Quem, no lugar de amar-te, a si se amava.

(22) *Aufer à me opprobrium, et*

Fiel só tuas leis adoro e sigo...

Põe de mim longe opprobrios e desprezos,
Pois me não envileço com maldades;
Investigo as verdades
Que as palavras divinas nos ensinam,
E os mais altos mysterios descortinam.

contemptum, quia testimonia tua exquisivi.

Contra mim poderosos se insurgiram,
E contra mim fallaram despiedados:
Mas que importa? O teu servo supportando,
Ia a lei meditando:
Manso, na rectidão se exercitava,
E com tua justiça se alentava.

(23) *Etenim sederunt principes, et adversum me loquebantur: servus autem tuus exercebatur in justificationibus tuis.*

O mundo não m'engana; só contemplo,
Meu Deos! o que disseste, e quanto és justo:
Os juizos dos homens depravados
São perfidos, errados.
As tuas perfeições são meu espelho,
Só com tuas verdades me aconselho.

(24) *Nam et testimonia tua meditatio mea est, et consilium meum justificationes tuæ.*

IV.

DALETH.

Abatida, pegada ao pavimento,
A minha alma languesce na tristeza:
Vivifica-me como prometteste.
Meu Deos! tu conheceste
Quanto fiz, quantos dei passos incertos;
Guia-me no caminho dos acertos.

(25) *Adhæsit pavimento anima mea: vivifica me secundum verbum tuum.*

(26) *Vias meas enuntiavi, et exaudisti me: doce me justificationes tuas.*

Ensina-me a vereda dos preceitos,
Contemplarei as tuas maravilhas:
A tediosa vaidade me aborrece;
A minha alma adormece
Co' as frivolas razões que ella m'intima:
Confirma-me o que dizes, e me anima.

(27) *Viam justificationum tuarum instrue me, et exercebor in mirabilibus tuis.*

(28) *Dormitavit anima mea præ tædio: confirma me in verbis tuis.*

(29) *Viam iniquitatis amove à me, et de lege tua miserere mei.*

Põe distante de mim a iniquidade;
E a favor dessa lei que promulgaste
Tem piedade de mim, que a sigo e exploro,
Que a escolho, que a adoro:

(30) *Viam veritatis elegi, judicia tua non sum oblitus.*

Da estrada do que ordenas faço apreço,
De teus altos juizos não m'esqueço.

(31) *Adhæsi testimoniis tuis, Domine: noli me confundere.*

Não m'illudem phantasmas lisongeiros;
Dá-me, Senhor, a norma do que é justo:

(32) *Viam mandatorum tuorum cucurri, cum dilatasti cor meum.*

Quando o que mandas sigo, vou contente;
Meu animo valente
Prosegue na carreira, que não mede,
E jámais de cançado retrocede.

HE. — V.

(33) *Legem pone mihi, Domine, viam justificationum tuarum, et exquiram eam semper.*

Para que possa progredir seguro
Na via em que, meu Deos, nos justificas,
Dá-me uma lei, Senhor, que me desvie
D'erros, e me allumie:
Irei sua belleza contemplando,
E os tropeços humanos evitando.

(34) *Da mihi intellectum, et scrutabor legem tuam, et custodiam illam in toto corde meo.*

Tu mesmo illustra meu entendimento:
Assim penetrarei da lei sublime
Luminosas verdades; no meu peito,
Com portentoso effeito,
Insculpidos, farão que amor ardente
Ao que ordenas me prenda docemente.

(35) *Deduc me in semitam mandatorum tuorum: quia ipsam volui.*

Dirige-me, Senhor! vai-me levando
Por onde queres; vou com affouteza:
Não me custa seguir-te, não m'enfada
Uma escabrosa estrada:

Mais vale um teu grilhão que a liberdade;
Na tua converti minha vontade.

O meu animo inclina ao que m'inspiram
Tuas immensas graças, teus favores;
As seducções da pompa e da avareza,
Que a debil natureza,
Se se descuida, fraquejando abraça,
Dissipe o teu podêr, e amor desfaça.

(36) *Inclina cor meum in testimonia tua, et non in avaritiam.*

O spectaculo futil da vaidade
Não quero ver, Senhor; tapa-me os olhos:
C'os thesouros da tua sapiencia,
Co' as graças da innocencia,
Na carreira que sigo vivifica
Meu coração, as forças lhe duplica.

(37) *Averte oculos meos, ne videant vanitatem, in via tua vivifica me.*

Arreiga no teu servo o que ordenaste;
Se vacillar, castiga-me: mais vale
Padecer e tremer de tal castigo,
Que nas mãos do inimigo
Ceder as armas, arrear bandeira,
Ou naufragar por força de cegueira.

(38) *Statue servo tuo eloquium tuum in timore tuo.*

Tremo, Senhor! O mal cruel pre-sinto:
Impede o meu opprobrio e desventura;
Os membros gangrenados fere, corta:
Que eu padeça qu'importa?
Teus remedios são uteis, efficazes;
Resulta o bem de tudo quanto fazes.

(39) *Amputa opprobrium meum, quod suspicatus sum, quia judicia tua jucunda.*

Appeteço sómente os teus preceitos,
E na tua equidade é que respiro;
Alenta-me com ella, dá-me vida.

(40) *Ecce concupivi mandata tua, in æquitate tua vivifica me.*

Quando já combatida
A minha alma confusa desfallece,
Com teu podêr a ampara e fortalece.

Vau.

VI.

(41) *Et veniat super me misericordia tua, Domine, salutare tuum secundum eloquium tuum.*

Ah! venha sobre mim a enchente pura
Da tua misericordia, Deos piedoso,
Segundo o que disseste: em quem te ama
Tuas bençãos derrama.

(42) *Et respondebo exprobrantibus mihi verbum, quia speravi in sermonibus tuis.*

As affrontas e magoas desafio,
No que dizes, Senhor! só me confio.

(43) *Et ne auferas de ore meo verbum veritatis usquequaque, quia in judiciis tuis supersperavi.*

Não consintas se apartem de meus labios
As vozes da verdade, se com ellas
M'incumbes d'inculcar virtude ás gentes:
São-me sempre presentes
Teus profundos juizos na lembrança,
Fortifico com elles a esperança.

(44) *Et custodiam legem tuam semper, in sæculum, et in sæculum sæculi.*

Em quanto respirar hei de adorá-los:
Tuas leis seguirei constantemente;
E desta alma immortal aos pensamentos
Eternos documentos
Serão, para observar essa doutrina
Com que nos brinda a tua mão divina.

(45) *Et ambulabam in latitudine: quia mandata tua exquisivi.*

(46) *Et loquebar de testimoniis tuis in conspectu Regum, et non confundebar* (*).

Irei pelo universo affoutamente,
Tendo estudado sempre teus preceitos,
Dizer sem pejo aos Reis quanto m'ensinas:
Inspirações divinas

(*) Valha por commento a epistola de Santo Ambrosio a Theodosio, liv. 2. cap. 17. — *Peto ut patienter sermonem meum audias: nam si indignus sum qui à te audiar, indignus sum qui pro te offeram, cui tua vota, cui tuas committas preces. Ipse ergo non audies eum,*

Sustentam o valor de publicá-las,
E nunca o justo teme annunciá-las.

O meu deleite foi meditar sempre
Teus mandamentos, nelles embeber-me;
Inflammado de amor, ir pratticando
O que andava estudando:
Pedir-te luz, segui-la com ternura,
E não querer mais bens que essa ventura.

(47) *Et meditabar in mandatis tuis, quæ dilexi.*

(48) *Et levavi manus meas ad mandata tua, quæ dilexi, et exercebar in justificationibus tuis.*

VII.

ZAIN.

Recorda-te, Senhor, dessas palavras
Que ao teu servo disseste, radicando
A mais doce esperança no meu peito!
Um coração perfeito
Com ella se consola e fortalece,
Adoça os males todos que padece.

(49) *Memor esto verbi tui servo tuo, in quo mihi spem dedisti.*

(50) *Hæc me consolata est in humilitate mea, quia eloquium tuum vivificavit me.*

Com que insultos os máos me acommetteram!
Iniquamente obraram; e eu contente
Da tua sancta lei não declinava:
Attento meditava
Nos teus factos antigos com delicia,
Desprezando os enredos da malicia.

(51) *Superbi iniquè agebant usquequaque: à lege autem tua non declinavi.*

(52) *Memor fui judiciorum tuorum à sæculo, Domine, et consolatus sum.*

Mas á vista das trevas que envolviam
Os perversos, com dó dessa miseria

(53) *Defectio tenuit me pro peccatoribus derelinquentibus legem tuam.*

quem pro te audiri velis? Neque imperiale est libertatem dicendi denegare, neque sacerdotale, quod sentiam non dicere. Nihil enim in vobis Imperatoribus tam populare, et tam amabile est, quam libertatem etiam in iis diligere, qui obsequio militiæ vobis subditi sunt. Siquidem hoc interest inter bonos, et malos Principes, quod boni libertatem amant, servitutem mali. Nihil etiam in sacerdote tam periculosum apud Deum, tam turpe apud homines, quam quod sentiat, non libere pronuntiare. Siquidem scriptum est, Et loquebar de testimoniis tuis in conspectu Regum, et no n confundebar.

Ás vezes desmaiei; horror sentia
Quando immersos os via
Na torpeza de seus divertimentos,
Esquecendo teus sanctos mandamentos.

(54) *Cantabiles mihi erant justificationes tuæ in loco peregrinationis meæ.*

Mui diversos effeitos produzia
Em minha alma da lei a suavidade:
Ao canto, enthusiasmado, m'entregava;
Logo a lyra empolgava,
Teus beneficios ía celebrando,
E meu triste desterro consolando.

(55) *Memor fui nocte nominis tui, Domine, et custodivi legem tuam.*

Com teu nome, Senhor, rompia os ares;
Ás estrellas, á noite o repetia;
Com elle a rôxa Aurora despertava:
Tudo se abrilhantava
Co' a luz que diffundia a lei sagrada,
Por mim com vivo ardor sempre guardada.

(56) *Hæc facta est mihi, quia justificationes tuas exquisivi.*

Desta delicia pura fui gozando:
Premiaste, Senhor, minha firmeza
Na exploração da lúcida verdade
Que na lei, com piedade,
Para justificar-nos expuzeste,
Alentando a existencia que me déste.

CHET.

VIII.

(57) *Portio mea, Domine, dixi custodire legem tuam.*

(58) *Deprecatus sum faciem tuam in toto corde meo: miserere mei secundum eloquium tuum.*

És, Senhor, minha herança, outra não quero:
Prometti merecer-te, exacto sendo
Em cumprir tua lei: vê-me prostrado,
Supplicando humilhado
As graças com que animas a virtude,
Com que impedes que um fraco mortal mude.

Tem piedade de mim, cumpre a palavra
De ajudar-me: sem ti nada consigo.
A serie de meus dias examino;
Sigo-te, e determino
Meus passos dirigir, meus pensamentos,
Meu coração conforme os mandamentos.

(59) *Cogitavi vias meas, et converti pedes meos in testimonia tua.*

Prompto estou, não me assusta esta alta empreza:
No difficil caminho irei constante;
Vigora-me o teu braço: a lei defendo
Em quanto for vivendo.
Já me tenderam laço os peccadores:
Não deixo a lei; nem temo seus furores.

(60) *Paratus sum, et non sum turbatus, ut custodiam mandata tua.*

(61) *Funes peccatorum circumplexi sunt me, et legem tuam non sum oblitus.*

Quando as sombras da noite a terra cobrem,
Que os malevolos dormem, me levanto
Para as graças devidas off'recer-te;
E terno agradecer-te
A sabia lei que encerra a sapiencia,
Doce penhor, meu Deos, da tua clemencia.

(62) *Media nocte surgebam ad confitendum tibi super judicia justificationis tuæ.*

Com esses que te temem, que te adoram,
Associo meus votos; participo
Dos dotes com que seu amor preméas:
Uno minhas idéas,
Meu coração aos seus; todos guardamos
Como um thesouro a fé que professamos.

(63) *Particeps ego sum omnium timentium te, et custodientium mandata tua.*

(64) *Misericordia tua, Domine, plena est terra* (*): *justificationes tuas doce me.*

(*) Gentilissima é a reflexão de Santo Hilario neste passo: *Hoc in Deo præcipuum, hoc in potente laudandum, non cœlum fecisse; qui potens est: non terram fundasse, qui virtus est: non annum astris temperasse, qui sapiens est: non hominem animasse, qui vita est: non mare in accessus et recessus movisse, qui spiritus est: sed misericordem esse, qui justus est, sed miserentem esse, qui rex est, sed dissimulantem esse, qui Deus est.*

Teth. IX.

(65) *Bonitatem fecisti cum servo tuo, Domine, secundum verbum tuum.*

(66) *Bonitatem, et disciplinam, et scientiam doce me, quia mandatis tuis credidi.*

Ostentaste, Senhor, tua bondade,
Derramando mil bens sobre o teu servo;
Tua 'stavel promessa lhe cumpriste;
De fé me revestiste:
Agora as sabias regras tu m'ensina
De sciencia, bondade, e disciplina.

(67) *Priusquam humiliarer, ego deliqui: propterea eloquium tuum custodivi.*

Engolphei-me, é verdade, nos prazeres,
Antes que os desenganos me humilhassem:
Errei, Senhor! Mas quando no conflicto
Me vi oppresso, afflicto,
Logo fiel a ti voltei sincero,
Pois seguir tuas leis sómente quero.

(68) *Bonus es tu: et in bonitate tua doce me justificationes tuas.*

(69) *Multiplicata est super me iniquitas superborum: ego autem in toto corde meo scrutabor mandata tua.*

Tu que és bom, ó meu Deos! nessa bondade
Instrue-me de modo que me salve:
Os máos, que iniquidades multiplicam,
E que me sacrificám,
Não me distraẽ da lei que necessito,
Que adoro, estudo, e sobre a qual medito.

(70) *Coagulatum est, sicut lac, cor eorum: ego verò legem tuam meditatus sum.*

Dos máos o coração, bem como o leite,
Coagulado nas sordidas delicias,
Não se funde ao calor da charidade,
Nem á voz da verdade:
Entretanto contemplo arrependido
Quantas vezes a lei tenho offendido.

(71) *Bonum mihi, quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas.*

Graças á dor que o peito me lacera!
Graças a ti, meu Deos, que purificas
Minha alma c'os pezares que me opprimem!
Da razão não me eximem:

Soffrendo aprenderei que só tu fartas
O coração do qual jámais te apartas.

Mais estimo esta lei, onde scintillam
Os sublimes arcanos que dictaste,
Que essas pompas que o mundo tanto préza;
Mais que toda a riqueza:
Eu não cubiço joias, prata, ou ouro;
Cumprir a lei, é todo o meu thesouro.

(72) *Bonum mihi lex oris tui super millia auri et argenti.*

X. JOD.

Deste meu sêr, Artifice supremo,
Co' as proprias mãos a machina formaste:
Ignoro-me a mim mesmo; dá-me ingenho
Mais claro do que tenho:
Aprenderei a merecer a graça,
Com que tudo o que mandas satisfaça.

(73) *Manus tuæ fecerunt me, et plasmaverunt me: da mihi intellectum, et discam mandata tua.*

Esperei só em ti; e a confiança
Que observaram em mim os timoratos
Encheo seus corações de um prazêr sancto:
Extatico levanto
Para o ceo minhas mãos, pela certeza
Que teem tuas palavras de firmeza.

(74) *Qui timent te, videbunt me, et lætabuntur: quia in verba tua supersperavi.*

De teus altos juizos a equidade
Conheci plenamente; vi com fructo
Que as dores e pezares com que humilhas
São novas maravilhas
Que attestam sem cessar, no que padeço,
Que equilibram o mal com que as mereço.

(75) *Cognovi, Domine, quia æquitas judicia tua, et in veritate tua humiliasti me.*

Piedade, meu Senhor! basta o que soffro:

(76) *Fiat misericordia tua, ut*

consoletur me, secundum eloquium tuum servo tuo.

Consola-me, pois quasi desfalleço.
É fragil, e cançada a natureza
Succumbe na tristeza:
Dá-me descanço; á fraca humanidade
Só lhe póde valer tua piedade.

(77) *Veniant mihi miserationes tuæ, et vivam: quia lex tua meditatio mea est.*

(78) *Confundantur superbi, quia injustè iniquitatem fecerunt in me: ego autem exercebor in mandatis tuis.*

Viverei, se me acodes: teus preceitos,
Tua lei meditei continuamente:
Este sancto cuidado me defenda.
Se desprezam a emenda
Os máos que iniquamente me perseguem,
Contra quem te ama vê o que conseguem.

(79) *Convertantur mihi timentes te, et qui noverunt testimonia tua.*

Pratticarei fiel teus mandamentos:
Voltem-se a mim os bons, venham benignos
Recrear-se comigo no que ensinas;
Nas celestes doutrinas
Seu testemunho venha consolar-me,
E teu podêr immenso resgatar-me.

(80) *Fiat cor meum immaculatum in justificationibus tuis, ut non confundar.*

Cheio de fé, de zelo, e de verdade,
Opponho á ingratidão minha innocencia:
Seja o meu coração immaculado,
Por ti justificado;
E no seio de magoas submergido
Não fique com perversos confundido.

Caph. XI.

(81) *Defecit in salutare tuum anima mea: et in verbum tuum supersperavi.*

Desfallece a minha alma, desejando
Que me acudas, meu Deos! Suspiro, gemo:
Tardas, sim; nem por isso desalento:
No que disseste attento,
Percebo das palavras o sentido;
De que me has de valer jámais duvido.

De meus olhos a luz quasi se extingue
Á força d'esperar, se vens, se acodes.
Desce, ó Senhor! É tempo de acudir-me:
Digna-te pois de ouvir-me;
Declara-me em que dia has de escutar-me,
Quando virás piedoso consolar-me.

(82) *Defecerunt oculi mei in eloquium tuum dicentes, quando consolaberis me?*

De susto, de saudade penetrado,
Contraio-me qual pelle exposta ao gelo;
Mina-me a dor que nasce da incerteza:
Sem perder a firmeza
Com que apesar de tão crueis tormentos
Cumpro á risca teus sanctos mandamentos.

(83) *Quia factus sum sicut uter in pruina, justificationes tuas non sum oblitus.*

Quantos dias me faltam de amargura?
Declara-me, ó meu Deos! este segredo.
Quando virás conter meus inimigos,
Salvar-me dos perigos
Em que me arrojam meus perseguidores,
Sem dó, sem compaixão das minhas dores?

(84) *Quot sunt dies servi tui, quando facies de persequentibus me judicium?*

Abusando da fé com que os trattava,
Quantas fabulas vãs me relataram!
Os perversos perfidias envolveram
Em quanto me disseram.
Não seus dittos, Senhor! tua lei sancta
Me anima, persuade, e só m'encanta.

(85) *Narraverunt mihi iniqui fabulationes, sed non ut lex tua.*

Teus dictames conteem summa verdade:
Os iniquos sem pejo me atraiçoam.
Acode-me, Senhor! prende-lhe os braços;
Desata-lhe esses laços
Que armaram com intentos de perder-me:
Só tu, meu Deos, só tu podes valer-me.

(86) *Omnia mandata tua veritas: inique persecuti sunt me, adjuva me.*

(87) *Paulò minus consumaverunt me in terra: ego autem non dereliqui mandata tua.*

Quasi me anniquilaram sobre a terra.
Dá-me vida, Senhor! dá-me alegria,
Pois fui fiel ás leis que m'impuzeste:

(88) *Secundum misericordiam tuam vivifica me, et custodiam testimonia oris tui.*

Com influxo celeste
Vivifica-me, a fim que em toda a parte
Guarde o que mandas, disso não me aparte.

LAMED.

XII.

(89) *In æternum, Domine, verbum tuum permanet in cœlo.*

Tuas leis, meu Senhor, alem do tempo
Duram no Ceo, por toda a eternidade.

(90) *In generationem et generationem veritas tua: fundasti terram, et permanet.*

De geração em geração fixaste
Na terra, que fundaste,
Tua verdade: o mundo a reconhece;
E por ti quanto existe permanece.

(91) *Ordinatione tua perseverat dies: quoniam omnia serviunt tibi.*

Tu accendeste os astros; por teu mando
O dia persevera, a noite o apaga:
Os phenomenos todos obedecem
Á ordem que estab'lecem
Teus decretos sagrados no Universo:
Só te resiste o animo perverso.

(92) *Nisi quod lex tua meditatio mea est: tunc forte periissem in humilitate mea.*

Se da tua lei sancta eu discrepasse,
Se nella não cuidasse noite e dia,
Infeliz! já teria perecido:
Seria submergido
Em um mar de miserias e peccados,
Como esses que t'esquecem, desgraçados.

(93) *In æternum non obliviscar justificationes tuas: quia in ipsis vivificasti me.*

Não, meu Deos! Cuidarei perpetuamente
No que ordenas; pois quanto determinas
O teu sabêr profundo justifica,
O teu amor explica:

Vivificas-me quando te obedeço,
Quando a tua justiça reconheço.

Senhor! sou teu; por ti tudo abandono:
Em amar-te a minha alma toda emprego:
A ti pertence, meu Senhor, salvar-me,
Pertence-te animar-me;
Pois teus justos designios explorando,
Neste exercicio os dias vou gastando.

(94) *Tuus sum ego* (*), *salvum me fac: quoniam justificationes tuas exquisivi.*

Observaram-me assim os peccadores,
E quizeram perder-me: sem receio
Oppuz a paciencia a seus projectos.
Teus divinos decretos
Redobraram-me n'alma a fortaleza:
Vence a virtude ao vicio, se o despreza.

(95) *Me expectaverunt peccatores, ut perderent me: testimonia tua intellexi.*

Tudo no mundo acaba: vi o termo
Das bellezas mais raras e perfeitas:
Mas alem delle existe a charidade,
Que abrange a eternidade;
E tem os corações todos sujeitos,
Ornando o mais sublime dos preceitos.

(96) *Omnis consummationis vidi finem: latum mandatum tuum nimis.*

XIII. MEM.

Quanto me agrada a tua lei sublime!
Nasce o dia, meu Deos, e desce a noite,
Nenhum outro recreio necessito:

(97) *Quomodo dilexi legem tuam, Domine! tota die meditatio mea est.*

(*) *Facilis vox*, (diz Santo Agostinho, Serm. 12., ácerca deste psalmo) *et communis videtur, sed paucorum est: satis rarus est enim qui potest dicere Deo: tuus sum: ille enim dicit, qui adhæret Deo totis sensibus, qui aliud cogitare non scit. Numquid hac voce utitur avidus pecuniæ, honoris, potestatis? Ille dicit: tuus sum, qui potest dicere: ecce reliquimus omnia, et secuti sumus te.*

Nesta sempre medito;
Vou com ella minha alma esclarecendo,
E da verdade os fachos accendendo.

(98) *Super inimicos meos prudentem me fecisti mandato tuo: quia in æternum mihi est.*

Seguindo o que me mandas, illustrado,
Em prudencia venci meus inimigos:
A lei me deo sabêr com que pudesse
Domar quem me offendesse:
Foi meu estudo, deo-me força e vida,
Tendo-a no coração sempre esculpida.

(99) *Super omnes docentes me intellexi: quia testimonia tua meditatio mea est.*

(100) *Super senes intellexi, quia mandata tua quæsivi* (*).

Muito alem das doutrinas elevadas
Com que os doutos m'instruem, m'instruiram
Teus preceitos, Senhor, e teus conselhos:
Os mais canutos velhos
Não me excederam nunca, experimentados,
Tendo explorado sempre teus mandados.

(101) *Ab omni via mala prohibui pedes meos, ut custodiam verba tua.*

Prohibi a meus pés se desgarrassem
Por caminhos errados; ia andando
Após a luz e regras que me déste:
Com auxilio celeste
Estudei o teu Codigo perfeito,
Guardei tuas palavras no meu peito.

(102) *A judiciis tuis non declinavi, quia tu legem posuisti mihi.*

Não declinei, Senhor, das sanctas regras
Que me ensinaste: a lei que m'impuzeste
É cadêa que prende eternamente;
Fugir-lhe não consente.

(103) *Quam dulcia faucibus meis eloquia tua, super mel ori meo!*

Os teus dittos são doces, amorosos,
Mais que o mel a meus labios saborosos.

(*) *Gaudeo vos esse de schola spiritus, ubi bonitatem, et disciplinam, et scientiam discatis, et dicatis cum sancto David: Super omnes docentes me intellexi. Quare inquam? Nunquid quia Platonis argutias, Aristotelis versutias intellexi, aut intelligere laboravi? Nequaquam; sed quia testimonia tua exquisivi.* — S. Bernard. Serm. 3. de Pentec.

Aprendi a sciencia que m'eléva
A conhecer-te, a amar-te, a obedecer-te:
Na posse destes bens, que não mereço,
Desvio-me, aborreço
Os caminhos fataes da iniquidade,
Os affagos do mundo e da vaidade.

(104) *A mandatis tuis intellexi: propterea odivi omnem viam iniquitatis.*

XIV.

Nun.

Tua palavra é tocha que descobre
Com seu clarão o acêrto em meus caminhos;
Guia meus pés, evita os embaraços
Que se oppoem a meus passos:
Jurei ir da justiça em seguimento,
Não hei de quebrantar o juramento.

(105) *Lucerna pedibus meis verbum tuum, et lumen semitis meis* (•).

(106) *Juravi, et statui custodire judicia justitiæ tuæ.*

Por toda a parte mágoas me humiliam:
Conforta-me, Senhor, dá-me constancia;
Para a vida futura me prepara
Com esta angustia amara:
Dá-me os bens que promettes á agonia,
Verifica o que a lei nos annuncia.

(107) *Humiliatus sum usquequaque, Domine: vivifica me secundum verbum tuum.*

Acceita o voluntario sacrificio
Que te off'recem meus labios, quando provam
Na vida tantos tragos amargosos:
Os golpes pavorosos
Com que a tua justiça me castiga
Ou me ensina a soffrer, ou os mitiga.

(108) *Voluntaria oris mei beneplacita fac, Domine, et judicia tua doce me.*

Como quem traz na mão joia que estima,

(109) *Anima mea in manibus*

(•) *Habemus firmiorem propheticum sermonem, cui benefacitis attendentes, quasi lucerna lucenti in caliginoso loco, donec dies elucescat, et lucifer oriatur in cordibus vestris.* — S. Pedro Epist. II. c. 1. v. 19.

meis semper, et legem tuam non sum oblitus.

Que recêa perder, trago minha alma
Prompta a off'recer-te della os pensamentos:
São os teus mandamentos
Escolta que a defende e fortalece:
Jámais a tua lei, Senhor, m'esquece. (*)

(110) *Posuerunt peccatores laqueum mihi, et de mandatis tuis non erravi.*

Os malignos armaram-me ciladas,
Por ver se tropeçava, ou se perdia
O caminho direito que levava:
Porêm não tropeçava,
Nem errava o caminho que me abriste;
De tino e de vigor me revestiste.

(111) *Hæreditate acquisivi testemonia tua in æternum, quia exultatio cordis mei sunt.*

Nem mais herança quero nem riquezas
Que as que contêm em si tua doutrina:
Nella existem os bens que só procuro:
Vou feliz, vou seguro;
Triumpho dos enredos da malicia,
Farto de paz minha alma e de delicia.

(112) *Inclinavi cor meum ad faciendas justificationes tuas in æternum, propter retributionem* (**).

Uni meu coração suavemente
Ao teu querêr; não canço, nem desejo

(*) Variante a esta estrophe:

Continuamente tremo que minha alma,
Cançada de penar, o alento perca:
Comtudo, a tua lei trago presente;
E por mais descontente
Que me sinta, esta lei nunca m'esquece,
Nem de todo a minha alma desfallece.

Segundo muitos interpretes, entre outros S. Jeronymo, e Santo Agostinho. *(A Auctora)*

(**) A voz hebréa *nghekeb*, que se traduz *propter retributionem*, denota a *extremidade de uma cousa, ad calcem:* usa-se umas vezes por *premio*, e outras por *penas*, no mesmo sentido em que ás vezes dizemos — que o fim do peccado *é* a morte. — Usa-se tambem pela razão final d'uma acção, como dizemos — fazer uma cousa, para tal fim —. Mas todos estes sentidos são translatos e metaphoricos: o sentido natural é *ad calcem, ad finem, ad extremum usque*, que é o mesmo que *semper*. — *(Observação de Saverio Mattei.)*

Que cesse este pendor para o que queres.
Acceito o que me deres:
E assim, só quando a lei tenho cumprido,
Aspiro então ao premio promettido.

XV. SAMBCH.

Alem da tua lei nada me agrada.
Concebi tal horror á iniquidade,
Que dos máos evitei a companhia:
Delles me defendia
A promessa, meu Deos, com que alentavas
Meu coração, e o amparo que me davas.

(113) *Iniquos odio habuit, et legem tuam dilexi.*

(114) *Adjutor et susceptor meus es tu: et in verbum tuum supersperavi.*

Apartai-vos de mim, homens perversos!
Não turbeis de minha alma os pensamentos;
Deixai-me contemplar a lei divina:
Aquelle que examina
E cumpre fielmente esta lei sancta,
Pacifico se deita e se levanta.

(115) *Declinate à me, maligni, et scrutabor mandata Dei mei.*

Acolhe-me segundo o que disseste,
Meu Deos! e viverei sempre ditoso,
Certo de possuir os dons que espero:
Não me affastes severo
Dos caminhos da Bemaventurança,
Dos bens que me promette esta esperança.

(116) *Suscipe me secundum eloquium tuum, et vivam: et non confundas me ab exspectatione mea.*

Ajuda-me, Senhor! e serei salvo:
Meus dias passarei no doce emprego
De meditar na lei que justifica:
No mysterio que indica
A abolição dos idolos profanos,
E promette o resgate dos humanos.

(117) *Adjuva me, et salvus ero, et meditabor in justificationibus tuis semper.*

(118) *Sprevisti omnes discedentes à judiciis tuis: quia injusta cogitatio eorum.*

Desprezaste, Senhor, os que não creram,
Esses que teus juizos reprovaram;
Suas cogitações mais elevadas
Foram todas erradas:
Foram de teus rebanhos excluidos,
E nos seus labyrinthos confundidos.

(119) *Prævaricantes reputavi omnes peccatores terræ, ideo dilexi testimonia tua.*

Todos os peccadores sobre a terra
Erram, deliram, falsidade ensinam:
Não os sigo, Senhor; humilde aprendo
O que me estás dizendo
Na tua lei, que adoro, é que segura
Unicamente aos homens a ventura.

(120) *Confige timore tuo carnes meas, à judiciis enim tuis timui.*

Não me embarga este amor um temor justo
Que penetra por todos os meus membros,
Quando nos teus juizos considero:
Ora temo, ora espero:
Tomo alento, meu Deos, quando t'imploro;
Se penso no que sou, suspiro, choro.

NGAIN.

XVI.

(121) *Feci judicium et justitiam: non tradas me calumniantibus me.*

Fiz justiça; das regras da equidade
Não me apartei, meu Deos: ah! não m'entregues
Agora aos impostores que me accusam.
Se de artificios usam,
Empenha-te, Senhor! salva o teu servo
Das traições e calumnias do proterve.

(122) *Suscipe servum tuum in bonum: non calumnientur me superbi.*

(123) *Oculi mei defecerunt in salutare tuum, et in eloquium justitiæ tuæ.*

Vai-se-me a luz dos olhos, esperando
Que lá do Ceo me venha o teu soccorro;
Que attendas compassivo quem t'invoca:
Sahio da tua bocca

(124) *Fac cum servo tuo secun-*

A promessa infallivel do resgate;
Não mais seu complemento se dilate.

dum misericordiam tuam, et justificationes tuas doce me.

Prende-me ao teu serviço um doce laço:
Sou teu, meu Deos! Accende na minha alma
Luz que esclareça meu entendimento:
Cessará meu tormento;
Aprenderei melhor o que me ensinas,
Melhor entenderei as leis divinas.

(125) *Servus tuus sum ego: da mihi intellectum, ut sciam testimonia tua.*

Tempo é d'obstar ao mal que o mundo envolve.
Os máos, Senhor, teus templos demoliram,
As tuas leis sagradas insultaram,
Teus fachos apagaram:
Para mim tua lei é meu thesouro,
Preferivel a joias, prata, ou ouro.

(126) *Tempus faciendi, Domine, dissipaverunt legem tuam.*

(127) *Ideo dilexi mandata tua super aurum, et topazion.*

Por isso é que m'esforço na observancia
Dos preceitos sublimes que ella encerra;
E o aspecto do vicio, que m'espanta,
Em minha alma levanta
Um terror tal, que toda a iniqua via
Enche meu peito d'odio e d'agonia.

(128) *Propterea ad omnia mandata tua dirigebar: omniam viam iniquam odio habui.*

XVII.

Phe.

É um mar d'insondaveis maravilhas
A tua lei, meu Deos! Nella a minha alma
Se abysma docemente meditando:
Vão luzes dimanando
Dos teus dictames, quanto mais se explicam,
E aos humildes ingenho communicam.

(129) *Mirabilia testimonia tua: ideo scrutata est ea anima mea.*

(130) *Declaratio sermonum tuorum illuminat, et intellectum dat parvulis.*

Anhelando cumprir quanto me ordenas,

(131) *Os meum aperui, et attra-*

xi spiritum, quia mandata tua desiderabam.

Desprendem-se-me os labios; não respiro:
Estupefacto fico... Em mim repara:
Senhor! Quem alcançara,
Como os que amam teu nome, na verdade,
Que tivesses de mim tambem piedade!

(132) *Aspice in me et miserere mei: secundum judicium diligentium nomen tuum.*

(133) *Gressus meos dirige secundum eloquium tuum, et non dominetur mei omnis injustitia.*

Nesta escabrosa estrada onde caminho
Os meus passos dirige; d'erro ou queda
Me defende, meu Deos! O tempo gaste
Segundo o que mandaste:
Isento de paixões e de cubiça,
Nem jámais dominado d'injustiça.

(134) *Redime me à calumniis hominum, ut custodiam mandata tua.*

Ah! meu Deos, se eu pudesse mais tranquillo
Cumprir a tua lei! Dá-me socego;
De penosas calumnias me resgata:
Então minha alma grata
Todos te offertará seus pensamentos,
E cumprirá melhor os mandamentos.

(135) *Faciem tuam illumina super servum tuum, et doce me justificationes tuas.*

Affàvel para mim volta o teu rosto:
Illumina o teu servo, e me conforta:
Levanta o véo aos célicos arcanos,
Abrevia-me os annos;
Se tão appetecida claridade
Me é concedida só na eternidade.

(136) *Exitus aquarum deduxerunt oculi mei: quia non custodierunt legem tuam.*

Se na vida, meu Deos, errei mil vezes;
Se não guardei a lei como devia;
Já de lagrimas rios me inundaram:
Já meus olhos pagaram
Com pranto amargo essas crueis offensas;
E soffre o coração dores intensas.

XVIII.

Tzade.

Justo és, Senhor! são teus juizos rectos.
Mandaste que a justiça se observasse;
Que a verdade nas obras transluzisse:
Que nos homens se visse
De tal modo a observancia dos preceitos,
Que em tudo fossem puros e perfeitos.

(137) *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum.*

(138) *Mandasti justitiam testimonia tua, et veritatem tuam nimis.*

O meu zelo desseca-me, devora-me,
Ao ver como os humanos prevaricam;
Como os meus inimigos descuidados,
Em vicios engolphados,
Não pensam nas palavras que disseste,
Nos sublimes dictames que nos déste.

(139) *Tabescere me fecit zelus meus, quia obliti sunt verba tua inimici mei.*

São comtudo de fogo as tuas phrases:
De um celeste calor todo me abrazam;
De um sancto amor transporta-me a vehemencia:
Bem que a minha indigencia,
O meu sêr limitado me confunda,
Amo e penetro a tua lei profunda.

(140) *Ignitum eloquium tuum vehementer, et servus tuus dilexit illud.*

(141) *Adolescentulus sum ego, et contemptus, justificationes tuas non sum oblitus.*

Lei de justiça eterna, lei sublime,
Que a ordem permanente consolida;
Que nas trevas diffunde claridade:
Nella existe a verdade,
Que as celestes delicias antecipa,
E a escuridão dos erros nos dissipa.

(142) *Justitia tua, justitia in æternum, et lex tua veritas.*

Quantas vezes afflicto, atribulado,
Me cercavam angustias implacaveis!
Mas nos teus mandamentos meditando,
Fui assim alcançando

(143) *Tribulatio, et angustia invenerunt me, mandata tua meditatio mea est.*

Convencer-me que as penas que soffremos
São justa expiação do que fizemos.

(144) *Æquitas testimonia tua in æternum: intellectum da mihi, et vivam.*

É d'equidade eterna o que decretas:
E quando afflicto lutto com pesares,
Concede-me, meu Deos, intelligencia:
Ganharei paciencia,
Penetrarei mysterio tão subido,
Viverei confortado e submettido.

Coph.

XIX.

(145) *Clamavi in toto corde meo, exaudi me, Domine, justificationes tuas requiram.*

(146) *Clamavi ad te, salvum me fac, ut custodiam mandata tua.*

Com todo o coração assim gritava:
«Escuta-me, Senhor! vem acudir-me;
Obriga-me a buscar-te unicamente:
Faze que me contente
D'indagar a doutrina que ensinaste,
Pois para executá-la me creaste.

(147) *Præveni in maturitate* (*), *et clamavi: quia in verba tua supersperavi.*

«Salva-me, meu Senhor (te repetia)
Para poder guardar teus mandamentos:»
(Tanto a minha fraqueza me assustava!)
A manhã não raiava,
Quando já meus suspiros te cercavam,
Minhas supplicas ternas te invocavam.

(*) *Immaturitate* lia-se nos antigos Psalterios em vez de *in maturitate*. O Hebreo tem *bannesceph*. A voz *nesceph*, como explica o Rabino David, é *o principio da noite*, *quando começam as trevas*, *e o principio do dia*, *quando as trevas se desvanecem*; portanto corresponde ao que nós chamamos *crepusculo*, ou *alva da manhã e da tarde*. Aqui falla-se da alva da manhã, *præveni diluculo*. Santo Ambrosio no *Serm.* 19. a respeito deste psalmo, diz: *Grave est, si te otiosum in stratis radius Solis orientis inverecundo pudore conveniat, et lux clara feriat oculos somnolento adhuc torpore depressos. Arguit nos tanti temporis spatium sine ullius devotionis munere, ac spiritalis sacrificii oblatione feriata transmissum. An nescis, quod primitias tui cordis, ac vocis Deo debeas? Occurre ad Solis ortum, ut te oriens inveniat jam paratum.*

(Observ. de Martini.)

Na esperança d'auxilio despertava;
Preveniam meus olhos o crepusc'lo,
Só para meditar no que prescreves:
A meus clamores deves,
Segundo tua piedade, dar ouvidos,
Julgar, para que eu viva, meus gemidos.

(148) *Praevenerunt oculi mei ad te diluculo: ut meditarer eloquia tua.*

(149) *Vocem meam audi secundum misericordiam tuam, Domine, et secundum judicium tuum vivifica me.*

Sincero sou, meu Deos; e tu conheces
Que tal fui: mas os meus perseguidores
Da iniquidade só se aproximaram:
Audazes se apartaram
Da tua lei, que os homens faz ditosos,
E lhes prohibe os actos aleivosos.

(150) *Appropinquaverunt persequentes me iniquitati: à lege autem tua longe facti sunt.*

Tudo, meu Deos, existe a ti presente:
Não ha torto caminho que t'esconda
Dos homens o mais leve pensamento:
O mais secreto intento
Apparece, qual é, ante a verdade:
Vês igualmente o bem e a iniquidade.

(151) *Prope es tu, Domine, et omnes viae tuae veritas.*

Conheci desde os meus mais tenros annos
Sobre qual fundamento repousava
Esta tão sabia lei que nos governa:
Da Sapiencia eterna,
Meu Deos, o immortal sello lhe puzeste,
E para durar sempre a estab'leceste.

(152) *Initio cognovi de testimoniis tuis, quia in aeternum fundasti ea.*

XX.

Resh.

Acode-me, Senhor! Vê-me humilhado,
Perseguido, por ser na lei constante,
Porque a sigo, e jámais della m'esqueço.
Desprezo o que padeço;

(153) *Vide humilitatem meam, et eripe me, quia legem tuam non sum oblitus.*

(154) *Judica judicium meum,*

et redime me: propter eloquium tuum vivifica me.

Com teu soccorro espero de vencê-lo:
Julga-me tu, que a ti sómente appello.

(155) *Longe à peccatoribus salus, quia justificationes tuas non exquisierunt.*

Sei que dos peccadores a ruina
Rigoroso já tens determinado:
Que a teima com que expulsam da memoria
Tua lei, tua gloria,
Com que s'entregam sempre á iniquidade,
Merece que lhe negues a piedade.

(156) *Misericordiæ tuæ multæ, Domine, secundum judicium tuum vivifica me.*

Mas ao teu servo, a mim, que humilde imploro
A tua misericordia, a mim, que busco
Cumprir a tua lei ponto por ponto,
Dá-me soccorro prompto;
Adoça compassivo meus pezares,
Vivifica-me quando me julgares.

(157) *Multi, qui persequuntur me, et tribulant me, à testimoniis tuis non declinavi.*

Muitos ha que me affligem, me perseguem;
Comtudo, persevero no que mandas;
Não declino na lei, sempre te sigo:
E quando não consigo
Com isso moderar os meus tormentos,
Custe o que custe, cumpro os mandamentos.

(158) *Vidi prævaricantes, et tabescebam, quia eloquia tua non custodierunt.*

Os prevaricadores me consternam;
Gemo, se ingratidões só correspondem
Ao amor com que trattas os humanos:
Consomem-me os enganos
Com que as paixões no abysmo os precipitam,
E a mais pungente dor n'alma me excitam.

(159) *Vide, quoniam mandata tua dilexi Domine: in misericordia tua vivifica me.*

Vê, Senhor, como adoro teus preceitos:
Por tua misericordia dá-me alento.

(160) *Principium verborum tuo-*

São as tuas palavras infalliveis;

Suaves, ou terriveis,
Procedem de justiça e da verdade,
Hão de durar por toda a eternidade.

rum, veritas, in æternum omnia judicia justitiæ tuæ.

XXI.

SCIN.

Sem dó me perseguiram Potentados:
Seu furor contra mim embora exhalem;
Quando me julgam temerariamente,
Triumphante, contente,
Minha alma hão de admirar no lance extremo:
Julga-me tu, meu Deos, a ti só! temo.

(161) *Principes persecuti sunt me gratis, et à verbis tuis formidavit cor meum.*

Gozarei das sentenças que me deres;
E qual guerreiro vencedor que volta
Dos mais ricos despojos carregado,
Voltarei socegado
A acompanhar co' a cithara cadente
Os hymnos em que exprimo o que a alma sente.

(162) *Lætabor ego super eloquia tua, sicut qui invenit spolia multa.*

Em odio tive sempre a iniquidade;
As obras tenebrosas do peccado
Do mais vivo terror me penetraram:
Verdades convidaram
Meu coração a emprego mais sublime:
A amar a tua lei, fugir do crime.

(163) *Iniquitatem odio habui, et abominatus sum: legem autem tuam dilexi.*

Sette vezes no dia te invocava;
E sobre teus juizos reflectiado,
Ía tua justiça admirando:
Psalmos ía entoando;
Ao Ceo, á terra, aos homens ensinava
O que a tua grandeza m'inspirava.

(164) *Septies in die laudem dixi tibi, super judicia justitiæ tuæ.*

(165) *Pax multa diligentibus legem tuam, et non est illis scandalum.*

Ah! quanta paz concedes aos ditosos
Que adoram tuas leis, e as cumprem sempre!
O interno testemunho os tranquillisa;
Jámais os tyrannisa
Do escandalo a suspeita vergonhosa,
Ou medo de uma estrada duvidosa.

(166) *Exspectabam salutare tuum, Domine, et mandata tua dilexi.*

(167) *Custodivit anima mea testimonia tua, et dilexit ea vehementer.*

Vem de ti a certeza dos caminhos;
Em ti é que esperei sempre salvar-me;
Amei o que mandaste, e com tal ancia,
Que a constante observancia
Converteo-se em penhor de que me ouvias,
E o meu ardente amor agradecias.

(168) *Servavi mandata tua, et testimonia tua, quia omnes viæ meæ in conspectu tuo.*

Se fiel fui, meu Deos!.. tu bem o sabes:
Se com zelo observei os teus preceitos,
Aos teus auxilios devo essa ventura.
Conheci com doçura
Que ante os teus olhos firme caminhava,
Que pensamento algum se te occultava.

TAU.

XXII.

(169) *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo, Domine: juxta eloquium tuum da mihi intellectum.*

Suba qual puro incenso ante o teu throno
Esta minha oração, Senhor piedoso!
Abre o thesouro dessa Omnipotencia,
E dá-me intelligencia
Cujo clarão nas vozes que soltaste
Me mostre claramente o que ensinaste.

(170) *Intret postulatio mea in conspectu tuo: secundum eloquium tuum eripe me.*

(171) *Eructabunt labia mea hym-*

Penetrem meus suspiros, qual aroma
Que cerca a immortal séde, os teus ouvidos;
Liberta-me segundo prometteste:
A abobada celeste

Meus labios romperão com doces hymnos
Que inspiram os dictames teus divinos.

num, cum docueris me justificationes tuas.

Minha lingua dirá o que disseste:
Possuido do fogo que dimanas,
Direi de teus mandados a bondade:
Nelles, tudo equidade,
S'inflammará meu estro de tal modo,
Que meu canto converta o mundo todo.

(172) *Pronuntiabit lingua mea eloquium tuum, quia omnia mandata tua æquitas.*

Estende a mão, Senhor, e me resgata
Da terrena illusão que me allucina:
Tua lei preferi, ella me prenda;
Em mim jámais se accenda
O fogo das paixões; da lei sómente
Me abraze o coração amor vehemente.

(173) *Fiat manus tua, ut salvet me, quoniam mandata tua elegi.*

Cubiço a salvação, nada mais amo:
O que ordenas medito enternecido;
E sendo os teus juizes meu conforto,
Para o mundo já morto,
Minha alma viverá para agradar-te,
Para abjurar peccados, e louvar-te.

(174) *Concupivi salutare tuum, Domine, et lex tua meditatio mea est.*

(175) *Vivet anima mea, et laudabit te, et judicia tua adjuvabunt me.*

Errei, Senhor, fugi do teu aprisco,
Como vai uma ovelha desgarrada:
Reconduz o teu servo: se ignorante
Andei confuso, errante,
Apesar da illusão com que fugia
Dos preceitos da lei não me esquecia.

(176) *Erravi, sicut ovis, quæ periit: quære servum tuum, quia mandata tua non sum oblitus.*

PSALMO CXIX.

(I. DOS GRADUAES.)

Canticum graduum 1.

Cantico da escala. Primeiro tom (*).

(1) *Ad Dominum cum tribularer, clamavi, et exaudivit me.*

Num mar de acerba angustia submergido,
Por Deos clamei, e lá do empyreo assento
Se dignou escutar-me condoído.

(2) *Domine, libera animam meam à labiis iniquis, et à lingua dolosa.*

Defende-me, Senhor! (lhe disse afflicto)
Labios iniquos, linguas depravadas
Me acommettem; soccorro necessito.

(3) *Quid detur tibi, aut quid apponatur tibi ad linguam dolosam?*

Linguas enganadoras! que proveito
De calumnias e dolos vos resulta?
Quem póde oppor-se a seu tyranno effeito!

(4) *Sagittæ potentis acutæ, cum carbonibus desolatoriis.*

Se as mentiras são settas penetrantes,
As calumnias são brazas que devoram,
E os animos perturbam mais constantes?

(5) *Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est! habitavi cum habitantibus Cedar: multum incola fuit anima mea.*

Como este meu desterro é prolongado!
Quanto se faz tardio o refrigerio,
E os instantes augmentam meu cuidado!...

(*) Saverio Mattei persuade-se por mui plausiveis razões que expende, que estes psalmos serviam para uso da escala musica, e que dahi provêm o titulo de *Canticum graduum*, que quer dizer *Cantico da escala*, a qual na musica antiga constava justamente de quinze tons, quantos são estes psalmos, que sendo breves e faceis, usariam delles os mestres de canto para ensinar a modulação da voz aos seus discipulos.

Onde estou? No paiz que vio nascer-me,
Ou na Arabia deserta, onde irritado
Tropel de salteadores quer perder-me?

Não ha remedio: os barbaros rejeitam
A paz, porque pacifico lh'a offerto;
E pois que ella me agrada, não a acceitam.

(6) *Cum his, qui oderunt pacem, eram pacificus, cum loquebar illis, impugnabant me gratis.*

PSALMO CXX.

(II. DOS GRADUAES.)

Cantico da escala. Segundo tom.

Canticum graduum II.

VOLTEI para os altos montes
Os meus olhos, esperando
Que de lá descesse auxilio
Que me fosse reanimando.

(1) *Levavi oculos meos in montes, unde veniet auxilium mihi.*

Este auxilio só vir póde
Do Senhor, da mão divina
Que creou os Ceos e a terra,
E sobre tudo domina.

(2) *Auxilium meum à Domino, qui fecit cœlum et terram.*

Diz-me d'alma a voz interna:
«Não temas, Deos te vigia;
Não dorme durante a noite,
Nem fecha os olhos de dia.

(3) *Non det in commotionem pedem tuum, neque dormitet, qui custodit te.*

«Deos vigilante não deixa
Que um seixo o pé te moleste;
De vigor e de firmeza
O teu sêr todo reveste.

(4) *Ecce non dormitabit neque dormiet, qui custodit Israel.*

«Não dorme, nem é possivel
Que dormite, sem reparo,
E deixe o seu charo povo
Israel ao desamparo.

(5) *Dominus custodit te, Dominus protectio tua super manum dexteram tuam.*

(6) *Per diem Sol non uret te, neque Luna per noctem.*

«O seu regio manto estende,
Debaixo delle te abriga;
Do Sol te veda os ardores,
Da Lua influxos mitiga.

(7) *Dominus custodit te ab omni malo: custodiat animam tuam Dominus.*

«De todo o mal te defende
O Senhor, e da tua alma
As cogitações penosas
C'um sopro benigno acalma.

(8) *Dominus custodiat introitum tuum, et exitum tuum, ex hoc nunc, et usque in sæculum.*

«Que entres ou saias, no mundo,
Te ha de á dextra encaminhar;
No tempo ou na eternidade
Te vai sempre acompanhar.»

PSALMO CXXI.

(III. DOS GRADUAES.)

Canticum graduum III.

Cantico da escala. Terceiro tom.

(1) *Lætatus sum in his, quæ dicta sunt mihi, in domum Domini ibimus.*

QUE sobresalto! que allivio
Senti quando me disseram
Que na Casa do Senhor
Inda mil bens nos esperam!
Que á patria Israel voltava,
E o meu desterro acabava!

Oh Jerusalem querida!
Com que alvoroço e pasmo te contemplo!
Inda os meus pés hão de por-se
No atrio afortunado do teu templo.
Tu, Cidade tão famosa,
Do degredo onde gemo tão diversa,
Que aspecto regular nos apresentas!
Os teus muros sustentam a Concordia,
És o asylo da Paz, da Misericordia.
Em pomposo ajuntamento
As tribus alli concorrem,
E com dictames divinos
Mutuamente se soccorrem;
Ao Senhor que glorificam
Morada eterna edificam.
Confessando de Deos o sancto nome,
As verdades de seu sublime orac'lo
Testifica Israel no tabernac'lo.
Alli foram collocados
Os thronos donde dimana
A justiça que premêa
Ou castiga a especie humana:
Essa de David governa
O palacio, a herança eterna.
Rogai, povos, ao Sêr benevolente
Que a Jerusalem dê paz e alegria;
Que aos servos que a Deos amam recompense
Com abundantes graças cada dia.
Cesse o tumulto, a discordia,
Suspenda-se a guerra audaz;
Vivam, meu Deos, os teus servos
Contentes, firmes, e em paz:
Da fraternal concordancia
Derive sempre a abundancia.

(2) *Stantes erant pedes nostri in atriis tuis, Jerusalem.*

(3) *Jerusalem, quæ ædificatur, ut civitas, cujus participatio ejus in idipsum.*

(4) *Illuc enim ascenderunt tribus, tribus Domini: testimonium Israel ad confitendum nomini Domini.*

(5) *Quia illic sederunt sedes in judicio, sedes super domum David.*

(6) *Rogate, quæ ad pacem sunt Jerusalem: et abundantia diligentibus te.*

(7) *Fiat pax in virtute tua, et abundantia in turribus tuis.*

(8) *Propter fratres meos, et proximos meos loquebar pacem de te.*

Pois que os vinculos mais doces
Nos unem, meu Deos, consente
Que unidos sempre vivamos,
Que este bem só nos contente:
Na tua excelsa morada
Domine a paz suspirada.

(9) *Propter domum Domini Dei nostri quæsivi bona tibi.*

Em quanto, ó feliz Cidade,
Reside immovel na altura
Desse outeiro o sacro templo,
É certa a nossa ventura:
Ah! quanto bem lhe deseja
Nosso amor, cumprido seja.

PSALMO CXXII.

(IV. DOS GRADUAES.)

Canticum graduum IV.

Cantico da escala. Quarto tom.

(1) *Ad te levavi oculos meos, qui habitas in cœlis.*

A TI, meu Deos, que dominas
A espaçosa terra e os ceos,
A ti volto estes meus olhos,
Envio os suspiros meus.

(2) *Ecce sicut oculi servorum in manibus dominorum suorum.*

Como o servo cuidadoso
Depende do seu patrão,
E consulta os seus acenos
Se empr'ende qualquer acção:

Como nas mãos da senhora
Fixa a vista a escrava attenta,
E sem que ella o determine
Algum movimento intenta:

(3) *Sicut oculi ancillæ in manibus dominæ suæ, ita oculi nostri ad Dominum Deum nostrum, donec misereatur nostri.*

Assim eu, cheio de magoas,
A ti chamo e volto afflicto;
Tem piedade do que soffro,
Dá-me a paz que necessito.

TAYLOR INST. OXFORD

Tem, meu Deos, de nós piedade:
D'insultos fartos estamos;
Zombam de nós os suberbos,
Cobertos de lucto andamos.

(4) *Miserere nostri, Domine, miserere nostri: quia multum repleti sumus despectione.*

Já não cabe em nossas almas
Dos opprobrios a abundancia:
Em ti confiamos; dá-nos
Ou mais allivio, ou constancia.

(5) *Quia multum repleta est anima nostra, opprobrium abundantibus, et despectio superbis.*

PSALMO CXXIII.

(V. DOS GRADUAES.)

Cantico da escala. Quinto tom.

Canticum graduum V.

Se Deos não fôra comnosco,
(Diga-o Israel jucundo)
Seriamos sepultados
No abysmo mais profundo.

(1) *Nisi quia Dominus erat in nobis, dicat nunc Israel, nisi quia Dominus erat in nobis.*

(2) *Cum exsurgerent homines in nos, forsitan vivos deglutissent nos.*

Quando os perfidos corriam
Contra nós a devorar-nos,
Parecia que assim vivos
Appeteciam tragar-nos.

(3) *Cum irasceretur furor eorum in nos, forsitan aquæ absorbuissent nos.*

Para evitar os tyrannos,
E procurar melhor sorte,
Nas ondas embravecidas
Fomos affrontar à morte.

(4) *Torrentem pertransivit anima nostra, forsitan pertransisset anima nostra aquam intolerabilem.*

Do vortice tempestivo
Quem então nos salvaria?
Deos, que entre as ondas nos leva,
Mesmo alli nos acudia.

(5) *Benedictus Dominus, qui non dedit nos in captionem dentibus eorum.*

Deos nos livrou compassivo
Dos dentes de homens corruptos;
Transportou-nos d'entre as vagas
À praia, salvos e enxutos.

(6) *Anima nostra, sicut passer, erepta est de laqueo venantium.*

Escapámos como escapa
O passaro voador
Quando evita apercebido
Os laços do Caçador.

(7) *Laqueus contritus est, et nos liberati sumus.*

Rompeo-se o perfido laço
Em que foramos envoltos;
Rasgámos livres os ares,
Vagámos o bosque soltos.

(8) *Adjutorium nostrum in nomine Domini, qui fecit cælum et terram.*

Este poderoso auxilio
Vem do nome do Senhor,
Que é dos Ceos, do mar, e terra
O supremo Creador.

PSALMO CXXIV.

(VI. DOS GRADUAES.)

Cantico da escala. Sexto tom.

Canticum graduum VI.

Como permanece immovel
De Sião o monte augusto,
Fiando-se em Deos sómente
Firme permanece o justo:
De Jerusalem sublime
O habitante afortunado
Jámais será conturbado.

(1) *Qui confidunt in Domino, sicut mons Sion: non commovebitur in æternum, qui habitat in Jerusalem.*

O Senhor cinge a Cidade
De serras alcantiladas,
E as gentes que alli residem
Por Deos mesmo são guardadas:
Com amor nellas vigia;
Attento e compadecido
Cerca o seu povo escolhido.

(2) *Montes in circuitu ejus, et Dominus in circuitu populi sui ex hoc nunc, et usque in sæculum.*

Elle impede que a maldade
Accrescente ao justo dores,
E será quem quebre as varas
Que empunham os peccadores:
Suppre dos fracos o alento;
Nenhum prospero delicto
Tentará o justo afflicto.

(3) *Quia non relinquet Dominus virgam peccatorum super sortem justorum: ut non extendant justi ad iniquitatem manus suas.*

Aos bons o Senhor defende,
Consola o justo se chora;

(4) *Benefac, Domine, bonis, et rectis corde.*

Rectos corações acolhe,
Abençoa a quem o implora:
Não ha bem sem seu auxilio;
O mortal, só não vacilla
Quando a sua luz scintilla.

(5) *Declinantes autem in obligationes adducet Dominus cum operantibus iniquitatem: pax super Israel.*

Mas os cegos que transviam,
E em suas paixões se cevam,
Perecem como os mais impios,
Seus passos á morte os levam:
Cessa o seu influxo, e alegre
Respira o Povo fiel,
Reina a paz sobre Israel.

PSALMO CXXV.

(VII. DOS GRADUAES.)

Canticum graduum VII.

Cantico da escala. Settimo tom.

(1) *In convertendo Dominus captivitatem Sion facti sumus sicut consolati.*

Quando, oh Senhor podereso,
Quebrares grilhões pesados
Com que está Sião captiva
Por obra destes malvados,
Tal será do gosto o effeito,
Que para tanta ventura
Fique o coração estreito.

(2) *Tunc repletum est gaudio os nostrum, et lingua nostra exultatione.*

Então em doce alegria
Todo o pezar se nos troca;

Sahirão como em torrentes
Os hymnos da nossa bocca:
A nossa lingua, exultando,
Irá com pomposos termos
Teus favores celebrando.

Attonita a gente, á vista
Do resgate suspirado,
Dirá — Como Deos é grande!
E o seu povo afortunado!
Nós de magoas libertados
Daremos fim á tristeza,
Em delicias abysmados.

(3) *Tunc dicent inter gentes, magnificavit Dominus facere cum eis.*

As desgraças esquecendo,
A victoria memorando,
Iremos tantos prodigios
Juntos em coros cantando:
O mais suave instrumento
Acompanhe a expressão doce
Do nosso contentamento.

(4) *Magnificavit Dominus facere nobiscum, facti sumus lætantes.*

Vem, ó meu Deos, consolar-nos
Neste duro captiveiro;
Vem qual chuva que humedece
O mais arido sequeiro;
Como inundação precisa,
Que depois da mangra esteril
Um terreno fertilisa.

(5) *Converte, Domine, captivitatem nostram, sicut torrens in austro.*

No frio inverno, choroso
O lavrador semeava;
Mas carregado de messes
No estio alegre voltava:

(6) *Qui seminant in lacrymis, in exultatione metent.*

Suave presentimento!
Veremos a Patria livre?
Teremos contentamento?

(7) *Euntes ibant, et flebant mittentes semina sua.*

Israel captivo e afflicto
Trabalha com dor pungente,
Qual cultor que em terra esteril
Lança sem fructo a semente.

(8) *Venientes autem venient cum exultatione, portantes manipulos suos.*

Se a Patria for triumphante,
Voltará como o que volta
De uma colheita abundante.

PSALMO CXXVI.

(VIII. DOS GRADUAES.)

Canticum graduum VIII.

Cantico da escala. Oitavo tom.

(1) *Nisi Dominus ædificaverit domum, in vanum laboraverunt qui ædificant eam.*

Se o teu palacio, ó mortal,
O Senhor não edifica,
Em vão para levantá-lo
Trabalha quem o fabrica.

(2) *Nisi Dominus custodierit civitatem, frustra vigilat, qui custodit eam.*

Se desse edificio nobre
Não é Deos quem guarda os muros,
Toda a vigilancia é nulla,
Ficam sempre mal seguros.

(3) *Vanum est vobis ante lucem surgere, surgite postquam sederitis, qui manducatis panem doloris.*

Madrugar antes que doure
O Sol do Oriente o frio,
Não convem; algum descanço
A quem trabalha é preciso.

Dorme o justo, e em quanto dorme,
Sem lidar, Deos o enriquece;
Dá-lhe herança, filhos, gloria,
Dons que a virtude merece.

(4) *Cum dederit dilectis suis somnum; ecce hæreditas Domini, filii: merces, fructus ventris.*

Os filhos são os escudos
Que aos paes nas luitas amparam;
Melhores armas que as settas
Que mãos potentes disparam.

(5) *Sicut sagittæ in manu potentis, ita filii excussorum.*

Quando a fortuna persegue,
E aos tribunaes são chamados,
Não temem, se se apresentam
De seus filhos rodeados.

(6) *Beatus vir, qui implevit desiderium suum ex ipsis, non confundetur, cum loquetur inimicis suis in porta.*

Ditosos paes! se nos filhos
Encontram quanto desejam;
Cujo exemplo os bons anima,
E em vão perversos invejam.

PSALMO CXXVII.

(IX. DOS GRADUAES.)

Cantico da escala. Nono tom.

Canticum graduum IX.

FELIZES os que a Deos temem!
Os que seus passos medindo,
Os vão sempre dirigindo
Pela estrada do Senhor.

(1) *Beati omnes qui timent Dominum, qui ambulant in viis ejus.*

(2) *Labores manuum tuarum quia manducabis, beatus es, et bene tibi erit.*

O homem activo e destro
Da dependencia se isenta,
E o pão de que se alimenta
É fructo do seu lavor.

(3) *Uxor tua sicut vitis abundans in lateribus domus tuæ.*

Em domestico socego
Vê a consorte formosa,
Como a videira frondosa
A seu lado prosperar.

(4) *Filii tui, sicut novellæ olivarum in circuitu mensæ tuæ.*

Vê seus filhos, que a frescura
Teem de aromaticas rosas,
Quaes novidades viçosas
A frugal mesa cercar.

(5) *Ecce sic benedicetur homo, qui timet Dominum.*

Eis-aqui o que recebe
De Deos benção copiosa,
Se em sua alma fervorosa
Existe um sancto temor.

(6) *Benedicat tibi Dominus ex Sion: et videas bona Jerusalem omnibus diebus vitæ tuæ.*

Deos, ó mortal, te abençoe
Das alturas de Sião;
E ao teu docil coração
Conforte o divino amor.

Enternecido recolha
Teus patrioticos votos;
Com teus suspiros devotos
Mil dons á Patria obterás.

(7) *Et videas filios filiorum tuorum, pacem super Israel.*

Opulenta, socegada
Sempre a verás em teus dias,
Gozando das alegrias
E bens que produz a paz.

Na mais serena velhice,
Sem causar-te a morte susto,
Co' as esperanças do justo
Tua alma confortarás.

Antes que o momento chegue
De gozar premios celestes,
Teus filhos e os filhos destes
Inda alegre alcançarás.

PSALMO CXXVIII.

(X. DOS GRADUAES.)

Cantico da escala. Decimo tom.

Canticum graduum X.

DESDE os meus tenros annos combateram
Mil vezes contra mim perfidas gentes:
A Israel são patentes
Casos em que fui sempre combatido,
Luttando sem cessar, jámais vencido.

(1) *Sæpe expugnaverunt me à juventute mea, dicat nunc Israel.*

(2) *Sæpe expugnaverunt me à juventute mea: etenim non potuerunt mihi.*

O mais pesado jugo os peccadores
Sobre o dorso ulcerado m'impuzeram;
O tormento estenderam,
E fui victima delles largos annos:
Mas Deos cohibe os impetos tyrannos.

(3) *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores, prolongaverunt iniquitatem suam.*

Justo o Senhor, a cerviz impia tronca,
Põe malvados em fuga vergonhosa;
Da turba revoltosa

(4) *Dominus justus concidit cervices peccatorum: confundantur, et convertantur retrorsum omnes qui oderunt Sion.*

Quebra, dissipa a força: assim perecem
Os que a Sião insultam e aborrecem:

(5) *Fiant sicut fœnum tectorum, quod priusquam evellatur, exaruit.*

(6) *De quo non implevit manum suam qui metit, et sinum suum qui manipulos colligit.*

Quaes plantas que vegetam sobre os tectos,
Que seccam, sem que mão cultora as colha,
Sem que dellas escolha
Avido segador um só punhado;
E em pó as varre o vento arrebatado.

(7) *Et non dixerunt qui præteribant: Benedictio Domini super vos: Benediximus vobis in nomine Domini.*

Germinam, crescem, murcham, sem que attente
No seu viço quem passa pela estrada:
Oh planta desgraçada!
Nunca achastes alguem que te dissesse
—Deos te abençoe; augmenta, reflorece.

PSALMO CXXIX.

(VI. DOS PENITENCIAES.)

(XI. DOS GRADUAES.)

Canticum graduum XI.

Cantico da escala. Undecimo tom.

(1) *De profundis clamavi ad te Domine: Domine, exaudi vocem meam.*

Do mais profundo do abysmo
Te clamei, Senhor, piedade:
Minha voz cançada e ronca
Attende, ó Deos de bondade.

(2) *Fiant aures tuæ intendentes in vocem deprecationis meæ.*

Presta ouvido a meus suspiros,
Vê meus acerbos tormentos;
Movam-te as penas que eslucțam
Meu peito, meus pensamentos.

Se pois condemnar-me queres,
Certo ha de ser meu castigo;
As minhas culpas são certas,
É vão procurar abrigo.

(3) *Si iniquitates observaveris Domine, Domine, quis sustinebit?*

Mas de um Juiz tão exacto
Para um Pae benigno appello;
Tudo em Deos é dó, piedade,
Lagrimas hão de vencê-lo.

(4) *Quia apud te propitiatio est, et propter legem tuam sustinui te Domine.*

Sim, da tua lei me amparo,
Fio-me em tuas promessas,
Para crer que os teus rigores
Por minhas culpas não meças.

(5) *Sustinuit anima mea in verbo ejus, speravit anima mea in Domino.*

Confio nessas verdades
Que ninguem alterar póde,
E que ao mortal são penhores
De que um Deos sempre lhe acode.

Desde que soa a alvorada,
Té que toca a recolher,
Israel em Deos espera,
Descança no seu podêr.

(6) *A custodia matutina usque ad noctem speret Israel in Domino.*

Sim, piedoso, compassivo,
Com redempção copiosa,
Virá lavar o seu povo
Da macula criminosa.

(7) *Quia apud Dominum misericordia, et copiosa apud eum redemptio.*

Elle mesmo triumphante
Virá quebrar nossos ferros,
E com torrentes de graça
Apagar antigos erros.

(8) *Et ipse redimet Israel ex omnibus iniquitatibus ejus.*

PSALMO CXXX.

(XII. DOS GRADUAES.)

Canticum graduum XII.

Cantico da escala. Duodecimo tom.

(1) *Domine, non est exaltatum cor meum, neque elati sunt oculi mei.*

Sabes, meu Deos, que em meu peito
Nunca a soberba acoitei,
Nem meus olhos levantei
Para os outros com desdem.

(2) *Neque ambulavi in magnis, neque in mirabilibus super me.*

Jámais altivos projectos
Meu espirito occuparam:
Fiz o que pude e dictaram
Os meus desejos do bem.

(3) *Si non humiliter sentiebam, sed exaltavi animam meam.*

Sabes, meu Deos, que não quero
Pompas com alhêa offensa,
Cargo que me não pertença,
E fructo só de ambição.

Se humilde não reconheço
O que sou, o que me falta,
Ou se amor-proprio me exalta
Orgulhoso o coração.

(4) *Sicut ablactatus est super matre sua, ita retributatio in anima mea.*

Como no collo materno
Os meninos desleitados
Ficam c'os olhos pregados
Com timidez sobre a mãe:

Assim para os ceos voltada
Minha alma de ti depende;
Nada mais quer nem pertende
Que o que julgas lhe convem.

Das proprias forças não fie
Israel prosperidade;
Agora e na eternidade
Tudo espere do Senhor.

(5) *Speret Israel in Domino ex hoc nunc, et usque in sæculum.*

PSALMO CXXXI. (*)

(XIII. DOS GRADUAES.)

Cantico da escala. Trigessimo tom.

Canticum graduum XIII.

SENHOR, que as virtudes nobres
Guardas na eterna lembrança,
De David teu fiel servo
Recorda a indole mansa.

(1) *Memento Domine David, et omnis mansuetudinis ejus.*

Tem presente a chamma activa
Que o coração lhe abrazava;
E concede-me que eu cumpra
O que o sancto Rei jurava.

(2) *Sicut juravi Domino, votum vovit Deo Jacob:*

(*) Bossuet sustenta a opinião dos que adaptam este psalmo á primeira dedicação do templo, e o attribuem a Salomão. Mattei porêm diz mais, que o duvidar de que seja deste Principe é fazer gala de septicismo nas cousas as mais claras.

(3) *Si introiero in tabernaculum domus meæ, si ascendero in lectum strati mei.*

«Ao Deos de Jacob prometto
(Disse David) de ficar
Sem um tecto que me abrigue,
Dia e noite exposto ao ar;

(4) *Si dedero somnum oculis meis, et palpebris meis dormitationem.*

(5) *Et requiem temporibus meis, donec inveniam locum Domino, tabernaculum Deo Jacob.*

«Sem dar a meus olhos somno,
Sem as palpebras fechar;
Sem brando leito em que possam
Os meus membros descançar;

«Em quanto sobre a montanha
De Sião não vir erguido
Um Templo tão magestoso
Qual ao Senhor é devido.

«Assaz o teu servo envolto
Na tristeza mais profunda
Vio que andava a Arca sagrada
Sobre o terra vagabunda.

(6) *Ecce audivimus eam in Ephrata: invenimus eam in campis silvæ.*

«Soube que na selva amena
Junto a Ephrata residia;
Fui restaurá-la, e em meu peito
Augmentaste a valentia.

(7) *Introibimus in tabernaculum ejus: adorabimus in loco, ubi steterunt pedes ejus.*

«Em Sião pousa; mas falta
Um magnifico edificio,
Lugar onde te adoremos
Com perpetuo sacrificio.

«Este completo, entraremos,
Onde os pés, Senhor, puzeste;
E o teu permanente culto
Nossa fé e amor atteste.»

Assim David se explicava;
Assim do filho na mente
(Para cumprir um tal voto)
O que disse tem presente.

Surge, ó Senhor, e me alenta;
O teu templo suba aos ares;
Incenso e victima pura
Fumeguem nos teus altares.

(8) *Surge, Domine, in requiem tuam, tu, et arca sanctificationis tuæ.*

Neste domicilio novo,
E throno de sanctidade,
Descance a Arca adorada,
E o teu culto em toda a idade.

Revestidos de justiça,
Sacerdotes puros, sérios,
Doutrinem o povo, expliquem
Os teus divinos mysterios.

(9) *Sacerdotes tui induantur justitiam, et sancti tui exultent.*

Desassombrados exultem,
Sem que os assuste a mudança,
Os teus justos, que allumia
Qual tocha a doce esperança.

Pois que a David tanto amaste,
Seja-te o filho querido;
Sobre o solio que lhe déste
Sempre ampara o teu Ungido.

(10) *Propter David servum tuum non avertas faciem Christi tui.*

Juraste a seu pae: quem póde
Duvidar dessa verdade,
Que nem os seculos frustram,
Nem cohibe a eternidade?

(11) *Juravit Dominus David veritatem, et non frustrabitur eam, de fructu ventris tui ponam super sedem tuam.*

Por entre as harpas celestes
A voz divina soltaste,
E a David desta maneira
Tua promessa explicaste:

(12) *Si custodierint filii tui testamentum meum, et testimonia mea hæc, quæ docebo eos:*

«Se guardarem (lhe disseste)
Os teus filhos meus preceitos;
Se os seus actos quaes lh' ensino
Forem rectos e perfeitos:

(13) *Et filii eorum usque in sæculum sedebunt super sedem tuam.*

«Se fieis os filhos delles
Forem minha lei mantendo,
Sobre o teu throno sentados
Irão as eras vencendo.

(14) *Quoniam elegit Dominus Sion, elegit eam in habitationem sibi.*

(15) *Hæc requies mea in sæculum sæculi, hic habitabo, quoniam elegi eam.*

«Firmei em Sião a séde
Em que hei de habitar seguro;
Eleito por mim seu solio,
Será fertil no futuro.

(16) *Viduam ejus benedicens benedicam, pauperes ejus saturabo panibus.*

«Searas, caça, mil outros
Hão de ser os seus productos;
E deste abundante Reino
Hei de abençoar os fructos.

«Ha de o lavrador ser farto,
O povo de fome isento;
Aos famintos, aos que gemem
Darei paz, darei sustento.

(17) *Sacerdotes ejus induam salutari, et sancti ejus exultatione exultabunt.*

«Os Sacerdotes devotos,
Sustentando o meu decoro,
Me cantarão doces hymnos
Em melodioso coro.

«Do meu David a progenie
Um successor lhe ha de dar,
Que dilate o seu Imperio,
Para jámais acabar.

(18) *Illuc producam cornu* (*) *David, paravi lucernam Christo meo.*

«Desse tronco a Regia Stirpe,
Sobre o solio teu sentada,
Reinará perpetuamente,
Fiel sendo á lei sagrada.

«Té ás mais remotas eras,
Os meus preceitos mantendo,
De tão bella planta os ramos
Irão sempre florecendo.

«Então de teus inimigos
A multidão derrotada,
Será vencida, dispersa,
Como fumo dissipada.»

(19) *Inimicos ejus induam confusione: super ipsum autem efflorebit sanctificatio mea.*

(*) *Producere cornu* é um idiotismo bem conhecido, na significação de dilatar o imperio.

PSALMO CXXXII.

(XIV. DOS GRADUAES.)

Canticum graduum XIV.

Cantico da escala. Quadragessimo tem.

(1) *Ecce quam bonum, et quam jucundum habitare fratres in unum.*

Com que fraternal candura
Devemos, irmãos, juntar-nos!
E em suave sociedade
Unidos sempre alegrar-nos!

O prazêr que se reparte
Os corações vivifica,
E tanto mais nos agrada
Quanto mais se multiplica.

(2) *Sicut unguentum in capite, quod descendit in barbam, barbam Aaron.*

(3) *Quod descendit in oram vestimenti ejus: sicut ros Hermon, qui descendit in montem Sion.*

Qual oleoso perfume
Sobre a cabeça de Arão
Corre a sacerdotal veste,
Unge a franja até ao chão:

Tal como do Hermonte desce,
Como desce do Sião
Matutino orvalho, e espalha
Nas hervas a fresquidão:

(4) *Quoniam illic* (•) *mandavit Dominus benedictionem, et vitam usque in sæculum.*

Assim nos animos puros,
De unisono sentimento,
Docemente se diffunde
Cordeal contentamento.

(•) *Illic* não denota um lugar material, como alguns teem crido, interpretando-o do Sião e do templó, mas refere-se ao *habitare in unum*, isto é, *nesta união sancta e pacifica aqui está a benção de Deos*; e corresponde ao sentimento daquell'outro passo, *ubi sunt duo vel tres congregati nomine meo, ibi sum in medio eorum.* — Matth. c. 18. v. 20.

Ah meu Deos! Em doce laço
Unanimes nos juntai:
Em coro vos cantaremos;
Este coro abençoai!

PSALMO CXXXIII.

(XV. DOS GRADUAES.) (*)

Cantico da escala. Quinquagesimo tom. — Canticum graduum XV.

Afinem-se os instrumentos;
Cantai, servos do Senhor;
Exaltai nos vossos hymnos
O seu nome, o seu louvor.
Vós, habitantes do templo
Do nosso Deos, dai o exemplo.

(1) *Ecce nunc benedicite Dominum, omnes servi Domini.*

(2) *Qui statis in domo Domini, in atriis domus Dei nostri.*

E quando soltar sombria
A noite seu denso véo,
Com extaticos suspiros
Levantai as mãos ao Ceo:
Bemdizei a luz preclara
Que tantos bens nos depara.

(3) *In noctibus extollite manus vestras in sancta, et benedicite Dominum.*

Toda a humana creatura
De Deos a gloria apregoe;

(*) Este psalmo e o antecedente, assim breves de quatro versiculos cada um, foram collocados nos dois ultimos tons da escala, porque sendo os ultimos dois tons mais agudos, não póde a voz resistir por muito tempo, como nos outros.

(*Mattei.*)

(4) *Benedicat te Dominus ex Sion, qui fecit cœlum et terram.*

Elle, Creador de tudo,
A todos nos abençoe:
Cerque o nosso puro incenso
Em Sião seu throno immenso.

PSALMO CXXXIV.

Alleluia.

(1) *Laudate nomen Domini, laudate servi Dominum.*

(2) *Qui statis in domo Domini, in atriis domus Dei nostri.*

Vós, servos do Senhor, formai concertos,
As vozes levantai, louvai seu nome:
Vós, que habitais seu templo,
Que em sacerdotaes roupas
Queimais perfumes ante seus altares,
Dai-lhe gloria, rompei, cantando, os ares.

(3) *Laudate Dominum, quia bonus Dominus. psallite nomini ejus, quoniam suave.*

Celebrai o Senhor, cuja bondade
Se estende sobre toda a Natureza:
O seu nome suave
Afugenta infortunios;
Conforta os corações desconsolados,
Afiança socego aos desgraçados.

(4) *Quoniam Jacob elegit sibi Dominus, Israel in possessionem sibi* (*).

O Senhor d'entre a multidão dos povos
Elegeo a Jacob para adorá-lo;
Dedicado ao seu culto,

(*) São estas as costumadas expressões, que não devem tomar-se estrictamente: que Deos esteja só em Jerusalem é a imagem de um Principe que escolhe a cidade mais bella para cabeça do imperio: que Deos reja só o povo d'Israel, dá-se a imagem de um General, que supposto commande a todo exercito, tem comtudo o seu regimento particular, ao qual preside especialmente: não já que com estas expressões se restrinjam os confins á Providencia. *(Observ. de Mattei.)*

Alvo de seus prodigios,
Elevado á mais alta dignidade,
Fez d'Israel a sua propriedade.

Quanto é grande o Senhor, como me assombra!
Quanto excede em perfeitos attributos
Os deoses que figuram
Os illusos humanos!
Elle fez tudo, os Ceos, a terra, os mares;
Os mais pasmosos sêres e os vulgares.

Dos extremos da terra evoca as nuvens,
Troca em chuva o relampago fogoso;
Produz de seus thesouros
Impetuosos ventos;
Vinga os crimes do Egypto nos morgados,
E castiga severo homens e gados.

Bem o sabeis, Egypcios! Com que susto
Pharaó entre vós vio mil portentos:
Foi Deos, que a dura teima
Do Monarcha irritado
E seus barbaros servos destruindo,
Aos Hebreos um caminho foi abrindo.

Foi Deos quem fulminando muitas gentes
Exterminou tyrannos Potentados:
Sehon sofrego morre,
Os Amorrheos perecem;
Og, o rei de Basan, é derrotado;
E todo o Canahan foi conquistado.

Ao povo d'Israel deo por herança
Todas as possessões daquelles impios;

(5) *Quia ego cognovi, quod magnus est Dominus, et Deus noster præ omnibus diis.*

(6) *Omnia quæcumque voluit, Dominus fecit in cælo, in terra, in mari, et in omnibus abyssis.*

(7) *Educens nubes ab extremo terræ, fulgura in pluviam fecit.*

(8) *Qui producit ventos de thesauris suis: qui percussit primogenita Egypti ab homine usque ad pecus.*

(9) *Et misit signa et prodigia in medio tui, Ægypte: in Pharaonem, et in omnes servos ejus.*

(10) *Qui percussit gentes multas, et occidit reges fortes.*

(11) *Sehon regem Amorrhæorum, et Og regem Basan, et omnia regna Chanaan.*

(12) *Et dedit terras eorum hæreditatem, hæreditatem Israel populo suo.*

Canahan dividindo,
Repartio pelas tribus
Seus opulentos thronos, seus estados;
Vingou fieis, e castigou malvados.

(13) *Domine, nomen tuum in æternum: Domine, memoriale tuum in generationem et generationem.*

Ao teu nome, Senhor! com taes prodigios
Gloria immortal pertence: o esquecimento
Não cabe em nossas almas;

(14) *Quia judicabit Dominus populum suum, et in servis suis deprecabitur.*

Mas a grata memoria
De paes a filhos sempre irá passando,
Em quanto o terreo globo for durando.

(15) *Simulachra gentium argentum et aurum, opera manuum hominum.*

Quanto és digno de amor! O que são esses
D'ouro e prata, por homens fabricados?

(16) *Os habent, et non loquentur: oculos habent, et non videbunt.*

Teem bocca sem que fallem;
Teem olhos, mas sem vista;

(17) *Aures habent, et non audient, neque enim est spiritus in ore ipsorum.*

Teem ouvidos, porêm jámais ouviram;
Teem seios que nem sentem nem respiram.

(18) *Similes illis fiant, qui faciunt ea: et omnes qui confidunt in eis.*

Semelhantes a estes simulachros
São os homens illusos que os fabricam;
Idolatram sem tino
Imaginarios numens,
Que a fé dos sacrificios desvanecem,
E seus nobres destinos envilecem.

(19) *Domus Israel, benedicite Domino: domus Aaron, benedicite Domino.*

Quão feliz, Israel, é tua crença!
Abençoa o teu Deos omnipotente:
Vós, de Arão nobres filhos,

(20) *Domus Levi, benedicite Domino: qui timetis Dominum, benedicite Domino.*

Vós, ó filhos de Levi,
Vós que temeis a Deos, engrandecei-o,
Invocai seu auxilio sem receio.

(21) *Benedictus Dominus ex Sion, qui habitat in Jerusalem.*

Louvai o seu podêr, sua grandeza:
Elle quiz entre nós habitar sempre;

Sobre Sião ameno
Fundou sua morada,
Que abrazado em amor daqui contemplo:
Eis a bella Cidade, eis o seu templo!

PSALMO CXXXV.

Alleluia (*).

A Deos gloria e louvor demos,
Pois que cheio de bondade,
Assim como nos deo vida
Nos destina a eternidade.
Quiz os homens consolar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(1) *Confitemini Domino, quoniam bonus* (**), *quoniam in æternum misericordia ejus.*

Acima de quantos nomens
Fingem os homens errados
Domina Deos; e a Verdade
Confirma seus predicados.
Quer os homens illustrar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(2) *Confitemini Deo Deorum, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Louvai o Deos que governa
Sobre os Principes da terra;

(3) *Confitemini Domino Dominorum, quoniam in æternum misericordia ejus.*

(*) Este é um dos psalmos lithurgicos que servia para as procissões, e póde dizer-se uma *Ladainha Hebraica.*

(**) Gentilissima é a reflexão de Santo Agostinho *cap.* 21. *de grat. et lib. arb. Deus reddit mala pro malis, quia justus est: bona pro malis, quia bonus est: bona pro bonis, quia bonus et justus est. Solum non reddit mala pro bonis, quia injustus non est.*

Que lhes dá luz quando acertam,
E que as illusões desterra.
Quer os homens amparar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(4) *Qui facit mirabilia magna solus, quoniam in æternum misericordia ejus.*

É só Deos quem faz prodigios;
Quem preserva em seus thesouros
Gloria para as almas puras,
Para as culpadas desdouros.
Quer os homens ensinar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(5) *Qui fecit cælos in intellectu, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Fez surdir do nada os Ceos;
Com sapiencia infinita,
A cada sêr, generoso,
Lhe dá quanto necessita.
Quer os homens amparar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(6) *Qui firmavit terram super aquas, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Contra a fluidez das aguas
Firmou a terra; e suspensa
A tem, por forças que attestam
Sua sabedoria immensa.
Quiz os homens amparar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(7) *Qui fecit luminaria magna, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Fez os astros que allumiam
A terra e ceos espaçosos,
Cuja luz alegra e rompe
Os ares mais tenebrosos.

Quiz os homens consolar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

Fez o Sol, que rege o dia,
Que á planta dá crescimento;
Que pela manhã renova
Tudo com seu luzimento.
Quiz os homens confortar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(8) *Solem in potestatem diei, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Temperou da noite as sombras
Pelo luar e as estrellas,
Que instruem a mente humana
Da gloria de Deos, ao vê-las.
Quiz os homens ensinar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(9) *Lunam et stellas in potestatem noctem, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Foi severo, mas foi justo
Quando o seu povo ultrajaram
Os do Egypto; e acerbo pranto
As mães Egypcias choraram.
Quiz seus fieis consolar;
Sua essencia è misericordia
Para sempre hão de durar.

(10) *Qui percussit Ægyptum, cum primogenitis eorum, quoniam in æternum misericordia ejus.*

D'entre barbaros liberta
D'Israel a gente afflicta:
Este sublime resgate
Quanta gratidão excita!
Quiz os homens amparar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(11) *Qui eduxit Israel de medio eorum, quoniam in æternum misericordia ejus.*

(12) *In manu potenti et brachio excelso, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Seu amor, sua mão potente,
O seu braço formidavel
Desbaratou dos Egypcios
O projecto detestavel.
Quiz os homens resgatar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(13) *Qui divisit mare rubrum in divisiones* (*), *quoniam in æternum misericordia ejus.*

(14) *Et eduxit Israel per medium ejus, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Partio o mar; e sem risco
Foi Israel conduzindo
Por entre as aguas suspensas,
Nellas larga estrada abrindo.
Quiz os homens amparar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(15) *Et excussit Pharaonem, et virtutem ejus in mari rubro, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Sobre Pharaó e as turmas
Ferozes que o acompanharam,
As ondas embravecidas
Por seu mando se fecharam.
Quiz o seu povo vingar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(16) *Qui traduxit populum suum per desertum, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Faz que Jacob atravesse
O mais arido deserto;
E milagroso alimento
Entre as brenhas ache certo.
Quiz os homens amparar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(*) *Dividere in divisiones* é idiotismo hebraico, denotando o mesmo que o simples *dividere.*

Deo-lhe vigor que vencesse
Gigantescos Potentados;
Deo-lhe conquistas, deixando
Og e Sehon destroçados.
Quiz seus fieis illustrar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(17) *Qui percussit reges magnos, quoniam in æternum misericordia ejus.*

(18) *Et occidit reges fortes, quoniam in æternum misericordia ejus.*

(19) *Sehon regem Amorrhæorum, quoniam in æternum misericordia ejus.*

(20) *Et Og regem Basan, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Do seu Povo Israelita
Recompensa a confiança;
Dos Dominios Basanitas
E Amorrheos lhe deo a herança.
Quiz os homens amparar;
Sua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(21) *Et dedit terram eorum hæreditatem, quoniam in æternum misericordia ejus.*

(22) *Hæreditatem Israel servo suo, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Nossa humiliação contempla,
Meu Deos! Não nos desampares;
Compassivo nos converte
Em paz os nossos pezares.
Vem-nos, meu Deos, amparar;
Tua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(23) *Quia in humilitate nostra memor fuit nostri, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Dos impios que nos perseguem
Reprime as usurpações;
Compare a tua justiça
Seus e nossos corações.
Vem-nos, meu Deos, consolar;
Tua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(24) *Et redemit nos ab inimicis nostris, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Todos os viventes nutres,
Vigilante Providencia:

(25) *Qui dat escam omni carni, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Senhor! distingue a malicia
Da candura, da innocencia.
Vem os homens amparar;
Tua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

(26) *Confitemini Deo cœli, quoniam in æternum misericordia ejus.*

(27) *Confitemini Domino Dominorum, quoniam in æternum misericordia ejus.*

Deos dos Ceos! Todos te louvem:
Teus beneficios pregoem:
Todos os sêres e vozes
Os teus louvores entoem.
Vem os homens consolar;
Tua essencia e misericordia
Para sempre hão de durar.

PSALMO CXXXVI.

Jeremiæ (*).

(1) *Super flumina Babylonis illic sedimus et flevimus, dum recordaremur tui Sion.*

Sobre os arenosos braços
Em que o Euphrates se divide;
Lá nas margens em que altiva
Babylonia é que preside,
De Sião nos recordámos,
E alli sentados chorámos.

(*) Terno, ameno, elegante, e cheio de imagens simplices e naturaes é este psalmo, no qual ao mesmo tempo que os Levitas se escusam de não saber já cantar, e de não ser tempo de pensar em poesias, cantam effectivamente um dos mais bellos trechos poeticos que na Biblia se encontram. No Hebreo não tem titulo: em alguns codices Gregos attribue-se a David, em outros a Jeremias.

Com lagrimas de anciedade,
Que desciam quaes chuveiros,
As lyras humedecidas
Pendurámos nos salgueiros;
Testemunhas sem piedade
Da nossa dor e saudade.

(2) *In salicibus in medio ejus suspendimus organa nostra.*

Afflictos do captiveiro,
Da vexação da injustiça,
Rejeitavamos o canto
Mais por dor que por preguiça;
Por medo que nos ouvissem,
E que as canções nos pedissem.

(3) *Quia illic interrogaverunt nos, qui captivos duxerunt nos verba cantionum.*

Esses que nos captivaram
Importunos as pediam:
Como expor hymnos sagrados
Aos que tão pouco entendiam?
Como fartar de verdades
Profanas curiosidades?...

(4) *Et qui abduxerunt nos: hymnum cantate nobis de canticis Sion.*

—Cantai, diziam, cantai-nos
Vossos hymnos de Sião—
Incautos! Quanto discordam
Cantigas e escravidão!
Como a barbaros diremos
Cantos que ao Senhor tecemos?

(5) *Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?*

Sem dó dos nossos pezares
Sollicitavam o canto,
Sem lhes lembrar que elles eram
A causa do nosso pranto:
Cantar com magoa tamanha
É severo em terra estranha.

(6) *Si oblitus fuero tui Jerusalem, oblivioni detur dextera mea,*

Paralyse o movimento
Da minha dextra o Senhor
Se eu vibrar da lyra as cordas
Sem que seja em teu louvor,
Oh Jerusalem querida!
Oh morada appetecida!

(7) *Adhæreat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui.*

Pegue-se-me a lingua ás fauces
Se eu te riscar da lembrança;
Se não buscar restaurar-te
Á ventura, á segurança;
E se os meus gostos mais puros
Buscar fóra de teus muros.

(8) *Si non proposuero Jerusalem, in principio lætitiæ meæ.*

Ninho meu, amada Patria,
Tu só minha alma dominas:
Tudo o que é teu idolatro;
E mesmo as tuas ruinas
Prefiro á pompa insultante
De Babylonia arrogante.

(9) *Memor esto, Domine, filiorum Ædom in die Jerusalem* (*).

No dia da fatal quéda
Viste, ó Deos, a perfidia
Dos filhos de Edom, e viste
Se Sião a merecia:
Tu, que és justo e vingador,
Ah! não t'esqueça, Senhor!

(10) *Qui dicunt: exinanite, exinanite usque ad fundamentum in ea.*

Foi cruel a nossa sorte,
Igual a sua será;
Deos castigará perversos,

(*) Os Idumeos (ou filhos de Edom) uniram-se aos Babylonios, como se colhe d'Ezechiel, Jeremias, e Abdias; cinco annos depois da destruição de Jerusalem fez Nabuchodonosor um grande morticinio dos mesmos Idumeos, como distinctamente refere Josepho no liv. X. c. 3. das Antiguidades Judaicas.

E afflictos consolará:
Ha de humilhar a arrogancia,
E confundir a jactancia.

Chaldeos, Idumeos, tyrannos,
Tremei do vosso destino:
Vossos crimes provocaram
Contra vós furor divino:
Vai-se a nuvem já rompendo,
Os raios já vão descendo.

(11) *Filia Babylonis misera! beatus qui retribuet tibi retributionem tuam, quam retribuisti nobis.*

Outros, de vós triumphando,
Vos darão o que nos déstes;
Esmagarão vossos filhos
Bem como aos nossos fizestes:
E Babylonia malvada
Será tambem arrasada.

(12) *Beatus qui tenebit, et allidet parvulos tuos ad petram.*

PSALMO CXXXVII.

De David.

Ipsi David (•).

Com todo o coração hei de louvar-te,
Meu Senhor, pois que ouviste com piedade
As vozes que articula a minha bocca.
Cantarei perante os Anjos,
No templo, e em face dos Ceos;

(1) *Confitebor tibi, Domine, in toto corde meo: quoniam audisti verba oris mei.*

(2) *In conspectu Angelorum psallam tibi: adorabo ad templum sanctum tuum, et confitebor nomini tuo.*

(•) Bem advertiram Moller e Muis que este psalmo foi escripto por David, quando livre já das furias de Saul e dos outros inimigos, restituida a paz ao reino, dava graças ao Senhor, convidando ao mesmo officio todos os Reis confinantes, que tinham sido espectadores dos prodigios divinos.

(Mattei.)

Exaltarei nos meus hymnos
O nome augusto de Deos.

(3) *Super misericordia tua, et veritate tua: quoniam magnificasti super omne nomen sanctum tuum.*

(4) *In quacumque die iuvocavero te, exaudi me: multiplicabis in anima mea virtutem.*

Minha esperança augmenta quando penso
Como é constante a tua misericordia,
Como infallivel é tua verdade:
Se em qualquer dia te invoco,
Exaltas teu nome, e approvas:
Deste modo na minha alma
Todas as forças renovas.

(5) *Confiteantur tibi, Domine, omnes reges terræ, quia audierunt omnia verba oris tui.*

(6) *Et cantent in viis Domini, quoniam magna est gloria Domini*

(7) *Quoniam excelsus Dominus, et humilia respicit, et alta à longe cognoscit.*

Venham todos os Reis da terra, e Povos
Ante o throno do Altissimo prostrar-se;
Agradecer-lhe a luz que os allumia:
Brotem, quaes flores, virtudes;
Pereça no mundo o crime;
Cumpra-se quanto nos dicta
Tua lei sancta e sublime.

(8) *Si ambulavero in medio tribulationis, vivificabis me, et super iram inimicorum meorum extendisti manum tuam, et salvum me fecit dextera tua.*

Senhor, cheio de amor sempre nos ouves.
No tempo em que eu andava atribulado,
Entre angustias acerbas, me acudias:
A mim, d'impios rodeado,
A mão piedosa estendeste;
E com tua dextra excelsa
Logo a salvo me puzeste.

(9) *Dominus retribuet pro me: Domine, misericordia tua in sæculum, opera manuum tuarum ne despicias.*

Hoje por mim responde a quem me afflige:
Completa as obras dessa mão divina,
Pois tua misericordia jámais cança:
Os bens que já me fizeste,
Meu amavel Redemptor,
São dos bens que has de fazer-me
O mais seguro penhor.

PSALMO CXXXVIII.

As palavras e a musica são de David.

In finem psalmus David (*).

Tu me provaste, tu me conhecias
Antes que eu de mim mesmo suspeitasse
O que sou: tu, meu Deos, os meus caminhos
Todos patentes vias;
Sabias se ulcerado
Traria o coração, ou se contente:
Erros e acertos, tudo te é presente.

(1) *Domine probasti me, et cognovisti me: tu cognovisti sessionem meam, et resurrectionem meam.*

Antes que pense, vês meus pensamentos,
O trilho de meus passos investigas;
Antes que mova os pés, antes que parta
Vês todos meus intentos:
Muito antes que meus labios
Tenham articulado um som perfeito,
Do que intento dizer sabes o effeito.

(2) *Intellexisti cogitationes meas de longe: semitam meam, et funiculum meum investigasti.*

(3) *Et omnes vias meas prævidisti, quia non est sermo in lingua mea.*

Em que sitio de ti posso occultar-me?
Se avistas o passado, e quanto agora,
E o nublado futuro conter podem?
Se em fim, para formar-me
Este sêr, estes orgãos,
As tuas mãos divinas empregaste,
Com teu bafo sagrado me animaste?

(4) *Ecce, Domine, tu cognovisti omnia novissima, et antiqua: tu formasti me, et posuisti super me manum tuam.*

(*) Na opinião de Abenezra é este o mais bello psalmo de todo o Psalterio, mas ao mesmo tempo o mais obscuro, difficil, e intrincado. Entretanto, quando bem se medita e comprehende, é claro, natural, connexo e facil, bem que seja uma clareza, connexão, e facilidade cheia de gravidade, sublimidade, e magestade.

(Mattei.)

(5) *Mirabilis facta est scientia tua ex me, confortata est, et non potero ad eam.*

Como no que em mim fazes se descobre
Tua immensa e profunda sapiencia!
Não te abrange do humano entendimento
O esforço mais nobre:
Vemos que nos creaste,
Que a tua mão divina em nós puzeste:
Todo o nosso sabêr consiste neste.

Que pasmo se em mim penso! Que elevada
Tua sciencia em mim se manifesta!
Canço-me em vão: desejo penetrar-te;
Fica a empreza frustrada:
Se me exalto, me humilhas;
Se te procuro, vês-me, e eu não te vejo;
Cercas-me, e só te attinge o meu desejo.

(6) *Quo ibo à spiritu tuo, et quo à facie tua fugiam?*

Como irei, ó Senhor, onde não chegues?
Se a tua immensidade tudo abrange!
Fugirei para onde á tua face
Algum objecto negues?

(7) *Si ascendero in cœlum, tu illic es; si descendero in infernum, ades.*

Se subo aos Ceos, lá moras;
Se descer aos infernos tenebrosos,
Lá chegam teus juizos rigorosos.

(8) *Si sumpsero pennas meas diluculo, et habitavero in extremis maris:*

Se ás aves roubo as azas, e voando
Madrugo, atravessando os vastos mares,
Inutilmente as praias mais distantes
Veloz vou procurando:

(9) *Etenim illuc manus tua deducet me, et tenebit me dextera tua.*

Tu és quem lá me levas:
Lá me contêm o teu podêr supremo,
Lá, como queres, vivo alegre, ou gemo.

(10) *Et dixi: forsitan tenebræ conculcabunt me, et nox illuminatio mea in deliciis meis.*

Louco! Pensei que as trevas m'escondiam,
Encobrindo deleites criminosos;

Mas a noite qual luz me revelava,
E teus olhos me viam:
As culpaveis delicias
Não as cobriam trevas; noite, dia,
Sombra, luz, igualmente te servia.

Vês no meu coração ás claras tudo,
Antes que nelle brote errado affecto
Que o recrêe, ou que afflicto do remorso
O fira espinho agudo:
Desde o seio materno,
De tal modo, Senhor, me possuiste,
Que sem que o saibas nada em mim subsiste.

Que motivo tão alto de louvar-te
Me fornece esta machina terrena
Que me contêm! Conheço-a, e é destinada
A servir-te, a adorar-te:
Um só nervo, uma vêa,
Dos ossos o mais tenue é collocado
Por ti, no seu lugar determinado.

No recondito centro vês da terra
Os occultos metaes; bem como avistas
No seio maternal, do germe informe
A substancia que encerra,
Que avulta progredindo:
Tudo te consta, Artifice excellente,
Tudo viram teus olhos claramente.

Inda incompleto, apenas desenhado,
Já no livro immortal em que s'escrevem
Tuas excelsas obras por inteiro
Alli fica notado,

(11) *Quia tenebræ non obscurabuntur à te, et nox sicut dies illuminabitur, sicut tenebræ ejus, ita et lumen ejus.*

(12) *Quia tu possedisti renes meos, suscepisti me de utero matris meæ.*

(13) *Confitebor tibi, quia terribiliter magnificatus es: mirabilia opera tua, et anima mea cognoscit nimis.*

(14) *Non est occultatum os meum à te, quod fecisti in occulto, e substantia mea in inferioribus terræ.*

(15) *Imperfectum meum viderunt oculi tui, et in libro tuo omnes scribentur, dies formabuntur, et nemo in eis.*

Sem mingua, sem defeito:
Dos mais dias a serie se conhece,
Dos bons, dos máos, alli tudo apparece.

(16) *Mihi autem nimis honorificati sunt amici (*) tui, Deus: nimis confortatus est principatus eorum.*

Qual audaz pensamento de Deos póde
Penetrar os arcanos transcendentes?
Como investigarei os seus juizos
Se o Senhor não me acode?

(17) *Dinumerabo eos, et super arenam multiplicabuntur: exurrexi, et adhuc sum tecum.*

Multiplices juizos,
Mais que arêas do mar innumeraveis,
Mais profundos que abysmos insondaveis!

(18) *Si occideris, Deus, peccatores, viri sanguinum declinate à me.*

É possivel que alguem no mundo exista,
E duvide da Summa Omnipotencia?
Que á evidencia de tantos attributos
Sacrilego resista?
De taes impios me aparta,
Desses sanguinolentos peccadores,
Que os seus deleites são alheias dores.

(19) *Quia dicitis in cogitatione: Accipient in vanitate civitates tuas.*

Quantos destes, meu Deos, inda respiram!
Quantos monstros o Sanctuario assaltam!
Quantos o pão dos orphãos, das viuvas,
Crueis, das mãos lhes tiram,
E insultam quem padece!
Antes que estes malvados tudo arrasem,
Teus coriscos, meu Deos, no Ceo que fazem?

(20) *Nonne qui oderunt te, Domine, oderam? et super inimicos tuos tabescebam?*

Detesto quem te odêa: por ventura
É criminoso este odio, se te odêam?
Não vemos profanados teus Sacrarios
Pela cubiça impura?
Os crimes mais atrozes

(*) A voz hebrea que aqui se verte por *amici* tambem denota *cogitationes.*

Não são reaes?... São fabulas que sonho?
Ah! que de ser humano me envergonho!

Bem sei, Senhor, que deste odio completo
Contra mim nasce enxame d'inimigos:
Sonda o meu coração, lê na minha alma
O mais ardente affecto
Com que o teu sêr m'enleva:
Interroga-me; e os passos que vou dando
Vai compassivo e attento examinando.

(21) *Perfecto odio oderam illos: et inimici facti sunt mihi.*

(22) *Proba me, Deus, et scito cor meum, interroga me, et cognosce semitas meas.*

Se na vereda andèi da iniquidade,
Tem compaixão de mim, a mão me estende:
Com suave attracção tu me encaminha
Seguro á Eternidade,
Á qual sómente aspiro:
Lá sem véo tua essencia contemplando,
Entre os Justos te irei sempre louvando.

(23) *Et vide, si via iniquitatis in me est, et deduc me in via æterna.*

PSALMO CXXXIX.

In finem psalmus David (*).

De um malevolo orgulhoso
Quem me ha de livrar, Senhor?
Se com tacita piedade
Emmudece o teu amor?

(1) *Eripe me, Domine, ab homine malo: à viro iniquo eripe me.*

(*) Este psalmo parece ter sido escripto no tempo em que Doegg e os Zipheos secundavam as furias do irado Saul.

Falla, meu Deos! e reprime
Do peccador a insolencia;
Vem com tuas mãos forçosas
Domar-lhe a furia, a violencia.

(2) *Qui cogitaverunt iniquitates in corde, tota die constituebant prælia.*

(3) *Acuerunt linguas suas sicut serpentis: venenum aspidum sub labiis eorum.*

Esses perfidos corruptos
Fazendo mal vão contentes,
E a bifida lingua aguçam
Quaes venenosas serpentes.

Na bocca infame recolhem
O amargo fel do destino,
E dos labios lhes resvala
Um veneno viperino.

(4) *Custodi me, Domine, de manu peccatoris, et ab hominibus iniquis eripe me.*

Meu Deos, de cair m'impede
Nas mãos de taes peccadores;
Não se farte a iniquidade
De minhas acerbas dores.

(5) *Qui cogitaverunt supplantare gressus meos, absconderunt superbi laqueum mihi.*

Ora aqui e alli preparam
Ciladas em que eu tropece;
E da armadilha que formam
Nenhum vestigio apparece.

(6) *Et funes extenderunt in laqueum: juxta iter scandalum posuerunt mihi.*

Cordas para me prenderem
No lugar a mim visinho
Estendem, a fim que eu caia,
Descuidado, no caminho.

(7) *Dixi Domino, Deus meus es tu: exaudi, Domine, vocem deprecationis meæ.*

Exclamo então: «Tu sómente
És meu Deos, de ti me fio;
Ouve, Senhor, estes brados
Que eu consternado te envio!

Senhor! Senhor! Neste aperto
Acode-me sem demora:
Salva o teu servo, protege
Quem tão afflicto te implora.

Recorda-te da tormenta
Que sobre mim recahia,
Quando para defender-me
O teu broquel me cobria.

Então, Senhor, me salvaste;
Igual favor não me negues:
Nas mãos de quem me atormenta
Por piedade não me entregues.

Se vencem meus inimigos,
Vê a sua exultação:
Não consintas que prosperem
Obras que gera a traição.

Mas ah! que tua justiça
Castigo aos crimes unindo,
Do murmurador os labios
Vão seu proprio mal urdindo.

Tu permittes que devore
Aquelles que maldisseram
Esse mesmo ardente fogo
Que elles crueis accenderam.

Nas cabeças criminosas
Dos auctores de trapaças
Como accesas brazas descem
Os coriscos das desgraças.

(8) *Domine, Domine, virtus salutis meæ: obumbrasti super caput meum in die belli.*

(9) *Ne tradas me, Domine, à desiderio meo peccatori: cogitaverunt contra me: ne derelinquas me, ne forte exaltentur.*

(10) *Caput circuitus eorum, labor labiorum ipsorum operiet eos.*

(11) *Cadent super eos carbones: in ignem dejicies eos: in miseriis non subsistent.*

Subverte-os a terra ás vezes,
Outras suspira o malvado;
Torturado quando morre,
Com remorso do peccado.

(12) *Vir linguosus non dirigetur in terra* (•): *virum injustum mala capient in interitu.*

Corre após elle o infortunio;
O maldizente não dura;
De maldições acossado,
Vai parar na sepultura.

(13) *Cognovi, quia faciet Dominus judicium inopis, et vindictam pauperum.*

Pois que lá dos Ceos avistas
Quanto innocentes padecem,
Só em quanto os purificas
Seus contrarios permanecem.

(14) *Verumtamen justi confitebuntur nomini tuo, et habitabunt recti cum vultu tuo.*

Mas com quantos bens esperas
Na célica habitação
Quem soffre magoas injustas,
Quem tem puro o coração!

PSALMO CXL.

Psalmus David.

De David.

(1) *Domine, clamavi ad te, exaudi me: intende voci meæ, cum clamavero ad te.*

Lá dessa immensa gloria em que resides
Olha, Senhor piedoso, ouve meus brados;
Volta-te para mim, em quanto afflicto
Te envio meus suspiros magoados.

(•) *Vir linguæ*, diz o Hebreo, *non firmabitur in terra, virum injustum mala venabuntur*; isto é, *o homem de má lingua não póde durar muito*: *as desgraças vão á caça para matar um homem injusto*: esta é a força da poetica expressão oriental.

(Mattei.)

Subà qual puro incenso ante o teu throno
Esta minha oração, que humilde faço;
E as lagrimas frequentes que derramo
Acolhe-m'as, Senhor, no teu regaço.

Cae a noite, desponta a madrugada,
Então misero aos Ceos as mãos levanto;
Bem como vespertino sacrificio
Grato acolhe esta supplica, este pranto.

Não consintas, Senhor, que nas palavras
Me compromettа errada impaciencia;
Põe custodia a meus labios; não se abram
Senão para invocar tua clemencia.

Defende-me, Senhor, desses rodeios
Que são pela malicia fabricados;
Não quero atenuar os meus defeitos,
Nem procurar desculpas aos peccados.

Não permittas que exemplos criminosos
Me seduzam; não quero a sociedade
Desses que urdem insidias, vão sem freio
No carro triumphal da iniquidade.

Antes quando o prudente me corrige,
E m'increpa meus erros, com doçura
Isso agradeço; impugno com firmeza
Vinda da mão dos impios a ventura.

Rogo-te, ó meu Senhor, que sempre apartes
De mim quanto a maldade mais cubiça:
A arrogancia dos máos accende os raios,
E o fogo que devora audaz atiça.

(2) *Dirigatur oratio mea, sicut incensum in conspectu tuo: elevatio manuum mearum, sacrificium vespertinum.*

(3) *Pone, Domine, custodiam ori meo, et ostium circumstantiæ labiis meis.*

(4) *Non declines cor meum in verba malitiæ, ad excusandas excusationes in peccatis.*

(5) *Cum hominibus operantibus iniquitatem: et non communicabo cum electis eorum.*

(6) *Corripiet me justus in misericordia, et increpabit me: oleum autem peccatoris non impinguet caput meum.*

(7) *Quoniam adhuc et oratio mea in beneplacitis eorum: absorpti sunt juncti petræ judices eorum.*

Mas cêdo maior força precipita
Esses tão giganteseos Potentados,
Como torrões, que atira contra um muro
Mão violenta, desfazem-se esbroados.

(8) *Audient verba mea, quoniam potuerunt: sicut crassitudo terræ erupta est super terram.*

Tu bem sabes, meu Deos, que minhas preces
Não te pedem castigues insensatos;
Sim que poupes aquelles que me offendem,
E abrandes o furor desses ingratos.

(9) *Dissipata sunt ossa nostra sicut infernum: quia ad te, Domine, Domine, oculi mei: in te speravi, non auferas animam meam.*

Porêm tanto me affligem, que parece
O meu sêr tão moido e espedaçado
Como a terra que a sega da charrua
Já vezes repetidas tem lavrado.

Pois sempre a ti, Senhor, voltados tenho
Os meus olhos. Ah! sim, vem acudir-me:
Não me largues; da tua lei sagrada
Não póde humana força dividir-me.

(10) *Custodi me à laqueo, quem statuerunt mihi, et à scandalis operantium iniquitatem.*

Dos laços que me armaram meus contrarios
Guarda-me tu; reprime os meus tyrannos;
A fim que eu salvo escape d'enredar-me
Nas obras que preparam seus enganos.

(11) *Cadent in retiaculo ejus peccatores: singulariter sum ego, donec transeam.*

Infelizes! Nas redes que teceram
Hão de cair por força; em quanto isento
De crimes, de temores, d'agonias
Da terra passo alem do Firmamento.

PSALMO CXLI.

Oração que David fez na caverna, expressa por elle mesmo em uma cantata. (*)

Intellectus David, cum esset in spelunca, oratio.

Exhalo a minha voz, por ti clamando:
Ah! quem me acudirá, se tu não fores?
Perco a força, Senhor! vou desmaiando.
Minha voz te apresenta meus temores;
A ti, Senhor, invoco suspirando:
Ninguem mais neste transe desabrido
Poderá commover o meu gemido.
Meus passos vão perder-me;
Vem, meu Deos, soccorrer-me.
Tu sabes quanto aperta o meu perigo,
E que laço me urdio fero inimigo.

(1) *Voce mea ad Dominum clamavi, voce mea ad Dominum deprecatus sum.*

(2) *Effundo in conspectu ejus orationem meam, et tribulationem meam ante ipsum pronuntio.*

(3) *In deficiendo ex me spiritum meum, et tu cognovisti semitas meas.*

(4) *In via hac, qua ambulabam, absconderunt laqueum mihi.*

Olho de uma e d'outra parte,
Em vão busco obter piedade;
Ninguem se doe do que soffro,
Nem conhece a intensidade.

(5) *Considerabam ad dexteram, et videbam, et non erat qui cognosceret me.*

Se ao menos fugir pudesse;
Se piedosa creatura
Entre as sombras me mostrasse
Uma vereda segura!...

(6) *Periit fuga à me, et non est, qui requirat animam meam.*

(*) Alguns interpretes, e Mattei com elles, ajuizam que este psalmo fora composto na caverna de Odolla, onde David se achava escondido, depois de escapar da corte do rei Achis, quando fugia á perseguição de Saul.

Porêm, meu Deos, de que serve
Se acaso fugir consigo?
Que esforço póde salvar-me
Se em ti não achar abrigo?

(7) *Clamavi ad te Domine, dixi: tu es spes mea, portio mea in terra viventium.*

Pois volto a ti, Senhor, a ti dirijo
Meus votos, minhas supplicas ardentes;
No lance mais acerbo, no mais rijo
Não hei de perecer se o não consentes:
Tu és minha esperança, a porção minha
Na patria dos ditosos. Por severa

(8) *Intende ad deprecationem meam, quia humiliatus sum nimis.*

Que a morte, que me assusta e se avisinha,
Queira em pó reduzir-me, e dissipar-me,
Minhas preces hão de ir enternecer-te,
E desarmar a mão que vem matar-me.

(9) *Libera me á persequentibus me, quia confortati sunt super me.*

Cresça a chusma dos meus perseguidores;
Nos seus peitos a furia se desperte:
Mas se alcanço que o teu podêr me assista
Quem ha que ao teu podêr, Senhor, resista?

(10) *Educ de custodia animam meam, ad confitendum nomini tuo: me expectant justi, donec retribuas mihi.*

Comprimido, não posso cantar-te;
Ah Senhor! deste aperto me tira:
Minha voz possa affoita louvar-te,
Minha mão com vigor vibre a lyra.

Por ti salvo da lutta penosa,
Comporemos os hymnos sonoros:
Ao sair desta gruta espantosa
Dos Levitas me esperam os coros.

PSALMO CXLII.

(VII. DOS PENITENCIAES.)

Psalmo de David quando seu filho Absalão o perseguia.

Psalmus David, quando persequebatur eum Absalom filius ejus.

Deos piedoso! os ais sentidos,
A supplica penitente
Que sae de um animo afflicto,
Não rejeites inclemente.

(1) *Domine, exaudi orationem meam: auribus percipe obsecrationem meam in veritate tua: exaudi me in tua justitia.*

Discirna tua justiça,
Quando vingar os peccados,
Entre os crimes meus e desses
Que são perfidos, malvados.

Se bem que, ó Deos d'equidade,
Réo me sinta, e mal-seguro,
Todos os mortaes são réos
Perante um Juiz tão puro.

(2) *Et non intres in judicium cum servo tuo: quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens.*

Mas vê, Senhor, a furia despiedada
Com que meus inimigos me perseguem:
Ah! vê como humilhada
Levo na terra a vida; e que conseguem
Força, credito, alento e paz roubar-me,
E c'os mortos nas covas nivelar-me.

(3) *Quia persecutus est inimicus animam meam, humiliavit in terra vitam meam.*

(4) *Collocavit me in obscuris sicut mortuos sæculi: et anxiatus est super me spiritus meus, in me turbatum est cor meum.*

Sinto latejar-me o peito,
Sinto o espirito anciado;
As pulsações desacerta
Meu coração conturbado.

Já no sepulchro gelado
Quasi que o meu sêr já poisa;
Sobre mim quasi carrega
Funebre, pesada loisa.

(5) *Memor fui dierum antiquorum, meditatus sum in omnibus operibus tuis, in factis manuum tuarum meditabar.*

Mas a doce esperança então raiando
Me vai dias antigos recordando:
Medito compungido
Em todas tuas obras, nos portentos
De tuas mãos, Senhor; e enternecido
Voltam-me ao coração alguns alentos.

(6) *Expandi manus meas ad te: anima mea, sicut terra sine aqua tibi.*

Levanto as mãos, invoco-te, supplico:
Sem ti, Senhor, na angustia com que peno,
Minha alma consternada e secca fica,
Como sem chuva um arido terreno.

(7) *Velociter exaudi me, Domine: defecit spiritus meus.*

Acode-me velozmente;
Tem dó, Senhor, da angustia que padeço:
Ouve os sentidos ais de um penitente:
Não tardes, não; se tardas, desfalleço.

(8) *Non avertas faciem tuam à me: et similis ero descendentibus in lacum.*

Como os que descem culpados
Ao centro d'um carcer duro,
Se a tua face me encobres
Caio n'um abysmo escuro.

(9) *Auditam fac mihi mane misericordiam tuam, quia in te speravi.*

Pedi, esperei, meu Deos:
Acuda-me sem demora
Tua misericordia immensa
Logo que apontar a aurora.

(10) *Notam fac mihi viam in qua ambulem, quia ad te levavi animam meam.*

Gemo desde que nasce a madrugada;
Vago, lutto em cuidados, em tristeza:
Que faço?... Aonde vou?... Dura incerteza!
Abre-me tu, Senhor piedoso, a estrada.

Ampara-me; a ti recorro:
Desarma os meus inimigos:
És meu Deos, não ha perigos
Qae não vença o teu soccorro.

(11) *Eripe me de inimicis meis, Domine, ad te confugi: doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu.*

Ensina-me a cumprir os teus preceitos:
Doce aragem dissipe os meus defeitos:
Co' este propicio vento navegando,
Da salvação ao pòrto irei chegando.
Do podêr do teu nome amedrentados,
Ficarão logo os impios desarmados:

(12) *Spiritus tuus bonus deducet me in terram rectam* (*): *propter nomen tuum, Domine, vivificabis me in æquitate tua.*

Verão, meu Deos, como podes
Tribulações applacar;
Como a tua misericordia
Sabe os impios dispersar.

(13) *Educes de tribulatione animam meam: et in misericordia tua disperdes inimicos meos.*

Sim; os meus perseguidores
Deos é que os ha de conter;
E mostrar-lhes como sabe
Fieis servos defender.

(14) *Et perdes omnes qui tribulant animam meam, quoniam ego servus tuus sum.*

(*) *Terra recta*, ou *terra rectitudinis*, como tem o Hebreo, *terra rectorum*, *justorum*, *viventium*, são synonimos de Jerusalem: e em mais alto sentido, *terra recta* é a celeste Jerusalem; e *Spiritus bonus*, o Espirito Santo, cujo lume serve de guia na grande viagem.
(Mattei.)

PSALMO CXLIII.

Psalmus David adversus Goliath (*).

(1) *Benedictus Dominus Deus meus, qui docet manus meas ad prælium, et digitos meos ad bellum.*

(2) *Misericordia mea, et refugium meum: susceptor meus, et liberator meus.*

(3) *Protector meus, et in ipso speravi: qui subdit populum meum sub me.*

SENHOR! Bemditto sejas, que adestraste
Minhas mãos aos combates vigorosos;
Que o manejo das armas me ensinaste:
Meu Protector, e asylo!
De meus debeis esforços
Piedoso sustentac'lo, que na lutta
Me fizeste vencer, e ao meu dominio
Subjugaste o meu Povo, e lh' escolheste
Para acudir-lhe as forças que me déste!

(4) *Domine, quid est homo, quia innotuisti ei, aut filius hominis, quia reputas eum?*

(5) *Homo vanitati similis factus est: dies ejus sicut umbra præter eunt.*

Com que dons um mortal favoreceste!...
O que vale este pó, por ti creado,
Para a mente occupar do Sêr celeste?
A humana creatura,
Do nada produzida,
Ao nada em seus vanêos se assemelha:
Fragil, seus dias como a sombra fogem:
Mas como tudo abrange a immensidade,
Reflecte neste pó tua claridade.

(6) *Domine, inclina cælos tuos, et descende, tange montes, et fumigabunt.*

Senhor, abaixa os Ceos, e vem descendo
A acodir-me. Se tocas montes, ardem;

(*) Bem que na Vulgata e nos Settenta se lêa este titulo, falta no texto Hebreo; sendo provavel que tivesse origem das palavras do versiculo 11.°, *qui redemisti servum tuum à gladio maligno.* Mas estas mesmas palavras, e todo o contexto do psalmo demonstram que não foi composto naquella occasião, mas muito tempo depois, fallando-se daquelle facto como de uma cousa antiga.

(Mattei.)

Em fumo se vão todos desfazendo:
Ante uma tal grandeza
Tudo é tenue, é vaidade:
Só da virtude as luzes, que repartes
Nos rectos corações, teem subsistencia:
Dissipam-se os intentos do perverso;
Vérga perante Deos todo o Universo.

Sacode os raios já da mão potente;
Que velozes nos ares serpeando
Vem á terra attingir o delinquente,
E depressa o dissipam:
Teus coruscantes fogos
Com impeto rasgando a atmosphera,
Em voadoras settas convertidos,
Conturbem do suberbo a impia proa
Com trovões cujo estalo o mundo atroa.

(7) *Fulgura coruscationem, et dissipabis eos: emitte sagittas tuas, et conturbabis eos.*

Lá de cima, Senhor! teu braço estende;
Deste lago de crimes, destas ondas
D'estranha inundação, que me surpr'ende,
Forçoso me resgata:
Tira-me das mãos perfidas
Que contra mim traições tyrannas armam,
Já conterraneos meus, ou estranhas gentes;
E só triumpharei, se tu me acodes:
Acode-me, Senhor! que tudo podes.

(8) *Emitte manum tuam de alto: eripe me. et libera me de aquis multis, de manu filiorum alienorum.*

Da verdade o candor, a formosura
Esses desaccordados não conhecem:
De aleives carregando a lingua impura,
Mentidos juramentos
Com suas mãos profanas
Confirmam resolutos, cavilosos:

(9) *Quorum os locutum est vanitatem, et dextera eorum dextera iniquitatis.*

A vida alhêa, a fama despedaçam,
Laborando nos campos da maldade,
Para os fructos colher da iniquidade.

(10) *Deus, canticum novum cantabo tibi: in psalterio decachordo psallam tibi.*

Isento deste horror, com que deleite
Te cantarei, meu Deos! Um novo psalmo,
Tal que a tua bondade o não rejeite,
Tirarei do psalterio:
As dez vozes suaves,
O teu podêr, a tua misericordia,
E a minha salvação, serão o assumpto
Que accenda na minha alma estro divino,
E aos Ceos leve canoro este meu hymno.

(11) *Qui das salutem Regibus: qui redemisti David servum tuum de gladio maligno, eripe me.*

Tu dás saude aos Reis: David remiste,
Da gigantica espada o defendeste;
Ao teu podêr mortal algum resiste:
Ampara compassivo
Este meu sêr tão fragil:

(12) *Et erue me de manu filiorum alienorum, quorum os locutum est vanitatem: et dextera eorum, dextera iniquitatis.*

Das mãos me arranca desses que me ferem;
Cujos labios d'espumas venenosas
Aspergem quanto avistam; cujos braços
Rompem da paz, da natureza os laços.

(13) *Quorum filii, sicut novellæ plantationes in juventute sua.*

Não lh' invejo os palacios seus luzidos:
Contenta-me o socego e os bens modestos,
Por avitas virtudes transmittidos.
Quaes plantas verdejantes,
Desses recem-nascidos
Embora os filhos florecentes cresçam:

(14) *Filiæ eorum compositæ, circumornatæ, sicut similitudo templi.*

Trajem gala suberba as filhas bellas;
E quaes templos ou idolos ornadas,
Sejam nos vãos festins sempre aduladas.

Seus campos louras messes enriqueçam;
Encham ferteis colheitas seus celleiros:
Na mesa em seus banquetes appareçam
Gostosas iguarias:
Fecundos seus rebanhos,
Por amenas florestas repartidos,
Pastores cuidadosos apascentem:
Mansas ovelhas, ludricos vitellos
No bosque á sombra, gosto faça o vê-los.

(15) *Promptuaria eorum plena, eructantia ex hoc in illud.*

(16) *Oves eorum fœtosæ, abundantes in egressibus suis: boves eorum crassæ.*

(17) *Non est ruina maceriæ, neque clamor in plateis eorum.*

Em solido alicerce bem seguros
Pousem seus edificios; nem lhe abale,
Ligeira commoção seus altos muros:
Seus palacios adornem
Peritas esculpturas,
Quadros bellos, alfaias preciosas,
Primores d'arte, exoticos productos
Da mais longiqua e vasta natureza:
Fujam dalli cuidados e tristeza.

Que loucura é pensar que são ditosos
Os homens que estes bens todos possuem!
Felizes são sómente os virtuosos,
Que a Deos todos entregues
Na lei acham thesouros;
Nella os preceitos do Senhor estudam,
Que a alma fartam de bens, e extinguem magoas;
Anniquilam prestigios da vaidade,
Se unem de Deos á lucida verdade.

(18) *Beatum dixerunt populum, cui hæc sunt: beatus populus, cujus Dominus Deus ejus.*

PSALMO CXLIV.

Laudatio ipsi David.

Hymno de graças a Deos, por David. (*)

(1) *Exaltabo te, Deus meus Rex: et benedicam nomini tuo in sæculum, et in sæculum sæculi.*

Rei dos Ceos, Senhor supremo!
Hão de as eras ir passando,
Sem que os canticos devotos
Cessem de te ir exaltando:
O teu nome abençoemos,
Todos unidos cantemos.

(2) *Per singulos dies benedicam tibi: et laudabo nomen tuum in sæculum, et in sæculum sæculi.*

Cada vez que a estrella d'alva
Apague as luzes no mar;
Cada vez que o dia rompa,
Ó meu Deos, te ouçam louvar:
Vozes d'eterna harmonia
Te engrandeçam cada dia.

(3) *Magnus Dominus, et laudabilis nimis: et magnitudinis ejus non est finis.*

Senhor immenso, quem póde
Tecer-te um digno louvor?
Bastará para agradar-te
O incendio do nosso amor?
Mas sem termo tal grandeza
Confunde a nossa fraqueza.

(4) *Generatio et generatio laudabit opera tua: et potentiam tuam pronuntiabunt.*

As gerações successivas,
Teus prodigios relatando,
Ao nosso amor hão de unir-se,
Ir-te-hão sempre celebrando;

(*) S. João Chrysostomo assegura que este psalmo nos primeiros seculos da Igreja costumava cantar-se por aquelles que renasciam depois da agua do baptismo.

Em doces sublimes odes
Proclamarão quanto podes.

Os homens dirão aos homens
De Deos a magnificencia,
A gloria da sanctidade,
E da sua omnipotencia:
Mas abranger seus portentos
Não podem os pensamentos.

Sol, que sobre a Natureza
Reinas como Vencedor,
Tu és uma sombra apenas
Das obras do Creador.
Que de Soes contêm o espaço!
Que mundos em seu regaço!

Esses sons articulados
Que nos ares se desfazem,
Das divinas maravilhas
Uma tenue imagem trazem:
A lingua do sentimento
É que instrue o entendimento.

Diz quão terrivel se lança
Do seio da Eternidade
Contra os impios que navegam
Nos golphos da iniquidade.
Não accendas teus coriscos:
Poupa-nos, meu Deos, taes riscos!

Já rompe d'alma um suspiro
De abundante suavidade,
Ao ver a justiça austera

(5) *Magnificentiam gloriæ sanctitatis tuæ loquentur, et mirabilia tua narrabunt.*

(6) *Et virtutem terribilium tuorum dicent, et magnitudinem tuam narrabunt.*

(7) *Memoriam abundantiæ suavitatis tuæ eructabunt, et justitia tua exultabunt.*

(8) *Miserator et misericors Do-*

Ir sempre a par da piedade:
No throno resplandecente
Se acha Deos terno, paciente.

Tão benigno como justo,
Para nós sempre amoroso,
Só podem culpas humanas
Forçá-lo a ser rigoroso:
Mas neste arriscado exilio
Jámais nos recusa auxilio.

Se neste valle de pranto
Sem tino o caminho erramos,
Benefico Deos nos guía,
Em seus braços descançamos:
Em seu podêr confiemos,
Ao seu Reino gloria demos.

Deem-lhe gloria as obras suas;
Em coros os justos cantem;
Astros, plantas, elementos
Unisona voz levantem:
Não dormitem ociosos
Da harpa os sons melodiosos.

No Sol, que derrama a vida,
Nas luzes, que Deos creou,
E nas mais obras divinas
Um sello de amor firmou:
Tudo a um fim util convem,
De tudo deriva o bem.

Deos não submette este Imperio
Dos dias á brevidade:
Vence os annos, vence os tempos,

minus, patiens, et multum misericors.

(9) *Suavis Dominus universis, et miserationes ejus super omnia opera ejus.*

(10) *Confiteantur tibi, Domine, omnia opera tua, et sancti tui benedicant tibi.*

(11) *Gloriam regni tui dicent, et potentiam tuam loquentur.*

(12) *Ut notam faciant filiis hominum potentiam tuam, et gloriam magnificentiæ regni tui.*

(13) *Regnum tuum, regnum omnium sæculorum: et dominatio tua in omni generatione, et generationem.*

Comprehende a Eternidade:
Seu podêr não se termina;
Hoje e o futuro domina.

Infallivel nas palavras,
Some-se ante Deos o engano;
Sua immutavel verdade
Conforta o genero humano:
Allivia o desgraçado,
Ampara o desamparado.

(14) *Fidelis Dominus in omnibus verbis suis, et sanctus in omnibus operibus suis.*

(15) *Allevat Dominus omnes qui corruunt, et erigit omnes elisos.*

Quando o sopro do infortunio
Apaga a luz de meus dias,
Invoco a Deos, e se calam
Logo as minhas agonias:
O susto logo se amansa,
Vem consolar-me a esperança.

A quantos em ti poem olhos
A confiança lhe augmentas,
Senhor! e em tempo opportuno
Os famintos alimentas:
Abres a mão, e dispensas
Graças e bençãos immensas.

(16) *Oculi omnium in te sperant, Domine, et tu das escam illorum in tempore opportuno* (*).

(17) *Aperis tu manum tuam, et imples omne animal benedictione.*

Justo sempre em teus caminhos,
Sempre em tuas obras sancto,
Perto estás dos que te imploram

(18) *Justus Dominus in omnibus viis suis, et sanctus in omnibus operibus suis.*

(19) *Prope est Dominus omni-*

(*) Na descripção de Jesus Christo, que é o Rei de cujo reino aqui se falla (diz Mattei neste lugar) deve espelhar-se todo o Principe quando queira achar um grande modelo, para quanto por um homem possa ser imitado. Misericordia, liberalidade, desejo de fazer felizes os seus povos, são as virtudes que assemelham a Deos qualquer Reinante: *Ego nullam majorem crediderim esse principum felicitatem*, dizia Pacato no panegirico de Theodosio, *quam fecisse felicem, et intercessisse inopiæ, et fortunam vicisse, et dedisse homini novum fatum.*

bus invocantibus eum, omnibus invocantibus eum in veritate.

Com terno amoroso pranto;
Desse que a verdade inspira
Quando te invoca e suspira.

(20) *Voluntatem timentium se faciet, et deprecationem eorum exaudiet, et salvos faciet eos.*

De Deos a vontade immensa
Se dobra á da creatura;
Tudo alcança se lh'o pede
Uma alma temente e pura:
Dá-lhe os bens que lhe supplica,
E salvando-a a justifica.

(21) *Custodit Dominus omnes diligentes se: et omnes peccatores disperdet.*

Paga com amor celeste
Ò nosso amor limitado;
E da perdição seus servos
Guarda com terno cuidado:
Mas severa a mão divina
O peccador extermina.

(22) *Laudationem Domini loquetur os meum: et benedicat omnis caro nomini sancto ejus in sæculum, et in sæculum sæculi.*

Afflua em meus labios canto
Qual nos Ceos a Deos festeja;
Á voz geral se una a minha,
E louvado o Senhor seja:
Renovem esta harmonia
Coros d'eterna alegria.

PSALMO CXLV.

Alleluia Aggæi, et Zachariæ (*).

Hei de, ó meu Deos, com ternura
O teu nome psalmear:
Louva o Senhor, ó minha alma,
Em quanto a vida durar.

(1) *Lauda anima mea, Dominum: laudabo Dominum in vita mea: psallam Deo meo, quamdiu fuero.*

Em Deos só nos confiemos;
Os Principes são mortaes:
Ante o seu incerto amparo
Não percamos nossos ais.

(2) *Nolite confidere in principibus, in filiis hominum, in quibus non est salus.*

Como nós tambem são terra,
Em terra se hão de tornar;
Todos os seus vãos projectos
Ha de a morte dissipar.

(3) *Exibit spiritus ejus, et revertetur in terram suam: in illa die peribunt omnes cogitationes eorum.*

O Deos d'Israel sómente
É digno do nosso amor;
É só feliz quem consegue
Um tão alto Protector.

(4) *Beatus cujus Deus Jacob adjutor ejus: spes ejus in Domino Deo ipsius, qui fecit cælum et terram, mare, et omnia quæ in eis sunt.*

(*) Este titulo encontra-se na Vulgata, mas não se acha no texto Hebreo, nem no Chaldeo, nem delle fazem menção alguma Santo Agostinho, S. João Chrysostomo, e outros; podendo muito bem ser que Aggeo e Zacharias, de quem nelle se falla, não fossem os dois bem conhecidos Prophetas, mas dois musicos dos tempos posteriores, que talvez o cantassem, ou compozessem.

(Mattei.)

Ponho a esperança naquelle
Que creou a terra e Ceos,
E quanto nelles existe
Tirou dos thesouros seus.

(5) *Qui custodit veritatem in sæculum, facit judicium injuriam patientibus: dat escam esurientibus.*

Elle a immutavel verdade
Mantem, cumpre, e manifesta;
E é dos que gemem oppressos
O defensor que lhes resta.

(6) *Dominus solvit compeditos, Dominus illuminat cæcos.*

É quem dá pão aos famintos,
Aos presos a liberdade;
É quem restitue aos olhos
Dos cegos a claridade.

(7) *Dominus erigit elisos, Dominus diligit justos.*

Aos fracos, aos vacillantes,
Se os vê por terra cahidos,
É quem piedoso os levanta,
E deixa fortalecidos.

Ama os justos que no mundo
Vão por veredas agrestes;
E lhes dá para animá-los
Já parte dos bens celestes.

(8) *Dominus custodit advenas, pupillum, et viduam suscipiet, et viam peccatorum disperdet.*

Ao cançado peregrino
Depara benigno asylo;
Consola a viuva triste,
Protege o infantil pupillo.

Severo os impios aterra;
E com leis sabias, sublimes,
Refrêa o mal, os flagellos
Que resultam de seus crimes.

Alegra-te, Sião sancta:
Deos sempre ha de triumphar;
Uma geração e as outras
Hão de o seu louvor cantar.

(9) *Regnabit Dominus in saeculum, Deus tuus, Sion, in generationem et generationem.*

SEGUNDA PARAPHRASE DO MESMO PSALMO.

Louva, ó minha alma, o teu Senhor; desperta:
Que mais póde agradar-te?
Na terra tudo é fragil, é terreno:
No Ceo, que vês, luzente,
Os astros são corporeos, pereciveis;
A teus affectos, surdos, insensiveis.

(1) *Lauda, anima mea, Dominum: laudabo Dominum in vita mea: psallam Deo meo, quamdiu fuero.*

Em quanto me pulsar sangue nas vêas,
Meus olhos a luz virem;
Meu peito respirar, e que entoada
Minha voz vibre os ares,
O meu Deos louvará enternecida:
Cessarei de cantar cessando a vida.

Sapiencia increada! Bem supremo!
Meu Deos! Unico objecto
Digno do amor de uma alma intelligente!
Em ti sómente espero:
Não queiramos dos Principes fiar-nos;
Não podem, não, da morte libertar-nos.

(2) *Nolite confidere in principibus, in filiis hominum, in quibus non est salus.*

Os Reis são cinza, em cinza hão de tornar-se;
No momento em que cessa
Nelles o sopro animador, acabam,
Sepultam-se as grandezas;
Grandes cogitações se desvanecem,
E no dia fatal desapparecem.

(3) *Exibit spiritus ejus, et revertetur in terram suam: in illa die peribunt omnes cogitationes eorum.*

(4) *Beatus cujus Deus Jacob adjutor ejus: spes ejus in Domino Deo ipsius, qui fecit cœlum et terram, mare, et omnia quæ in eis sunt.*

Feliz esse que só em Deos descança;
Que sómente confia
No Sêr que essencialmente tudo rege:
Que fez surdir do nada
Os magestosos Ceos, o mar, a terra,
E quanto o seu podêr nelles encerra.

(5) *Qui custodit veritatem in sæculum, facit judicium injuriam patientibus: dat escam esurientibus.*

Deos, que immutavel é, e da verdade
O thesouro preserva;
Que aos opprimidos livra, ampara os pobres,
Alimenta os famintos;

(6) *Dominus solvit compeditos, Dominus illuminat cæcos.*

As algemas subtrahe com mão divina,
E dos cegos os olhos illumina:

(7) *Dominus erigit elisos, Dominus diligit justos.*

Deos, que levanta aquelles infelizes
Que prostrados cairam,
E as dissipadas forças lhes restaura;
Que se alegra entre os justos
Que da lei sancta o codigo guardaram,
E com sancto fervor a executaram.

(8) *Dominus custodit advenas, pupillum et viduam suscipiet, et viam peccatorum disperdet.*

É o Senhor quem guarda o peregrino,
Quem lhe depara abrigo:
Com quanto amor as lagrimas enxuga
Á viuva saudosa!
Com paternal piedade presta asylo
No desamparo ao misero pupillo.

(9) *Regnabit Dominus in sæculum, Deus tuus, Sion, in generationem et generationem.*

Severo aterra os impios: Sião sancta,
Exulta, não receies;
Da immutavel justiça o aureo sceptro
Reina perpetuamente:
Embora vão os seculos passando;
Do meu Deos a justiça irá durando.

PSALMO CXLVI.

Alleluia.

ONDE chegam do Sol os raios soe
Audaz o nosso canto;
É bom com psalmos alternar as vozes:
Louvai a Deos, ó povos, agradai-lhe;
Pois escuta clemente
O louvor que lhe dais, puro, decente.

(1) *Laudate Dominum, quoniam bonus est psalmus: Deo nostro sit jucunda, decoraque laudatio.*

Entre as grandes cidades, qual sublima
A frente magestosa
Como Jerusalem? Nobre edificio,
Que Deos fundou; e nelle os filhos todos
Convocará piedoso,
Para dar-lhe o destino mais ditoso.

(2) *Ædificans Jerusalem Dominus, dispersionem Israelis congregabit.*

Deos alli sara os corações contrictos
Com balsamos divinos;
Alli da enferma humanidade as chagas
Com brandas faxas liga compassivo;
O mal desapparece:
Deos acode ao mortal, e convalesce.

(3) *Qui sanat contritos corde, et alligat contritiones eorum.*

Grande Deos! O Universo é teu dominio:
Dando-lhe o proprio nome,
Sabes a conta á multidão d'estrellas,
E aos agentes que a Natureza regem:
És fonte de evidencia;
Não tem medida a tua sapiencia.

(4) *Qui numerat multitudinem stellarum, et omnibus eis nomina vocat.*

(5) *Magnus Dominus noster, et magna virtus ejus: et sapientiæ ejus non est numerus.*

(6) *Suscipiens mansuetos Dominus: humilians autem peccatores usque ad terram.*

Brando, aos mansos afagas, carinhoso:
Terrivel e severo,
Fazes morder a terra aos depravados;
A altivez do suberbo em lodo envolves;
Solitario, indefezo,
Acaba em fim nas garras do desprezo.

(7) *Præcinite Domino in confessione: psallite Deo nostro in cithara.*

Essa imagem funesta afugentando,
O nosso Deos cantemos:
Gratissimos, rendidos, fervorosos,
Afinemos a cithara suave:
Do coração, ardendo,
Os hymnos magestosos vão nascendo.

(8) *Qui operit cœlum nubibus, et parat terræ pluviam.*

O Ceo de nuvens o Senhor reveste;
E da terra assumindo
Os vapores aos ares os condensa:
Em prolifica chuva
Á terra sequiosa os vai mandando,
E a favor nosso a vai fertilisando.

(9) *Qui producit in montibus fœnum, et herbam servituti hominum.*

Desenvolvem-se os germes que escondidos
Na terra dormitavam;
Beneficas as plantas o homem nutrem;
Pelos montes os pingues pastos crescem:

(10) *Qui dat jumentis escam ipsorum, et pullis corvorum invocantibus eum.*

Todo o animal sustenta;
Té despreziveis corvos alimenta.

(11) *Non in fortitudine equi voluntatem habebit: nec in tibiis viri beneplacitum erit ei.*

D'ouro e diamantes todo ajaezado,
O ginete suberbo;
O moço ingente, esbelto, destro em dança
Não merecem os premios de que o justo
Humilhado depende:
Deos com quem necessita é que dispende.

Mas nos justos que o temem, que o adoram;
Que em sua misericordia
Poem toda a confiança, generoso
Se compraz, e com premios sem limite
Os conforta, os ampara;
Interminavel gloria lhes prepara.

(12) *Beneplacitum est Domino super timentes eum: et in eis, qui sperant super misericordia ejus.*

PSALMO CXLVII.

Alleluia.

CONGREGAI-VOS, alegres cantores;
Lançai mão d'instrumentos sonoros;
Do Senhor os louvores
Em Solyma repitam os coros.

(1) *Lauda Jerusalem Dominum: lauda Deum tuum, Sion.*

Dá-lhe graças, Sião venturosa,
O teu Deos sem cessar celebrando;
Cuja mão poderosa
Ferteis bençãos nos vai sempre dando.

Templo sancto! Cidade opulenta,
Que defende o Senhor com bondade,
E em seus filhos augmenta
Quantos bens produz sempre a equidade.

(2) *Quoniam confortavit seras portarum tuarum: benedixit filiis tuis in te.*

Já da guerra cessou o alarido;
A paz mora e consola em teus muros;
Não se escuta um gemido;
Vivem todos alegres, seguros.

(3) *Qui posuit fines tuos pacem: et adipe frumenti satiat te.*

Na seara as espigas douradas
Alimento abundante promettem;
Mil canções entoadas
Na colheita os campinos repetem.

(4) *Qui emittit eloquium suum terræ: velociter currit sermo ejus.*

Como correm ligeiros os ventos,
A lei sancta entre nós se diffunde;
E lá do egregio assento
A verdade a mentira confunde.

Triumphante na terra appar'cendo,
A existencia dos homens renova;
Vai sempre o bem crescendo,
Cessa o mal que a Justiça reprova.

(5) *Qui dat nivem sicut lanam; nebulam sicut cinerem spargit.*

Que podêr! e que facil trabalho
Pulverisa o vapor condensado!
Cobre as plantas o orvalho,
Dá vigor, medra o pão refrescado.

(6) *Mittit crystallum* (*) *suam sicut buccellas: ante faciem frigoris ejus, quis sustinebit?*

Já nos Ceos seus cristaes quebra, e desce
A tormenta no gelo envolvida;
A luz desapparece,
Parte o raio, ameaça-se a vida.

(7) *Emittet verbum suum, et liquefaciet ea: flabit spiritus ejus, et fluent aquæ.*

Porêm logo aprazivel mudança
Faz que sopre suavissimo o vento;
Nasce n'alma a esperança,
E dissolve-se o gelo cruento.

(*) *Crystallus* é o gelo, como no *Ecclesiast.* c. 43. *gelavit crystallus ab aqua.* Os antigos Psalterios dão aqui *sicut frusta panis*, em vez de *sicut buccellas*, que é o mesmo. *(Mattei.)*

Taes portentos aos mais dos humanos
Claramente o Senhor manifesta:
Que sublimes arcanos,
Alem destes, a fé nos attesta!

(8) *Qui annuntiat verbum suum Jacob, justitias, et judicia sua Israel.*

Porêm esses mysterios confia
Deos sómente ao seu povo escolhido;
O Verbo lhe annuncia,
Que resgata este mundo perdido.

(9) *Non fecit taliter omni nationi: et judicia sua non manifestavit eis.*

ADVERTENCIA DA AUCTORA.

Judiciosamente ajuntou Mattei os Psalmos CXLVIII., CXLIX., e CL., porquanto parecem um só pelo assumpto continuado nas preces ecclesiasticas. Julga elle, que os tres Psalmos são tres coros de Levitas que replicam uns aos outros. Eu entendi que devia seguir o mesmo systema, e fazer a minha paraphrase na mesma ordem e repartição com que aquelle egregio auctor fez a sua.

PSALMOS CXLVIII, CXLIX, E CL.

SACERDOTE.

ANJOS! essencias celestes,
Que o throno de Deos cercais!
Aos hymnos que lhe offertais
Ajuntai nosso louvor.

CXLVIII.

Alleluia.

(1) *Laudate Dominum de cœlis, laudate eum in excelsis.*

(2) *Laudate eum omnes Angeli ejus, laudate eum omnes virtutes ejus.*

Nas excelsas summidades,
Virtudes e Potestades,
Off'recei-lhe o nosso amor.

PRIMEIRO LEVITA.

(3) *Laudate eum Sol, e Luna, laudate eum omnes stellæ, et lumen.*

Astros lucidos, brilhantes,
Que em torno do Sol girais;
Sol, que o mundo allumiais,
E lhe dais força e vigor:
Lua, que as sombras estragas,
E a noite serena affagas,
Louvai todos o Senhor.

SEGUNDO LEVITA.

(4) *Laudate eum cæli cælorum, et aquæ omnes, quæ super cælos sunt, laudent nomen Domini.*

Quem creou do nada o Ceo,
E nelle estrellas immensas;
Que o cobrio como de um tecto
De aguas lucidas, condensas;
Louvai Ceos, aguas, estrellas,
O Auctor de obras tão bellas.

(5) *Quia ipse dixit, et facta sunt: ipse mandavit, et creata sunt.*

Elle foi quem disse aos sêres
Que existissem, e existiram:
Mandou, e logo se viram
Do nada as cousas surdir.
Todos gratos o engrandeçam,
Seu Creador reconheçam.

CORO DOS LEVITAS.

(6) *Statuit ea in æternum, et in sæculum sæculi: præceptum posuit, et non prætcribit.*

Prescreveo ordem sublime,
Leis immutaveis fixando,

Que não póde ir alterando
Golpe, ou tempo voador:
Eterno é seu nome sancto;
Seja eterno o nosso canto.

(7) *Laudate Dominum de terra dracones, et omnes abyssi.*

PRIMEIRO LEVITA.

Vós, fogo, saraiva, e neve,
Gelo, ventos procellosos,
Raios, trovões espantosos,
Que do ceo se ouvem bradar:
A sabias leis submettidos,
Á geral ordem cónvem;
Todos para nosso bem
Soube o Senhor ordenar.

(8) *Ignis, grando, nix, glacies, spiritus procellarum, quæ faciunt verbum ejus.*

Vós, que o Senhor fez, ó montes;
Vós, outeiros deleitosos;
Plantas e bosques frondosos,
Ou fructifero pomar;
Cedros, arvores sylvestres,
Podeis pelas leis agrestes
Tambem Deos glorificar.

(9) *Montes et omnes colles: ligna fructifera, et omnes cedri.*

Gados, caça, e quantas feras
Vagam livres pela selva;
Serpentes, que sobre a relva
Humildes vos arrastais;
E vós, que invadis o ar,
Aves lindas, emplumadas,
Nas empyricas moradas
Resoe o vosso cantar.

(10) *Bestiæ, et universa pecora, serpentes, et volucres pennatæ.*

SACERDOTE.

O racional, adornado
Co' a nobre luz da razão,
Terá menor gratidão
Que outro sêr mais inf'rior?
Descuido!... enorme fraqueza!
Quando o Auctor da Natureza
Se empenha em nosso favor.

CORO DOS LEVITAS.

Ah! vamos ao templo, vamos;
Vejamos alli prostrados
Principes e Potentados,
E os interpretes da lei.
Virgens, donas, moços, velhos,
Sede da virtude espelhos,
O Senhor engrandecei.

SACERDOTE.

Como lá sobre as espheras,
O sancto nome exaltando,
Os Anjos vão celebrando
De Deos a gloria e podêr,
Cantemos; pois comprehende
Esta gloria a terra e o Ceo;
E a do Povo que escolheo
Quer benigno engrandecer.

CORO DO POVO.

Convem que todos unidos
Mandemos a Deos devotos

(11) *Reges terræ, et omnes populi, principes, et omnes judices terræ.*

(12) *Juvenes, et virgines, senes cum junioribus laudent nomen Domini, quia exaltatum est nomen ejus solius.*

(13) *Confessio ejus super cælum, et terram, et exaltavit cornu populi sui.*

(14) *Hymnus omnibus sanctis ejus, filiis Israel, populo appropinquanti sibi.*

Nossos hymnos, nossos votos,
Nossos amorosos ais.
Mas vós, que junto aos altares
Sois visinhos do Senhor,
Melhor teceis o louvor,
Mais dignamente o louvais.

CXLIX.

Alleluia.

SACERDOTE.

Ao Senhor, que acima do ether
Domina todo o Universo,
Voe acceso, altivo o verso,
Vá nos astros retumbar:
Cantos de nova harmonia
Sejam do seu Povo ouvidos;
Circundem seus escolhidos
O seu templo, o seu altar.

(1) *Cantate Domino canticum novum, laus ejus in ecclesia sanctorum.*

Primeiro Levita.

Israel em Deos se alegre,
Pois seus canticos acceita,
Pois o creou; gente eleita
É quem o sabe exaltar.
Filhos de Sião, cantai:
Quem refrêa os rijos ventos,
Quem dá leis aos elementos,
É vosso Rei; exultai.

(2) *Lætetur Israel in eo, qui fecit eum, et filii Sion exultent in rege suo.*

CORO DO POVO.

Invoquem seu nome excelso
Doces, numerosos coros;
Vibrem os clarins sonoros,

(3) *Laudent nomen ejus in choro, in tympano, et psalterio psallant ei.*

Flautas, tympanos, o ar:
Ouça-se em todo o hemispherio
Do harmonico psalterio
O claro som tremular.

PRIMEIRO LEVITA.

O Senhor piedoso, affavel,
Voltou para nós seu rosto;
Suavisou nosso desgosto,
Nossas cadêas rompeo:
Os mansos, os pacientes,
Resgatados e contentes,
Levantem as mãos ao Ceo.

(4) *Quia beneplacitum est Domino in populo suo, e exaltabit mansuetos in salutem.*

OS DOIS LEVITAS.

Á Patria já restaurada,
Depois de tanta amargura,
Os seus filhos com ventura
Alegres hão de voltar:
Aos lares restituidos,
Os psalmos quasi esquecidos
Virão de novo cantar.

(5) *Exultabunt Sancti* (*) *in gloria, lætabuntur in cubilibus suis.*

(6) *Exaltationes Dei in gutture eorum, et gladii ancipites in manibus eorum.*

SEGUNDO LEVITA.

As gentes vis, humilhadas
Vejam com susto seus erros,
E as mãos que arrastavam ferros

(*) *Sancti* aqui e n'outros lugares dos psalmos são os *Sacerdotes*, os *Levitas*, e por ventura todo o povo hebreo é comprehendido debaixo do nome de *Sancti*, para se differençar dos outros povos, que eram immundos, profanos, e não sanctificados.
(Mattei.)

Já triumphantes e armadas:
Virão com justo furor,
Vibrando espadas luzentes,
Atemorisar as gentes
Que lh' inspiravam terror.

OS DOIS LEVITAS.

Os justos, vingando affrontas,
Apromptarão o castigo
Que provocou do inimigo
A crueldade feroz:
Increparão os malvados,
Que ouvirão atordoados
Do remorso a interna voz.

(7) *Ad faciendam vindictam in nationibus, increpationes in populis.*

CORO DOS LEVITAS.

Os tyrannos que insultaram
Sião e os vasos sagrados,
Em grilhões maneatados
Hão de opprimidos chorar:
Os complices que escolheram,
Que fataes conselhos deram,
Hão de algemados pagar.

(8) *Ad alligandos Reges eorum in compedibus, et nobiles eorum in manicis ferreis* (*).

SACERDOTE.

Já nesses livros eternos,
Com firme buril gravada,

(9) *Ut faciant in eis judicium conscriptum, gloria hæc est omnibus sanctis ejus.*

(*) Estas guerras no sentido mais sublime devem-se entender como o reinado do Messias. *Sermo Dei penetrabilior omni gladio ancipite*, diz S. Paulo. Eis a guerra que fez o Messias a todos os povos: venceo-os, debellou-os *com a prégação*. Eis-aqui o seu reinado universal, mas reinado de espirito e religião, como eram as armas com que venceo.

(Mattei.)

É por Deos mesmo lançada
Esta sentença fatal:
Justiça, que pune o crime,
Á sanctidade sublime
Segura gloria immortal.

CL.

Alleluia.

CORO DO POVO.

Gloria a Deos, que sobre os astros
Em throno excelso sentado,
O firmamento estrellado
Vê debaixo de seus pés:
Multidões d'Essencias formam
O seu cortejo ordinario,
Que no immenso Sanctuario
O adoram uno e tres.

Primeiro Levita.

Gloria a Deos, que as forças rege
Dos exercitos celestes;
Offreçamos-lhe hymnos, estes
Lhe deem sempre honra e louvor.
Concerte o som das trombetas
C'o psalterio e doce lyra;
E á flauta, que suspira,
Se una o festival tambor.

Segundo Levita.

Vós, tocadores famosos
Da guitarra e mandolino;
Vós, peritos no violino,
Vinde á festa figurar:

(1) *Laudate Dominum in sanctis ejus, laudate eum in firmamento virtutis ejus.*

(2) *Laudate eum in virtutibus ejus, laudate eum secundum multitudinem magnitudinis ejus.*

(3) *Laudate eum in sono tubæ, laudate eum in psalterio, et cithara.*

(4) *Laudate eum in tympano, et choro: laudate eum in chordis, et organo.*

(5) *Laudate eum in cymbalis bene sonantibus, laudate eum in cymbalis jubilationis, omnis spiritus laudet Dominum.*

Com rusticos instrumentos
Atroai os arredores;
Vinde do campo, ó Pastores,
Vinde o prazer augmentar.

TODOS.

Unam-se no Ceo, na terra
Os espiritos devotos;
Venham de sitios remotos
Todos louvar o Senhor.
De puro amor exaltados,
Os mais celebres cantores
Espalhem justos louvores,
Bemdigam seu Creador.

FIM DA PARAPHRASE DOS PSALMOS.

PARAPHRASE

DE

ALGUNS CANTICOS E HYMNOS SAGRADOS,

NÃO COMPREHENDIDOS NOS PSALMOS.

CANTICO DE MOYSÉS

DEPOIS DA PASSAGEM DO MAR VERMELHO.

Exodo, cap. XV.

CANTEMOS o Senhor, que se engrandece
Partindo o mar, um golpho immenso abrindo,
Derrubando cavallos, cavalleiros,
O impio submergindo
Que no encalço do Povo seu querido
Caminha a destroçá-lo, enfurecido.

(1) *Tunc cecinit Moyses et filii Israel carmen hoc Domino, et dixerunt: Cantemus Domino: gloriosè enim magnificatus est, equum et ascensorem dejecit in mare.*

És minha força, ó Deos! o nobre assumpto
Dos melódicos hymnos em que exhala
Minha voz confortada teus louvores.
Nenhum podêr me abala;
A minha salvação de ti depende,
E o vigor do teu braço me defende.

(2) *Fortitudo mea, et laus mea Dominus, et factus est mihi in salutem: iste Deus meus, et glorificabo eum: Deus patris mei, et exaltabo eum.*

És meu Deos; cantarei a gloria tua:
Deos de meus Paes, oh titulo suave!
Quero em cantos sublimes exaltar-te,
Em som agudo ou grave.
Appareça o Senhor na pugna ingente
Como Heroe: é seu nome o Omnipotente.

(3) *Dominus quasi vir pugnator, omnipotens nomen ejus.*

(4) *Currus Pharaonis et exercitum ejus projecit in mare: electi principes ejus submersi sunt in Mari rubro.*

Qual roda a tespestade, vem rolando
Do Rei do Egypto o coche rutilante:
O Senhor rasga o mar, nelle o arremessa
C'o exercito possante,
C'os Principes distinctos e alliados;
Abre do abysmo a bocca, e são tragados.

(5) *Abyssi operuerunt eos, descenderunt in profundum quasi lapis.*

(6) *Dextera tua Domine magnificata est in fortitudine: dextera tua, Domine, percussit inimicum.*

Quaes seixos, que accelera o peso, descem
Ao fundo do mar Roxo: a fortaleza
Da tua dextra, ó Deos! magnificaste.
Com qual gloria e nobreza
Resgatas os teus servos dos perigos,
Depões com teu rigor seus inimigos!

(7) *Et in multitudine gloriæ tuæ deposuisti adversarios tuos: misisti iram tuam, quæ devoravit eos sicut stipulam.*

(8) *Et in spiritu furoris tui congregatæ sunt aquæ: stetit unda fluens, congregatæ sunt abyssi in medio mari.*

Mandaste a tua colera qual fogo;
Os perversos arderam como palha:
Do teu furor o espirito nas aguas
A fluidez atalha;
E no meio dos mares congregadas,
Em dois montes ficaram separadas.

(9) *Dixit inimicus: Persequar, et comprehendam, dividam spolia, implebitur anima mea: evaginabo gladium meum, interficiet eos manus mea.*

Em vão disse o inimigo: Hei de segui-los;
Hei de attingi-los, hei de despojá-los;
Hei de fartar meu peito de vinganças,
Co' a propria mão matá-los;
Ensopar-lhes no seio a minha espada,
Que arrogante já vai desembainhada.

(10) *Flavit spiritus tuus, et operuit eos mare: submersi sunt quasi plumbum in aquis vehementibus.*

Um rijo sopro teu revolve as ondas;
O mar todos engole: vão ao fundo,
Como chumbo nas aguas arrojado:
Apaga-se-lhe o mundo;
Vão no abysmo os audazes aggressores
Annullar para sempre seus furores.

Senhor! Quem como tu, na fortaleza?
Quem como tu luzente em sanctidade?
Terrivel e pasmoso em maravilhas,
Summo Auctor da verdade;
Tão justiceiro como enternecido,
Merece ser amado e ser temido?

(11) *Quis similis tui in fortibus Domine: quis similis tui, magnificus in sanctitate, terribilis atque laudabilis, faciens mirabilia?*

Estendestes a mão, e logo a terra,
Submissa, devorou os teus contrarios;
Conductor do teu Povo, o subtrahiste
A seus adversarios:
D'immensa misericordia circundado,
Não consentes que seja atribulado.

(12) *Extendisti manum tuam, et devoravit eos terra.*

(13) *Dux fuisti in misericordia tua populo quem redemisti: et portasti eum in fortitudine tua, ad habitaculum sanctum tuum.*

O teu alto podêr o vai levando
Á terra promettida e venturosa,
Á sancta habitação em que descance
Da vida trabalhosa;
Sem que lhe obstem nações enraivecidas,
Gentes cruas, de medo espavoridas.

(14) *Ascenderunt populi, et irati sunt: dolores obtinuerunt habitatores Philisthiim.*

Serão da Palestina os habitantes
Cortados de pezar e de cuidado;
E da Iduméa os Principes valentes
Temerão pelo Estado:
Hão de ver-se os robustos Moabitas
Enfiados com susto de desditas.

(15) *Tunc conturbati sunt principes Edom, robustos Moab obtinuit tremor: obriguerunt omnes habitatores Chanaan.*

De toda a Chanaan os moradores
Se hão de envolver n'um triste desalento,
Que lh' enregele o sangue, e não os deixe
Com força ou movimento.
Sólta, sólta, Senhor, pavor e medos;
Fiquem immoveis quaes duros penedos.

(16) *Irruat super eos formido et pavor, in magnitudine brachii tui: fiant immobiles quasi lapis,*

donec pertranseat populus tuus Domine, donec pertranseat populus tuus iste, quem possedisti.

O teu Povo querido vai marchando;
E em quanto marcha, pare todo o insulto,
Com respeito ao que a ti, meu Deos, pertence:
Vão levar o teu culto
Sobre o monte sagrado d'alliança,
E por ti collocar-se em tua herança.

(17) *Introduces eos, et plantabis in monte hæreditatis tuæ, firmissimo habitaculo tuo quod operatus es Domine: sanctuarium tuum Domine, quod firmaverunt manus tuæ.*

Alli tu fundarás o lugar sancto
Que depois servirá para habitares:
Firmarás para sempre o Sanctuario
Onde sem fim reinares;

(18) *Dominus regnabit in æternum et ultrà.*

Excelso, sancto, immenso, cuja idade
S'estende para lá da eternidade.

(19) *Ingressus est enim eques Pharao cum curribus et equitibus ejus in mare: et reduxit super eos Dominus aquas maris: filii autem Israel ambulaverunt per siccum in medio ejus.*

Pharaó com guerreiros e cavallos
Entra no mar, e o mar no centro os fecha:
Ao mandado de Deos omnipotente
A terra Israel deixa:
Fiados no Senhor, c'os pés enxutos
O mar Roxo atravessam resolutos.

CANTICO DE DAVID,

REFERIDO NO LIV. 2.° DOS REIS, CAP. 23.°

Sicut lux auroræ, oriente Sole, mane absque nubibus rutilat: et sicut pluviis germinat herba de terra.

Como brilha a luz da aurora,
E sem nuvens no oriente
Apparece o Sol luzente,
Quando o dia nos vem dar:

Como as hervas borrifadas
Pelo fresco orvalho crescem,
E sobre o caule apparecem
Começando a germinar:

Tal do meu reino até'gora
A gloria foi e ha de ser;
Nos meus filhos, nos meus netos
Ha de a stirpe florecer.

Esses bens, essa ventura
Que chegaste a prometter,
Não sou digno d'alcançá-la,
Nem a posso merecer.

Nec tanta est domus mea apud Deum, ut pactum iniret mecum æternum, firmum in omnibus, atque munitum (*).

Mas, ó meu Deos! prometteste:
E no tempo que ha de vir,
O decreto que firmaste
Se ha de em meus filhos cumprir.

Assim queres; e eu submisso
Só devo em ti confiar;
Bem certo que a minha planta
Nunca mais ha de murchar.

Cuncta enim salus mea, et omnis voluntas Dominus, nec est quidquam ex ea (**), *quod non germinet.*

(*) Allusão á promessa do desejado Messias, que havia de sair da stirpe delle David.
(**) *Ex ea*, isto é, *domo*, não *voluntate*, como commummente se entende.

CANTICO DE ZACHARIAS.

S. Lucas, cap. 1.

(1) *Benedictus Dominus Deus Israel, quia visitavit, et fecit redemptionem plebis suæ.*

SENHOR Deos de Israel, bemditto sejas!
Que o Ceo rompeste, e a terra visitaste,
Para que a redempção chegasse ao povo,
Que apesar de manchado tanto amaste!

(2) *Et erexit cornu salutis nobis, in domo David pueri sui.*

Bemditto sejas! pois para salvar-nos
Déste a David, teu servo, um descendente
Que viesse remir por alto preço
O mundo ingrato, o mundo delinquente.

(3) *Sicut locutus est per os sanctorum, qui à sæculo sunt Prophetarum ejus.*

E segundo as palavras proferidas
Pela bocca de teus sanctos Prophetas,
Que nos tempos antigos confortavam
Nossos Paes, de quem foram conhecidas.

(4) *Salutem ex inimicis nostris; et de manu omnium qui oderunt nos.*

(5) *Ad faciendam misericordiam cum Patribus nostris: et memorari testamenti sui sancti.*

Prometteste livrar-nos de inimigos,
Dos que nos tinham odio libertar-nos;
Recordando a alliança que fizeste,
Com seus dons preciosos consolar-nos.

(6) *Jusjurandum, quod juravit ad Abraham Patrem nostrum: daturum se nobis.*

O juramento sancto com que honraste
A nosso pae Abr'am não te esquecia:
A tua immensa idéa no futuro
O thesouro das graças diffundia.

A fim que, já libertos d'inimigos,
Certos fossemos qu' indo progredindo
Na estrada da justiça e sanctidade,
Foramos sem temor a Deos servindo.

(7) *Ut sine timore de manu inimicorum nostrorum liberati, serviamus illi.*

(8) *In sanctitate et justitia coram ipso: omnibus diebus nostris.*

Sempre em sua presença deleitados,
Teceriamos dias venturosos,
Nos braços da virtude e da esperança,
Té que os eternos raiem mais formosos.

E tu, Menino illustre, hão de chamar-te
O Propheta do Altissimo: appareces,
Do Senhor seus caminhos preparando,
E com dotes sublimes resplandeces:

(9) *Et tu, puer, Propheta Altissimi vocaberis; præibis enim ante faciem Domini parare vias ejus.*

Para ensinar ás gentes a sciencia
Da salvação; mostrar aos desgraçados
Que as entranhas do Deos de misericordia
Felicitam quem chora seus peccados.

(10) *Ad dandam scientiam salutis plebi ejus: in remissionem peccatorum eorum.*

Do alto o Sol que nasce nos envia
Torrentes de um auxilio generoso,
Com que vigora o fraco, alenta o forte
Que surge das paixões victorioso.

(11) *Per viscera misericordiæ Dei nostri: in quibus visitavit nos, oriens ex alto.*

Vens para allumiar a quem habita
Nas ténebras da morte; nossos passos
Guiar á doce paz, onde as veredas
Não obstruem da terra os embaraços.

(12) *Illuminare his, qui in tenebris et in umbra mortis sedent: ad dirigendos nostros in viam pacis.*

HYMNO.

Jam lucis orto sidere,
Deum precemur supplices,
Ut in diurnis actibus
Nos servet à nocentibus.

JÁ Lúcifer vem fulgido;
A Deos mandemos supplicas:
Nossos actos diurnos
De todo o mal preserve.

Linguam refrænans temperet,
Ne litis horror insonet:
Visum fovendo contegat,
Ne vanitates hauriat.

Refrêe a lingua indomita,
Applaque lides horridas;
Contenha a vista esuria,
Que fartam só vaidades.

Sint pura cordis intima,
Absistat et vecordia:
Carnis terat superbiam,
Potus cibique parcitas;

Do peito apure o intimo,
Expulse d'alma a insania;
Dome co' a parcimonia
A suberba da carne.

Ut cum dies abscesserit,
Noctemque sors reduxerit,
Mundi per abstinentiam
Ipsi canamus gloriam.

Fugindo o dia tremulo,
Que a noite absorve rapida,
Cantemos a abstinencia,
Do mundo triumphante.

Deo Patri sit gloria,
Ejusque soli Filio,
Cum Spiritu Paraclito,
Et nunc et in perpetuum. Amen.

Ao Pae Creador altissimo,
Ao Filho Redemptor, gloria;
Louvor igual ao Spirito
Que accende em nós amor.

HYMNO.

Espirito Sancto, acode!
E da tua luz celeste
Soltando raios piedosos,
Nossos animos reveste.

Veni, Sancte Spiritus,
Et emitte cœlitùs
Lucis tuæ radium

Pae carinhoso dos pobres,
Distribuidor da riqueza,
Vem, oh Luz dos corações,
Amparar a Natureza.

Veni, Pater pauperum,
Veni, dator munerum,
Veni, lumen cordium.

Vem, Consolador supremo,
Das almas hospede amavel,
Suavissimo refrigerio
Do mortal insaciavel.

Consolator optime,
Dulcis hospes animæ,
Dulce refrigerium.

És no trabalho descanço,
Refresco na calma ardente;
És no pranto doce allivio
De um animo penitente.

In labore requies,
In æstu temperies,
In fletu solatium.

Suave origem do bem!
Oh fonte de luz divina!
Digna-te encher nossos peitos,
Nossas almas illumina.

O lux beatissima!
Reple cordis intima
Tuorum fidelium.

Sem o teu celeste influxo
No mortal nada ha perfeito;
A tudo quanto é nocivo
Está o homem sujeito.

Sine tuo numine,
Nihil est in homine,
Nihil est innoxium.

Lava o que nelle ha d'impuro,
Quanto ha de arido humedece;
Sara-lhe quanto é molestia,
Quanto na vida padece.

Lava quod est sordidum;
Riga quod est aridum;
Sana quod est saucium.

Flecte quod est rigidum;
Fove quod est frigidum;
Rege quod est devium.

O que ha de dureza abranda,
O que ha de frigido aquece;
Endireita o desvairado
Que o caminho desconhece.

Da tuis fidelibus
In te confidentibus
Sacrum septenarium.

Os sette dons, com que alentas
Aos que humildes te confessam,
Aos teus devotos concede;
Sempre fieis t'o mereçam.

Da virtutis meritum,
Da salutis exitum,
Da perenne gaudium.
Amen.

Por virtudes merecidas,
Dá-lhe um fim que os leve aos Ceos;
Dá-lhe as eternas delicias
Que aos bons promettes, meu Deos.

HYMNO

DE SANTO AMBROSIO E SANTO AGOSTINHO.

Te Deum laudamus: te Dominum confitemur.

A TI, ó Deos excelso, a ti louvamos:
Cheios de fé, Senhor, te confessamos.

Te æternum Patrem omnis terra veneratur.

A ti, eterno Pae omnipotente,
Adora a terra inteira reverente.

Tibi omnes Angeli, tibi Cœli et universæ Potestates,

As celestes Essencias, que abrazadas
Enchem de amor as célicas moradas,

Tibi Cherubim et Seraphim incessabili voce proclamant:

Seraphins, Cherubins, Thronos brilhantes
Te proclamam com vozes incessantes:

SANCTUS, SANCTUS, SANCTUS DOMINUS, DEUS SABAOTH.

SANCTO, SANCTO, SANCTISSIMA DEIDADE.

Pleni sunt cœli et terra magestatis gloriæ tuæ.

Da gloria tua a pompa, a magestade
Enche da terra e ceos o ambito ingente.

Te gloriosus Apostolorum chorus,

O coro dos Apostolos fulgente
Bemdiz teu sancto Nome, ó Deos immenso:

Te Prophetarum laudabilis numerus,

Os Prophetas, que rasgam o véo denso

Que o Verbo Salvador nos encobria,
Te louvam pela voz da prophecia:
Dos Martyres a candida coborte
Te celebram com canticos na morte.

Te Martyrum candidatus laudat exercitus.

Attesta uma só fé a Igreja sancta,
No orbe inteiro o teu louvor decanta,

Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia,

D'immensa magestade ó Pae celeste;

Patrem immensæ majestatis;

Do teu unico Filho, que nos déste;

Venerandum tuum verum et unicum Filium;

Do Espirito increado, cuja chamma
Nos purifica, alenta, e nos inflamma.

Sanctum quoque Paraclitum Spiritum.

Ó Christo! Rei da gloria, Luz do mundo!

Tu Rex gloriæ, Christe;

Pensamento de Deos alto e profundo!
Filho do sempiterno Pae sublime,
Que sem pejo aggravou humano crime:

Tu Patris sempiternus es Filius.

Queres benigno desarmar o Eterno,
E a porta afferrolhar do negro inferno;
Da salvação dos homens ser a origem,
Descendo ao seio humilde de uma Virgem:

Tu ad liberandum suscepturus hominem, non horruisti Virginis uterum.

Acceitastes a cruz, e entregue ás dores,
Com teu sangue remiste os peccadores.
Triumphando da morte, ao Ceo subiste,
E aos que em ti creem as portas delle abriste.

Tu, devicto mortis aculeo, aperuisti credentibus regna cælorum.

Á dextra de teu Pae, resuscitado,
Sobre um throno de gloria estás sentado.

Tu ad dexteram Dei sedes, in gloria Patris.

Virás no fatal dia, que se espera,

Judex crederis esse venturus.

Sobre nuvens, rompendo a azul esphera,
Virás avaliar terrenos factos,
Premiar justos, fulminar ingratos;
Quebrar do tempo a roda passageira,
Julgar com justo sceptro a terra inteira.

Vem, salva os teus, Senhor, que resgataste,
Por quem tão puro sangue derramaste:

Te ergò quæsumus, famulis tuis subveni, quos pretioso sanguine redemisti.

Entre esses a quem déste eterna herança,
Cheios de fé, de amor, e d'esperança,

Æterna fac cum Sanctis tuis in gloria numerari.

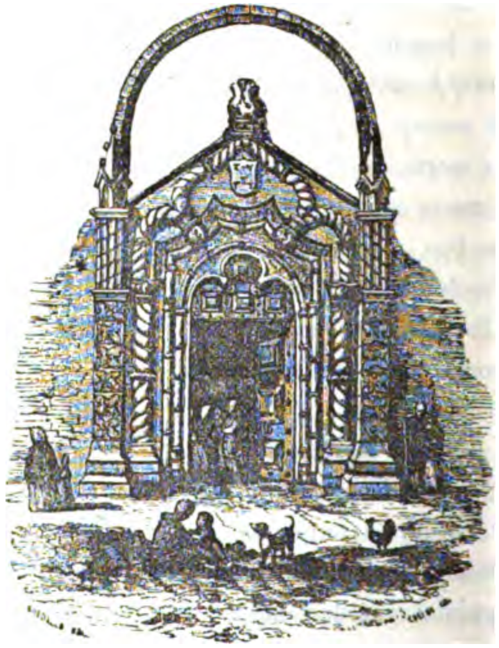
Salvum fac populum tuum, Domine, et benedic hæreditati tuæ.

Et rege eos, et extolle illos usque in æternum.
Per singulos dies benedicimus te.
Et laudamus nomen tuum in sæculum, et in sæculum sæculi.
Dignare, Domine, die isto sine peccato nos custodire.
Miserere nostri, Domine, miserere nostri.

Nos leva a bemdizer-te eternamente.
Resoe o nome teu suavemente,
De seculos a seculos passando.
Antes que o Sol lustroso vá raiando,
Diffunde sobre nós de graça enchentes;
Conforta-nos, mantem-nos innocentes.
Digna-te perdoar culpas passadas,
Por lagrimas contrictas apagadas:

Fiat misericordia tua, Domine, super nos, quemadmodum sp'ravimus in te.
In te, Domine, speravi; non confundar in æternum.

As misericordias sobre nós derrama,
Como espera quem terno por ti chama.
A creatura fraca nada póde
Se o teu podêr divino não lhe acode:
Mas quem confia em ti, meu Deos, alcança
Que sempre lhe prospere a confiança.



VARIANTES

DA

PARAPHRASE DOS PSALMOS.

Psalmo XVII., *estrophe* 10.ª, *correspondente ao verso* 13.º *da Vulgata:*

Pára aqui, e levanta portentoso
Um pavilhão de trevas, onde ignoto
Reside, rodeado
De um fusco véo de sombras mysteriosas,
Formado de ar e d'aguas tenebrosas.

Variante:

Levanta entre elle e as gentes portentoso
Um pavilhão de trevas, onde ignoto
Reside, rodeado
De um fusco véo de sombras myst'riosas,
Feito d'aguas das nuvens tenebrosas.

Ditto Psalmo, estrophe correspondente ao verso 38.º *da Vulgata:*

Que susto posso ter, se me defendes,
Senhor, quando me attacam? Se me cobres
D'escudo impenetravel?

Variante:

Que susto posso ter, se me defendes,
Senhor, quando me attacam? Tu me cobres
D'escudo impenetravel:

Psalmo XXXIX., *estrophe* 3.ª *verso* 5.º, *correspondente ao* 5.º *da Vulgata*:

A esperar tão sómente
Variante:
A esperar reverente

Psalmo LXIV., *estrophe* 3.ª, *verso ultimo*:

De quantos bens dimana a sapiencia.
Variante:
De quantos bens produz a sapiencia.

Psalmo LXXVII., *versos correspondentes ao* 53.º *da Vulgata*:

Languidos gemem na malhada os gados,
No campo desfallecem, falta o pasto;
De Deos a maldição tudo tem gasto.
Variante:
Languidos gemem na malhada os gados;
E sem pasto no campo desfallecem
Numerosas ovelhas e novilhos.

Psalmo LXXIX., *versos correspondentes ao* 18.º *da Vulgata*:

Estende a mão, piedoso, sobre a vinha;
Variante:
Estende a mão piedosa sobre a vinha;

Psalmo LXXXIX., *quadra* 7.ª, *correspondente ao verso* 4.º *da Vulgata*:

Mil annos, Senhor eterno,
Que são na tua presença?
São qual foi o dia d'hontem,
Que já passou sem detença.

Variante:

Mil annos, Senhor eterno,
Que são na tua presença?
Fogem como o dia d'hontem,
Não ha vida alguma extensa.

Psalmo CVI., *estrophe ultima, verso* 3.° *e* 4.°, *correspondentes ao* 43.° *da Vulgata:*

Poucos sabios ha no mundo
Que attentamente as meditam.

Variante:

Quantos sabios ha no mundo
Que attentamente as meditam?...

Psalmo CXXXV., *verso* 5.° *da estrophe correspondente ao verso* 10.° *da Vulgata:*

Quiz seus fieis consolar;

Variante:

Quiz os seus fieis vingar;

Ditto Psalmo, 1.° *verso da estrophe correspondente ao verso* 15.° *da Vulgata:*

Sobre Pharaó e as turmas

Variante:

Sobre Pharaó e as forças

FIM DO TOMO VI. E ULTIMO.

INDICE

DO QUE CONTÊM O TOMO VI. E ULTIMO DAS OBRAS POETICAS D'ALCIPPE.

PARAPHRASE DOS PSALMOS.

LIVRO I.

Psalmos		Pag.
I.	— *Beatus vir, qui non abiit in consilio impiorum*,	7
II.	— *Quare fremuerunt gentes*,	9
III.	— *Domine, quid multiplicati sunt que tribulant me?*	11
IV.	— *Cum invocarem*,	12
V.	— *Verba mea auribus percipe, Domine*,	15
VI.	— *Domine, ne in furore tuo arguas me*,	18
VII.	— *Domine Deus meus, in te speravi*,	20
VIII.	— *Domine, Dominus noster*,	24
IX.	— *Confitebor tibi, Domine*,	27
IX.	— 2.ª Parte — *Ut quid, Domine, recessisti longe*,	30
X.	— *In Domino confido:*	33
XI.	— *Salvum me fac, Domine*,	35
XII.	— *Usquequo, Domine, oblivisceris me in finem?*	37
XIII.	— *Dixit insipiens in corde suo*,	39
XIV.	— *Domine, quis habitabit in tabernaculo tuo?*	41
XV.	— *Conserva me, Domine*,	43
XVI.	— *Exaudi, Domine, justitiam meam:*	45
XVII.	— *Diligam te, Domine*,	49
XVIII.	— *Cœli enarrant gloriam Dei*,	57
XIX.	— *Exaudiat te Dominus in die tribulationis*,	60
XX.	— *Domine, in virtute tua lætabitur Rex*,	62
XXI.	— *Deus, Deus meus, respice in me*,	65
XXII.	— *Dominus regit me*,	71
XXIII.	— *Domini est terra, et plenitudo ejus*,	72
XXIV.	— *Ad te, Domine, levavi animam meam:*	75
XXV.	— *Judica me, Domine*,	79
XXVI.	— *Dominus illuminatio mea*,	82
XXVII.	— *Ad te Domine clamabo:*	85

PSALMOS Pag.
XXVIII. — *Afferte Domino, filii Dei:* 87
XXIX. — *Exaltabo te, Domine,* 91
XXX. — *In te, Domine, speravi,* 93
XXXI. — *Beati quorum remissæ sunt iniquitates,* 99
XXXII. — *Exultate justi in Domino:* 101
XXXIII. — *Benedicam Dominum in omni tempore:* 105
XXXIV. — *Judica Domine, nocentes me:* 108
XXXV. — *Dixit injustus, ut delinquat in semetipso:* 112
XXXVI. — *Noli æmulari in malignantibus,* 115
XXXVII. — *Domine, ne in furore tuo arguas me,* 122
XXXVIII. — *Dixi: custodiam vias meas,* 126
XXXIX. — *Expectans expectavi Dominum,* 129
XL. — *Beatus vir qui intelligit super egenum et pauperem:* 133

LIVRO II.

XLI. — *Quemadmodum desiderat cervus,* 139
XLII. — *Judica me, Deus, et discerne causam meam,* 143
XLIII. — *Deus, auribus nostris audivimus:* 145
XLIV. — *Eructavit cor meum verbum bonum,* 150
XLV. — *Deus noster, refugium, et virtus,* 155
XLVI. — *Omnes gentes, plaudite manibus,* 157
XLVII. — *Magnus Dominus, et laudabilis nimis,* 159
XLVIII. — *Audite hæc, omnes gentes,* 163
XLIX. — *Deus Deorum Dominus locutus est,* 166
L. — *Miserere mei, Deus,* 170
LI. — *Quid gloriaris in malitia,* 173
LII. — *Dixit insipiens in corde suo:* 175
LIII. — *Deus, in nomine tuo salvum me fac,* 176
LIV. — *Exaudi, Deus, orationem meam,* 178
LV. — *Miserere mei Deus, quoniam conculcavit me homo,* 183
LVI. — *Miserere mei, Deus, miserere mei,* 186
LVII. — *Si verè utique justitiam loquimini* 189
LVIII. — *Eripe me de inimicis meis,* 191
LIX. — *Deus, repulisti nos,* 194
LX. — *Exaudi, Deus, deprecationem meam,* 197
LXI. — *Nonne Deo subjecta erit anima mea?* 199
LXII. — *Deus, Deus meus, ad te de luce vigilo* 201
LXIII. — *Exaudi, Deus, orationem meam,* 204

PSALMOS Pag.

LXIV. — *Te decet hymnus, Deus, in Sion,* 206
LXV. — *Jubilate Deo, omnis terra,* 208
LXVI. — *Deus misereatur nostri,* 212
LXVII. — *Exurgat Deus, et dissipentur inimici ejus,* 213
LXVIII. — *Salvum me fac, Deus:* 222
LXIX. — *Deus in adjutorium meum intende:* 230
LXX. — *In te Domine speravi,* 231
LXXI. — *Deus judicium tuum Regi da,* 235

LIVRO III.

LXXII. — *Quam bonus Israel Deus his,* 241
LXXIII. — *Ut quid, Deus, repulisti in finem?* 246
LXXIV. — *Confitebimur tibi, Deus,* 250
LXXV. — *Notus in Judæa Deus,* 252
LXXVI. — *Voce mea ad Dominum clamavi,* 254
LXXVII. — *Attendite, popule meus, legem meam,* 257
LXXVIII. — *Deus, venerunt gentes in hæreditatem tuam* 266
LXXIX. — *Qui regis Israel, intende,* 270
LXXX. — *Exultate Deo adjutori nostro:* 272
LXXXI. — *Deus stetit in synagoga Deorum* 276
LXXXII. — *Deus, quis similis erit tui?* 278
LXXXIII. — *Quam dilecta tabernacula tua,* 281
LXXXIV. — *Benedixisti Domine terram tuam:* 284
LXXXV. — *Inclina, Domine, aurem tuam:* 286
LXXXVI. — *Fundamenta ejus in montibus sanctis:* 290
LXXXVII. — *Domine Deus salutis meæ,* 292
LXXXVIII. — *Misericordias Domini in æternum cantabo* 296

LIVRO IV.

LXXXIX. — *Domine, refugium factus es nobis* 305
XC. — *Qui habitat in adjutorio Altissimi,* 309
XCI. — *Bonum est confiteri Domino,* 311
XCII. — *Dominus regnavit, decorem indutus est:* 314
XCIII. — *Deus ultionum Dominus,* 316
XCIV. — *Venite, exultemus Domino,* 319
XCV. — *Cantate Domino canticum novum* 322
XCVI. — *Dominus regnavit, exultet terra,* 325

Psalmos		Pag.
XCVII. —	*Cantate Domino canticum novum,*	328
XCVIII. —	*Dominus regnavit, irascantur populi:*	330
XCIX. —	*Jubilate Deo omnis terra,*	332
C. —	*Misericordiam et judicium cantabo tibi,*	333
CI. —	*Domine, exaudi orationem meam,*	336
CII. —	*Benedic, anima mea, Domino,*	341
CIII. —	*Benedic, anima mea, Domino:*	344
CIV. —	*Confitemini Domino, et invocate nomen ejus:*	350
CV. —	*Confitemini Domino, quoniam in sæculum misericordia ejus.*	356

LIVRO V.

CVI. —	*Confitemini Domino, quoniam bonus,*	365
CVII. —	*Paratum cor meum, Deus,*	373
CVIII. —	*Deus, laudem meam ne tacueris,*	375
CIX. —	*Dixit Dominus Domino meo:*	380
CX. —	*Confitebor tibi Domine, in toto corde meo,*	382
CXI. —	*Beatus vir qui timet Dominum,*	384
CXII. —	*Laudate pueri Dominum,*	386
CXIII. —	*In exitu Israel de Ægypto,*	388
CXIV. —	*Dilexi, quoniam exaudiet Dominus*	392
CXV. —	*Credidi, propter quod locutus sum:*	394
CXVI. —	*Laudate Dominus omnes gentes,*	395
CXVII. —	*Confitemini Domino, quoniam bonus,*	396
CXVIII. —	*Beati immaculati in via,*	402
CXIX. —	*Ad Dominum cum tribularer,*	432
CXX. —	*Levavi oculos meos in montes,*	433
CXXI. —	*Lætatus sum in his,*	434
CXXII. —	*Ad te levavi oculos meos,*	436
CXXIII. —	*Nisi quia Dominus erat in nobis,*	437
CXXIV. —	*Qui confidunt in Domino,*	439
CXXV. —	*In convertendo Dominus captivitatem Sion*	440
CXXVI. —	*Nisi Dominus ædificaverit domum,*	442
CXXVII. —	*Beati omnes qui timent Dominum,*	443
CXXVIII. —	*Sæpe expugnaverunt me*	445
CXXIX. —	*De profundis clamavi ad te Domine:*	446
CXXX. —	*Domine, non est exaltatum cor meum,*	448
CXXXI. —	*Memento Domine David,*	449
CXXXII. —	*Ecce quam bonum, et quam jucundum*	454

Psalmos		Pag.
CXXXIII. —	*Ecce nunc benedicite Dominum,*	455
CXXXIV. —	*Laudate nomen Domini,*	456
CXXXV. —	*Confitemini Domino, quoniam bonus,*	459
CXXXVI. —	*Super flumina Babylonis.*	464
CXXXVII. —	*Confitebor tibi, Domine,*	467
CXXXVIII. —	*Domine probasti me,*	469
CXXXIX. —	*Eripe me, Domine, ab homine malo:*	473
CXL. —	*Domine, clamavi ad te,*	476
CXLI. —	*Voce mea ad Dominum clamavi,*	479
CXLII. —	*Domine, exaudi orationem meam:*	481
CXLIII. —	*Benedictus Dominus Deus meus,*	484
CXLIV. —	*Exaltabo te, Deus meus Rex:*	488
CXLV. —	*Lauda, anima mea, Dominum:*	493
CXLVI. —	*Laudate Dominum, quoniam bonus est psalmus:*	497
CXLVII. —	*Lauda Jerusalem Dominum:*	499
CXLVIII. —	*Laudate Dominum de cœlis,*	501
CXLIX. —	*Cantate Domino canticum novum,*	501
CL. —	*Laudate Dominum in sanctis ejus,*	501

PARAPHRASE DE ALGUNS CANTICOS E HYMNOS.

Cantico de Moysés, depois da passagem do Mar Vermelho. 513
Cantico de David — *Sicut lux auroræ,* 516
Cantico de Zacharias — *Benedictus Dominus Deus Israel,* 518
Hymno — *Jam lucis orto sidere,* 520
Hymno — *Veni, Sancte Spiritus,* 521
Hymno — *Te Deum laudamus,* 522

VARIANTES. 525

ERRATA.

Pag.	*Versos*	*Erros*	*Emendas*
36	7.°	onvi-los;	ouvi-los;
41	21.°	aleançam	alcançam
55	26.°	clamavam;	clamaram;
57	52.° da Vulgata	— *eripies à me*	*eripies me*
64	29.°	destino,	destino.
81	15.°	instrumstos,	instrumentos,
217	20.°	no Sinai,	do Sinai,
222	titulo do Psalmo LXVIII.	— *pro qui*	*pro iis qui*
270	titulo do Psalmo LXXIX.	— *commutabuntar,*	*commutabuntur,*
317	verso 9.° da Vulgata	— *nos considerat.*	*non considerat.*
322		PSALMO CXV.	PSALMO XCV.
323	verso 10.°	cantando	cantando,
325	linha 3.ª da nota	codigos	codices
335	linha 3.ª da nota	*oplimus,*	*optimus,*
409	ultima linha da nota	*et non conundebar.*	*et non confundebar.*
461	verso 5.°	á *planta*	*ás plantas*
471	29.°	obras	obras,
478	2.°	Potentados,	Potentados;
»	14.°	olhos.	olhos;
»	»	Ah!	ah!

N. B. Não podendo, por ser muito extensa, darmos neste lugar a lista dos Srs. Assignantes, o que mais demorada tornaria a presente publicação, apresentá-la-hemos com a possivel brevidade em folha separada.

7S793274

Bought

Mr. A. C. Hawkins

[illegible], Sussex

27.4.79

£20.00